











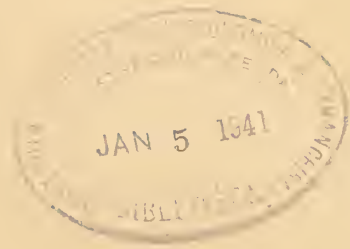
# ANUARIO AÇUCAREIRO

338.476641  
AC30

INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

GRAFICA  
RIO-ARTE

RUA MAYRINK VEIGA, 22 — RIO



# ANUARIO AÇUCAREIRO

ANO VI-1940

EDIÇÃO DE  
"BRASIL AÇUCAREIRO"  
RIO DE JANEIRO

LIBRARY  
BIBLIOTECA  
Nº 6984 DATA 12/80



**DECRETO N.º 22.789 — DE 1 DE JUNHO DE 1933**

Cria o Instituto do Açúcar e do Alcool e dá outras providências.

.....

.....

Art. 4 Letra F. — Organizar e manter, ampliando-o à medida que se tornar possível, um serviço estatístico, interessando à lavoura de cana e à industria do açúcar e do alcool nas suas diversas fases.

---

**REGULAMENTO APROVADO PELO DECRETO N.º 22.981 DE  
25 DE JULHO DE 1933**

.....

.....

Art. 23 § 3.º — Compete à Estatística a organização de todos os dados estatísticos relativos ao açúcar, alcool e sub-produtos, assim como a confecção de quadros gráficos, em colaboração com os serviços de estatística do Ministerio da Agricultura.



# ÍNDICE







# INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

(Criado pelo Dec. 22.789 e regulamentado pelo Dec. 22.981)

## ESQUEMA FUNDAMENTAL DOS ASSUNTOS ESTATISTICOS

SITUAÇÃO AGRICOLA	1	Cultura	11	{	111 — Area cultivada
					112 — Produção
					113 — Rendimento
		Manutenção	12	{	121 — Despesa com a cultura
					122 — Lucro com a cultura
SITUAÇÃO INDUSTRIAL	2	Aparelhamento	21	{	211 — Fábricas existentes
					212 — Capacidade de produção
		Produção	22	{	221 — Produção de Açucar
					222 — Produção de Alcool
					223 — Produção de Aguardente
					224 — Produção de Alcool-Motor
SITUAÇÃO COMERCIAL	3	Exportação	31	{	311 — Exportação de açúcar para o Exterior
					312 — Exportação de açúcar entre Estados e para o Exterior.
		Importação	32	{	321 — Totais por Estados e Países
					322 — Discriminação segundo os tipos
					323 — Discriminação do destino segundo a procedencia
					324 — Discriminação segundo os meios de transportes
			325 — Procedencia de Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Baía.		
		Estoques	33	{	331 — Totais de açúcar por localidade
					332 — Totais de açúcar por tipos
		Cotações	34	{	341 — Cotações de açúcar
					342 — Cotações. de alcool
		Consumo	35	{	351 — Consumo de açúcar
					352 — Consumo de alcool
					353 — Consumo de gasolina
					354 — Consumo de alcool-motor
					355 — Consumo total dos carburantes
SITUAÇÃO DEMOGRAFICA	4	Aspecto Absoluto	41	{	411 — No País, segundo o local de atividade e profissão.
					412 — Nas usinas, segundo a profissão
413 — Nos engenhos, segundo a profissão					
		Aspecto Relativo	42	{	421 — Nas usinas, segundo a profissão
					422 — Nos engenhos, segundo a profissão
					423 — Índice comparativo



# ÍNDICE GERAL

PREFACIO .....	17
----------------	----

## 1 — SITUAÇÃO AGRÍCOLA

### 11 — CULTURA

111 — Area cultivada — 1934-1938 .....	21
112 — Produção — 1934-1938 .....	22
113 — Rendimento — 1934-1938 .....	23

### 12 — MANUTENÇÃO

121 — Despesa com a cultura da cana nos campos de cooperação agrícola .....	24
122 — Lucro com a cultura da cana nos campos de cooperação agrícola .....	24

## 2 — SITUAÇÃO INDUSTRIAL

### 21 — APARELHAMENTO

211 — Fábricas de açúcar, rapadura, álcool e aguardente existentes nos Estados e cadastradas até 31 de dezembro de 1939 .....	27
212 — Capacidade de produção das Usinas, Engenhos e Distilarias	
1 — Número de usinas, segundo o limite fixado para a produção de açúcar .....	28
2 — Número de engenhos com turbina, segundo o limite fixado para a produção de açúcar .....	29
3 — Número de engenhos sem turbina, segundo o limite fixado para a produção de açúcar bruto e rapadura .....	30
4 — Número de distilarias para a produção de álcool potável e anidro .....	31
5 — Distilarias de álcool anidro, com indicação da localidade, capacidade e processo de fabricação .....	32
6 — Relação das usinas e principais características da capacidade de produção .....	33/45

7 — Índice da capacidade de produção das usinas por Estado ..	46
8 — Quadro demonstrativo da equivalência indispensável entre a capacidade das moendas e aparelhamento técnico correspondente, nas usinas de açúcar .....	47

## 22 — PRODUÇÃO

### 221 — Produção de açúcar

(No período das safras)

1 — Totais do Brasil	
11 — Quantidade e valor — 1920/21 — 1939/40 .....	48
12 — Discriminação por categoria de fábrica — 1925/26 — 1939/40 .....	49
2 — Totais por Estado — 1934/35 — 1939/40	
21 — Produção de usinas .....	50
22 — Produção de engenhos .....	50
23 — Produção total .....	51
24 — Valor .....	51
3 — Discriminação segundo os tipos fabricados	
31 — safra de 1936/37 .....	52
32 — safra de 1937/38 .....	53
33 — safra de 1938/39 .....	54
34 — safra de 1939/40 .....	55
4 — Tipos de Usina	
41 — Comparação percentual das safras 1925/26 — 1939/40	56
42 — Histórico da safra 1934/35 .....	57
43 — Histórico da safra 1935/36 .....	57
44 — Histórico da safra 1936/37 .....	58
45 — Histórico da safra 1937/38 .....	58
46 — Histórico da safra 1938/39 .....	59
47 — Histórico da safra 1939/40 .....	59
48 — Totais por usina — 1934/35 — 1939/40 .....	60/67
(Por ano civil)	
5 — Totais por Estado — 1935/1939	
51 — Produção de usinas .....	68
52 — Produção de engenhos .....	68
53 — Produção total .....	69
54 — Valor .....	69

### 222 — Produção de álcool

(No período das safras)

1 — Totais do Brasil — 1930/31 — 1939/40	
11 — Quantidade e valor .....	70
12 — Discriminação por tipos de fabricação .....	71
2 — Totais por Estado — 1934/35 — 1939/40	
21 — Quantidade .....	72
22 — Valor .....	72
3 — Discriminação segundo os tipos fabricados	
31 — Safra de 1934/35 .....	73
32 — Safra de 1935/36 .....	73
33 — Safra de 1936/37 .....	74
34 — Safra de 1937/38 .....	74
35 — Safra de 1938/39 .....	75
36 — Safra de 1939/40 .....	75
(Por ano civil)	
4 — Totais por Estado — 1935-1936	
41 — Quantidade .....	76
42 — Valor .....	76
5 — Alcool anidro por destilaria — 1933-1939 .....	77



223 —	Produção de aguardente	
1 —	Totais por Estado 1934-1938	
11 —	Quantidade . . . . .	78
12 —	Valor . . . . .	79
224 —	Produção de álcool-motor	
1 —	Demonstrativo da atividade desenvolvida pelo I. A. A. para a solução do problema do Alcool-Motor	
11 —	Segundo o aparelhamento . . . . .	80
12 —	Segundo a fabricação . . . . .	81
13 —	Segundo a economia realizada . . . . .	82
2 —	Totais do Brasil — 1932-1939	
21 —	Discriminação das substancias utilizadas na mistura.	83
22 —	Comparação percentual . . . . .	83
3 —	Totais por Estados 1935-1939	
31 —	da mistura carburante . . . . .	84
32 —	do álcool aplicado na mistura . . . . .	85
33 —	da gasolina aplicada na mistura . . . . .	86
34 —	do querosene e outras substancias aplicadas na mistura . . . . .	87

### 3 — SITUAÇÃO COMERCIAL

#### 31 — EXPORTAÇÃO

311 —	Exportação de açúcar para o Exterior	
1 —	Quantidade e valor — 1913-1939 . . . . .	91
2 —	Quantidade por porto de procedencia e destino	
21 —	1930-1934 . . . . .	92
22 —	1935-1939 . . . . .	93
3 —	Pelo Instituto do Açúcar e do Alcool para estabelecer o equilibrio entre a produção e consumo — 1931/32 — 1939/40.	
31 —	Quantidade . . . . .	94
32 —	Valor . . . . .	94
312 —	Exportação de açúcar entre Estados e para o Exterior	
1 —	Totais por Estado — 1935-1939	
11 —	Resumo por procedencia . . . . .	95
12 —	Resumo por destino . . . . .	95
2 —	Discriminação da procedencia, segundo o destino — 1935-1939 . . . . .	96/100
3 —	Discriminação da procedencia, segundo os tipos	
31 —	Em 1935 . . . . .	100
32 —	Em 1936 . . . . .	101
33 —	Em 1937 . . . . .	101
34 —	Em 1938 . . . . .	102
35 —	Em 1939 . . . . .	102
4 —	Discriminação da procedencia por destino, segundo os meios de transporte — 1939	
41 —	Quantidade . . . . .	103/106
42 —	Valor . . . . .	107/110

#### 32 — IMPORTAÇÃO

##### Importação de açúcar do Brasil

321 —	Totais por Estados e Países — 1935-1939 . . . . .	111
322 —	Discriminação segundo os tipos	
1 —	Em 1935 . . . . .	112

2 — Em 1936 .....	113
3 — Em 1937 .....	114
3 — Em 1938 .....	115
5 — Em 1939 .....	116
323 — Discriminação do destino, segundo a procedencia .....	117/121
324 — Discriminação segundo os meios de transporte — 1939	
1 — Quantidade .....	122/126
2 — Valor .....	127/130
325 — Procedencia de Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Baía.	
1 — Estados do Norte — 1935-1939	
11 — Quantidade .....	131
12 — Valor .....	131
13 — Valor por unidade .....	131
2 — Estados do Sul — 1935-1939	
21 — Quantidade .....	132
22 — Valor .....	132
23 — Valor por unidade .....	132

### 33 — ESTOQUES

#### Estoques de açúcar no Brasil — 1934-1940

331 — Totais por localidade .....	133/134
332 — Totais por tipos .....	135/136

### 34 — COTAÇÕES

#### 341 — Cotações de açúcar — 1934-1939

1 — Mínimas e Máximas em diversas praças brasileiras	
11 — Cristal branco .....	137/138
12 — Demerara .....	139/140
13 — Bruto .....	141/142
2 — Medias mensais em diversas praças brasileiras	
21 — Cristal branco .....	143/144
22 — Demerara .....	145/146
23 — Bruto .....	147/148
3 — Índice de aumento para o produtor e para o consumidor.	149
4 — Comparação do preço do açúcar com o de outros gêneros alimentícios no Districto Federal — 1933-1939 .....	150
342 — Cotação do alcool — 1934-1939	
1 — Medias mensais, por litro, no Distrito Federal .....	151/152

### 35 — CONSUMO

#### 351 — Consumo de açúcar

1 — Total do Brasil	
11 — Por ano — 1926-1939 .....	153
12 — Por mês — 1935-1939	
121 — tipos de usina .....	154
122 — tipos de engenho .....	154
123 — total de todos os tipos .....	155
2 — Totais por Estado — 1935-1939	
21 — tipos de usina .....	156
22 — tipos de engenho .....	156
23 — total de todos os tipos .....	157
3 — Índices per capita 1935-1939	
31 — tipos de usina .....	158
32 — tipos de engenho .....	158
33 — total de todos os tipos .....	159
4 — Resumo no período das safras 1935/36 — 1939/40 .....	160

352 — Consumo de alcool	
1 — Em mistura carburante — 1935-1939	
11 — Anidro . . . . .	161
12 — Hidratado . . . . .	161
13 — Total de todos os tipos . . . . .	162
353 — Consumo de gasolina	
1 — Em mistura carburante — 1938-1939 . . . . .	163
2 — Utilizada pura — 1938-1939 . . . . .	163
3 — Total . . . . .	164
354 — Consumo de alcool-motor	
1 — Por Estado — 1938-1939 . . . . .	165
2 — Por veículo — 1938-1939 . . . . .	165
3 — Nas Repartições Públicas do Distrito Federal — 1934-1939.	166
355 — Consumo total dos carburantes	
1 — Por Estado 1938-1939 . . . . .	166
2 — Por veículo 1938-1939 . . . . .	167

#### 4 — SITUAÇÃO DEMOGRAFICA

Número das pessoas ligadas direta e indiretamente à  
lavoura, industria e comercio da cana e seus derivados

##### 41 — ASPECTO ABSOLUTO

411 — No País, segundo o local de atividade e profissão . . . . .	171
412 — Nas usinas	
1 — Número de trabalhadores, segundo a profissão . . . . .	171
2 — Nucleo familiar, segundo a profissão . . . . .	172
413 — Nos engenhos, número de trabalhadores, segundo a profissão . .	172

##### 42 — ASPECTO RELATIVO

421 — Media nas usinas, segundo a profissão . . . . .	173
422 — Media nos engenhos, segundo a profissão . . . . .	173
423 — Índice percentual, segundo a profissão	
1 — Da situação canavieira . . . . .	174
2 — Da situação geral do Brasil . . . . .	174

#### APENDICE

##### INDICES GERAIS DOS ESTADOS

Agricola — Industrial — Econômico

Territorio do Acre . . . . .	177
Amazonas . . . . .	178
Pará . . . . .	179
Maranhão . . . . .	180
Piauí . . . . .	181
Ceará . . . . .	182
Rio Grande do Norte . . . . .	183
Paraíba . . . . .	184
Pernambuco . . . . .	185

Alagoas . . . . .	186
Sergipe . . . . .	187
Baía . . . . .	188
Espírito Santo . . . . .	189
Rio de Janeiro . . . . .	190
Distrito Federal . . . . .	191
São Paulo . . . . .	192
Paraná . . . . .	193
Santa Catarina . . . . .	194
Rio Grande do Sul . . . . .	195
Minas Gerais . . . . .	196
Goiaz . . . . .	197
Mato Grosso . . . . .	198
Brasil . . . . .	199
O álcool como elemento de defesa nacional . . . . .	201

### COLABORAÇÕES

O açúcar na economia humana — <b>Adrião Caminha Filho</b> . . . . .	205
Estrutura dos custos de produção do açúcar — <b>Gileno Dé Carli</b> . . . . .	209

### ANUNCIOS

Usina Tiuna  
 Balança Toledo  
 E. G. Fontes.  
 S. S. Rio Branco  
 Usina Francisco Vasconcelos  
 Usina Santa Cruz  
 Combustion Engineering  
 Usina Catende  
 Werkspoor  
 Eugenio Sánchez Góngora & Cia. Ltda.  
 Assicurazioni  
 Cia. União dos Refinadores  
 Ingersoll-Rand  
 Cia. de Seguros da Baía  
 Skoda Brasileira  
 Societé de Sucreries Brésiliennes  
 Cia. Usinas Nacionais  
 Standard Oil  
 Anglo-Mexican  
 International Harvester  
 Atlantic  
 Industrias Luiz Dubeux  
 Les Usines de Melle  
 Cia. Construtora Nacional S.A.  
 Mesbla S/A.  
 Norton Megaw  
 Caldeiras Ciclope  
 Sociedade Anônima Magalhães  
 Roberto Araujo  
 The Caloric Company  
 Sul América  
 Sociedade Constructora de Distillarias e Industrias Chímicas Ltda.  
 Babcock & Wilcox do Brasil S.A.



# PREFACIO

*Com o presente número, entra o "Anuario Açucareiro" no 6.º ano de sua publicação ininterrupta. O fato demonstra, sem dúvida, a sua aceitação crescente pelos meios econômicos, sociais, políticos e culturais do país, interessados no conhecimento estatístico de tudo quanto concerne ao açúcar e ao álcool no Brasil. De fato, embora editado pela Secção de Publicidade do Instituto do Açúcar e do Alcool, não seria possível a sua manutenção, se ele não correspondesse cada vez mais, de ano para ano, às necessidades informativas das classes vinculadas a esse ramo de riqueza nacional.*

*A edição de 1940 apresenta alguns acréscimos e alterações, em cotejo com as anteriores. A Secção de Estatística, que elaborou, como sempre, a parte de sua especialidade, procura aperfeiçoá-la continuamente, aproveitando os ensinamentos da experiência*

*Como esta obra é um inventário anual da situação do açúcar e do álcool, na ordem ascendente das atividades que exploram tais produtos, a disposição de suas diversas partes obedeceu ao mesmo critério de organização. Por isso, os seus títulos, em vez de se referirem simplesmente à lavoura, à indústria e ao comércio, como no "Anuario" de 1939, se referem mais expressivamente à situação agrícola, industrial, comercial e demográfica.*

*O esquema fundamental dos assuntos estatísticos acha-se desdobrado em cerca de 250 tabelas, ilustradas com 10 gráficos, focalizando os dados que mais possam interessar os consulentes. E foi padronizada a confecção das referidas tabelas, de modo a permitir a impressão de todas numa posição única — a vertical — o que facilita mais aos leitores o manuseio do volume.*

*No tocante à situação demográfica, que compreende o número de pessoas ligadas, direta e indiretamente, à lavoura, indústria e comércio de cana e seus derivados, além dos quadros publicados em 1939, com as necessárias modificações, são incluídos vários outros, destinados justamente a comprovar a procedência das cifras obtidas. Esses novos quadros são calculados no recenseamento da população brasileira em 1920, segundo as profissões. Transportados os índices dessas para a população estimada em 1937, conforme à taxa de seu crescimento, e aplicados ao conjunto das ditas pessoas, de acordo com a discriminação feita pela Secção de Estatística, conclue-se que o total das mesmas — 1.505.475 — corresponde a 3,48% do total dos habitantes do país — 43.246.931 — no mencionado ano de 1937. Resta ver se o censo geral de 1940, ainda em apuração, confirma esse resultado, que parece, entretanto, enquadrar-se bem na realidade nacional.*

Ao lado da materia estatística, figuram neste número diversos anúncios, alguns a cores, de firmas comerciais e industriais, que costumam honrar o "Anuario" com as suas preferencias. Consignamos aqui os nossos agradecimentos a esses anunciantes, que assim contribuem para o êxito desta publicação.

Realçam ainda o texto um trabalho do dr. Adrião Caminha Filho, técnico de grande nomeada, funcionario do Ministerio da Agricultura e assiduo colaborador de "Brasil Açucareiro", e um largo estudo do dr. Gileno Dé Carli, redator do órgão official do Instituto do Açucar e do Alcool e autor de varios livros importantes sobre assuntos açucareiros, dos pontos de vista técnico, econômico e histórico. Versa o primeiro sobre o tema — "O açúcar na economia humana", que é desenvolvido com a reconhecida capacidade especializada do autor, constituindo valiosa propaganda do produto como um dos alimentos básicos da especie. O segundo, intitulado — "Estrutura dos custos de produção do açúcar", é o resultado do inquérito de que o reputado economista foi incumbido, em principios deste ano, pelo Instituto do Açucar e do Alcool, atendendo a uma determinação do presidente Getulio Vargas.

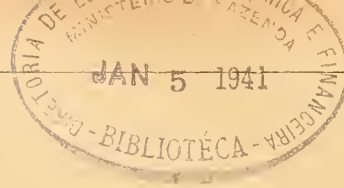
Finalmente, merece uma referencia especial o trabalho do sr. Paulo Werneck, que fez a capa desta publicação. O artista brasileiro, que é também o autor da atual capa de "Brasil Açucareiro", recebeu há pouco uma verdadeira consagração com a edição em inglês, por encomenda dos srs. Grosset & Dunlop, editores de New York, e primorosamente trabalhada pelo Serviço Gráfico do Ministerio da Educação, do livro "Lenda da Carinaubeira", para a qual fez umas ilustrações admiraveis (aquarelas).

Reunindo a todos esses elementos cuidadosa fatura gráfica, o "Anuario Açucareiro" espera satisfazer com esta edição a confiança do público, cujo acolhimento será o melhor premio dos esforços envidados pelo Instituto do Açucar e do Alcool, no sentido de apresentar-lhe uma obra condigna dos progressos deste setor da economia brasileira.

---

# SITUAÇÃO AGRÍCOLA





## 11 — CULTURA

## 111 — Area das lavouras de cana — 1934/1938

ESTADOS	NUMERO DE HECTARES				
	1934	1935	1936	1937	1938
Acre...	460	440	360	360	400
Amazonas...	40	150	140	145	320
Pará...	980	620	950	940	930
Maranhão...	2.780	1.380	1.410	1.400	1.590
Piauí...	1.250	1.330	920	810	1.000
Ceará...	17.100	16.180	12.000	10.500	11.000
Rio Grande do Norte...	3.550	5.580	5.680	5.300	4.000
Paraíba...	6.650	8.990	9.600	8.300	8.890
Pernambuco...	139.460	123.280	119.680	56.424	79.143
Alagoas...	22.130	24.000	34.100	30.000	29.400
Sergipe...	4.800	12.410	17.390	13.100	10.000
Baía...	45.200	35.030	35.100	36.000	19.687
Espirito Santo...	8.260	8.380	6.600	6.000	5.000
Rio de Janeiro...	21.160	26.590	60.350	55.317	51.550
Distrito Federal...	—	—	—	—	—
São Paulo...	74.030	52.010	52.350	56.200	60.000
Paraná...	2.650	1.710	550	540	500
Santa Catarina...	2.900	2.680	3.200	5.800	6.000
Rio Grande do Sul...	40.590	39.320	21.600	20.500	20.500
Minas Gerais...	70.510	69.000	71.200	78.260	76.347
Goiás...	8.330	7.980	7.000	7.100	5.500
Mato Grosso...	670	440	480	1.720	1.800
<b>BRASIL...</b>	<b>473.500</b>	<b>437.500</b>	<b>460.660</b>	<b>394.716</b>	<b>393.557</b>

NOTAS: — Dados fornecidos pela D. E. P. do Ministério da Agricultura.

Os dados de 1938 estão sujeitos a retificação.

## 11 — CULTURA

## 112 — Produção de cana — 1934/1938

ESTADOS	QUANTIDADES EM TONELADAS				
	1934	1935	1936	1937	1938
Acre.. . . . .	22.200	14.600	12.550	11.200	12.902
Amazonas.. . . . .	2.160	10.920	9.470	8.360	8.000
Pará.. . . . .	47.820	21.650	35.200	28.500	28.000
Maranhão.. . . . .	114.160	48.300	50.700	46.880	55.600
Piauí.. . . . .	70.600	61.400	36.700	34.000	45.000
Ceará.. . . . .	599.000	506.400	287.800	262.500	326.000
Rio Grande do Norte.. . . . .	171.369	322.000	288.700	212.000	180.000
Paraíba.. . . . .	272.650	540.900	482.300	329.880	373.280
Pernambuco.. . . . .	3.537.210	3.770.000	4.106.000	1.936.300	2.690.000
Alagoas.. . . . .	1.081.180	1.560.000	1.637.700	1.028.000	1.000.000
Sergipe.. . . . .	235.640	744.500	695.680	489.870	397.000
Baía.. . . . .	2.214.900	1.226.000	1.126.600	1.283.000	1.238.104
Espirito Santo.. . . . .	404.830	435.500	197.950	195.000	157.000
Rio de Janeiro.. . . . .	1.269.640	1.378.000	3.621.200	3.208.400	3.612.000
Distrito Federal.. . . . .	—	—	—	—	—
São Paulo.. . . . .	2.414.140	1.545.000	1.675.230	1.911.000	1.561.085
Paraná.. . . . .	100.800	60.000	16.420	17.370	15.000
Santa Catarina.. . . . .	118.960	136.300	150.380	278.280	300.000
Rio Grande do Sul.. . . . .	1.217.440	983.000	540.000	550.500	550.500
Minas Gerais.. . . . .	3.454.900	2.971.000	3.257.940	3.600.000	3.591.900
Goiás.. . . . .	408.000	327.700	248.000	228.140	190.000
Mato Grosso.. . . . .	32.910	17.400	19.900	77.400	78.000
BRASIL.. . . . .	17.793.500	16.680.570	18.496.420	15.736.580	16.409.371

NOTAS: — Dados fornecidos pela D. E. P. do Ministério da Agricultura.

Os dados de 1938 estão sujeitos a retificação.



## 11 — CULTURA

## 113 — Rendimento medio da cultura da cana — 1934/1938

ESTADOS	NUMERO DE TONELADAS POR HECTARE				
	1934	1935	1936	1937	1938
Acre . . . . .	48	33	35	31	32
Amazonas . . . . .	54	73	68	58	25
Pará . . . . .	49	35	37	30	30
Maranhão . . . . .	41	35	36	33	85
Piauí . . . . .	56	40	40	42	45
Ceará . . . . .	35	31	24	25	30
Rio Grande do Norte . . . . .	48	58	51	40	45
Paraíba . . . . .	41	60	50	40	42
Pernambuco . . . . .	25	31	34	34	34
Alagoas . . . . .	49	65	48	34	34
Sergipe . . . . .	49	60	40	37	40
Baía . . . . .	49	35	32	36	63
Espirito Santo . . . . .	49	52	30	33	31
Rio de Janeiro . . . . .	60	52	60	58	70
Distrito Federal . . . . .	—	—	—	—	—
São Paulo . . . . .	33	30	32	34	26
Paraná . . . . .	38	30	30	32	30
Santa Catarina . . . . .	41	51	47	48	50
Rio Grande do Sul . . . . .	30	25	25	27	27
Minas Gerais . . . . .	49	43	46	46	47
Goiás . . . . .	49	41	35	32	35
Mato Grosso . . . . .	49	40	41	45	43
BRASIL . . . . .	38	38	40	40	42

NOTAS: — Dados fornecidos pela D. E. P. do Ministerio da Agricultura.

Os dados de 1938 estão sujeitos a retificação.

## 11 — CULTURA

## 112 — Produção de cana — 1934/1938

ESTADOS	QUANTIDADES EM TONELADAS				
	1934	1935	1936	1937	1938
Acre.. . . . .	22.200	11.600	12.550	11.200	12.902
Amazonas.. . . . .	2.160	10.920	9.470	8.360	8.000
Pará.. . . . .	47.820	21.650	35.200	28.500	28.000
Maranhão.. . . . .	114.160	48.300	50.700	46.880	55.600
Piauí.. . . . .	70.600	61.400	36.700	34.000	45.000
Ceará.. . . . .	599.000	506.400	287.800	262.500	326.000
Rio Grande do Norte.. . . . .	171.360	322.000	288.700	212.000	180.000
Paraíba.. . . . .	272.650	540.900	482.300	329.880	373.280
Pernambuco.. . . . .	3.537.210	3.770.000	4.106.000	1.936.300	2.690.000
Alagoas.. . . . .	1.084.180	1.560.000	1.637.700	1.028.000	1.000.000
Sergipe.. . . . .	235.640	744.500	695.680	489.870	397.000
Baía.. . . . .	2.214.900	1.226.000	1.126.600	1.283.000	1.238.104
Espirito Santo.. . . . .	404.830	435.500	197.950	195.000	157.000
Rio de Janeiro.. . . . .	1.269.640	1.378.000	3.621.200	3.208.400	3.612.000
Distrito Federal.. . . . .	—	—	—	—	—
São Paulo.. . . . .	2.314.140	1.545.000	1.675.230	1.911.000	1.561.085
Paraná.. . . . .	100.800	60.000	16.420	17.370	15.000
Santa Catarina.. . . . .	118.960	136.300	150.380	278.280	300.000
Rio Grande do Sul.. . . . .	1.217.440	983.000	540.000	550.500	550.500
Minas Gerais.. . . . .	3.454.900	2.971.000	3.257.940	3.600.000	3.591.900
Goiás.. . . . .	408.000	327.700	248.000	228.140	190.000
Mato Grosso.. . . . .	32.910	17.400	19.900	77.400	78.000
<b>BRASIL.. . . . .</b>	<b>17.793.500</b>	<b>16.680.570</b>	<b>18.496.420</b>	<b>15.736.580</b>	<b>16.409.371</b>

NOTAS: — Dados fornecidos pela D. E. P. do Ministério da Agricultura.

Os dados de 1938 estão sujeitos a retificação.

## 11 — CULTURA

## 113 — Rendimento medio da cultura da cana — 1934/1938

ESTADOS	NUMERO DE TONELADAS POR HECTARE				
	1934	1935	1936	1937	1938
Acre.....	48	33	35	31	32
Amazonas.....	54	73	68	58	25
Pará.....	49	35	37	30	30
Maranhão.....	41	35	36	33	85
Piauí.....	56	40	40	42	45
Ceará.....	35	34	24	25	30
Rio Grande do Norte.....	48	58	51	40	45
Paraíba.....	41	60	50	40	42
Pernambuco.....	25	31	34	34	34
Alagoas.....	49	65	48	34	34
Sergipe.....	49	60	40	37	40
Baía.....	49	35	32	36	63
Espirito Santo.....	49	52	30	33	31
Rio de Janeiro.....	60	52	60	58	70
Distrito Federal.....	—	—	—	—	—
São Paulo.....	33	30	32	34	26
Paraná.....	38	30	30	32	30
Santa Catarina.....	41	51	47	48	50
Rio Grande do Sul.....	30	25	25	27	27
Minas Gerais.....	49	43	46	46	47
Goiás.....	49	41	35	32	35
Mato Grosso.....	49	40	41	45	43
BRASIL.....	38	38	40	40	42

NOTAS: — Dados fornecidos pela D. E. P. do Ministerio da Agricultura.

Os dados de 1938 estão sujeitos a retificação.

## 12 — MANUTENÇÃO

## 121 — DESPESA COM A CULTURA DA CANA NOS CAMPOS DE COOPERAÇÃO AGRICOLA

ESTADOS	N.º de campos	DESPESA COM A CULTURA					
		Area cultivada em Ha.	Preparo do solo	Cultura	Colheita	TOTAL	Media por Ha.
Amazonas . . . . .	1	5	950\$900	837\$600	4:585\$900	6:374\$400	1:274\$880
Maranhão . . . . .	6	42	3:089\$230	6:312\$529	4:707\$557	14:109\$316	335\$936
Piauí . . . . .	1	1	34\$580	188\$545	64\$050	287\$175	287\$175
Ceará . . . . .	11	27,7	1:723\$055	6:392\$404	7:225\$520	15:340\$979	553\$825
Rio Grande do Norte .	1	5	607\$462	2:431\$882	775\$106	3:814\$440	762\$888
Paraíba . . . . .	10	91,3	12:103\$338	36:202\$204	10:647\$920	58:953\$462	645\$712
Pernambuco . . . . .	7	34	5:301\$896	7:178\$851	6:492\$836	18:973\$583	558\$046
Alagoas . . . . .	2	5	217\$243	1:027\$712	365\$600	1:610\$555	322\$111
Sergipe . . . . .	3	10	1:064\$859	1:648\$626	1:392\$733	4:106\$218	410\$621
Baía . . . . .	1	3	188\$280	608\$208	230\$000	1:026\$488	342\$162
Espirito Santo . . . .	3	12	1:751\$919	1:860\$709	1:526\$190	5:138\$818	428\$234
Rio de Janeiro . . . .	2	6	525\$700	975\$200	3:208\$000	4:708\$900	784\$817
Santa Catarina . . . .	1	1	741\$600	200\$400	60\$000	1:002\$000	1:002\$000
Minas Gerais . . . . .	5	23	3:248\$342	5:477\$941	8:864\$241	17:590\$524	764\$805
Goiaz . . . . .	1	5	1:277\$096	555\$640	3:188\$454	5:021\$190	1:004\$238
Mato Grosso . . . . .	3	6	953\$006	1:906\$560	1:056\$535	3:916\$101	652\$683
<b>TOTAIS . . . . .</b>	<b>58</b>	<b>277</b>	<b>33:778\$506</b>	<b>73:805\$011</b>	<b>54:390\$642</b>	<b>161:974\$149</b>	<b>584\$744</b>

NOTA: — Dados fornecidos pelo Ministerio da Agricultura.

## 12 — MANUTENÇÃO

## 122 — LUCRO COM A CULTURA DA CANA NOS CAMPOS DE COOPERAÇÃO AGRICOLA

ESTADOS	N.º de campos	LUCRO COM A CULTURA					
		Area cultivada em Ha.	Produção em toneladas		Valor da produção	LUCRO	
			Total	Media		Total	Media por Ha.
Amazonas . . . . .	1	5	300	60	10:100\$000	3:725\$600	745\$120
Maranhão . . . . .	6	42	2.362	56	58:614\$000	44:534\$634	1:060\$349
Piauí . . . . .	1	1	35	35	420\$000	132\$825	132\$825
Ceará . . . . .	11	27,7	422	15	39:691\$008	24:150\$029	871\$842
Rio Grande do Norte .	1	5	500	100	12:500\$000	8:685\$560	1:737\$112
Paraíba . . . . .	10	91,3	4.091	45	109:041\$655	50:088\$193	548\$611
Pernambuco . . . . .	7	34	1.740	51	52:300\$000	33:326\$417	980\$188
Alagoas . . . . .	2	5	252	50	5:964\$000	4:353\$445	870\$689
Sergipe . . . . .	3	10	642	64	14:895\$000	10:788\$782	1:078\$878
Baía . . . . .	1	3	213	71	3:450\$600	2:424\$112	808\$037
Espirito Santo . . . .	3	12	416	35	10:350\$000	5:211\$182	434\$265
Rio de Janeiro . . . .	2	6	475	70	8:970\$000	4:261\$100	710\$133
Santa Catarina . . . .	1	1	35	35	1:050\$000	48\$000	48\$000
Minas Gerais . . . . .	5	23	1.208	53	47:498\$260	29:907\$676	1:300\$333
Goiaz . . . . .	1	5	451	90	15:050\$000	10:028\$810	2:005\$762
Mato Grosso . . . . .	3	6	307	51	30:304\$000	25:387\$899	4:397\$983
<b>TOTAIS . . . . .</b>	<b>58</b>	<b>277</b>	<b>13.449</b>	<b>48</b>	<b>420:228\$463</b>	<b>258:054\$314</b>	<b>931\$604</b>

NOTA: — Dados fornecidos pelo Ministerio da Agricultura.

# SITUAÇÃO INDUSTRIAL





## 21 — APARELHAMENTO

211 — FABRICAS DE AÇUCAR, RAPADURA, ALCOOL E AGUARDENTE EXISTENTES NOS ESTADOS E CADASTRADAS ATE' 31 DE DEZEMBRO DE 1939

ESTADOS	TOTAL DE FABRICAS	DISCRIMINAÇÃO				
		USINAS c/turbina e vacuo	ENGENHOS c/turbina	ENGENHOS (açucar bruto)	ENGENHOS (rapadura)	ENGENHOS (exclusivamen- te aguardente)
Acre.. . . . .	105	—	—	73	29	3
Amazonas.. . . . .	95	—	6	27	35	27
Pará.. . . . .	146	6	2	55	16	67
Maranhão.. . . . .	969	4	10	202	395	358
Piauí.. . . . .	1.554	1	3	2	1.441	107
Ceará.. . . . .	2.589	2	11	75	2.200	301
Rio Grande do Norte . . . . .	551	3	—	102	413	33
Paraíba.. . . . .	1.384	9	—	64	1.138	173
Pernambuco.. . . . .	1.917	69	—	636	1.166	46
Alagoas.. . . . .	822	32	—	464	231	95
Sergipe.. . . . .	243	88	—	117	1	37
Baía.. . . . .	3.284	19	2	610	2.028	625
Espirito Santo.. . . . .	479	2	4	181	119	173
Rio de Janeiro.. . . . .	2.389	30	4	857	1.053	445
Distrito Federal.. . . . .	—	—	—	—	—	—
São Paulo.. . . . .	3.918	36	149	913	981	1.839
Paraná.. . . . .	309	—	4	14	51	240
Santa Catarina.. . . . .	5.987	4	2	5.465	7	509
Rio Grande do Sul.. . . . .	1.800	1	—	274	47	1.478
Minas Gerais.. . . . .	29.645	28	103	5.692	23.765	57
Goiás.. . . . .	3.121	1	11	2.458	556	95
Mato Grosso.. . . . .	1.893	10	5	34	38	1.806
<b>BRASIL.. . . . .</b>	<b>63.200</b>	<b>345</b>	<b>316</b>	<b>18.315</b>	<b>35.710</b>	<b>8.514</b>

## 21 — APARELHAMENTO

212 — 1 — NUMERO DE USINAS, SEGUNDO O LIMITE FIXADO PARA A PRODUÇÃO DE AÇUCAR

ESTADOS	TOTAL DE USINAS	PODENDO PRODUZIR ANUALMENTE					
		Até 10.000 scs.	De 10.001 a 50.000 scs.	De 50.001 a 100.000 scs.	De 100.001 a 200.000 scs.	De 200.001 a 400.000 scs.	De 300.001 a 400.000 sacs.
Acre.. . . . .	—	—	—	—	—	—	—
Amazonas.. . . . .	—	—	—	—	—	—	—
Pará.. . . . .	6	6	—	—	—	—	—
Maranhão.. . . . .	4	4	—	—	—	—	—
Piauí.. . . . .	1	1	—	—	—	—	—
Ceará.. . . . .	2	1	1	—	—	—	—
Rio Grande do Norte..	3	1	2	—	—	—	—
Paraíba.. . . . .	8	2	5	1	—	—	—
Pernambuco.. . . . .	62	9	16	25	8	2	2
Alagoas.. . . . .	28	10	12	3	—	2	1
Sergipe.. . . . .	81	59	22	—	—	—	—
Baía.. . . . .	19	6	9	3	1	—	—
Espirito Santo.. . . .	2	1	1	—	—	—	—
Rio de Janeiro.. . . .	27	1	8	12	5	1	—
Distrito Federal.. . .	—	—	—	—	—	—	—
São Paulo.. . . . .	34	10	12	3	8	1	—
Paraná.. . . . .	—	—	—	—	—	—	—
Santa Catarina.. . . .	4	2	2	—	—	—	—
Rio Grande do Sul.. . .	1	1	—	—	—	—	—
Minas Gerais.. . . . .	28	16	10	2	—	—	—
Goiás.. . . . .	1	1	—	—	—	—	—
Mato Grosso.. . . . .	10	10	—	—	—	—	—
BRASIL.. . . . .	321	141	100	49	22	6	3

# Companhia Usina Tiuma

Proprietaria da Usina Tiuma

Recife

-

Pernambuco

-

Brasil



PERSPECTIVA DAS MODERNAS INSTALAÇÕES PARA IRRIGAÇÃO,  
REALIZADAS NOS CAMPOS DA USINA TIUMA

CODIGOS USADOS

{ Bentley's, Mascote,  
Ribeiro, Borges,  
União e A. B. C. 5ª

**Endereço: Rua Barão do Triunfo, 393**

Caixa Postal 327

Telegramas: TIUMA



# BALANÇAS AUTOMATICAS TOLEDO

PARA FINS INDUSTRIAIS

Balanças de peso pre-determinado para ensacar açúcar, balanças de plataforma para pesar tambores de alcool, carros de boi e vagões pipa, podendo ser equipadas com REGISTRADORES AUTOMATICOS PRINT-WEIGH-TOLEDO



●  
**Peçam informações sem  
compromisso aos  
agentes gerais:**

**E. HAEGLER & CIA. LTDA.**

Rua da Quitanda, 163 - 5º andar - Rio de Janeiro

## 21 — APARELHAMENTO

212 — 2 — NUMERO DE ENGENHOS COM TURBINA SEGUNDO O LIMITE FIXADO PARA A PRODUÇÃO  
DE AÇUCAR

ESTADOS	Total de engenhos c/ turbina	PODENDO PRODUZIR ANUALMENTE					
		Até 50 scs.	De 51 a 100 scs.	De 101 a 200 scs.	De 201 a 500 scs.	De 501 a 1.000 scs.	De 1.001 a 4.000 scs.
Acre.....	—	—	—	—	—	—	—
Amazonas.....	6	—	2	2	—	1	1
Pará.....	2	1	—	—	1	—	—
Maranhão.....	10	3	1	1	4	1	—
Piauí.....	3	1	1	—	1	—	—
Ceará.....	11	4	2	3	1	1	—
Rio Grande do Norte.....	—	—	—	—	—	—	—
Paraíba.....	—	—	—	—	—	—	—
Pernambuco.....	—	—	—	—	—	—	—
Alagoas.....	—	—	—	—	—	—	—
Sergipe.....	—	—	—	—	—	—	—
Baía.....	2	—	1	1	—	—	—
Espirito Santo.....	4	1	1	—	1	—	1
Rio de Janeiro.....	4	—	—	2	2	—	—
Distrito Federal.....	—	—	—	—	—	—	—
São Paulo.....	149	13	22	42	44	23	5
Paraná.....	4	—	—	—	2	—	2
Santa Catarina.....	2	2	—	—	—	—	—
Rio Grande do Sul.....	—	—	—	—	—	—	—
Minas Gerais.....	103	21	29	24	19	4	6
Goias.....	11	2	3	2	2	2	—
Mato Grosso.....	5	2	1	2	—	—	—
<b>BRASIL.....</b>	<b>316</b>	<b>50</b>	<b>63</b>	<b>79</b>	<b>77</b>	<b>32</b>	<b>15</b>

## 21 — APARELHAMENTO

212 — 3 — NUMERO DE ENGENHOS SEM TURBINA SEGUNDO O LIMITE FIXADO, PARA A PRODUÇÃO DE AÇUCAR BRUTO E RAPADURA

ESTADOS	Total de engenhos s/turbina	PODENDO PRODUZIR ANUALMENTE					
		Até 50 scs.	De 51 a 100 scs.	De 101 a 200 scs.	De 201 a 500 scs.	De 501 a 1.000 scs.	Acima de 1001 scs.
Acre . . . . .	102	62	24	9	5	2	—
Amazonas . . . . .	62	41	10	6	3	2	—
Pará . . . . .	71	18	17	17	15	3	1
Maranhão . . . . .	597	431	105	58	23	—	—
Piauí . . . . .	1.443	1.200	191	36	15	1	—
Ceará . . . . .	2.277	1.218	452	270	268	51	18
Rio Grande do Norte . . . . .	517	226	107	59	57	34	34
Paraíba . . . . .	1.203	528	211	139	159	93	73
Pernambuco . . . . .	1.835	851	147	165	226	155	291
Alagoas . . . . .	699	120	59	64	110	120	226
Sergipe . . . . .	123	7	19	28	28	27	14
Baía . . . . .	2.658	2.037	304	193	90	21	13
Espirito Santo . . . . .	299	270	14	14	1	—	—
Rio de Janeiro . . . . .	1.905	1.500	182	125	72	20	6
Distrito Federal . . . . .	—	—	—	—	—	—	—
São Paulo . . . . .	1.911	1.394	214	175	109	17	2
Paraná . . . . .	64	59	3	1	1	—	—
Santa Catarina . . . . .	5.314	4.086	848	320	58	2	—
Rio Grande do Sul . . . . .	320	284	21	14	1	—	—
Minas Gerais . . . . .	29.392	24.377	2.160	1.440	1.202	175	38
Goiás . . . . .	2.993	2.815	136	29	11	2	—
Mato Grosso . . . . .	73	60	6	1	6	—	—
BRASIL . . . . .	53.858	41.584	5.230	3.143	2.460	725	716



## 21 — APARELHAMENTO

212 — 4 — NUMERO DE DISTILARIAS PARA A PRODUÇÃO DE ALCÓOL POTÁVEL E ANIDRO

ESTADOS	NUMERO DE DISTILARIAS	CAPACIDADE DIARIA EM LITROS		TOTAL
		POTÁVEL	ANIDRO	
Acre.. . . . .	—	—	—	—
Amazonas.. . . . .	—	—	—	—
Pará.. . . . .	5	1.910	—	1.910
Maranhão.. . . . .	—	—	—	—
Piauí.. . . . .	1	1.200	—	1.200
Ceará.. . . . .	2	3.000	—	3.000
Rio Grande do Norte.. . . . .	2	3.000	—	3.000
Paraíba.. . . . .	5	9.350	—	9.350
Pernambuco.. . . . .	63	258.495	195.000	453.495
Alagoas.. . . . .	18	41.760	33.000	74.760
Sergipe.. . . . .	5	12.200	—	12.200
Baía.. . . . .	2	4.500	—	4.500
Espirito Santo.. . . . .	2	2.700	5.000	7.700
Rio de Janeiro.. . . . .	34	191.400	163.000	354.400
Distrito Federal.. . . . .	1	—	3.000	3.000
São Paulo.. . . . .	46	254.550	158.000	412.550
Paraná.. . . . .	—	—	—	—
Santa Catarina.. . . . .	3	7.800	—	7.800
Rio Grande do Sul.. . . . .	1	1.000	—	1.000
Minas Gerais.. . . . .	14	35.350	5.000	40.350
Goiás.. . . . .	—	—	—	—
Mato Grosso.. . . . .	8	10.030	—	10.030
	—	—	—	—
<b>B R A S I L.. . . . .</b>	<b>212</b>	<b>838.245</b>	<b>562.000</b>	<b>1.400.245</b>
	—	—	—	—

## 21 — APARELHAMENTO

212 — 5 — DISTILARIAS DE ALCOOL ANIDRO, COM INDICAÇÃO DA LOCALIDADE, CAPACIDADE E PROCESSO DE FABRICAÇÃO

N O M E S	MUNICÍPIO	Capacidade diária em litros	CONSTRUTOR	PROCESSO
<b>ESTADO DE PERNAMBUCO</b>				
Usina Catende.	Catende.	30.000	Estabelecimentos Barbet.	Usines de Melle.
Usina Central Barreiros.	Barreiros.	20.000	Golzern Grimma A. G.	Drawinol.
Dist. Central Presidente Vargas.	Tabo	60.000	Estabelecimentos Skoda.	Usines de Melle.
Usina Cuaçu.	Rio Formoso.	15.000	Estabelecimentos Skoda.	Usines de Melle.
Dist. Produtores de Pernambuco.	Recife.	20.000	Strauch & Schmidt.	Drawinol.
Usina N. S. das Maravilhas.	Goiana.	15.000	Estabelecimentos Barbet.	Usines de Melle.
Usinas Sta. Terezinha.	Agua Preta.	30.000	Estabelecimentos Skoda.	Usines de Melle.
Usina Timbó-Assú.	Ipojuca.	5.000	Estabelecimentos Barbet.	Usines de Melle.
		195.000		
<b>ESTADO DE ALAGOAS</b>				
Usina Brasileiro.	Atalaia.	15.000	Estabelecimentos Barbet.	Usines de Melle.
Usina Central Leão.	Sta. Luzia do Norte.	8.000	W. Bockenagen Nachfl.	Hiag.
Usina Serra Grande.	S. José da Lage.	10.000	Estabelecimentos Skoda.	Usines de Melle.
		33.000		
<b>ESPIRITO SANTO</b>				
Usina Paineiras.	Itapemirim	5.000	Estabelecimentos Skoda.	Usines de Melle.
		5.000		
<b>ESTADO DO RIO DE JANEIRO</b>				
Dist. Central E. do Rio.	Campos.	60.000	Estabelecimentos Barbet.	Usines de Melle.
Usina Conceição de Macabú.	Macaé.	8.000	Estabelecimentos Barbet.	Usines de Melle.
Usina Cupim.	Campos.	20.000	Cie. de Fives — Lille.	Mariller.
Usina Laranjeiras.	Itaocara.	7.000	Estabelecimentos Barbet.	Usines de Melle.
Usina Outeiro.	Campos.	5.000	Estabelecimentos Barbet.	Usines de Melle.
Usina Queimado.	Campos.	8.000	Estabelecimentos Barbet.	Usines de Melle.
Usina Quissaman.	Macaé.	15.000	Estabelecimentos Barbet.	Usines de Melle.
Usina São José.	Campos.	20.000	Estabelecimentos Skoda.	Usines de Melle.
Usina Sta. Cruz.	Campos.	15.000	Estabelecimentos Skoda.	Usines de Melle.
Usina Sapucaia.	Campos.	5.000	Estabelecimentos Barbet.	Usines de Melle.
		163.000		
<b>ESTADO DE MINAS GERAIS</b>				
Usina Rio Branco.	Rio Branco.	5.000		Mariller.
		5.000	Cie. de Fives — Lille.	
<b>ESTADO DE SÃO PAULO</b>				
Usina Amalia.	Sta. Rosa.	10.000		Usines de Melle.
Usina Ester.	Sta. Barbara.	8.000	Estabelecimentos Barbet.	Hiag.
Dist. Itacema.	Limeira.	20.000	W. Bockenagen Nachfl.	Drawinol.
Usina Itaiquara.	Tapiratiba.	3.000	Golzern Grimma A. G.	Drawinol.
Usina Itaqueré.	Araraquara.	3.000	Golzern Grimma A. G.	Mariller.
Usina Junqueira.	Igarapava.	20.000	Cie. de Fives — Lille.	Usines de Melle.
Usina Monte Alegre.	Piracicaba.	8.000	Estabelecimentos Skoda.	Drawinol.
Usina Piracicaba.	Piracicaba.	12.000	Golzern Grimma A. G.	Mariller.
Usina Porto Feliz.	Porto Feliz.	17.500	Cie. de Fives — Lille.	Mariller.
Usina Sta. Bárbara.	Sta. Bárbara.	6.000	Cie. de Fives — Lille.	Drawinol.
Usina Tamoio.	Araraquara.	30.000	Golzern Grimma A. G.	Drawinol.
Usina Vassununga.	Sta. Rita P. Quatro.	3.000	Golzern Grimma A. G.	Mariller.
Usina Vila Raffard.	Capivari.	17.500	Cie. de Fives — Lille.	Mariller.
		158.000	Cie. de Fives — Lille.	
<b>DISTRITO FEDERAL</b>				
Usinas Nacionais.		3.000		Hiag.
		3.000	Egrot & Grangé.	
		562.000		

## 21 — APARELHAMENTO

## 212 — 6 — Relação das usinas e principais características da capacidade de produção

USINAS	PROPRIETARIOS	MUNICIPIOS	MOENDAS		Média diária de produção de açúcar (saco de 60 quilos)	ALCOOL Distilarias		Refinaria anexa	Linhas ferreas proprias em qms.	AÇUCAR	
			N. de rolos	Dimensão polegadas		Capacidade diária em litros				Saco 60 qls.	Safrá
						Anidro	Potavel				
<b>Pará</b>											
Eremita	Valente, M. & Barros	Castanhal	—	—	80	—	500	—	—	5.333	1929/30
Novo Horizonte	João Nicolão Fortes	Igarapé Mirim	—	—	34	—	250	—	—	2.109	1939/40
Palheta	Mates & Tocantins	Muaná	3	24x35	51	—	300	—	—	3.135	1934/35
Sta. Cruz	A. J. Valle	Igarapé Mirim	—	—	46	—	360	—	—	1.867	1935/36
Sta. Olinda	José Saul	Abaeté	3	14x28	66	—	500	—	—	4.300	1936/37
São Pedro	J. Coimbra & Cia.	Belém	—	—	33	—	—	—	—	509	1935/36
					310	—	1.910	—	—		
<b>Maranhão</b>											
Aliança	Manoel R. da Cruz	Curupú	3	—	180	—	—	—	—	8.324	1931/32
Cristino Cruz	Joaquim Vaz da Costa	Caxias	6	23x48	167	—	—	—	20	1.824	1936/37
Conceição	Agostinho M. A. Campos	Flores	3	—	6	—	—	—	—	160	1937/38
Joaquim Antonio	Abelardo da Silva Ribeiro	Guimarães	—	—	106	—	—	—	—	5.770	1929/30
					459	—	—	—	20		
<b>Piauí</b>											
Sant'Ana	Gil Martins v. Ferreira	Teresina	3	—	200	—	1.200	—	—	3.150	1930/31
					200	—	1.200	—	—		
<b>Ceará</b>											
Cariri	Açucareira Cearense S. A.	Redenção	8	18x32	152	—	2.000	—	—	16.013	1939/40
Maracajá	Telles & Cia. Ltd.	Crato	8	21x40	79	—	1.000	—	—	3.119	1935/36
					231	—	3.000	—	—		
<b>R. G. do Norte</b>											
Estivas	Leonidas de Paula	Arez	5	36x75	140	—	—	—	—	7.225	1932/33
Ilha Bela	Ilha Bela S. A.	Ceará-Mirim	11	18x36	264	—	1.800	—	—	23.292	1939/40
			4	24x44							
S. Francisco	Luiz Lopes Varela	Ceará-Mirim	7	24x48	213	—	1.200	—	4	19.479	1939/40
			3								
					617	—	3.000	—	4		
<b>Paraíba</b>											
Espirito Santo	Adalberto Ribeiro	Sapé	—	—	—	—	—	—	—	21.260	1928/29
Sta. Atexand	C. Regis & Cia. Ltd.	João Pessoa	6	—	200	—	1.500	—	—	3.200	1930/31
Sant'Ana	Flaviano R. Coutinho	Sta. Rita	11	22x30	309	—	2.000	—	20	49.854	1939/40
Sta. Helena	J. Ursulo & Irmãos	Sapé	11	22x39	375	—	—	—	20	65.421	1939/40
Sta. Maria	Vva. Francisco de Assis & Fls.	Areia	—	—	181	—	—	—	—	15.535	1939/40
			—	—	335	—	1.000	—	18	52.535	1939/40
Sta. Rita	S. A. Usina Sta. Rita	Sta. Rita	—	—	332	—	300	—	4	20.748	1935/36
S. Gonçalo	J. Ursulo & Irmãos	Sta. Rita	—	—	968	—	4.550	—	30	137.632	1939/40
São João	J. Ursulo & Irmãos	Sta. Rita	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Tanques	Zenaide, Holmes & Cia. Ltd.	Alagoa Grande	2	18x32	207	—	—	—	—	8.698	1933/34
			6	18x32							
					2.907	—	9.350	—	92		
<b>Pernambuco</b>											
Agua Branca	Cia Usina Agua Branca S. A.	Quipapá	2	21x47	658	—	900	—	10	77.547	1939/40
			3								
			6	26x47							

## 21 — APARELHAMENTO

## 212 — 6 — Relação das usinas e principais características da capacidade de produção

USINAS	PROPRIETARIOS	MUNICIPIOS	MOENDAS		Media diaria de produção de açúcar (saco de 60 quilos)	ALCOOL Distilarias Capacidade diaria em litros		Refinaria anexa	Linhas erreas proprias em qlms.	AÇUCAR Maior produção	
			N. de rolos	Dimensão polegadas		Capacidade diaria em litros				Saco 60 qls.	Safrã
						Anidro	Potavel				
Aliança	Pessoa de Mello & Cia.	Aliança	11	22x44	788	—	6.000	—	40	114.268	1939/40
Aripibú	Usina Aripibú S. A.	Amaragi	11	24x48	641	—	1.600	—	72	88.542	1928/29
Bamburral	Herdeiros de Davino dos Santos Pontual	Amaragi	6	30x44	369	—	2.000	—	40	55.506	1929/30
Barra	Benjamin Azevedo	Vicencia	2	18x36	337	—	800	—	5	30.631	1939/40
			3	22x36							
Barreiros	Estacio de A. Coimbra	Barreiros	14	32x66	2.433	20.000	20.000	—	125	330.255	1938/39
Bom Jesus	Vva. João Lopes S. Santos	Cabo	6	30x60	991	—	4.100	—	65	140.543	1939/40
Bulhões	Pessoa, Maranhão & Cia.	Jaboatão	8	24x48	977	—	4.000	—	27	91.606	1935/36
Cabeça de Negro	Herdeiros de Davino dos Santos Pontual	Amaragi	3	26x72	—	—	1.200	—	—	21.176	1928/29
Cachoeira Lisa	Doroteu Araujo & Cia.	Gameleira	8	30x54	1.187	—	6.000	Sim	—	146.046	1939/40
Camorim Grande	Bastos Mello & Irmão	Agua Preta	3	34x38	145	—	600	—	—	13.724	1929/30
Capibaribe	L. Araujo, Irmão & Cia.	S. Lourenço	11	18x38	225	—	2.500	—	1/2	28.717	1929/30
Catende	Usina Catende S. A.	Catende	2	29x72	2.623	30.000	—	Sim	152	447.235	1939/40
			9	35x78							
Caxangá	Cia. Agro Industrial Caxangá S. A.	Ribeirão	11	28x54	1.108	—	8.000	—	50	118.804	1929/30
Central Serra Azul	Irmãos Gouveia de Melo	Palmares	—	—	136	—	2.000	—	—	6.207	1935/36
Crauatá	Vva. Mota Filhos	Canhotinho	3	26x40	140	—	—	—	—	8.867	1934/35
			3	21x35							
Cruangi	Andrade, Queiroz & Cia.	Timbaúba	8	25x48	1.043	—	3.200	—	20	93.520	1939/40
Cucaú	Cia. Geral de Melhoramentos em Pern.	Rio Formoso	11	31x60	1.464	15.000	10.000	Sim	70	210.793	1939/40
Dois Irmãos	A. Cavalcanti & Irmão	Quipapá	—	—	144	—	—	—	—	8.572	1929/30
Estreliana	João Wanderlei Silveira (Herds.)	Ribeirão	3	28x44	538	—	9.000	—	50	57.910	1929/30
			6	—							
Frei Caneca	Silveira Barros & Cia.	Maraiãl	3	28x54	1.033	—	6.000	—	—	75.046	1938/39
			9	30x54							
Ipojuca	Dourado & Monteiro Lid.	Ipojuca	6	24x50	712	—	2.000	—	40	105.328	1938/39
Jaboatão	Antonio M. de Albuquerque	Jaboatão	3	30x50	—	—	—	—	—	—	—
Jaguaré	Oscar Cardoso da Fonte	Jaboatão	11	26x54	907	—	5.000	—	44	117.127	1939/40
José Rufino	Hercilia de A. Bezerra Cavalcanti	Serinhaem	6	24x36	308	—	1.500	—	—	24.630	1929/30
			3	20x40							
Limoeirinho	Barão de Suassuna	Escada	3	22x40	452	—	2.000	—	34	70.165	1938/39
			8	22x40							
Mameluco	Barão de Suassuna	Escada	3	24x48	303	—	—	—	30	29.520	1927/28
Maria das Mercês	Arthur Cisneiros Cavalcanti	Escada	8	28x57	913	—	5.000	—	40	93.798	1938/39
Massaunassú	J. H. Carneiro da Cunha	Cabo	8	28x60	939	—	6.000	—	52	102.148	1929/30
Matarí	Pessoa, Maranhão & Cia.	Escada	11	29x54	1.483	—	6.400	—	61	158.605	1938/39
Meio da Varsca	Luiz A. Alves Barros Barreto	Nazaré	11	22x44	928	—	3.500	—	28	114.050	1939/40
			—	—							
		Recife	—	—	120	—	—	—	—	5.047	1929/30



## 21 — APARELHAMENTO

## 212 — 6 — Relação das usinas e principais características da capacidade de produção

USINAS	PROPRIETARIOS	MUNICIPIOS	MOENDAS		Media diaria de produção de açúcar (saco de 60 qui.os)	ALCOOL		Refinaria anexa	Linhas ferreas propias em qlms.	AÇUCAR	
			N. de rolos	Dimensão Polegadas		Distilarias				Saco 60 qls.	Safrá
						Capacidade diaria em litros					
				Anidro	Potavel						
Morenos	Antonio de Souza Leão	Morenos	5	18x30	57	—	—	—	—	4.358	1929/30
Mnribeca	Julio C. de Albuquerque Maranhão	Jaboatão	6	30x60	836	—	4.000	—	45	64.000	1925/26
Mussurepe	H. Bandeira & Cia.	Pau d'Alho	11	26x54	837	—	4.000	—	40	96.007	1938/39
N. S. Auxilia- dora	Vva. João Dourado da Costa Azevedo	Morenos	3 2 3	14x24 13x24 13x28	173	—	—	—	—	14.705	1929/30
N. S. das Ma- ravilhas	Cia. Açucareira de Goiana	Goiana	14	28x54	1.201	15.000	10.000	Sim	78	109.982	1939/40
N. S. do Des- terro	Alfredo C. Albuquer- que	Pau d'Alho	3	22x10	174	—	500	—	6	15.300	1928/29
Olho d'agua	Hardmanu, Tavares & Cia.	Itambé	11	22x36	493	—	2.500	—	8	36.299	1939/40
Pedrosa	Siqueira Cavalcanti & Irmãos	Bonito	8	30x42	786	—	5.000	Sim	60	112.928	1935/36
Peri-peri	Afonso Freire, Irmãos & Cia.	Quipapá	6	24x42	355	—	11.195	—	—	25.962	1929/30
Petribú	Herdeiros de João Ca- de Petribú	Floresta dos Leões	8	24x48	489	—	6.000	—	32	57.556	1929/30
Picangi	A. Gonçalves Ferreira Junior	Palmares	8	22x36	353	—	2.500	—	22	46.062	1938/39
Porto Alegre	José Acioli A. Silva	Rio Formoso	3	30x56	594	—	600	—	—	8.430	1931/32
Punatí	Taneredo Costa & Cia.	Palmares	11	24x42	588	—	5.000	—	4	93.673	1929/30
Regalia	Antonio Lopes F. Lima	Barreiros	5	17x26	109	—	—	—	—	5.295	1938/39
Rio Una	A. F. Souza & Cia.	Barreiros	8	26x52	729	—	2.000	—	33	51.318	1928/29
Rocadinho	Mendo Sampaio & Cia. Ltda.	Catende	11	28x54	735	—	6.000	—	30	119.457	1939/40
Salgado	Joaquim Bandeira & Cia.	Ipojuca	2 9	30x67 32x67	1.691	—	9.000	—	75	152.825	1939/40
Sta Flora	Benjamin Nunes Ma- chado	Itambé	5	24x40	170	—	—	—	—	3.451	1933/34
Sta. Panfila	Feliciano Rego C. Al- buquerque	Vitoria	3 3	24x40 24x43	317	—	5.000	—	8	17.392	1929/30
Sta. Teresa	Gia. Agro-Industrial de Goiana	Goiana	2 6	24x48 28x54	1.262	—	8.000	—	57	124.754	1939/40
Sta. Terezinha	Usina Sta Terezinha S. A.	Agua Preta	11	32x66	2.850	30.000	—	—	77	429.726	1939/40
Sta. Terezinha do Menino Jesus	M. Pessoa & Cia.	Goiana	8	22x36	336	—	3.000	—	10	34.342	1939/40
Sto. André	Miguel Otavio de Melo	Rio Formoso	9	24x44	519	—	2.100	—	32	54.795	1938/39
Sto. Ignacio	Brennand Irmão & Cia.	Cabo	8	26x48	848	—	5.000	—	35	84.940	1929/30
São Felix	Carolino Dias da Silva	Gameleira	3 3	15x30 18x36	6	—	—	—	—	517	1930/31
S. João daVar- zea	M. C. do Rego Barros	Recife	11	33x67	1.835	—	12.000	—	30	103.007	1929/30
São José	Bandeira & Irmãos	Iguarassú	11	24x48	618	—	5.100	—	55	93.028	1929/30
Serro Azul	José P. G. de Melo	Palmares	11	24x48	519	—	1.600	—	12	60.607	1939/40
Siberia	Cristiano S. Falcão	Cabo	3	24x46	271	—	—	—	—	10.500	1929/30
Timbó-Assú	Belmiro Corrêa & Cia.	Escada	2 6	25x52 26x52	721	5.000	—	—	30	74.177	1939/40

## 21 — A P A R E L H A M E N T O

## 212 — 6 — Relação das usinas e principais características da capacidade de produção

U S I N A S	PROPRIETARIOS	MUNICIPIOS	MOENDAS		Media diaria de produção de açúcar (saco de 60 quilos)	A L C O O L		Refinaria anexa	Linhas ferreas próprias em qlms.	A Ç U C A R	
			N. de rolos	Dimensão polegadas		Distilarias				Saco 60 qls.	Safrá
						Capacidade diaria em litros					
				Anidro	Potavel						
Tinoco	Joaquim P. Abreu Lima	Serinhaem	3	30x40	119	—	—	—	—	8.187	1929/30
Tiuna	Cia. Usina Tiuna	São Lourenço	14	32x75	2.868	—	8.000	—	71	370.308	1929/30
Trapiche	Mendes Lima & Cia.	Serinhaem	3	32x56	1.163	—	2.400	—	40	140.675	1938/39
Três Marias	Sebastião Mergulhão	Agna Preta	—	—	142	—	300	—	—	19.920	1931/32
Preze de Maio	Vva. Luzia Pedrosa	Palmares	6	28x60	860	—	6.000	—	20	105.989	1929/30
Ubaquinha	Mendes Lima & Cia.	Serinhaem	3	32x56	400	—	2.400	—	27	67.710	1934/35
União e Indus- tria	Cia. Agricola União Industrial de Per- nambuco	Escada	11	32x66	1.928	—	8.000	Sim	160	170.025	1935/36
Uruaé	Antonio Corrêa de Oli- veira	Goiana	5	18x30	129	—	2.000	—	3	9.673	1929/30
Alagoas					51.972	115.000	258.495	6	2.155		
Agua Comprida	José Hortas Fernandes	Camaragibe	6	24x34	317	—	600	—	—	10.381	1928/29
Alegria	Cansação & Cia.	Murici	11	18x36	314	—	3.500	—	—	47.625	1938/39
Aurora	Eustiquio T. C. Caval- canti	Pilar	9	20x34	92	—	—	—	—	3.421	1939/40
Bom Jesus	Aristeu A. B. Cansan- ção	Camaragibe	5	18x32	152	—	360	—	15	15.017	1928/29
Brasileiro	Usina Brasileira S. A.	Atalaia	12	38x66	2.143	15.000	—	—	32	286.862	1939/40
Camaragibe	Osman Loureiro de Pa- rias	Camaragibe	8	21x40	372	—	—	—	—	33.048	1939/40
Campo Verde	Usina Campo Verde S. A.	Murici	11	18x36	426	—	—	—	—	52.092	1939/40
Capricho	Cicero Cabral Toledo	Capela	3	26x40	290	—	5.000	—	—	25.218	1934/35
Central Leão	Leão Irmãos	Sta. Luzia de Norte	16	32x61	2.810	8.000	—	—	30	444.731	1939/40
Coruripe	S. A. Usina Coruripe	Coruripe	8	23x43	435	—	1.500	—	34	71.949	1939/40
Esperança	Leão Irmãos	Murici	8	18x32	478	—	—	—	—	42.984	1929/30
João de Deus	José Otavio Moreira	Capela	5	19x22	224	—	2.000	—	8	34.230	1939/40
Laginha	Usina Laginha S. A.	União	6	26x40	459	—	1.500	—	—	45.485	1939/40
Mourici	Cansação & Cia.	Murici	5	14x20	89	—	—	—	—	10.000	1929/30
Mourici	Manoel Tenorio A. Lins	Atalaia	8	18x30	186	—	1.200	—	—	32.558	1938/39
Pau Amarelo	Leão & Irmãos	Sta. Luzia de Norte	8	22x40	636	—	—	—	—	57.241	1929/30
Peixe Grande	Climerio W. Sarmento	S. Luiz do Qui- tunde	8	22x38	296	—	2.000	—	—	26.759	1939/40
Pindoba	João Pereira da Costa Pinto (Herds.)	S. Luiz do Qui- tunde	5	22x36	133	—	—	—	—	11.948	1929/30
Porto Rico	Ezequiel Siqueira Cam- pos	Leopoldina	6	22x36	301	—	1.600	—	—	20.125	1938/39
Rio Branco	União Agricola S. A.	Atalaia	8	31x63	597	—	3.000	—	—	53.721	1930/31
Sant'Ana	Democrito W. Sar- mento	Porto Calvo	6	23x30	265	—	—	—	—	12.254	1938/39
			3	21x31							



## 21 — A P A R E L H A M E N T O

## 212 — 6 — Relação das usinas e principais características da capacidade de produção

U S I N A S	PROPRIETARIOS	MUNICIPIOS	MOENDAS		Media diaria de produção de açúcar (saco de 60 quilos)	A L C O O L		Refinaria anexa	Linhas ferreas propias em qlms.	A Ç U C A R	
			N. de rolos	Dimensão polegada		Capacidade diaria em litros				Saco 60 qls.	Safra
						Anidro	Potavel				
Sta Felisberta	José Jorge de Faria Sales	Maragogi	—	—	76	—	—	—	—	59.241	1939/40
S. Antonio	S. Pragano & Cia.	S. Luiz do Qui- tunde	11	26x44	648	—	2.500	—	52	65.329	1935/36
São Gonçalo	Osman Loureiro de Farias	Porto de Pedras	6	—	50	—	—	—	—	1.014	1936/37
São José	Abilio Leão da Cunha	Atalaia	3	28x30	104	—	—	—	—	10.128	1939/40
São Simeão	Lopes Omena & Cia.	Murief	8	20x43	445	—	—	—	—	91.150	1928/29
			6								
Serra Grande	Usina Serra Grande S. A.	S. José da Lage	9	34x60	2.078	10.000	11.000	Sim	35	367.361	1939/40
			4	31x60							
Sinimbu	Usina Causação de Sinimbu S. A.	S. Miguel dos Cumpos	6	24x48	834	—	4.000	—	33	83.707	1938/39
			2	22x48							
Recanto	Serzedelo de Barros Correia	Viçosa	—	—	46	—	—	—	—	—	—
Três Bocas	Francisco P. Leite Oi- ticia Filho	Maceio	—	—	135	—	—	—	—	8.450	1939/40
Terra Nova	Enzínio Medeiros	Pilar	3	18x30	92	—	—	—	—	4.015	1931/32
Cruba	Cia. Açucareira Ala- goana S. A.	Atalaia	6	24x44	813	—	2.000	Sim	2	96.971	1929/30
			3	35x56							
					16.274	33.000	41.760	2	241		
<b>Sergipe</b>											
Autas	José Batista da Costa e Pedro C. Carva- lho	Sta. Luzia	5	19x30	109	—	—	—	—	6.877	1934/35
Aroeira	Manoel Freire Teles Barreto	Laranjeiras	3	16x30	78	—	—	—	—	2.757	1935/36
Belém	Vva. Felisberto Freire	Itaporanga	5	20x36	177	—	—	—	—	15.833	1930/31
Bôa Luz	Aldebrando Franco de Menezes	Laranjeiras	3	18x30	37	—	—	—	—	6.800	1930/31
Bôa Sorte	J. Sobral & Cia.	Laranjeiras	6	18x30	141	—	—	—	—	7.038	1934/35
Bôa Vista	Herd. de José Fran- cisco de Almeida	Esp. Santo	6	18x30	121	—	—	—	—	4.020	1936/37
Cafuz	Adelia do Prado Franco	Laranjeiras	8	18x30	187	—	—	—	—	18.841	1939/40
Camaçari	João Sobral Gareez	Itaporanga	3	18x30	126	—	—	—	—	4.357	1934/35
Cambui	Osorio Vieira de Melo	Japarutuba	3	20x32	204	—	—	—	—	3.000	1929/30
Caranhas	Sabino Ribeiro & Cia.	Sto. Amaro	11	16x28	153	—	—	—	—	19.991	1930/31
Cassunguê	Armando Menezes Sil- veira	Estancia	—	—	28	—	—	—	—	155	1939/40
			11	18x32	204	—	400	—	—	24.016	1934/35
Castelo	Cantidiano Vieira	Sta. Luzia	3	18x30	85	—	—	—	—	4.500	1936/37
Cedro	Alipio E. Lima	Sta. Luzia	3	18x30	85	—	—	—	—	4.500	1936/37
Central	Antonio do Prado Franco	Riachuelo	9	30x60	820	—	7.000	—	26	66.186	1930/31
Cruzes	Adolfo de Matos Teles	Japarutuba	6	18x32	158	—	—	—	—	5.000	1930/31
Cumbe	Delfino do Faro So- bral	Rosario	3	22x42	185	—	—	—	—	4.016	1939/40
Cumbe	Pedro L. D. Nabuco	S. Cristovão	3	46x70	89	—	—	—	—	4.343	1934/35
			2	18x36	—	—	—	—	—	—	—
Escorial	Edgard Rollemberg	S. Cristovão	5	20x36	162	—	—	—	—	14.000	1936/37
			3								

## 21 — APARELHAMENTO

## 212 — 6 — Relação das usinas e principais características da capacidade de produção

USINAS	PROPRIETARIOS	MUNICIPIOS	MOENDAS		Media diaria de produção de açúcar (saco de 60 quilos)	ALCOOL		Refinaria anexa	Linhas ferreas proprias em qlms.	AÇUCAR	
			N. de rolos	Dimensão polegadas		Capacidade diaria em litros				Saco 60 qls.	Safrá
						Anidro	Potavel				
Espirito Santo	Francisco Rabelo Leite	Riachuelo	5	20x28	160	—	—	—	—	10.747	1929/30
Flôr do Rio	Manoel Soares de Melo	Capela	3	20x30	101	—	—	—	—	2.156	1939/40
Fortuna	Flavio de Menezes	Prado	11	22x36	370	—	—	—	—	27.100	1929/30
Itaperoá	Pedro Leal Bastos	S. Cristovão	5	18x30	122	—	—	—	—	9.536	1929/30
Jaguaribe	Afonso de Melo Prado	Siriri	3	18x30	90	—	—	—	—	4.200	1929/30
Jordão	Semeão Machado	Maroim	6	20x32	167	—	—	—	—	12.000	1930/31
Jurema	Joel Acioli de Faro	Rosario	5	22x42	156	—	—	—	—	10.500	1930/31
Lagôa Grande	Passos & Irmãos	Rosario	6	20x36	51	—	—	—	—	4.000	1928/29
Lombada	Simão Bastos Sobral	Sto. Amaro	3	18x24	88	—	—	—	—	6.614	1939/40
Lourdes	Adolfo Acioli do Prado	Divina Pastora	9	18x28	396	—	—	—	—	20.936	1930/31
Mata Verde	João Gomes do Prado	Siriri	5	16x28	103	—	—	—	—	13.964	1930/31
Mato Grosso	Gonçalo de Faro Ro- lemberg	Maroim	11	22x36	345	—	—	—	—	35.891	1939/40
Nazaré	Julio Acioli do Prado	Divina Pastora	6	18x30	152	—	—	—	—	8.961	1934/35
N. S. da Con- ceição	Durval Cunha Maynard	Sto. Amaro	6	20x30	117	—	—	—	—	4.860	1930/31
N. S. da Purí- ficação	Ezequiel Manoel de Almeida	Capela	3	16x28	40	—	—	—	—	2.500	1931/32
Oitocentas	José Pais de Azevedo	Capela	3	18x30	40	—	—	—	—	2.500	1931/32
Oiteirinhos	Sá	Rosario	3	18x30	105	—	—	—	—	3.034	1935/36
Palmeira	Gonçalo Rolemberg do Prado	Japarutuba	11	22x42	466	—	3.000	—	—	50.163	1938/39
Paraizo	Leonardo Machado A. Menezes	Capela	3	20x30	101	—	—	—	—	3.500	1928/29
Patí	Gonçalves Diniz de Faro Dantas	Laranjeiras	3	18x30	129	—	—	—	—	4.375	1929/30
Patí	Viuva Valentim Prado	Laranjeiras	3	18x36	33	—	—	—	—	1.500	1928/29
Patí	Flavio Menezes Prado	Siriri	3	18x30	15	—	—	—	—	2.000	1931/32
Patí	Celso Vieira Dantas & Irmão	Rosario	8	16x28	143	—	—	—	—	6.000	1930/31
Pedras	Gonçalo Rolemberg do Prado	Maroim	8	22x42	416	—	—	—	—	37.109	1939/40
Pedras	Virgilio Silva de Souza	Capela	3	18x36	111	—	—	—	—	4.604	1939/40
Peri Peri	Dionisio de Faro Mota	Rosario	—	—	—	—	—	—	—	1.479	1929/30
Pilar	Freire & Irmãos	Laranjeiras	3	18x30	27	—	—	—	—	2.400	1930/31
Porto dos Bar- cos	Eduardo Vieira de An- drade	Riachuelo	6	18x28	125	—	—	—	—	6.822	1930/31
Priapú	Menezes & Irmãos	Sta. Luzia	3	22x34	164	—	—	—	—	10.177	1936/37
Proveito	Francisco Vieira do Andrade	Capela	11	16x32	244	—	—	—	—	38.670	1939/40
Rio Branco	Heliodoro Vasconcelos Prado	S. Cristovão	6	18x32	244	—	—	—	—	38.670	1939/40
Salobro	Miguel Acioli de Faro	Divina Pastora	3	24x48	429	—	—	—	—	10.674	1934/35
Sta. Barbara	Salastio Vieira de Melo	Divina Pastora	3	22x42	205	—	—	—	—	6.757	1935/36
Sta. Clara	Manoel R. R. da Cruz	Rosario	6	18x33	173	—	—	—	—	12.000	1930/31
Sta. Cruz	João Pais Madureira	Capela	8	18x30	174	—	—	—	—	15.310	1939/40
Sta. Maria	Filho	Laranjeiras	3	18x30	30	—	—	—	—	2.000	1930/31
	Sobral & Garcez	Riachuelo	6	18x30	149	—	—	—	—	6.504	1930/31

## 21 — APARELHAMENTO

## 212 — 6 — Relação das usinas e principais características da capacidade de produção

USINAS	PROPRIETARIOS	MUNICIPIOS	MOENDAS		Media diaria de produção de açúcar (saco de 60 quilos)	ALCOOL Distilarias		Refinaria anexa	Linhas ferreas proprias em qlms.	AÇUCAR Maior produção	
			N. de rolos	Dimensão polegadas		Capacidade diaria em litros				Saco 60 qls.	Safrá
						Anidro	Potavel				
Sta. Maria	Durval Barreto & Cia.	Siriri	3	18x30	87	—	—	—	—	2.900	1929/30
Sto. Antonio	Alipio V. Menezes	Sta. Luzia	5	2	18x30	114	—	—	—	5.445	1929/30
				3	16x30						
São Carlos	Silvio Sobral Garcez	Itaporanga	5	18x30	124	—	—	—	—	17.427	1930/31
São Diniz	Herdeiros de Pedro Diniz Gonçalves	Laranjeiras	6	3	18x30	143	—	—	—	6.467	1939/40
				3	18x28						
São Domingos	Joaquim Soares de Melo	Siriri	3	18x28	94	—	—	—	—	2.511	1926/27
São Felix	João Vieira de Melo	Divina Pastora	8	16x28	134	—	—	—	—	12.052	1930/31
São Felix	Paulo de Souza Vi- eira	Sta. Luzia	3	20x36	135	—	—	—	—	6.000	1930/31
São Francisco	Lafayete B. P. Franco	Laranjeiras	8	20x36	209	—	—	—	—	16.331	1939/40
São Francisco	Francisco Xavier de Andrade	Capela	3	24x55	283	—	—	—	—	3.372	1939/40
São João	Manoel Santos Silva	Riachuelo	8	—	260	—	—	—	—	21.701	1939/40
São João	Lourival Sobral & Ir- mãos	Japarutuba	3	45x52	19	—	—	—	—	3.646	1929/30
São João do Faleiro	Manoel dos Santos Silva	Laranjeiras	3	18x30	23	—	—	—	—	2.041	1930/31
São José	Adelia do Prado Franco	Laranjeiras	8	26x42	768	—	—	—	—	40.229	1939/40
São José	Cardoso & Irmãos	Itaporanga	3	18x30	90	—	—	—	—	3.948	1930/31
São José	Oscar Costa Leite	Sta. Luzia	6	19x29	169	—	—	—	—	8.470	1934/35
São José Jar- dim	José Soares da Silva Melo	Japarutuba	3	20x30	127	—	—	—	—	6.112	1930/31
São José do Junco	Ariovaldo Barreto	Capela	8	16x32	194	—	1.600	—	—	30.076	1939/40
São José do Capim Assú	João Gomes Vieira de Melo	Rosario	3	18x32	106	—	—	—	—	8.504	1939/40
São José	José Dionizio Soares	Estancia	3	18x30	90	—	—	—	—	1.200	1929/30
São Luiz	Menezes & Filhos	Laranjeiras	8	18x30	176	—	—	—	—	14.441	1930/31
São Paulo	Nestor Acioli de Faro	Riachuelo	8	16x28	104	—	200	—	—	10.900	1930/31
Sergipe	José Otoniel A. Mon- talvão	Laranjeiras	8	20x31	181	—	—	—	—	18.500	1930/31
Serra Negra	Joaquim M. A. Me- nezes	Rosario	5	2	19x42	277	—	—	—	10.980	1934/35
				3	22x42						
Socorro	Pedro Montalvão Amado	Socorro	6	18x30	127	—	—	—	—	4.234	1939/40
Soledade	José Francisco de Me- nezes Barreto	Japarutuba	3	18x30	102	—	—	—	—	7.504	1934/35
Tabua	Anizio Ezequiel de Barros	São Cristovão	8	16x28	121	—	—	—	—	8.468	1935/36
Tijuca	Francisco Pedro Bas- tos Freire	Campo de Brito	3	12x24	31	—	—	—	—	1.731	1930/31
Timbó	Jovino de Andrade Vi- eira	Japarutuba	11	14x24	134	—	200	—	—	10.000	1930/31
Tinguí	Teofilo de Freitas Barreto	Riachuelo	6	18x30	147	—	—	—	—	6.760	1927/28
Topo	José de Faro Rolem- berg	Japarutuba	3	17x36	154	—	—	—	—	6.080	1931/32
Trindade	Josino dos Santos Mendonça	Esp. Santo	3	18x28	23	—	—	—	—	2.103	1927/28
Varzea Grande	Herds. Manoel Vieira Melo	Rosario	8	18x36	192	—	—	—	—	16.202	1939/40
Varzinha	Suadecani & Cia.	Laranjeiras	6	24x34	222	—	—	—	—	15.771	1934/35



## 21 — APARELHAMENTO

## 212 — 6 — Relação das usinas e principais características da capacidade de produção

USINAS	PROPRIETARIOS	MUNICIPIOS.	MOENDAS		Media diaria de produção de açúcar (saco de 60 quilos)	ALCOOL Distilarias Capacidade diaria em litros		Refinaria anexa	Linhas terreas proprias em qlms.	AÇUCAR Maior produção	
			N. de rolos	Dimensão Polegadas		Anidro	Potavel			Saco 60 qls.	Safr
Varzinha	Antonio Nunes Barroso	Siriri	3	16x30	68	—	—	—	—	2.000	1930/31
Vassouras	Manoel Corrêa Dantas (Herds.)	Divina Pastora	8	22x36	422	—	—	—	—	35.500	1930/31
					14.413	—	12.200	—	26		
<b>Baía</b>											
Acutinga	José Augusto de Vilar	Cachoeira	8	24x48	398	—	—	—	—	7.940	1938/39
Aliaúca	S. A. Lavoura e Industrias Reunidas	Sto Amaro	11	32x66	1.148	—	—	Sim	26	156.637	1939/40
			2	26x60							
Aratú	S. A. Lavouras Reunidas	Salvador	6	24x48	408	—	—	—	1.480	37.500	1928/29
			8	22x48							
Cinco Rios	Cia. Usinas Bom Jardim	São Sebastião	11	26x54	709	—	—	—	20	78.287	1939/40
			3	26x48							
Dom João Itapetingui	Rodolfo Torino & Cia. Pinto & Cia.	São Francisco	6	26x44	286	—	—	—	12	30.544	1939/40
Lagoa	Aristides Borges Mendes	Sto. Amaro	6	24x48	379	—	—	—	16	43.000	1928/29
N. S. da Vitória	Santos Barreto & Cia.	Rio Real	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Murundú	Jaime Passos Leone	Sto. Amaro	6	24x42	156	—	3.000	—	—	12.238	1928/29
		Sto. Amaro	3	—	86	—	—	—	—	3.008	1939/40
Paranaguá	J. Costa Pinto & Cia.	Sto. Amaro	6	24x48	443	—	—	—	13	57.976	1939/40
			8	19x48							
Passagem Pitanga	Brandão, Araujo & Cia. Verissimo Martins	Sto. Amaro	8	26x48	547	—	—	—	—	51.307	1937/38
	Tourinho & Cia.	Mata de São João	6	24x48	373	—	1.500	—	10	25.524	1928/29
São Bento	S. A. Lavoura e Industria Reunidas	Sto. Amaro	11	30x60	1.377	—	—	—	28	122.733	1939/40
			2	28x30							
São Carlos	S. A. Lavoura e industria Reunidas	Sto. Amaro	11	26x54	870	—	—	—	20	65.825	1938/39
			2	24x54							
São Paulo	Veloso & Irmãos	São Francisco	9	24x42	405	—	—	—	1	25.000	1926/27
			5	26x48							
Sta. Eliza	S. A. Magalhães	São Sebastião	11	30x60	864	—	—	—	20	51.168	1937/38
			6	18x33							
Sta. Luzia	H. Costa & Cia.	Salvador	3	22x40	95	—	—	—	—	5.447	1937/38
			3	22x40							
Terra Nova	S. A. Lavoura e Industria Reunidas	Sto. Amaro	11	30x60	1.348	—	—	—	30	167.786	1939/40
			2	28x30							
Vitoria do Paraguassú	F. Muniz Barreto de Aragão Junior	Cachoeira	3	22x34	150	—	—	—	—	14.012	1939/40
					10.042	—	4.500	1	197		

## 21 — A P A R E L H A M E N T O

## 212 — 6 — Relação das usinas e principais características da capacidade de produção

USINAS	PROPRIETARIOS	MUNICIPIOS	MOENDAS		Média diaria de produção do açúcar (saco de 60 quilos)	ALCOOL Distilarias		Refinaria anexa	Linhas ferreas proprias em qlms.	AÇUCAR	
			N. de rolos	Dimensões polegadas		Capacidade diaria em litros				Saco 60 qls.	Safrá
						Anidro	Potavel				
Espirito Santo	Governo do Estado M. T. Carvalho de Brito	Anchieta	6	—	106	—	—	—	36	9.561	1929/30
Jabaquara		Itapemirim	11	30x60	670	5.000	2.700	—	—	52.117	1935/36
Paineiras					776	5.000	2.700	—	36		
Rio de Janeiro	Usinas Francisco Vasconcelos S. A.	Campos	6	{ 3 28x54	430	—	—	—	—	38.667	1929/30
Abadia			3	32x60							
Barcelos	Cia. Agricola e Industrial Magalhães	São João da Barra	11	{ 2 24x54	1.407	—	4.800	—	54	154.475	1936/37
			9	29x54							
Cambafba	Cia. Usina Cambafba	Campos	11	{ 2 22x54	1.151	—	8.000	—	30	131.214	1936/37
			9	26x54							
Carapebús	Usina Carapebús S. A.	Macaé	9	{ 3 26x54	933	—	8.000	—	7	77.604	1936/37
			6	28x54							
Conceição Macabú	Vitor Sence & Cia. Ltda.	Macaé	14	{ 2 26x54	940	8.000	8.000	—	15	83.998	1936/37
			12	28x54							
Cupim	Société de Sucreries Brésiliennes	Campos	11	28x54	1.178	20.000	14.000	—	80	165.251	1936/37
Laranjeiras	Cia. Engenho Central Laranjeiras	Itaocara	11	22x36	642	* 7.000	* 10.000	—	32	96.812	1939/40
Mineiros	Atilano C. de Oliveira	Campos	11	{ 2 24x54	986	—	—	—	5	143.113	1936/37
			9	26x54							
Novo Horizonte	Usina Novo Horizonte S. A.	Campos	8	24x48	308	—	3.000	—	8,9	15.601	1937/38
Outeiro Paraíso	Cia. Usina do Outeiro	Campos	11	24x48	926	5.000	5.000	—	42	119.538	1939/40
		Société de Sucreries Brésiliennes	Campos	11	28x54	1.042	—	—	—	34	152.931
Poço Gordo	Usina Poço Gordo S. A.	Campos	8	{ 2 24x54	717	—	—	—	24	110.271	1936/37
			6	26x54							
Porto Real	Nello Morganti & irmãos	Rezende	6	{ 3 28x60	424	—	3.600	Sim	22	84.347	1929/30
			3	22x40							
Pureza	Ferreira Machado & Cia. Ltd.	São Fidelis	8	{ 2 26x54	881	—	5.000	—	32	114.296	1937/38
			6	28x54							
Queimado	Julião Nogueira & Irmão	Campos	11	29x54	1.253	8.000	6.000	Sim	30	200.815	1936/37
Quissaman	Cia. Engenho Central de Quissaman	Macaé	11	32x66	1.920	15.000	5.000	—	56	156.227	1937/38
Rio Preto	João Pereira Pais	Campos	5	24x48	230	—	—	—	—	10.000	1929/30

## 21 — APARELHAMENTO

## 212 — 6 — Relação das usinas e principais características da capacidade de produção

USINAS	PROPRIETARIOS	MUNICIPIOS	MOENDAS		Media diaria de produção de apucar (saco de 60 quilos)	ALCOOL Distilarias Capacidade diaria em litros		Refinaria anexa	Linhas ferreas proprias em qfms.	AÇUCAR Maior produção	
			N. de rolos	Dimensão polegadas		Andiro	Potavel			Saco 60 qfms.	Safra
Sant'Ana Sta. Cruz	M. Ferreira Machado Sindicato Anglo Brasileiro S. A.	Campos	8	24x44	395	—	3.000	—	16	45.190	1939/40
		Campos	11	26x54 28x54	1.232	15.000	—	Sim	50	141.205	1939/40
Sta Izabel	João Ferreira Soares	Itaperuna	6	3 16 3   4x30 3 17 1   4x36	172	—	6.000	—	0,300	14.326	1937/38
Sta. Luiza	Sociedade Anonima Agricola Sta. Luiza	Saquarema	6	3 24x42 3 24x44	332	—	2.000	—	—	25.998	1939/40
		Campos	11	2 20x35 9 24x39	415	—	1.500	—	10	54.293	1936/37
Sto. Amaro	Cia Agricola Baixa Grande	Campos	8	26x54	600	—	—	—	12	71.047	1937/38
Sto. Antonio	Cia. Industrial e Agricola Sto. Antonio	Campos	8	24x54	559	—	2.000	—	—	69.940	1937/38
		Campos	8	26x54	—	—	—	—	—	—	—
São João	F. Lamego & Cia.	Campos	11	2 26x54 9 29x52	1.040	—	3.000	—	40	111.662	1936/37
São José	Usinas Francisco Vasconcelos S. A.	Campos	13	4 28x54 9 30x60	1.917	20.000	7.000	—	70	333.775	1936/37
		Campos	6	3 24x48 3 26x54	464	—	3.000	—	1	54.890	1936/37
Sapucaia Taí	Irmãos Sence & Cia. Saldanha & Irmão	Campos	6	30x60	683	5.000	6.000	—	30	79.495	1939/40
		Campos	6	26x54 3 22x45	622	—	—	—	20	55.984	1931/32
Tanguá	Grilo Paz & Cia.	Itaboraí	6	3 24x48	290	—	5.500	—	4,700	13.480	1939/40
					23.587	103.000	119.400	3	726		
São Paulo Albertina Amalia	Guilherme Schmidt Francisco Matarazzo Junior	Sertãozinho	9	18x30	352	—	1.000	—	—	40.413	1938/39
		Sta. Rosa	15	30 1   2x60 2 26x52 3 28x44	1.750	10.000	10.000	Sim	52	189.100	1938/39
Barbacena	Francisco Frascino	Sertãozinho	11	3 24x42 3 24x52	667	—	3.600	Sim	—	90.097	1937/38
Bôa Vista	Irmãos Omcto & Cia.	Piracicaba	8	18x30 3 15x19	309	—	8.000	—	—	42.888	1937/38
Bôa Vista	Vitorio Mazzer	Sertãozinho	6	3 17x21	28	—	—	—	—	3.600	1936/37
Petiro	— & Cia.	Capivari	5	18x30	129	—	3.000	—	—	8.522	1937/38
São José	Irmãos Abdalla Ltda.	Birigui	6	16x20	66	—	—	—	—	2.086	1937/38
Capuava	T. Svendsen & Mathiessen	Piracicaba	6	23x47	373	—	3.000	—	—	23.193	1939/40



## 21 — APARELHAMENTO

## 212 — 6 — Relação das usinas e principais características da capacidade de produção

USINAS	PROPRIETARIOS	MUNICIPIOS	MOENDAS		Media diaria de produção de açúcar (saco de 60 quilos)	ALCOOL Distilarias		Refinaria anexa	Linhas ferreas proprias em qlms.	AÇUCAR		
			N. de ro'os	Dimensão polegadas		Capacidade diaria em litros				Saco 60 qls.	Safrá	
						Anidro	Potavel					
Costa Pinto	Usina Costa Pinto Ltda.	Piracicaba	3	—	199	—	8.000	—	—	22.968	1939/40	
Da Pedra De Cillo	Irmãos Biagi Antonio De Cillo & Irmão	Cravinhos	8	18x30	190	—	3.000	—	2	18.956	1939/40	
Estér	Usina Estér Ltda.	Sta. Barbara	8	24x48	537	—	7.000	Sim	—	47.718	1937/38	
			5	28x52								
Furlan	Floravante Furlan & Irmãos	Sta. Barbara	11	26x52	1.216	8.000	10.000	Sim	40	130.012	1937/38	
			6									
Irmãos Azanha	Irmãos Azanha	Sta. Barbara	3	16x24	—	50	—	—	—	5.000	1929/30	
Itaquara	João B. Lima Figueiredo	Itapira	5	18x30	105	—	3.000	—	—	8.266	1939/40	
Itaquerê	Cia Itaquerê	Tapiratiba	8	20x36	345	—	3.000	—	23	47.017	1939/40	
Junqueira (usina nova)	Francisco Maximiano Junqueira	Araraquara	14	22x42	611	—	3.000	3.500	Sim	—	85.574	1936/37
Junqueira (usina velha)	Francisco Maximiano Junqueira	Igarapava	11	34x72	1.930	—	20.000	22.000	Sim	37.853	270.873	1936/37
Lambari	João Junqueira Franco	Igarapava	11	26x54	—	—	—	—	—	164.698	1931/32	
Miranda	S. A. Usina Miranda	Bebedouro	9	—	26	—	1.000	—	—	2.635	1939/40	
Monte Alegre	Refinadora Paulista S. A.	Pirajui	11	24x48	815	—	3.000	—	Sim	25	88.943	1939/40
N. S. Aparecida	Virgolino de Oliveira	Piracicaba	11	28x54	1.502	8.000	25.000	Sim	—	260.258	1939/40	
			3	20x30								
Paredão Piracicaba	Max Wirth Societé de Sucreries Brésiliennes	Itapira	6	16x24	158	—	8.000	Sim	—	14.918	1937/38	
			3									
			5									18x30
		Piracicaba	14	22x60	1.417	12.000	18.000	—	40	175.256	1939/40	
			12	30x60								
Porto Feliz	Societé de Sucreries Brésiliennes	Porto Feliz	14	26x54	2.036	17.500	18.000	—	70	236.454	1939/40	
			11	24x48								
Rochelle Sta. Barbara	Usina Rochelle Ltda. Cia. Estrada de Ferro e Agricola Sta. Barbara	Sta. Barbara	3	16x24	31	—	1.250	—	—	3.011	1939/40	
			14	3	34x72	1.868	6.000	8.000	Sim	40	180.600	1939/40
				2	23x55							
			9	33x59								
Sta. Cruz	Usina Santa Cruz S. A.	Capivari	8	22x42	308	—	5.000	—	—	26.063	1939/40	
			3	20x36								
Sta. Elisa	Irmãos Biagi & Pagano	Sertãozinho	11	16x29	189	—	4.000	—	Sim	—	17.992	1939/40
Sta. Lucia	Faraoni & Cia.	Vila Americana	3	19x36	152	—	2.400	—	—	7.500	1931/32	
			3	18x40								
São Vicente	João Marchesi	Sertãozinho	3	18x31	225	—	3.000	—	—	26.230	1936/37	
			3	18x35								
			3	19x41								
Schmidt	Usina Schmidt Ltda.	Sertãozinho	3	18x43	532	—	2.800	—	—	64.534	1937/38	
			8	21x43								
Tamandupá Tamoio	Paulo Meneghel Refinadora Paulista S. A.	Piracicaba	3	18x30	85	—	3.000	—	—	6.754	1937/38	
			22	34x72	3.190	30.000	20.000	Sim	55	242.410	1939/40	

## 21 — A P A R E L H A M E N T O

## 212 — 6 — Relação das usinas e principais características da capacidade de produção

U S I N A S	PROPRIETARIOS	MUNICIPIOS	MOENDAS		Media diaria de produção de açúcar (saco de 60 quilos)	A L C O O L		Refinaria anexa	Linhas ferreas propias em qlms.	A Ç U C A R	
			N. de ro'os	Dimensão polegadas		Distilarias				Saco 60 qls.	Safra
						Capacidade diaria em litros					
				Anidro	Potavel						
Vassununga	Cia. Usina Vassununga	Sta Rita Passa Quatro	11	20x36	563	3.000	3.500	—	—	60.261	1939/40
Vila Raffard	Société de Sucrieries Brésiliennes	Capivarí	11	30x60	1.923	17.500	18.000	Sim	56	238.997	1937/38
Sta. Catarina					23.984	138.000	234.650	14	441		
Adelaide	Sociedade Anonima Usina Adelaide	Itajaí	—	—	292	—	6.000	—	—	29.617	1935/36
Pedreira	Sociedade Cooperativa Pedreira Ltda.	Joinville	3	—	12	—	—	—	—	19.830	1939/40
São José	Fontes & Cia. Ltda.	Gaspar	6	60x40	26	—	1.200	Sim	—	1.075	1939/40
São Pedro	Empresa Industrial de Gaspar Ltda.	Gaspar	6	45x75	147	—	600	—	—	21.072	1937/38
Rio G. do Sul					476	—	7.800	1	—		
Sta. Marta	Açucareira Rio Gran- dense Ltda.	Osorio	—	—	52	—	1.000	—	—	2.917	1935/36
Minas Gerais					52	—	1.000	—	—		
Ana Florencia	Cia. Açucareira Vieira Martins	Ponte Nova	2 11 3	26x50 26x51 30x50	888	—	6.000	—	18	142.786	1935/36
Ariadnopolis	Sociedade Agricola Irmãos Azevedo	Campos Gerais	9	20x36	260	—	3.000	—	—	10.773	1937/38
Bôa Vista	Azarias de Brito So- brinho	Tres Pontes	3	14x27	45	—	—	—	—	2.812	1938/39
Bomfim	Conte Santo	Vila Nepomu- ceno	3 6 3	15x40 15x35	91	—	—	—	—	1.704	1937/38
Esmeril	José Vilela Barbosa	Bôa Esperança	—	—	29	—	—	—	—	1.291	1939/40
Jatiboca	Cia. Agricola Ponte- novense	Ponte Nova	8 11 3 17	14x20 12x30	122	—	1.500	—	—	11.645	1937/38
José Luiz	José Custodio Dias de Araujo	Campestre	8	18x30	180	—	—	—	—	9.157	1937/38
Malvina Dola- bela	Dolabela Portela & Cia. Ltda.	Bocaiuva	6	26x54	365	—	2.400	—	27	21.774	1937/38
Maria Sofia	Dolabela Portela & Cia. Ltda.	Bocaiuva	6	24x48	308	—	—	—	9	9.400	1930/31
Mendonça	Mendonça & Araujo	Conquista	11	18x32	192	—	—	—	—	23.493	1937/38
Monte Alegre	Jorge Vieira	Muzambinho	3	35x50	11	—	—	—	—	429	1939/40
Lindofa	João Carlos Belo Lisbôa	Rio Casca	3 5 2	20x30 20x29	115	—	1.000	—	—	6.976	1939/40
Paraiso	Oliveira, Povôa & Ca- bral	Cataguazes	6	60x80	41	—	—	—	—	1.089	1939/40
Passos	Cia Açucareira Flu- vial Passos Ltda.	Passos	2 8 6	20x42 20x42	292	—	2.400	—	200ms.	20.026	1937/38

# E.G.FONTE S<sub>z</sub>C

EXPORTADORES DE  
CAFÉ -- AÇUCAR -- MANGANÊS  
E OUTROS PRODUTOS NACIONAIS



IMPORTADORES DE TECIDOS E  
MERCADORIAS EM GERAL  
INSTALAÇÕES PARA A PRODUÇÃO  
DE ALCOOL ABSOLUTO PELO  
PROCESSO DAS USINES  
DE MELLE

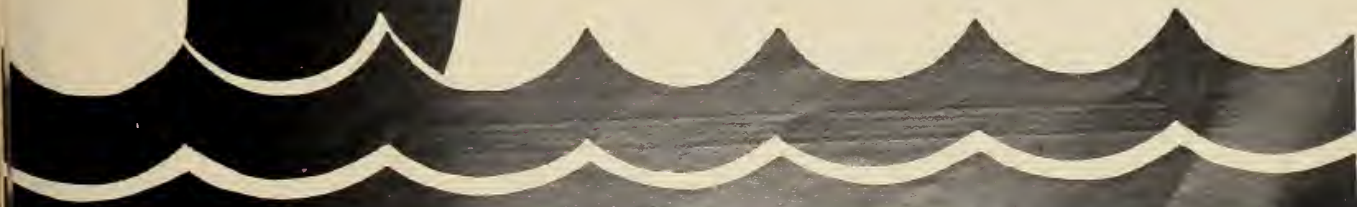
Rua da Candelaria, 42 - 44

TELEFONES { 23-2539  
23-5006  
23-2447

CAIXA DO CORREIO N.º 3

TELEGRAMAS: A FONTES - RIO

—: RIO DE JANEIRO :—





# Sociedade Açucareira de Rio Branco

(Société Sucrière de Rio Branco)

PROPRIETARIA DA

## Usina Rio Branco

Situada na cidade de RIO BRANCO, Estado de MINAS GERAIS

ENDEREÇO TELEGRÁFICO "COBRACO" — :— TELEFONE 64

CAPACIDADE DE PRODUÇÃO: 1.000 SACOS DE AÇUCAR POR DIA

### Fabricante do

Afamado açúcar cristal de primeira, extra branco, marca "Rio Branco"

Capacidade de produção de álcool: 1.500.000 litros por ano.

### Instalações para

Alcool anidro de 99°,9 a 99,8 de graduação.

Alcool potavel de 97°, extra fino, o mais procurado pelos fabricantes de licores.

Alcool-motor anidro, marca "URB", o mais antigo, o melhor e o mais econômico dos carburantes do Estado de Minas.

É nosso correspondente o

**Banco Hipotecario e Agrícola do Estado de Minas Gerais,**

com sede em Belo Horizonte e agencias em diversas praças do país, e que se encarrega de encaminhar qualquer negocio de nossa firma.

## 21 — APARELHAMENTO

## 212 — 6 — Relação das usinas e principais características da capacidade de produção

USINAS	PROPRIETARIOS	MUNICIPIOS	MOENDAS		Média diária de produção de açúcar (saco de 60 quilos)	ALCOOL		Refinaria anexa	Linhas ferreas proprias em qms.	AÇUCAR	
			N. de rolos	Dimensão polegadas		Distilarias				Saco 60 qts.	Safrá
						Capacidade diária em litros	Potavel				
Pedrao	Pereira Osorio Maud & Cia. Ltda.	Pedra Branca	3	18x24	137	—	550	—	—	13.830	1937/38
			6	3							
Pontal	Manoel Marinho Camarão	Ponte Nova	8	14x20	128	—	2.500	—	—	15.219	1939/40
Ribeiro	Francisco Ribeiro Oliveira	Uberlandia	3	17x35	130	—	—	—	—	3.453	1939/40
			6	3							
Rio Branco	Société Sucièrre de Rio Branco	Rio Branco	9	30x60	1.102	5.000	5.000	—	22	104.793	1937/38
Sta. Cruz	João Torrent Gibert	Rio Branco	3	18x34	119	—	—	—	—	3.537	1937/38
			6	3							
Sta. Helena	J. Bernardino & Filhos	Conceição do Rio Verde	3	18x30	105	—	1.500	Sim	—	5.498	1935/36
			6	3							
Sta. Tereza	A. Souza & Filhos	Cataguazes	3	17 1/2x35	175	—	—	—	—	6.496	1937/38
			6	3							
São João	Pinto Bouchardet & Cia.	Rio Branco	11	11x20	144	—	2.500	Sim	—	13.993	1937/38
São José	Carlos Trivelato	Ponte Nova	2	18x28	139	—	—	—	—	5.100	1937/38
			8	6							
São Sebastião Tangará	Bueno Torrent & Cia. Mario Pinto Bouchardet	Rio Branco	3	14x20	26	—	—	—	—	810	1937/38
Ubaense	Mario Pinto Bouchardet	Uba	9	18x30	50	—	—	Sim	—	4.473	1933/34
		Uba	8	14x20	286	—	1.000	—	150ms.	22.239	1935/36
			16	5 18 1/2x36							
Volta Grande	Comp. Açucareira de Volta Grande S. A.	Além Paraíba	6	20x36	147	—	6.000	—	1	12.356	1936/37
					5.616	5.000	35.350	3	77		
Mato Grosso Aricá	Virginio Nunes Ferraz	Sto. Antonio do Rio Abaixo	—	—	55	—	4.000	—	6	4.428	1929/30
Conceição	João Celestino C. Cardoso	Sto. Antonio do Rio Abaixo	—	—	40	—	1.500	—	3	2.627	1939/40
Flexas	João Pedro de Arruda	Sto. Antonio do Rio Abaixo	—	—	27	—	100	—	—	3.195	1937/38
Ressaca	Vilanova Torres & Cia.	São Luiz de Caceres	—	—	59	—	—	—	—	2.923	1929/30
Sta. Fé	Oton Nunes da Cunha	Poconé	—	—	19	—	300	—	—	967	1932/33
Sto. Antonio	Palmiro P. de Barros	Sto. Antonio do Rio Abaixo	—	—	117	—	500	—	—	5.750	1929/30
Sto. Antonio Ltda.	Usina Açucareira Sto. Antonio Ltda.	Miranda	6	—	271	—	—	—	—	8.116	1939/40
São Beredito	Joaquim Cursiuo C. da Costa	Sto. Antonio do Rio Abaixo	6	—	132	—	230	—	6	1.575	1928/29
São Gonçalo	Julio Genesio Martins Pereira	Cuiabá	—	—	58	—	2.400	—	—	11.000	1929/30
São Miguel	Francisco Pinto de Oliveira	Sto. Antonio do Rio Abaixo	—	—	64	—	1.000	—	—	3.000	1926/27
					842	—	10.000	—	15		
Goiáz Ipanema	Antonio Sales	Catalão	3	14x22	35	—	—	—	—	3.880	1937/38
<b>BRASIL</b>					132.524	399.000	746.245	30	4.030		



## 21 — A P A R E L H A M E N T O

212 — Capacidade de produção das Usinas, Engenhos e Distilarias  
7 — Índice da capacidade de produção das Usinas por Estado

ESTADOS	Número de usinas	Capacidade das moendas em 24 horas Toneladas	A Ç U C A R				Refina-rias anexas	Linhas ferreas próprias kllms.
			Media de fabricação diaria (s. de 60 qls.)	Maior produção verificada em cada Estado		Limite de produção (s. de 60 qls.)		
				Produção (s. de 60 qls.)	Safras			
Pará . . . . .	6	215	310	7.946	1936/37	14.238	—	—
Maranhão . . . . .	4	540	459	10.324	1931/32	9.789	—	20
Piauí . . . . .	1	200	200	3.150	1930/31	2.678	—	—
Ceará . . . . .	2	347	231	16.013	1939/40	14.912	—	—
Rio Grande do Norte . . . . .	3	571	617	49.949	1939/40	41.531	—	4
Paraíba . . . . .	9	2.323	2.907	326.412	1939/40	229.412	—	92
Pernambuco . . . . .	69	34.413	51.972	5.215.913	1939/40	4.514.006	6	2.155
Alagoas . . . . .	32	10.499	16.274	1.817.698	1939/40	1.381.887	2	241
Sergipe . . . . .	88	11.861	14.413	843.329	1939/40	728.145	—	26
Baía . . . . .	19	7.775	10.042	848.887	1939/40	688.774	1	197
Espirito Santo . . . . .	2	850	776	52.117	1935/36	50.000	—	36
Rio de Janeiro . . . . .	30	15.838	23.587	2.615.923	1936/37	2.024.002	3	726
São Paulo . . . . .	36	15.376	23.984	2.464.064	1939/40	2.088.420	14	441
Sta. Catarina . . . . .	4	392	476	49.895	1939/40	54.425	1	—
Rio Grande do Sul . . . . .	1	48	52	2.917	1934/35	6.318	—	—
Minas Gerais . . . . .	28	4.334	5.616	414.023	1937/38	372.004	3	77
Goiaz . . . . .	1	40	35	3.880	1937/38	5.000	—	—
Mato Grosso . . . . .	10	1.126	842	31.787	1929/30	28.669	—	15
<b>B R A S I L . . . . .</b>	<b>345</b>	<b>106.748</b>	<b>152.793</b>			<b>12.254.210</b>	<b>30</b>	<b>4.030</b>

CONTINUAÇÃO

## (Distilarias anexas às Usinas)

ESTADOS	A L C O O L						Maior produção verificada em cada Estado (litros)	SAFRA
	Número de distilarias			Capacidade diaria (litros)				
	Anidro	Potavel	Total	Anidro	Potavel	Total		
Pará . . . . .	—	5	5	—	1.910	1.910	385.902	1931/32
Maranhão . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—
Piauí . . . . .	—	1	1	—	1.200	1.200	8.500	1932/33
Ceará . . . . .	—	2	2	—	3.000	3.000	8.427	1931/32
Rio Grande do Norte . . . . .	—	2	2	—	3.000	3.000	98.540	1939/40
Paraíba . . . . .	—	5	5	—	9.350	9.350	927.300	1939/40
Pernambuco . . . . .	6	55	61	115.000	258.495	373.495	34.497.379	1938/39
Alagoas . . . . .	3	15	18	33.000	41.760	74.760	7.595.947	1939/40
Sergipe . . . . .	—	5	5	—	12.200	12.200	877.650	1935/36
Baía . . . . .	—	2	2	—	4.500	4.500	2.245.371	1930/31
Espirito Santo . . . . .	1	1	2	5.000	2.700	7.700	343.650	1936/37
Rio de Janeiro . . . . .	9	22	31	103.000	119.400	222.400	24.505.288	1938/39
São Paulo . . . . .	12	32	44	138.000	234.550	372.550	29.694.287	1939/40
Santa Catarina . . . . .	—	3	3	—	7.800	7.800	711.123	1936/37
Rio Grande do Sul . . . . .	—	1	1	—	1.000	1.000	76.574	1936/37
Minas Gerais . . . . .	1	13	14	5.000	35.350	40.350	2.728.296	1937/38
Goiaz . . . . .	—	—	—	—	—	—	88.000	1932/33
Mato Grosso . . . . .	—	8	8	—	10.030	10.030	288.176	1937/38
<b>B R A S I L . . . . .</b>	<b>32</b>	<b>172</b>	<b>204</b>	<b>309.000</b>	<b>746.245</b>	<b>1.145.245</b>		

## 21 — APARELHAMENTO

212 — 8 — Quadro demonstrativo da equivalencia indispensavel entre a capacidade das moendas e o aparelhamento técnico correspondente, nas usinas de açúcar

Toneladas de cana		Moendas		Caldo Hect. p/hora	Caldeiras HP	Aq. caldo (Sup. aquec.)		Defecadores (Sup. aquec.)	
24 horas	por hora	Nº rolos	Dimen.			m2	4,5	m2	16,5
50	2,083	3	16x24	14,58	80	m2	4,5	m2	16,5
75	3,125	3	18x26	21,10	120		7,0		24,5
100	4,166	3	18x36	29,16	160		9,5		32,5
125	5,208	3	20x36	36,45	200		12,0		41,0
150	6,249	3	22x36	43,74	240		14,0		49,0
200	8,332	3	24x42	58,32	320		18,5		65,0
250	10,415	6	22x42	72,90	400		23,5		81,5
300	12,498	6	24x42	87,48	480		28,0		97,5
400	16,664	8	24x48	116,64	640		37,0		130,0
500	20,830	11	26x48	145,81	800		46,5		162,5
600	24,996	11	26x54	174,97	960		56,0		—
700	29,162	11	28x54	204,13	1120		65,0		—
800	33,328	11	30x51	233,29	1280		74,5		—
900	37,494	11	30x60	262,45	1440		84,0		—
1000	41,660	14	30x60	291,60	1600		93,0		—
1100	45,826	14	30x66	320,78	1760		102,0		—
1200	49,992	14	30x72	349,94	1920		111,5		—
1300	54,158	14	32x66	379,10	2080		121,0		—
1400	58,324	14	32x72	408,26	2240		130,0		—
1500	62,490	14	34x72	437,43	2400		139,5		—
1600	66,656	14	34x76	466,59	2560		148,5		—
1700	70,822	14	34x78	495,75	2720		158,0		—
1800	74,988	14	36x72	524,91	2880		167,5		—
1900	79,154	14	36x78	554,07	3040		176,5		—
2000	83,320	14	36x84	583,24	3200		186,0		—

(CONTINUAÇÃO)

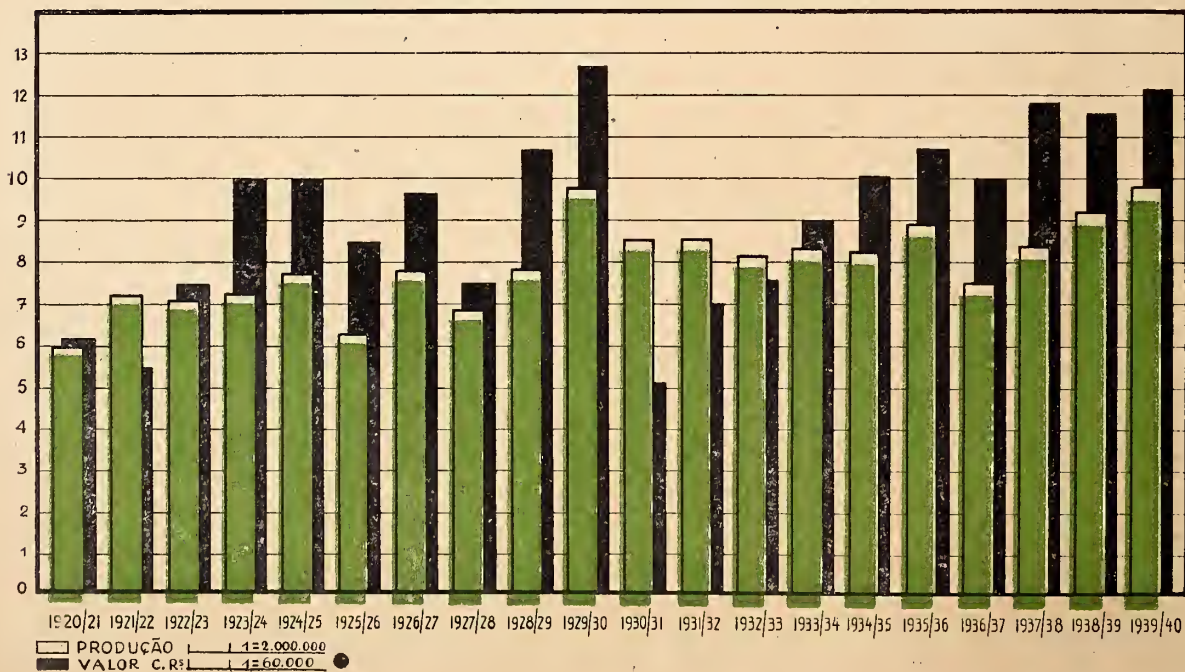
Toneladas de cana		Filtros		Evaporadores (sup. aquec.)	Tachos vacuos (Sup. aquec.)	CENTRIFUGAS 1ª Inferiores (area de orivação)							
24 horas	por hora	Placas Vacuo (area filtrante)				m2	9,3	m2	0,68				
50	2,083	m2	18,5	m2	1,0	Te.	46,5	m2	9,3	m2	0,34	m2	0,68
75	3,125		27,8		1,4		69,5		13,9		0,51		1,02
100	4,166		37,2		1,9		93,0		18,6		0,68		1,36
125	5,208		46,4		2,3		116,0		23,2		0,85		1,70
150	6,249		55,7		2,8		139,5		27,8		1,02		2,04
200	8,332		74,3		3,7		186,0		37,2		1,36		2,72
250	10,415		92,9		4,6		232,5		46,5		1,70		3,40
300	12,498		111,4		5,5		279,0		55,7		2,04		4,08
400	16,664		148,6		7,5		371,5		74,3		2,72		5,44
500	20,830		185,8		9,3	Qe.	464,5		92,9		3,40		6,80
600	24,996		222,9		11,1		557,5		111,5		4,08		8,16
700	29,162		260,1		13,0		650,5		130,0		4,76		9,52
800	33,328		297,2		15,0		743,5		148,6		5,44		10,88
900	37,494		334,4		16,7		836,0		167,2		6,12		12,24
1000	41,660		371,6		18,6		929,0		185,8		6,80		13,60
1100	45,826		408,7		20,4		1022,0		204,3		7,48		14,96
1200	49,992		445,9		22,3		1145,0		222,9		8,16		16,32
1300	54,158		483,0		24,1		1208,0		241,5		8,84		17,68
1400	58,324		520,2		26,0		1300,5		260,2		9,52		19,04
1500	62,490		557,4		27,9		1393,5		278,7		10,30		20,40
1600	66,656		594,5		29,7		1486,5		297,2		10,88		21,76
1700	70,822		631,7		31,6		1579,5		315,8		11,56		23,12
1800	74,988		668,8		33,4		1672,5		334,1		12,24		24,48
1900	79,154		706,0		35,3		1765,0		353,0		12,92		25,84
2000	83,320		743,2		37,2		1858,0		371,6		13,60		27,20

NOTA: A expressão foi calculada em 70% e a pureza do mel foi considerada 86%. O volume total de decantação pode ser estimado em relação ao volume horário do caldo. — Te — Triplice efeito. Qe — quádruplo efeito.  
(Mapa organizado por Anibal R. Matos, assistente técnico do I. A. A., Inspeção do Recife).

221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

11 — Quantidade e valor — 1920/21 — 1939/40

S A F R A S	Produção (Scs. 60 qls.)	Valor em contos de réis	Preço medio por sacco de 60 qls.
1920/21.. . . . .	12.127.978	375.944	30\$998
1921/22.. . . . .	14.340.872	332.625	23\$194
1922/23.. . . . .	14.209.028	450.874	31\$731
1923/24.. . . . .	14.371.862	598.881	41\$670
1924/25.. . . . .	15.370.394	599.718	39\$017
1925/26.. . . . .	12.489.362	518.242	41\$494
1926/27.. . . . .	15.592.480	589.990	37\$838
1927/28.. . . . .	13.869.433	457.556	32\$990
1928/29.. . . . .	15.699.989	656.045	41\$786
1929/30.. . . . .	19.601.272	775.292	39\$553
1930/31.. . . . .	16.996.145	384.336	22\$613
1931/32.. . . . .	17.125.279	432.836	25\$274
1932/33.. . . . .	16.269.997	468.764	28\$811
1933/34.. . . . .	16.602.100	547.671	32\$988
1934/35.. . . . .	16.554.703	622.779	37\$619
1935/36.. . . . .	17.900.199	659.539	36\$845
1936/37.. . . . .	14.996.654	609.308	40\$629
1937/38.. . . . .	16.742.712	713.787	42\$632
1938/39.. . . . .	18.339.728	682.046	37\$189
1939/40.. . . . .	19.631.952	730.947	37\$232





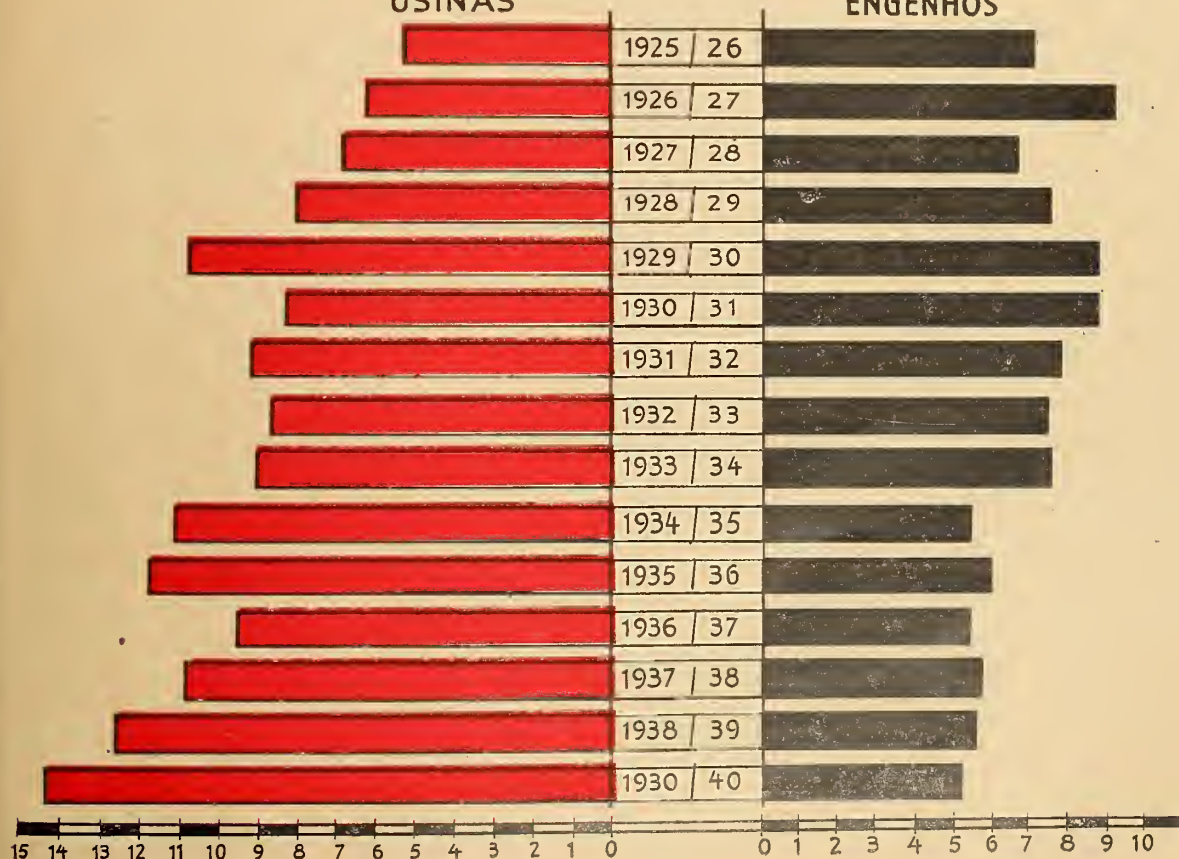
## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

## 12 — Discriminação por categoria de fábrica — 1925/26 — 1939/40

SAFRAS	PRODUÇÃO EM SACOS DE 60 QUILOS			% SOBRE O TOTAL	
	Usinas	Engenhos	Total	Usinas %	Engenhos %
1925/26	5.282.071	7.207.291	12.489.362	42,3	57,7
1926/27	6.378.360	9.214.120	15.592.480	40,9	59,1
1927/28	6.992.551	6.876.882	13.869.433	50,4	49,6
1928/29	8.000.407	7.699.582	15.699.989	50,9	49,1
1929/30	10.804.031	8.797.238	19.601.272	55,1	44,9
1930/31	8.256.153	8.739.992	16.996.145	48,6	51,4
1931/32	9.156.948	7.968.331	17.125.279	53,4	46,6
1932/33	8.745.779	7.524.218	16.269.997	53,7	46,3
1933/34	9.049.590	7.552.510	16.602.100	54,5	45,5
1934/35	11.136.010	5.418.693	16.554.703	67,3	32,7
1935/36	11.841.087	6.059.112	17.900.199	66,2	33,8
1936/37	9.550.214	5.446.440	14.996.654	63,7	36,3
1937/38	10.907.204	5.835.508	16.742.712	65,1	34,9
1938/39	12.702.719	5.637.009	18.339.728	69,3	30,7
1939/40	14.406.239	5.225.713	19.631.952	73,4	26,6

## USINAS

## ENGENHOS



## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

## 21 — Produção de usinas

ESTADOS	SACOS DE 60 QUILOS					
	MEDIA 1930/31—1934/35	1935/36	1936/37	1937/38	1938/39	1939/40
Acre . . . . .	—	—	—	—	—	—
Amazonas . . . . .	—	—	—	—	—	—
Pará . . . . .	3.493	6.269	7.946	6.464	6.251	7.479
Maranhão . . . . .	6.880	8.600	7.298	9.383	7.391	5.635
Piauí . . . . .	2.501	1.790	1.350	2.004	2.620	1.700
Ceará . . . . .	1.813	3.119	1.198	7.884	13.195	16.013
Rio Grande do Norte . . . . .	21.820	28.840	28.512	24.034	38.063	49.949
Paraíba . . . . .	135.140	219.223	139.768	104.892	220.953	326.412
Pernambuco . . . . .	3.550.772	4.588.761	2.122.793	3.080.160	4.974.561	5.215.913
Alagoas . . . . .	995.475	1.074.873	669.535	901.567	1.588.786	1.817.698
Sergipe . . . . .	504.287	741.022	531.067	524.560	628.486	843.329
Baía . . . . .	544.889	518.612	652.470	801.277	568.199	848.887
Espirito Santo . . . . .	24.692	52.117	46.436	37.365	36.951	40.579
Rio de Janeiro . . . . .	1.625.989	2.107.651	2.615.923	2.513.960	2.023.707	2.308.122
São Paulo . . . . .	1.604.299	2.032.083	2.248.370	2.408.772	2.198.510	2.464.064
Paraná . . . . .	—	—	—	—	—	—
Santa Catarina . . . . .	19.667	41.897	47.304	46.673	41.686	49.895
Rio Grande do Sul . . . . .	1.574	2.455	1.085	403	—	—
Minas Gerais . . . . .	207.801	394.395	408.229	414.023	328.240	384.361
Goiaz . . . . .	440	1.891	1.359	3.880	583	1.047
Mato Grosso . . . . .	17.364	17.489	19.571	19.903	24.537	25.166
<b>B R A S I L . . . . .</b>	<b>9.268.896</b>	<b>11.841.087</b>	<b>9.550.214</b>	<b>10.907.204</b>	<b>12.702.719</b>	<b>14.406.239</b>

## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

## 22 — Produção de engenhos

ESTADOS	SACOS DE 60 QUILOS					
	MEDIA 1930/31—1934/35	1935/36	1936/37	1937/38	1938/39	1939/40
Acre . . . . .	14.509	12.919	10.464	9.240	11.533	9.517
Amazonas . . . . .	5.907	9.793	7.922	7.326	6.968	7.887
Pará . . . . .	20.441	18.391	23.452	21.810	19.628	44.500
Maranhão . . . . .	49.371	46.587	37.014	24.729	48.826	46.400
Piauí . . . . .	64.065	38.193	30.925	35.504	38.520	38.700
Ceará . . . . .	500.914	476.915	386.301	182.720	308.226	328.915
Rio Grande do Norte . . . . .	146.749	222.784	220.556	187.472	151.355	109.109
Paraíba . . . . .	215.273	401.306	256.836	193.243	252.383	248.960
Pernambuco . . . . .	1.122.693	859.200	395.232	515.232	568.060	598.347
Alagoas . . . . .	559.898	440.992	273.415	353.252	377.950	451.715
Sergipe . . . . .	90.261	123.651	87.792	56.200	66.130	52.086
Baía . . . . .	1.263.398	485.292	613.015	806.612	596.890	397.834
Espirito Santo . . . . .	158.450	106.165	131.565	83.765	98.972	79.427
Rio de Janeiro . . . . .	202.817	105.633	130.821	140.296	98.893	118.732
São Paulo . . . . .	218.583	300.481	332.385	400.819	282.528	347.975
Paraná . . . . .	68.839	11.866	13.685	14.765	12.937	14.836
Santa Catarina . . . . .	85.815	84.482	95.465	226.283	248.968	268.527
Rio Grande do Sul . . . . .	771.225	12.265	13.859	20.300	48.750	35.720
Minas Gerais . . . . .	1.560.714	2.112.406	2.175.583	2.394.861	2.248.917	1.897.314
Goiaz . . . . .	302.233	186.926	206.971	158.091	147.595	122.500
Mato Grosso . . . . .	20.593	2.865	3.172	2.988	2.986	6.712
<b>B R A S I L . . . . .</b>	<b>7.440.748</b>	<b>6.059.112</b>	<b>5.446.440</b>	<b>5.835.508</b>	<b>5.637.009</b>	<b>5.225.713</b>



## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

## 23 — Produção total

ESTADOS	SACOS DE 60 QUILOS					
	MEDIA	1935/36	1936/37	1937/38	1938/39	1939/40
	1930/31—1934/35					
Acre..	14.510	12.919	10.464	9.240	11.533	9.517
Amazonas..	5.907	9.793	7.922	7.326	6.968	7.887
Pará..	23.934	24.660	31.398	28.274	25.879	51.969
Maranhão..	56.251	55.187	41.312	44.887	56.217	52.035
Piauí..	66.566	39.983	32.285	26.733	41.140	40.400
Ceará..	502.727	480.034	387.499	190.604	321.421	344.928
Rio Grande do Norte..	168.569	251.624	249.068	211.506	189.418	159.058
Paraíba..	350.413	620.529	396.604	298.135	473.336	575.372
Pernambuco..	4.673.466	5.447.961	2.518.025	3.595.392	5.542.621	5.814.260
Alagoas..	1.555.371	1.515.865	942.950	1.254.819	1.966.736	2.269.413
Sergipe..	594.548	864.673	618.859	580.760	694.616	895.415
Baía..	1.808.287	1.003.904	1.265.485	1.607.889	1.165.089	1.246.721
Espirito Santo..	183.142	158.282	178.001	121.130	135.923	120.006
Rio de Janeiro..	1.828.805	2.213.284	2.746.744	2.654.256	2.122.600	2.426.854
São Paulo..	1.822.883	2.332.564	2.580.755	2.809.591	2.481.038	2.812.039
Paraná..	68.739	11.866	13.685	14.765	12.937	14.836
Santa Catarina..	103.481	126.379	142.769	272.956	290.654	318.422
Rio Grande do Sul..	772.800	14.720	14.944	20.703	48.750	35.720
Minas Gerais..	1.768.515	2.506.801	2.582.812	2.808.884	2.577.157	2.281.675
Goias..	302.673	188.817	208.330	161.971	148.178	123.547
Mato Grosso..	37.958	20.354	22.743	22.891	27.517	31.878
<b>B R A S I L . . . . .</b>	<b>16.709.645</b>	<b>17.900.199</b>	<b>14.996.654</b>	<b>16.742.712</b>	<b>18.339.728</b>	<b>19.631.952</b>

## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

## 24 — Valor

ESTADOS	VALOR EM CONTOS DE RÊIS					
	MEDIA	1935/36	1936/37	1937/38	1938/39	1939/40
	1930/31—1934/35					
Acre..	290	387	471	427	519	428
Amazonas..	118	294	357	351	326	369
Pará..	689	740	1.413	1.358	1.211	2.464
Maranhão..	1.187	2.285	1.861	2.019	2.529	2.435
Piauí..	1.308	1.439	1.511	1.315	1.926	1.915
Ceará..	10.225	20.161	17.437	8.806	14.463	15.522
Rio Grande do Norte..	3.642	7.247	10.461	9.518	8.297	7.157
Paraíba..	9.984	22.339	16.657	13.416	19.880	24.166
Pernambuco..	124.007	179.783	90.649	140.220	166.279	174.428
Alagoas..	38.360	50.022	32.249	46.679	50.002	68.082
Sergipe..	15.252	25.940	22.279	21.604	18.755	26.862
Baía..	50.113	34.936	53.150	67.531	41.943	46.378
Espirito Santo..	4.858	5.508	8.010	5.597	6.116	5.544
Rio de Janeiro..	59.083	92.958	112.067	119.442	92.968	104.840
São Paulo..	74.466	97.963	116.131	129.803	111.647	126.542
Paraná..	1.986	463	591	664	544	640
Santa Catarina..	2.863	3.033	4.283	9.008	9.242	10.126
Rio Grande do Sul..	29.456	550	673	956	2.193	1.629
Minas Gerais..	55.328	105.286	108.520	126.400	115.969	104.044
Goias..	7.049	7.364	9.375	7.289	6.668	5.560
Mato Grosso..	1.013	855	1.160	1.384	1.569	1.817
<b>B R A S I L . . . . .</b>	<b>491.277</b>	<b>659.539</b>	<b>609.308</b>	<b>713.787</b>	<b>682.046</b>	<b>730.947</b>

## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

## 3 — Discriminação segundo os tipos fabricados

## 31 — Safra de 1936/37

## SACOS DE 60 QUILOS

ESTADOS	TIPOS DE AÇUCAR					TOTAIS
	Cristal	Demerara	Mascavo	Bruto	Rapadura	
Acre.. . . . .	—	—	—	8.685	1.779	10.464
Amazonas.. . . . .	—	97	—	3.130	4.695	7.922
Pará.. . . . .	7.946	262	—	20.871	2.319	31.398
Maranhão.. . . . .	6.002	2.932	—	16.981	18.397	44.312
Piauí.. . . . .	1.350	511	—	1.825	28.599	32.285
Ceará.. . . . .	1.198	—	—	7.726	378.575	387.499
Rio Grande do Norte.. . . . .	28.512	—	—	149.978	70.578	249.068
Paraíba.. . . . .	139.553	215	—	25.684	231.152	396.604
Pernambuco.. . . . .	2.106.166	6.230	10.397	328.043	67.189	2.518.025
Alagoas.. . . . .	359.709	308.536	1.290	218.732	54.683	942.950
Sergipe.. . . . .	465.898	43.154	22.015	84.280	3.512	618.859
Baía.. . . . .	648.680	5.066	891	403.160	207.688	1.265.485
Espirito Santo.. . . . .	43.683	2.878	—	111.724	19.716	178.001
Rio de Janeiro.. . . . .	1.949.875	606.343	59.705	68.027	62.794	2.746.744
São Paulo.. . . . .	1.853.480	430.679	6.476	194.380	95.740	2.580.755
Paraná.. . . . .	—	514	—	3.161	10.010	13.685
Santa Catarina.. . . . .	41.036	6.268	—	81.145	14.320	142.769
Rio Grande do Sul.. . . . .	1.085	—	—	10.533	3.326	14.944
Minas Gerais.. . . . .	390.886	33.964	6.593	753.329	1.399.040	2.583.812
Goiás.. . . . .	1.359	2.075	—	127.036	77.860	208.330
Mato Grosso.. . . . .	18.492	650	481	562	2.558	22.743
<b>B R A S I L.. . . . .</b>	<b>8.064.910</b>	<b>1.450.374</b>	<b>107.848</b>	<b>2.618.992</b>	<b>2.754.530</b>	<b>14.996.654</b>

## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

## 3 — Discriminação segundo os tipos fabricados

## 32 — Safra de 1937/38

SACOS DE 60 QUILOS

ESTADOS	TIPOS DE AÇUCAR					TOTAIS
	Cristal	Demerara	Mascavo	Bruto	Rapadura	
Acre . . . . .	—	—	—	3.361	1.848	9.240
Amazonas . . . . .	—	19	—	7.392	3.946	7.326
Pará . . . . .	6.464	151	—	20.143	1.516	28.274
Maranhão . . . . .	7.221	2.522	1.476	17.507	16.161	44.887
Piauí . . . . .	2.004	207	—	25	24.497	26.733
Ceará . . . . .	7.884	—	—	1.827	180.893	190.604
Rio Grande do Norte . . . . .	23.804	—	230	136.855	50.617	211.506
Paraíba . . . . .	104.606	286	—	23.189	170.054	298.135
Pernambuco . . . . .	3.056.205	6.554	17.401	396.729	118.503	3.595.392
Alagoas . . . . .	577.828	322.651	1.088	342.654	10.598	1.254.819
Sergipe . . . . .	474.661	31.060	18.839	51.142	5.058	580.760
Baía . . . . .	783.434	16.269	1.574	258.116	548.496	1.607.889
Espírito Santo . . . . .	35.781	2.103	—	58.272	24.974	121.130
Rio de Janeiro . . . . .	2.250.836	238.845	24.466	77.060	63.049	2.654.256
São Paulo . . . . .	2.005.208	446.271	—	257.841	100.271	2.809.591
Paraná . . . . .	—	—	—	5.906	8.859	14.765
Santa Catarina . . . . .	40.461	5.999	268	223.966	2.262	272.956
Rio Grande do Sul . . . . .	403	70	—	16.791	3.439	20.703
Minas Gerais . . . . .	396.658	36.184	6.426	829.366	1.540.250	2.808.884
Goiás . . . . .	3.380	1.762	—	137.570	18.759	161.971
Mato Grosso . . . . .	17.535	1.927	441	1.255	1.733	22.891
<b>B R A S I L . . . . .</b>	<b>9.794.873</b>	<b>1.112.880</b>	<b>72.209</b>	<b>2.866.967</b>	<b>2.895.783</b>	<b>16.742.712</b>

## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

## 3 — Discriminação segundo os tipos fabricados

## 33 — Safra de 1938/39

SACOS DE 60 QUILOS

ESTADOS	TIPOS DE AÇUCAR					TOTAIS
	Cristal	Demerara	Mascavo	Bruto	Rapadura	
Acre.....	—	—	—	9.226	2.307	11.533
Amazonas.....	—	—	—	3.205	3.763	6.968
Pará.....	6.251	197	—	18.071	1.360	25.879
Maranhão.....	5.865	1.869	1.207	24.584	22.692	56.217
Piauí.....	2.620	487	—	38	37.995	41.140
Ceará.....	13.195	37	—	3.082	305.107	321.421
Rio Grande do Norte.....	37.233	830	—	110.489	40.866	189.418
Paraíba.....	220.565	388	—	30.286	222.097	473.336
Pernambuco.....	4.145.837	810.023	18.701	437.406	130.654	5.542.621
Alagoas.....	973.592	614.926	268	366.612	11.338	1.966.736
Sergipe.....	574.677	31.178	22.631	60.178	5.952	694.616
Baía.....	516.002	49.623	3.144	190.822	405.498	1.165.089
Espirito Santo.....	36.951	414	—	29.567	68.991	135.923
Rio de Janeiro.....	1.687.654	292.290	43.763	54.391	44.502	2.122.600
São Paulo.....	1.865.145	362.680	5.081	178.655	69.477	2.481.038
Paraná.....	—	556	—	4.952	7.429	12.937
Santa Catarina.....	37.239	4.105	382	246.439	2.489	290.654
Rio Grande do Sul.....	—	—	—	40.463	8.287	48.750
Minas Gerais.....	315.709	29.998	3.555	779.763	1.448.132	2.577.157
Goiás.....	583	1.414	—	128.639	17.542	148.178
Mato Grosso.....	24.314	40	223	1.235	1.705	27.517
<b>BRASIL.....</b>	<b>10.463.432</b>	<b>2.201.055</b>	<b>98.955</b>	<b>2.718.103</b>	<b>2.858.183</b>	<b>18.339.728</b>



## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

## 3 — Discriminação segundo os tipos fabricados

## 34 — Safra de 1939/40

SACOS DE 60 QUILOS

ESTADOS	TIPOS DE AÇUCAR					TOTAIS
	Cristal	Demerara	Mascavo	Bruto	Rapadura	
Acre . . . . .	—	—	—	7.614	1.903	9.517
Amazonas . . . . .	—	—	—	3.628	4.259	7.887
Pará . . . . .	7.469	204	—	41.195	3.101	51.969
Maranhão . . . . .	4.021	1.211	1.212	23.707	21.884	52.035
Piauí . . . . .	1.700	387	—	38	38.275	40.400
Ceará . . . . .	16.013	—	—	32.892	296.023	344.928
Rio Grande do Norte . . . . .	49.949	—	—	79.650	29.459	159.058
Paraíba . . . . .	325.749	663	—	29.875	219.085	575.372
Pernambuco . . . . .	5.030.162	166.677	19.074	460.727	137.620	5.814.260
Alagoas . . . . .	1.046.655	770.412	601	438.164	13.551	2.269.413
Sergipe . . . . .	780.583	35.364	27.382	47.398	4.688	895.415
Baía . . . . .	838.490	10.873	—	127.155	270.203	1.246.721
Espirito Santo . . . . .	40.579	212	—	55.451	23.764	120.006
Rio de Janeiro . . . . .	2.051.734	204.756	51.812	65.204	53.348	2.426.854
São Paulo . . . . .	2.125.052	369.684	5.289	224.650	87.364	2.812.039
Paraná . . . . .	—	298	—	5.815	8.723	14836
Santa Catarina . . . . .	44.592	4.882	470	265.793	2.685	318.422
Rio Grande do Sul . . . . .	—	—	—	29.648	6.072	35.720
Minas Gerais . . . . .	365.053	26.508	9.335	658.273	1.222.506	2.281.675
Goias . . . . .	1.047	1.689	—	106.314	14.497	123.547
Mato Grosso . . . . .	23.533	1.667	—	2.805	3.873	31.878
<b>BRASIL . . . . .</b>	<b>12.752.381</b>	<b>1.595.517</b>	<b>115.175</b>	<b>2.705.996</b>	<b>2.462.883</b>	<b>19.631.952</b>

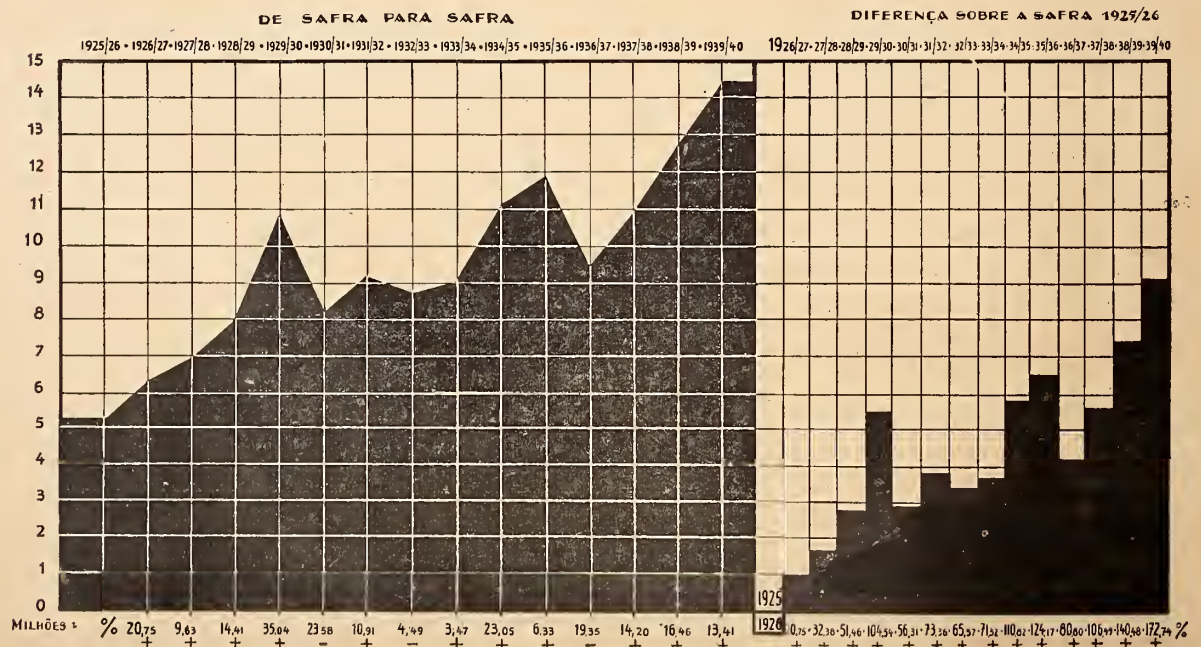


## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

## 4 — Tipos de usina

## 41 — Comparação percentual das safras 1925/26 — 1939/40

S A F R A S	Produção s/60 qls.	Diferença a + ou a — de safra para safra	%	Diferença sobre a safra 1925/26	%
1925/26 . . . . .	5.282.071	—	—	—	—
1926/27 . . . . .	6.778.360	1.096.289 +	20,75 %	1.096.289 +	20,75 %
1927/28 . . . . .	6.992.551	614.191 +	9,63 %	1.710.480 +	32,38 %
1928/29 . . . . .	8.000.407	1.007.658 +	14,41 %	2.718.336 +	51,46 %
1929/30 . . . . .	10.804.034	2.803.627 +	35,04 %	5.521.963 +	104,54 %
1930/31 . . . . .	8.256.153	2.547.881 —	23,58 %	2.974.082 +	56,31 %
1931/32 . . . . .	9.156.948	900.795 +	10,91 %	3.874.877 +	73,36 %
1932/33 . . . . .	8.745.779	411.169 +	4,49 %	3.463.708 +	65,57 %
1933/34 . . . . .	9.049.590	303.811 +	3,47 %	3.767.519 +	71,32 %
1934/35 . . . . .	11.136.010	2.086.420 +	23,05 %	5.853.939 +	110,82 %
1935/36 . . . . .	11.841.087	705.077 +	6,33 %	6.559.016 +	124,17 %
1936/37 . . . . .	9.550.214	2.290.873 —	19,35 %	4.268.143 +	80,80 %
1937/38 . . . . .	10.907.204	1.356.990 +	14,20 %	5.625.133 +	106,49 %
1938/39 . . . . .	12.702.719	1.795.515 +	16,46 %	7.420.648 +	140,48 %
1939/40 . . . . .	14.406.239	1.703.520 +	13,41 %	9.124.168 +	172,74 %



## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

## 4 — Tipos de usina

## 42 — Histórico da safra 1934/35

ESTADOS	Usinas que funcionaram	Capacidade de moendas em 24 hs. Tons.	Cana moída. Tons.	Açucar fabricado em scs. de 60 qls.	Media do rend. industrial %	Alcool produzido em litros	Aguardente produzida em litros
Pará.. . . . .	3	75	3.981	4.981	7,5	66.172	367.408
Maranhão.. . . . .	4	330	6.251	6.894	6,6	—	9.932
Piauí.. . . . .	1	200	2.096	2.366	6,8	—	5.816
Ceará.. . . . .	1	200	2.198	2.748	7,5	—	22.313
Rio G. do Norte.. . . . .	4	480	23.599	32.255	8,2	—	—
Paraíba.. . . . .	6	1.951	86.599	117.013	8,1	214.972	78.129
Pernambuco.. . . . .	62	32.276	2.809.980	4.267.176	9,1	20.628.748	1.541.877
Alagoas.. . . . .	21	8.768	861.434	1.336.577	9,3	4.345.728	98.611
Sergipe.. . . . .	82	11.506	595.900	713.802	7,5	357.489	253.207
Baía.. . . . .	17	7.887	506.307	641.284	7,6	333.031	1.521.335
Espirito Santo.. . . . .	1	600	14.335	16.003	6,7	104.500	168.805
Rio de Janeiro.. . . . .	27	14.398	1.080.381	1.825.474	10,1	8.389.479	1.042.884
São Paulo.. . . . .	32	11.497	1.120.389	1.844.496	9,9	11.567.458	1.209.621
Sta. Catarina.. . . . .	3	392	25.127	30.356	7,2	115.651	99.390
Rio G. do Sul.. . . . .	1	48	2.334	2.917	7,5	—	—
Minas Gerais.. . . . .	20	3.763	166.302	245.821	8,9	980.637	384.033
Goiaz.. . . . .	1	40	961	1.201	7,5	—	18.000
Mato Grosso.. . . . .	10	1.126	13.303	14.646	6,6	126.481	173.817
<b>B R A S I L.. . . . .</b>	<b>296</b>	<b>95.537</b>	<b>7.321.480</b>	<b>11.136.010</b>	<b>9,0</b>	<b>47.230.436</b>	<b>6.995.183</b>

## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

## 4 — Tipos de usina

## 43 — Histórico da safra 1935/36

ESTADOS	Usinas que funcionaram	Capacidade de moendas em 24 hs. Tons.	Cana moída. Tons.	Açucar fabricado em scs. de 60 qls.	Media do rend. industrial %	Alcool produzido em litros	Aguardente produzida em litros
Pará.. . . . .	5	75	9.098	6.269	4,9	76.002	283.769
Maranhão.. . . . .	3	330	8.898	8.600	5,8	—	21.124
Piauí.. . . . .	1	200	1.830	1.790	5,9	—	9.700
Ceará.. . . . .	1	200	2.495	3.119	7,5	750	—
Rio G. do Norte.. . . . .	4	480	26.634	28.840	6,5	—	—
Paraíba.. . . . .	7	1.951	177.816	219.223	7,4	371.400	247.476
Pernambuco.. . . . .	63	33.069	3.068.430	4.588.761	9,0	28.519.312	1.280.833
Alagoas.. . . . .	23	8.882	704.681	1.074.873	9,2	3.635.809	101.436
Sergipe.. . . . .	80	11.280	573.204	741.022	7,8	877.650	170.664
Baía.. . . . .	16	7.650	392.886	518.612	7,9	130.410	756.221
Espirito Santo.. . . . .	1	600	45.805	52.117	6,8	233.611	74.633
Rio de Janeiro.. . . . .	27	14.198	1.331.941	2.107.651	9,5	11.448.005	880.101
São Paulo.. . . . .	33	11.662	1.313.890	2.032.083	9,3	14.031.621	912.081
Sta. Catarina.. . . . .	3	392	35.710	41.897	7,0	195.090	61.368
Rio G. do Sul.. . . . .	1	48	2.204	2.455	6,7	59.688	9.810
Minas Gerais.. . . . .	21	3.763	298.294	394.395	7,9	2.090.097	538.330
Goiaz.. . . . .	1	40	2.509	1.891	4,5	—	—
Mato Grosso.. . . . .	10	1.126	16.321	17.489	6,4	213.686	189.699
<b>B R A S I L.. . . . .</b>	<b>300</b>	<b>95.946</b>	<b>8.012.637</b>	<b>11.841.087</b>	<b>8,9</b>	<b>61.883.131</b>	<b>5.537.245</b>

## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

## 4 — Tipos de usina

## 44 — Histórico da safra 1936/37

ESTADOS	Usinas que funcionaram	Capacidade de moendas em 24 hs. Tons.	Cana moída. Tons.	Açúcar fabricado em scs. de 60 qls.	Media do rend. industrial %	Alcool produzido em litros	Aguardente produzida em litros
Pará . . . . .	6	135	9.618	7.946	6,5	22.580	340.606
Maranhão . . . . .	4	540	7.583	7.298	5,8	—	39.151
Piauí . . . . .	1	200	1.295	1.350	6,3	—	—
Ceará . . . . .	1	200	1.106	1.198	6,5	—	6.300
Rio G. do Norte . . . . .	4	480	26.925	28.512	6,4	—	—
Paraíba . . . . .	7	1.923	112.268	139.768	7,5	194.108	82.206
Pernambuco . . . . .	61	32.597	1.467.008	2.122.793	8,7	17.787.650	1.283.651
Alagoas . . . . .	22	9.479	445.232	669.535	9,0	3.851.386	57.232
Sergipe . . . . .	76	10.948	393.006	531.067	8,1	659.558	54.066
Baía . . . . .	15	7.084	484.560	652.470	8,1	—	275.340
Espirito Santo . . . . .	2	850	39.802	46.436	7,0	343.650	104.336
S. Paulo . . . . .	30	14.856	1.772.791	2.615.923	8,9	14.997.709	1.121.380
Rio de Janeiro . . . . .	34	14.311	1.423.444	2.248.370	9,5	16.023.096	476.711
Santa Catarina . . . . .	4	392	44.013	47.307	6,4	711.123	168.513
Rio G. do Sul . . . . .	1	48	4.550	1.085	6,5	76.574	74.930
Minas Gerais . . . . .	23	4.206	296.513	408.229	8,3	2.426.282	582.209
Goiaz . . . . .	1	40	1.390	1.359	5,9	—	—
Mato Grosso . . . . .	10	1.126	25.934	19.571	4,5	287.432	320.898
<b>BRASIL . . . . .</b>	<b>302</b>	<b>99.415</b>	<b>6.557.068</b>	<b>9.550.214</b>	<b>3,7</b>	<b>57.382.148</b>	<b>4.987.529</b>

## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

## 4 — Tipos de usina

## 45 — Histórico da safra 1937/38

ESTADOS	Usinas que funcionaram	Capacidade de moendas em 24 hs. Tons.	Cana moída. Tons.	Açúcar fabricado em scs. de 60 qls.	Media do rend. industrial %	Alcool produzido em litros	Aguardente produzida em litros
Pará . . . . .	6	135	6.796	6.464	5,7	32.364	353.147
Maranhão . . . . .	4	540	11.028	9.383	5,1	—	35.632
Piauí . . . . .	1	200	1.910	2.004	6,3	—	—
Ceará . . . . .	1	147	7.294	7.884	6,5	—	67.895
Rio G. do Norte . . . . .	4	480	22.825	24.034	6,3	—	—
Paraíba . . . . .	6	1.683	86.013	104.892	7,3	91.700	88.435
Pernambuco . . . . .	57	32.000	2.104.892	3.080.160	8,8	23.138.898	1.052.911
Alagoas . . . . .	23	9.714	578.284	901.567	9,4	5.092.312	263.775
Sergipe . . . . .	75	10.780	106.044	524.560	7,8	568.821	53.059
Baía . . . . .	17	7.384	603.512	801.277	8,0	82.320	321.240
Espirito Santo . . . . .	1	600	37.762	37.365	5,7	213.200	—
Rio de Janeiro . . . . .	30	114.856	1.703.356	2.513.960	9,0	15.567.691	1.078.927
S. Paulo . . . . .	35	14.311	1.516.917	2.408.772	9,5	15.369.852	380.752
Santa Catarina . . . . .	4	392	39.238	46.673	7,1	632.974	30.160
Rio G. do Sul . . . . .	1	48	3.200	403	6,0	55.000	400
Minas Gerais . . . . .	24	4.206	299.163	414.023	8,3	2.728.296	260.128
Goiaz . . . . .	1	40	3.999	3.880	5,8	—	—
Mato Grosso . . . . .	10	1.126	30.169	19.903	4,0	288.176	329.892
<b>BRASIL . . . . .</b>	<b>300</b>	<b>98.642</b>	<b>7.462.402</b>	<b>10.907.204</b>	<b>8,8</b>	<b>63.861.605</b>	<b>4.316.447</b>



## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

## 4 — Tipos de usina

## 46 — Histórico da safra 1938/39

ESTADOS	Usinas que funcionaram	Capacidade de moendas em 24 hs. Tons	Cana moída. Tons.	Açúcar fabricado em scs. de 60' qls.	Media do rend. industrial %	Alcool produzido em litros	Aguardente produzida em litros
Pará . . . . .	5	135	7.309	6.251	5,1	21.888	375.156
Maranhão . . . . .	4	540	8.674	7.391	5,1	—	28.013
Piauí . . . . .	1	200	2.730	2.620	5,8	—	2.200
Ceará . . . . .	1	147	12.968	13.195	6,1	—	65.000
Rio G. do Norte . . . . .	3	571	38.800	38.063	5,9	38.050	—
Paraíba . . . . .	6	1.683	178.931	220.953	7,4	729.000	296.044
Pernambuco . . . . .	60	32.607	3.266.589	4.974.561	9,1	34.497.379	697.460
Alagoas . . . . .	22	9.865	969.349	1.588.786	9,8	7.061.131	327.613
Sergipe . . . . .	76	10.844	466.659	628.486	8,1	473.769	36.480
Baía . . . . .	16	7.045	411.692	568.199	8,3	41.790	311.630
Espirito Santo . . . . .	1	600	34.470	36.951	6,4	299.927	—
Rio de Janeiro . . . . .	27	14.536	1.335.438	2.023.707	9,4	24.505.288	1.311.469
São Paulo . . . . .	33	14.109	1.408.433	2.198.510	9,4	21.731.116	260.135
Sta. Catarina . . . . .	3	392	37.488	41.686	6,7	427.240	65.450
Rio G. do Sul . . . . .	—	—	—	—	—	—	—
Minas Gerais . . . . .	22	3.846	235.588	328.240	8,4	2.250.198	672.550
Goiaz . . . . .	1	40	603	583	5,8	—	—
Mato Grosso . . . . .	10	1.126	35.574	24.537	4,1	237.299	501.730
<b>B R A S I L . . . . .</b>	<b>291</b>	<b>98.286</b>	<b>8.451.295</b>	<b>12.702.719</b>	<b>9,0</b>	<b>92.314.075</b>	<b>4.890.930</b>

## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

## 4 — Tipos de usina

## 47 — Histórico da safra 1939/40

ESTADOS	Usinas que funcionaram	Capacidade de moendas em 24 hs. Tons.	Cana moída. Tons.	Açúcar fabricado em scs. de 60' qls.	Media do rend. industrial %	Alcool produzido em litros	Aguardente produzida em litros
Pará . . . . .	5	215	8.806	7.469	5,1	28.331	634.650
Maranhão . . . . .	2	540	6.210	5.635	5,3	—	45.390
Piauí . . . . .	1	200	1.632	1.700	6,3	—	—
Ceará . . . . .	1	347	15.572	16.013	6,2	—	—
Rio G. do Norte . . . . .	3	571	45.625	49.949	6,5	98.540	—
Paraíba . . . . .	6	2.323	262.175	326.412	7,5	927.300	456.604
Pernambuco . . . . .	59	34.413	3.460.396	5.215.913	9,1	29.259.371	619.097
Alagoas . . . . .	25	10.499	1.145.908	1.817.698	9,7	7.778.685	279.997
Sergipe . . . . .	78	11.861	652.424	843.329	7,8	767.383	34.711
Baía . . . . .	17	7.775	615.687	848.887	8,3	18.760	442.026
Espirito Santo . . . . .	1	850	32.822	40.579	7,4	258.431	—
Rio de Janeiro . . . . .	27	15.833	1.401.327	2.308.122	10,1	22.231.607	1.212.559
São Paulo . . . . .	34	15.356	1.607.594	2.464.064	9,3	29.694.287	405.531
Sta. Catarina . . . . .	4	392	42.658	49.895	7,0	399.147	43.424
Rio G. do Sul . . . . .	—	—	—	—	—	—	—
Minas Gerais . . . . .	24	4.334	257.411	384.361	9,0	2.119.780	734.721
Goiaz . . . . .	1	40	1.562	1.047	4,2	—	38.000
Mato Grosso . . . . .	10	1.126	32.494	25.166	4,7	152.614	290.445
<b>B R A S I L . . . . .</b>	<b>298</b>	<b>106.700</b>	<b>9.590.303</b>	<b>14.406.239</b>	<b>9,1</b>	<b>93.714.230</b>	<b>5.237.155</b>



## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

48 — Totais por usina — 1934/35 — 1939/40

USINAS	QUANTIDADES EM SACOS DE 60 QUILOS								
	MEDIA	LIMITE	SEXENIO POSTERIOR A LIMITAÇÃO					1938/39	1939/40
			1934/35	1935/36	1936/37	1937/38	1938/39		
<b>PARA'</b>									
Eremita . . . . .	3.826	4.591	—	—	—	—	—	—	
Novo Horizonte . . . . .	—	4.000	—	1.251	934	800	1.650	2.109	
Palheta . . . . .	1.057	2.507	3.135	1.684	1.374	2.255	2.124	2.262	
Sta. Cruz . . . . .	826	1.372	1.372	1.867	1.110	1.646	1.455	1.750	
Sta. Olinda . . . . .	—	1.200	—	958	4.300	1.440	750	920	
São Pedro . . . . .	185	568	474	509	228	323	272	428	
<b>TOTAIS . . . . .</b>	<b>5.894</b>	<b>14.238</b>	<b>4.981</b>	<b>6.269</b>	<b>7.946</b>	<b>6.464</b>	<b>6.251</b>	<b>7.469</b>	
<b>MARANHÃO</b>									
Aliança . . . . .	5.052	6.084	5.444	5.400	3.282	5.253	5.221	4.041	
Cristino Cruz . . . . .	—	183	180	—	1.824	1.740	801	—	
Conceição . . . . .	100	150	150	158	142	160	125	—	
Joaquim Antonio . . . . .	2.410	3.372	1.120	3.042	2.050	2.230	1.244	1.510	
<b>TOTAIS . . . . .</b>	<b>7.562</b>	<b>9.789</b>	<b>6.894</b>	<b>8.600</b>	<b>7.298</b>	<b>9.383</b>	<b>7.391</b>	<b>5.551</b>	
<b>PIAUI</b>									
Sant'Ana . . . . .	2.648	2.678	2.366	1.790	1.350	2.004	2.620	1.700	
<b>TOTAIS . . . . .</b>	<b>2.648</b>	<b>2.678</b>	<b>2.366</b>	<b>1.700</b>	<b>1.350</b>	<b>2.004</b>	<b>2.620</b>	<b>1.700</b>	
<b>CEARA'</b>									
Cariri . . . . .	—	12.564	—	—	—	7.884	13.195	16.013	
Maracajá . . . . .	1.580	2.348	2.748	3.119	1.198	—	—	—	
<b>TOTAIS . . . . .</b>	<b>1.580</b>	<b>14.912</b>	<b>2.748</b>	<b>3.119</b>	<b>1.198</b>	<b>7.884</b>	<b>13.195</b>	<b>16.013</b>	
<b>RIO G. DO NORTE</b>									
Estivas . . . . .	5.652	9.375	5.920	5.174	2.871	4.934	4.815	7.178	
Guancabara . . . . .	3.981	— *	5.000	4.500	4.700	3.290	—	—	
Ilha Bela . . . . .	2.226	17.156	5.298	4.999	5.094	4.164	18.130	23.292	
São Francisco . . . . .	7.900	15.000	16.037	14.167	14.937	11.646	15.118	19.479	
<b>TOTAIS . . . . .</b>	<b>19.759</b>	<b>41.531</b>	<b>32.255</b>	<b>28.840</b>	<b>28.512</b>	<b>24.034</b>	<b>38.063</b>	<b>49.949</b>	
<b>PARAIBA</b>									
Espirito Santo . . . . .	16.890	— *	—	—	—	—	—	—	
St. Alexandrina . . . . .	3.100	6.000	—	—	—	—	—	—	
Sant'Ana . . . . .	23.053	27.000	9.564	27.204	14.570	3.842	27.343	49.854	
Sta. Helena . . . . .	26.526	46.331	—	31.831	25.903	21.913	41.289	65.421	
Sta. Maria . . . . .	5.839	10.867	7.180	8.015	5.788	4.824	5.000	15.092	
Sta. Rita . . . . .	31.734	38.081	22.468	41.776	23.015	14.330	43.986	52.535	
São Gonçalo . . . . .	15.165	— *	7.021	20.748	8.200	—	—	—	
São João . . . . .	56.595	95.380	67.895	84.625	60.842	57.291	100.329	137.632	
Tanques . . . . .	4.766	5.753	2.885	2.024	1.450	2.692	3.006	5.878	
<b>TOTAIS . . . . .</b>	<b>183.668</b>	<b>229.412</b>	<b>117.013</b>	<b>219.223</b>	<b>139.768</b>	<b>104.892</b>	<b>220.953</b>	<b>326.412</b>	
<b>PERNAMBUCO</b>									
Agua Branca . . . . .	25.212	47.000	52.776	41.944	32.076	34.195	70.542	77.547	
Aliança . . . . .	95.096	100.956	86.670	95.093	49.154	51.305	104.400	114.268	
Aripibú . . . . .	52.199	56.700	66.614	61.580	27.370	32.566	57.271	64.352	
Bamburral . . . . .	45.515	56.443	46.009	52.146	18.729	—	45.806	41.026	
Barra . . . . .	12.165	18.496	16.017	16.765	13.228	12.409	22.670	30.631	
Barreiros . . . . .	114.671	280.000	269.969	274.905	129.983	226.479	330.255	291.974	
Bom Jesus . . . . .	98.161	120.623	122.979	122.495	61.835	68.166	131.461	140.543	

# Usinas Francisco Vasconcellos S. A.

Proprietaria da

## Usina São José

Situada no Município de Campos - E. do Rio de Janeiro

Fabricantes dos afamados produtos

Açúcar cristal puríssimo

Alcool anidro

Alcool potavel e industrial superfinos

Escritorio Central

Edificio Esplanada

Rua México, 90 - 8.º andar

Endereço Teleg. "SANJOSÉ" — Telef. 22-7605

*Caixa Postal 1.399*

**DISTRITO FEDERAL**

# **USINA SANTA CRUZ S. A.**

---

**PROPRIETARIA**

**DA**

**USINA SANTA CRUZ**

---

**Situada no municipio de Campos— E. do Rio de Janeiro**

---

**Fabricantes dos afamados produtos:**

**AÇUCAR REFINADO, puríssimo, marca “Santa Cruz”**

**AÇUCAR CRISTAL, branco, extra seco**

**ALCOOL ANIDRO**

---

**PEDIDOS para o escritorio central à**

**Rua México, 90 - 8° andar**

**EDIFICIO ESPLANADA**

**Endereço Telegráfico “ZENEIDA” — Telefone 22-7605**

**CAIXA POSTAL 1399**

**DISTRITO FEDERAL**

## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

48 — Totais por usina — 1934/35 — 1939/40

USINAS	QUANTIDADES EM SACOS DE 60 QUILOS							
	MEDIA	LIMITE	SEXENIO POSTERIOR A LIMITAÇÃO					
			1934/35	1935/36	1936/37	1937/38	1938/39	1939/40
Bulhões	58.770	67.500	74.827	91.606	26.448	37.308	83.894	82.200
Cachoeira Lisa	88.386	115.133	89.221	107.216	51.193	91.008	129.873	146.046
Camorim Grande	6.764	10.496	4.948	7.476	2.630	5.142	7.851	4.460
Capibaribe	16.500	19.684	17.340	21.495	5.824	8.980	19.723	26.269
Cabeça de Negro	12.137	—	—	—	—	—	—	—
Catende	333.459	342.723	371.637	358.678	157.110	308.645	431.384	447.325
Caxangá	—	98.425	99.562	99.828	42.461	79.850	87.207	69.882
Crautá	13.820	67.928	8.867	5.769	2.663	3.477	6.638	8.314
Central Serra Azul	—	4.683	—	6.207	2.699	2.802	5.720	5.254
Cruangi	47.842	59.219	34.850	61.472	41.020	30.050	73.049	93.520
Cucaú	147.168	179.000	205.183	198.731	80.151	162.218	204.296	210.490
Dois Irmãos	6.530	7.836	—	—	—	—	—	—
Estreliana	43.113	52.673	31.404	51.516	15.804	24.273	42.242	47.418
Florestal	14.234	— *	—	—	—	—	—	—
Frei Caueca	41.747	60.000	54.489	71.470	28.789	42.447	75.046	74.924
Ipojuca	46.637	67.656	80.240	73.332	44.395	60.039	105.328	97.525
Jabotão	78.088	93.707	88.759	99.709	50.546	60.044	110.479	117.127
Jaguaré	20.461	21.600	24.047	20.391	12.700	18.273	22.364	21.802
José Rufino	47.952	53.956	67.663	65.713	33.477	48.485	70.165	65.778
José da Costa	755	— \$	—	—	—	—	—	—
Limoeirinho	18.234	24.060	26.602	25.573	9.222	16.732	26.778	24.352
Macujé	2.510	— \$	—	—	—	—	—	—
Mameluco	78.788	86.431	80.265	88.948	35.300	51.710	93.798	81.729
Maria das Mercês	71.575	85.838	78.380	69.455	31.243	48.056	85.880	85.920
Massunassú	118.396	134.061	131.462	135.233	66.158	107.895	158.605	152.224
Matarí	92.631	92.631	69.539	89.016	46.200	42.257	95.284	114.050
Morenos	4.086	4.902	1.324	—	—	—	—	—
Muribeca	25.377	30.361	19.901	27.460	11.262	15.376	31.706	27.221
Mussurepe	69.607	85.212	52.157	83.001	36.706	46.170	96.007	91.777
Meio da Varzea	2.884	3.460	—	—	—	—	—	—
Manoel Borba	5.946	— *	—	—	—	—	—	—
N. S. Auxiliadora	8.509	8.136	4.730	5.531	1.508	3.462	8.976	11.458
N. S. das Maravilhas	78.992	94.768	95.842	106.018	39.862	47.908	90.069	109.982
N. S. do Desterro	8.943	11.038	6.518	10.683	2.030	4.381	9.549	—
Olho D'Água	10.515	15.466	16.545	17.116	15.075	15.135	23.417	36.299
Pedrosa	74.835	81.000	81.412	112.928	42.016	60.937	82.134	87.217
Peri-Peri	17.408	20.686	18.313	14.376	—	—	—	—
Petribú	31.951	38.341	17.132	33.899	9.132	18.061	25.332	28.041
Pirangi	31.968	33.216	40.813	36.959	21.343	3.658	46.062	44.306
Pocinho	3.807	— \$	—	—	—	—	—	—
Porto Alegre	7.197	— *	—	—	—	—	—	—
Pumati	61.192	66.430	55.885	68.958	21.221	32.991	66.632	64.768
Regalia	4.340	5.846	5.800	5.846	4.000	5.013	5.295	4.438
Rio Una	37.414	44.896	—	44.045	25.030	21.648	40.033	40.878
Rogadinho	72.739	81.834	86.949	81.000	28.618	53.024	112.743	119.457
Salgado	65.842	120.000	185.729	153.325	77.124	82.643	133.143	152.825
Sta. Flora	2.442	3.451	2.620	2.904	—	—	—	—
Sta. Pãfila	8.707	10.528	5.246	5.387	3.012	4.895	9.470	8.953
Sta. Tereza	80.794	92.733	59.474	89.148	39.261	40.130	79.883	124.754
Sta. Terezinha	157.507	339.167	355.180	306.100	161.650	240.040	366.788	429.726
Sta. Terezinha de Jesus	10.236	16.783	8.146	12.200	8.436	9.826	21.603	31.312
Sto. André	34.190	41.045	43.787	46.736	22.700	37.255	54.795	54.120
Sto. Inacio	54.282	65.122	52.554	74.451	33.881	44.788	66.042	70.287
São Felix	351	—	—	—	—	—	—	—
São João da Varzea	57.194	68.633	40.275	74.412	27.761	46.991	77.090	84.573
São José	60.586	64.100	52.359	61.117	37.445	50.850	71.430	59.808



## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

48 — Totais por usina — 1934/35 — 1939/40

USINAS	QUANTIDADES EM SACOS DE 60 QUILOS							
	MEDIA	LIMITE	SEXENIO POSTERIOR A LIMITAÇÃO					
			1934/35	1935/36	1936/37	1937/38	1938/39	1939/40
São Salvador . . . . .	60	— *	—	—	—	—	—	—
Serro Azul . . . . .	29.246	41.213	58.135	50.542	28.591	32.914	52.590	60.607
Sant'Ana do Aguiar . . . . .	15.269	— *	11.417	18.822	—	—	—	—
Siberia . . . . .	6.253	7.432	8.193	7.501	3.150	8.750	8.540	9.571
Timbó-Asú . . . . .	46.106	55.332	—	54.509	37.937	48.177	67.274	74.177
Tinoco . . . . .	2.060	2.452	2.095	2.179	1.079	—	1.432	364
Tiama . . . . .	211.337	220.860	202.187	221.672	79.261	132.244	207.507	248.249
Trapiche . . . . .	46.375	112.000	—	34.114	85.051	111.508	140.675	132.035
Três Marias . . . . .	9.794	11.633	9.886	—	—	—	—	9.859
Treze de Maio . . . . .	55.603	67.500	71.970	82.919	33.224	51.412	92.555	91.748
Ubaquinha . . . . .	49.052	— *	67.710	52.179	—	—	—	—
União e Industria . . . . .	140.159	168.631	159.039	170.025	65.749	103.958	169.751	152.654
Uruaé . . . . .	6.832	— *	5.927	6.937	1.270	4.204	965	—
TOTAIS . . . . .	3.645.944	4.499.737	4.267.176	4.588.761	2.122.793	3.080.160	4.974.561	5.215.913
ALAGOAS								
Agua Comprida . . . . .	4.115	7.438	8.000	5.958	4.000	6.340	6.622	6.500
Alegria . . . . .	19.894	32.885	25.792	24.021	19.631	27.535	47.625	45.925
Apolinario . . . . .	44.149	— *	—	—	—	—	—	—
Aurora . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—
Bom Jesus . . . . .	5.764	6.916	—	7.350	6.964	6.401	7.142	8.585
Brasileiro . . . . .	106.194	202.500	162.819	130.709	64.071	102.499	241.245	286.862
Camaragibe . . . . .	6.790	11.784	4.515	3.707	—	12.318	26.242	33.048
Campo Verde . . . . .	26.585	31.565	48.555	30.000	17.250	24.997	35.413	52.092
Capricho . . . . .	14.585	17.502	25.518	13.758	10.534	541	—	8.330
Central Leão . . . . .	272.592	354.437	376.260	302.143	189.023	264.511	396.293	444.731
Coruripe . . . . .	33.908	41.845	43.297	44.686	31.195	35.989	55.755	71.949
Esperança . . . . .	28.006	— *	—	—	—	—	—	—
João de Deus . . . . .	20.654	21.363	32.724	14.740	13.843	17.265	21.363	34.230
Laginha . . . . .	11.000	19.187	27.374	25.911	16.850	23.775	37.492	45.485
Mucuri . . . . .	6.122	7.346	9.246	6.851	—	—	—	—
Ourocuri . . . . .	23.286	26.762	29.870	23.036	19.900	17.050	32.558	28.680
Páu Amarelo . . . . .	46.114	— *	—	—	—	—	—	—
Peixe Grande . . . . .	11.657	15.188	751	13.391	10.719	17.733	26.613	26.759
Pindoba . . . . .	5.006	6.007	—	—	—	—	—	—
Porto Rico . . . . .	5.581	11.679	17.037	18.081	8.815	10.626	20.125	16.548
Recanto . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—
Rio Branco . . . . .	51.557	61.862	—	—	—	—	—	—
Sant'Ana . . . . .	4.197	5.036	6.660	8.716	5.037	8.794	12.254	11.003
Sta. Felisberta . . . . .	2.247	2.696	—	—	—	—	—	—
Sto. Antonio . . . . .	24.044	45.732	41.663	65.329	24.278	25.720	51.092	59.241
São Gonçalo . . . . .	—	3.000	—	—	1.014	—	—	—
São José . . . . .	—	9.581	—	5.748	4.503	5.135	9.384	10.128
São Simão . . . . .	36.552	43.682	42.693	32.240	18.921	27.164	45.724	54.170
Serra Grande . . . . .	224.710	242.369	282.229	184.401	124.318	166.689	344.935	367.361
Sinimbu . . . . .	43.713	47.925	54.551	56.989	38.643	51.809	83.807	78.121
Teles . . . . .	1.737	— §	—	—	—	—	—	—
Terra Nova . . . . .	2.478	2.972	1.976	1.202	1.265	715	1.215	2.024
Três Bocas . . . . .	—	5.887	—	—	—	—	7.845	8.450
Uruba . . . . .	63.516	64.344	95.047	55.906	38.761	47.961	77.528	104.353
TOTAIS . . . . .	1.146.753	1.357.195	1.336.577	1.074.873	669.535	901.567	1.588.786	1.817.698

## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

48 — Totais por usina — 1934/35 — 1939/40

USINAS	QUANTIDADES EM SACOS DE 60 QUILOS							
	MEDIA	LIMITE	SEXENIO POSTERIOR A LIMITAÇÃO					
			1934/35	1935/36	1936/37	1937/38	1938/39	1939/40
SERGIPE								
Antas . . . . .	3.278	6.000	6.877	4.874	5.441	4.460	4.129	5.415
Aroeira . . . . .	1.480	2.400	2.428	2.757	2.082	2.364	1.827	2.400
Belém . . . . .	8.936	12.000	10.965	8.707	8.005	5.417	7.620	7.665
Boa Luz . . . . .	2.726	3.300	7.038	3.301	—	—	—	—
Boa Sorte . . . . .	1.139	6.000	2.000	6.024	4.416	1.910	4.999	6.028
Boa Vista . . . . .	1.709	3.000	3.800	3.702	4.020	4.076	3.419	3.440
Cafúz . . . . .	8.694	17.853	17.824	16.551	15.650	12.912	15.403	18.841
Camassarí . . . . .	2.536	4.000	4.357	2.033	—	—	3.001	3.730
Cambuí . . . . .	1.994	2.500	2.366	1.375	—	—	—	2.533
Caraiabas . . . . .	9.551	14.000	13.750	14.773	7.866	9.922	9.278	18.061
Cassungô . . . . .	—	1.018	—	—	—	105	105	155
Castelo . . . . .	17.133	22.000	24.016	22.599	19.305	19.188	20.418	23.112
Cedro . . . . .	2.651	4.000	4.070	3.990	4.500	3.915	2.806	4.393
Central . . . . .	33.332	50.000	49.069	50.800	29.049	24.380	41.556	66.148
Coração de Jesus . . . . .	106	— *	—	—	—	—	—	—
Cruzes . . . . .	2.352	4.000	4.435	3.163	2.196	3.718	4.000	4.701
Cumbe (S. & Irmão) . . . . .	2.427	3.000	3.684	3.120	2.314	2.913	2.864	4.016
Cumbe (P. Nabuco) . . . . .	1.324	3.000	4.343	2.984	2.803	1.836	2.668	2.830
Escorial . . . . .	7.608	10.000	10.136	9.584	14.000	10.298	8.524	10.100
Espírito Santo . . . . .	5.539	9.000	10.724	9.365	5.828	5.256	9.730	10.370
Flor do Rio . . . . .	710	1.000	1.258	1.365	969	554	1.026	2.156
Fortuna . . . . .	12.393	20.747	19.295	25.259	12.080	11.321	20.312	22.924
Itaperóá . . . . .	5.040	6.600	4.883	5.677	5.708	2.994	4.450	5.089
Jaguaribe . . . . .	2.060	3.500	3.488	3.459	3.061	2.000	3.106	2.058
Jordão . . . . .	6.360	10.000	9.373	11.341	7.222	9.931	6.184	10.395
Jurema . . . . .	5.610	10.000	10.412	9.699	2.849	8.365	6.613	8.739
Lagoa Grande . . . . .	1.852	3.500	3.311	3.096	—	—	—	—
Lombada . . . . .	2.437	6.500	5.211	5.450	3.153	4.655	3.676	6.614
Lourdes . . . . .	11.222	16.561	16.408	15.734	15.390	11.178	16.555	17.653
Mata Verde . . . . .	8.350	12.000	13.267	12.630	9.291	6.425	10.895	12.000
Mato Grosso . . . . .	14.233	21.000	22.734	28.345	14.961	14.583	20.365	21.667
N. S. da Conceição . . . . .	2.584	4.000	3.479	4.068	3.527	3.507	2.169	3.656
N. S. da Purificação . . . . .	1.387	1.700	1.685	1.621	—	—	507	—
Nazaré . . . . .	3.627	7.000	8.961	6.593	6.653	4.544	6.996	6.369
Oitocentas . . . . .	896	3.000	2.976	3.034	1.311	2.999	2.226	2.507
Outeirinhos . . . . .	27.681	40.000	42.582	27.391	33.833	44.766	50.163	40.000
Oriente . . . . .	1.561	— *	—	—	—	—	—	—
Palmeira . . . . .	1.878	2.700	2.751	2.116	1.094	1.304	—	3.470
Paraíso . . . . .	2.093	2.500	2.120	2.955	2.257	1.350	2.473	3.780
Patí (P. V. Prado) . . . . .	1.633	— *	1.399	1.263	190	—	—	—
Patí (C. Dantas) . . . . .	3.147	5.000	4.540	5.004	2.145	4.844	3.457	5.837
Patí (Vva. Prado) . . . . .	466	— *	—	—	—	—	—	—
Pedras (G. R. Prado) . . . . .	21.032	32.000	31.007	42.212	15.756	33.538	24.730	37.109
Pedras (V. Souza) . . . . .	1.214	3.000	3.604	3.128	2.897	2.127	3.659	3.000
Piaus . . . . .	833	—	—	—	—	—	—	—
Pilar . . . . .	887	1.043	—	—	—	—	—	—
Porto dos Barcos . . . . .	3.658	5.000	4.610	5.082	4.277	2.538	3.149	4.915
Priapú . . . . .	4.579	17.500	8.336	6.982	10.177	6.697	6.943	6.978
Proveito . . . . .	11.545	17.000	19.604	20.186	18.824	13.858	19.672	38.670
Recurso . . . . .	995	— §	—	—	—	—	—	—
Rio Branco . . . . .	4.833	8.000	10.674	8.002	8.107	5.374	8.059	9.995
Saobro . . . . .	4.063	5.000	3.846	6.757	2.814	2.606	4.043	4.412
Sta. Bárbara . . . . .	6.344	9.000	10.061	9.000	4.901	9.010	8.898	9.064
Sta. Clara . . . . .	2.803	6.480	6.451	6.144	7.922	3.377	10.750	15.310

## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

48 — Totais por usina — 1934/35 — 1939/40

U S I N A S	QUANTIDADES EM SACOS DE 60 QUILOS							
	MEDIA	LIMITE	SEXENIO POSTERIOR A LIMITAÇÃO					
			1934/35	1935/36	1936/37	1937/38	1938/39	1939/40
Sta. Cruz . . . . .	898	—	556	—	660	—	—	—
Sta. Maria (S. Garcez) . . . . .	3.936	2.000	6.280	6.034	4.150	4.039	4.374	3.982
São Maria (D. Barreto) . . . . .	1.425	2.000	1.614	2.071	1.029	769	1.726	1.906
Sto. Antonio . . . . .	3.528	4.500	4.886	4.486	4.492	5.503	3.862	4.724
São Carlos . . . . .	8.182	14.000	14.360	8.717	12.548	9.098	11.336	10.385
São Diniz . . . . .	3.525	6.000	6.300	6.020	5.302	4.406	4.731	6.467
São Domingos . . . . .	773	1.000	709	1.075	1.000	1.101	1.096	1.383
São Felix (P. V.) . . . . .	3.111	4.500	4.763	3.497	4.207	4.060	3.872	—
São Felix (J. M.) . . . . .	6.816	8.500	8.097	10.776	7.721	3.682	5.967	—
São Francisco (F. A.) . . . . .	1.465	3.000	2.644	2.785	2.284	1.210	2.529	—
São Francisco (L. F.) . . . . .	8.075	12.000	11.958	13.362	8.103	7.078	11.709	—
São João (M. S.) . . . . .	7.319	14.000	16.350	17.112	9.319	10.674	15.095	21.701
São João (Vva. S.) . . . . .	1.623	— *	1.238	—	—	—	—	—
São João Faleiro . . . . .	1.150	1.370	—	—	—	—	—	—
São José (J. D. S.) . . . . .	744	1.000	566	650	570	420	703	110
São José (C. Irmão) . . . . .	1.832	3.000	2.419	2.761	2.630	1.880	1.806	1.885
São José (C. Leite) . . . . .	3.779	7.000	8.470	6.387	7.153	7.008	4.955	8.711
São José do Junco . . . . .	8.877	15.084	14.025	14.007	11.921	13.500	15.768	30.076
São José do Jardim . . . . .	3.511	6.000	6.032	5.975	2.966	4.281	5.598	5.602
São José C. Assú . . . . .	1.278	3.000	3.486	2.161	1.967	5.222	5.236	8.504
São Luiz . . . . .	6.149	12.000	12.840	12.029	6.444	4.652	4.849	13.706
São Paulo . . . . .	6.573	9.000	9.247	9.998	6.131	5.717	4.655	7.954
São José (A. F.) . . . . .	25.438	32.000	34.634	39.492	25.850	23.158	29.854	40.229
Sergipe . . . . .	8.241	12.000	10.000	12.841	11.041	4.800	9.942	15.432
Serra Negra . . . . .	4.609	10.000	10.980	9.237	4.226	5.936	4.561	7.028
Socorro . . . . .	1.150	3.000	3.878	3.918	2.360	1.749	2.705	4.234
Soledade . . . . .	3.975	7.000	7.504	5.001	4.632	6.254	5.881	7.406
Tabua . . . . .	4.459	7.000	8.300	8.468	6.330	4.746	6.995	7.893
Taquari . . . . .	1.326	— §	—	—	—	—	—	—
Tijuca . . . . .	836	1.500	1.211	1.551	1.120	1.200	1.350	611
Timbó . . . . .	6.241	9.000	9.475	9.323	5.879	5.846	8.668	10.515
Tingui . . . . .	3.328	4.500	4.423	4.721	4.500	3.526	4.500	3.563
Topo . . . . .	2.862	4.000	4.236	3.827	2.270	3.909	4.639	5.588
Trindade . . . . .	1.167	1.398	—	—	—	—	—	240
Varzea Grande . . . . .	9.064	13.000	13.474	13.000	5.279	9.148	12.121	16.202
Varzinha (A. S.) . . . . .	5.677	14.000	15.771	15.598	9.558	5.565	7.027	11.029
Varzinha (A. B.) . . . . .	1.030	2.000	1.606	1.962	1.010	1.454	1.983	1.933
Vassouras . . . . .	18.836	23.000	21.262	28.975	17.550	19.154	23.000	33.796
<b>TOTAIS . . . . .</b>	<b>477.329</b>	<b>724.154</b>	<b>743.802</b>	<b>741.022</b>	<b>531.067</b>	<b>524.560</b>	<b>628.486</b>	<b>843.329</b>
<b>BAÍA</b>								
Acutinga . . . . .	4.121	6.000	4.586	6.000	6.000	7.563	7.940	7.805
Aliança . . . . .	115.014	136.637	134.314	114.543	131.944	143.457	118.555	156.493
Apatú . . . . .	16.995	20.394	23.246	16.149	—	—	—	—
Cinco Rios . . . . .	64.787	73.262	69.677	35.193	60.286	87.214	54.254	78.284
Colônia . . . . .	9.477	— *	—	—	—	—	—	—
Dom João . . . . .	20.539	24.566	19.383	17.394	21.790	28.001	26.149	30.544
Itapetingui . . . . .	19.545	23.414	8.942	7.784	10.460	17.716	—	10.380
Lagoa . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—
Murundú . . . . .	—	2.360	—	—	—	2.908	2.176	3.008
N. S. da Vitoria . . . . .	7.166	8.599	2.121	—	—	6.853	5.580	9.440
Paranaguá . . . . .	35.535	42.642	42.943	43.932	44.103	51.801	29.223	57.976
Passagem . . . . .	35.625	42.750	38.526	23.335	42.827	51.307	30.348	43.315
Pitanga . . . . .	11.692	18.000	14.032	14.360	15.869	21.248	13.704	19.568
Sta. Elisa . . . . .	26.097	42.676	42.676	36.228	43.903	51.168	41.810	48.229



## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

48 — Totais por usina — 1934/35 — 1939/40

## QUANTIDADES EM SACOS DE 60 QUILOS

USINAS	SEXENIO POSTERIOR A LIMITAÇÃO							
	MEDIA	LIMITE	1934 35	1935 36	1936 37	1937 38	1938 39	1939 40
Sta. Luzia	492	—	1.293	2.751	4.771	5.447	6.974	3.804
São Bento	67.426	70.000	60.848	50.287	87.457	169.931	80.953	122.733
São Carlos	48.876	44.751	39.816	88.678	48.878	57.319	65.825	63.690
São Lourenço	8.347	—	—	—	—	—	—	—
São Paulo	6.222	8.200	5.291	1.480	5.266	9.924	6.455	11.820
Terra Nova	82.466	98.973	122.721	84.765	112.188	135.310	85.972	167.786
Victoria de Paraguassá	7.641	11.000	10.854	11.860	14.828	13.510	12.281	14.012
<b>TOTAIS</b>	<b>578.584</b>	<b>687.261</b>	<b>641.224</b>	<b>518.612</b>	<b>652.470</b>	<b>891.277</b>	<b>568.199</b>	<b>848.887</b>
<b>ESPIRITO SANTO</b>								
Jaguara	39.361	30.761	—	—	—	—	—	—
Palmeiras	20.174	40.400	30.283	72.117	46.436	37.365	26.951	40.579
<b>TOTAIS</b>	<b>59.535</b>	<b>71.161</b>	<b>60.566</b>	<b>72.117</b>	<b>46.436</b>	<b>37.365</b>	<b>26.951</b>	<b>40.579</b>
<b>RIO DE JANEIRO</b>								
Abadia	28.667	—	—	—	—	—	—	—
Barcelos	57.762	120.102	110.420	120.157	154.477	142.896	120.105	120.177
Cabimas	13.365	—	—	—	—	—	—	—
Carapebús	74.870	39.291	91.172	93.586	161.214	112.121	93.673	111.028
Canceção Macaéus	20.800	52.767	46.855	60.478	77.604	71.294	65.327	59.301
Cupim	70.406	40.887	25.244	39.992	83.998	49.427	47.106	70.352
Laranjeiras	118.499	118.413	91.804	118.540	165.251	136.651	112.856	128.170
Mineiros	10.100	60.549	44.277	54.757	71.487	80.560	73.247	96.812
N. S. das Dores	81.746	69.765	37.411	135.714	143.113	119.715	108.492	101.733
Navo Horizonte	31.811	—	—	—	—	—	—	—
Outeiro	7.604	12.000	8.357	12.036	15.303	15.611	12.350	12.925
Novo Horizonte	72.452	65.000	74.104	96.256	90.659	39.321	77.142	119.598
Parassá	80.110	80.113	79.808	92.125	143.459	152.931	97.322	118.733
Poço Fundo	76.800	76.800	55.913	77.181	119.271	97.717	76.448	99.397
Pira Real	21.314	55.576	28.289	31.831	30.639	30.853	25.576	29.544
Pureza	62.260	30.280	132.132	100.111	99.514	114.296	97.596	65.322
Queimada	117.469	177.469	150.599	137.478	200.815	182.535	154.615	137.469
Quissaman	108.469	170.162	131.166	155.355	153.336	156.227	130.226	149.559
Rio Preto	4.220	—	0.775	5.273	6.300	4.259	—	—
Sant'Ana	20.271	24.240	14.260	23.277	29.240	29.496	29.188	45.190
Sta. Cruz	187.262	119.777	129.814	140.886	158.692	139.347	106.906	141.205
Sta. Isabel	7.594	12.000	7.111	12.005	12.000	14.326	11.760	11.877
Sta. Luzia	2.512	18.172	555	—	4.765	13.249	18.700	25.998
Sta. Maria	26.172	43.500	27.205	40.845	54.293	48.742	40.517	40.085
Sta. Rosa	—	—	—	—	—	3.495	—	—
Santo Amaro	91.777	72.504	85.240	52.706	49.270	71.047	67.193	69.097
Santo Antonio	54.749	58.050	20.275	58.265	68.552	69.947	58.258	62.741
São João	70.268	84.881	70.215	84.651	111.662	109.426	94.592	95.192
São José	222.247	204.513	266.006	314.976	333.775	322.012	240.048	234.513
São Pedro	31.507	38.683	31.548	38.600	54.800	46.418	38.687	44.593
Sapucaia	85.842	55.230	81.740	55.580	55.414	68.536	55.350	79.495
Tanguá	—	—	—	5.721	3.000	6.942	5.319	15.480
Tai	45.525	—	—	—	—	—	—	—
<b>TOTAIS</b>	<b>1.753.813</b>	<b>2.016.116</b>	<b>1.805.474</b>	<b>2.167.651</b>	<b>2.623.933</b>	<b>2.513.960</b>	<b>2.023.707</b>	<b>2.308.122</b>
<b>SÃO PAULO</b>								
Alberlina	39.644	25.900	20.077	19.015	28.691	35.704	40.413	33.877
Amalia	140.158	165.000	131.182	130.880	179.820	170.586	189.100	175.947



## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

48 — Totais por usina — 1934/35 — 1939/40

USINAS	QUANTIDADES EM SACOS DE 60 QUILOS							
	MEDIA	LIMITE	SEXENIO POSTERIOR A LIMITAÇÃO					
			1934/35	1935/36	1936/37	1937/38	1938/39	1939/40
Barbacena . . . . .	28.919	60.750	46.195	56.094	80.481	90.097	74.161	75.565
Bôa Vista (I. O.) . . . . .	6.700	20.225	25.100	32.683	38.520	42.888	26.219	32.666
Bôa Vista (V. M.) . . . . .	3.600	720	—	37	1.280	2.589	1.828	1.654
Bom Retiro . . . . .	3.400	5.400	5.967	7.390	6.290	8.522	5.859	8.361
Capuava . . . . .	—	15.000	—	15.022	20.900	22.627	15.929	23.193
São José . . . . .	200	2.175	7	—	375	2.086	—	—
Costa Pinto . . . . .	1.609	6.639	3.685	4.548	6.015	9.730	10.003	22.968
Da Pedra . . . . .	4.425	14.328	12.526	12.601	13.413	15.959	15.650	18.956
De Cilos . . . . .	19.838	30.386	20.915	26.936	35.294	47.718	35.107	43.883
Ester . . . . .	86.205	117.958	118.010	109.533	113.225	130.012	94.887	125.101
Furlan . . . . .	2.047	2.456	1.795	840	1.361	1.909	2.419	2.570
Irmãos Azanha . . . . .	—	6.000	1.648	28	5.391	6.731	6.000	8.266
Itaíquara . . . . .	33.327	40.500	33.909	43.533	38.398	36.284	40.211	47.017
Itaquerê . . . . .	56.728	76.305	64.625	67.085	85.574	84.016	81.851	73.253
Junqueira (U. V.) . . . . .	128.686	—	—	—	—	—	—	—
Junqueira (U. N.) . . . . .	169.396	286.180	194.700	204.578	270.873	214.562	218.886	161.094
Lambari . . . . .	—	2.000	—	514	2.000	2.428	2.000	2.635
Lorena . . . . .	27.069	—	—	—	—	—	—	—
Miranda . . . . .	41.633	61.500	52.521	60.670	62.330	82.934	65.774	88.943
Monte Alegre . . . . .	119.396	138.600	134.298	173.574	182.261	187.672	202.104	260.258
N. S. Aparecida . . . . .	4.297	9.000	5.721	10.314	11.331	14.918	9.198	14.506
Paredão . . . . .	3.458	8.000	3.773	—	—	8.297	7.556	8.887
Piracicaba . . . . .	138.690	138.690	139.447	148.453	150.621	138.783	158.048	175.256
Porto Feliz . . . . .	115.715	192.121	173.050	200.502	213.001	224.003	197.470	236.454
Rochelle . . . . .	—	3.000	28.283	161	1.519	1.848	1.594	3.011
Sta. Barbara . . . . .	131.650	160.000	124.396	143.881	147.088	178.213	150.080	180.600
Sta. Cruz . . . . .	6.704	20.000	12.312	20.641	20.480	24.093	20.082	26.063
Sta. Elisa . . . . .	4.144	15.420	4.978	5.160	13.012	15.651	17.062	17.992
Sta. Lucia . . . . .	2.449	—	1.266	1.356	1.988	1.112	—	—
São Vicente . . . . .	6.685	17.000	17.511	21.460	26.230	24.750	21.356	19.690
Schmidt . . . . .	38.223	43.152	50.690	47.496	62.427	64.534	62.473	60.075
Tamandupá . . . . .	358	4.500	3.096	4.228	5.195	6.754	5.114	5.973
Tamofo . . . . .	129.904	176.809	181.420	204.871	187.964	219.007	189.895	242.410
Vassununga . . . . .	25.160	45.945	48.786	43.706	48.099	52.388	50.181	60.261
Vila Raffard . . . . .	152.399	167.540	190.088	185.303	187.294	238.997	10.000	205.175
TOTAIS . . . . .	1.653.221	2.079.295	1.844.497	2.032.083	2.248.370	2.408.772	2.198.510	2.464.064
MINAS GERAIS								
Ana Florencia . . . . .	61.957	87.058	76.442	142.786	127.500	115.115	104.014	115.836
Ariadnopolis . . . . .	5.678	8.953	6.832	8.941	8.980	10.773	8.982	9.044
Boa Vista . . . . .	—	2.812	—	—	639	1.574	2.812	2.812
Bonfim . . . . .	500	4.000	—	—	465	1.704	—	—
Campestre . . . . .	935	— *	1.945	4.089	—	—	—	—
Esmeril . . . . .	—	3.260	—	—	—	—	—	1.291
Jatiboca . . . . .	6.988	10.400	9.292	10.204	10.742	11.645	10.541	11.173
José Luiz . . . . .	—	21.600	—	7.092	8.472	9.157	7.430	4.750
Lindoia . . . . .	687	4.000	737	3.294	4.005	2.604	2.843	6.976
Malvina Dolabela . . . . .	5.932	14.000	7.377	14.456	20.402	21.774	12.603	14.356
Maria Sofia . . . . .	3.899	6.000	2.261	6.456	6.400	2.518	—	—
Mendonça . . . . .	10.221	20.000	19.016	20.185	19.988	23.493	17.976	20.000
Monte Alegre . . . . .	—	675	—	—	—	—	—	429
Paraizo . . . . .	—	331	—	—	—	1.018	581	1.089
Passos . . . . .	8.730	15.000	5.943	13.120	18.744	20.026	15.127	15.816
Pedra . . . . .	3.610	13.000	7.001	8.105	13.043	13.830	13.013	13.400
Pontal . . . . .	1.581	8.577	127	12.900	12.129	9.508	8.531	15.219

## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

48 — Totais por usina — 1934/35 — 1939/40

USINAS	QUANTIDADES EM SACOS DE 60 QUILOS							
	MEDIA	LIMITE	SEXENIO POSTERIOR A LIMITAÇÃO					
			1934/35	1935/36	1936/37	1937/38	1938/39	1939/40
Ribeiro . . . . .	918	4.000	2.539	2.923	3.220	3.422	2.900	3.453
Rio Branco . . . . .	46.079	75.000	74.827	76.891	92.089	104.793	76.741	100.981
Sta. Cruz . . . . .	1.648	3.250	1.614	3.250	3.250	3.537	2.178	2.091
Sta. Carlota . . . . .	333	— *	—	—	—	—	—	—
Sta. Helena . . . . .	1.324	5.000	2.716	5.498	4.705	3.390	3.701	3.268
Sta. Tereza . . . . .	3.198	5.000	4.695	3.357	5.066	6.496	3.482	4.108
São João . . . . .	6.014	12.000	11.113	11.744	11.998	13.993	10.197	10.519
São José . . . . .	2.452	5.000	2.437	4.481	4.120	5.100	4.017	5.788
São Sebastião . . . . .	—	675	—	—	675	810	675	675
Tangará . . . . .	3.836	5.000	—	—	—	—	—	—
Ubaense . . . . .	1.273	15.000	6.210	22.339	19.241	20.449	13.896	9.615
Volta Grande . . . . .	5.069	10.122	2.697	12.284	12.356	7.294	6.000	11.675
<b>TOTAIS . . . . .</b>	<b>182.862</b>	<b>355.778</b>	<b>245.821</b>	<b>394.395</b>	<b>408.229</b>	<b>414.023</b>	<b>328.240</b>	<b>384.361</b>
<b>STA. CATARINA</b>								
Adelaide . . . . .	12.124	30.024	23.504	29.617	29.020	24.323	25.176	27.440
Pedreira . . . . .	515	1.032	1.286	1.152	1.255	1.278	1.137	1.550
São José . . . . .	—	4.200	—	—	—	—	—	1.075
São Pedro . . . . .	3.405	19.169	5.566	11.128	17.029	21.072	15.373	19.830
<b>TOTAIS . . . . .</b>	<b>16.044</b>	<b>50.225</b>	<b>30.356</b>	<b>41.897</b>	<b>47.304</b>	<b>46.673</b>	<b>41.686</b>	<b>49.895</b>
<b>RIO G. DO SUL</b>								
Sta. Marta . . . . .	1.099	6.318	2.917	2.455	1.085	403	—	—
<b>TOTAIS . . . . .</b>	<b>1.099</b>	<b>6.318</b>	<b>2.917</b>	<b>2.455</b>	<b>1.085</b>	<b>403</b>	<b>—</b>	<b>—</b>
<b>MATO GROSSO</b>								
Aricá . . . . .	2.790	3.350	1.197	836	1.069	962	477	1.185
Conceição . . . . .	1.157	1.388	1.031	899	1.355	1.878	2.217	2.627
Flexas . . . . .	1.608	1.928	1.831	2.475	1.769	3.195	2.208	1.923
Ressaca . . . . .	1.978	2.374	1.379	2.061	2.076	1.164	1.982	2.338
Sta. Fé . . . . .	505	602	313	276	387	421	269	328
Sto. Antonio . . . . .	3.858	4.630	2.527	3.025	2.536	1.852	2.950	—
Sto. Antonio Ltda. . . . .	1.516	5.000	2.841	4.979	6.819	5.549	7.237	8.116
São Benedito . . . . .	5.296	6.355	2.716	2.038	2.864	3.010	4.550	3.810
São Gonçalo . . . . .	774	904	154	195	228	348	479	647
São Miguel . . . . .	1.892	2.138	656	705	468	1.524	2.168	1.067
Taquarussú . . . . .	40	—	—	—	—	—	—	—
<b>TOTAIS . . . . .</b>	<b>21.414</b>	<b>28.669</b>	<b>14.645</b>	<b>17.489</b>	<b>19.571</b>	<b>19.903</b>	<b>24.537</b>	<b>28.669</b>
<b>GOIAZ</b>								
Ipanema . . . . .	500	5.000	1.201	1.891	1.359	3.880	583	1.047
<b>TOTAIS . . . . .</b>	<b>500</b>	<b>5.000</b>	<b>1.201</b>	<b>1.891</b>	<b>1.359</b>	<b>3.880</b>	<b>583</b>	<b>1.047</b>
<b>BRASIL . . . . .</b>	<b>9.734.909</b>	<b>12.173.408</b>	<b>11.136.010</b>	<b>11.841.087</b>	<b>9.550.214</b>	<b>10.907.204</b>	<b>12.702.719</b>	<b>14.406.239</b>

NOTA — \* — Limite incorporado a outra usina.

§ — Transformada em engenho.

A média de cada usina foi obtida dividindo-se o total da produção pelo número de safras havidas.

A média do Estado corresponde à soma das médias das usinas.

## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

## 51 — Produção de usinas

ESTADOS	SACOS DE 60 QUILOS				
	1935	1936	1937	1938	1939
Acre.. . . . .	—	—	—	—	—
Amazonas.. . . . .	—	—	—	—	—
Pará.. . . . .	6.203	8.164	6.407	6.251	7.265
Maranhão.. . . . .	8.122	6.920	7.810	8.418	6.563
Piauí.. . . . .	1.790	1.350	2.004	2.620	1.700
Ceará.. . . . .	3.119	1.198	7.684	13.195	10.510
Rio Grande do Norte.. . . . .	28.400	28.865	20.553	31.930	43.645
Paraíba.. . . . .	194.676	163.885	110.069	193.489	232.674
Pernambuco.. . . . .	4.431.638	3.559.342	2.533.775	3.720.466	4.614.184
Alagoas.. . . . .	1.402.060	966.863	747.368	1.103.057	1.640.512
Sergipe.. . . . .	764.047	695.805	520.544	444.874	621.759
Baía.. . . . .	703.090	589.106	687.124	697.590	637.607
Espirito Santo.. . . . .	50.971	44.797	35.851	40.161	41.668
Rio de Janeiro.. . . . .	2.097.402	2.533.138	2.497.960	2.071.676	2.313.975
São Paulo.. . . . .	2.017.414	2.147.830	2.408.188	2.199.632	2.464.692
Paraná.. . . . .	—	—	—	—	—
Sta. Catarina.. . . . .	41.068	42.994	50.174	41.949	46.921
Rio Grande do Sul.. . . . .	3.384	801	583	—	—
Minas Gerais.. . . . .	382.080	389.253	416.409	328.976	382.050
Goiaz.. . . . .	1.891	601	1.909	1.177	1.047
Mato Grosso.. . . . .	17.489	17.717	18.901	19.992	26.262
<b>BRASIL.. . . . .</b>	<b>12.154.849</b>	<b>11.198.629</b>	<b>10.073.313</b>	<b>10.925.453</b>	<b>13.093.034</b>

## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

## 52 — Produção de engenhos

ESTADOS	SACOS DE 60 QUILOS				
	1935	1936	1937	1938	1939
Acre.. . . . .	12.188	10.464	9.313	9.337	8.596
Amazonas.. . . . .	9.113	7.894	6.965	6.219	5.849
Pará.. . . . .	14.679	23.962	18.796	18.085	46.043
Maranhão.. . . . .	35.025	37.425	32.334	39.146	53.080
Piauí.. . . . .	49.421	29.744	26.028	31.938	39.882
Ceará.. . . . .	420.189	239.111	212.809	260.437	313.489
Rio Grande do Norte.. . . . .	248.921	223.000	160.560	119.086	164.115
Paraíba.. . . . .	378.591	300.771	201.517	167.351	304.662
Pernambuco.. . . . .	800.000	664.849	531.880	491.690	565.634
Alagoas.. . . . .	582.000	479.916	374.334	353.435	451.630
Sergipe.. . . . .	123.774	115.871	86.904	48.266	56.518
Baía.. . . . .	600.000	551.447	644.800	610.037	541.930
Espirito Santo.. . . . .	100.000	131.565	136.697	98.292	81.437
Rio de Janeiro.. . . . .	91.386	130.869	128.205	103.535	115.462
São Paulo.. . . . .	236.777	331.985	324.934	282.234	325.371
Paraná.. . . . .	11.194	13.685	14.471	12.184	11.353
Sta. Catarina.. . . . .	61.219	95.465	192.700	233.626	257.453
Rio Grande do Sul.. . . . .	11.571	13.859	16.631	45.210	30.040
Minas Gerais.. . . . .	2.112.406	2.175.533	2.281.511	1.907.122	2.111.795
Goiaz.. . . . .	172.588	206.971	188.504	156.550	128.945
Mato Grosso.. . . . .	2.333	3.172	3.307	2.708	6.522
<b>BRASIL.. . . . .</b>	<b>6.073.375</b>	<b>5.787.558</b>	<b>5.593.200</b>	<b>4.999.488</b>	<b>5.619.809</b>

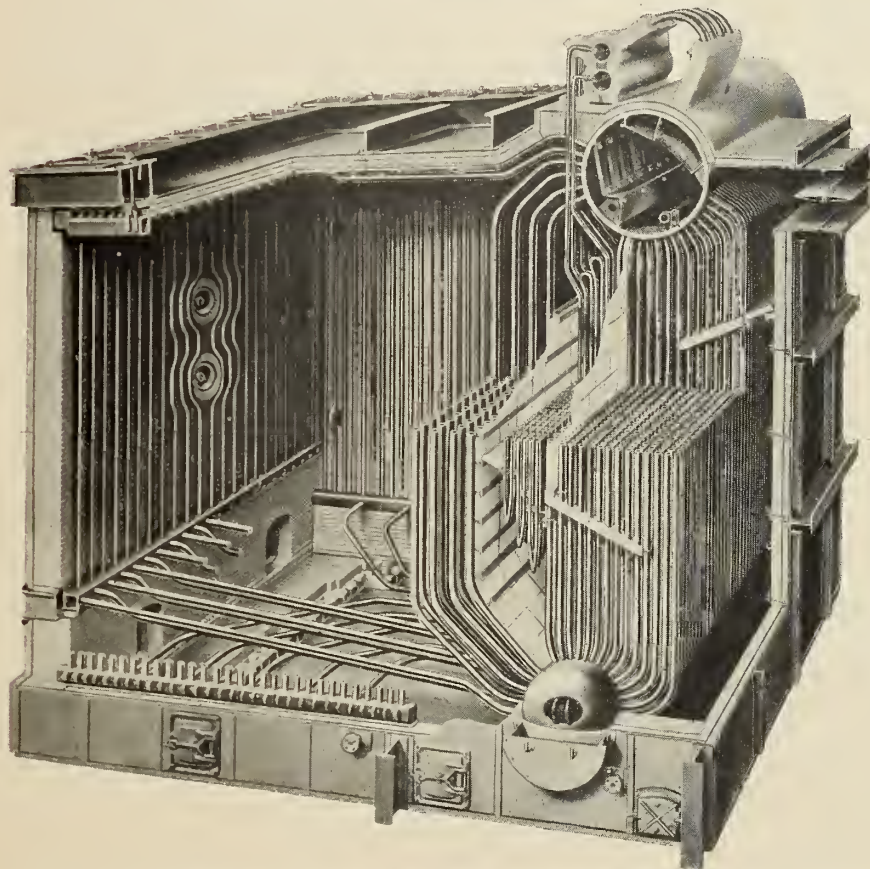


# COMBUSTION ENGINEERING CO.

GERADORES DE VAPOR DE TODOS OS TIPOS

EQUIPAMENTOS EFICIENTES PARA QUEIMAR BAGAÇO,  
LENHA, CARVÃO NACIONAL

Um gerador "CE" industrial, moderno



*Câmaras de combustão revestidas de tubos vaporizadores - máxima elasticidade - eliminação de despesas com manutenção de alvenarias*

Os nossos técnicos estudam com prazer qualquer problema térmico de VV. SS.

Representante Geral para a America do Sul — MELLOR-GOODWIN S. d. R. LTDA.

**ESCRITORIO PARA O BRASIL**

**TELEG: MELGOOD — RIO**

**W. HALLER - Rio de Janeiro**

**TEL: 43-2199 — C. P. 3525**



# USINA CATENDE S. A.



**Reprodução, em cifras, dos gráficos apresentados pela Usina Catende S/A no seu "stand" instalado no "ambiente açucareiro" da Exposição Nacional de Pernambuco**

DISCRIMINAÇÃO	1934/35	1935/36	1936/37	1937/38	1938/39	Estimativa 1939/40
Açúcar — sacos . . . . .	371.637	358.678	157.110	308.645	431.385	450.000
Alcool amido — litros . . . . .	2.337.945	2.006.837	4.268.968	2.697.602	5.251.172	5.500.000
Adubo — quilos . . . . .	—	—	—	2.655.000	3.981.270	4.500.000
Canas Usina . . . . .	153.974.670	202.086.080	74.808.440	159.161.010	251.959.250	(tons. 200.000)
Ordenados e salários — Rs. . . . .	3.946.447\$380	5.361.916\$120	5.475.902\$910	6.602.021\$930	8.142.071\$620	
Gratificações . . . . .	312.266\$740	336.860\$060	331.017\$100	228.644\$220	309.320\$500	
Impostos federais, estaduais e municipais . . . . .	1.978.442\$630	1.705.489\$760	1.369.248\$550	2.001.076\$040	2.003.520\$960	
Assistência Social . . . . .	158.231\$860	237.112\$930	242.902\$180	875.396\$030	876.170\$500	
Taxa de defesa da produção . . . . .	1.118.511\$000	832.728\$000	471.324\$000	925.935\$000	1.305.142\$000	
Escolas primárias (16 e/18 cadeiras) Matrícula . . . . .	724	816	976	1.141	1.250	

## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

## 53 — Produção total

ESTADOS	SACOS DE 60 QUILOS				
	1935	1936	1937	1938	1939
Acre...	12.188	10.464	9.313	9.337	8.596
Amazonas...	9.113	7.894	6.965	6.219	5.849
Pará...	20.887	32.126	25.203	24.336	53.308
Maranhão...	43.447	44.345	40.144	47.564	59.643
Piauí...	51.211	31.094	28.032	37.558	41.582
Ceará...	423.308	230.309	220.493	273.632	323.999
Rio Grande do Norte...	277.321	251.865	181.113	151.016	207.760
Paraíba...	573.267	464.656	311.586	360.840	537.336
Pernambuco...	5.231.638	4.224.191	2.065.655	4.212.156	5.179.818
Alagoas...	1.984.060	1.446.779	1.121.702	1.456.492	2.092.142
Sergipe...	887.821	811.676	607.448	493.140	678.277
Baía...	1.303.090	1.140.553	1.331.924	1.307.627	1.179.537
Espírito Santo...	150.971	176.362	172.548	138.453	123.105
Rio de Janeiro...	2.188.788	2.664.007	2.626.165	2.175.211	2.429.437
São Paulo...	2.254.191	2.479.815	2.733.122	2.481.866	2.790.066
Paraná...	11.194	13.685	14.471	12.184	11.353
Sta. Catarina...	102.287	138.459	242.874	275.575	304.374
Rio Grande do Sul...	14.955	14.660	17.214	45.210	30.040
Minas Gerais...	2.494.486	2.564.786	2.697.920	2.286.098	2.493.845
Goiaz...	174.479	207.572	190.413	157.727	129.992
Mato Grosso...	19.822	20.889	22.208	22.700	32.784
<b>BRASIL</b> ...	<b>18.228.224</b>	<b>16.986.187</b>	<b>15.666.513</b>	<b>15.924.941</b>	<b>18.712.843</b>

## 221 — PRODUÇÃO DE AÇUCAR

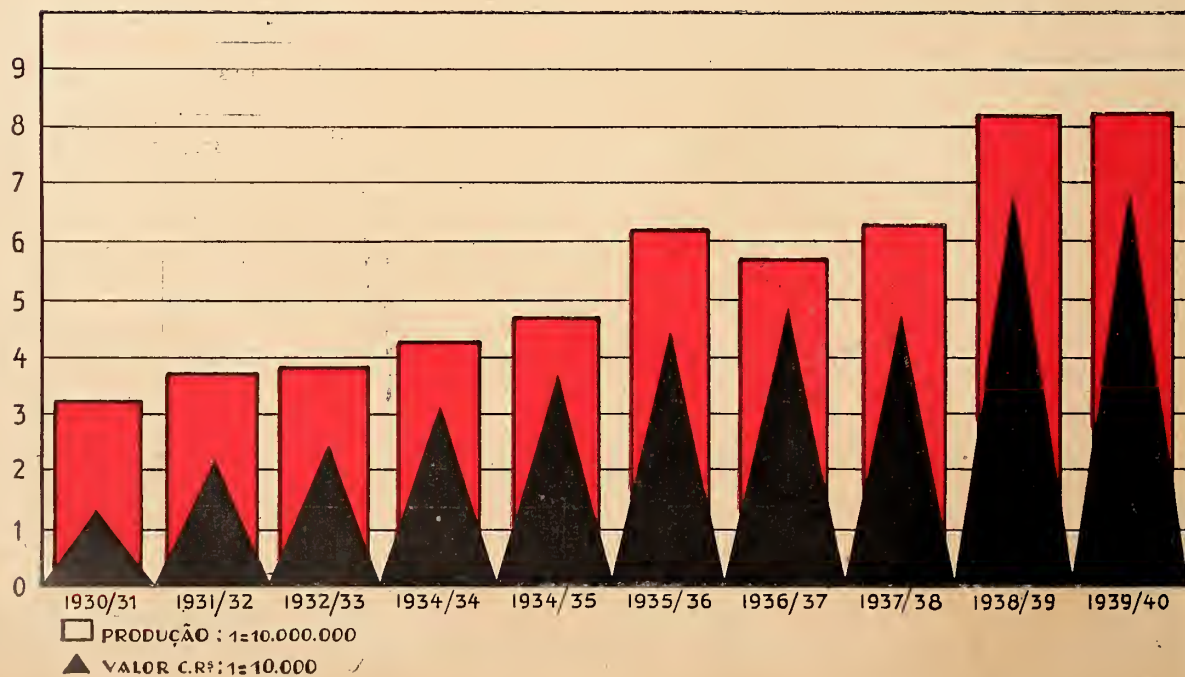
## 54 — Valor

ESTADOS	VALOR EM CONTOS DE RÉIS				
	1935	1936	1937	1938	1939
Acre...	366	471	430	420	387
Amazonas...	273	355	334	291	274
Pará...	627	1.446	1.210	1.291	2.527
Maranhão...	1.786	1.862	1.806	2.140	2.791
Piauí...	1.844	1.455	1.379	1.758	1.971
Ceará...	17.779	10.814	10.187	12.313	14.580
Rio Grande do Norte...	7.987	10.578	8.150	6.615	9.349
Paraíba...	20.638	19.516	14.021	15.155	22.568
Pernambuco...	172.644	152.071	119.561	126.365	155.395
Alagoas...	65.474	49.480	41.727	43.695	62.764
Sergipe...	26.635	29.220	22.597	13.315	20.348
Baía...	45.348	47.903	55.941	47.075	43.879
Espírito Santo...	5.254	7.936	7.972	6.230	5.687
Rio de Janeiro...	91.929	108.691	118.177	95.274	104.952
São Paulo...	94.676	111.592	126.270	111.684	125.553
Paraná...	431	591	651	512	490
Sta. Catarina...	2.455	4.154	8.015	8.763	9.679
Rio Grande do Sul...	538	660	795	2.034	1.370
Minas Gerais...	104.768	107.721	121.405	100.624	113.719
Goiaz...	6.805	9.341	8.569	7.098	5.850
Mato Grosso...	833	1.065	1.343	1.294	1.869
<b>BRASIL</b> ...	<b>669.093</b>	<b>676.922</b>	<b>670.641</b>	<b>603.794</b>	<b>706.002</b>

## 222 — PRODUÇÃO DE ALCOOL

## 11 — Quantidade e valor

S A F R A S	Produção (em litros)	Valor em contos de réis	Preço medio por litro
1930/31. ....	33.291.642	13.548	\$407
1931/32. ....	37.357.959	21.510	\$576
1932/33. ....	38.968.390	24.493	\$629
1933/34. ....	43.436.288	31.221	\$719
1934/35. ....	47.230.346	37.605	\$796
1935/36. ....	62.038.610	44.446	\$716
1936/37. ....	57.382.148	48.791	\$850
1937/38. ....	63.861.605	47.391	\$742
1938/39. ....	92.314.075	67.759	\$784
1939/40. ....	93.714.239	69.496	\$741



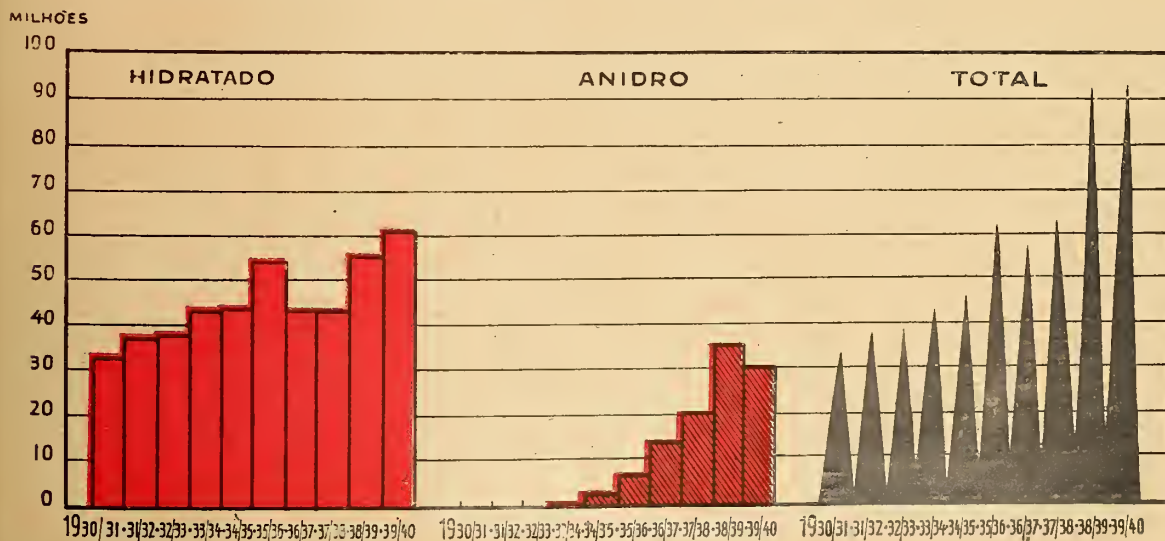


## 222 — PRODUÇÃO DE ALCOOL

## 12 — Discriminação por tipos de fabricação

SAFRAS	PRODUÇÃO EM LITROS			% SOBRE O TOTAL	
	Hidratado	Anidro	TOTAL	Hidratado %	Anidro %
1930/31. . . . .	33.291.642	—	33.291.642	100,0	—
1931/32. . . . .	37.357.959	—	37.357.959	100,0	—
1932/33. . . . .	38.968.390	—	38.968.390	100,0	—
1933/34. . . . .	43.336.288	100.000	43.436.288	98,8	0,2
1934/35. . . . .	43.973.862	3.256.484	47.230.346	93,1	6,9
1935/36. . . . .	54.228.552	7.810.058	62.038.610	87,4	12,6
1936/37. . . . .	43.283.511	14.098.637	57.382.148	75,4	24,6
1937/38. . . . .	43.244.835	20.616.770	63.861.605	67,7	32,3
1938/39. . . . .	55.808.197	36.505.878	92.314.075	60,5	39,5
1939/40. . . . .	62.214.868	31.499.371	93.714.239	66,4	33,6

NOTA — Nas quantidades de anidro não estão computadas as provenientes de desidratação.





## 222 — PRODUÇÃO DE ALCOOL

## 21 — Quantidade

ESTADOS	QUANTIDADES EM LITROS					
	MEDIA 1930/31 — 1934/35	1935/36	1936/37	1937/38	1938/39	1939/40
Acre.. . . . .	60	—	—	—	—	—
Amazonas.. . . . .	57	—	—	—	—	—
Pará.. . . . .	203.389	76.002	23.580	32.364	21.888	28.334
Maranhão.. . . . .	100	—	—	—	—	—
Piauí.. . . . .	2.180	—	—	—	—	—
Ceará.. . . . .	4.045	750	—	—	—	—
Rio Grande do Norte.. . . . .	—	—	—	—	38.050	98.540
Paraíba.. . . . .	205.615	371.400	194.108	91.700	729.000	927.300
Pernambuco.. . . . .	16.596.598	28.519.312	17.787.650	23.138.898	34.497.379	29.259.371
Alagoas.. . . . .	3.148.418	3.635.809	3.851.386	5.092.312	7.061.131	7.778.685
Sergipe.. . . . .	500.175	877.650	659.558	568.821	473.769	767.383
Baía.. . . . .	1.106.763	130.410	—	82.320	41.790	18.760
Espirito Santo.. . . . .	142.202	233.611	343.650	213.200	299.927	238.431
Rio de Janeiro.. . . . .	8.777.620	11.448.005	14.997.709	15.567.691	21.505.258	22.231.607
São Paulo.. . . . .	8.301.635	14.031.621	16.023.096	15.369.853	21.731.116	29.694.287
Paraná.. . . . .	—	—	—	—	—	—
Sta. Catarina.. . . . .	73.212	349.421	711.123	632.974	427.240	399.147
Rio Grande do Sul.. . . . .	1.957	59.688	76.574	55.000	—	—
Minas Gerais.. . . . .	798.850	2.090.097	2.426.282	2.728.296	2.250.198	2.119.780
Goiaz.. . . . .	36.800	—	—	—	—	—
Mato Grosso.. . . . .	157.264	214.834	287.432	288.176	237.299	152.614
<b>B R A S I L.. . . . .</b>	<b>40.056.940</b>	<b>62.038.610</b>	<b>57.382.148</b>	<b>63.861.605</b>	<b>92.314.075</b>	<b>93.714.239</b>

## 222 — PRODUÇÃO DE ALCOOL

## 22 — Valor

ESTADOS	VALOR EM CONTOS DE RÊIS					
	MEDIA 1930/31 — 1934/35	1935/36	1936/37	1937/38	1938/39	1939/40
Acre.. . . . .	—	—	—	—	—	—
Amazonas.. . . . .	—	—	—	—	—	—
Pará.. . . . .	131	61	20	28	18	24
Maranhão.. . . . .	—	—	—	—	—	—
Piauí.. . . . .	—	—	—	—	—	—
Ceará.. . . . .	2	1	—	—	—	—
Rio Grande do Norte.. . . . .	—	—	—	—	30	79
Paraíba.. . . . .	112	297	155	74	569	723
Pernambuco.. . . . .	7.932	17.112	11.562	15.040	22.423	19.019
Alagoas.. . . . .	2.186	3.018	3.466	4.583	6.214	6.845
Sergipe.. . . . .	359	790	594	512	417	683
Baía.. . . . .	786	117	—	74	37	16
Espirito Santo.. . . . .	106	191	292	181	255	207
Rio de Janeiro.. . . . .	6.908	10.303	17.397	11.676	18.624	16.896
São Paulo.. . . . .	6.305	10.103	12.017	11.528	16.298	22.271
Paraná.. . . . .	—	—	—	—	—	—
Sta. Catarina.. . . . .	60	307	626	557	363	339
Rio Grande do Sul.. . . . .	1	72	92	66	—	—
Minas Gerais.. . . . .	652	1.881	2.305	2.728	2.250	2.226
Goiaz.. . . . .	26	—	—	—	—	—
Mato Grosso.. . . . .	109	193	265	344	261	168
<b>B R A S I L.. . . . .</b>	<b>25.675</b>	<b>44.446</b>	<b>48.791</b>	<b>47.391</b>	<b>67.759</b>	<b>69.496</b>

## 222 — PRODUÇÃO DE ALCOOL

31 — Safra de 1934/35  
EM LITROS

ESTADOS	DISCRIMINAÇÃO POR TIPOS DE FABRICAÇÃO			
	ALCOOL BRUTO de 74° a 94,5°	ALCOOL RETIFICADO 95° a 97,5°	ALCOOL ANIDRO acima de 99,5° G. L.	TOTAL
Acre..	—	—	—	—
Amazonas..	—	—	—	—
Pará..	57.106	9.066	—	66.172
Maranhão..	—	—	—	—
Piauí..	—	—	—	—
Ceará..	—	—	—	—
Rio Grande do Norte..	—	—	—	—
Paraíba..	214.972	—	—	214.972
Pernambuco..	4.315.517	15.528.363	784.868	20.628.748
Alagoas..	643.163	2.600.738	1.101.827	4.345.728
Sergipe..	135.164	222.325	—	357.489
Baía..	45.244	287.787	—	333.031
Espírito Santo..	—	104.500	—	104.500
Rio de Janeiro..	848.520	7.100.196	440.763	8.389.479
São Paulo..	612.010	10.043.388	912.060	11.567.458
Paraná..	—	—	—	—
Sta. Catarina..	7.250	108.401	—	115.651
Rio Grande do Sul..	—	—	—	—
Minas Gerais..	4.200	976.437	—	980.637
Goiáz..	—	—	—	—
Mato Grosso..	119.498	6.983	—	126.481
<b>B R A S I L</b> ..	<b>7.002.644</b>	<b>36.988.184</b>	<b>3.239.518</b>	<b>47.230.346</b>

## 222 — PRODUÇÃO DE ALCOOL

32 — Safra de 1935/36  
EM LITROS

ESTADOS	DISCRIMINAÇÃO POR TIPOS DE FABRICAÇÃO			
	ALCOOL BRUTO de 74° a 94,5°	ALCOOL RETIFICADO 95° a 97,5°	ALCOOL ANIDRO acima de 99,5° G. L.	TOTAL
Acre..	—	—	—	—
Amazonas..	—	—	—	—
Pará..	38.138	37.864	—	76.002
Maranhão..	—	—	—	—
Piauí..	—	—	—	—
Ceará..	—	750	—	750
Rio Grande do Norte..	—	—	—	—
Paraíba..	306.300	65.100	—	371.400
Pernambuco..	4.920.579	19.784.636	3.814.097	28.519.312
Alagoas..	571.726	2.401.914	662.169	3.635.809
Sergipe..	623.451	254.199	—	877.650
Baía..	52.420	77.990	—	130.410
Espírito Santo..	—	233.611	—	233.611
Rio de Janeiro..	2.384.163	7.730.441	1.333.401	11.448.005
São Paulo..	892.617	11.298.880	1.930.124	14.031.621
Paraná..	—	—	—	—
Sta. Catarina..	—	349.421	—	349.421
Rio Grande do Sul..	59.688	—	—	59.688
Minas Gerais..	6.500	2.083.597	—	2.090.097
Goiáz..	—	—	—	—
Mato Grosso..	151.494	63.340	—	214.834
<b>B R A S I L</b> ..	<b>9.917.076</b>	<b>44.381.743</b>	<b>7.739.791</b>	<b>62.038.610</b>

## 222 — PRODUÇÃO DE ALCOOL

33 — Safra de 1936/37  
EM LITROS

ESTADOS	DISCRIMINAÇÃO POR TIPOS DE FABRICAÇÃO			
	ALCOOL BRUTO de 74° a 94,5°	ALCOOL RETIFICADO 95° a 97,5°	ALCOOL ANIDRO acima de 99,5° G. L.	TOTAL
Acre.....	—	—	—	—
Amazonas.....	—	—	—	—
Pará.....	4.512	19.068	—	23.580
Maranhão.....	—	—	—	—
Piauí.....	—	—	—	—
Ceará.....	—	—	—	—
Rio Grande do Norte.....	—	—	—	—
Paraíba.....	148.200	45.908	—	194.108
Pernambuco.....	2.191.315	10.292.296	5.304.039	17.787.650
Alagoas.....	865.297	2.395.313	590.776	3.851.386
Sergipe.....	468.606	190.952	—	659.558
Baía.....	—	—	—	—
Espirito Santo.....	—	343.650	—	343.650
Rio de Janeiro.....	3.341.012	8.038.763	3.617.934	14.997.709
São Paulo.....	1.105.217	10.809.429	4.108.450	16.023.096
Paraná.....	—	—	—	—
Sta. Catarina.....	—	711.123	—	711.123
Rio Grande do Sul.....	76.574	—	—	76.574
Minas Gerais.....	2.300	1.969.638	454.344	2.426.282
Goiaz.....	—	—	—	—
Mato Grosso.....	183.583	103.849	—	287.432
<b>B R A S I L.....</b>	<b>8.386.616</b>	<b>34.919.989</b>	<b>14.075.543</b>	<b>57.382.148</b>

## 222 — PRODUÇÃO DE ALCOOL

34 — Safra de 1937/38  
EM LITROS

ESTADOS	DISCRIMINAÇÃO POR TIPOS DE FABRICAÇÃO			
	ALCOOL BRUTO de 74° a 94,5°	ALCOOL RETIFICADO 95° a 97,5°	ALCOOL ANIDRO acima de 99,5° G. L.	TOTAL
Acre.....	—	—	—	—
Amazonas.....	—	—	—	—
Pará.....	3.384	28.980	—	32.364
Maranhão.....	—	—	—	—
Piauí.....	—	—	—	—
Ceará.....	—	—	—	—
Rio Grande do Norte.....	—	—	—	—
Paraíba.....	39.400	52.300	—	91.700
Pernambuco.....	3.115.889	12.278.483	7.744.526	23.138.898
Alagoas.....	1.858.079	995.061	2.239.172	5.092.312
Sergipe.....	16.452	552.369	—	568.821
Baía.....	—	82.320	—	82.320
Espirito Santo.....	—	213.200	—	213.200
Rio de Janeiro.....	934.810	7.756.161	6.876.720	15.567.691
São Paulo.....	1.065.241	11.085.260	3.219.352	15.369.853
Paraná.....	—	—	—	—
Sta. Catarina.....	448.074	184.900	—	632.974
Rio Grande do Sul.....	55.000	—	—	55.000
Minas Gerais.....	129.927	2.061.369	537.000	2.728.296
Goiaz.....	—	—	—	—
Mato Grosso.....	200.017	88.159	—	288.176
<b>B R A S I L.....</b>	<b>7.866.273</b>	<b>35.378.562</b>	<b>20.616.770</b>	<b>63.861.605</b>

## 222 — PRODUÇÃO DE ALCOOL

35 — Safra de 1938/39  
EM LITROS

ESTADOS	DISCRIMINAÇÃO POR TIPOS DE FABRICAÇÃO			
	ALCOOL BRUTO de 74° a 94,5°	ALCOOL RETIFICADO 95° a 97,5°	ALCOOL ANIDRO acima de 99,5° G. L.	TOTAL
Acre.. . . . .	—	—	—	—
Amazonas.. . . . .	—	—	—	—
Pará.. . . . .	8.136	13.752	—	21.888
Maranhão.. . . . .	—	—	—	—
Piauí.. . . . .	—	—	—	—
Ceará.. . . . .	—	—	—	—
Rio Grande do Norte.. . . . .	—	38.050	—	38.050
Paraíba.. . . . .	254.000	475.000	—	729.000
Pernambuco.. . . . .	4.670.249	18.040.813	11.786.317	34.497.379
Alagoas.. . . . .	2.919.537	1.528.267	2.613.327	7.061.131
Sergipe.. . . . .	—	473.769	—	473.769
Baía.. . . . .	—	41.790	—	41.790
Espirito Santo.. . . . .	—	299.927	—	299.927
Rio de Janeiro.. . . . .	2.018.704	5.593.821	16.892.763	24.505.288
São Paulo.. . . . .	1.489.067	15.136.028	5.106.021	21.731.116
Paraná.. . . . .	—	—	—	—
Sta. Catarina.. . . . .	193.720	233.250	—	427.240
Rio Grande do Sul.. . . . .	—	—	—	—
Minas Gerais.. . . . .	66.303	2.076.445	107.450	2.250.198
Goiaz.. . . . .	—	—	—	—
Mato Grosso.. . . . .	185.252	52.047	—	237.299
<b>B R A S I L.. . . . .</b>	<b>11.804.968</b>	<b>44.003.229</b>	<b>36.505.878</b>	<b>92.314.075</b>

## 222 — PRODUÇÃO DE ALCOOL

36 — Safra de 1939/40  
EM LITROS

ESTADOS	DISCRIMINAÇÃO POR TIPOS DE FABRICAÇÃO			
	ALCOOL BRUTO de 74° a 94,5°	ALCOOL RETIFICADO 95° a 97,5°	ALCOOL ANIDRO acima de 99,5° G. L.	TOTAL
Acre.. . . . .	—	—	—	—
Amazonas.. . . . .	—	—	—	—
Pará.. . . . .	10.466	17.868	—	28.334
Maranhão.. . . . .	—	—	—	—
Piauí.. . . . .	—	—	—	—
Ceará.. . . . .	—	—	—	—
Rio Grande do Norte.. . . . .	—	98.540	—	98.540
Paraíba.. . . . .	315.300	612.000	—	927.300
Pernambuco.. . . . .	4.101.596	16.592.287	8.565.488	29.259.371
Alagoas.. . . . .	3.206.320	1.397.032	3.175.333	7.778.685
Sergipe.. . . . .	—	767.383	—	767.383
Baía.. . . . .	—	18.760	—	18.760
Espirito Santo.. . . . .	110.614	—	127.817	238.431
Rio de Janeiro.. . . . .	2.440.957	6.505.845	13.284.805	22.231.607
São Paulo.. . . . .	2.168.053	21.232.260	6.293.974	29.694.287
Paraná.. . . . .	—	—	—	—
Sta. Catarina.. . . . .	—	399.147	—	399.147
Rio Grande do Sul.. . . . .	—	—	—	—
Minas Gerais.. . . . .	776.308	1.291.518	51.954	2.119.780
Goiaz.. . . . .	—	—	—	—
Mato Grosso.. . . . .	142.199	10.415	—	152.614
<b>B R A S I L.. . . . .</b>	<b>13.271.813</b>	<b>48.943.055</b>	<b>31.499.371</b>	<b>93.714.239</b>



## 222 — PRODUÇÃO DE ALCOOL

## 41 — Quantidade

ESTADOS	QUANTIDADES EM LITROS				
	1935	1936	1937	1938	1939
Acre.. . . . .	—	—	—	—	—
Amazonas.. . . . .	—	—	—	—	—
Pará.. . . . .	76.002	23.580	30.600	21.888	28.334
Maranhão.. . . . .	—	—	—	—	—
Piauí.. . . . .	—	—	—	—	—
Ceará.. . . . .	—	—	—	—	—
Rio Grande do Norte.. . . . .	—	—	—	—	92.490
Paraíba.. . . . .	249.304	500.416	109.520	378.200	725.500
Pernambuco.. . . . .	21.651.040	26.312.920	18.155.482	28.023.007	30.492.690
Alagoas.. . . . .	3.016.895	3.665.319	4.714.644	5.385.542	7.112.528
Sergipe.. . . . .	449.381	1.044.610	527.562	419.144	610.055
Baía.. . . . .	175.255	30.090	37.910	67.710	18.490
Espirito Santo.. . . . .	184.311	264.450	323.800	195.463	376.625
Rio de Janeiro.. . . . .	10.152.618	13.798.470	15.974.994	21.951.175	25.044.375
São Paulo.. . . . .	13.245.075	16.411.981	15.393.348	21.708.995	29.480.728
Paraná.. . . . .	—	—	—	—	—
Sta. Catarina.. . . . .	125.201	642.085	763.543	493.230	291.010
Rio Grande do Sul.. . . . .	46.860	54.372	82.330	—	—
Minas Gerais.. . . . .	1.673.133	2.741.905	2.744.845	2.141.601	2.289.276
Goiaz.. . . . .	—	—	—	—	—
Mato Grosso.. . . . .	214.834	285.506	287.780	237.695	152.614
<b>B R A S I L.. . . . .</b>	<b>51.259.909</b>	<b>65.775.764</b>	<b>59.146.358</b>	<b>81.023.650</b>	<b>96.714.715</b>

## 222 — PRODUÇÃO DE ALCOOL

## 42 — Valor

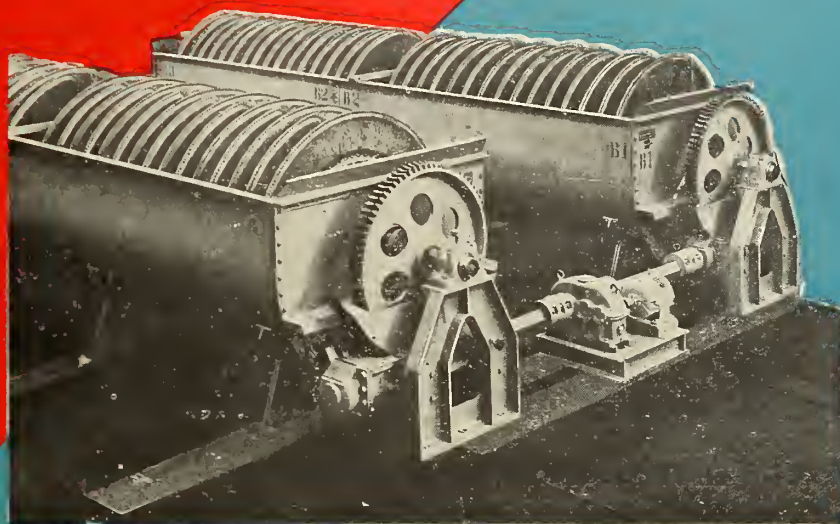
ESTADOS	VALOR EM CONTOS DE RÊIS				
	1935	1936	1937	1938	1939
Acre.. . . . .	—	—	—	—	—
Amazonas.. . . . .	—	—	—	—	—
Pará.. . . . .	61	20	26	18	24
Maranhão.. . . . .	—	—	—	—	—
Piauí.. . . . .	—	—	—	—	—
Ceará.. . . . .	—	—	—	—	—
Rio Grande do Norte.. . . . .	—	—	—	—	74
Paraíba.. . . . .	199	399	88	295	566
Pernambuco.. . . . .	12.991	17.103	11.801	18.215	19.820
Alagoas.. . . . .	2.504	3.299	4.243	4.739	6.259
Sergipe.. . . . .	404	940	475	369	543
Baía.. . . . .	157	24	34	60	16
Espirito Santo.. . . . .	151	225	275	166	328
Rio de Janeiro.. . . . .	9.131	16.006	11.981	16.683	19.034
São Paulo.. . . . .	9.137	12.309	11.545	16.282	22.111
Paraná.. . . . .	—	—	—	—	—
Sta. Catarina.. . . . .	110	565	672	419	247
Rio Grande do Sul.. . . . .	57	65	99	—	—
Minas Gerais.. . . . .	1.506	2.605	2.745	2.142	2.404
Goiaz.. . . . .	—	—	—	—	—
Mato Grosso.. . . . .	193	263	344	261	168
<b>B R A S I L.. . . . .</b>	<b>37.006</b>	<b>53.823</b>	<b>44.328</b>	<b>59.649</b>	<b>71.594</b>

# WERKSPoor N.V.

AMSTERDAM - HOLANDA

*maquinismo para a industria açucareira—*

*diversas especialidades—*



Um grande sucesso é o cristalizador rápido

WERKSPoor

Dá o maior rendimento em cristal de massa cozida sem prejuizo da qualidade do açúcar e é apto para todas as qualidades de massas cozidas

AGENTES GERAIS NO BRASIL

**FERREIRA PASSARELLO & CO. LTDA.**

Travessa do Ouvidor n. 15

Caixa Postal n. 2.194 — Endereço telegráfico "FORNECIMENTO"  
Telefone 23-3234

Rio de Janeiro ● Brasil

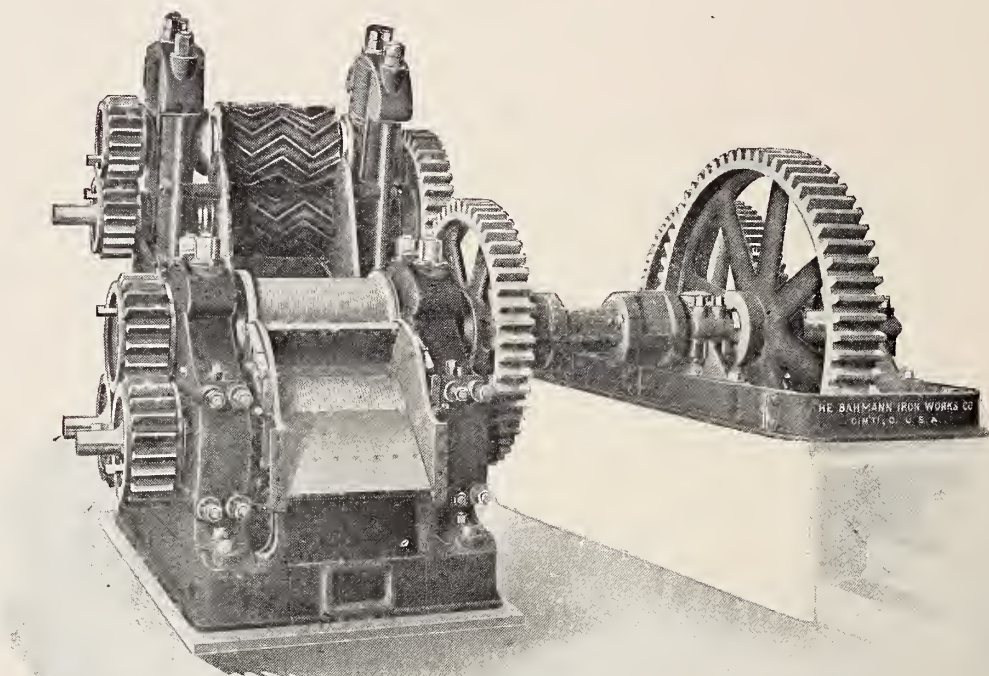


# Eugenio Sánchez Góngora & Cia. Ltda.

AVENIDA RIO BRANCO, 137 - 1.º ANDAR - S. 110

TELEG. "SÁNCHEZ" RIO — TELEFONE 23-2478 — CAIXA POSTAL 1566

RIO DE JANEIRO  
BRASIL



✦ ✦ ✦  
**FABRICANTE** de Moendas - Turbinas tipo Weston - Vacuos - Aparelhos de triplice efeito - Cristalizadores - Pré-evaporadores - Bombas rotativas de bronze - Condensadores barométricos - Aparelhos sulfitadores - Filtros-prensas - Filtros Philips - Decantadores continuos para caldo.

**Aparelhos para beneficiar residuos de matadouros. Caldeiras S. F. multibulares e Eureka, São Paulo.**

✦ ✦ ✦  
**REPRESENTANTE** dos Ateliers Pingris & Mollet-Fontaine Réunis - Lille (França) e Tournai (Bélgica), fabricantes de Distilarias e aparelhos para alcool absoluto.

## 222 — PRODUÇÃO DE ALCOOL

## 5 — Alcool anidro por destilaria

ESTADOS E DESTILARIAS	QUANTIDADES EM LITROS						
	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1939
<b>PARAIBA</b>							
Dist. Mandacaru. . . . .	—	—	—	191.928	—	—	—
Total. . . . .	—	—	—	191.928	—	—	—
<b>PERNAMBUCO</b>							
Usina Barceiros. . . . .	—	22.615	1.054.548	1.103.161	999.019	1.559.290	1.639.310
Usina Catende. . . . .	—	—	—	2.172.252	1.449.915	4.653.067	4.480.169
Usina Sta. Terezinha. . . . .	—	—	—	2.248.480	2.191.661	3.755.607	2.615.918
Usina Timbó-Asú. . . . .	—	—	—	222.910	290.150	504.660	377.450
Dist. Prod. Pernambuco. . . . .	—	—	748.567	3.288.547	255.150	1.357.781	3.779.825
Total. . . . .	—	22.615	1.803.115	9.035.350	5.185.895	11.830.405	12.892.672
<b>ALAGOAS</b>							
Usina Central Leão. . . . .	—	187.722	952.132	894.189	1.221.302	2.245.142	2.488.235
Total. . . . .	—	187.722	952.132	894.189	1.221.302	2.245.142	2.488.235
<b>ESPIRITO SANTO</b>							
Usina Paineiras. . . . .	—	—	—	—	—	—	127.817
Total. . . . .	—	—	—	—	—	—	127.817
<b>RIO DE JANEIRO</b>							
Usina Conceição Macabú. . . . .	—	203.158	442.541	—	—	—	130.111
Usina Cupim. . . . .	—	—	15.100	740.200	653.735	938.220	965.900
Usina Laranjeiras. . . . .	—	—	329.437	—	—	—	85.000
Usina Outeiro. . . . .	—	—	—	909.903	685.580	1.009.549	116.139
Usina Queimado. . . . .	—	—	—	1.033.880	1.254.990	383.220	147.461
Usina Sta. Cruz. . . . .	—	—	—	1.127.296	2.701.468	3.110.088	2.529.622
Usina São José. . . . .	—	—	—	—	539.868	4.043.910	2.654.798
Dist. Central E. do Rio. . . . .	—	—	—	—	—	3.811.897	9.530.508
Total. . . . .	—	203.158	787.078	3.811.279	5.835.641	13.296.884	16.159.539
<b>DISTRITO FEDERAL</b>							
Usinas Nacionais. . . . .	—	16.966	70.267	23.094	—	—	—
Total. . . . .	—	16.966	70.267	23.094	—	—	—
<b>S. PAULO</b>							
Usina Ester. . . . .	—	—	—	—	—	—	245.265
Usina Itaipuara. . . . .	—	—	295.695	239.652	218.026	270.705	404.813
Usina Junqueira. . . . .	—	—	—	—	—	665.943	353.856
Usina Monte Alegre. . . . .	—	—	707.101	469.352	1.538.096	969.842	1.407.208
Usina Piracicaba. . . . .	100.000	481.400	342.200	666.800	468.400	838.951	670.813
Usina Porto Feliz. . . . .	—	—	—	802.400	450.800	590.600	407.800
Usina Sta. Barbara. . . . .	—	—	71.370	778.780	378.750	486.600	344.000
Usina Tamoio. . . . .	—	—	—	—	—	—	1.486.150
Usina Vassununga. . . . .	—	—	106.871	67.264	160.871	173.812	13.752
Usina Vila Raffard. . . . .	—	—	275.600	1.028.000	403.000	194.000	456.100
Dist. Itacema. . . . .	—	—	—	—	—	252.600	658.528
Total. . . . .	100.000	481.400	1.798.837	4.052.248	3.617.943	4.443.053	6.448.285
<b>MINAS GERAIS</b>							
Usina Rio Branco. . . . .	—	—	—	454.344	537.000	104.450	54.954
Total. . . . .	—	—	—	454.344	537.000	104.450	54.954
<b>TOTAL GERAL. . . . .</b>	<b>100.000</b>	<b>911.861</b>	<b>5.411.429</b>	<b>18.462.432</b>	<b>16.397.781</b>	<b>31.919.934</b>	<b>38.171.502</b>



## 223 — PRODUÇÃO DE AGUARDENTE

## II — Quantidade

ESTADOS	LITROS					
	MEDIA 1929/33	1934	1935	1936	1937 (1)	1938 (2)
Acre.. . . . .	82.400	80.000	81.000	75.000	85.000	80.000
Amazonas.. . . . .	175.000	165.000	167.000	150.000	160.000	159.000
Pará.. . . . .	1.279.300	1.340.000	1.360.000	1.200.000	1.300.000	1.287.000
Maranhão.. . . . .	1.486.000	583.000	500.000	550.000	580.000	560.000
Piauí.. . . . .	443.200	486.000	492.000	551.000	560.000	550.000
Ceará.. . . . .	1.943.280	2.000.000	2.500.000	2.300.000	2.000.000	2.300.000
Rio Grande do Norte . . . . .	1.130.000	1.500.000	1.355.000	1.832.000	1.800.000	1.500.000
Paraíba.. . . . .	1.620.140	1.306.000	1.460.000	1.300.000	1.250.000	1.500.000
Pernambuco.. . . . .	5.973.600	5.160.000	4.255.000	4.060.000	2.060.000	3.400.000
Alagoas.. . . . .	2.801.660	2.800.000	3.408.000	3.260.000	2.800.000	3.000.000
Sergipe.. . . . .	5.412.000	5.064.000	2.000.000	3.000.000	3.500.000	3.000.000
Baía.. . . . .	4.920.800	4.800.000	4.870.000	4.500.000	4.800.000	4.750.000
Espirito Santo.. . . . .	2.376.000	6.735.000	6.820.000	6.000.000	6.200.000	6.300.000
Rio de Janeiro.. . . . .	16.000.000	15.000.000	15.200.000	22.748.500	30.190.100	29.684.000
São Paulo.. . . . .	42.597.492	40.000.000	39.881.000	33.296.000	40.000.000	37.000.000
Paraná.. . . . .	5.000.000	5.560.000	5.580.000	5.600.000	6.000.000	5.800.000
Sta. Catarina.. . . . .	4.161.600	3.500.000	3.550.000	3.000.000	3.200.000	3.250.000
Rio Grande do Sul.. . . . .	4.668.000	5.500.000	2.837.000	6.000.000	6.200.000	6.000.000
Minas Gerais.. . . . .	16.611.100	15.800.000	15.700.000	19.561.200	18.060.000	18.000.000
Goiaz.. . . . .	845.390	1.042.000	700.000	600.000	650.000	650.000
Mato Grosso.. . . . .	969.760	753.000	765.000	700.000	1.242.900	1.100.000
<b>BRASIL.. . . . .</b>	<b>120.496.722</b>	<b>119.054.000</b>	<b>113.461.000</b>	<b>120.163.700</b>	<b>132.518.000</b>	<b>130.170.000</b>

NOTA — (1) Dados sujeitos a retificação. (2) Estimativa. Dados fornecidos pelo D. E. P. do Ministerio da Agricultura.

## 223 — PRODUÇÃO DE AGUARDENTE

## 12 — Valor

ESTADOS	CONTOS DE RÊIS					
	MEDIA 1929/33	1934	1935	1936	1937 (1)	1938 (2)
Acre...	33	56	65	64	77	72
Amazonas...	71	132	134	128	144	143
Pará...	471	938	1.088	1.020	1.170	1.158
Maranhão...	519	350	400	468	522	504
Piauí...	166	389	394	551	616	605
Ceará...	751	1.600	1.875	2.185	2.000	2.300
Rio Grande do Norte...	434	1.200	949	1.832	1.980	1.980
Paraíba...	459	914	1.022	1.235	1.250	1.500
Pernambuco...	1.519	3.570	3.176	3.600	1.800	3.660
Alagoas...	834	1.960	2.045	2.560	2.380	2.550
Sergipe...	1.761	3.038	1.200	2.100	2.625	2.250
Baía...	2.012	2.880	3.166	3.600	4.080	4.058
Espirito Santo...	1.193	5.388	5.456	6.000	6.200	6.300
Rio de Janeiro...	8.000	10.500	10.640	18.199	26.265	25.825
São Paulo...	21.503	28.000	27.917	26.637	34.000	31.450
Paraná...	2.400	3.300	3.348	5.040	6.000	5.800
Sta. Catarina...	2.140	2.450	2.485	2.100	2.400	2.438
Rio Grande do Sul...	2.334	3.850	1.986	5.400	5.580	5.400
Minas Gerais...	7.789	11.060	10.990	13.469	12.600	12.600
Goiás...	320	834	525	540	585	585
Mato Grosso...	358	602	574	700	1.216	1.078
BRASIL...	55.067	83.011	79.435	97.428	113.490	111.636

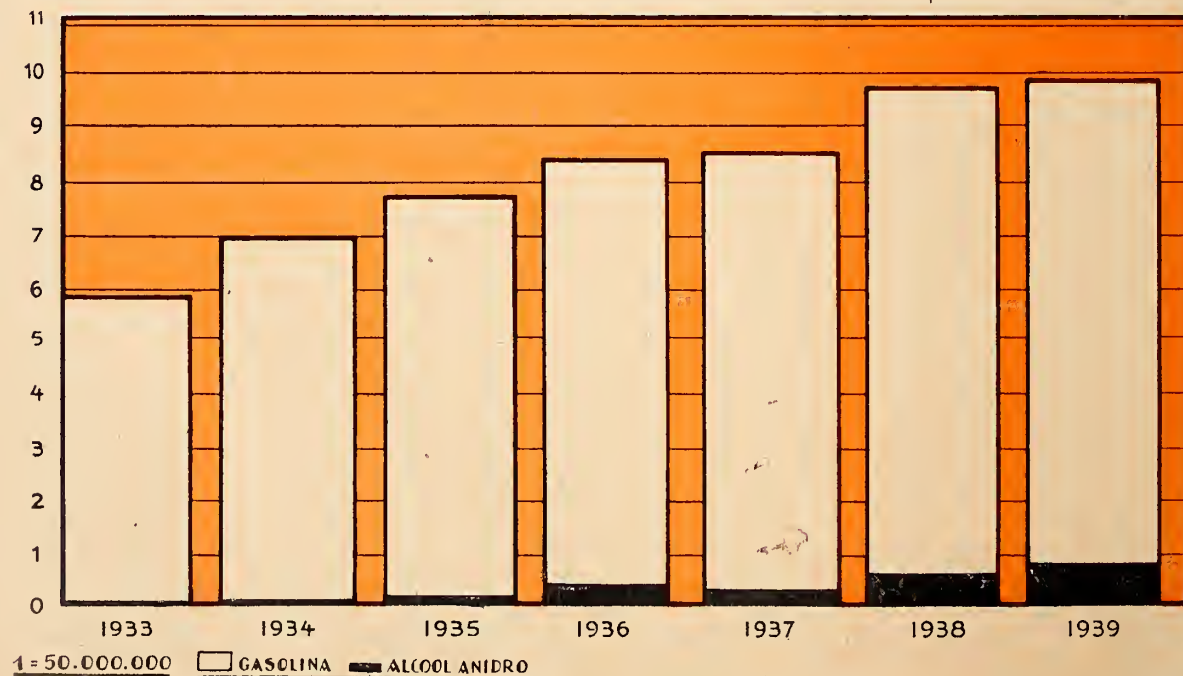
NOTA — (1) Dados sujeitos a retificação. (2) Estimativa. Dados fornecidos pelo D. E. P. do Ministerio da Agricultura.

## 224 — PRODUÇÃO DE ALCOOL-MOTOR

## 1 — Demonstrativo da atividade desenvolvida pelo I. A. A. para a solução do problema do Alcool-Motor

## 11 — Segundo o Aparelhamento

ANOS	QUANTIDADES EM LITROS				CAPACIDADE	
	Importação de gasolina sujeita a desnaturação	Quantidade de alcool anidro correspondente a quota legal	Produção de alcool anidro	Existencia de destilarias	Diaria	Anual
1933.. . . . .	293.565.711	14.678.286	100.000	1	12.000	1.800.000
1934.. . . . .	353.523.763	17.676.188	911.861	5	48.000	7.200.000
1935.. . . . .	394.008.149	19.700.407	5.411.429	14	138.500	20.775.000
1936.. . . . .	430.757.560	21.537.878	18.462.432	26	275.000	41.250.000
1937.. . . . .	449.177.202	22.458.860	16.397.781	27	377.000	56.550.000
1938.. . . . .	482.503.809	46.804.839	31.919.934	30	427.000	64.050.000
1939.. . . . .	497.201.938	49.720.194	38.171.502	31	437.000	65.550.000
<b>TOTAIS.. . . .</b>	<b>2.900.738.132</b>	<b>192.576.652</b>	<b>111.374.939</b>			



Coluna branca: Quantidade de gasolina

Coluna preta: Alcool anidro produzido

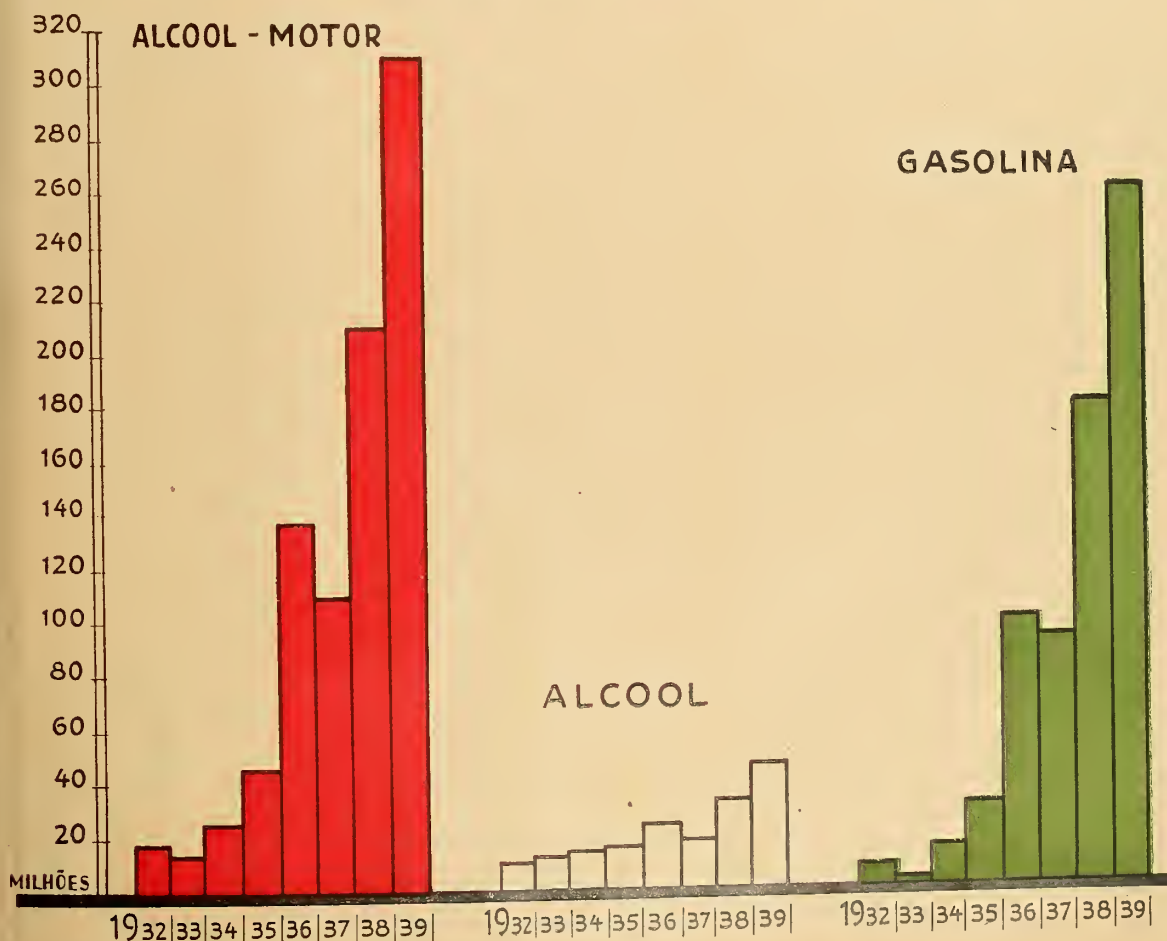
## 224 — PRODUÇÃO DE ALCOOL-MOTOR

1 — Demonstrativo da atividade desenvolvida pelo I. A. A. para a solução do problema do Alcool-Motor

## 12 — Segundo a fabricação

A N O S	Alcool-Motor	QUANTIDADES EM LITROS			
		SUBSTANCIAS UTILISADAS NA MISTURA CARBURANTE			
		Alcool	Gasolina	Querozene	Outras substancias
1932..	19.265.909	12.117.957	7.096.405	16.491	5.056
1933..	14.630.854	12.963.002	1.638.996	23.933	4.923
1934..	27.285.269	14.115.963	13.154.824	14.278	204
1935..	47.524.474	16.741.945	30.776.386	3.527	2.616
1936..	138.611.595	24.340.393	114.268.502	2.700	—
1937..	112.342.593	18.446.646	93.858.920	35.826	1.201
1938..	213.477.743	32.689.879	180.774.813	11.592	1.459
1939..	312.683.596	49.065.372	263.613.752	2.920	1.552
<b>TOTAIS..</b>	<b>885.822.033</b>	<b>180.511.157</b>	<b>705.182.598</b>	<b>111.267</b>	<b>17.011</b>
	100,00%	20,38%	79,61%	0,01%	%

ALCOOL-MOTOR — Refere-se à mistura alcool-gasolina e outras substancias.





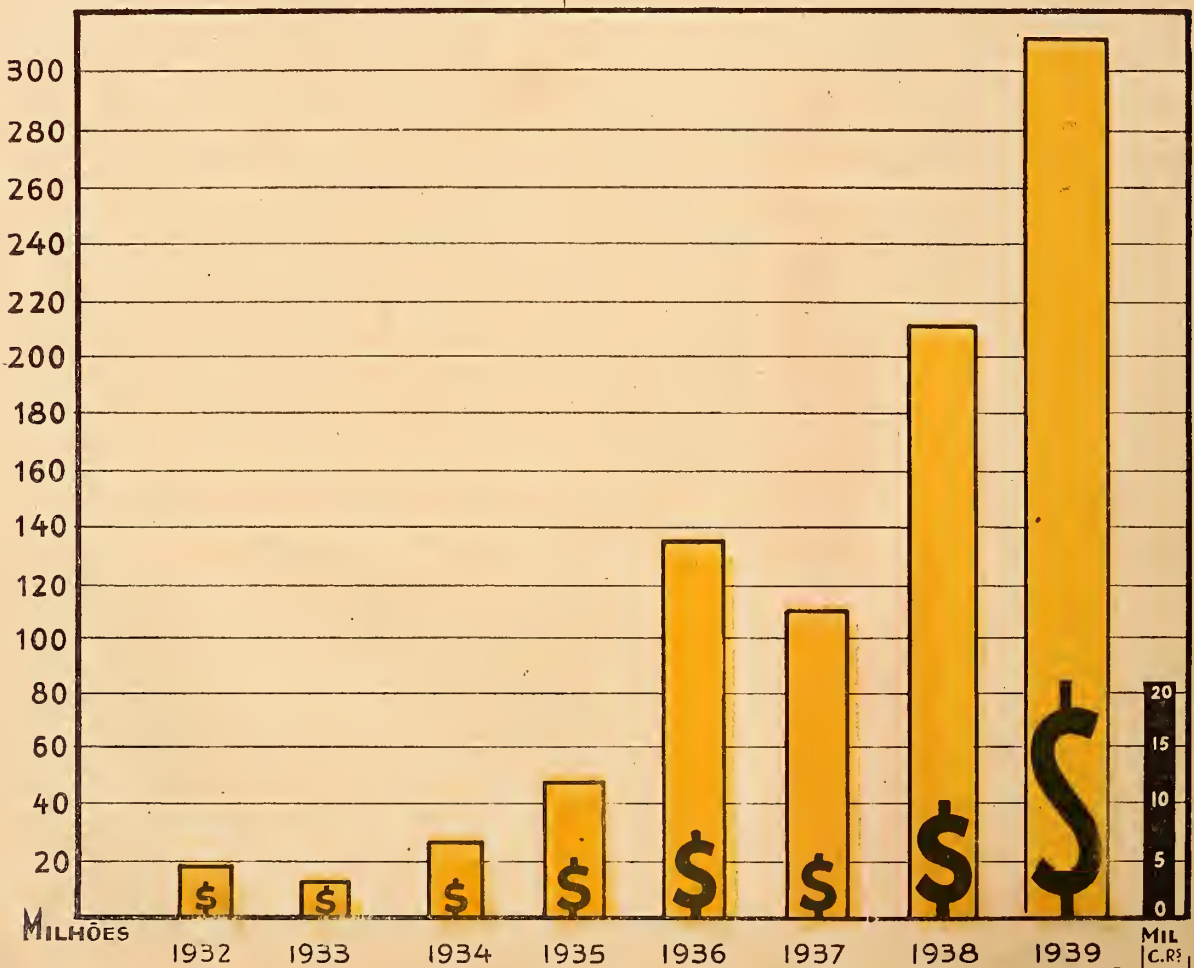
## 224 — PRODUÇÃO DE ALCOOL-MOTOR

1 — Demonstrativo da atividade desenvolvida pelo I. A. A. para a solução do problema do Alcool-Motor

## 13 — Segundo a economia realizada

A N O S	Produção de alcool-motor Litros	Alcool aplicado na mistura (hidratado e anidro)  L i t r o s	% de aumento de consumo de alcool puro nos motores de explosão		Valor em réis, a bordo no Brasil, correspondente à gasolina substi- tuída pelo alcool
			De ano para ano	Sobre 1932	
1932 . . . . .	19.265.909	13.147.957	—	—	3.328:540\$000
1933 . . . . .	14.630.854	12.963.002	+ 6,70	+ 6,70	3.020:379\$000
1934 . . . . .	27.285.269	14.115.963	+ 8,89	+ 16,20	3.373:715\$000
1935 . . . . .	47.524.474	16.741.945	+ 18,60	+ 37,82	5.876:423\$000
1936 . . . . .	138.611.595	24.340.393	+ 45,39	+ 100,37	8.519:197\$500
1937 . . . . .	112.312.593	18.446.646	— 24,21	+ 51,85	6.991:278\$800
1938 . . . . .	213.477.743	32.639.879	+ 77,21	+ 169,10	11.408:767\$700
1939 . . . . .	312.633.596	49.065.372	+ 50,09	+ 302,90	21.539:698\$300
<b>TOTAIS . . . . .</b>	<b>885.822.033</b>	<b>180.511.157</b>			<b>64.057:939\$300</b>

ALCOOL-MOTOR — Refere-se à mistura alcool-gasolina e outras substancias.



## 224 — PRODUÇÃO DE ALCOOL-MOTOR

## 21 — Discriminação das substancias utilizadas na mistura

A N O S	Alcool-Motor (em litros)	SUBSTANCIAS UTILIZADAS NA MISTURA				% de aumento de consumo do alcool puro nos motores de ex- plosão de ano para ano
		Alcool	Gasolina	Querozene	Out. subst.	
1932..	19.265.909	12.147.957 63,06%	7.096.405 36,83%	16.491 0,09%	5.056 0,02%	
1933..	14.630.854	12.963.002 88,60%	1.638.996 11,20%	23.931 0,17%	4.923 0,03%	+ 6,70%
1934..	27.285.269	14.115.963 51,74%	13.154.824 48,21%	14.278 0,05%	204 %	+ 8,89%
1935..	47.524.471	16.741.945 35,22%	30.776.386 64,76%	2.527 0,01%	2.616 0,01%	+ 18,60%
1936..	138.611.595	24.340.393 17,56%	114.268.502 82,44%	2.700 %	—	+ 45,39%
1937..	112.342.593	18.446.646 16,42%	93.858.920 83,55%	35.826 0,03%	1.201 %	— 24,21%
1938..	213.477.743	32.689.879 15,31%	180.774.813 84,68%	11.592 0,01%	1.459 %	+ 77,21%
1939..	312.683.596	49.065.372 15,69%	263.613.752 84,31%	2.920 %	1.552 %	+ 50,09%
<b>TOTAIS</b> ..	<b>885.822.033</b>	<b>180.511.157</b>	<b>705.182.598</b>	<b>111.267</b>	<b>17.011</b>	
	100,00%	20,38%	79,61%	0,01%	%	

## 224 — PRODUÇÃO DE ALCOOL-MOTOR

## 22 — Comparação percentual

ESTADOS	QUANTIDADES EM LITROS		% de Alcool S/Total da mistura
	ALCOOL-MOTOR	Quantidades de alcool hidratado e anidro aplicadas na mistura	
Distrito Federal..	595.226.561	69.326.012	11,65
São Paulo..	174.389.371	26.647.822	15,28
Pernambuco..	84.920.315	55.145.076	64,93
Alagoas..	17.725.425	17.005.908	95,94
Minas Gerais..	4.929.741	4.665.292	94,63
Rio de Janeiro..	3.992.343	3.542.433	88,73
Sergipe..	3.202.591	2.824.914	88,20
Baía..	1.001.712	941.609	94,00
Espirito Santo..	288.094	273.690	95,00
Paraná..	145.872	138.400	94,87
<b>TOTAIS</b> ..	<b>885.822.033</b>	<b>180.511.157</b>	<b>20,38</b>

ALCOOL-MOTOR — Refere-se à mistura alcool-gasolina e outras substancias.

## 224 — PRODUÇÃO DE ALCOOL-MOTOR

## 31 — Mistura carburante

ESTADOS	MÉDIA 1932/34	UNIDADE — LITROS				
		1935	1936	1937	1938	1939
Acre.....	—	—	—	—	—	—
Amazonas.....	—	—	—	—	—	—
Pará.....	—	—	—	—	—	—
Maranhão.....	—	—	—	—	—	—
Piauí.....	—	—	—	—	—	—
Ceará.....	—	—	—	—	—	—
Rio Grande do Norte.....	—	—	—	—	—	—
Paraíba.....	16.220	15.300	37.921	10.000	12.561	21.430
Pernambuco.....	7.178.068	7.916.137	6.142.781	3.682.903	9.929.078	35.715.211
Alagoas.....	2.114.585	2.643.332	2.360.605	1.693.920	2.109.448	2.634.365 ✓
Sergipe.....	233.791	494.786	847.880	292.317	357.102	509.132
Baía.....	333.904	—	—	—	—	—
Espirito Santo.....	34.068	—	104.158	9.800	3.084	68.817 ✓
Rio de Janeiro.....	527.206	617.187	575.432	413.130	557.945	247.036
Distrito Federal.....	7.241.321	34.043.312	101.671.320	73.304.852	168.213.439	196.263.674 ✓
São Paulo.....	2.217.440	1.375.925	26.257.195	31.883.767	31.528.133	76.712.035
Paraná.....	—	—	—	—	—	—
Sta. Catarina.....	—	—	—	—	—	—
Rio Grande do Sul.....	—	—	—	—	—	—
Minas Gerais.....	497.407	412.495	694.303	1.051.904	766.953	511.866 ✓
Goiaz.....	—	—	—	—	—	—
Mato Grosso.....	—	—	—	—	—	—
<b>B R A S I L.....</b>	<b>20.394.010</b>	<b>47.524.474</b>	<b>138.611.595</b>	<b>112.342.593</b>	<b>213.477.743</b>	<b>312.683.596</b>

NOTA — Entenda-se por alcool-motor a mistura alcool-gasolina e outras substancias.





Edifício de propriedade da Companhia no Rio de Janeiro  
Av. Rio Branco, 128 — esq. rua 7 de Setembro

# Assicurazioni Generali di Trieste e Venezia

COMPANHIA DE SEGUROS

Fundada em 1831

- SEGUROS DE VIDA, em todos os planos
- SEGURO DE TRANSPORTES MARÍTIMOS,  
TERRESTRES E AEREOS
- SEGURO CONTRA ACIDENTES PESSOAIS
- SEGURO DE RESPONSABILIDADE CIVIL
- SEGURO DE AUTOMOVEIS
- SEGURO CONTRA ROUBO
- SEGURO CONTRA INCENDIO

Fundo de reserva: mais de  
Rs. 2.795.000:000\$000

Sede: Rio de Janeiro - Avenida Rio Branco, 128

Sucursal: São Paulo - Rua 15 de Novembro, 23

Rua Dr. Falcão Filho, 56

Agencias nos principais Estados



# **CIA. UNIÃO DOS REFINADORES**

**Fundada em 1910**

**CAPITAL 14.000:000\$000**

Qua Borges de Figueiredo n. 237

**Caixa Postal n. 695**

**São Paulo**

• • •

REFINARIA DE AÇÚCAR  
Torrefação e Moagem de Café

• • •

DIRETORIA:

José Ferraz de Camargo

Mario d'Almeida

Olavo A. Ferraz

Iris Miguel Rotundo

## 224 — PRODUÇÃO DE ALCOOL-MOTOR

## 32 — Alcool aplicado na mistura

ESTADOS	UNIDADE — LITROS					
	MEDIA 1932/34	1935	1936	1937	1938	1939
Acre.....	—	—	—	—	—	—
Amazonas.....	—	—	—	—	—	—
Pará.....	—	—	—	—	—	—
Maranhão.....	—	—	—	—	—	—
Piauí.....	—	—	—	—	—	—
Ceará.....	—	—	—	—	—	—
Rio Grande do Norte.....	—	—	—	—	—	—
Paraíba.....	15.400	14.382	36.025	9.500	11.933	20.358
Pernambuco.....	6.813.121	7.517.124	5.832.533	3.497.016	5.396.854	12.462.187
Alagoas.....	1.991.790	2.608.406	2.179.149	1.603.067	2.065.087	2.574.831
Sergipe.....	196.527	439.968	729.513	268.841	328.228	458.783
Baía.....	313.870	—	—	—	—	—
Espírito Santo.....	32.365	—	98.950	9.310	2.930	65.405
Rio de Janeiro.....	448.907	562.128	526.304	370.900	511.162	225.219
Distrito Federal.....	855.428	3.975.094	10.778.717	7.678.185	19.597.900	24.729.831
São Paulo.....	1.935.697	1.232.973	3.489.435	4.010.518	4.057.699	8.050.107
Paraná.....	—	—	—	—	—	—
Sta. Catarina.....	—	—	—	—	—	—
Rio Grande do Sul.....	—	—	—	—	—	—
Minas Gerais.....	472.536	391.870	659.767	999.309	718.086	478.651
Goiaz.....	—	—	—	—	—	—
Mato Grosso.....	—	—	—	—	—	—
<b>BRASIL.....</b>	<b>13.075.641</b>	<b>16.741.945</b>	<b>24.340.393</b>	<b>18.446.646</b>	<b>32.689.879</b>	<b>49.065.372</b>

## Proporção utilizada

ESTADOS	MEDIA 1932/34	1935	1936	1937	1938	1939
Acre.....	—	—	—	—	—	—
Amazonas.....	—	—	—	—	—	—
Pará.....	—	—	—	—	—	—
Maranhão.....	—	—	—	—	—	—
Piauí.....	—	—	—	—	—	—
Ceará.....	—	—	—	—	—	—
Rio Grande do Norte.....	—	—	—	—	—	—
Paraíba.....	94,9	94,0	95,0	95,0	95,0	95,0
Pernambuco.....	94,9	94,9	94,9	94,9	54,3	34,9
Alagoas.....	94,2	98,7	94,7	94,6	97,9	97,7
Sergipe.....	84,1	88,9	87,2	92,0	91,9	90,1
Baía.....	94,0	—	—	—	—	—
Espírito Santo.....	95,0	—	95,0	95,0	95,0	95,0
Rio de Janeiro.....	85,2	91,1	91,5	89,8	91,6	91,2
Distrito Federal.....	11,8	11,7	10,6	10,5	11,6	12,6
São Paulo.....	87,3	89,6	13,3	12,6	12,9	10,5
Paraná.....	—	—	—	—	—	—
Sta. Catarina.....	—	—	—	—	—	—
Rio Grande do Sul.....	—	—	—	—	—	—
Minas Gerais.....	95,0	95,0	95,0	95,0	95,6	93,5
Goiaz.....	—	—	—	—	—	—
Mato Grosso.....	—	—	—	—	—	—
<b>BRASIL.....</b>	<b>64,1</b>	<b>35,2</b>	<b>17,6</b>	<b>16,4</b>	<b>15,3</b>	<b>15,7</b>

## 224 — PRODUÇÃO DE ALCOOL-MOTOR

## 33 — Gasolina aplicada na mistura

ESTADOS	UNIDADE — LITROS					
	MEDIA 1932/34	1935	1936	1937	1938	1939
Acre.....	—	—	—	—	—	—
Amazonas.....	—	—	—	—	—	—
Pará.....	—	—	—	—	—	—
Maranhão.....	—	—	—	—	—	—
Piauí.....	—	—	—	—	—	—
Ceará.....	—	—	—	—	—	—
Rio Grande do Norte.....	—	—	—	—	—	—
Paraíba.....	795	459	1.896	500	628	1.072 <sup>v</sup>
Pernambuco.....	359.139	399.013	810.248	185.887	4.523.532	23.253.024
Alagoas.....	122.796	34.926	121.456	90.853	44.354	59.532
Sergipe.....	37.264	54.818	108.367	23.476	28.874	50.349 <sup>v</sup>
Baía.....	20.034	—	—	—	—	—
Espirito Santo.....	1.703	—	5.208	490	154	3.442
Rio de Janeiro.....	78.203	54.826	49.128	42.230	46.783	21.817
Distrito Federal.....	6.385.645	30.074.218	90.892.603	65.626.667	148.615.539	171.533.843 <sup>v</sup>
São Paulo.....	266.292	137.501	22.745.060	27.836.222	27.466.082	68.657.458 <sup>v</sup>
Paraná.....	—	—	—	—	—	—
Sta. Catarina.....	—	—	—	—	—	—
Rio Grande do Sul.....	—	—	—	—	—	—
Minas Gerais.....	24.870	20.625	34.536	52.595	48.867	33.215
Goiaz.....	—	—	—	—	—	—
Mato Grosso.....	—	—	—	—	—	—
<b>BRASIL.....</b>	<b>7.296.741</b>	<b>30.776.386</b>	<b>114.268.502</b>	<b>93.858.920</b>	<b>180.774.813</b>	<b>263.613.752</b>

## Proporção utilizada

ESTADOS	MEDIA 1932/34	1935	1936	1937	1938	1939
Acre.....	—	—	—	—	—	—
Amazonas.....	—	—	—	—	—	—
Pará.....	—	—	—	—	—	—
Maranhão.....	—	—	—	—	—	—
Piauí.....	—	—	—	—	—	—
Ceará.....	—	—	—	—	—	—
Rio Grande do Norte.....	—	—	—	—	—	—
Paraíba.....	4,9	3,0	5,0	5,0	5,0	5,0
Pernambuco.....	5,0	5,0	5,0	5,0	45,5	65,1
Alagoas.....	5,8	1,3	5,3	5,4	2,1	2,3
Sergipe.....	15,9	11,1	12,8	8,0	8,1	9,9
Baía.....	6,0	—	—	—	—	—
Espirito Santo.....	5,0	—	5,0	5,0	5,0	5,0
Rio de Janeiro.....	14,8	8,9	8,5	10,2	8,4	8,8
Distrito Federal.....	88,2	88,3	89,4	89,5	88,3	87,4
São Paulo.....	12,0	10,0	86,7	87,3	87,1	89,5
Paraná.....	—	—	—	—	—	—
Sta. Catarina.....	—	—	—	—	—	—
Rio Grande do Sul.....	—	—	—	—	—	—
Minas Gerais.....	5,0	5,0	5,0	5,0	6,4	6,5
Goiaz.....	—	—	—	—	—	—
Mato Grosso.....	—	—	—	—	—	—
<b>BRASIL.....</b>	<b>35,3</b>	<b>64,7</b>	<b>82,4</b>	<b>83,5</b>	<b>84,7</b>	<b>84,3</b>

## 224 — PRODUÇÃO DE ALCOOL-MOTOR

## 34 — Querozene e outras substancias aplicadas na mistura

ESTADOS	UNIDADE — LITROS					
	MEDIA 1932/34	1935	1936	1937	1938	1939
Acre.....	—	—	—	—	—	—
Amazonas.....	—	—	—	—	—	—
Pará.....	—	—	—	—	—	—
Maranhão.....	—	—	—	—	—	—
Piauí.....	—	—	—	—	—	—
Ceará.....	—	—	—	—	—	—
Rio Grande do Norte.....	—	—	—	—	—	—
Paraíba.....	25	459	—	—	—	—
Pernambuco.....	5.809	—	—	—	8.692	—
Alagoas.....	—	—	—	—	7	2
Sergipe.....	—	—	—	—	—	—
Baía.....	—	—	—	—	—	—
Espirito Santo.....	—	—	—	—	—	—
Rio de Janeiro.....	96	233	—	—	—	—
Distrito Federal.....	248	—	—	—	—	—
São Paulo.....	15.450	5.451	2.700	37.027	4.352	4.470 ✓
Paraná.....	—	—	—	—	—	—
Sta. Catarina.....	—	—	—	—	—	—
Rio Grande do Sul.....	—	—	—	—	—	—
Minas Gerais.....	—	—	—	—	—	—
Goiaz.....	—	—	—	—	—	—
Mato Grosso.....	—	—	—	—	—	—
<b>B R A S I L.....</b>	<b>21.628</b>	<b>6.143</b>	<b>2.700</b>	<b>37.027</b>	<b>13.051</b>	<b>4.472</b>

## Proporção utilizada

ESTADOS	MEDIA 1932/34	1935	1936	1937	1938	1939
Acre.....	—	—	—	—	—	—
Amazonas.....	—	—	—	—	—	—
Pará.....	—	—	—	—	—	—
Maranhão.....	—	—	—	—	—	—
Piauí.....	—	—	—	—	—	—
Ceará.....	—	—	—	—	—	—
Rio Grande do Norte.....	—	—	—	—	—	—
Paraíba.....	0,2	3,0	—	—	—	—
Pernambuco.....	0,1	—	—	—	0,1	—
Alagoas.....	—	—	—	—	—	—
Sergipe.....	—	—	—	—	—	—
Baía.....	—	—	—	—	—	—
Espirito Santo.....	—	—	—	—	—	—
Rio de Janeiro.....	—	—	—	—	—	—
Distrito Federal.....	—	—	—	—	—	—
São Paulo.....	0,7	0,4	—	0,1	—	—
Paraná.....	—	—	—	—	—	—
Sta. Catarina.....	—	—	—	—	—	—
Rio Grande do Sul.....	—	—	—	—	—	—
Minas Gerais.....	—	—	—	—	—	—
Goiaz.....	—	—	—	—	—	—
Mato Grosso.....	—	—	—	—	—	—
<b>B R A S I L.....</b>	<b>0,1</b>	<b>0,1</b>	—	<b>0,1</b>	—	—





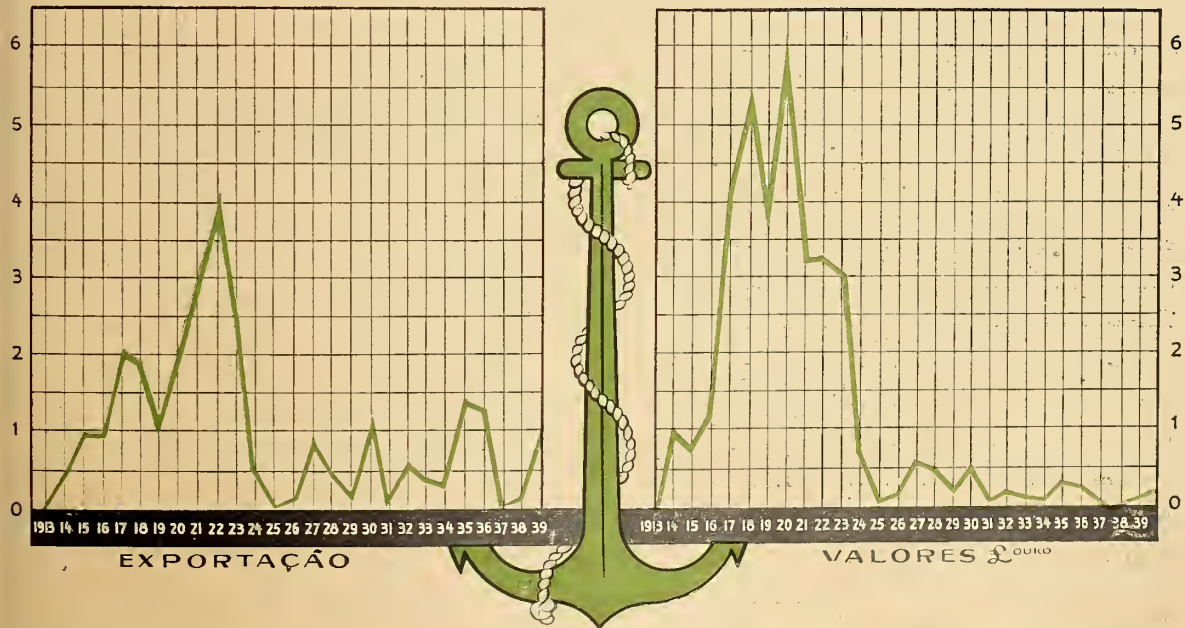
# SITUAÇÃO COMERCIAL



## 311 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR PARA O EXTERIOR

## 1 — Quantidade e valor — 1913/1939

A N O S	EXPORTAÇÃO (Em sacos de 60 quilos)	V A L O R		VALOR POR UNIDADE	
		Contos de réis	Em £ ouro	Em réis	Em £ ouro
1913..	89.524	972	64.905	10.860	0 — 14 — 6
1914..	531.006	6.754	1.022.187	12.720	1 — 18 — 6
1915..	986.171	14.497	764.282	14.700	0 — 15 — 6
1916..	907.300	25.967	1.292.902	28.620	1 — 8 — 6
1917..	2.302.650	72.948	4.375.035	31.680	1 — 18 — 6
1918..	1.927.226	100.601	5.444.413	52.200	2 — 16 — 6
1919..	1.007.148	57.649	3.701.269	57.240	3 — 13 — 6
1920..	1.819.015	105.867	6.139.176	58.200	3 — 7 — 6
1921..	2.868.231	94.135	3.226.760	32.820	1 — 2 — 6
1922..	4.201.860	115.215	3.256.441	27.420	0 — 15 — 6
1923..	2.552.912	141.840	3.127.317	55.560	1 — 4 — 6
1924..	574.431	30.261	761.121	52.680	1 — 6 — 6
1925..	53.031	2.259	54.357	42.600	1 — 0 — 6
1926..	286.150	8.653	221.766	30.240	0 — 15 — 6
1927..	807.684	26.072	625.955	32.280	0 — 15 — 6
1928..	500.621	20.846	513.136	41.640	1 — 0 — 6
1929..	247.957	9.031	216.962	36.420	0 — 17 — 6
1930..	1.407.602	25.252	563.041	17.940	0 — 8 — 6
1931..	184.937	4.627	60.104	25.020	0 — 6 — 6
1932..	674.315	19.178	286.584	28.440	0 — 8 — 6
1933..	424.500	12.552	174.418	29.568	0 — 8 — 2
1934..	398.280	14.290	139.398	35.880	0 — 7 — 6
1935..	1.448.197	46.661	362.049	32.220	0 — 5 — 6
1936..	1.380.466	40.172	310.605	29.100	0 — 4 — 6
1937..	4.969	315	2.484	63.360	0 — 10 — 6
1938..	134.716	2.861	16.839	21.240	0 — 2 — 6
1939..	805.913	22.098	151.109	27.420	0 — 3 — 9

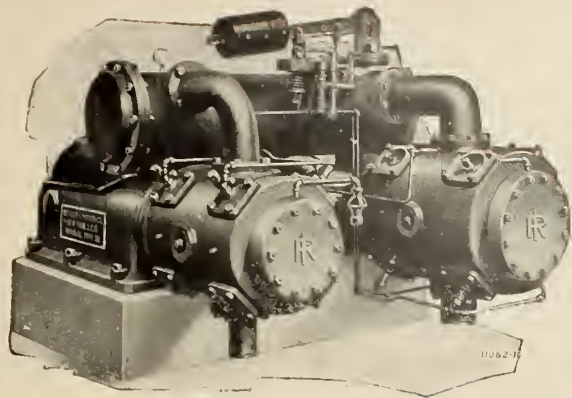




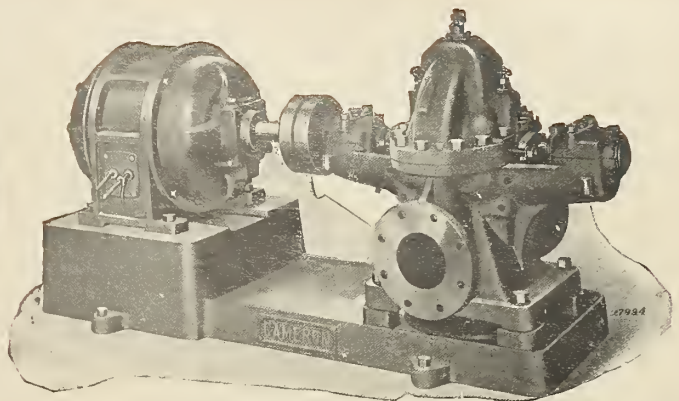
## 311 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR PARA O EXTERIOR

## 21 — Quantidade por porto de procedencia e destino — 1930/34

PROCEDENCIAS Portos de embarque	1930	1931	1932	1933	1934
Manaus.. . . . .	75	—	2	263	100
Belém.. . . . .	—	—	245	75	72
Maranhão.. . . . .	5	—	3	—	—
Fortaleza.. . . . .	—	—	—	1	—
Natal.. . . . .	—	—	—	—	—
Cabedelo.. . . . .	5.000	—	—	—	—
Recife.. . . . .	1.164.193	182.145	491.811	363.864	303.271
Maceió e Aracajú.. . . . .	210.547	—	129.023	58.333	91.049
Baía.. . . . .	25.566	—	—	—	—
Vitoria.. . . . .	—	—	—	—	—
Rio de Janeiro.. . . . .	1.013	221	50.342	23	—
Santos.. . . . .	8	4	100	—	—
Paranaguá.. . . . .	—	—	—	—	—
Itajaí.. . . . .	—	—	—	—	—
Portos do Rio Grande do Sul.. . . . .	1.192	2.567	2.789	1.507	2.220
Corumbá.. . . . .	—	—	—	434	1.568
<b>TOTAIS.. . . . .</b>	<b>1.407.602</b>	<b>184.937</b>	<b>674.315</b>	<b>424.500</b>	<b>398.280</b>
<b>DESTINOS</b>					
Colômbia.. . . . .	—	—	—	—	—
Alemanha.. . . . .	1	1	1.700	—	—
Argentina.. . . . .	13.006	2.136	2.020	1.437	2.200
Bélgica.. . . . .	71.610	3.385	—	—	—
Bolivia.. . . . .	71	—	—	434	1.740
Estados Unidos.. . . . .	—	—	—	—	—
França (incl. colonias).. . . . .	36.899	11	3	—	—
Holanda.. . . . .	8.466	—	—	—	—
Espanha.. . . . .	—	—	—	—	—
Italia.. . . . .	3	3	—	—	—
Perú.. . . . .	4	—	243	337	—
Inglaterra.. . . . .	1.246.398	165.110	590.716	413.148	391.550
Portugal.. . . . .	6.274	810	2.204	24	10
Uruguai.. . . . .	24.870	13.481	74.419	9.120	2.780
<b>TOTAIS.. . . . .</b>	<b>1.407.602</b>	<b>184.937</b>	<b>674.315</b>	<b>424.500</b>	<b>398.280</b>



Compressor de ar XRB



Bomba centrífuga ALV

## PARA USINA E REFINARIA

### Eletrobomba "RV"

Rotor aberto ou fechado.  
Construção normal ou toda de bronze, para caldas ácidas.

### Para

Calda crúa, calda defecada, Alimentação de evaporadores e caldeiras. Irrigação.

### Bombas Centrífugas Bombas "Simplex" a Vapor

### Para

Qualquer serviço.

### Bombas de Vacuo

ES e XRB - Acionamento por correias múltiplas em "V".  
FS e XPV - Acionamento a vapor.

### Para

Qualquer grau de vacuo. Mancais de rolos. Válvulas amortecidas. "Channel".

### Condensadores barométricos

Tipo "Ejector".  
Tipo de superfície.  
Ejetores a vapor um e dois estagios.

### Para

Evaporadores, Turbinas. Tachos.

### Compressores de ar

Tipo 30 }  
Tipo 40 } elétricos  
Tipo ES }  
Tipo XRB }  
Tipo FS e XR a vapor.

### Para

Agitação, acionamento de ferramentas pneumáticas. Bombeamento de poços pelo sistema "Air Lift".

### Ferramentas Pneumáticas

Mais de 500 tipos e tamanhos.

### Para

Calafetar, cravar rebites, furar, limpar tubos, etc.

"STOCK" DE MÁQUINAS COMPLETAS E SOBRESSALENTES NO RIO DE JANEIRO

INGERSOLL-RAND DO BRASIL S. A.

RIO DE JANEIRO

RUA TEÓFILO OTTONI, 48

São Paulo

Porto Alegre

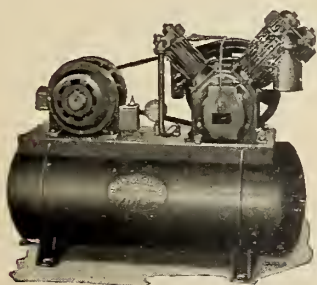
# Ingersoll-Rand



Eletrobomba RV



Bomba "Simplex" a vapor GSS (bucha removível)



Compressor de ar Tipo 30

# Companhia de Seguros da Baía

Fundada em 1929

CAPITAL SUBSCRITO . . . . .	RS.	5.000:000\$000
CAPITAL REALIZADO . . . . .	RS.	2.000:000\$000
RESERVAS EM 1939 . . . . .	RS.	1.465:000\$000

PREMIOS EM 1929 . . . . .	RS.	159:133\$129
PREMIOS EM 1934 . . . . .	RS.	1.603:497\$925
PREMIOS EM 1939 . . . . .	RS.	3.007:885\$350
SINISTROS PAGOS ATE' 1939 . . . . .	RS.	5.562:248\$340
DIVIDENDOS DISTRIBUIDOS ATÉ 1939	RS.	1.063:850\$600

## Seguros Contra Fogo e Transportes

Sede - Torquato Baía n. 3

São Salvador - Estado da Baía

Agentes Gerais no Rio de Janeiro

## Sociedade Anônima Magalhães

Rua 1.º de Março, 51 -- 1.º andar

**TELEFONE 43-8888 — Ramal 13**



311 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR PARA O EXTERIOR  
22 — Quantidade por porto de procedencia e destino — 1935/1939

PROCEDENCIAS Portos de embarque	1935	1936	1937	1938	1939
Manaus.....	221	1.277	1.328	1.144	785
Belém.....	—	611	—	355	87
Maranhão.....	—	—	—	—	—
Fortaleza.....	—	—	—	—	—
Natal.....	—	—	—	—	—
Cabedelo.....	—	—	—	—	—
Recife.....	1.116.535	1.179.993	3.200	132.400	573.153
Maceió e Aracajú.....	328.607	198.121	—	—	230.128
Baía.....	—	—	—	505	—
Vitoria.....	—	—	—	—	—
Rio de Janeiro.....	26	111	8	—	20
Santos.....	461	55	—	—	—
Paranaguá.....	—	—	—	—	—
Itajaí.....	—	—	—	—	—
Portos do Rio Grande do Sul.....	2.207	171	193	—	—
Corumbá.....	140	127	240	312	1.740
<b>TOTAIS.....</b>	<b>1.448.197</b>	<b>1.380.466</b>	<b>4.969</b>	<b>134.716</b>	<b>805.913</b>
<b>DESTINOS</b>					
Chile.....	—	—	—	—	100.000
Columbia.....	206	1.214	1.276	1.179	375
Alemanha.....	—	—	—	—	—
Argentina.....	2.707	2.471	193	—	—
Belgica.....	—	—	—	—	—
Bolivia.....	140	701	292	632	1.740
Estados Unidos.....	—	—	—	—	—
França (incl. colonias).....	10	—	—	—	20
Holanda.....	—	—	—	—	—
Espanha.....	—	—	5	—	250
Italia.....	461	156	—	—	—
Perú.....	15	—	—	—	497
Inglaterra.....	1.187.923	1.369.614	—	127.000	667.831
Portugal.....	16	2.110	3	—	31.050
Uruguai.....	256.719	4.200	3.200	5.905	4.150
<b>TOTAIS.....</b>	<b>1.448.197</b>	<b>1.380.466</b>	<b>4.969</b>	<b>134.716</b>	<b>805.913</b>



## 311 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR PARA O EXTERIOR

Pelo Instituto do Açúcar e do Alcool para estabelecer o equilíbrio entre a produção e o consumo — 1931/32 — 1939/40

## 31 — Quantidade

EXPORTADOR	Safras	UNIDADE: SACOS DE 60 QUILOS			% s/o total da safra de usinas
		Cristal	Demerara	TOTAL	
C. D. P. A. . . . .	1931/32	—	81.460	81.460	0,9
C. D. P. A. . . . .	1932/33	296.262	416.644	712.906	8,2
I. A. A. . . . .	1933/34	55.880	348.980	404.860	4,5
I. A. A. . . . .	1934/35	185.722	812.962	998.684	9,0
I. A. A. . . . .	1935/36	—	1.727.501	1.727.501	14,6
I. A. A. . . . .	1936/37	—	—	—	—
I. A. A. . . . .	1937/38	—	—	—	—
I. A. A. . . . .	1938/39	—	874.703	874.703	6,9
I. A. A. . . . .	1939/40	569.357	437.945	1.007.302	7,0
<b>TOTAL</b> . . . . .		<b>1.107.221</b>	<b>4.700.195</b>	<b>5.807.416</b>	<b>6,0</b>

## 32 — Valor

EXPORTADOR	Safras	Sacos de 60 quilos	Valor da Exportação	Valor recebido	DEFICIT
C. D. P. A. . . . .	1931/33	794.366	14.980:592\$205	8.407:402\$450	6.573:189\$755
I. A. A. . . . .	1932/34	404.860	14.549:132\$890	5.431:491\$800	9.117:641\$090
I. A. A. . . . .	1934/35	998.684	37.770:858\$950	16.214:895\$400	21.555:963\$550
I. A. A. . . . .	1935/36	1.727.501	51.591:719\$700	32.619:351\$450	18.972:368\$250
I. A. A. . . . .	1936/37	—	—	—	—
I. A. A. . . . .	1937/38	—	—	—	—
I. A. A. . . . .	1938/39	874.703	27.983:042\$300	20.199:886\$500	7.783:155\$800
I. A. A. . . . .	1939/40	1.007.302	35.685:057\$900	33.927:102\$600	1.757:955\$300
<b>TOTAL</b> . . . . .		<b>5.807.416</b>	<b>182.560:403\$945</b>	<b>116.800:130\$200</b>	<b>65.760:273\$745</b>

## Valor por unidade

EXPORTADOR	Safras	Scs. 60 quilos	Valor da Exportação	Valor recebido	DEFICIT
C. D. P. A. . . . .	1931/33	794.366	18\$859	10\$584	8\$275
I. A. A. . . . .	1932/34	" " "	35\$936	13\$416	22\$520
I. A. A. . . . .	1934/35	" " "	37\$820	16\$236	21\$584
I. A. A. . . . .	1935/36	" " "	29\$865	18\$882	10\$983
I. A. A. . . . .	1936/37	" " "	—	—	—
I. A. A. . . . .	1937/38	" " "	—	—	—
I. A. A. . . . .	1938/39	" " "	31\$991	23\$093	8\$898
I. A. A. . . . .	1939/40	" " "	35\$426	33\$681	1\$745
<b>MEDIA</b> . . . . .			<b>31\$436</b>	<b>20\$112</b>	<b>11\$324</b>

NOTA: — Valor da exportação: inclui preço de aquisição e mais despesas até o destino.

## 312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR

I — Totais por Estado — 1935-1939

11 — Resumo por procedencia

ESTADOS DE PROCEDENCIA	EXPORTAÇÃO				
	1935	1936	1937	1938	1939
Acre	—	—	—	—	—
Amazonas	221	4.710	4.284	15.945	9.020
Pará	27.871	15.755	30.657	41.489	25.588
Maranhão	—	—	5	—	—
Piauí	—	—	—	—	—
Ceará	—	—	—	—	—
Rio Grande do Norte	—	1.900	3.679	8.011	14.385
Paraíba	84.907	41.975	2.968	94.401	88.194
Pernambuco	4.165.126	4.168.116	2.023.486	3.059.209	4.699.876
Alagoas	1.576.504	1.271.772	897.324	1.030.640	1.939.154
Sergipe	676.531	679.704	427.712	453.396	476.840
Baía	267.998	135.754	306.780	207.239	151.092
Espírito Santo	—	1.673	1.663	145	—
Rio de Janeiro	1.260.311	1.535.311	1.982.644	1.676.257	1.041.703
Distrito Federal	129.939	124.444	556.561	446.474	455.393
São Paulo	148.891	248.726	192.684	236.050	232.098
Paraná	155	410	—	—	—
Sta. Catarina	32.312	32.794	98.912	86.269	44.847
Rio Grande do Sul	2.207	2.711	193	3.210	2.282
Minas Gerais	10.849	69.848	157.844	91.821	50.109
Goiaz	—	—	—	—	—
Mato Grosso	140	432	1.098	1.077	1.740
<b>TOTAIS</b>	<b>8.395.770</b>	<b>8.336.095</b>	<b>6.688.494</b>	<b>7.451.633</b>	<b>9.232.321</b>

## 312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR

I — Totais por Estado — 1935-1939

12 — Resumo por destino

ESTADOS DE DESTINO	IMPORTAÇÃO				
	1935	1936	1937	1938	1939
Acre	520	3.993	5.313	6.174	7.363
Amazonas	82.423	107.273	114.418	109.546	128.596
Pará	142.789	191.586	161.197	165.673	205.785
Maranhão	48.720	76.002	72.029	55.975	81.911
Piauí	29.350	38.910	44.080	31.928	47.628
Ceará	162.528	194.601	165.677	149.814	142.608
Rio Grande do Norte	61.302	36.556	36.141	30.901	17.760
Paraíba	28.497	8.700	30.837	13.446	7.594
Pernambuco	90	146	60	221	1.405
Alagoas	—	2.950	2.322	1.778	923
Sergipe	—	—	—	—	30
Baía	10.532	15.316	4.909	14.697	129.167
Espírito Santo	67.468	47.112	40.831	113.940	130.412
Rio de Janeiro	6.500	49.446	3.937	60.165	123.969
Distrito Federal	2.059.024	1.958.745	2.237.644	2.107.751	2.367.078
São Paulo	2.147.194	1.827.500	1.673.227	2.177.137	2.645.302
Paraná	258.312	325.650	316.793	385.051	404.436
Sta. Catarina	69.310	60.946	52.256	170.785	86.174
Rio Grande do Sul	1.103.902	1.282.291	1.110.203	1.053.422	1.283.546
Minas Gerais	636.819	701.139	584.969	626.953	567.453
Goiaz	2.922	4.747	4.472	16.373	25.422
Mato Grosso	17.563	21.960	22.210	25.187	21.846
Exterior do país	1.448.197	1.380.466	4.969	134.716	805.913
<b>TOTAIS</b>	<b>8.383.962</b>	<b>8.336.035</b>	<b>6.688.494</b>	<b>7.451.633</b>	<b>9.232.321</b>

## 312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR

## 2 — Discriminação da procedencia segundo o destino — 1935-1939

ESTADOS DE PROCEDENCIA	Estados e países de destino	SACOS DE 60 QUILOS				
		1935	1936	1937	1938	1939
AMAZONAS.. . . . .	Acre.. . . . .	—	2.818	2.599	1.659	2.012
	Pará.. . . . .	—	31	1	—	53
	Maranhão.. . . . .	—	—	—	—	5
	Mato Grosso.. . . . .	—	584	356	13.142	6.160
	Inglaterra.. . . . .	—	100	—	—	—
	Colombia.. . . . .	206	1.057	1.276	1.094	318
	Bolívia.. . . . .	—	120	52	50	—
	Perú.. . . . .	15	—	—	—	467
	<b>TOTAIS.. . . . .</b>	<b>221</b>	<b>4.710</b>	<b>4.284</b>	<b>15.945</b>	<b>9.020</b>
PARA'.. . . . .	Acre.. . . . .	—	—	144	1.175	3.186
	Amazonas.. . . . .	—	1.656	2.515	4.086	7.446
	Maranhão.. . . . .	—	—	206	2.414	3.617
	Ceará.. . . . .	25.981	13.488	26.848	29.064	10.520
	Rio G. do Norte.. . . . .	680	—	944	2.889	—
	Espirito Santo.. . . . .	—	—	—	1.139	180
	Distrito Federal.. . . . .	1.210	—	—	335	502
	Goiaz.. . . . .	—	—	—	32	—
	Mato Grosso.. . . . .	—	—	—	—	50
	Colombia.. . . . .	—	157	—	85	57
	Bolívia.. . . . .	—	454	—	270	—
	Perú.. . . . .	—	—	—	—	30
	<b>TOTAIS.. . . . .</b>	<b>27.871</b>	<b>15.755</b>	<b>30.657</b>	<b>41.489</b>	<b>25.588</b>
MARANHÃO.. . . . .	Amazonas.. . . . .	—	—	5	—	—
RIO G. DO NORTE.. . . . .	Acre.. . . . .	—	—	—	—	200
	Pará.. . . . .	—	—	2	4.541	5.510
	Maranhão.. . . . .	—	—	1.000	—	940
	Ceará.. . . . .	—	900	2.675	2.150	1.800
	Espirito Santo.. . . . .	—	—	—	—	1.185
	Rio de Janeiro.. . . . .	—	—	—	250	4.750
	Distrito Federal.. . . . .	—	1.000	2	1.070	—
	<b>TOTAIS.. . . . .</b>	<b>—</b>	<b>1.900</b>	<b>3.679</b>	<b>8.011</b>	<b>14.385</b>
PARAIBA.. . . . .	Amazonas.. . . . .	10.870	6.050	—	7.965	9.650
	Pará.. . . . .	10.930	12.180	—	6.630	6.490
	Maranhão.. . . . .	—	2.385	—	3.230	4.525
	Piauí.. . . . .	6.785	1.825	480	2.820	7.125
	Ceará.. . . . .	19.660	12.930	1.488	11.596	16.615
	Rio G. do Norte.. . . . .	3.980	5.105	1.000	100	1.625
	Pernambuco.. . . . .	—	—	—	60	—
	Espirito Santo.. . . . .	50	—	—	—	—
	Rio de Janeiro.. . . . .	6.500	—	—	—	—
	Distrito Federal.. . . . .	—	1500	—	—	17.900
	São Paulo.. . . . .	14.000	—	—	28.000	19.764
	Rio G. do Sul.. . . . .	12.132	—	—	34.000	4.500
	<b>TOTAIS.. . . . .</b>	<b>84.907</b>	<b>41.975</b>	<b>2.968</b>	<b>94.401</b>	<b>88.194</b>

## 312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR

## 2 — Discriminação da procedencia segundo o destino — 1935-1939

ESTADOS DE PROCEDENCIA	Estados e países de destino	SACOS DE 60 QUILOS					
		1935	1936	1937	1938	1939	
PERNAMBUCO.....	Acre.....	520	1.175	970	1.150	865	
	Amazonas.....	49.033	73.302	78.113	69.540	91.495	
	Pará.....	95.857	122.860	74.717	93.542	112.352	
	Maranhão.....	36.940	41.017	23.340	22.711	38.689	
	Piauí.....	18.755	34.020	36.700	23.363	37.843	
	Ceará.....	91.497	108.783	102.746	67.839	80.448	
	Rio G. do Norte.....	29.001	24.536	20.522	19.652	10.635	
	Paraíba.....	28.497	8.700	30.837	13.446	7.594	
	Alagoas.....	—	12	160	19	2	
	Baía.....	652	700	463	1.134	77.617	
	Espirito Santo.....	9.350	10.450	2.625	5.495	8.239	
	Rio de Janeiro.....	—	49.136	2.333	53.514	99.006	
	Distrito Federal.....	728.403	708.584	428.512	868.828	1.254.282	
	São Paulo.....	1.236.189	1.026.926	587.233	1.050.242	1.466.253	
	Paraná.....	64.223	119.120	41.331	93.312	98.015	
	Sta. Catarina.....	13.670	21.795	8.240	44.747	17.445	
	Rio G. do Sul.....	523.771	604.657	579.761	488.509	720.095	
	Minas Gerais.....	107.149	24.430	5.333	8.435	4.583	
	Mato Grosso.....	15.081	7.620	5.350	1.310	1.280	
	Portugal.....	—	2.100	—	—	31.050	
	Inglaterra.....	860.316	1.171.393	—	127.000	437.793	
	Uruguai.....	255.719	4.200	3.200	5.400	4.150	
	Argentina.....	500	2.300	—	—	—	
Espanha.....	—	—	—	—	250		
Chile.....	—	—	—	—	100.000		
<b>TOTAIS.....</b>		<b>4.165.126</b>	<b>4.168.116</b>	<b>2.023.486</b>	<b>3.059.209</b>	<b>4.699.876</b>	
ALAGOAS.....	Acre.....	—	—	1.200	1.520	1.109	
	Amazonas.....	22.520	26.265	21.760	22.325	20.095	
	Pará.....	36.002	56.515	57.952	11.945	13.466	
	Maranhão.....	11.780	32.600	21.165	6.035	5.259	
	Piauí.....	3.810	3.065	6.900	5.745	2.660	
	Ceará.....	24.840	54.330	26.690	19.030	16.455	
	Rio G. do Norte.....	13.726	6.915	19.735	7.695	5.440	
	Pernambuco.....	—	—	—	—	1.405	
	Sergipe.....	—	—	—	—	—	
	Baía.....	—	—	5.150	—	19.198	
	Espirito Santo.....	26.015	8.945	—	19.564	31.199	
	Rio de Janeiro.....	—	—	124.614	6.000	3.600	
	Distrito Federal.....	88.934	22.064	372.075	232.363	438.302	
	São Paulo.....	661.479	574.047	42.775	456.228	758.222	
	Paraná.....	36.745	37.300	—	32.330	44.490	
	Sta. Catarina.....	6.275	1.095	4.610	15.475	6.309	
	Rio G. do Sul.....	316.771	247.560	198.261	191.953	349.639	
	Minas Gerais.....	—	—	334	2.032	—	
	Mato Grosso.....	—	2.950	100	400	1.280	
	Inglaterra.....	327.607	198.121	—	—	230.128	
	Uruguai.....	1.000	—	—	—	—	
	<b>TOTAIS.....</b>		<b>1.576.504</b>	<b>1.271.772</b>	<b>897.324</b>	<b>1.030.640</b>	<b>1.939.154</b>



## 312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR

## 2 — Discriminação da procedencia segundo o destino — 1935-1939

ESTADOS DE PROCEDENCIA	Estados e países de destino	SACOS DE 60 QUILOS				
		1935	1936	1937	1938	1939
SERGIPE . . . . .	Amazonas . . . . .	—	—	—	250	—
	Pará . . . . .	—	—	11.090	27.995	62.075
	Maranhão . . . . .	—	—	8.495	6.345	21.015
	Ceará . . . . .	550	3.000	300	9.750	14.800
	Rio G. do Norte . . . . .	1.290	—	2.910	565	69
	Pernambuco . . . . .	90	146	60	161	—
	Alagoas . . . . .	—	2.933	2.162	1.768	921
	Baía . . . . .	8.979	14.211	2.609	3.415	27.574
	Espírito Santo . . . . .	22.323	19.401	7.114	11.512	41.135
	Rio de Janeiro . . . . .	—	—	—	—	1.000
	Distrito Federal . . . . .	298.393	147.774	15.842	4.104	92.863
	São Paulo . . . . .	117.299	124.167	104.229	118.091	54.586
	Paraná . . . . .	99.846	110.570	80.821	67.157	65.304
	Sta. Catarina . . . . .	11.265	11.485	12.380	13.155	11.255
	Rio G. do Sul . . . . .	116.496	246.012	179.700	188.998	84.252
Minas Gerais . . . . .	—	—	—	130	—	
<b>TOTAIS . . . . .</b>		<b>676.531</b>	<b>679.704</b>	<b>427.712</b>	<b>453.396</b>	<b>476.840</b>
BAÍA . . . . .	Acre . . . . .	—	—	350	670	—
	Amazonas . . . . .	—	—	11.410	5.380	—
	Pará . . . . .	—	—	15.285	21.020	5.840
	Maranhão . . . . .	—	—	13.435	15.240	7.860
	Ceará . . . . .	—	—	2.900	9.150	1.300
	Rio G. do Norte . . . . .	13.625	—	—	—	—
	Espírito Santo . . . . .	8.270	1.820	3.820	1.850	1.350
	Distrito Federal . . . . .	88.598	6.445	53.620	—	49.109
	São Paulo . . . . .	107.075	78.650	143.860	119.074	57.883
	Paraná . . . . .	1.280	—	6.000	14.750	3.250
	Sta. Catarina . . . . .	10.745	600	3.480	2.900	2.400
	Rio G. do Sul . . . . .	38.405	48.239	52.620	16.700	22.100
	Uruguai . . . . .	—	—	—	505	—
<b>TOTAIS . . . . .</b>		<b>267.998</b>	<b>135.754</b>	<b>306.780</b>	<b>207.239</b>	<b>151.092</b>
ESPIRITO SANTO . . . . .	Baía . . . . .	—	—	—	145	—
	Distrito Federal . . . . .	—	1.673	1.665	—	—
	<b>TOTAIS . . . . .</b>		<b>—</b>	<b>1.673</b>	<b>1.665</b>	<b>145</b>
RIO DE JANEIRO . . . . .	Pará . . . . .	—	—	200	—	—
	Ceará . . . . .	—	—	640	—	—
	Espírito Santo . . . . .	—	5.871	20.187	66.287	35.265
	Distrito Federal . . . . .	795.281	999.756	1.455.545	951.022	488.479
	São Paulo . . . . .	—	—	34.487	149.616	89.887
	Paraná . . . . .	8.000	30.324	50.026	64.487	111.763
	Sta. Catarina . . . . .	—	851	8.232	41.725	2.934
	Rio G. do Sul . . . . .	100	30.565	25.726	5.110	6.484
	Minas Gerais . . . . .	456.930	467.946	387.601	398.015	306.893
<b>TOTAIS . . . . .</b>		<b>1.260.311</b>	<b>1.535.311</b>	<b>1.982.644</b>	<b>1.676.257</b>	<b>1.041.703</b>

## 312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR

## 2 — Discriminação da procedencia segundo o destino — 1935-1939

ESTADOS DE PROCEDENCIA	SACOS DE 60 QUILOS					
	Estados e países de destino	1935	1936	1937	1938	1939
<b>DISTRITO FEDERAL</b>	Acre	—	—	50	—	—
	Amazonas	—	—	615	—	—
	Pará	—	—	1.950	—	—
	Maranhão	—	—	1.388	—	10
	Ceará	—	1.170	1.390	1.235	670
	Rio G. do Norte	—	—	30	—	—
	Bahia	—	405	1.837	9.360	13.194
	Espírito Santo	2.361	625	1.935	8.093	11.866
	Rio de Janeiro	—	—	1.593	179	14.094
	São Paulo	11.152	10.095	382.965	200.122	171.389
	Paraná	5.655	3.205	10.797	40.066	8.385
	Sta. Catarina	25.858	21.506	14.974	49.538	45.779
	Rio G. do Sul	81.677	87.327	64.862	82.082	70.494
	Minas Gerais	—	—	71.467	54.479	113.692
	Mato Grosso	210	—	700	1.320	5.800
	Portugal	16	10	3	—	—
	Italia	—	101	—	—	—
	França	10	—	—	—	20
	Espanha	—	—	5	—	—
	<b>TOTAIS</b>	<b>129.939</b>	<b>121.444</b>	<b>556.561</b>	<b>446.474</b>	<b>455.393</b>
<b>SÃO PAULO</b>	Rio de Janeiro	—	10	1	—	—
	Distrito Federal	40.684	—	2	—	—
	Paraná	27.358	23.681	51.931	46.787	57.535
	Sta. Catarina	1.417	664	340	40	—
	Rio Grande do Sul	1.040	—	—	5	—
	Minas Gerais	72.740	208.765	120.234	163.862	142.285
	Goiaz	2.922	4.747	4.472	16.341	25.002
	Mato Grosso	2.269	10.806	15.704	9.015	7.276
	Italia	461	53	—	—	—
	<b>TOTAIS</b>	<b>148.891</b>	<b>248.726</b>	<b>792.684</b>	<b>236.050</b>	<b>232.098</b>
<b>PARANA</b>	Sta. Catarina	80	410	—	—	—
	Rio G. do Sul	75	—	—	—	—
	<b>TOTAIS</b>	<b>155</b>	<b>410</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>—</b>
<b>STA. CATARINA</b>	Rio de Janeiro	—	—	10	221	165
	Distrito Federal	6.672	101	—	100	—
	São Paulo	—	13.615	48.378	14.516	2.997
	Paraná	15.205	1.145	32.254	25.367	15.694
	Rio G. do Sul	10.437	17.953	18.270	46.065	25.991
	<b>TOTAIS</b>	<b>32.312</b>	<b>32.794</b>	<b>98.912</b>	<b>86.269</b>	<b>44.847</b>

## 312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR

## 2 — Discriminação da procedencia segundo o destino — 1935-1939

ESTADOS DE PROCEDENCIA	Estados e países de destino	SACOS DE 60 QUILOS				
		1 9 3 5	1 9 3 6	1 9 3 7	1 9 3 8	1 9 3 9
RIO G. DÓ SUL	Rio de Janeiro	—	—	—	—	1.319
	São Paulo	—	—	—	—	902
	Sta. Catarina	—	2.540	—	3.210	61
	Argentina	2.207	171	193	—	—
	<b>TOTAIS</b>	2.207	2.711	193	3.210	2.282
MINAS GERAIS	Baía	—	—	—	643	584
	Espírito Santo	—	—	—	—	4
	Rio de Janeiro	—	—	—	1	41
	Distrito Federal	10.819	69.818	157.844	49.929	25.641
	S. Paulo	—	—	—	41.248	23.419
	Goiaz	—	—	—	—	420
<b>TOTAIS</b>	10.819	69.848	157.844	91.821	50.109	
MATO GROSSO	Paraná	—	305	853	765	—
	Bolivia	140	127	240	312	1.740
	<b>TOTAIS</b>	140	432	1.098	1.077	1.740
<b>TOTAL GERAL</b>	2.355.770	8.336.095	6.689.494	7.451.633	9.232.321	

## 312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR

## 31 — Discriminação da procedencia segundo os tipos

Em 1935

ESTADOS DE PROCEDENCIA	Crystal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto	TOTAL
Acre	—	—	—	—	—	—
Amazonas	208	—	—	—	13	221
Pará	27.871	—	—	—	—	27.871
Maranhão	—	—	—	—	—	—
Piauí	—	—	—	—	—	—
Ceará	—	—	—	—	—	—
Rio Grande do Norte	—	—	—	—	—	—
Paraíba	84.707	—	—	—	200	84.907
Pernambuco	2.674.265	926.581	—	138.561	425.719	4.165.126
Alagoas	590.997	259.431	—	251.317	286.567	1.588.312
Sergipe	643.832	—	—	—	32.699	676.531
Baía	264.688	—	—	—	3.310	267.998
Espírito Santo	—	—	—	—	—	—
Rio de Janeiro	1.164.029	—	—	—	96.282	1.260.311
Distrito Federal	129.939	—	—	—	—	129.939
São Paulo	148.891	—	—	—	—	148.891
Paraná	155	—	—	—	—	155
Sta. Catarina	32.312	—	—	—	—	32.312
Rio G. do Sul	2.207	—	—	—	—	2.207
Minas Gerais	10.849	—	—	—	—	10.849
Goiaz	—	—	—	—	—	—
Mato Grosso	140	—	—	—	—	140
<b>TOTAIS</b>	5.775.090	1.286.012	—	489.878	844.790	8.395.770

F O R N E C E  
INSTALAÇÕES COMPLETAS PARA

**DISTILAÇÃO  
RETIFICAÇÃO  
DESHIDRATAÇÃO  
DE ALCOOL  
DE TODAS AS MATERIAS  
PRIMAS**

REPRESENTANTES GERAIS PARA O BRASIL

**SKODA BRASILEIRA S. A.**

R I O D E J A N E I R O

Rua 1º de Março, 6 — Tel. 43-3760 — C. Postal, 144

FILIAL :

**SKODA BRASILEIRA S. A.**

Rua Bom Jesus, 144

Caixa Postal 31 — Tel. 94-87

R E C I F E

REPRESENTANTE :

REPRESENTANTE :

**J. G. BOESCH RENÉ GRAF**

Rua 1º de Março, 6  
C. Postal 2275 - Tel. 43-4601  
R I O D E J A N E I R O

R. Florencio de Abreu, 14  
C. Postal 1162 - Tel. 4-172  
S Ã O P A U L O



**S. A. DOS ANTIGOS ESTABELECIMENTOS**



# Société de Sucreries Brésiliennes

---



USINAS DE AÇUCAR E ALCOOL

---

# Engenhos Centrais de:

Estado de São Paulo: { **Piracicaba**  
**Vila Raffard**  
**Porto Feliz**

Estado do Rio: { **Cupim**  
(Campos) { **Paraíso**

---

Escritório Central:

S ã O P A U L O

Rua Barão de Itapetininga, 88-9º and.

Telefone 2-5600

Escritório:

R I O D E J A N E I R O

Rua São Pedro, 23 - 4º andar

Telefone 23-2481

**Fabricação de açúcar de todas as qualidades**

---

**Alcoois industriais e anidro**

# Companhia Usinas Nacionais

AÇUCAR

“PEROLA”

SACO AZUL

Cinta encarnada

Pacotes de 1 a 5  
quilos

**FÁBRICAS :**

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

SANTOS

TAUBATE'

JUIZ DE FORA

BELO HORIZONTE

NITEROI

CAXIAS - EST. DO RIO

SEDE:

RUA PEDRO ALVES, 319

TELEGRAMAS “USINAS”

TELEFONE 43-4830

RIO DE JANEIRO

## 312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR

## 32 — Discriminação da procedencia segundo os tipos

Em 1936

ESTADOS DE PROCEDENCIA	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto	TOTAL
Acre.....	—	—	—	—	—	—
Amazonas.....	4.710	—	—	—	—	4.710
Pará.....	15.755	—	—	—	—	15.755
Maranhão.....	—	—	—	—	—	—
Piauí.....	—	—	—	—	—	—
Ceará.....	—	—	—	—	—	—
Rio Grande do Norte.....	1.900	—	—	—	—	1.900
Paraíba.....	37.885	—	—	—	4.090	41.975
Pernambuco.....	2.682.971	1.139.459	81.945	8.586	255.155	4.168.116
Alagoas.....	421.888	238.071	300.977	—	320.896	1.271.832
Sergipe.....	652.283	—	—	—	27.421	679.704
Baía.....	135.704	—	—	—	50	135.754
Espírito Santo.....	1.673	—	—	—	—	1.673
Rio de Janeiro.....	1.377.206	25.646	—	32.459	—	1.355.311
Distrito Federal.....	124.444	—	—	—	—	124.444
São Paulo.....	248.726	—	—	—	—	248.726
Paraná.....	410	—	—	—	—	410
Sta. Catarina.....	2.756	—	—	20.859	9.179	32.794
Rio G. do Sul.....	2.711	—	—	—	—	2.711
Minas Gerais.....	—	—	—	69.848	—	69.848
Goiaz.....	—	—	—	—	—	—
Mato Grosso.....	432	—	—	—	—	432
<b>TOTAIS.....</b>	<b>5.811.454</b>	<b>1.393.176</b>	<b>382.922</b>	<b>131.752</b>	<b>616.791</b>	<b>8.326.095</b>

## 312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR

## 33 — Discriminação da procedencia segundo os tipos

Em 1937

ESTADOS DE PROCEDENCIA	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto	TOTAL
Acre.....	—	—	—	—	—	—
Amazonas.....	4.077	—	—	—	207	4.284
Pará.....	30.118	—	—	539	—	30.657
Maranhão.....	5	—	—	—	—	5
Piauí.....	—	—	—	—	—	—
Ceará.....	—	—	—	—	—	—
Rio Grande do Norte.....	4	—	—	3.475	200	3.679
Paraíba.....	2.968	—	—	—	—	2.968
Pernambuco.....	1.737.734	104.790	3.435	875	176.602	2.023.486
Alagoas.....	492.329	88.150	124.242	—	192.603	897.324
Sergipe.....	418.362	—	—	1.398	7.952	427.712
Baía.....	204.965	—	—	—	1.815	306.780
Espírito Santo.....	1.663	—	—	—	—	1.663
Rio de Janeiro.....	1.493.572	340.373	—	120.025	28.674	1.982.644
Distrito Federal.....	207.316	—	167.063	7.858	174.294	556.561
São Paulo.....	178.985	14.534	65	—	—	192.604
Paraná.....	—	—	—	—	—	—
Sta. Catarina.....	23.122	—	400	53.468	21.922	98.912
Rio G. do Sul.....	193	—	—	—	—	193
Minas Gerais.....	—	—	—	157.844	—	157.844
Goiaz.....	—	—	—	—	—	—
Mato Grosso.....	1.098	—	—	—	—	1.098
<b>TOTAIS.....</b>	<b>4.895.691</b>	<b>517.847</b>	<b>295.295</b>	<b>345.482</b>	<b>604.269</b>	<b>6.688.494</b>



## 312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR

34 — Discriminação da procedencia segundo os tipos  
Em 1938

ESTADOS DE PROCEDENCIA	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto	TOTAL
Acre	—	—	—	—	—	—
Amazonas	15.045	—	—	—	—	15.945
Pará	6.792	—	—	34.697	—	41.489
Maranhão	—	—	—	—	—	—
Piauí	—	—	—	—	—	—
Ceará	—	—	—	—	—	—
Rio G. do Norte	6.940	—	—	1	1.070	8.011
Paraíba	94.401	—	—	—	—	94.491
Pernambuco	2.616.097	130.420	22.128	1.400	289.164	3.059.209
Alagoas	536.201	151.985	137.502	—	204.952	1.030.640
Sergipe	449.356	—	—	12	4.028	453.396
Baía	206.734	—	—	—	505	207.239
Espírito Santo	145	—	—	—	—	145
Rio de Janeiro	1.638.203	6.034	—	9.706	22.314	1.676.257
Distrito Federal	248.822	—	93.127	—	104.525	446.474
São Paulo	212.161	23.889	—	—	—	236.050
Paraná	—	—	—	—	—	—
Sta. Catarina	52.326	—	—	13.311	20.632	86.269
Rio G. do Sul	180	—	—	3.030	—	3.210
Minas Gerais	8.810	30.886	—	51.385	740	91.821
Goiáz	—	—	—	—	—	—
Mato Grosso	1.077	—	—	—	—	1.077
<b>TOTAIS</b>	<b>6.094.190</b>	<b>343.214</b>	<b>252.757</b>	<b>113.542</b>	<b>647.930</b>	<b>7.451.633</b>

## 312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR

35 — Discriminação da procedencia segundo os tipos  
Em 1939

ESTADOS DE PROCEDENCIA	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Fruto	TOTAL
Acre	—	—	—	—	—	—
Amazonas	8.939	—	—	15	66	9.020
Pará	6.735	—	—	14.423	4.430	25.588
Maranhão	—	—	—	—	—	—
Piauí	—	—	—	—	—	—
Ceará	—	—	—	—	—	—
Rio G. do Norte	7.706	—	—	5.035	1.650	14.385
Paraíba	88.194	—	—	—	—	88.194
Pernambuco	3.725.522	592.159	151.948	300	229.947	4.699.876
Alagoas	971.358	593.528	154.216	—	310.052	1.939.154
Sergipe	467.027	—	—	—	9.813	476.840
Baía	101.983	49.109	—	—	—	151.092
Espírito Santo	—	—	—	—	—	—
Rio de Janeiro	1.004.778	—	1.000	1.319	34.606	1.041.703
Distrito Federal	390.136	—	1.250	633	63.374	455.393
São Paulo	210.477	20.011	—	5	1.605	232.098
Paraná	—	—	—	—	—	—
Sta. Catarina	33.440	—	—	3.206	8.201	44.847
Rio G. do Sul	36	—	—	2.246	—	2.282
Minas Gerais	14.205	20.596	—	192	15.316	50.109
Goiáz	—	—	—	—	—	—
Mato Grosso	1.740	—	—	—	—	1.740
<b>TOTAIS</b>	<b>7.032.270</b>	<b>1.185.203</b>	<b>308.414</b>	<b>27.374</b>	<b>679.060</b>	<b>9.232.321</b>

## 312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR

## 41 — Discriminação da procedência por destino segundo os meios de transporte — 1939

## Quantidade

(UNIDADE — SACOS DE 60 QUILOS)

ESTADOS DE PROCEDENCIA	Estados e países de destino	MEIO DE TRANSPORTE				TOTAL
		Marítimo	Fluvial	Ferroviano	Rodoviario	
AMAZONAS...	Acre...	—	2.012	—	—	2.012
	Pará...	—	58	—	—	58
	Maranhão...	—	5	—	—	5
	Mato Grosso...	—	45	6.115	—	6.160
	<b>TOTAL...</b>	—	2.120	6.115	—	8.235
	Colômbia...	—	318	—	—	318
	Perú...	—	467	—	—	467
	<b>TOTAL...</b>	—	785	—	—	785
	<b>TOTAL GERAL...</b>	—	2.905	6.115	—	9.020
	PARÁ...	Acre...	—	3.186	—	—
Amazonas...		—	7.446	—	—	7.446
Maranhão...		3.617	—	—	—	3.617
Ceará...		10.520	—	—	—	10.520
Espírito Santo...		180	—	—	—	180
Distrito Federal...		502	—	—	—	502
Mato Grosso...		—	50	—	—	50
<b>TOTAL...</b>		14.819	10.682	—	—	25.501
Colômbia...		—	57	—	—	57
Perú...		—	30	—	—	30
<b>TOTAL...</b>	—	87	—	—	87	
<b>TOTAL GERAL...</b>	14.819	10.769	—	—	25.588	
RIO G. DO NORTE...	Acre...	290	—	—	—	290
	Pará...	5.510	—	—	—	5.510
	Maranhão...	940	—	—	—	940
	Ceará...	1.800	—	—	—	1.800
	Espírito Santo...	1.185	—	—	—	1.185
	Rio de Janeiro...	4.750	—	—	—	4.750
	<b>TOTAL GERAL...</b>	14.385	—	—	—	14.385
PARAIBA...	Amazonas...	9.650	—	—	—	9.650
	Pará...	6.490	—	—	—	6.490
	Maranhão...	4.525	—	—	—	4.525
	Piauí...	7.125	—	—	—	7.125
	Ceará...	16.615	—	—	—	16.615
	Rio G. do Norte...	1.625	—	—	—	1.625
	Distrito Federal...	17.900	—	—	—	17.900
	São Paulo...	19.764	—	—	—	19.764
	Rio G. do Sul...	4.500	—	—	—	4.500
	<b>TOTAL GERAL...</b>	88.194	—	—	—	88.194

## 312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR

## 41 — Discriminação da procedencia por destino segundo os meios de transporte — 1939

## Quantidade

(UNIDADE — SACOS DE 60 QUILOS)

ESTADOS DE PROCEDENCIA	Estados e paises de destino	MEIO DE TRANSPORTE				TOTAL
		Maritimo	Fluvial	Ferroviano	Rodoviario	
PERNAMBUCO.. . . . .	Acre.. . . . .	865	—	—	—	865
	Amazonas.. . . . .	91.495	—	—	—	91.495
	Pará.. . . . .	112.352	—	—	—	112.352
	Maranhão.. . . . .	38.689	—	—	—	38.689
	Piauí.. . . . .	37.843	—	—	—	37.843
	Ceará.. . . . .	89.448	—	—	—	89.448
	Rio G. do Norte.. . . . .	10.635	—	—	—	10.635
	Paraíba.. . . . .	7.594	—	—	—	7.594
	Alagoas.. . . . .	2	—	—	—	2
	Baía.. . . . .	77.617	—	—	—	77.617
	Espírito Santo.. . . . .	8.230	—	—	—	8.230
	Rio de Janeiro.. . . . .	99.000	—	—	—	99.000
	Distrito Federal.. . . . .	1.254.282	—	—	—	1.254.282
	São Paulo.. . . . .	1.466.253	—	—	—	1.466.253
	Paraná.. . . . .	98.015	—	—	—	98.015
	Santa Catarina.. . . . .	17.445	—	—	—	17.445
	Rio G. do Sul.. . . . .	720.095	—	—	—	720.095
	Minas Gerais.. . . . .	4.583	—	—	—	4.583
	Mato Grosso.. . . . .	1.280	—	—	—	1.280
	<b>TOTAL.. . . . .</b>	<b>4.126.723</b>	—	—	—	<b>4.126.723</b>
	Inglaterra.. . . . .	437.703	—	—	—	437.703
	Portugal.. . . . .	31.050	—	—	—	31.050
	Espanha.. . . . .	250	—	—	—	250
	Chile.. . . . .	100.000	—	—	—	100.000
	Uruguai.. . . . .	4.150	—	—	—	4.150
	<b>TOTAL.. . . . .</b>	<b>573.153</b>	—	—	—	<b>573.153</b>
	<b>TOTAL GERAL.. . . . .</b>	<b>4.699.876</b>	—	—	—	<b>4.699.876</b>
ALAGOAS.. . . . .	Acre.. . . . .	1.109	—	—	—	1.109
	Amazonas.. . . . .	20.005	—	—	—	20.005
	Pará.. . . . .	13.460	—	—	—	13.460
	Maranhão.. . . . .	5.250	—	—	—	5.250
	Piauí.. . . . .	2.660	—	—	—	2.660
	Ceará.. . . . .	16.455	—	—	—	16.455
	Rio G. do Norte.. . . . .	5.440	—	—	—	5.440
	Pernambuco.. . . . .	1.405	—	—	—	1.405
	Sergipe.. . . . .	30	—	—	—	30
	Baía.. . . . .	10.198	—	—	—	10.198
	Espírito Santo.. . . . .	31.199	—	—	—	31.199
	Rio de Janeiro.. . . . .	3.600	—	—	—	3.600
	Distrito Federal.. . . . .	438.302	—	—	—	438.302
São Paulo.. . . . .	758.222	—	—	—	758.222	
Paraná.. . . . .	44.490	—	—	—	44.490	

## 312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR

## 41 — Discriminação da procedencia por destino segundo os meios de transporte — 1939

## Quantidade

(UNIDADE — SACOS DE 60 QUILOS)

ESTADOS DE PROCEDENCIA	Estados e países de destino	M E I O D E T R A N S P O R T E				T O T A L
		Maritimo	Fluvial	Ferroviano	Rodoviario	
ALAGOAS . . . . .	Santa Catarina . . . . .	6.300	—	—	—	6.300
	Rio G. do Sul . . . . .	349.630	—	—	—	349.630
	Mato Grosso . . . . .	1.280	—	—	—	1.280
	<b>TOTAL</b> . . . . .	<b>1.709.026</b>	—	—	—	<b>1.709.026</b>
	Inglaterra . . . . .	230.128	—	—	—	230.128
	<b>TOTAL</b> . . . . .	<b>230.128</b>	—	—	—	<b>230.128</b>
<b>TOTAL GERAL</b> . . . . .	<b>1.939.154</b>	—	—	—	<b>1.939.154</b>	
SERGIPE . . . . .	Pará . . . . .	62.075	—	—	—	62.075
	Maranhão . . . . .	21.615	—	—	—	21.015
	Ceará . . . . .	14.800	—	—	—	14.800
	Rio G. do Norte . . . . .	60	—	—	—	60
	Alagoas . . . . .	—	921	—	—	921
	Baía . . . . .	27.574	—	—	—	27.574
	Espírito Santo . . . . .	41.135	—	—	—	41.135
	Rio de Janeiro . . . . .	1.030	—	—	—	1.000
	Distrito Federal . . . . .	92.863	—	—	—	92.863
	São Paulo . . . . .	54.586	—	—	—	54.586
	Paraná . . . . .	65.304	—	—	—	65.304
	Santa Catarina . . . . .	11.255	—	—	—	11.255
	Rio G. do Sul . . . . .	84.252	—	—	—	84.252
<b>TOTAL GERAL</b> . . . . .	<b>475.919</b>	<b>921</b>	—	—	<b>476.840</b>	
BAIA . . . . .	Pará . . . . .	5.840	—	—	—	5.840
	Maranhão . . . . .	7.863	—	—	—	7.863
	Ceará . . . . .	1.300	—	—	—	1.500
	Espírito Santo . . . . .	1.350	—	—	—	1.550
	Distrito Federal . . . . .	49.109	—	—	—	49.109
	São Paulo . . . . .	57.885	—	—	—	57.883
	Paraná . . . . .	3.250	—	—	—	3.250
	Santa Catarina . . . . .	2.400	—	—	—	2.400
	Rio G. do Sul . . . . .	22.100	—	—	—	22.100
	<b>TOTAL GERAL</b> . . . . .	<b>151.092</b>	—	—	—	<b>151.092</b>
RIO DE JANEIRO . . . . .	Espírito Santo . . . . .	88	19.234	12.013	3.928	35.263
	Distrito Federal . . . . .	—	16.683	471.799	—	488.479
	São Paulo . . . . .	20	13.500	76.367	—	89.887
	Paraná . . . . .	—	95.568	16.195	—	111.763
	Santa Catarina . . . . .	2.934	—	—	—	2.934
	Rio G. do Sul . . . . .	6.484	—	306.723	170	6.484
	Minas Gerais . . . . .	—	—	—	—	306.893
	<b>TOTAL GERAL</b> . . . . .	<b>9.528</b>	<b>144.982</b>	<b>883.097</b>	<b>4.098</b>	<b>1.041.703</b>



312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR  
41 — Discriminação da procedencia por destino segundo os meios de transporte — 1939

## Quantidade

(UNIDADE — SACOS DE 60 QUILOS)

ESTADOS DE PROCEDENCIA	Estados e países de destino	M E I O D E T R A N S P O R T E				TOTAL
		Maritimo	Fluvial	Ferrovioario	Rodoviario	
DISTRITO FEDERAL . . . . .	Maranhão . . . . .	10	—	—	—	10
	Ceará . . . . .	670	—	—	—	670
	Baía . . . . .	13.194	—	—	—	13.194
	Espírito Santo . . . . .	11.866	—	—	—	11.866
	Rio de Janeiro . . . . .	679	—	13.415	—	14.094
	São Paulo . . . . .	17.255	—	154.134	—	171.389
	Paraná . . . . .	8.385	—	—	—	8.385
	Santa Catarina . . . . .	45.779	—	—	—	45.779
	Rio G. do Sul . . . . .	70.494	—	—	—	70.494
	Minas Gerais . . . . .	—	—	113.692	—	113.692
	Mato Grosso . . . . .	5.800	—	—	—	5.800
	<b>TOTAL . . . . .</b>	<b>174.132</b>	<b>—</b>	<b>281.241</b>	<b>—</b>	<b>455.373</b>
	França . . . . .	20	—	—	—	20
	<b>TOTAL . . . . .</b>	<b>20</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>20</b>
	<b>TOTAL GERAL . . . . .</b>	<b>174.152</b>	<b>—</b>	<b>281.241</b>	<b>—</b>	<b>455.393</b>
SÃO PAULO . . . . .	Paraná . . . . .	—	—	57.535	—	57.535
	Minas Gerais . . . . .	—	—	142.285	—	142.285
	Goiáz . . . . .	—	—	25.002	—	25.002
	Mato Grosso . . . . .	—	—	7.276	—	7.276
	<b>TOTAL GERAL . . . . .</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>232.098</b>	<b>—</b>	<b>232.098</b>
SANTA CATARINA . . . . .	Rio de Janeiro . . . . .	165	—	—	—	165
	São Paulo . . . . .	2.997	—	—	—	2.997
	Paraná . . . . .	15.694	—	—	—	15.694
	Rio G. do Sul . . . . .	25.991	—	—	—	25.991
	<b>TOTAL GERAL . . . . .</b>	<b>44.847</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>44.847</b>
RIO G. DO SUL . . . . .	Rio de Janeiro . . . . .	1.319	—	—	—	1.319
	São Paulo . . . . .	902	—	—	—	902
	Santa Catarina . . . . .	61	—	—	—	61
	<b>TOTAL GERAL . . . . .</b>	<b>2.282</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>2.282</b>
MINAS GERAIS . . . . .	Baía . . . . .	—	—	584	—	584
	Espírito Santo . . . . .	—	—	4	—	4
	Rio de Janeiro . . . . .	—	—	41	—	41
	Distrito Federal . . . . .	—	—	25.641	—	25.641
	São Paulo . . . . .	—	—	23.419	—	23.419
	Goiáz . . . . .	—	—	420	—	420
	<b>TOTAL GERAL . . . . .</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>50.109</b>	<b>—</b>	<b>50.109</b>
MATO GROSSO . . . . .	Bolívia . . . . .	—	—	—	1.740	1.740
	<b>TOTAL GERAL . . . . .</b>	<b>7.614.246</b>	<b>159.577</b>	<b>1.452.660</b>	<b>5.838</b>	<b>9.232.321</b>

## 312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR

## 42 — Discriminação da procedencia por destino segundo os meios de transporte — 1939

## Valor

(MIL RÊIS)

ESTADOS DE PROCEDENCIA	Estados e países de destino	MEIO DE TRANSPORTE				TOTAL
		Maritimo	Fluvial	Ferroviano	Rodoviario	
AMAZONAS.	Acre	—	151.921	—	—	151.921
	Pará	—	4.530	—	—	4.530
	Maranhão	—	325	—	—	325
	Mato Grosso	—	3.380	501.942	—	505.322
	<b>TOTAL</b>	—	160.156	501.942	—	662.098
	Colômbia	—	22.744	—	—	22.744
	Perú	—	26.955	—	—	26.955
	<b>TOTAL</b>	—	49.699	—	—	49.699
	<b>TOTAL GERAL</b>	—	209.855	501.942	—	711.797
	PARÁ	Acre	—	162.376	—	—
Amazonas		—	224.133	—	—	224.133
Maranhão		227.409	—	—	—	227.409
Ceará		303.464	—	—	—	303.464
Espírito Santo		4.150	—	—	—	4.150
Distrito Federal		16.500	—	—	—	16.500
Mato Grosso		—	3.350	—	—	3.350
<b>TOTAL</b>		551.523	389.859	—	—	941.382
Colômbia		—	1.100	—	—	1.100
Perú		—	2.000	—	—	2.000
<b>TOTAL</b>	—	3.100	—	—	3.100	
<b>TOTAL GERAL</b>	551.523	392.959	—	—	944.482	
RIO G. DO NORTE.	Acre	13.500	—	—	—	13.500
	Pará	361.335	—	—	—	361.333
	Maranhão	53.966	—	—	—	53.966
	Ceará	104.725	—	—	—	104.725
	Espírito Santo	44.537	—	—	—	44.537
	Rio de Janeiro	158.200	—	—	—	158.200
	<b>TOTAL GERAL</b>	736.261	—	—	—	736.261
PARAIBA.	Amazonas	669.490	—	—	—	669.490
	Pará	445.056	—	—	—	445.056
	Maranhão	297.318	—	—	—	297.318
	Piauí	411.762	—	—	—	411.762
	Ceará	869.532	—	—	—	869.532
	Rio G. do Norte	81.350	—	—	—	81.350
	Distrito Federal	865.500	—	—	—	865.500
	São Paulo	1.035.828	—	—	—	1.035.828
	Rio G. do Sul	234.000	—	—	—	234.000
<b>TOTAL GERAL</b>	4.909.816	—	—	—	4.909.816	

## 312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR

42 — Discriminação da procedencia por destino segundo os meios de transporte — 1939

V a l o r

(MIL RÉIS)

ESTADOS DE PROCEDENCIA	Estados e países de destino	M E I O D E T R A N S P O R T E				TOTAL
		Marítimo	Fluvial	Ferroviano	Rodoviario	
PERNAMBUCO.....	Acre.....	66.431	—	—	—	66.431
	Amazonas.....	6.142.922	—	—	—	6.142.922
	Pará.....	7.444.542	—	—	—	7.444.542
	Maranhão.....	2.473.155	—	—	—	2.473.155
	Piauí.....	2.642.678	—	—	—	2.642.678
	Ceará.....	4.928.780	—	—	—	4.928.780
	Rio G. do Norte.....	655.252	—	—	—	655.252
	Paraíba.....	355.518	—	—	—	355.518
	Alagoas.....	130	—	—	—	130
	Baía.....	4.057.796	—	—	—	4.057.796
	Espírito Santo.....	460.500	—	—	—	460.500
	Rio de Janeiro.....	5.450.470	—	—	—	5.450.470
	Distrito Federal.....	63.779.459	—	—	—	63.779.459
	São Paulo.....	73.781.148	—	—	—	73.781.148
	Paraná.....	5.282.171	—	—	—	5.282.171
	Santa Catarina.....	1.147.554	—	—	—	1.147.554
	Rio G. do Sul.....	48.176.765	—	—	—	48.176.765
	Minas Gerais.....	190.494	—	—	—	190.494
	Mato Grosso.....	96.670	—	—	—	96.670
	<b>TOTAL.....</b>		<b>227.132.435</b>	—	—	—
	Inglaterra.....	8.813.859	—	—	—	8.813.859
	Portugal.....	1.295.330	—	—	—	1.295.330
	Espanha.....	16.200	—	—	—	16.200
	Chile.....	3.072.253	—	—	—	3.072.253
	Uruguai.....	183.806	—	—	—	183.806
	<b>TOTAL.....</b>		<b>13.381.448</b>	—	—	—
<b>TOTAL GERAL.....</b>		<b>240.513.883</b>	—	—	—	<b>240.513.883</b>
ALAGOAS.....	Acre.....	75.098	—	—	—	75.098
	Amazonas.....	1.305.388	—	—	—	1.305.388
	Pará.....	846.238	—	—	—	846.238
	Maranhão.....	325.253	—	—	—	325.253
	Piauí.....	154.258	—	—	—	154.258
	Ceará.....	957.546	—	—	—	957.546
	Rio G. do Norte.....	317.166	—	—	—	317.166
	Pernambuco.....	28.200	—	—	—	28.200
	Sergipe.....	1.950	—	—	—	1.950
	Baía.....	469.108	—	—	—	469.108
	Espírito Santo.....	1.157.922	—	—	—	1.157.922
	Rio de Janeiro.....	127.666	—	—	—	127.666
	Distrito Federal.....	18.961.884	—	—	—	18.961.884
	São Paulo.....	35.135.879	—	—	—	35.135.879
Paraná.....	1.946.639	—	—	—	1.946.639	



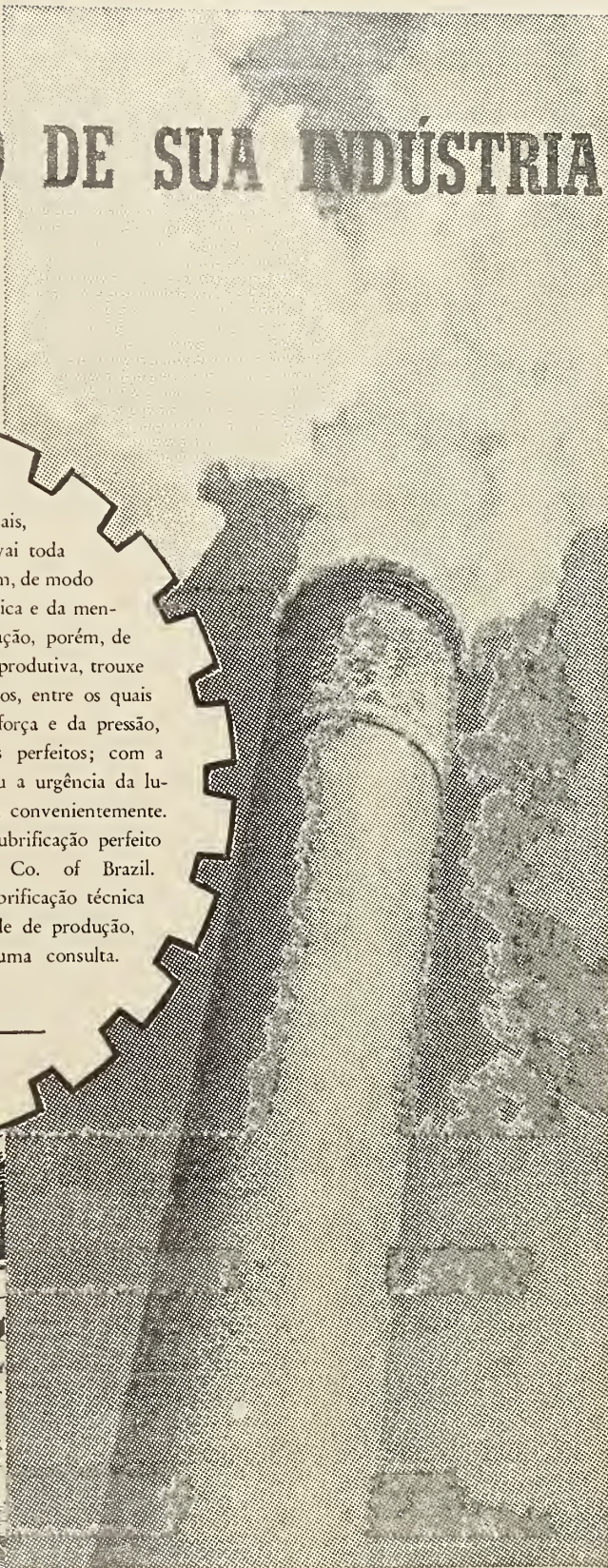
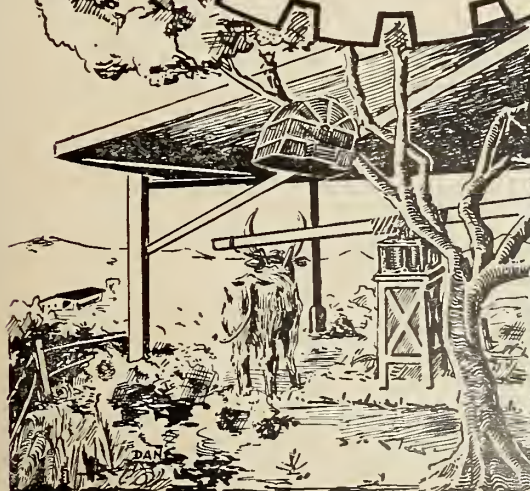
# A LUBRIFICAÇÃO DE SUA INDÚSTRIA

*terá acompanhado*

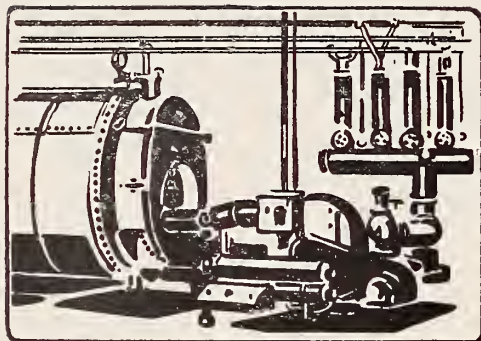
**Este Progresso Estupendo?**

Da primitiva moenda de açúcar, dos velhos tempos coloniais, às grandes usinas do século vinte, vai toda uma evolução eloquente, onde se refletem, de modo sugestivo, o progresso da estrutura econômica e da mentalidade industrial brasileiras. Esta centuplicação, porém, de riqueza, de força organizada, de capacidade produtiva, trouxe consigo problemas novos, a serem ponderados, entre os quais avulta o da *lubrificação*. Com o aumento da força e da pressão, aumentou a necessidade de óleos lubrificantes perfeitos; com a crescente complexidade do maquinário, cresceu a urgência da lubrificação técnica, estudada, produzida e aplicada convenientemente. Para ter, em sua indústria, um serviço de lubrificação perfeito e econômico, consulte a Standard Oil Co. of Brazil. Determinada com exatidão científica, nossa lubrificação técnica conserva o maquinário, aumenta a capacidade de produção, reduz o custo de operação. Faça-nos uma consulta.

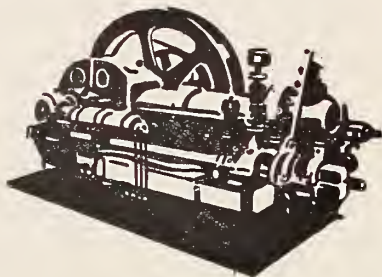
— — — — —  
**Esso**  
— — — — —







Oleo combustivel MEX para  
caldeiras e outros fins



Oleo Diesel No. 1 MEX para  
Motores Diesel

Solicitem Informações

**ANGLO-MEXICAN PETROLEUM COMPANY LTD.**  
**PRAÇA 15 DE NOVE MBRO, 10 – RIO DE JANEIRO**

---

---

## 312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR

## 42 — Discriminação da procedencia por destino segundo os meios de transporte — 1939

## V a l o r

(MIL RÉIS)

ESTADOS DE PROCEDENCIA	Estados e países de destino	M E I O D E T R A N S P O R T E				TOTAL
		Marítimo	Fluvial	Ferroviano	Rodoviario	
ALAGOAS	Santa Catarina	354.951	—	—	—	354.951
	Rio G. do Sul	20.550.876	—	—	—	20.550.876
	Mato Grosso	66.050	—	—	—	66.050
	<b>TOTAL</b>	<b>82.782.072</b>	—	—	—	<b>82.782.072</b>
	Inglaterra	10.082.702	—	—	—	10.082.702
	<b>TOTAL</b>	<b>10.082.702</b>	—	—	—	<b>10.082.702</b>
	<b>TOTAL GERAL</b>	<b>92.864.774</b>	—	—	—	<b>92.864.774</b>
SERGIPE	Pará	3.779.272	—	—	—	3.779.272
	Maranhão	1.282.540	—	—	—	1.282.540
	Ceará	859.190	—	—	—	859.190
	Rio G. do Norte	2.760	—	—	—	2.760
	Alagoas	—	30.338	—	—	30.338
	Baía	1.483.593	—	—	—	1.483.593
	Espírito Santo	2.039.506	—	—	—	2.039.506
	Rio de Janeiro	53.500	—	—	—	53.500
	Distrito Federal	4.257.881	—	—	—	4.257.881
	São Paulo	2.662.928	—	—	—	2.662.928
	Paraná	3.494.685	—	—	—	3.494.685
	Santa Catarina	642.615	—	—	—	642.615
	Rio G. do Sul	4.564.932	—	—	—	4.564.932
	<b>TOTAL GERAL</b>	<b>25.123.402</b>	<b>30.338</b>	—	—	<b>25.153.740</b>
BAIA	Pará	268.640	—	—	—	268.640
	Maranhão	361.560	—	—	—	361.560
	Ceará	59.800	—	—	—	59.800
	Espírito Santo	51.000	—	—	—	51.000
	Distrito Federal	1.866.142	—	—	—	1.866.142
	São Paulo	2.561.118	—	—	—	2.561.118
	Paraná	141.100	—	—	—	141.100
	Santa Catarina	86.800	—	—	—	86.800
	Rio G. do Sul	971.600	—	—	—	971.600
		<b>TOTAL GERAL</b>	<b>6.367.760</b>	—	—	—
RIO DE JANEIRO	Espírito Santo	5.615	1.126.966	701.863	167.561	2.002.005
	Distrito Federal	—	906.892	25.404.513	—	26.311.705
	São Paulo	1.140	705.200	4.132.943	—	4.839.383
	Paraná	—	5.254.663	831.043	—	6.085.706
	Santa Catarina	155.145	—	—	—	155.145
	Rio G. do Sul	340.410	—	—	—	340.410
	Minas Gerais	—	—	16.664.716	9.247	16.673.963
	<b>TOTAL GERAL</b>	<b>502.310</b>	<b>7.993.821</b>	<b>47.735.378</b>	<b>176.808</b>	<b>56.408.317</b>

## 312 — EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR ENTRE ESTADOS E PARA O EXTERIOR

## 42 — Discriminação da procedencia por destino segundo os meios de transporte — 1939

## V a l o r

(MIL RÊIS)

ESTADOS DE PROCEDENCIA	Estados e países de destino	M E I O D E T R A N S P O R T E				TOTAL
		Marítimo	Fluvial	Ferrovioário	Rodoviario	
DISTRITO FEDERAL . . . . .	Maranhão . . . . .	900	—	—	—	900
	Ceará . . . . .	57.950	—	—	—	57.950
	Baía . . . . .	1.041.017	—	—	—	1.041.017
	Espírito Santo . . . . .	962.280	—	—	—	962.280
	Rio de Janeiro . . . . .	45.468	—	804.770	—	850.238
	São Paulo . . . . .	1.209.182	—	8.188.874	—	9.398.056
	Paraná . . . . .	671.436	—	—	—	671.436
	Santa Catarina . . . . .	3.881.923	—	—	—	3.881.923
	Rio G. do Sul . . . . .	5.663.911	—	—	—	5.663.911
	Minas Gerais . . . . .	—	—	6.037.866	—	6.037.866
	Mato Grosso . . . . .	501.350	—	—	—	501.350
<b>TOTAL GERAL . . . . .</b>		<b>14.035.417</b>	—	<b>15.031.510</b>	—	<b>29.066.927</b>
	França . . . . .	1.200	—	—	—	1.200
<b>TOTAL . . . . .</b>		<b>1.200</b>	—	—	—	<b>1.200</b>
<b>TOTAL GERAL . . . . .</b>		<b>14.936.617</b>	—	<b>15.031.510</b>	—	<b>29.068.127</b>
SÃO PAULO . . . . .	Paraná . . . . .	—	—	3.706.772	—	3.706.772
	Minas Gerais . . . . .	—	—	8.993.699	—	8.993.699
	Goiaz . . . . .	—	—	1.740.760	—	1.740.760
	Mato Grosso . . . . .	—	—	510.686	—	510.686
	<b>TOTAL GERAL . . . . .</b>	—	—	<b>14.951.917</b>	—	<b>14.951.917</b>
SANTA CATARINA . . . . .	Rio de Janeiro . . . . .	5.570	—	—	—	5.570
	São Paulo . . . . .	110.365	—	—	—	110.365
	Paraná . . . . .	684.360	—	—	—	684.360
	Rio G. do Sul . . . . .	1.784.865	—	—	—	1.784.865
	<b>TOTAL GERAL . . . . .</b>	<b>2.585.160</b>	—	—	—	<b>2.585.160</b>
RIO G. DO SUL . . . . .	Rio de Janeiro . . . . .	41.100	—	—	—	41.100
	São Paulo . . . . .	28.070	—	—	—	28.070
	Santa Catarina . . . . .	4.944	—	—	—	4.944
	<b>TOTAL GERAL . . . . .</b>	<b>74.114</b>	—	—	—	<b>74.114</b>
MINAS GERAIS . . . . .	Baía . . . . .	—	—	37.040	—	37.040
	Espírito Santo . . . . .	—	—	251	—	251
	Rio de Janeiro . . . . .	—	—	2.451	—	2.451
	Distrito Federal . . . . .	—	—	1.152.919	—	1.152.919
	São Paulo . . . . .	—	—	1.115.914	—	1.115.914
	Goiaz . . . . .	—	—	12.600	—	12.600
	<b>TOTAL GERAL . . . . .</b>	—	—	<b>2.321.175</b>	—	<b>2.321.175</b>
MATO GROSSO . . . . .	Bolivia . . . . .	—	—	—	150.636	150.636
	<b>TOTAL GERAL . . . . .</b>	<b>388.265.620</b>	<b>8.626.973</b>	<b>80.541.922</b>	<b>327.444</b>	<b>477.761.959</b>

## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

## I — Totais por Estados e Países — 1935/1939

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	1935	1936	1937	1938	1939
Acre...	520	3.993	5.313	6.174	7.363
Amazonas...	82.423	107.273	114.418	109.546	128.596
Pará...	142.789	191.586	161.197	165.673	205.785
Maranhão...	48.720	76.002	72.029	55.975	81.911
Piauí...	29.350	38.910	44.080	31.928	47.911
Ceará...	162.528	194.601	165.677	149.814	142.608
Rio Grande do Norte...	61.302	36.556	36.141	30.901	47.628
Paraíba...	28.197	8.700	30.837	13.446	7.594
Pernambuco...	90	146	60	221	1.405
Alagoas...	11.808	3.010	2.322	1.778	923
Sergipe...	—	—	—	—	30
Baía...	10.532	15.316	4.909	14.697	129.167
Espirito Santo...	67.468	47.112	40.831	113.940	130.412
Rio de Janeiro...	6.500	49.446	3.937	60.165	123.969
Distrito Federal...	2.059.024	1.958.745	2.237.644	2.107.751	2.367.078
São Paulo...	2.147.194	1.827.500	1.673.227	2.177.137	2.645.302
Paraná...	258.312	325.650	316.793	385.051	404.436
Santa Catarina...	69.310	60.946	52.256	170.785	86.174
Rio Grande do Sul...	1.103.902	1.282.291	1.110.203	1.053.422	1.283.546
Minas Gerais...	636.819	701.139	584.969	626.953	567.453
Goiás...	2.922	4.747	4.472	16.373	25.422
Mato Grosso...	17.563	21.960	22.210	25.187	21.846
<b>TOTAL</b> .....	<b>6.947.573</b>	<b>6.955.629</b>	<b>6.683.525</b>	<b>7.316.917</b>	<b>8.426.408</b>
Inglaterra...	1.187.923	1.369.614	—	127.000	667.831
Portugal...	16	2.110	3	—	31.050
França...	10	—	—	—	20
Italia...	461	156	—	—	—
Colombia...	206	1.214	1.276	1.179	375
Bolívia...	140	701	292	632	1.740
Perú...	15	—	—	—	497
Argentina...	2.707	2.471	193	—	—
Uruguai...	256.719	4.200	3.200	5.905	4.150
Espanha...	—	—	5	—	250
Chile...	—	—	—	—	100.000
<b>TOTAL</b> .....	<b>1.448.197</b>	<b>1.380.466</b>	<b>4.969</b>	<b>134.716</b>	<b>805.913</b>
<b>TOTAL GERAL</b> .....	<b>8.395.770</b>	<b>8.336.095</b>	<b>6.688.494</b>	<b>7.451.633</b>	<b>9.232.321</b>



## 221 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

## 21 — Discriminação segundo os tipos

Em 1935

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto	TOTAL
Acre . . . . .	520	—	—	—	—	520
Amazonas . . . . .	82.383	—	—	—	40	82.423
Pará . . . . .	142.789	—	—	—	—	142.789
Mara thão . . . . .	47.097	25	—	1.598	—	48.720
Piauí . . . . .	29.350	—	—	—	—	29.350
Ceará . . . . .	155.823	267	—	2.598	3.840	162.528
Rio G. do Norte . . . . .	51.587	95	—	475	9.145	61.302
Paraíba . . . . .	28.277	—	—	—	220	28.497
Pernambuco . . . . .	90	—	—	—	—	90
Alagoas . . . . .	10.593	1.165	—	50	—	11.808
Sergipe . . . . .	—	—	—	—	—	—
Baía . . . . .	10.532	—	—	—	—	10.532
Espirito Santo . . . . .	43.318	—	—	500	23.650	67.468
Rio de Janeiro . . . . .	6.500	—	—	—	—	6.500
Distrito Federal . . . . .	1.907.445	14.350	—	1.334	135.895	2.059.024
São Paulo . . . . .	1.118.622	18.100	—	438.015	572.457	2.147.194
Paraná . . . . .	214.319	1.150	—	21.098	21.745	258.312
Stá. Catarina . . . . .	69.310	—	—	—	—	69.310
Rio G. do Sul . . . . .	1.068.122	140	—	24.210	11.470	1.103.902
Minas Gerais . . . . .	578.164	—	—	—	58.655	636.819
Goiaz . . . . .	2.922	—	—	—	—	2.922
Mato Grosso . . . . .	17.563	—	—	—	—	17.563
<b>TOTAIS . . . . .</b>	<b>5.585.326</b>	<b>35.292</b>	<b>—</b>	<b>489.878</b>	<b>837.077</b>	<b>6.947.573</b>
Inglaterra . . . . .	185.722	997.201	—	—	5.000	1.187.923
Portugal . . . . .	16	—	—	—	—	16
França . . . . .	10	—	—	—	—	10
Italia . . . . .	461	—	—	—	—	461
Celombia . . . . .	193	—	—	—	13	206
Bolivia . . . . .	140	—	—	—	—	140
Perú . . . . .	15	—	—	—	—	15
Argentina . . . . .	2.207	—	—	—	506	2.707
Uruguai . . . . .	1.000	253.519	—	—	2.200	256.719
<b>TOTAIS . . . . .</b>	<b>189.764</b>	<b>1.250.720</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>7.713</b>	<b>1.448.197</b>
<b>TOTAL GERAL . . . . .</b>	<b>5.775.090</b>	<b>1.286.012</b>	<b>—</b>	<b>489.878</b>	<b>844.790</b>	<b>8.395.770</b>

## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

## 22 — Discriminação segundo os tipos

Em 1936

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto	TOTAL
Acre.. . . . .	3.993	—	—	—	—	3.993
Amazonas.. . . . .	107.043	—	—	—	230	107.273
Pará.. . . . .	190.386	—	—	—	1.200	191.586
Maranhão.. . . . .	65.437	50	9.990	—	525	76.002
Piauí.. . . . .	38.630	—	—	—	280	38.910
Ceará.. . . . .	180.116	45	2.790	—	11.650	194.601
Rio G. do Norte.. . . . .	27.836	—	1.715	—	7.005	36.556
Pará.. . . . .	8.700	—	—	—	—	8.700
Pernambuco.. . . . .	146	—	—	—	—	146
Alagoas.. . . . .	3.010	—	—	—	—	3.010
Sergipe.. . . . .	—	—	—	—	—	—
Baía.. . . . .	15.166	—	—	—	150	15.310
Espírito Santo.. . . . .	33.436	—	100	305	13.271	47.112
Rio de Janeiro.. . . . .	49.446	—	—	—	—	49.446
Distrito Federal.. . . . .	1.771.460	36.083	—	98.957	53.145	1.958.745
São Paulo.. . . . .	1.014.250	25.500	345.350	8.968	484.332	1.827.500
Paraná.. . . . .	295.025	400	2.300	5.055	22.870	325.650
Sta. Catarina.. . . . .	60.946	—	—	—	—	60.946
Rio G. do Sul.. . . . .	1.224.942	140	20.677	12.735	23.797	1.282.591
Minas Gerais.. . . . .	692.127	1.736	—	3.946	3.030	701.139
Goiaz.. . . . .	4.747	—	—	—	—	4.747
Mato Grosso.. . . . .	21.960	—	—	—	—	21.960
<b>TOTAIS.. . . . .</b>	<b>5.809.102</b>	<b>63.954</b>	<b>382.922</b>	<b>128.166</b>	<b>571.485</b>	<b>6.955.629</b>
Inglaterra.. . . . .	100	1.327.222	—	1.586	40.706	1.369.614
Portugal.. . . . .	10	2.000	—	—	190	2.110
Italia.. . . . .	156	—	—	—	—	156
Colombia.. . . . .	1.214	—	—	—	—	1.214
Bolivia.. . . . .	701	—	—	—	—	701
Argentina.. . . . .	171	—	—	2.000	300	2,471
Uruguai.. . . . .	—	—	—	—	4.200	4.200
<b>TOTAIS.. . . . .</b>	<b>2.352</b>	<b>1.329.222</b>	<b>—</b>	<b>3.586</b>	<b>45.306</b>	<b>1.330.466</b>
<b>TOTAL GERAL.. . . . .</b>	<b>5.811.454</b>	<b>1.393.176</b>	<b>382.922</b>	<b>131.752</b>	<b>616.791</b>	<b>8.336.095</b>

## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

## 23 — Discriminação segundo os tipos

Em 1937

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto	TOTAL
Acre . . . . .	4.906	200	—	—	207	5.313
Amazonas . . . . .	114.338	—	—	—	80	114.418
Pará . . . . .	161.167	30	—	—	—	161.197
Maranhão . . . . .	61.099	170	9.275	800	685	72.029
Piauí . . . . .	44.080	—	—	—	—	44.080
Ceará . . . . .	157.207	—	3.045	2.675	2.750	165.677
Rio G. do Norte . . . . .	28.922	—	2.505	539	4.175	36.141
Paraíba . . . . .	30.462	—	200	175	—	30.837
Pernambuco . . . . .	60	—	—	—	—	60
Alagoas . . . . .	2.152	—	—	20	150	2.322
Sergipe . . . . .	—	—	—	—	—	—
Baía . . . . .	4.909	—	—	—	—	4.909 <sup>b</sup>
Espírito Santo . . . . .	31.594	—	—	—	9.237	40.831
Rio de Janeiro . . . . .	2.676	—	—	—	1.861	3.937
Distrito Federal . . . . .	1.466.469	483.193	—	278.169	9.813	2.237.644
São Paulo . . . . .	817.743	47.850	272.065	33.931	501.638	1.673.227
Paraná . . . . .	253.078	15.182	2.950	11.591	33.992	316.793
Sta. Catarina . . . . .	50.756	500	—	—	1.000	52.256
Rio G. do Sul . . . . .	1.083.708	520	5.100	14.385	6.490	1.110.203
Minas Gerais . . . . .	552.514	202	65	2.997	29.191	584.969
Goiás . . . . .	4.172	—	—	—	—	4.172
Mato Grosso . . . . .	22.210	—	—	—	—	22.210
<b>TOTAIS . . . . .</b>	<b>4.893.922</b>	<b>547.847</b>	<b>295.205</b>	<b>345.282</b>	<b>601.269</b>	<b>6.683.525</b>
Espanha . . . . .	5	—	—	—	—	5
Portugal . . . . .	3	—	—	—	—	3
Colômbia . . . . .	1.276	—	—	—	—	1.276
Bolívia . . . . .	292	—	—	—	—	292
Argentina . . . . .	193	—	—	—	—	193
Uruguai . . . . .	—	—	—	200	3.000	3.200
<b>TOTAIS . . . . .</b>	<b>1.769</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>200</b>	<b>3.000</b>	<b>4.969</b>
<b>TOTAL GERAL . . . . .</b>	<b>4.895.691</b>	<b>547.847</b>	<b>295.205</b>	<b>345.482</b>	<b>604.269</b>	<b>6.688.494</b>

## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

## 24 — Discriminação segundo os tipos

Em 1938

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto	TOTAL
Acre.....	5.994	—	—	180	—	6.174
Amazonas.....	106.629	—	—	2.857	60	109.546
Pará.....	165.662	—	—	1	10	165.673
Maranhão.....	52.290	—	1.820	865	—	55.975
Piauí.....	31.908	—	—	—	20	31.928
Ceará.....	121.713	310	845	26.586	360	149.814
Rio G. do Norte.....	21.692	70	3.905	2.889	2.345	30.901
Paraíba.....	13.280	—	166	—	—	13.446
Pernambuco.....	221	—	—	—	—	221
Alagoas.....	1.766	—	—	12	—	1.778
Sergipe.....	—	—	—	—	—	—
Baía.....	14.504	193	—	—	—	14.697
Espírito Santo.....	59.829	—	—	1.239	22.872	113.940
Rio de Janeiro.....	53.881	6.000	—	—	284	60.165
Distrito Federal.....	1.922.778	78.549	—	60.070	46.354	2.197.751
São Paulo.....	1.341.286	101.463	243.321	9.233	481.834	2.177.137
Paraná.....	336.843	21.931	1.200	624	24.453	385.051
Sta. Catarina.....	146.110	2.590	—	3.030	19.055	170.785
Rio G. do Sul.....	1.041.254	700	1.500	5.810	4.158	1.053.422
Minas Gerais.....	582.331	4.402	—	—	40.220	626.953
Goiaz.....	16.368	5	—	—	—	16.373
Mato Grosso.....	25.186	1	—	—	—	25.187
<b>TOTAIS.....</b>	<b>6.092.525</b>	<b>216.214</b>	<b>252.757</b>	<b>113.396</b>	<b>642.025</b>	<b>7.316.917</b>
Inglaterra.....	—	127.000	—	—	—	127.000
Colombia.....	1.094	—	—	85	—	1.179
Bolivia.....	571	—	—	61	—	632
Uruguai.....	—	—	—	—	5.905	5.905
<b>TOTAIS.....</b>	<b>1.665</b>	<b>127.000</b>	<b>—</b>	<b>146</b>	<b>5.905</b>	<b>134.716</b>
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>6.094.190</b>	<b>343.214</b>	<b>252.757</b>	<b>113.542</b>	<b>647.930</b>	<b>7.451.633</b>



## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

## 25 — Discriminação segundo os tipos

Em 1939

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto	TOTAL
Acre . . . . .	6.189	—	—	638	536	7.363
Amazonas . . . . .	122.245	400	—	3.153	2.498	128.596
Pará . . . . .	204.800	—	985	—	—	205.785
Maranhão . . . . .	77.301	—	4.030	140	440	81.911
Piauí . . . . .	47.628	—	—	—	—	47.628
Ceará . . . . .	128.313	70	2.805	10.218	1.202	142.608
Rio G. do Norte . . . . .	15.145	—	2.120	—	495	17.760
Paraíba . . . . .	7.594	—	—	—	—	7.594
Pernambuco . . . . .	—	—	—	—	1.405	1.405
Alagoas . . . . .	923	—	—	—	—	923
Sergipe . . . . .	30	—	—	—	—	30
Baía . . . . .	128.846	—	100	100	121	129.167
Espírito Santo . . . . .	95.259	—	—	1.365	33.788	130.412
Rio de Janeiro . . . . .	97.123	—	1.000	4.469	21.377	123.969
Distrito Federal . . . . .	1.971.836	306.066	—	802	88.374	2.367.078
São Paulo . . . . .	1.802.824	109.233	290.581	1.983	440.781	2.645.302
Paraná . . . . .	354.851	18.020	1.370	1.650	28.545	404.436
Sta. Catarina . . . . .	85.699	—	—	475	—	86.174
Rio G. do Sul . . . . .	1.279.231	—	3.090	700	525	1.283.546
Minas Gerais . . . . .	526.033	3.391	2.333	1.324	34.372	537.453
Goiás . . . . .	24.729	420	—	—	273	25.422
Mato Grosso . . . . .	21.846	—	—	—	—	21.846
<b>TOTAIS</b> . . . . .	<b>6.998.445</b>	<b>437.500</b>	<b>308.414</b>	<b>27.317</b>	<b>654.732</b>	<b>8.426.408</b>
Inglaterra . . . . .	—	647.703	—	—	20.128	667.831
França . . . . .	20	—	—	—	—	20
Portugal . . . . .	31.000	—	—	—	50	31.050
Espanha . . . . .	250	—	—	—	—	250
Colômbia . . . . .	318	—	—	57	—	375
Perú . . . . .	497	—	—	—	—	497
Bolívia . . . . .	1.740	—	—	—	—	1.740
Chile . . . . .	—	100.000	—	—	—	100.000
Uruguai . . . . .	—	—	—	—	4.150	4.150
<b>TOTAIS</b> . . . . .	<b>33.825</b>	<b>747.703</b>	<b>—</b>	<b>57</b>	<b>24.328</b>	<b>805.913</b>
<b>TOTAL GERAL</b> . . . . .	<b>7.032.270</b>	<b>1.185.203</b>	<b>308.414</b>	<b>27.374</b>	<b>679.060</b>	<b>9.232.321</b>

# EQUIPAMENTO MODERNO PARA A LAVOURA MODERNA



A lavoura moderna necessita de machinas modernas para competir com as exigencias actuaes do consumo. O augmento da produccão é necessario não só para maior lucro do fazendeiro, como tambem para suprir o mercado consumidor.

A International Harvester offerece a V. S. a mais completa linha de machinas agricolas, para todas as necessidades, desde o pequeno arado para um animal até ás grandes machinas para tracção mechanica, bem como uma linha completa de tractores de rodas ou tractores de esteiras (TracTractores) para consumo de Gasolina, Kerozene, Alcool ou Oleo Diesel de baixo custo.

Augmente a sua produccão e os seus lucros com tractores e machinas agricolas International.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY  
RIO DE JANEIRO S ã O P A U L O P O R T O A L E G R E  
Av. Oswaldo Cruz 87 R. Oriente - Esq. M. Androde R. Val. da Patria, 650

Queiram enviar-me folhetos sobre  
as seguintes machinas:

- Marque com uma cruz a resp. machina:
- Arados para um animal
  - Arados para tractores
  - Arados de Disco Reversivel
  - Cultivadores
  - Debulhadores, Desintegradores
  - Grades de Discos
  - Grades de Dentes
  - Plantadeiras, Semeadadeiras
  - Tractores de Rodas
  - TracTractores (de esteiras)
  - Tractores Diesel

(Nome)

(Endereco)

(Cidade)

(Estado)

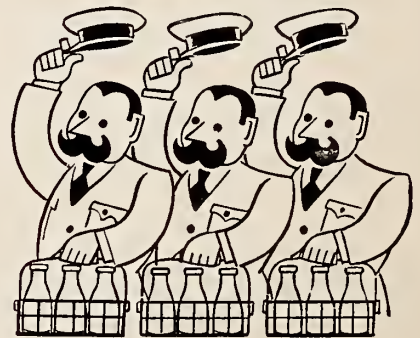
## MAQUINAS AGRICOLAS INTERNATIONAL



# "HA 5 ANNOS USAMOS OS TRES"



**G**ARANTINDO o abastecimento do leite da grande capital paulista, estes caminhões rodam, dia após dia, milhares de kilometros. "Usamos Os Tres durante cinco annos seguidos, porque mantêm os vehiculos em perfeita conservação e asseguram a regularidade na distribuição do leite, com um consumo de oleo extremamente reduzido". Pode V.S. estar certo de que, conhecedores como são, os directores da "Cooperativa Central de Lactinios" não escolheram atôa; aproveite, portanto, o resultado da experiencia technica dessa grande organização.



**USE OS TRES**



## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

## 3 — Discriminação do destino segundo a procedencia

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	Estados de pro- cedencia	S A C O S D E 6 0 Q U I L O S				
		1 9 3 5	1 9 3 6	1 9 3 7	1 9 3 8	1 9 3 9
ACRE.....	Amazonas.....	—	2.818	2.599	1.659	2.012
	Pará.....	—	—	144	1.175	3.186
	Rio G. do Norte.....	—	—	—	—	200
	Pernambuco.....	520	1.175	970	1.150	865
	Alagoas.....	—	—	1.200	1.520	1.100
	Baía.....	—	—	350	670	—
	Distrito Federal.....	—	—	50	—	—
	<b>TOTAIS.....</b>	<b>520</b>	<b>3.993</b>	<b>5.313</b>	<b>6.174</b>	<b>7.363</b>
AMAZONAS.....	Pará.....	—	1.656	2.515	4.086	7.446
	Maranhão.....	—	—	5	—	—
	Paraíba.....	10.970	6.950	—	7.965	9.650
	Pernambuco.....	49.633	73.702	78.113	69.540	91.495
	Alagoas.....	22.520	26.265	21.760	22.325	20.005
	Sergipe.....	—	—	—	250	—
	Baía.....	—	—	11.410	5.380	—
	Distrito Federal.....	—	—	615	—	—
<b>TOTAIS.....</b>	<b>82.423</b>	<b>107.273</b>	<b>114.418</b>	<b>109.546</b>	<b>128.596</b>	
PARA.....	Amazonas.....	—	31	1	—	58
	Rio G. do Norte.....	—	—	2	4.541	5.510
	Paraíba.....	10.930	12.180	—	6.630	6.490
	Pernambuco.....	95.857	122.860	74.717	93.542	112.352
	Alagoas.....	36.002	56.515	57.952	11.945	13.460
	Sergipe.....	—	—	11.090	27.995	62.075
	Baía.....	—	—	15.285	21.020	5.840
	Rio de Janeiro.....	—	—	200	—	—
Distrito Federal.....	—	—	1.950	—	—	
<b>TOTAIS.....</b>	<b>142.789</b>	<b>191.586</b>	<b>161.197</b>	<b>165.673</b>	<b>205.785</b>	
MARANHÃO.....	Amazonas.....	—	—	—	—	5
	Pará.....	—	—	206	2.414	3.617
	Rio G. do Norte.....	—	—	1.000	—	940
	Paraíba.....	—	2.385	—	3.230	4.525
	Pernambuco.....	36.940	41.017	23.340	22.711	38.680
	Alagoas.....	11.780	32.600	24.165	6.935	5.250
	Sergipe.....	—	—	8.495	6.345	21.015
	Baía.....	—	—	13.435	15.240	7.860
Distrito Federal.....	—	—	1.388	—	10	
<b>TOTAIS.....</b>	<b>48.720</b>	<b>76.002</b>	<b>72.029</b>	<b>55.975</b>	<b>81.911</b>	
PIAUI.....	Paraíba.....	6.785	1.825	480	2.820	7.125
	Pernambuco.....	18.755	34.020	36.700	23.363	37.843
	Alagoas.....	3.810	3.065	6.900	5.745	2.660
	<b>TOTAIS.....</b>	<b>29.350</b>	<b>38.910</b>	<b>44.080</b>	<b>31.928</b>	<b>47.628</b>



## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

## 3 — Discriminação do destino segundo a procedencia

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	Estados de procedencia	S A C O S D E 6 0 Q U I L O S				
		1 9 3 5	1 9 3 6	1 9 3 7	1 9 3 8	1 9 3 9
CEARA'	Pará . . . . .	25.981	13.488	26.848	29.064	10.520
	Rio G. do Norte . . . . .	—	900	2.675	2.150	1.800
	Paraíba . . . . .	19.660	12.930	1.488	11.596	16.615
	Pernambuco . . . . .	91.497	108.783	102.746	67.839	80.448
	Alagoas . . . . .	24.840	54.330	26.690	19.030	16.455
	Sergipe . . . . .	550	3.000	300	9.750	14.800
	Baía . . . . .	—	1.170	2.900	9.150	1.500
	Rio de Janeiro . . . . .	—	—	640	—	—
	Distrito Federal . . . . .	—	—	1.390	1.235	670
	<b>TOTAIS.</b> . . . .	<b>162.528</b>	<b>194.601</b>	<b>165.677</b>	<b>149.814</b>	<b>142.608</b>
RIO G. DO NORTE	Pará . . . . .	680	—	944	2.889	—
	Paraíba . . . . .	3.980	5.105	1.000	100	1.625
	Pernambuco . . . . .	29.001	24.536	20.522	19.652	10.635
	Alagoas . . . . .	12.726	6.915	10.735	7.695	5.440
	Sergipe . . . . .	1.290	—	2.910	565	60
	Baía . . . . .	13.625	—	—	—	—
	Distrito Federal . . . . .	—	—	30	—	—
	<b>TOTAIS.</b> . . . .	<b>61.302</b>	<b>36.556</b>	<b>36.141</b>	<b>30.901</b>	<b>17.760</b>
PARAIBA	Pernambuco . . . . .	28.497	8.700	30.837	13.446	7.594
PERNAMBUCO	Paraíba . . . . .	—	—	—	60	—
	Alagoas . . . . .	—	—	—	—	1.405
	Sergipe . . . . .	90	146	60	161	—
	<b>TOTAIS.</b> . . . .	<b>90</b>	<b>146</b>	<b>60</b>	<b>221</b>	<b>1.405</b>
ALAGOAS	Pernambuco . . . . .	—	12	160	10	2
	Sergipe . . . . .	—	2.938	2.162	1.778	921
	<b>TOTAIS.</b> . . . .	<b>—</b>	<b>2.950</b>	<b>2.322</b>	<b>1.778</b>	<b>923</b>
SERGIPE	Alagoas . . . . .	—	—	—	—	30
BAIA	Pernambuco . . . . .	652	700	463	1.184	77.617
	Alagoas . . . . .	—	—	—	—	10.198
	Sergipe . . . . .	9.880	14.211	2.609	3.415	27.574
	Espirito Santo . . . . .	—	—	—	145	—
	Distrito Federal . . . . .	—	405	1.837	9.360	13.194
	Minas Gerais . . . . .	—	—	—	643	584
	<b>TOTAIS.</b> . . . .	<b>10.532</b>	<b>15.316</b>	<b>4.409</b>	<b>14.697</b>	<b>129.167</b>

## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

## 3 — Discriminação do destino segundo a procedencia

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	Estados de procedencia	S A C O S D E 6 0 Q U I L O S				
		1 9 3 5	1 9 3 6	1 9 3 7	1 9 3 8	1 9 3 9
ESPIRITO SANTO.....	Pará.....	—	—	—	1.139	180
	Rio G. do Norte.....	—	—	—	—	1.485
	Paraíba.....	50	—	—	—	—
	Pernambuco.....	9.350	10.450	2.625	5.495	8.230
	Alagoas.....	26.015	8.945	5.150	19.564	31.199
	Sergipe.....	22.323	19.401	7.114	11.512	41.135
	Baía.....	8.270	1.820	3.820	1.850	1.350
	Rio de Janeiro.....	—	5.871	20.187	66.287	35.263
	Distrito Federal.....	1.460	625	1.935	8.093	11.866
	Minas Gerais.....	—	—	—	—	4
	<b>TOTAIS.....</b>	<b>67.468</b>	<b>47.112</b>	<b>40.831</b>	<b>113.940</b>	<b>130.412</b>
RIO DE JANEIRO.....	Rio G. do Norte.....	—	—	—	250	4.750
	Paraíba.....	6.500	—	—	—	—
	Pernambuco.....	—	49.436	2.333	53.514	99.000
	Alagoas.....	—	—	—	6.000	3.600
	Sergipe.....	—	—	—	—	1.000
	Distrito Federal.....	—	—	1.593	179	14.094
	São Paulo.....	—	10	1	—	—
	Sta. Catarina.....	—	—	10	221	165
	Rio G. do Sul.....	—	—	—	—	1.319
	Minas Gerais.....	—	—	—	1	41
	<b>TOTAIS.....</b>	<b>6.500</b>	<b>49.446</b>	<b>3.937</b>	<b>60.165</b>	<b>123.969</b>
DISTRITO FEDERAL.....	Pará.....	1.210	—	—	335	502
	Rio G. do Norte.....	—	1.000	2	1.070	—
	Paraíba.....	—	1.500	—	—	17.900
	Pernambuco.....	728.403	708.584	428.512	868.828	1.254.282
	Alagoas.....	88.934	22.064	124.614	232.363	438.392
	Sergipe.....	298.393	147.774	15.842	4.104	92.863
	Baía.....	88.598	6.445	53.620	—	49.109
	Espirito Santo.....	—	1.673	1.663	—	—
	Rio de Janeiro.....	795.281	999.756	1.455.545	951.022	488.479
	São Paulo.....	40.684	—	2	—	—
	Sta. Catarina.....	6.672	191	—	100	—
	Minas Gerais.....	10.849	69.848	157.844	49.929	25.641
		<b>TOTAIS.....</b>	<b>2.059.024</b>	<b>1.958.745</b>	<b>2.237.644</b>	<b>2.107.751</b>
SÃO PAULO.....	Paraíba.....	14.000	—	—	28.000	19.764
	Pernambuco.....	1.236.189	1.026.926	587.233	1.050.242	1.466.253
	Alagoas.....	661.479	574.047	372.975	456.228	758.222
	Sergipe.....	117.299	124.167	164.229	118.091	54.586
	Baía.....	107.075	78.650	143.860	119.074	57.883
	Rio de Janeiro.....	—	—	34.487	149.616	89.887
	Distrito Federal.....	11.352	10.095	382.965	200.122	171.589
	Sta. Catarina.....	—	13.615	48.378	14.516	2.997
	Rio G. do Sul.....	—	—	—	—	902
	Minas Gerais.....	—	—	—	41.248	23.419
	<b>TOTAIS.....</b>	<b>2.147.194</b>	<b>1.827.500</b>	<b>1.673.227</b>	<b>2.177.137</b>	<b>2.645.302</b>

## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

## 2 — Discriminação do destino segundo a procedencia

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	Estados de pro- cedencia	S A C O S D E 6 0 Q U I L O S				
		1 9 3 5	1 9 3 6	1 9 3 7	1 9 3 8	1 9 3 9
PARANA'	Pernambuco	64.223	119.120	41.331	93.342	98.015
	Alagoas	36.745	37.300	42.775	32.330	44.490
	Sergipe	99.846	110.570	80.821	67.157	65.804
	Baía	1.280	—	6.000	14.750	3.250
	Rio de Janeiro	8.000	30.324	50.026	64.487	111.763
	Distrito Federal	5.655	3.205	10.797	40.066	8.385
	São Paulo	27.358	23.681	51.931	46.787	57.535
	Sta. Catarina	15.205	1.145	32.254	25.367	15.694
	Mato Grosso	—	305	858	765	—
	<b>TOTAIS.</b>		<b>258.312</b>	<b>325.650</b>	<b>316.793</b>	<b>385.051</b>
STA. CATARINA	Pernambuco	13.670	21.795	8.240	44.747	17.445
	Alagoas	6.275	1.095	4.610	15.475	6.200
	Sergipe	11.265	11.485	12.380	13.155	11.255
	Baía	10.745	600	3.480	2.900	2.400
	Rio de Janeiro	—	851	8.232	41.720	2.934
	Distrito Federal	25.858	21.506	14.974	49.538	45.779
	São Paulo	1.417	664	340	40	—
	Paraná	80	410	—	—	—
	Rio G. do Sul	—	2.540	—	3.210	61
<b>TOTAIS.</b>		<b>69.310</b>	<b>60.946</b>	<b>52.256</b>	<b>170.785</b>	<b>86.174</b>
RIO G. DO SUL	Paraíba	12.132	—	—	34.000	4.500
	Pernambuco	523.771	604.657	570.761	488.509	720.095
	Alagoas	316.771	247.560	198.264	191.953	349.630
	Sergipe	116.496	246.012	179.700	188.998	84.252
	Baía	38.405	48.239	52.620	16.700	22.100
	Rio de Janeiro	100	30.563	25.726	5.110	6.484
	Distrito Federal	84.677	87.327	64.862	82.082	70.494
	São Paulo	1.040	—	—	5	—
	Paraná	75	—	—	—	—
	Sta. Catarina	10.435	17.933	18.270	46.065	25.991
<b>TOTAIS.</b>		<b>1 103.902</b>	<b>1.282.291</b>	<b>1.110.203</b>	<b>1.053.422</b>	<b>1.283.546</b>
MINAS GERAIS	Pernambuco	107.149	24.430	5.333	8.435	4.533
	Alagoas	—	—	334	2.032	—
	Sergipe	—	—	—	130	—
	Rio de Janeiro	456.930	467.946	387.601	398.015	306.893
	Distrito Federal	—	—	71.467	54.479	113.692
	São Paulo	72.740	208.763	120.234	163.862	142.285
<b>TOTAIS.</b>		<b>636.819</b>	<b>701.139</b>	<b>584.969</b>	<b>626.953</b>	<b>567.453</b>
GOIAZ	Pará	—	—	—	32	—
	São Paulo	2.922	4.747	4.472	16.341	25.002
	Minas Gerais	—	—	—	—	420
<b>TOTAIS.</b>		<b>2.922</b>	<b>4.747</b>	<b>4.472</b>	<b>16.373</b>	<b>25.422</b>
MATO GROSSO	Amazonas	—	584	356	13.142	6.160
	Pará	—	—	—	—	50
	Pernambuco	15.084	7.620	5.350	1.310	1.280
	Alagoas	—	2.950	100	400	1.280
	Distrito Federal	210	—	700	1.320	5.800
	São Paulo	2.269	10.806	15.704	9.015	7.276
<b>TOTAIS.</b>		<b>17.563</b>	<b>21.960</b>	<b>22.210</b>	<b>25.187</b>	<b>21.816</b>

## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

## 3 — Discriminação do destino segundo a procedencia

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	Estados de procedencia	S A C O S D E 6 0 Q U I L O S				
		1 9 3 5	1 9 3 6	1 9 3 7	1 9 3 8	1 9 3 9
INGLATERRA...	Amazonas...	—	100	—	—	—
	Pernambuco...	860.316	1.171.393	—	127.000	437.703
	Alagoas...	327.607	198.121	—	—	230.128
	<b>TOTAIS</b> ...	<b>1.187.923</b>	<b>1.369.614</b>	<b>—</b>	<b>127.000</b>	<b>667.831</b>
FRANÇA...	Distrito Federal...	10	—	—	—	20
ESPAÑA...	Pernambuco...	—	—	—	—	250
	Distrito Federal...	—	—	5	—	—
	<b>TOTAIS</b> ...	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>5</b>	<b>—</b>	<b>250</b>
PORTUGAL...	Pernambuco...	—	2.100	—	—	31.050
	Distrito Federal...	16	10	3	—	—
	<b>TOTAIS</b> ...	<b>16</b>	<b>2.110</b>	<b>3</b>	<b>—</b>	<b>31.050</b>
ITALIA...	Distrito Federal...	—	101	—	—	—
	São Paulo...	461	55	—	—	—
	<b>TOTAIS</b> ...	<b>461</b>	<b>156</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>—</b>
COLOMBIA...	Amazonas...	206	1.057	1.276	1.094	318
	Pará...	—	157	—	85	57
	<b>TOTAIS</b> ...	<b>206</b>	<b>1.214</b>	<b>1.276</b>	<b>1.179</b>	<b>375</b>
BOLIVIA...	Amazonas...	—	120	52	50	—
	Pará...	—	454	—	270	—
	Mato Grosso...	140	127	240	312	1.740
	<b>TOTAIS</b> ...	<b>140</b>	<b>701</b>	<b>292</b>	<b>632</b>	<b>1.740</b>
PERU...	Amazonas...	15	—	—	—	467
	Pará...	—	—	—	—	30
	<b>TOTAIS</b> ...	<b>15</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>497</b>
ARGENTINA...	Pernambuco...	509	2.300	—	—	—
	Rio G. do Sul...	2.207	171	193	—	—
	<b>TOTAIS</b> ...	<b>2.707</b>	<b>2.471</b>	<b>193</b>	<b>—</b>	<b>—</b>
URUGUAI...	Pernambuco...	255.719	4.200	3.200	5.400	4.150
	Alagoas...	1.000	—	—	—	—
	Baía...	—	—	—	505	—
	<b>TOTAIS</b> ...	<b>256.719</b>	<b>4.200</b>	<b>3.200</b>	<b>5.905</b>	<b>4.150</b>
CHILE...	Pernambuco...	—	—	—	—	100.000
	<b>TOTAL GERAL</b> ...	<b>8.383.962</b>	<b>8.336.035</b>	<b>6.688.494</b>	<b>7.451.633</b>	<b>9.232.321</b>



## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

## 41 — Discriminação segundo os meios de transporte — 1939

## Quantidade

( EM SACOS DE 60 QUILOS )

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	Estados de pro- cedencia	MEIO DE TRANSPORTE				
		Marítimo	Fluvial	Ferrovioario	Rodoviario	TOTAL
ACRE.....	Amazonas.....	—	2.012	—	—	2.012
	Pará.....	—	3.186	—	—	3.186
	Rio G. do Norte.....	200	—	—	—	200
	Pernambuco.....	865	—	—	—	865
	Alagoas.....	1.100	—	—	—	1.100
	<b>TOTAL.....</b>		<b>2.165</b>	<b>5.198</b>	<b>—</b>	<b>—</b>
AMAZONAS.....	Pará.....	—	7.446	—	—	7.446
	Paraíba.....	9.650	—	—	—	9.650
	Pernambuco.....	91.495	—	—	—	91.495
	Alagoas.....	20.005	—	—	—	20.005
	<b>TOTAL.....</b>		<b>121.150</b>	<b>7.446</b>	<b>—</b>	<b>—</b>
PARÁ.....	Amazonas.....	—	58	—	—	58
	Rio G. do Norte.....	5.510	—	—	—	5.510
	Paraíba.....	6.490	—	—	—	6.490
	Pernambuco.....	112.350	—	—	—	112.352
	Alagoas.....	13.460	—	—	—	13.460
	Sergipe.....	62.075	—	—	—	62.075
	Baía.....	5.840	—	—	—	5.840
	<b>TOTAL.....</b>		<b>205.727</b>	<b>58</b>	<b>—</b>	<b>—</b>
MARANHÃO.....	Amazonas.....	—	5	—	—	5
	Pará.....	3.617	—	—	—	3.617
	Rio G. do Norte.....	940	—	—	—	940
	Paraíba.....	4.525	—	—	—	4.525
	Pernambuco.....	38.689	—	—	—	38.689
	Alagoas.....	5.250	—	—	—	5.250
	Sergipe.....	21.015	—	—	—	21.015
	Baía.....	7.860	—	—	—	7.860
	Distrito Federal.....	10	—	—	—	10
	<b>TOTAL.....</b>		<b>81.906</b>	<b>5</b>	<b>—</b>	<b>—</b>
PIAUI.....	Paraíba.....	7.125	—	—	—	7.125
	Pernambuco.....	37.843	—	—	—	37.843
	Alagoas.....	2.660	—	—	—	2.660
	<b>TOTAL.....</b>		<b>47.628</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>47.628</b>
CEARA.....	Pará.....	10.520	—	—	—	10.520
	Rio G. do Norte.....	1.800	—	—	—	1.800
	Paraíba.....	16.615	—	—	—	16.615
	Pernambuco.....	80.448	—	—	—	80.448
	Alagoas.....	16.455	—	—	—	16.455

## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

## 41 — Discriminação segundo os meios de transporte — 1939

## Quantidade

( E M S A C O S D E 6 0 Q U I L O S )

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	Estados de pro- cedencia	M E I O D E T R A N S P O R T E				TOTAL
		Maritimo	Fluvial	Ferroviano	Rodoviano	
CEARA	Sergipe	14.800	—	—	—	14.800
	Baía	1.300	—	—	—	1.300
	Distrito Federal	670	—	—	—	670
	<b>TOTAL</b>	<b>142.608</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>142.608</b>
RIO G. DO NORTE	Paraíba	1.625	—	—	—	1.625
	Pernambuco	10.635	—	—	—	10.635
	Alagoas	5.440	—	—	—	5.440
	Sergipe	60	—	—	—	60
<b>TOTAL</b>	<b>17.760</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>17.760</b>	
PARAIBA	Pernambuco	7.594	—	—	—	7.594
PERNAMBUCO	Alagoas	1.405	—	—	—	1.405
ALAGOAS	Pernambuco	2	—	—	—	2
	Sergipe	—	921	—	—	921
	<b>TOTAL</b>	<b>2</b>	<b>921</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>923</b>
SERGIPE	Alagoas	30	—	—	—	30
BAIA	Pernambuco	77.617	—	—	—	77.617
	Alagoas	10.198	—	—	—	10.198
	Sergipe	27.574	—	—	—	27.574
	Distrito Federal	13.194	—	—	—	13.194
	Minas Gerais	—	—	584	—	584
	<b>TOTAL</b>	<b>128.583</b>	<b>—</b>	<b>584</b>	<b>—</b>	<b>129.167</b>
ESPIRITO SANTO	Pará	180	—	—	—	180
	Rio G. do Norte	1.185	—	—	—	1.185
	Pernambuco	8.230	—	—	—	8.230
	Alagoas	31.199	—	—	—	31.199
	Sergipe	41.135	—	—	—	41.135
	Baía	1.350	—	—	—	1.350
	Rio de Janeiro	88	19.234	12.013	3.928	35.263
	Distrito Federal	11.866	—	—	—	11.866
	Minas Gerais	—	—	4	—	4
	<b>TOTAL</b>	<b>95.233</b>	<b>19.234</b>	<b>12.017</b>	<b>3.928</b>	<b>130.412</b>

## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

## 41 — Discriminação segundo os meios de transporte — 1939

## Quantidade

( E M S A C O S D E 6 0 Q U I L O S )

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	Estados de procedencia	M E I O D E T R A N S P O R T E				TOTAL
		Maritimo	Fluvial	Ferroviano	Rodoviario	
RIO DE JANEIRO . . . . .	Rio G. do Norte . . . . .	4.750	—	—	—	4.750
	Pernambuco . . . . .	99.000	—	—	—	99.000
	Alagoas . . . . .	3.600	—	—	—	3.600
	Sergipe . . . . .	1.000	—	—	—	1.000
	Distrito Federal . . . . .	679	—	13.415	—	14.094
	Santa Catarina . . . . .	165	—	—	—	165
	Rio G. do Sul . . . . .	1.319	—	—	—	1.319
	Minas Gerais . . . . .	—	—	41	—	41
	<b>TOTAL . . . . .</b>		<b>110.513</b>	<b>—</b>	<b>13.456</b>	<b>—</b>
DISTRITO FEDERAL . . . . .	Pará . . . . .	502	—	—	—	502
	Paraíba . . . . .	17.900	—	—	—	17.900
	Pernambuco . . . . .	1.254.282	—	—	—	1.254.282
	Alagoas . . . . .	438.302	—	—	—	438.302
	Sergipe . . . . .	92.863	—	—	—	92.863
	Baía . . . . .	49.109	—	—	—	49.109
	Rio de Janeiro . . . . .	—	16.680	471.799	—	488.479
	Minas Gerais . . . . .	—	—	25.641	—	25.641
	<b>TOTAL . . . . .</b>		<b>1.852.958</b>	<b>16.680</b>	<b>497.440</b>	<b>—</b>
SÃO PAULO . . . . .	Paraíba . . . . .	19.764	—	—	—	19.764
	Pernambuco . . . . .	1.466.253	—	—	—	1.466.253
	Alagoas . . . . .	758.222	—	—	—	758.222
	Sergipe . . . . .	54.586	—	—	—	54.586
	Baía . . . . .	57.883	—	—	—	57.883
	Rio de Janeiro . . . . .	20	13.500	76.367	—	89.887
	Distrito Federal . . . . .	17.255	—	154.134	—	171.389
	Santa Catarina . . . . .	2.997	—	—	—	2.997
	Rio G. do Sul . . . . .	902	—	—	—	902
	Minas Gerais . . . . .	—	—	23.419	—	23.419
<b>TOTAL . . . . .</b>		<b>2.377.882</b>	<b>13.500</b>	<b>253.920</b>	<b>—</b>	<b>2.645.302</b>
PARANA' . . . . .	Pernambuco . . . . .	98.015	—	—	—	98.015
	Alagoas . . . . .	44.490	—	—	—	44.490
	Sergipe . . . . .	65.304	—	—	—	65.304
	Baía . . . . .	3.250	—	—	—	3.250
	Rio de Janeiro . . . . .	—	95.568	16.195	—	111.763
	Distrito Federal . . . . .	8.385	—	—	—	8.385
	São Paulo . . . . .	—	—	57.535	—	57.535
	Santa Catarina . . . . .	15.694	—	—	—	15.694
<b>TOTAL . . . . .</b>		<b>235.138</b>	<b>95.568</b>	<b>73.730</b>	<b>—</b>	<b>404.436</b>

## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

## 41 — Discriminação segundo os meios de transporte — 1939

## Quantidade

( EM SACOS DE 60 QUILOS )

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	Estados de procedencia	MEIO DE TRANSPORTE				TOTAL
		Maritimo	Fluvial	Ferroviario	Rodoviario	
SANTA CATARINA.	Pernambuco.....	17.445	—	—	—	17.445
	Alagoas.....	6.300	—	—	—	6.300
	Sergipe.....	11.255	—	—	—	11.255
	Baía.....	2.400	—	—	—	2.400
	Rio de Janeiro.....	2.934	—	—	—	2.934
	Distrito Federal.....	45.779	—	—	—	45.779
	Rio G. do Sul.....	61	—	—	—	61
<b>TOTAL.....</b>		<b>86.174</b>	—	—	—	<b>86.174</b>
RIO G. DO SUL.	Paraíba.....	4.500	—	—	—	4.500
	Pernambuco.....	720.095	—	—	—	720.095
	Alagoas.....	349.630	—	—	—	349.630
	Sergipe.....	84.252	—	—	—	84.252
	Baía.....	22.100	—	—	—	22.100
	Rio de Janeiro.....	6.484	—	—	—	6.484
	Distrito Federal.....	70.494	—	—	—	70.494
	Santa Catarina.....	25.991	—	—	—	25.991
<b>TOTAL.....</b>		<b>1.283.546</b>	—	—	—	<b>1.283.546</b>
MINAS GERAIS.	Pernambuco.....	4.583	—	—	—	4.583
	Rio de Janeiro.....	—	—	306.723	170	306.893
	Distrito Federal.....	—	—	113.692	—	113.692
	São Paulo.....	—	—	142.285	—	142.285
	<b>TOTAL.....</b>	<b>4.583</b>	—	<b>562.700</b>	<b>170</b>	<b>567.453</b>
GOIAZ.	São Paulo.....	—	—	25.002	—	25.002
	Minas Gerais.....	—	—	420	—	420
	<b>TOTAL.....</b>	—	—	<b>25.422</b>	—	<b>25.422</b>
MATO GROSSO.	Amazonas.....	—	45	6.115	—	6.160
	Pará.....	—	50	—	—	50
	Pernambuco.....	1.280	—	—	—	1.280
	Alagoas.....	1.280	—	—	—	1.280
	Distrito Federal.....	5.800	—	—	—	5.800
	São Paulo.....	—	—	7.276	—	7.276
	<b>TOTAL.....</b>	<b>8.360</b>	<b>95</b>	<b>13.391</b>	—	<b>21.846</b>



## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

## 41 — Discriminação segundo os meios de transporte — 1939

## Quantidade

( E M S A C O S D E 6 0 Q U I L O S )

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	Estados de pro- cedencia	M E I O D E T R A N S P O R T E				T O T A L
		Marítimo	Fluvial	Ferroviano	Rodoviario	
INGLATERRA . . . . .	Pernambuco . . . . .	437.703	—	—	—	437.703
	Alagoas . . . . .	230.128	—	—	—	230.128
	<b>TOTAL</b> . . . . .	<b>667.831</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>667.831</b>
FRANÇA . . . . .	Distrito Federal . . . . .	20	—	—	—	20
PORTUGAL . . . . .	Pernambuco . . . . .	31.050	—	—	—	31.050
ESPAÑA . . . . .	Pernambuco . . . . .	250	—	—	—	250
COLOMBIA . . . . .	Amazonas . . . . .	—	318	—	—	318
	Pará . . . . .	—	57	—	—	57
	<b>TOTAL</b> . . . . .	<b>—</b>	<b>375</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>375</b>
PERU . . . . .	Amazonas . . . . .	—	467	—	—	467
	Pará . . . . .	—	30	—	—	30
	<b>TOTAL</b> . . . . .	<b>—</b>	<b>497</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>497</b>
BOLIVIA . . . . .	Mato Grosso . . . . .	—	—	—	1.740	1.740
CHILE . . . . .	Pernambuco . . . . .	100.000	—	—	—	100.000
URUGUAI . . . . .	Pernambuco . . . . .	4.150	—	—	—	4.150
	<b>TOTAL GERAL</b> . . . . .	<b>7.614.246</b>	<b>159.577</b>	<b>1.452.660</b>	<b>5.838</b>	<b>9.232.321</b>

## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

## 42 — Discriminação segundo os meios de transporte — 1939

## Valor

( E M M I L R É I S )

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	Estados de pro- cedencia	M E I O D E T R A N S P O R T E				TOTAL
		Maritimo	Fluvial	Ferroviano	Rodoviario	
ACRE.. . . . .	Amazonas.. . . . .	—	151.921	—	—	151.921
	Pará.. . . . .	—	162.376	—	—	162.376
	Rio G. do Norte.. . . . .	13.500	—	—	—	13.500
	Pernambuco.. . . . .	66.431	—	—	—	66.431
	Alagoas.. . . . .	75.098	—	—	—	75.098
	<b>TOTAL.. . . . .</b>	<b>155.029</b>	<b>314.297</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>469.326</b>
AMAZONAS.. . . . .	Pará.. . . . .	—	224.133	—	—	224.133
	Paraíba.. . . . .	669.490	—	—	—	669.490
	Pernambuco.. . . . .	6.142.922	—	—	—	6.142.922
	Alagoas.. . . . .	1.305.388	—	—	—	1.305.388
		<b>TOTAL.. . . . .</b>	<b>8.117.800</b>	<b>224.133</b>	<b>—</b>	<b>—</b>
PARÁ.. . . . .	Amazonas.. . . . .	—	4.530	—	—	4.530
	Rio G. do Norte.. . . . .	361.333	—	—	—	361.333
	Paraíba.. . . . .	445.036	—	—	—	445.036
	Pernambuco.. . . . .	7.444.542	—	—	—	7.444.542
	Alagoas.. . . . .	846.238	—	—	—	846.238
	Sergipe.. . . . .	3.779.272	—	—	—	3.779.272
	Baía.. . . . .	268.640	—	—	—	268.640
	<b>TOTAL.. . . . .</b>	<b>13.145.061</b>	<b>4.530</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>13.149.591</b>
MARANHÃO.. . . . .	Amazonas.. . . . .	—	325	—	—	325
	Pará.. . . . .	227.409	—	—	—	227.409
	Rio G. do Norte.. . . . .	53.966	—	—	—	53.966
	Paraíba.. . . . .	297.318	—	—	—	297.318
	Pernambuco.. . . . .	2.473.155	—	—	—	2.473.155
	Alagoas.. . . . .	325.253	—	—	—	325.253
	Sergipe.. . . . .	1.282.540	—	—	—	1.282.540
	Baía.. . . . .	361.560	—	—	—	361.560
	Distrito Federal.. . . . .	900	—	—	—	900
		<b>TOTAL.. . . . .</b>	<b>5.022.101</b>	<b>325</b>	<b>—</b>	<b>—</b>
PIAUL.. . . . .	Paraíba.. . . . .	411.762	—	—	—	411.762
	Pernambuco.. . . . .	2.642.678	—	—	—	2.642.678
	Alagoas.. . . . .	154.258	—	—	—	154.258
		<b>TOTAL.. . . . .</b>	<b>3.208.698</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>—</b>
CEARA.. . . . .	Pará.. . . . .	303.464	—	—	—	303.464
	Rio G. do Norte.. . . . .	104.725	—	—	—	104.725
	Paraíba.. . . . .	869.532	—	—	—	869.532
	Pernambuco.. . . . .	4.928.780	—	—	—	4.928.780
	Alagoas.. . . . .	957.546	—	—	—	957.546

## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

## 42 — Discriminação segundo os meios de transporte — 1939

## Valor

( E M M I L R É I S )

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	Estados de pro- cedencia	M E I O D E T R A N S P O R T E				TOTAL
		Maritimo	Fluvial	Ferroviario	Rodoviario	
CEARA'	Sergipe	859.190	—	—	—	859.190
	Baía	59.800	—	—	—	59.800
	Distrito Federal	57.950	—	—	—	57.950
	<b>TOTAL</b>	<b>8.140.987</b>	—	—	—	<b>8.140.987</b>
RIO G. DO NORTE	Paraíba	81.350	—	—	—	81.350
	Pernambuco	655.252	—	—	—	655.252
	Alagoas	317.166	—	—	—	317.166
	Sergipe	2.760	—	—	—	2.760
<b>TOTAL</b>	<b>1.056.528</b>	—	—	—	<b>1.056.528</b>	
PARAIBA	Pernambuco	355.518	—	—	—	355.518
PERNAMBUCO	Alagoas	28.200	—	—	—	28.200
ALAGOAS	Pernambuco	130	—	—	—	130
	Sergipe	—	30.338	—	—	30.338
	<b>TOTAL</b>	<b>130</b>	<b>30.238</b>	—	—	<b>30.468</b>
SERGIPE	Alagoas	1.950	—	—	—	1.950
BAIA	Pernambuco	4.057.796	—	—	—	4.057.796
	Alagoas	439.108	—	—	—	469.108
	Sergipe	1.483.593	—	—	—	1.483.593
	Distrito Federal	1.041.017	—	—	—	1.041.017
	Minas Gerais	—	—	37.040	—	37.040
	<b>TOTAL</b>	<b>7.051.514</b>	—	<b>37.040</b>	—	<b>7.088.554</b>
ESPIRITO SANTO	Pará	4.150	—	—	—	4.150
	Rio G. do Norte	440.537	—	—	—	44.537
	Pernambuco	460.500	—	—	—	460.500
	Alagoas	1.157.922	—	—	—	1.157.922
	Sergipe	2.039.506	—	—	—	2.039.506
	Baía	51.000	—	—	—	51.000
	Rio de Janeiro	5.615	1.126.966	701.863	167.561	2.002.005
	Distrito Federal	962.280	—	—	—	962.280
	Minas Gerais	—	—	251	—	251.
	<b>TOTAL</b>	<b>4.725.510</b>	<b>1.126.966</b>	<b>702.114</b>	<b>167.561</b>	<b>6.722.151</b>

## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

## 42 — Discriminação segundo os meios de transporte — 1939

## V a l o r

( E M M I L R E I S )

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	Estados de pro- cedencia	M E I O D E T R A N S P O R T E				TOTAL
		Maritimo	Fluvial	Ferroviano	Rodoviario	
RIO DE JANEIRO...	Rio G. do Norte...	158.200	—	—	—	158.200
	Pernambuco...	5.450.470	—	—	—	5.450.470
	Alagoas...	127.666	—	—	—	127.666
	Sergipe...	53.500	—	—	—	53.500
	Distrito Federal...	45.468	—	804.770	—	850.238
	Santa Catarina...	5.570	—	—	—	5.570
	Rio G. do Sul...	41.100	—	—	—	41.100
	Minas Gerais...	—	—	2.451	—	2.451
<b>TOTAL</b> .....		<b>5.881.974</b>	<b>—</b>	<b>807.221</b>	<b>—</b>	<b>6.689.195</b>
DISTRITO FEDERAL...	Pará...	16.500	—	—	—	16.500
	Paraíba...	865.500	—	—	—	865.500
	Pernambuco...	63.779.459	—	—	—	63.779.459
	Alagoas...	18.961.884	—	—	—	18.961.884
	Sergipe...	4.257.881	—	—	—	4.257.881
	Baía...	1.866.142	—	—	—	1.866.142
	Rio de Janeiro...	—	906.892	25.404.813	—	26.311.705
	Minas Gerais...	—	—	1.152.919	—	1.152.919
<b>TOTAL</b> .....		<b>89.747.366</b>	<b>906.892</b>	<b>26.557.732</b>	<b>—</b>	<b>117.211.990</b>
SÃO PAULO...	Paraíba...	1.035.828	—	—	—	1.035.828
	Pernambuco...	73.781.148	—	—	—	73.781.148
	Alagoas...	35.135.879	—	—	—	35.135.879
	Sergipe...	2.662.928	—	—	—	2.662.928
	Baía...	2.561.118	—	—	—	2.561.118
	Rio de Janeiro...	1.140	705.300	4.132.943	—	4.839.383
	Distrito Federal...	1.209.182	—	8.188.874	—	9.398.056
	Santa Catarina...	110.365	—	—	—	110.365
	Rio G. do Sul...	28.070	—	—	—	28.070
	Minas Gerais...	—	—	1.115.914	—	1,115.914
<b>TOTAL</b> .....		<b>116.525.658</b>	<b>705.300</b>	<b>13.437.731</b>	<b>—</b>	<b>130.668.689</b>
PARANA'	Pernambuco...	5.282.171	—	—	—	5.282.171
	Alagoas...	1.946.639	—	—	—	1.946.639
	Sergipe...	3.494.685	—	—	—	3.494.685
	Baía...	141.100	—	—	—	141.100
	Rio de Janeiro...	—	5.254.663	831.043	—	6.085.706
	Distrito Federal...	671.436	—	—	—	671.436
	São Paulo...	—	—	3.706.772	—	3.706.772
	Santa Catarina...	684.360	—	—	—	684.360
<b>TOTAL</b> .....		<b>12.220.391</b>	<b>5.254.663</b>	<b>4.537.815</b>	<b>—</b>	<b>22.012.869</b>
SANTA CATARINA...	Pernambuco...	1.147.554	—	—	—	1.147.554
	Alagoas...	354.951	—	—	—	354.951
	Sergipe...	642.615	—	—	—	642.615
	Baía...	86.800	—	—	—	86.800
	Rio de Janeiro...	155.145	—	—	—	155.145
	Distrito Federal...	3.881.923	—	—	—	3.881.923
	Rio G. do Sul...	4.944	—	—	—	4.944
<b>TOTAL</b> .....		<b>6.273.932</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>6.273.932</b>



**321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL**  
**42 — Discriminação segundo os meios de transporte — 1939**

**V a l o r**  
**( E M M I L R É I S )**

ESTADOS E PAISES DE DESTINO	Estados de pro- cedencia	M E I O D E T R A N S P O R T E				TOTAL
		Maritimo	Fluvial	Ferroviano	Rodoviario	
RIO G. DO SUL . . . . .	Paraiba . . . . .	234.000	—	—	—	234.000
	Pernambuco . . . . .	48.176.765	—	—	—	48.176.765
	Alagoas . . . . .	20.550.876	—	—	—	20.550.876
	Sergipe . . . . .	4.564.932	—	—	—	4.564.932
	Baía . . . . .	971.600	—	—	—	971.600
	Rio de Janeiro . . . . .	340.410	—	—	—	340.410
	Distrito Federal . . . . .	5.663.911	—	—	—	5.663.911
	Santa Catarina . . . . .	1.784.865	—	—	—	1.784.865
<b>TOTAL . . . . .</b>		<b>82.287.359</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>82.287.359</b>
MINAS GERAIS . . . . .	Pernambuco . . . . .	190.494	—	—	—	190.494
	Rio de Janeiro . . . . .	—	—	16.664.716	9.247	16.673.963
	Distrito Federal . . . . .	—	—	6.037.866	—	6.037.866
	São Paulo . . . . .	—	—	8.993.699	—	8.993.699
<b>TOTAL . . . . .</b>		<b>190.494</b>	<b>—</b>	<b>31.696.281</b>	<b>9.247</b>	<b>31.896.022</b>
GOIAZ . . . . .	São Paulo . . . . .	—	—	1.740.760	—	1.740.760
	Minas Gerais . . . . .	—	—	12.600	—	12.600
	<b>TOTAL . . . . .</b>		<b>—</b>	<b>1.753.360</b>	<b>—</b>	<b>1.753.360</b>
MATO GROSSO . . . . .	Amazonas . . . . .	—	3.380	501.942	—	505.322
	Pará . . . . .	—	3.350	—	—	3.350
	Pernambuco . . . . .	96.670	—	—	—	96.670
	Alagoas . . . . .	66.050	—	—	—	66.050
	Distrito Federal . . . . .	501.350	—	—	—	501.350
	São Paulo . . . . .	—	—	510.686	—	510.686
	<b>TOTAL . . . . .</b>		<b>664.070</b>	<b>6.730</b>	<b>1.012.628</b>	<b>—</b>
INGLATERRA . . . . .	Pernambuco . . . . .	8.813.859	—	—	—	8.813.859
	Alagoas . . . . .	10.082.702	—	—	—	10.082.702
	<b>TOTAL . . . . .</b>		<b>18.896.561</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>18.896.561</b>
FRANÇA . . . . .	Distrito Federal . . . . .	1.200	—	—	—	1.200
PORTUGAL . . . . .	Pernambuco . . . . .	1.295.330	—	—	—	1.295.330
ESPAÑA . . . . .	Pernambuco . . . . .	16.200	—	—	—	16.200
COLOMBIA . . . . .	Amazonas . . . . .	—	22.744	—	—	22.744
	Pará . . . . .	—	1.100	—	—	1.100
	<b>TOTAL . . . . .</b>		<b>—</b>	<b>23.844</b>	<b>—</b>	<b>—</b>
PERU . . . . .	Amazonas . . . . .	—	26.955	—	—	26.955
	Pará . . . . .	—	2.000	—	—	2.000
	<b>TOTAL . . . . .</b>		<b>—</b>	<b>28.955</b>	<b>—</b>	<b>—</b>
BOLIVIA . . . . .	Mato Grosso . . . . .	—	—	—	150.636	150.636
CHILE . . . . .	Pernambuco . . . . .	3.072.253	—	—	—	3.072.253
URUGUAI . . . . .	Pernambuco . . . . .	183.806	—	—	—	183.806
<b>TOTAL GERAL . . . . .</b>		<b>388.265.620</b>	<b>8.626.973</b>	<b>80.541.922</b>	<b>327.444</b>	<b>477.761.959</b>

## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

Procedencia de Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Baía

Estados do Norte 1935-1939

## 11 — Quantidade

ESTADOS DE DESTINO	IMPORTAÇÃO EM SACOS DE 60 QUILOS				
	1935	1936	1937	1938	1939
Amazonas.....	82.423	105.617	111.283	105.460	121.150
Pará.....	146.254	191.555	159.044	161.132	200.217
Maranhão.....	48.720	76.002	69.435	53.561	77.339
Piauí.....	25.685	38.910	44.080	31.928	47.628
Ceará.....	136.547	179.043	134.124	117.365	129.618
Rio G. do Norte.....	60.622	36.556	35.167	28.012	17.760
<b>TOTAIS.....</b>	<b>500.251</b>	<b>627.683</b>	<b>553.133</b>	<b>497.458</b>	<b>593.712</b>

## 12 — Valor

ESTADOS DE DESTINO	CONTOS DE REIS				
	1935	1936	1937	1938	1939
Amazonas.....	4.614	6.245	7.840	6.396	8.117
Pará.....	8.172	11.056	11.074	9.263	12.783
Maranhão.....	2.738	4.328	4.506	2.753	4.740
Piauí.....	1.449	2.278	3.204	2.095	3.209
Ceará.....	7.135	9.761	8.711	6.812	7.675
Rio G. do Norte.....	2.809	1.899	2.359	1.570	1.057
<b>TOTAIS.....</b>	<b>26.917</b>	<b>35.567</b>	<b>37.694</b>	<b>28.889</b>	<b>37.581</b>

## 13 — Valor por unidade

ESTADOS DE DESTINO	PREÇO MEDIO DE TODOS OS TIPOS DE AÇUCAR, POR UNIDADE A BORDO				
	1935	1936	1937	1938	1939
Amazonas.....	55\$974	59\$133	70\$444	61\$000	67\$006
Pará.....	55\$877	57\$716	69\$237	57\$484	63\$849
Maranhão.....	56\$204	56\$950	64\$897	51\$392	61\$286
Piauí.....	56\$434	58\$557	49\$995	66\$000	67\$370
Ceará.....	52\$250	54\$516	64\$948	58\$045	59\$211
Rio G. do Norte.....	46\$331	51\$942	67\$087	56\$060	59\$489
<b>MEDIAS.....</b>	<b>53\$807</b>	<b>56\$665</b>	<b>68\$146</b>	<b>58\$073</b>	<b>63\$299</b>

## 321 — IMPORTAÇÃO DO AÇUCAR DO BRASIL

Procedencia de Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Baía

Estados do Sul — 1935-1939

## 21 — Quantidade

ESTADOS DE DESTINO	IMPORTAÇÃO EM SACOS DE 60 QUILOS				
	1935	1936	1937	1938	1939
Espírito Santo.....	66.008	40.616	18.709	38.421	81.914
Distrito Federal.....	1.204.528	886.367	622.588	1.105.295	1.852.456
São Paulo.....	2.136.042	1.803.790	1.207.397	1.771.635	2.356.708
Paraná.....	202.094	266.990	170.927	207.579	211.059
Santa Catarina.....	41.955	34.975	28.710	76.277	37.400
Rio G. do Sul.....	1.007.575	1.146.468	1.001.345	920.160	1.180.577
Minas Gerais.....	107.149	24.430	5.667	10.597	4.583
Goiaz.....	—	—	—	—	—
Mato Grosso.....	15.084	10.570	5.450	1.710	2.560
<b>TOTAIS.....</b>	<b>4.780.435</b>	<b>4.214.206</b>	<b>3.060.793</b>	<b>4.131.674</b>	<b>5.727.257</b>

## 22 — Valor

ESTADOS DE DESTINO	CONTOS DE REIS				
	1935	1936	1937	1938	1939
Espírito Santo.....	2.513	1.644	999	1.701	3.709
Distrito Federal.....	51.773	42.745	34.817	57.979	89.731
São Paulo.....	93.813	80.359	63.473	87.921	115.177
Paraná.....	7.909	11.869	9.720	10.900	10.865
Santa Catarina.....	1.851	1.751	1.808	4.091	2.232
Rio G. do Sul.....	53.454	61.748	67.151	56.149	74.498
Minas Gerais.....	5.525	1.379	291	488	190
Goiaz.....	—	—	—	—	—
Mato Grosso.....	902	594	477	128	163
<b>TOTAIS.....</b>	<b>217.740</b>	<b>202.089</b>	<b>178.766</b>	<b>219.357</b>	<b>296.565</b>

## 23 — Valor por unidade

ESTADOS DE DESTINO	PREÇO MEDIO DE TODOS OS TIPOS DE AÇUCAR, POR UNIDADE A BORDO				
	1935	1936	1937	1938	1939
Espírito Santo.....	38\$069	40\$475	53\$427	44\$268	45\$278
Distrito Federal.....	42\$982	48\$225	55\$971	52\$455	48\$439
São Paulo.....	43\$919	44\$550	52\$570	50\$000	48\$872
Paraná.....	39\$133	44\$453	56\$864	53\$000	51\$476
Santa Catarina.....	44\$130	50\$071	62\$974	54\$000	59\$677
Rio G. do Sul.....	53\$052	53\$860	67\$060	61\$021	63\$103
Minas Gerais.....	51\$568	56\$465	51\$323	46\$065	41\$565
Goiaz.....	—	—	—	—	—
Mato Grosso.....	59\$810	56\$177	87\$591	75\$001	63\$562
<b>MEDIAS.....</b>	<b>45\$548</b>	<b>47\$954</b>	<b>58\$405</b>	<b>53\$091</b>	<b>51\$781</b>





USINA UNIÃO E INDÚSTRIA — Vista geral da usina e refinaria anexa

# Industrias Luiz Dubeux S. A.

Usina União e Indústria - Refinaria Bomfim

Capacidade de produção: 2.200 sacos diários

**ESTAÇÃO FREIXEIRAS - E. de Pernambuco - Brasil**

Fabricantes do conhecido álcool-motor

**UNIÃO** } PATENTE N.º 19  
(MARCA REG.)

—: E DO :—

MELHOR AÇUCAR REFINADO DE RECIFE

**"BOMFIM"**

MARCA REG.

SÉDE SOCIAL:

Rua Barão do Triunfo, 303 a 309 - End. Teleg. **CAUIP**



# Les Usines de Melle

SOCIÉTÉ ANONYME AU CAPITAL DE FR.S. 17.000.000

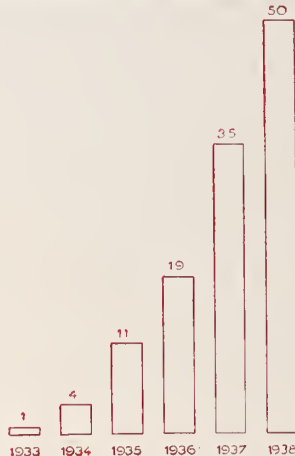
Anciennement: DISTILLERIES des DEUX - SÈVRES - MELLE (Deux-Sèvres) FRANCE

DISTILARIAS APLICANDO O NOVO PROCESSO DE FERMENTAÇÃO DAS USINES DE MELLE

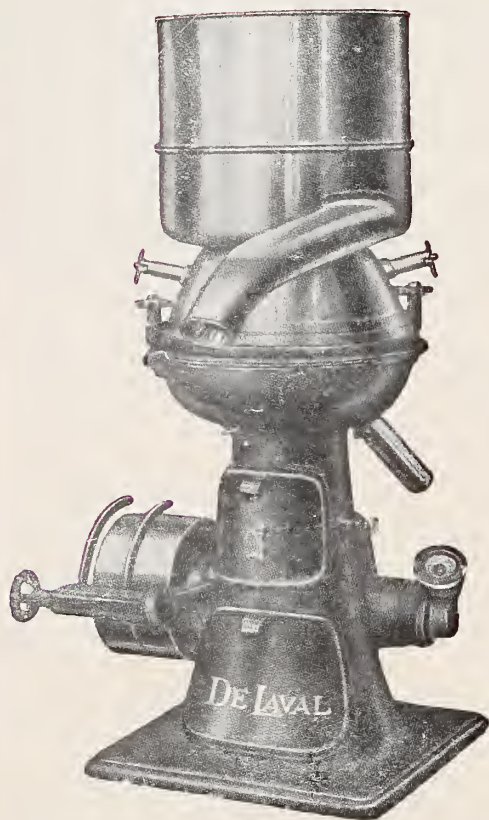
(PATENTEADO EM TODOS OS PAISES)

Mais de 50 instalações na Europa: em França, Alemanha, Austria, Bélgica, Italia, Suíça, Tchecoslovaquia, realizando uma produção diária de 1.000.000 de litros de alcool.

Gráfico do desenvolvimento do processo de fermentação



Capacidade de produção diária em litros



## INSTALAÇÕES NO BRASIL

Amalia (Em funcionamento)	10.000
Barcelos	10.000
Catende	30.000
Laranjeiras	4.000
Outeiro	5.000
Piracicaba	15.000
Porto Feliz	20.000
Santa Barbara	6.000
Santa Cruz	15.000
Utanga	10.000
Vassununga	3.000
Vila Raffard	20.000
São José	22.000
N. S. das Maravilhas	15.000
Cucaú	15.000
Pureza	5.000
Brasileiro	15.000
Serra Grande	12.000
Timbó Assú	5.000
Usina Miranda (Em montagem)	10.000
Santa Maria	3.000
Pamatí	20.000
Trapiche	15.000
Ponte Nova	20.000
Quissaman	15.000
Pontal	10.000

O novo processo de fermentação das USINES DE MELLE proporciona as seguintes vantagens:

- Notável aumento do rendimento de fermentação
- Aumento da capacidade de produção das instalações de fermentação
- Grande segurança e funcionamento tornando quasi automático o trabalho
- Melhor qualidade do alcool fabricado.

Usineiros e distiladores, peçam informações a **GEORGES P. PIERLOT**

Avenida Beira Mar, 210 — Tel. 42-8607 — Caixa Postal 2984

RIO DE JANEIRO

# Les Usines de Melle

SOCIÉTÉ ANONYME AU CAPITAL DE FR.S. 17.000.000

Anciennement: DISTILLERIES des DEUX - SEVRES - MELLE  
(Deux-Sèvres) - FRANCE

## Processos azeotrópicos de deshidratação e fabricação direta do álcool absoluto

### Desenvolvimento mundial dos processos azeotrópicos



### INSTALAÇÕES NO BRASIL

	Litros
Usina Catende — Aparelho novo — 4ª técnica — Em funcionamento — Construtor: Etablissements Barbet. . . . .	30.000
Usina Santa Teresinha — Aparelho novo — 4ª técnica — Em funcionamento — Construtor: Estabelecimentos Skoda. . . . .	30.000
Usina Timbó Assú — Aparelho novo — 4ª técnica — Em funcionamento — Etablissements Barbet. . . . .	5.000
Distilaria Central do Cabo — Aparelho novo — 4ª técnica — Em montagem pelos Est. Skoda. . . . .	60.000
Usina Cuaçu — 4ª técnica — Em montagem — Construtor: Estabelecimentos Skoda. . . . .	15.000
Usina Trapiche — 4ª técnica — Em montagem — Construtor: Est. Barbet. . . . .	15.000
Usina Santo Inácio — Aparelho novo — 2ª técnica — Em montagem pelos Estabelecimentos Skoda. . . . .	5.000
Usina Tiúma — Aparelho novo — 4ª técnica — Em montagem pelos Est. Skoda. . . . .	21.000
Usina Nossa Senhora das Maravilhas — Aparelho novo — 2ª técnica — Em funcionamento — Etablissements Barbet. . . . .	15.000

	Litros
Usina Pumati — 4ª técnica — Em construção Est. Barbet. . . . .	20.000
Usina Serra Grande — Aparelho novo — 4ª técnica — Em montagem — Estabelecimentos Skoda. . . . .	12.000
Usina Brasileiro — Aparelho novo — 4ª técnica — Em funcionamento pelos Estabelecimentos Barbet. . . . .	15.000
Usina Paineiras — Aparelho sistema Guillaume, transformado em 4ª técnica pelos Est. Skoda — Em montagem. . . . .	5.000
mixtos — 2ª e 4ª técnicas — Em funcionamento — Construída pelos Estabelecimentos Barbet. . . . .	60.000
Conceição de Macabú — Em funcionamento — Aparelho Barbet transformado em 2ª técnica pelos mesmos Estabelecimentos. . . . .	9.000
Distilaria Central de Campos — 2 aparelhos — Em funcionamento — Construtor: Barbet. . . . .	6.000
Companhia Engenho Central Laranjeiras — Aparelho Barbet transformado em 4ª técnica pelo Est. Barbet — Em funcionamento. . . . .	6.000
Cia. Usina do Outeiro — Em funcionamento — Aparelho Sistema Guillaume, transformado em 4ª técnica — Construtor: Barbet. . . . .	5.000
Usina do Queimado — Em funcionamento — Aparelho Barbet transformado em 4ª técnica — Construtor: Barbet. . . . .	6.000
Usina Santa Cruz — Aparelho sistema Barbet, transformado pelos Est. Skoda — Em funcionamento. . . . .	12.000
Usina São José — Aparelho novo — 4ª técnica — Em funcionamento — Construtor: Skoda. . . . .	20.000
Companhia Engenho Central Quissaman — Aparelho novo — 4ª técnica — Em montagem — Construtor: Est. Barbet. . . . .	15.000
Usina Barcelos — Aparelho transformado em 4ª técnica pelos Est. Skoda. . . . .	10.000
Distilaria de Ponte Nova — Aparelho novo — 4ª técnica — Em construção pelos Est. Skoda. . . . .	20.000
Usina Amália — F. Mattarazzo Jr. — Retificador Barbet, transformado em 4ª técnica pelos Estabelecimentos Barbet — Em funcionamento. . . . .	10.000
Usinas Junqueira — Aparelho de destilação — Retificação contínua, transformado em 4ª técnica pelos Estabelecimentos Skoda — Em funcionamento. . . . .	20.000

Para todas as informações dirija-se a: **GEORGES P. PIERLOT**

Avenida Beira Mar, 210 — Tel. 42-8607 — Caixa Postal 2984

RIO DE JANEIRO





# COMPANHIA CONSTRUCTORA NACIONAL S. A.

(WAYSS & FREYTAG)

MATRIZ :

RIO DE JANEIRO

FILIAIS :

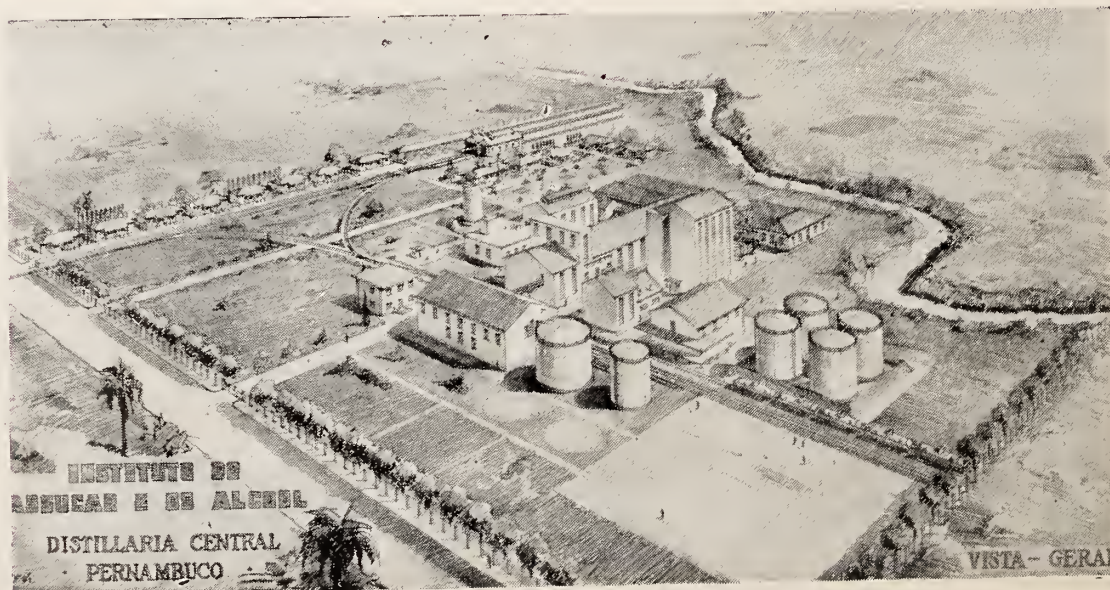
SÃO PAULO - BAÍA - CURITIBA

PORTO ALEGRE

End. Tel. CIMENTARME



DISTILARIA EM CAMPOS — Construída em 1936-1937



DISTILARIA CENTRAL DE PERNAMBUCO — Construída em 1938-1940

## 331 — ESTOQUES DE AÇUCAR NO BRASIL — 1934-1940

## 1 — Totais por localidade

ANOS	MESES	QUANTIDADES EM SACOS DE 60 QUILOS			TOTAL	Em tons. métricas
		Nas capitais	Nas usinas	Interior dos Estados		
1934	Abril . . . . .	1.492.626	511.542	43.573	2.047.741	122.864
	Maio . . . . .	1.166.811	287.333	11.307	1.465.451	87.927
	Junho . . . . .	764.935	163.850	10.687	939.472	56.368
	Julho . . . . .	430.075	231.021	9.434	670.530	40.232
	Agosto . . . . .	282.822	619.818	3.224	905.864	54.352
	Setembro . . . . .	294.611	913.979	1.121	1.209.711	72.583
	Outubro . . . . .	934.125	1.159.413	859	2.094.397	125.664
	Novembro . . . . .	1.848.880	1.308.716	13.099	3.170.695	190.242
	Dezembro . . . . .	2.467.544	1.255.723	14.732	3.737.999	224.280
1935	Janeiro . . . . .	2.593.838	1.188.280	14.455	3.796.573	227.794
	Fevereiro . . . . .	3.051.717	881.673	19.445	3.952.835	237.170
	Março . . . . .	2.910.575	702.687	14.397	3.627.659	217.663
	Abril . . . . .	2.711.969	489.163	17.047	3.218.179	193.109
	Maio . . . . .	1.906.834	305.505	28.171	2.240.510	134.431
	Junho . . . . .	1.350.077	214.692	29.291	1.594.060	95.644
	Julho . . . . .	1.024.659	393.144	27.791	1.445.594	86.736
	Agosto . . . . .	596.584	895.188	21.749	1.513.471	90.808
	Setembro . . . . .	441.544	1.341.719	2.000	1.785.263	107.116
	Outubro . . . . .	1.109.866	1.590.944	7.367	2.708.177	162.491
	Novembro . . . . .	1.906.747	1.916.385	34.382	3.857.514	231.451
	Dezembro . . . . .	2.376.751	1.941.571	47.698	4.366.020	261.961
1936	Janeiro . . . . .	2.888.760	1.583.233	58.730	4.530.723	271.843
	Fevereiro . . . . .	2.947.398	1.372.033	55.544	4.374.975	262.499
	Março . . . . .	2.559.495	1.113.220	61.190	3.733.905	224.034
	Abril . . . . .	2.072.240	739.048	64.898	2.876.186	172.571
	Maio . . . . .	1.338.927	523.580	63.905	1.926.412	115.535
	Junho . . . . .	1.118.474	415.862	63.507	1.597.843	95.871
	Julho . . . . .	860.945	719.850	60.608	1.640.903	98.454
	Agosto . . . . .	670.031	1.103.663	48.220	1.821.914	109.315
	Setembro . . . . .	591.295	1.511.698	46.315	2.149.308	128.958
	Outubro . . . . .	929.892	1.883.776	19.568	2.833.036	169.982
	Novembro . . . . .	1.825.326	1.931.475	30.230	3.787.031	227.222
	Dezembro . . . . .	2.144.028	1.889.199	29.513	4.062.740	243.764
1937	Janeiro . . . . .	2.119.159	1.650.694	37.688	3.807.541	228.452
	Fevereiro . . . . .	1.934.871	1.413.673	58.330	3.406.874	204.412
	Março . . . . .	1.753.274	1.130.989	30.196	2.914.459	174.867
	Abril . . . . .	1.452.880	877.882	27.910	2.358.672	141.526
	Maio . . . . .	1.243.105	505.770	15.460	1.764.335	105.860
	Junho . . . . .	890.605	313.858	13.847	1.217.810	73.068



## 331 — ESTOQUES DE AÇUCAR NO BRASIL — 1934-1940

## 1 — Totais por localidade

ANOS	MESES	QUANTIDADES EM SACOS DE 60 QUILOS			TOTAL	Em tons. métricas
		Nas capitais	Nas usinas	Interior dos Estados		
1938	Julho . . . . .	604.624	605.362	12.605	1.222.591	73.355
	Agosto . . . . .	384.631	1.009.319	3.740	1.397.690	83.861
	Setembro . . . . .	210.921	1.552.465	6.793	1.770.089	106.205
	Outubro . . . . .	614.851	2.047.731	10.372	2.672.954	160.377
	Novembro . . . . .	1.217.193	2.218.210	24.280	3.459.683	207.561
	Dezembro . . . . .	1.897.679	2.063.798	43.810	4.005.287	240.317
	Janeiro . . . . .	2.281.351	1.799.260	60.603	4.141.214	248.473
	Fevereiro . . . . .	2.270.375	1.512.126	59.145	3.841.646	230.499
	Março . . . . .	2.332.302	1.133.789	53.275	3.569.366	214.162
	Abril . . . . .	1.998.360	834.354	44.374	2.877.088	172.625
	Maió . . . . .	1.118.097	478.595	32.159	1.628.851	97.731
	Junho . . . . .	772.541	283.537	28.831	1.084.909	65.095
1939	Julho . . . . .	513.776	461.053	20.269	995.098	59.706
	Agosto . . . . .	254.231	760.791	12.466	1.027.488	61.649
	Setembro . . . . .	136.540	1.144.583	3.355	1.284.478	77.669
	Outubro . . . . .	634.476	1.468.064	4.667	2.107.207	126.432
	Novembro . . . . .	1.682.659	1.565.920	26.041	3.274.620	196.477
	Dezembro . . . . .	2.518.596	1.264.372	5.000	3.788.468	227.308
	Janeiro . . . . .	2.539.954	1.081.751	57.512	3.679.217	220.753
	Fevereiro . . . . .	2.608.173	871.799	82.450	3.562.422	213.745
	Março . . . . .	2.514.166	704.387	84.385	3.302.938	198.176
	Abril . . . . .	1.899.276	557.848	59.813	2.516.937	151.016
	Maió . . . . .	1.177.016	368.444	55.077	1.600.537	96.032
	Junho . . . . .	885.995	315.360	31.906	1.235.261	73.996
1940	Julho . . . . .	651.898	626.185	39.264	1.317.347	79.041
	Agosto . . . . .	387.627	984.010	38.729	1.410.366	84.822
	Setembro . . . . .	198.549	1.364.708	42.337	1.605.594	96.336
	Outubro . . . . .	504.338	1.866.511	50.820	2.421.669	145.500
	Novembro . . . . .	1.236.398	2.049.780	82.406	3.368.584	202.112
	Dezembro . . . . .	2.267.466	1.912.932	94.908	4.275.306	256.518
	Janeiro . . . . .	2.696.619	1.682.964	104.313	4.483.896	269.034
	Fevereiro . . . . .	2.771.301	1.444.097	119.698	4.335.096	260.106
	Março . . . . .	2.743.801	1.125.638	117.526	3.986.965	219.218
	Abril . . . . .	2.226.589	810.000	102.801	3.139.390	189.363
	Maió . . . . .	1.684.841	517.878	53.806	2.256.585	135.395
	Junho . . . . .	1.664.823	601.080	46.654	2.312.557	138.753

## 331 — ESTOQUES DE AÇUCAR NO BRASIL — 1934-1940

## 2 — Totais por tipo

ANOS E MESES	QUANTIDADES EM SACOS DE 60 QUILOS						Em tons. métricas
	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto	TOTAL	
<b>1 9 3 4</b>							
Abril . . . . .	1.657.236	233.051	26.615	39.960	90.879	2.047.741	122.864
Maió . . . . .	1.149.820	232.196	6.374	27.534	49.527	1.465.451	87.927
Junho . . . . .	713.042	174.456	4.185	11.919	32.870	939.472	56.368
Julho . . . . .	459.027	148.146	14.395	20.440	28.522	670.530	40.232
Agosto . . . . .	780.224	58.083	3.147	63.200	1.210	905.854	54.352
Setembro . . . . .	981.363	39.307	31.273	144.447	13.321	1.209.711	72.583
Outubro . . . . .	1.866.735	37.122	4.503	154.688	31.349	2.094.397	125.664
Novembro . . . . .	2.773.347	47.569	34.989	239.450	75.340	3.170.695	190.242
Dezembro . . . . .	3.278.726	35.514	41.862	253.353	128.544	3.737.999	224.280
<b>1 9 3 5</b>							
Janeiro . . . . .	3.113.990	299.335	23.026	249.775	110.447	3.796.573	227.794
Fevereiro . . . . .	2.950.713	612.672	40.248	138.766	150.436	3.952.835	237.170
Março . . . . .	2.745.191	582.550	16.140	141.521	142.257	3.627.659	217.660
Abril . . . . .	2.454.276	559.107	10.153	59.609	135.334	3.218.479	193.109
Maió . . . . .	1.797.283	255.673	15.000	59.110	122.444	2.240.510	134.431
Junho . . . . .	1.297.787	127.892	15.560	41.245	111.576	1.594.060	95.644
Julho . . . . .	1.159.028	115.672	6.060	38.454	126.380	1.415.594	86.736
Agosto . . . . .	1.238.146	144.552	60	47.703	83.010	1.513.471	90.808
Setembro . . . . .	1.491.293	196.399	60	36.135	61.376	1.785.263	107.116
Outubro . . . . .	1.893.592	673.135	7.413	43.320	90.667	2.708.177	162.491
Novembro . . . . .	2.433.091	1.231.661	7.229	52.047	133.486	3.857.514	231.451
Dezembro . . . . .	2.896.828	1.254.649	13.753	72.724	128.066	4.366.020	261.961
<b>1 9 3 6</b>							
Janeiro . . . . .	2.860.851	1.324.304	20.953	84.459	240.156	4.530.723	271.843
Fevereiro . . . . .	2.709.680	1.312.864	15.693	91.949	244.791	4.374.975	262.499
Março . . . . .	2.491.398	926.334	11.388	77.426	227.449	3.733.905	224.034
Abril . . . . .	1.965.368	614.780	11.413	79.102	205.823	2.876.186	172.571
Maió . . . . .	1.407.417	287.033	9.423	70.352	152.187	1.926.412	115.585
Junho . . . . .	1.100.457	275.212	6.423	49.727	166.924	1.597.843	95.871
Julho . . . . .	1.166.722	285.141	8.373	37.762	142.905	1.640.903	98.454
Agosto . . . . .	1.342.799	316.067	373	35.904	126.771	1.821.914	109.315
Setembro . . . . .	1.692.751	321.801	—	39.108	95.648	2.149.308	128.958
Outubro . . . . .	2.334.387	377.089	16.000	46.068	59.492	2.833.036	169.982
Novembro . . . . .	2.983.247	655.709	16.000	75.982	55.993	3.787.031	227.221
Dezembro . . . . .	2.977.524	900.834	—	71.913	112.469	4.062.740	243.764
<b>1 9 3 7</b>							
Janeiro . . . . .	2.860.930	745.526	—	50.192	150.893	3.807.541	228.452
Fevereiro . . . . .	6.634.162	581.749	—	61.865	129.098	3.406.874	204.412
Março . . . . .	2.209.079	524.564	7.000	92.584	81.232	2.914.459	174.867
Abril . . . . .	1.709.942	417.760	—	136.364	64.606	2.358.672	111.520

## 331 — ESTOQUES DE AÇUCAR NO BRASIL — 1934-1940

## 2 — Totais por tipo

ANOS E MESES	QUANTIDADES EM SACOS DE 60 QUILOS						Em tons. métricas
	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto	TOTAL	
Maiô.. . . . .	1.229.884	339.714	—	112.183	82.524	1.764.335	105.860
Junho.. . . . .	861.375	209.624	—	92.182	54.629	1.217.810	73.968
Julho.. . . . .	962.747	136.131	—	84.655	39.058	1.222.591	73.355
Agosto.. . . . .	1.184.057	92.443	—	91.296	29.894	1.397.690	83.861
Setembro.. . . . .	1.514.195	29.988	130.414	87.436	8.056	1.770.039	106.205
Outubro.. . . . .	2.308.384	176.909	4.900	119.664	63.997	2.672.954	160.377
Novembro.. . . . .	3.002.612	252.430	5.000	129.215	70.426	3.459.683	207.581
Dezembro.. . . . .	3.510.583	278.877	11.000	115.249	59.578	4.005.287	240.317
1 9 3 8							
Janeiro.. . . . .	3.652.441	234.444	7.000	135.828	111.501	4.141.214	248.473
Fevereiro.. . . . .	3.400.418	192.278	5.000	124.799	119.151	3.841.646	230.499
Março.. . . . .	3.218.133	164.986	7.500	97.446	82.201	3.569.366	214.162
Abril.. . . . .	2.638.322	84.664	6.500	81.531	66.071	2.877.088	172.625
Maiô.. . . . .	1.491.606	41.706	4.300	53.073	38.176	1.628.851	97.731
Junho.. . . . .	1.000.543	31.477	5.500	31.603	15.736	1.084.909	65.095
Julho.. . . . .	881.531	45.821	2.500	38.972	27.174	995.098	59.706
Agosto.. . . . .	893.243	73.632	1.500	39.166	19.947	1.027.488	61.649
Setembro.. . . . .	1.137.016	91.207	2.500	40.146	13.609	1.284.478	77.069
Outubro.. . . . .	1.809.423	217.747	9.500	41.153	29.384	2.107.207	126.432
Novembro.. . . . .	2.596.241	555.064	7.500	31.569	84.246	3.274.620	196.477
Dezembro.. . . . .	2.878.357	781.140	16.770	48.791	60.410	3.788.468	277.308
1 9 3 9							
Janeiro.. . . . .	3.039.798	470.780	6.000	57.427	105.212	3.679.217	220.753
Fevereiro.. . . . .	2.933.706	396.976	48.354	38.994	144.392	3.562.422	213.745
Março.. . . . .	2.739.079	373.572	14.564	26.216	139.507	3.302.938	198.176
Abril.. . . . .	1.971.083	351.852	9.662	34.182	150.158	2.516.937	151.016
Maiô.. . . . .	1.138.587	306.438	10.762	35.061	109.689	1.600.537	96.032
Junho.. . . . .	835.727	248.981	8.810	33.617	106.126	1.233.261	73.996
Julho.. . . . .	987.405	186.536	12.750	37.650	93.606	1.317.347	79.041
Agosto.. . . . .	1.197.058	73.662	10.750	55.638	73.258	1.410.366	84.622
Setembro.. . . . .	1.494.534	22.561	21.288	25.649	41.562	1.605.594	96.336
Outubro.. . . . .	2.257.563	52.298	44.184	22.213	45.411	2.421.669	145.300
Novembro.. . . . .	3.041.463	187.260	38.987	24.799	76.075	3.368.584	202.112
Dezembro.. . . . .	3.844.793	253.367	56.540	31.901	88.705	4.275.306	256.518
1 9 4 0							
Janeiro.. . . . .	4.021.659	270.600	42.871	33.079	115.687	4.483.896	269.034
Fevereiro.. . . . .	3.925.553	226.769	33.165	36.816	112.793	4.335.096	260.106
Março.. . . . .	3.527.082	257.679	29.937	39.765	132.502	3.986.965	219.218
Abril.. . . . .	2.797.100	143.235	31.772	37.747	129.536	3.139.390	189.363
Maiô.. . . . .	1.978.740	115.245	23.837	21.807	116.956	2.256.585	135.395
Junho.. . . . .	2.974.873	83.633	20.264	18.793	114.994	2.212.557	138.753



## 341 — COTAÇÕES DE AÇUCAR — 1934-1940

Mínimas e máximas em diversas praças brasileiras

## 11 — Cristal branco

ANOS E MESES	J. Pessoa		Recife		Maceió		Aracaju		S. Salvador		Campos		D. Federal		São Paulo		B. Horizonte	
	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.
1934																		
Janeiro	—	—	—	—	41\$0	43\$0	—	—	46\$0	48\$0	—	—	50\$0	51\$0	—	—	60\$5	61\$5
Fevereiro	45\$0	45\$0	40\$8	41\$0	41\$0	41\$0	—	—	48\$0	48\$0	—	—	51\$0	51\$0	53\$0	54\$5	60\$5	61\$5
Março	45\$0	52\$0	41\$0	41\$0	40\$0	43\$0	36\$0	40\$0	48\$0	48\$0	44\$0	41\$0	50\$0	51\$0	49\$5	63\$0	59\$5	62\$0
Abril	49\$0	51\$0	40\$0	40\$0	42\$0	43\$5	39\$0	39\$0	37\$0	37\$0	46\$0	48\$0	50\$0	51\$0	52\$0	53\$5	59\$5	61\$5
Maio	51\$0	52\$0	40\$0	40\$0	43\$0	44\$0	39\$0	40\$0	46\$0	48\$0	46\$0	47\$5	50\$0	51\$0	52\$5	55\$0	55\$0	60\$5
Junho	51\$0	52\$0	40\$0	40\$0	44\$0	45\$0	39\$0	40\$0	48\$0	48\$0	46\$5	47\$5	49\$5	51\$0	53\$0	55\$5	54\$5	56\$0
Julho	51\$0	52\$0	40\$0	40\$0	46\$0	48\$0	39\$0	39\$0	50\$0	50\$0	41\$5	47\$5	49\$5	52\$5	54\$5	56\$0	55\$5	56\$5
Agosto	51\$0	52\$0	—	—	47\$0	50\$0	39\$0	39\$0	48\$0	50\$0	41\$5	41\$5	51\$0	52\$0	54\$5	55\$0	55\$5	56\$5
Setembro	51\$0	51\$0	—	—	39\$0	50\$0	39\$0	39\$0	40\$0	42\$0	41\$5	41\$5	51\$0	52\$0	54\$0	55\$5	51\$0	56\$5
Outubro	51\$0	51\$0	44\$4	44\$4	40\$0	42\$0	38\$0	39\$0	40\$0	40\$0	41\$0	41\$5	51\$0	52\$0	54\$0	54\$5	51\$0	54\$0
Novembro	49\$0	51\$0	40\$5	44\$4	40\$5	41\$5	38\$0	38\$0	40\$0	40\$0	41\$5	44\$0	50\$5	52\$5	54\$0	54\$5	53\$0	54\$0
Dezembro	49\$0	52\$0	40\$5	40\$5	40\$0	41\$0	37\$0	38\$0	40\$0	40\$0	44\$0	44\$0	50\$5	51\$0	53\$0	54\$5	53\$0	54\$0
1935																		
Janeiro	52\$0	52\$0	40\$2	40\$5	39\$0	40\$0	37\$0	37\$0	38\$0	39\$0	44\$0	47\$0	50\$5	51\$0	48\$5	54\$0	53\$0	53\$0
Fevereiro	52\$0	53\$0	39\$5	40\$2	39\$0	40\$0	37\$0	37\$0	45\$0	45\$0	46\$0	50\$0	50\$5	51\$0	52\$5	53\$5	53\$0	53\$0
Março	53\$0	53\$0	39\$5	39\$5	39\$0	39\$5	36\$0	37\$0	43\$0	43\$0	45\$0	49\$0	50\$0	50\$5	51\$0	52\$5	53\$5	53\$0
Abril	50\$0	53\$0	39\$5	39\$5	39\$0	39\$5	36\$0	37\$0	43\$0	43\$0	49\$0	50\$0	50\$5	51\$0	52\$0	53\$5	53\$0	53\$0
Maio	49\$0	50\$0	39\$5	39\$5	39\$0	42\$0	36\$0	37\$0	43\$0	50\$0	48\$0	50\$0	49\$0	51\$0	52\$0	53\$0	53\$0	53\$0
Junho	51\$0	52\$0	39\$5	39\$5	41\$5	45\$0	37\$0	37\$0	50\$0	50\$0	44\$5	48\$5	49\$0	50\$5	52\$5	57\$0	53\$0	53\$0
Julho	50\$0	53\$0	39\$5	39\$5	45\$0	45\$0	37\$0	37\$0	50\$0	52\$0	44\$5	45\$5	49\$0	51\$5	53\$0	55\$0	53\$0	53\$0
Agosto	43\$0	52\$0	39\$5	39\$5	45\$0	51\$0	37\$0	60\$0	52\$0	52\$0	44\$0	45\$5	50\$0	51\$5	53\$0	53\$5	53\$0	53\$0
Setembro	38\$0	42\$0	39\$5	39\$5	40\$0	51\$0	40\$0	60\$0	51\$0	56\$0	44\$0	44\$5	49\$0	51\$0	53\$0	53\$5	53\$0	53\$0
Outubro	36\$5	39\$0	39\$5	39\$5	39\$5	40\$0	30\$0	40\$0	40\$0	49\$0	43\$0	44\$5	48\$5	50\$0	51\$0	53\$5	53\$0	54\$0
Novembro	36\$5	36\$5	37\$0	39\$5	36\$5	39\$5	33\$0	33\$0	38\$0	40\$0	42\$0	44\$0	48\$5	49\$5	51\$0	53\$5	54\$0	54\$0
Dezembro	36\$5	38\$5	38\$0	39\$5	38\$0	39\$5	33\$0	33\$0	38\$0	38\$0	42\$0	42\$5	48\$0	49\$5	53\$0	53\$5	54\$0	54\$0
1936																		
Janeiro	37\$0	39\$5	36\$5	38\$0	N/	N/	33\$0	33\$0	38\$0	42\$0	41\$5	42\$0	47\$5	49\$0	51\$0	53\$5	54\$0	54\$0
Fevereiro	37\$0	39\$0	36\$5	36\$5	37\$0	38\$0	33\$0	33\$0	42\$0	42\$0	41\$5	43\$0	47\$5	48\$5	51\$0	51\$5	54\$0	54\$0
Março	38\$0	40\$0	36\$5	37\$0	38\$0	38\$5	33\$0	34\$0	42\$0	44\$0	42\$5	44\$5	47\$0	50\$0	51\$0	51\$5	54\$0	54\$0
Abril	46\$0	47\$0	37\$0	38\$0	38\$5	39\$0	33\$0	35\$0	44\$0	50\$0	44\$0	44\$5	49\$0	50\$0	51\$0	52\$0	54\$0	55\$0
Maio	46\$0	46\$0	38\$0	39\$0	39\$0	43\$5	34\$0	35\$0	50\$0	50\$0	44\$0	44\$5	49\$0	50\$5	52\$0	52\$5	55\$0	56\$5
Junho	46\$0	46\$0	39\$0	40\$0	42\$0	43\$5	34\$0	36\$0	50\$0	50\$0	44\$0	45\$0	49\$0	50\$5	52\$0	56\$5	56\$0	56\$5
Julho	46\$0	46\$0	39\$0	39\$0	42\$0	43\$0	33\$0	36\$0	46\$0	50\$0	42\$0	44\$5	48\$5	50\$0	53\$0	55\$0	56\$0	56\$5
Agosto	45\$0	46\$0	39\$0	39\$0	40\$5	43\$0	34\$0	34\$0	46\$0	46\$0	42\$0	43\$0	48\$5	49\$5	53\$5	55\$5	56\$0	56\$5
Setembro	40\$0	45\$0	38\$0	39\$0	40\$5	41\$0	34\$0	34\$0	40\$0	46\$0	41\$0	43\$0	46\$0	48\$0	53\$0	55\$0	56\$0	57\$5
Outubro	40\$0	41\$0	39\$0	41\$5	40\$5	41\$0	32\$0	34\$0	38\$0	40\$0	41\$0	43\$5	47\$5	48\$5	54\$5	55\$5	57\$0	57\$5
Novembro	41\$0	45\$0	41\$0	44\$0	40\$5	43\$5	32\$0	35\$0	40\$0	47\$0	43\$0	48\$0	48\$5	53\$5	54\$5	60\$0	57\$0	60\$0
Dezembro	44\$0	52\$0	44\$0	55\$0	43\$5	45\$5	37\$0	53\$0	48\$0	58\$0	47\$5	60\$0	53\$0	63\$0	59\$0	75\$0	59\$0	67\$0



## 341 — COTAÇÕES DE AÇUCAR — 1934-1940

Mínimas e máximas em diversas praças brasileiras

## 11 — Cristal branco

ANOS E MESES	J. Pessoa		Recife		Maceió		Aracaju		S. Salvador		Campos		D. Federal		São Paulo		B. Horizonte	
	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.
1937																		
Janeiro	32\$0	68\$0	55\$0	60\$0	45\$5	61\$5	51\$0	55\$0	56\$0	60\$0	61\$0	77\$0	63\$0	72\$0	70\$0	76\$0	67\$0	80\$0
Fevereiro	36\$0	68\$0	60\$0	60\$0	61\$0	62\$0	51\$0	51\$0	56\$0	56\$0	70\$0	75\$0	N/	N/	74\$0	77\$0	80\$0	80\$0
Março	36\$0	66\$0	60\$0	60\$0	56\$0	62\$0	48\$0	51\$0	56\$0	56\$0	66\$0	72\$0	N/	N/	73\$0	75\$0	70\$0	80\$0
Abril	36\$0	66\$0	60\$0	60\$0	56\$0	60\$0	42\$0	48\$0	56\$0	58\$0	62\$0	67\$0	N/	N/	73\$0	75\$0	70\$0	72\$0
Maió	36\$0	66\$0	60\$0	60\$0	60\$0	63\$0	45\$0	50\$0	58\$0	58\$0	62\$0	65\$0	N/	N/	73\$0	77\$0	72\$0	72\$0
Junho	36\$0	66\$0	55\$0	60\$0	62\$0	62\$0	46\$0	49\$0	58\$0	58\$0	60\$0	64\$0	N/	N/	71\$0	76\$0	72\$0	72\$0
Julho	36\$0	66\$0	55\$0	55\$0	58\$0	59\$0	38\$0	49\$0	58\$0	58\$0	50\$0	62\$0	60\$0	74\$0	66\$0	73\$0	68\$0	72\$0
Agosto	34\$0	66\$0	51\$0	55\$0	55\$0	59\$0	38\$0	40\$0	56\$0	62\$0	50\$0	54\$0	59\$0	62\$0	65\$0	69\$0	67\$0	67\$0
Setembro	56\$0	64\$0	48\$0	51\$0	47\$0	58\$0	38\$0	41\$0	44\$0	58\$0	50\$0	54\$0	58\$0	60\$5	63\$0	73\$0	62\$0	64\$0
Outubro	18\$0	56\$0	44\$0	48\$0	43\$5	47\$0	38\$0	41\$0	43\$0	44\$0	47\$0	52\$0	55\$0	59\$0	61\$0	64\$0	60\$0	62\$0
Novembro	18\$0	52\$0	44\$0	46\$0	44\$5	47\$0	38\$0	41\$0	43\$0	46\$0	45\$0	48\$0	55\$0	59\$0	61\$0	66\$0	59\$0	63\$0
Dezembro	34\$0	58\$0	46\$0	46\$0	47\$0	48\$0	39\$0	41\$0	48\$0	48\$0	50\$0	51\$0	56\$5	59\$5	62\$0	66\$0	61\$5	63\$0
1938																		
Janeiro	56\$0	58\$0	46\$0	46\$0	46\$0	47\$0	37\$0	40\$0	42\$0	48\$0	48\$0	51\$0	56\$0	57\$5	62\$0	63\$0	61\$5	61\$5
Fevereiro	53\$0	57\$0	46\$0	46\$0	46\$0	46\$0	36\$0	37\$0	42\$0	43\$0	46\$0	49\$0	56\$0	57\$0	61\$0	63\$0	59\$0	61\$5
Março	19\$0	53\$0	45\$0	46\$0	43\$0	45\$0	35\$0	36\$0	42\$0	43\$0	42\$5	47\$0	55\$0	57\$0	59\$0	61\$5	59\$0	59\$0
Abril	50\$0	51\$0	45\$0	45\$0	43\$0	43\$0	35\$0	37\$0	42\$0	42\$0	44\$0	47\$0	55\$0	56\$0	56\$0	60\$0	58\$0	59\$0
Maió	50\$0	51\$0	44\$0	45\$0	43\$0	43\$0	35\$0	37\$0	42\$0	42\$0	46\$0	48\$0	56\$0	58\$0	56\$0	58\$0	58\$0	58\$0
Junho	51\$0	53\$0	44\$0	44\$0	43\$0	43\$0	36\$0	37\$0	42\$0	42\$0	46\$0	48\$5	55\$0	57\$0	56\$0	58\$0	58\$0	59\$0
Julho	52\$0	53\$0	44\$0	44\$0	43\$0	43\$0	36\$0	37\$0	42\$0	42\$0	46\$0	48\$5	55\$0	56\$0	56\$0	58\$0	59\$0	60\$0
Agosto	17\$0	52\$0	44\$0	44\$0	43\$0	43\$0	37\$0	37\$0	42\$0	42\$0	47\$0	48\$5	55\$0	55\$5	58\$0	61\$0	60\$0	61\$0
Setembro	44\$0	47\$0	44\$0	44\$0	43\$0	43\$0	37\$0	37\$0	42\$0	42\$0	45\$0	48\$0	55\$0	57\$0	59\$0	60\$5	61\$0	61\$0
Outubro	20\$0	44\$0	43\$0	44\$0	43\$0	43\$0	34\$0	37\$0	41\$0	42\$0	45\$0	47\$0	54\$0	57\$0	57\$0	60\$0	61\$0	61\$0
Novembro	10\$0	41\$0	43\$0	43\$0	42\$0	43\$0	34\$0	37\$0	41\$0	44\$0	46\$5	48\$0	54\$0	56\$0	57\$0	60\$0	61\$0	61\$0
Dezembro	11\$0	42\$0	43\$0	43\$0	42\$0	42\$0	37\$0	38\$0	44\$0	44\$0	47\$0	51\$0	55\$0	56\$0	59\$0	60\$0	61\$0	63\$0
1939																		
Janeiro	12\$0	46\$0	43\$0	43\$0	42\$0	42\$0	36\$0	37\$0	44\$0	44\$0	51\$0	59\$0	55\$0	60\$0	58\$0	60\$0	63\$0	65\$0
Fevereiro	16\$0	47\$0	43\$0	43\$0	42\$0	42\$0	36\$0	38\$5	44\$0	50\$0	55\$0	57\$0	57\$0	60\$0	58\$0	59\$0	65\$0	65\$0
Março	17\$0	47\$0	43\$0	44\$0	42\$0	42\$0	38\$0	40\$0	50\$0	52\$0	54\$0	56\$0	56\$0	60\$0	58\$0	60\$0	62\$5	65\$0
Abril	17\$0	48\$0	43\$5	45\$0	42\$0	42\$0	39\$5	41\$0	52\$0	59\$0	53\$0	55\$0	56\$0	57\$0	59\$0	61\$0	62\$5	64\$0
Maió	17\$0	49\$0	43\$5	43\$5	42\$0	42\$0	40\$0	41\$0	53\$0	59\$0	52\$0	54\$0	56\$0	57\$0	62\$0	61\$0	64\$0	64\$0
Junho	19\$0	49\$0	43\$5	43\$5	42\$0	42\$0	38\$0	40\$0	50\$0	50\$0	50\$0	53\$0	56\$0	57\$0	62\$0	63\$5	64\$0	64\$0
Julho	49\$0	54\$0	43\$5	43\$5	42\$0	45\$0	38\$0	39\$0	50\$0	50\$0	48\$5	52\$0	56\$0	57\$0	59\$5	65\$5	64\$0	64\$0
Agosto	54\$0	54\$0	43\$5	43\$5	45\$0	48\$0	38\$0	39\$0	50\$0	54\$0	52\$0	54\$0	N/	N/	62\$0	64\$0	64\$0	67\$0
Setembro	52\$0	55\$0	43\$5	43\$5	47\$0	48\$0	38\$0	39\$0	54\$0	54\$0	52\$0	53\$0	N/	N/	62\$5	65\$0	66\$0	66\$0
Outubro	50\$0	52\$0	43\$5	48\$0	47\$0	47\$0	42\$0	44\$0	54\$0	54\$0	52\$0	54\$0	N/	N/	62\$5	65\$5	66\$0	66\$0
Novembro	50\$0	51\$0	48\$0	48\$0	47\$0	47\$0	44\$0	45\$0	54\$0	54\$0	52\$0	54\$0	N/	N/	64\$0	65\$0	65\$5	66\$0
Dezembro	51\$0	51\$0	48\$0	48\$0	47\$0	47\$0	42\$0	45\$0	54\$0	54\$0	52\$0	54\$0	N/	N/	62\$5	65\$0	60\$0	65\$5
1940																		
Janeiro	51\$0	51\$0	48\$0	48\$0	47\$0	47\$0	42\$0	43\$0	54\$0	54\$0	52\$0	54\$0	N/	N/	62\$5	65\$0	60\$0	65\$0
Fevereiro	51\$0	51\$0	48\$0	48\$0	47\$0	47\$0	42\$0	45\$0	54\$0	54\$0	51\$5	58\$0	N/	N/	64\$0	65\$0	65\$0	67\$0
Março	51\$0	51\$0	48\$0	48\$0	47\$0	47\$0	44\$0	45\$0	54\$0	54\$0	57\$0	60\$0	N/	N/	64\$0	65\$0	66\$0	66\$0
Abril	51\$0	51\$0	48\$0	48\$0	47\$0	47\$0	44\$0	45\$0	54\$0	54\$0	56\$0	58\$0	N/	N/	64\$0	65\$0	66\$0	66\$0
Maió	19\$0	51\$0	48\$0	48\$0	47\$0	47\$0	44\$0	45\$0	54\$0	54\$0	54\$0	57\$0	N/	N/	62\$0	65\$0	66\$0	69\$0
Junho	19\$0	49\$0	48\$0	48\$0	47\$0	47\$0	42\$0	45\$0	54\$0	54\$0	51\$0	55\$0	N/	N/	61\$0	63\$0	69\$0	69\$0

## 341 — COTAÇÕES DE AÇUCAR — 1934-1940

Mínimas e máximas em diversas praças brasileiras

## 12 — Demerara

ANOS E MESES	J. Pessoa		Recife		Maceió		Aracaju		S. Salvador		Campos		D. Federal		São Paulo		B. Horizonte		
	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	
1934																			
Janeiro	—	—	33\$0	36\$0	34\$5	38\$0	—	—	—	—	—	—	—	44\$5	45\$5	—	—	58\$5	59\$5
Fevereiro	—	—	32\$7	34\$9	33\$0	35\$0	—	—	—	—	—	—	—	44\$5	45\$5	48\$0	50\$0	58\$5	59\$5
Março	—	—	36\$0	36\$0	33\$0	35\$0	—	—	—	—	—	—	—	44\$5	45\$5	48\$0	48\$5	57\$5	59\$0
Abril	—	—	35\$5	36\$0	36\$0	37\$0	—	—	—	—	—	—	—	44\$5	46\$0	47\$0	48\$5	57\$5	58\$5
Maió	—	—	35\$5	35\$5	38\$0	38\$5	—	—	—	—	—	—	—	44\$0	46\$0	48\$0	51\$5	53\$0	58\$5
Junho	—	—	35\$5	35\$5	38\$2	39\$0	—	—	—	—	—	—	—	44\$0	48\$0	50\$0	53\$5	53\$0	54\$0
Julho	—	—	35\$5	35\$5	39\$0	40\$0	—	—	—	—	—	—	—	N/	N/	53\$0	54\$5	54\$0	55\$0
Agosto	—	—	34\$2	34\$2	38\$0	40\$0	—	—	—	—	—	—	—	N/	N/	53\$0	54\$5	54\$0	55\$0
Setembro	—	—	34\$2	34\$2	34\$0	39\$0	—	—	—	—	—	—	—	N/	N/	53\$0	54\$5	44\$5	55\$0
Outubro	—	—	34\$2	34\$8	33\$0	36\$0	—	—	—	—	—	—	—	N/	N/	52\$0	53\$5	44\$5	45\$5
Novembro	—	—	32\$4	33\$6	33\$0	35\$0	—	—	—	—	—	—	—	47\$0	48\$0	49\$0	52\$5	44\$5	45\$5
Dezembro	—	—	32\$4	32\$4	32\$0	34\$6	—	—	—	—	—	—	—	47\$0	48\$0	49\$0	50\$0	44\$5	45\$5
1935																			
Janeiro	—	—	32\$4	32\$4	33\$0	35\$5	—	—	—	—	—	—	—	47\$0	48\$5	38\$0	50\$0	44\$5	45\$5
Fevereiro	—	—	32\$4	32\$4	32\$0	34\$0	—	—	—	—	—	—	—	47\$5	48\$0	48\$0	50\$0	44\$5	45\$5
Março	—	—	32\$4	32\$4	32\$5	33\$7	—	—	—	—	—	—	—	47\$5	48\$0	48\$5	50\$0	44\$5	45\$5
Abril	—	—	32\$4	32\$4	33\$0	33\$7	—	—	—	—	—	—	—	47\$5	48\$0	49\$0	51\$0	44\$5	45\$5
Maió	—	—	32\$4	32\$4	32\$0	33\$5	—	—	—	—	—	—	—	47\$5	49\$0	50\$5	53\$0	44\$5	45\$5
Junho	—	—	32\$4	32\$4	33\$0	36\$0	—	—	—	—	—	—	—	47\$5	49\$0	52\$0	54\$0	44\$5	45\$5
Julho	—	—	32\$4	32\$4	35\$5	36\$0	—	—	—	—	—	—	—	47\$0	48\$0	53\$0	54\$0	44\$5	45\$5
Agosto	—	—	32\$4	32\$4	35\$5	40\$0	—	—	—	—	—	—	—	47\$0	47\$5	51\$0	54\$0	44\$5	45\$5
Setembro	—	—	32\$4	32\$4	35\$0	40\$0	—	—	—	—	—	—	—	46\$0	47\$0	51\$0	52\$0	44\$5	45\$5
Outubro	—	—	32\$1	32\$4	31\$0	32\$0	—	—	—	—	—	—	—	45\$0	47\$0	49\$0	52\$0	44\$5	45\$5
Novembro	—	—	26\$4	26\$4	29\$0	32\$5	—	—	—	—	—	—	—	44\$0	46\$0	47\$0	50\$0	44\$5	45\$5
Dezembro	—	—	26\$4	26\$4	30\$5	32\$1	—	—	—	—	—	—	—	42\$5	46\$0	48\$0	49\$0	44\$5	45\$5
1936																			
Janeiro	—	—	26\$4	28\$2	N/	N/	—	—	—	—	—	—	—	42\$5	43\$0	47\$0	49\$0	44\$5	45\$5
Fevereiro	—	—	28\$2	28\$2	30\$2	34\$2	—	—	—	—	—	—	—	N/	N/	46\$0	48\$5	44\$5	45\$5
Março	—	—	28\$2	31\$8	32\$7	34\$2	—	—	—	—	—	—	—	N/	N/	47\$0	49\$0	44\$5	45\$5
Abril	—	—	31\$8	31\$8	32\$0	34\$2	—	—	—	—	—	—	—	N/	N/	48\$5	50\$0	44\$5	45\$5
Maió	—	—	31\$8	32\$4	34\$2	34\$2	—	—	—	—	—	—	—	N/	N/	49\$0	50\$0	44\$5	45\$5
Junho	—	—	32\$4	32\$4	34\$2	34\$2	—	—	—	—	—	—	—	N/	N/	49\$0	51\$5	44\$5	45\$5
Julho	—	—	32\$4	32\$4	34\$2	34\$2	—	—	—	—	—	—	—	N/	N/	50\$0	51\$0	45\$0	45\$5
Agosto	—	—	34\$2	34\$2	32\$7	36\$5	—	—	—	—	—	—	—	N/	N/	50\$0	50\$5	45\$0	45\$5
Setembro	—	—	34\$2	34\$2	36\$5	36\$5	—	—	—	—	—	—	—	N/	N/	50\$0	50\$5	45\$0	45\$5
Outubro	—	—	34\$2	34\$2	36\$5	36\$5	—	—	—	—	—	—	—	N/	N/	50\$0	50\$5	45\$0	45\$5
Novembro	—	—	34\$2	38\$0	36\$5	37\$5	—	—	—	—	—	—	—	N/	N/	50\$0	55\$0	45\$0	45\$5
Dezembro	—	—	38\$0	45\$0	37\$5	38\$5	—	—	—	—	—	—	—	52\$0	55\$0	54\$0	64\$0	45\$0	45\$5
1937																			
Janeiro	—	—	45\$0	45\$0	38\$5	51\$0	—	—	—	—	—	—	—	53\$0	63\$0	—	—	45\$0	50\$5
Fevereiro	—	—	45\$0	45\$0	48\$0	54\$0	—	—	—	—	—	—	—	60\$0	64\$0	—	—	—	—
Março	—	—	45\$0	45\$0	47\$0	52\$0	—	—	—	—	—	—	—	60\$0	60\$0	—	—	—	—

## 341 — COTAÇÕES DE AÇUCAR — 1934-1940

Mínimas e máximas em diversas praças brasileiras

## 12 — Demerara

ANOS E MESES	J. Pessoa	Recife	Maceió	Aracajú	S. Salvador	Campos	D. Federal	São Paulo	B. Horizonte
	Min. Max.	Min. Max.	Min. Max.	Min. Max.	Min. Max.	Min. Max.	Min. Max.	Min. Max.	Min. Max.
Abril . . . . .	— —	45\$0 45\$0	47\$0 48\$0	— —	— —	— —	55\$0 60\$0	— —	— —
Maió . . . . .	— —	45\$0 45\$0	45\$0 50\$0	— —	— —	— —	60\$0 60\$0	— —	— —
Junho . . . . .	— —	45\$0 45\$0	49\$0 49\$0	— —	— —	— —	N/ N/	— —	— —
Julho . . . . .	— —	45\$0 45\$0	49\$0 50\$0	— —	— —	— —	N/ N/	— —	— —
Agosto . . . . .	— —	43\$0 45\$0	40\$0 50\$0	— —	— —	— —	N/ N/	— —	— —
Setembro . . . . .	— —	41\$0 43\$0	37\$0 40\$0	— —	— —	— —	N/ N/	— —	— —
Outubro . . . . .	— —	36\$0 39\$0	36\$0 37\$0	— —	— —	— —	N/ N/	— —	— —
Novembro . . . . .	— —	36\$0 36\$0	36\$5 40\$0	— —	— —	— —	N/ N/	— —	— —
Dezembro . . . . .	— —	36\$0 36\$0	39\$0 41\$0	— —	— —	— —	N/ N/	— —	— —
1 9 3 8									
Janeiro . . . . .	— —	36\$0 36\$0	36\$0 39\$0	— —	— —	— —	53\$5 54\$0	— —	— —
Fevereiro . . . . .	— —	36\$0 36\$0	36\$0 36\$0	— —	— —	— —	53\$0 54\$0	— —	— —
Março . . . . .	— —	35\$0 36\$0	36\$0 37\$0	— —	— —	— —	53\$0 54\$0	— —	— —
Abril . . . . .	— —	35\$0 35\$0	37\$0 37\$0	— —	— —	— —	53\$0 54\$0	— —	— —
Maió . . . . .	— —	35\$0 35\$0	37\$0 37\$0	— —	— —	— —	N/ N/	— —	— —
Junho . . . . .	— —	35\$0 35\$0	36\$0 37\$0	— —	— —	— —	N/ N/	— —	— —
Julho . . . . .	— —	35\$0 35\$0	36\$0 38\$0	— —	— —	— —	N/ N/	— —	— —
Agosto . . . . .	— —	35\$0 35\$0	36\$0 37\$0	— —	— —	— —	N/ N/	— —	— —
Setembro . . . . .	— —	35\$0 35\$0	36\$0 37\$0	— —	— —	— —	N/ N/	— —	— —
Outubro . . . . .	— —	35\$0 35\$0	36\$0 36\$0	— —	— —	— —	52\$0 52\$0	— —	— —
Novembro . . . . .	— —	33\$2 35\$0	36\$0 36\$0	— —	— —	— —	52\$0 52\$0	— —	— —
Dezembro . . . . .	— —	33\$2 33\$2	36\$0 36\$0	— —	— —	— —	N/ N/	— —	— —
1 9 3 0									
Janeiro . . . . .	— —	33\$2 33\$2	36\$0 36\$0	— —	— —	— —	52\$0 54\$0	— —	— —
Fevereiro . . . . .	— —	33\$2 33\$2	36\$0 36\$0	— —	— —	— —	52\$0 54\$0	— —	— —
Março . . . . .	— —	33\$2 33\$2	36\$0 36\$0	— —	— —	— —	50\$0 54\$0	— —	— —
Abril . . . . .	— —	33\$2 35\$2	36\$0 36\$0	— —	— —	— —	50\$0 51\$0	— —	— —
Maió . . . . .	— —	35\$2 35\$2	36\$0 36\$0	— —	— —	— —	50\$0 52\$0	— —	— —
Junho . . . . .	— —	35\$2 35\$2	36\$0 36\$0	— —	— —	— —	51\$0 52\$0	— —	— —
Julho . . . . .	— —	35\$2 35\$2	36\$0 38\$0	— —	— —	— —	50\$0 52\$0	— —	— —
Agosto . . . . .	— —	37\$2 37\$2	38\$0 42\$0	— —	— —	— —	50\$0 54\$0	— —	— —
Setembro . . . . .	— —	37\$2 37\$2	40\$0 42\$0	— —	— —	— —	53\$0 54\$0	— —	— —
Outubro . . . . .	— —	37\$2 37\$2	40\$0 40\$0	— —	— —	— —	50\$0 54\$0	— —	— —
Novembro . . . . .	— —	37\$2 37\$2	40\$0 40\$0	— —	— —	— —	50\$0 51\$0	— —	— —
Dezembro . . . . .	— —	37\$2 37\$2	40\$0 41\$0	— —	— —	— —	50\$0 51\$0	— —	— —
1 9 4 0									
Janeiro . . . . .	— —	37\$2 37\$2	41\$0 41\$0	— —	— —	— —	50\$0 51\$0	— —	— —
Fevereiro . . . . .	— —	37\$2 37\$2	41\$0 41\$0	— —	— —	— —	50\$0 51\$0	— —	— —
Março . . . . .	— —	37\$2 37\$2	41\$0 41\$0	— —	— —	— —	50\$0 51\$0	— —	— —
Abril . . . . .	— —	37\$2 37\$2	41\$0 41\$0	— —	— —	— —	50\$0 51\$0	— —	— —
Maió . . . . .	— —	37\$2 37\$2	41\$0 41\$0	— —	— —	— —	50\$0 51\$0	— —	— —
Junho . . . . .	— —	37\$2 37\$2	41\$0 41\$0	— —	— —	— —	50\$0 51\$0	— —	— —



# Approvados!



**MENOS GASTO**

**+**

**MAIS RENDIMENTO = MAIOR LUCRO!**

Publicidade  
*Mesbla*



Patrões e operários preferem os productos DUPONT que lhes permitem apresentar uma obra perfeita com o minimo de tempo e trabalho e o maximo de economia e eficiencia. Agora DUPONT oferece com os seus materiais para pinturas — DUCO, DULUX e Automotive PYRALUX — uma variada escala de qualidade, para todos os trabalhos e para todos os preços, tendo sempre em vista: MENOS GASTO — MAIS RENDIMENTO — MAIOR LUCRO.

Distribuidores:

## MESBLA

MATRIZ: Rua do Passeio, 48/56  
RIO DE JANEIRO

*Filiaes:*  
NICTHEROY  
SÃO PAULO  
B. HORIZONTE  
PTO ALEGRE



# *Norton, Megaw & Co. Ltd.*

SEDE

36, LIME STREET - E. C 3

LONDRES

**DISTRIBUIDORES E FINANCIADORES  
DE PRODUTOS BRASILEIROS, EM GERAL, NA GRÃ BRETANHA E  
CONTINENTE EUROPEU**

RIO DE JANEIRO

Rua Mayrink Veiga, 6

CAIXA POSTAL, N.º 34

SÃO PAULO

Rua Libero Badaró, 39 - 1.º

CAIXA POSTAL N.º 32

**EXPORTADORES E IMPORTADORES**

REPRESENTANTES GERAIS NO BRASIL DE :

The Baldwin Locomotive Works

The Vacuum Brake Co. Ltd.

Gresham & Craven Ltd.

Robt. Ingham Clark & Co.

The Railway Signal Co. Ltd.

The P. & M. Co., (England) Ltd

Wilson Welder and Metals Co., Inc.

English Steel Corporation Ltd.

**FORNECEDORES DE MATERIAL FIXO E RODANTE PARA  
ESTRADAS DE FERRO**

Com agentes em :

BELEM

PARNAIBA

SÃO LUIZ

FORTALEZA

NATAL

RECIFE

SÃO SALVADOR

VITORIA

SANTOS

BELO HORIZONTE

ARAGUARÍ

CURITIBA

PORTO ALEGRE

**REPRESENTANTES EM TODOS OS PAÍSES PARA AQUISIÇÃO E VENDA  
DE MERCADORIAS EM GERAL**

## 341 — COTAÇÕES DE AÇUCAR — 1934-1940

Mínimas e máximas em diversas praças brasileiras

## 13 — Bruto

A N O S E M E S E S	J. Pessoa		Recife		Maceió		Aracajú		S. Salvador		Campos		D. Federal		São Paulo		E. Horizonte	
	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.
1 9 3 4																		
Janeiro	30\$0	20\$0	—	—	—	—	19\$2	20\$2	22\$0	23\$0	—	—	32\$0	36\$0	34\$0	36\$5	—	—
Fevereiro	29\$0	30\$8	27\$6	30\$1	17\$4	20\$0	19\$2	20\$2	23\$0	24\$0	—	—	34\$0	36\$0	35\$0	36\$5	—	—
Março	28\$5	30\$4	23\$2	27\$3	17\$6	18\$8	19\$2	20\$2	23\$0	24\$0	—	—	34\$0	36\$0	34\$5	36\$0	—	—
Abril	32\$0	34\$0	24\$0	28\$0	20\$8	27\$6	19\$2	20\$2	—	—	—	—	34\$0	36\$0	35\$0	38\$0	—	—
Maio	32\$0	34\$0	24\$0	26\$0	23\$2	30\$8	19\$2	20\$2	—	—	—	—	34\$0	41\$0	37\$5	44\$0	—	—
Junho	32\$0	34\$5	—	24\$0	31\$2	19\$2	20\$2	25\$0	26\$0	—	—	—	40\$0	43\$0	42\$5	49\$0	—	—
Julho	32\$4	34\$5	—	28\$0	34\$4	19\$2	20\$2	25\$0	28\$0	—	—	—	43\$0	46\$0	48\$0	49\$5	—	—
Agosto	34\$0	35\$0	—	29\$2	36\$0	19\$2	20\$2	25\$0	28\$0	—	—	—	45\$0	47\$0	49\$0	52\$5	—	—
Setembro	27\$0	29\$8	24\$8	26\$4	20\$4	38\$0	19\$2	20\$2	20\$0	22\$0	—	—	43\$0	47\$0	46\$0	52\$0	—	—
Outubro	27\$0	28\$0	20\$0	24\$0	14\$4	28\$0	19\$2	20\$2	20\$0	22\$0	—	—	37\$0	40\$0	35\$0	45\$0	—	—
Novembro	28\$0	30\$0	20\$0	28\$0	14\$0	27\$2	19\$2	20\$2	20\$0	22\$0	—	—	36\$0	38\$5	35\$0	39\$0	—	—
Dezembro	27\$0	29\$0	24\$0	28\$0	19\$2	25\$2	19\$2	20\$2	20\$0	22\$0	—	—	37\$0	38\$5	37\$0	38\$0	—	—
1 9 3 5																		
Janeiro	32\$0	34\$0	24\$0	27\$2	21\$2	27\$2	23\$2	24\$2	20\$0	22\$0	—	—	37\$5	43\$5	38\$0	43\$0	—	—
Fevereiro	32\$0	34\$0	27\$2	28\$0	20\$0	27\$0	23\$2	24\$2	22\$0	26\$0	—	—	41\$0	44\$0	40\$0	43\$0	—	—
Março	34\$0	34\$0	—	22\$4	27\$5	23\$2	24\$2	20\$0	23\$0	—	—	—	41\$0	44\$0	41\$0	42\$5	—	—
Abril	34\$0	34\$0	—	23\$2	25\$2	23\$2	24\$2	18\$0	22\$0	—	—	—	41\$0	42\$0	—	—	—	—
Maio	34\$0	34\$0	27\$2	32\$0	20\$0	27\$2	24\$8	25\$8	18\$0	26\$0	—	—	41\$0	43\$0	—	—	—	—
Junho	34\$0	34\$0	30\$0	33\$2	20\$2	27\$2	24\$8	25\$8	24\$0	27\$0	—	—	42\$0	44\$0	—	—	—	—
Julho	35\$0	38\$0	—	22\$0	24\$8	24\$8	25\$8	20\$0	26\$0	—	—	—	43\$0	44\$0	43\$5	45\$5	—	—
Agosto	32\$0	38\$0	—	17\$2	24\$0	24\$8	25\$8	20\$0	25\$0	—	—	—	40\$0	44\$0	36\$0	43\$5	—	—
Setembro	34\$0	32\$0	20\$0	21\$2	14\$0	22\$0	24\$8	25\$8	20\$0	26\$0	—	—	28\$0	32\$5	36\$0	37\$0	—	—
Outubro	32\$0	26\$0	16\$8	22\$0	14\$0	19\$2	—	—	18\$0	26\$0	—	—	32\$0	40\$0	33\$0	37\$0	—	—
Novembro	20\$0	22\$0	16\$4	18\$4	14\$0	16\$8	18\$0	18\$0	16\$0	21\$0	—	—	32\$0	33\$0	32\$0	33\$5	—	—
Dezembro	20\$0	20\$0	17\$6	18\$8	14\$4	18\$0	18\$0	18\$0	18\$0	20\$0	—	—	31\$0	33\$0	33\$0	33\$5	—	—
1 9 3 6																		
Janeiro	20\$0	24\$0	17\$2	19\$2	14\$0	15\$2	18\$0	18\$0	18\$0	21\$0	—	—	31\$0	33\$0	30\$0	33\$5	—	—
Fevereiro	18\$0	24\$0	16\$0	18\$4	13\$2	14\$8	18\$0	48\$0	19\$0	22\$0	—	—	31\$0	33\$0	30\$0	33\$5	—	—
Março	18\$0	23\$0	16\$0	18\$4	13\$6	16\$0	16\$0	18\$0	20\$0	23\$0	—	—	30\$0	33\$0	31\$0	33\$5	—	—
Abril	20\$0	20\$0	16\$0	17\$2	12\$0	17\$2	16\$0	17\$0	21\$0	23\$0	—	—	31\$0	32\$0	31\$0	32\$0	—	—
Maio	20\$0	22\$0	16\$0	18\$4	18\$0	15\$2	16\$0	17\$0	20\$0	23\$0	—	—	31\$0	33\$0	31\$0	33\$5	—	—
Junho	22\$0	22\$0	17\$6	18\$4	12\$8	18\$0	16\$0	17\$0	19\$0	22\$0	—	—	30\$0	33\$0	31\$0	33\$5	—	—
Julho	22\$0	22\$0	17\$6	18\$4	12\$0	16\$0	14\$0	22\$0	20\$0	25\$0	—	—	28\$0	33\$0	31\$0	33\$5	—	—
Agosto	20\$0	22\$0	17\$6	18\$4	12\$0	15\$2	17\$0	18\$0	22\$0	24\$0	—	—	28\$0	32\$5	32\$0	33\$5	—	—
Setembro	20\$0	20\$0	17\$6	18\$4	12\$0	14\$0	17\$0	18\$0	19\$0	24\$0	—	—	30\$0	32\$5	30\$5	33\$0	—	—
Outubro	20\$0	20\$0	17\$6	18\$4	12\$0	16\$0	17\$0	18\$0	18\$0	22\$0	—	—	29\$0	32\$0	30\$5	33\$5	—	—
Novembro	20\$0	24\$0	17\$6	28\$0	12\$0	26\$0	17\$0	18\$0	20\$0	24\$0	—	—	—	—	33\$0	42\$5	—	—
Dezembro	24\$0	32\$0	26\$0	35\$2	26\$0	34\$0	17\$0	28\$0	22\$0	28\$0	—	—	37\$0	46\$0	42\$0	54\$0	—	—
1 9 3 7																		
Janeiro	34\$0	40\$0	33\$2	36\$0	30\$0	34\$0	27\$0	30\$0	25\$0	33\$0	—	—	47\$0	52\$0	50\$0	54\$0	—	—
Fevereiro	36\$0	40\$0	33\$2	34\$0	30\$0	34\$0	27\$0	28\$0	28\$0	32\$0	—	—	48\$0	52\$0	51\$0	52\$0	—	—
Março	36\$0	36\$0	32\$0	33\$2	27\$2	34\$0	25\$0	33\$0	28\$0	30\$0	—	—	48\$0	51\$0	50\$0	51\$0	—	—
Abril	36\$0	36\$0	32\$0	33\$2	25\$2	35\$2	25\$0	28\$0	28\$0	31\$0	—	—	45\$0	51\$0	48\$0	51\$0	—	—

## 341 — COTAÇÕES DE AÇUCAR — 1934-1940

Mínimas e máximas em diversas praças brasileiras

## 13 — Bruto

A N O S E M E S E S	J. Pessoa		Recife		Maceió		Aracajú		S. Salvador		Campos		D. Federal		São Paulo		B. Horizonte		
	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	
Maio . . . . .	36\$0	36\$0	33\$2	33\$2	25\$5	32\$0	25\$0	25\$0	28\$0	31\$0	—	—	44\$0	47\$0	48\$0	49\$0	—	—	
Junho . . . . .	35\$0	36\$0	28\$0	32\$0	26\$0	32\$0	25\$0	26\$0	30\$0	38\$0	—	—	41\$0	47\$0	48\$0	51\$0	—	—	
Julho . . . . .	36\$0	38\$0	28\$0	32\$0	26\$0	32\$0	20\$0	25\$0	30\$0	42\$0	—	—	42\$0	50\$0	49\$0	52\$0	—	—	
Agosto . . . . .	38\$0	38\$0	28\$0	32\$0	21\$6	32\$0	20\$0	22\$0	32\$0	42\$0	—	—	42\$0	43\$0	47\$5	50\$0	—	—	
Setembro . . . . .	38\$0	41\$0	28\$0	32\$0	21\$6	28\$0	20\$0	20\$0	30\$0	36\$0	—	—	41\$0	43\$0	46\$0	48\$0	—	—	
Outubro . . . . .	34\$0	41\$0	23\$2	28\$8	16\$8	28\$0	17\$0	20\$0	28\$0	34\$0	—	—	41\$0	42\$0	45\$0	47\$0	—	—	
Novembro . . . . .	34\$0	36\$0	23\$2	28\$0	18\$0	23\$2	16\$0	22\$0	23\$0	28\$0	—	—	40\$0	41\$0	45\$0	49\$0	—	—	
Dezembro . . . . .	36\$0	38\$0	26\$0	30\$0	18\$4	23\$2	20\$0	25\$0	25\$0	32\$0	—	—	40\$0	42\$0	45\$0	49\$0	—	—	
1 9 3 8																			
Janeiro . . . . .	37\$0	38\$0	28\$0	30\$0	18\$0	26\$8	22\$0	24\$0	30\$0	38\$0	—	—	41\$5	42\$0	45\$0	46\$0	—	—	
Fevereiro . . . . .	35\$0	37\$0	25\$2	30\$0	18\$0	22\$4	20\$0	25\$0	30\$0	36\$0	—	—	41\$5	42\$0	44\$0	46\$0	—	—	
Março . . . . .	32\$0	35\$0	25\$2	26\$4	17\$6	22\$0	20\$0	22\$0	32\$0	37\$0	—	—	41\$5	42\$0	42\$0	45\$0	—	—	
Abril . . . . .	34\$0	35\$0	25\$2	26\$4	17\$6	24\$8	18\$0	21\$0	32\$0	40\$0	—	—	41\$5	42\$0	41\$0	43\$0	—	—	
Maio . . . . .	34\$0	34\$0	24\$0	26\$4	20\$0	26\$0	18\$0	20\$0	36\$0	40\$0	—	—	41\$5	43\$0	41\$0	46\$0	—	—	
Junho . . . . .	34\$0	34\$0	24\$0	26\$0	20\$0	26\$0	19\$0	20\$0	36\$0	40\$0	—	—	42\$5	43\$0	44\$0	46\$0	—	—	
Julho . . . . .	34\$0	34\$0	24\$0	26\$0	20\$8	26\$0	20\$0	20\$0	36\$0	40\$0	—	—	42\$5	48\$0	45\$0	51\$0	—	—	
Agosto . . . . .	30\$0	34\$0	24\$0	26\$0	18\$0	26\$0	20\$0	20\$0	25\$0	38\$0	—	—	48\$0	50\$0	50\$0	51\$0	—	—	
Setembro . . . . .	30\$0	30\$0	24\$0	30\$0	22\$0	26\$0	20\$0	20\$0	25\$0	25\$0	—	—	48\$5	50\$0	50\$0	51\$0	—	—	
Outubro . . . . .	27\$0	30\$0	20\$0	30\$0	20\$0	26\$0	15\$0	20\$0	22\$0	25\$0	—	—	40\$0	50\$0	40\$0	51\$0	—	—	
Novembro . . . . .	27\$0	27\$0	18\$0	22\$8	19\$6	24\$0	15\$0	17\$0	22\$0	22\$0	—	—	37\$0	39\$0	37\$0	40\$0	—	—	
Dezembro . . . . .	24\$0	27\$0	21\$6	24\$0	19\$6	24\$0	18\$0	20\$0	22\$0	22\$0	—	—	37\$0	39\$0	38\$0	39\$0	—	—	
1 9 3 9																			
Janeiro . . . . .	24\$0	26\$0	20\$0	22\$8	18\$0	23\$2	16\$0	16\$0	22\$0	22\$0	—	—	37\$0	39\$0	37\$0	39\$0	—	—	
Fevereiro . . . . .	24\$0	26\$0	20\$0	21\$2	18\$0	22\$0	16\$0	16\$0	22\$0	22\$0	—	—	37\$0	39\$0	35\$0	38\$0	—	—	
Março . . . . .	24\$0	26\$0	19\$2	20\$8	16\$8	22\$0	16\$0	18\$0	22\$0	22\$0	—	—	37\$0	39\$0	35\$0	36\$0	—	—	
Abril . . . . .	25\$0	26\$0	19\$2	20\$8	16\$0	20\$0	17\$0	18\$0	22\$0	30\$0	—	—	37\$0	38\$0	35\$0	37\$0	—	—	
Maio . . . . .	25\$0	27\$0	20\$0	20\$8	16\$0	19\$2	17\$0	18\$0	30\$0	30\$0	—	—	35\$0	38\$0	36\$0	42\$0	—	—	
Junho . . . . .	27\$0	27\$0	24\$0	26\$0	16\$0	26\$0	18\$0	18\$0	25\$0	30\$0	—	—	37\$0	39\$0	39\$5	42\$5	—	—	
Julho . . . . .	27\$0	27\$0	24\$0	26\$0	24\$0	26\$0	18\$0	18\$0	25\$0	25\$0	—	—	37\$0	42\$0	39\$0	41\$0	—	—	
Agosto . . . . .	27\$0	27\$0	24\$0	26\$0	16\$0	26\$0	18\$0	18\$0	25\$0	25\$0	—	—	40\$0	42\$0	39\$5	41\$0	—	—	
Setembro . . . . .	27\$0	27\$0	24\$0	26\$0	16\$0	26\$0	16\$0	18\$0	25\$0	25\$0	—	—	40\$0	42\$0	40\$0	41\$0	—	—	
Outubro . . . . .	27\$0	27\$0	22\$0	24\$0	24\$0	28\$0	16\$0	18\$0	25\$0	30\$0	—	—	37\$0	42\$0	40\$0	41\$5	—	—	
Novembro . . . . .	27\$0	27\$0	22\$0	24\$8	19\$2	28\$0	18\$0	18\$0	25\$0	30\$0	—	—	37\$0	39\$0	40\$5	41\$5	—	—	
Dezembro . . . . .	27\$0	27\$0	22\$0	24\$8	18\$8	23\$2	18\$0	18\$0	30\$0	34\$0	—	—	37\$0	39\$0	40\$0	41\$5	—	—	
1 9 4 0																			
Janeiro . . . . .	27\$0	27\$0	22\$0	24\$8	19\$2	23\$2	18\$0	18\$0	34\$0	39\$0	—	—	37\$0	39\$0	39\$5	40\$5	—	—	
Fevereiro . . . . .	27\$0	27\$0	22\$0	24\$8	19\$2	23\$2	18\$0	18\$0	39\$0	39\$0	—	—	37\$0	39\$0	40\$0	41\$0	—	—	
Março . . . . .	27\$0	27\$0	22\$0	24\$8	18\$8	22\$0	18\$0	18\$0	39\$0	39\$0	—	—	37\$0	39\$0	40\$0	41\$0	—	—	
Abril . . . . .	27\$0	27\$0	22\$0	24\$8	18\$8	22\$0	18\$0	18\$0	39\$0	39\$0	—	—	37\$0	39\$0	40\$0	41\$0	—	—	
Maio . . . . .	27\$0	27\$0	22\$0	24\$8	18\$8	22\$0	18\$0	18\$0	39\$0	39\$0	—	—	37\$0	39\$0	38\$0	41\$0	—	—	
Junho . . . . .	27\$0	27\$0	22\$0	24\$8	18\$8	22\$0	18\$0	18\$0	26\$0	39\$0	—	—	37\$0	39\$0	38\$0	39\$0	—	—	



## 341 — COTAÇÕES DE AÇUCAR — 1934-1940

## Medias mensais em diversas praças brasileiras

## 21 — Cristal branco

A N O S E M E S E S	J. Pessoa	Recife	Maceió	Aracaju	S. Salvad.	D. Federal	Campos	S. Paulo	P. Alegre	B. Horiz.
1 9 3 4										
Janeiro . . . . .	—	—	42\$000	—	42\$000	50\$500	—	—	54\$000	61\$000
Fevereiro . . . . .	45\$000	—	41\$000	—	48\$000	51\$000	—	53\$750	54\$000	61\$000
Março . . . . .	48\$500	—	41\$500	38\$000	48\$000	50\$500	—	56\$250	52\$500	60\$750
Abril . . . . .	50\$000	40\$000	42\$750	39\$000	—	50\$500	47\$700	52\$750	52\$000	60\$500
Maió . . . . .	51\$500	40\$000	43\$500	39\$500	47\$000	50\$500	46\$750	53\$750	51\$500	57\$750
Junho . . . . .	51\$500	40\$000	44\$500	39\$500	48\$000	50\$250	47\$000	54\$250	52\$000	55\$250
Julho . . . . .	51\$500	40\$000	47\$000	39\$000	50\$000	51\$000	44\$500	55\$250	52\$750	56\$000
Agosto . . . . .	51\$500	—	48\$500	39\$000	49\$000	51\$500	41\$500	54\$750	54\$000	56\$000
Setembro . . . . .	51\$000	—	44\$500	39\$000	41\$000	51\$500	41\$500	54\$750	55\$000	53\$750
Outubro . . . . .	51\$000	44\$400	41\$000	38\$500	40\$000	51\$500	41\$250	54\$250	53\$500	52\$500
Novembro . . . . .	50\$000	42\$450	41\$000	38\$000	40\$000	51\$500	42\$750	54\$250	53\$500	53\$500
Dezembro . . . . .	50\$500	40\$500	40\$500	37\$500	40\$000	50\$750	44\$000	53\$750	52\$250	53\$500
<b>M E D I A</b>	<b>50\$181</b>	<b>41\$050</b>	<b>43\$145</b>	<b>38\$700</b>	<b>44\$814</b>	<b>50\$916</b>	<b>44\$105</b>	<b>54\$340</b>	<b>53\$083</b>	<b>56\$791</b>
1 9 3 5										
Janeiro . . . . .	52\$000	40\$350	39\$500	37\$000	38\$500	50\$750	45\$500	51\$250	52\$500	53\$000
Fevereiro . . . . .	52\$500	39\$850	39\$500	37\$000	45\$000	50\$750	48\$000	52\$500	53\$000	53\$000
Março . . . . .	53\$000	39\$500	39\$250	36\$500	44\$000	50\$750	49\$500	53\$000	53\$000	53\$000
Abril . . . . .	51\$000	39\$500	39\$250	36\$500	43\$000	50\$750	49\$500	52\$750	53\$000	53\$000
Maió . . . . .	49\$500	39\$500	40\$500	36\$500	46\$500	50\$000	49\$000	52\$500	53\$500	53\$000
Junho . . . . .	51\$500	39\$500	43\$250	37\$000	50\$000	49\$750	46\$500	54\$750	54\$000	53\$000
Julho . . . . .	51\$500	39\$500	45\$000	37\$000	51\$000	50\$250	45\$000	54\$000	55\$000	53\$000
Agosto . . . . .	47\$500	39\$500	48\$000	48\$500	53\$500	50\$750	44\$750	53\$250	55\$000	53\$000
Setembro . . . . .	40\$000	39\$500	45\$000	50\$000	53\$500	50\$000	44\$250	53\$250	—	53\$000
Outubro . . . . .	37\$750	39\$500	39\$750	35\$000	44\$500	49\$250	43\$750	52\$250	52\$000	53\$500
Novembro . . . . .	36\$500	38\$250	38\$000	32\$000	39\$000	49\$000	43\$000	52\$250	52\$000	54\$000
Dezembro . . . . .	37\$500	38\$750	38\$750	33\$000	38\$000	48\$750	44\$250	53\$250	52\$000	54\$000
<b>M E D I A</b>	<b>46\$729</b>	<b>39\$433</b>	<b>41\$354</b>	<b>38\$000</b>	<b>45\$541</b>	<b>50\$062</b>	<b>45\$916</b>	<b>52\$916</b>	<b>53\$182</b>	<b>53\$208</b>
1 9 3 6										
Janeiro . . . . .	38\$250	37\$250	—	33\$000	40\$000	48\$250	41\$750	52\$250	52\$000	54\$000
Fevereiro . . . . .	38\$000	36\$500	37\$500	33\$000	42\$000	48\$000	42\$250	51\$250	52\$000	54\$000
Março . . . . .	39\$000	36\$750	38\$250	33\$500	43\$000	48\$500	43\$500	51\$250	53\$000	54\$000
Abril . . . . .	46\$500	37\$500	38\$750	34\$000	47\$000	49\$500	44\$250	51\$500	53\$000	54\$500
Maió . . . . .	46\$000	38\$500	41\$250	34\$500	50\$000	49\$750	44\$250	52\$250	54\$000	55\$750
Junho . . . . .	46\$000	39\$500	42\$750	35\$000	50\$000	49\$750	44\$500	54\$250	55\$000	56\$250
Julho . . . . .	46\$000	39\$000	42\$500	34\$500	48\$000	49\$250	43\$250	54\$000	55\$000	56\$250
Agosto . . . . .	45\$500	39\$000	41\$750	34\$000	46\$000	49\$000	42\$500	54\$500	55\$000	56\$250
Setembro . . . . .	42\$500	38\$500	40\$750	34\$000	43\$000	47\$000	42\$000	54\$000	53\$000	56\$750
Outubro . . . . .	40\$500	40\$250	40\$750	33\$000	39\$000	48\$000	42\$250	55\$000	55\$000	57\$250
Novembro . . . . .	43\$000	42\$500	42\$000	33\$500	43\$500	51\$000	45\$500	57\$250	57\$900	58\$500
Dezembro . . . . .	48\$000	49\$500	44\$500	45\$000	53\$000	58\$000	53\$750	67\$000	64\$750	63\$000
<b>M E D I A</b>	<b>43\$270</b>	<b>39\$562</b>	<b>40\$977</b>	<b>34\$750</b>	<b>45\$375</b>	<b>49\$666</b>	<b>44\$145</b>	<b>54\$541</b>	<b>54\$971</b>	<b>56\$875</b>



## 341 — COTAÇÕES DE AÇUCAR — 1934-1940

## Medias mensais em diversas praças brasileiras

## 21 — Cristal branco

A N O S E M E S E S	J. Pessoa	Recife	Maceió	Araçajú	S. Salvad.	D. Federal	Campos	S. Paulo	P. Alegre	B. Horiz.
<b>1 9 3 7</b>										
Janeiro	65\$000	57\$500	53\$500	53\$000	58\$000	67\$500	69\$000	73\$000	77\$000	73\$500
Fevereiro	67\$000	60\$000	61\$500	51\$000	56\$000	52\$800	72\$500	75\$000	77\$000	80\$000
Março	66\$000	60\$000	59\$000	49\$500	56\$000	52\$800	69\$000	74\$000	74\$300	75\$000
Abril	66\$000	60\$000	58\$000	45\$000	57\$000	47\$500	64\$500	74\$000	72\$500	71\$000
Maió	66\$000	60\$000	61\$500	47\$500	58\$000	47\$500	63\$500	75\$000	75\$000	72\$000
Junho	66\$000	57\$500	62\$000	47\$500	58\$000	47\$500	62\$000	73\$500	76\$000	72\$000
Julho	66\$000	55\$000	58\$653	45\$961	58\$000	63\$280	55\$923	69\$461	—	70\$461
Agosto	65\$000	53\$615	58\$153	38\$424	59\$692	60\$769	52\$076	66\$807	—	67\$000
Setembro	60\$920	49\$400	48\$800	39\$794	50\$236	59\$210	51\$940	66\$680	62\$000	63\$300
Outubro	49\$480	44\$840	45\$160	39\$255	43\$640	55\$920	48\$060	55\$900	60\$000	60\$520
Novembro	49\$545	44\$909	45\$500	38\$650	44\$090	55\$956	46\$409	62\$772	60\$500	60\$043
Dezembro	56\$640	46\$000	47\$240	40\$388	48\$000	58\$170	50\$509	63\$780	62\$500	62\$596
<b>M E D I A</b>	<b>61\$965</b>	<b>54\$063</b>	<b>54\$917</b>	<b>44\$664</b>	<b>53\$888</b>	<b>60\$115</b>	<b>58\$784</b>	<b>69\$158</b>	<b>69\$680</b>	<b>68\$951</b>
<b>1 9 3 8</b>										
Janeiro	57\$160	46\$000	46\$040	38\$272	46\$400	56\$927	49\$900	62\$500	60\$500	61\$500
Fevereiro	54\$956	46\$000	46\$000	36\$520	42\$916	56\$500	47\$250	62\$343	58\$000	60\$500
Março	50\$423	45\$576	43\$923	35\$888	42\$923	56\$230	45\$740	60\$865	57\$700	59\$000
Abril	50\$695	45\$000	43\$000	35\$571	42\$000	55\$500	45\$641	57\$404	56\$000	58\$739
Maió	50\$291	44\$175	43\$000	35\$400	42\$000	56\$980	46\$916	57\$239	56\$000	58\$000
Junho	51\$565	44\$000	43\$000	36\$638	42\$000	55\$826	47\$346	57\$125	58\$000	58\$500
Julho	52\$800	44\$000	43\$000	36\$958	42\$000	55\$437	47\$180	56\$740	—	59\$800
Agosto	48\$730	44\$000	43\$000	37\$000	42\$000	55\$250	47\$780	60\$236	—	60\$807
Setembro	44\$840	44\$000	43\$000	37\$000	42\$000	56\$300	47\$020	59\$520	—	61\$000
Outubro	41\$769	43\$538	43\$000	36\$256	41\$923	55\$730	46\$201	58\$759	57\$500	61\$000
Novembro	40\$500	43\$000	42\$363	35\$738	42\$227	54\$782	47\$227	58\$454	57\$000	61\$000
Dezembro	41\$888	43\$000	42\$000	37\$619	44\$000	55\$500	49\$055	59\$500	57\$000	62\$923
<b>M E D I A</b>	<b>48\$801</b>	<b>44\$357</b>	<b>43\$443</b>	<b>36\$571</b>	<b>42\$699</b>	<b>55\$913</b>	<b>47\$271</b>	<b>59\$223</b>	<b>57\$528</b>	<b>60\$232</b>
<b>1 9 3 9</b>										
Janeiro	44\$461	43\$000	42\$000	36\$500	44\$000	57\$854	55\$038	58\$740	56\$000	63\$960
Fevereiro	46\$000	43\$000	42\$000	37\$772	43\$727	58\$500	55\$500	58\$500	56\$000	65\$000
Março	47\$000	43\$011	42\$000	39\$269	50\$370	58\$055	55\$241	58\$981	57\$000	62\$593
Abril	47\$434	44\$137	42\$000	39\$847	56\$609	56\$500	53\$543	60\$500	57\$000	63\$217
Maió	48\$280	43\$500	42\$000	41\$500	56\$320	56\$500	52\$630	59\$925	58\$000	64\$000
Junho	49\$000	43\$500	42\$000	39\$778	50\$000	56\$500	51\$769	62\$200	60\$500	64\$000
Julho	50\$923	43\$500	43\$154	38\$500	50\$000	56\$500	50\$404	61\$058	63\$500	64\$000
Agosto	54\$000	43\$500	45\$111	38\$500	52\$222	N/	52\$722	63\$278	64\$000	65\$815
Setembro	54\$320	43\$500	47\$500	38\$500	54\$000	N/	52\$500	64\$330	62\$500	66\$000
Outubro	51\$077	44\$365	47\$000	42\$769	54\$000	N/	52\$962	63\$365	63\$500	66\$000
Novembro	50\$739	48\$000	47\$000	44\$500	54\$000	N/	53\$095	64\$591	63\$500	65\$795
Dezembro	51\$000	48\$000	47\$000	43\$220	54\$000	N/	53\$140	63\$660	63\$500	64\$080
<b>M E D I A</b>	<b>49\$519</b>	<b>44\$251</b>	<b>44\$064</b>	<b>40\$055</b>	<b>51\$604</b>	<b>57\$201</b>	<b>53\$212</b>	<b>61\$594</b>	<b>—</b>	<b>64\$538</b>
<b>1 9 4 0</b>										
Janeiro	51\$000	48\$000	47\$000	42\$500	54\$000	N/	53\$154	63\$780	63\$000	62\$115
Fevereiro	51\$000	48\$000	47\$000	41\$480	54\$000	N/	54\$952	64\$500	63\$500	66\$000
Março	51\$000	48\$000	47\$000	44\$500	54\$000	N/	57\$750	64\$500	63\$500	66\$000
Abril	51\$000	48\$000	47\$000	44\$500	54\$000	N/	56\$660	64\$500	63\$000	66\$000
Maió	49\$500	48\$000	47\$000	44\$500	54\$000	N/	55\$643	63\$833	63\$000	68\$500
Junho	49\$000	48\$000	47\$000	43\$808	54\$000	N/	53\$196	62\$011	62\$500	69\$000
<b>M E D I A</b>	<b>—</b>	<b>48\$000</b>	<b>47\$000</b>	<b>—</b>	<b>54\$000</b>	<b>N/</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>—</b>

## 341 — COTAÇÕES DE AÇUCAR — 1934-1940

## Medias mensais em diversas praças brasileiras

## 22 — Demerara

A N O S E M E S E S	J. Pessoa	Recife	Maceió	Aracajú	S. Salvador	D. Federal	Campos	São Paulo	B. Horizonte
1 9 3 4									
Janeiro.. . . . .	—	34\$500	36\$700	—	—	45\$000	—	—	59\$000
Fevereiro.. . . . .	—	32\$100	33\$842	—	—	45\$000	—	48\$987	59\$000
Março.. . . . .	—	28\$200	33\$626	—	—	45\$000	—	48\$250	58\$076
Abril.. . . . .	—	35\$750	36\$692	—	—	45\$350	—	47\$852	58\$000
Maió.. . . . .	—	35\$500	38\$152	—	—	44\$666	—	49\$702	56\$500
Junho.. . . . .	—	35\$500	38\$564	—	—	45\$131	—	51\$287	53\$500
Julho.. . . . .	—	35\$250	39\$608	—	—	N/	—	53\$477	54\$500
Agosto.. . . . .	—	34\$200	38\$796	—	—	N/	—	53\$638	54\$500
Setembro.. . . . .	—	34\$200	37\$000	—	—	N/	—	53\$395	51\$729
Outubro.. . . . .	—	34\$500	34\$433	—	—	N/	—	52\$750	44\$996
Novembro.. . . . .	—	33\$000	33\$896	—	—	47\$500	—	51\$447	45\$000
Dezembro.. . . . .	—	32\$400	33\$075	—	—	47\$500	—	49\$510	45\$000
<b>M E D I A</b>	—	<b>33\$758</b>	<b>36\$198</b>	—	—	<b>45\$643</b>	—	<b>50\$935</b>	<b>53\$316</b>
1 9 3 5									
Janeiro.. . . . .	—	32\$400	33\$273	—	—	47\$855	—	47\$125	45\$000
Fevereiro.. . . . .	—	32\$400	33\$024	—	—	47\$750	—	49\$552	45\$000
Março.. . . . .	—	32\$400	33\$076	—	—	47\$750	—	48\$979	45\$000
Abril.. . . . .	—	32\$400	33\$466	—	—	47\$750	—	50\$510	45\$000
Maió.. . . . .	—	32\$400	32\$620	—	—	47\$769	—	50\$820	45\$000
Junho.. . . . .	—	32\$400	34\$460	—	—	47\$770	—	53\$059	45\$000
Julho.. . . . .	—	32\$400	35\$750	—	—	47\$500	—	53\$593	45\$000
Agosto.. . . . .	—	32\$400	36\$833	—	—	47\$193	—	53\$480	45\$000
Setembro.. . . . .	—	32\$400	37\$378	—	—	46\$511	—	51\$500	45\$000
Outubro.. . . . .	—	32\$400	31\$846	—	—	45\$574	—	50\$461	45\$000
Novembro.. . . . .	—	26\$400	31\$537	—	—	45\$083	—	48\$583	45\$000
Dezembro.. . . . .	—	26\$400	31\$400	—	—	43\$910	—	48\$500	45\$000
<b>M E D I A</b>	—	<b>31\$400</b>	<b>33\$721</b>	—	—	<b>46\$861</b>	—	<b>50\$513</b>	<b>45\$000</b>
1 9 3 6									
Janeiro.. . . . .	—	27\$300	N/	—	—	42\$750	—	48\$230	45\$000
Fevereiro.. . . . .	—	28\$200	33\$407	—	—	N/	—	47\$184	45\$000
Março.. . . . .	—	30\$000	33\$637	—	—	N/	—	48\$355	45\$000
Abril.. . . . .	—	31\$800	33\$483	—	—	N/	—	49\$261	45\$000
Maió.. . . . .	—	32\$100	34\$200	—	—	N/	—	49\$500	45\$000
Junho.. . . . .	—	32\$100	34\$200	—	—	N/	—	51\$010	45\$135
Julho.. . . . .	—	32\$400	34\$200	—	—	N/	—	50\$640	45\$250
Agosto.. . . . .	—	34\$200	34\$112	—	—	N/	—	50\$384	45\$250
Setembro.. . . . .	—	34\$200	36\$500	—	—	N/	—	50\$250	45\$250
Outubro.. . . . .	—	34\$200	36\$500	—	—	N/	—	50\$250	45\$250
Novembro.. . . . .	—	36\$100	36\$541	—	—	N/	—	52\$187	45\$250
Dezembro.. . . . .	—	41\$500	38\$240	—	—	53\$218	—	50\$385	45\$255
<b>M E D I A</b>	—	<b>32\$866</b>	<b>35\$001</b>	—	—	<b>47\$984</b>	—	<b>50\$469</b>	<b>45\$136</b>

## 341 — COTAÇÕES DE AÇUCAR — 1934-1940

## Medias mensais em diversas praças brasileiras

## 22 — Demerara

A N O S E M E S E S	J. Pessoa	Recife	Maceió	Aracajú	S. Salvador	D. Federal	Campos	São Paulo	B. Horizonte
1 9 3 7									
Janeiro.. . . . .	—	45\$000	44\$840	—	—	59\$020	—	—	48\$750
Fevereiro.. . . . .	—	45\$000	51\$095	—	—	61\$454	—	—	—
Março.. . . . .	—	45\$000	48\$946	—	—	60\$000	—	—	—
Abril.. . . . .	—	45\$000	47\$240	—	—	59\$653	—	—	—
Maió.. . . . .	—	45\$000	48\$958	—	—	60\$000	—	—	—
Junho.. . . . .	—	45\$000	49\$000	—	—	N/	—	—	—
Julho.. . . . .	—	45\$000	49\$769	—	—	N/	—	—	—
Agosto.. . . . .	—	44\$692	46\$153	—	—	N/	—	—	—
Setembro.. . . . .	—	41\$360	38\$580	—	—	N/	—	—	—
Outubro.. . . . .	—	36\$800	36\$560	—	—	N/	—	—	—
Novembro.. . . . .	—	36\$000	37\$595	—	—	N/	—	—	—
Dezembro.. . . . .	—	36\$000	39\$480	—	—	N/	—	—	—
<b>M E D I A</b>	—	<b>42\$487</b>	<b>44\$851</b>	—	—	<b>60\$025</b>	—	—	<b>48\$750</b>
1 9 3 8									
Janeiro.. . . . .	—	36\$000	36\$960	—	—	53\$750	—	—	—
Fevereiro.. . . . .	—	36\$000	36\$000	—	—	53\$510	—	—	—
Março.. . . . .	—	35\$307	36\$153	—	—	53\$500	—	—	—
Abril.. . . . .	—	35\$000	37\$000	—	—	53\$500	—	—	—
Maió.. . . . .	—	35\$000	37\$000	—	—	N/	—	—	—
Junho.. . . . .	—	35\$000	36\$869	—	—	N/	—	—	—
Julho.. . . . .	—	35\$000	36\$160	—	—	N/	—	—	—
Agosto.. . . . .	—	35\$000	36\$653	—	—	N/	—	—	—
Setembro.. . . . .	—	35\$000	36\$791	—	—	N/	—	—	—
Outubro.. . . . .	—	35\$000	36\$000	—	—	52\$000	—	—	—
Novembro.. . . . .	—	34\$263	36\$000	—	—	52\$000	—	—	—
Dezembro.. . . . .	—	33\$200	36\$000	—	—	N/	—	—	—
<b>M E D I A</b>	—	<b>34\$980</b>	<b>36\$465</b>	—	—	<b>53\$043</b>	—	—	—
1 9 3 9									
Janeiro.. . . . .	—	33\$200	36\$000	—	—	52\$590	—	—	—
Fevereiro.. . . . .	—	33\$200	36\$000	—	—	53\$000	—	—	—
Março.. . . . .	—	33\$200	36\$000	—	—	51\$889	—	—	—
Abril.. . . . .	—	34\$636	36\$000	—	—	50\$000	—	—	—
Maió.. . . . .	—	35\$200	36\$000	—	—	50\$940	—	—	—
Junho.. . . . .	—	35\$200	36\$000	—	—	51\$500	—	—	—
Julho.. . . . .	—	35\$200	37\$038	—	—	51\$000	—	—	—
Agosto.. . . . .	—	37\$200	38\$148	—	—	52\$611	—	—	—
Setembro.. . . . .	—	37\$200	41\$000	—	—	53\$500	—	—	—
Outubro.. . . . .	—	37\$200	40\$000	—	—	52\$808	—	—	—
Novembro.. . . . .	—	37\$200	40\$000	—	—	50\$500	—	—	—
Dezembro.. . . . .	—	37\$200	40\$800	—	—	50\$500	—	—	—
<b>M E D I A</b>	—	<b>35\$486</b>	<b>37\$749</b>	—	—	<b>51\$736</b>	—	—	—
1 9 4 0									
Janeiro.. . . . .	—	37\$200	41\$000	—	—	50\$500	—	—	—
Fevereiro.. . . . .	—	37\$200	41\$000	—	—	50\$500	—	—	—
Março.. . . . .	—	37\$200	41\$000	—	—	50\$500	—	—	—
Abril.. . . . .	—	37\$200	41\$000	—	—	50\$500	—	—	—
Maió.. . . . .	—	37\$200	41\$000	—	—	50\$500	—	—	—
Junho.. . . . .	—	37\$200	41\$000	—	—	50\$500	—	—	—
<b>M E D I A</b>	—	<b>37\$200</b>	<b>41\$000</b>	—	—	<b>50\$500</b>	—	—	—



## 341 — COTAÇÕES DE AÇUCAR — 1934-1940

## Medias mensais em diversas praças brasileiras

## 23 — Bruto

ANOS E MESES	J. Pessoa	Recife	Maceió	Aracajú	S. Salvador	D. Federal	Campos	São Paulo	B. Horizonte
<b>1 9 3 4</b>									
Janeiro . . . . .	30\$000	—	—	19\$700	22\$500	34\$000	—	35\$250	—
Fevereiro . . . . .	29\$900	29\$040	18\$762	19\$700	23\$500	35\$000	—	35\$250	—
Março . . . . .	29\$950	26\$146	18\$650	19\$700	23\$500	35\$000	—	36\$500	—
Abril . . . . .	33\$000	25\$275	24\$553	19\$700	—	35\$000	—	40\$750	—
Maió . . . . .	33\$000	25\$400	26\$495	19\$700	—	37\$444	—	45\$750	—
Junho . . . . .	33\$250	—	26\$808	19\$700	25\$500	41\$346	—	48\$750	—
Julho . . . . .	33\$450	—	30\$958	19\$700	26\$500	45\$166	—	50\$750	—
Agosto . . . . .	34\$500	—	33\$104	19\$700	26\$500	45\$740	—	49\$000	—
Setembro . . . . .	28\$400	25\$600	30\$817	19\$700	21\$000	43\$500	—	40\$000	—
Outubro . . . . .	27\$500	20\$853	19\$130	19\$700	21\$000	39\$625	—	37\$000	—
Novembro . . . . .	29\$900	23\$869	20\$681	19\$700	21\$000	37\$402	—	37\$500	—
Dezembro . . . . .	28\$000	25\$320	22\$163	19\$700	21\$000	37\$770	—	—	—
<b>M E D I A</b>	<b>30\$829</b>	<b>25\$187</b>	<b>24\$738</b>	<b>19\$700</b>	<b>23\$200</b>	<b>38\$916</b>	<b>—</b>	<b>41\$012</b>	<b>—</b>
<b>1 9 3 5</b>									
Janeiro . . . . .	33\$000	26\$184	24\$384	23\$700	21\$000	39\$538	—	40\$500	—
Fevereiro . . . . .	33\$000	27\$600	23\$846	23\$700	23\$444	42\$291	—	41\$750	—
Março . . . . .	34\$000	—	24\$572	23\$700	21\$521	41\$750	—	—	—
Abril . . . . .	34\$000	—	24\$286	23\$700	20\$160	41\$500	—	—	—
Maió . . . . .	34\$000	29\$600	23\$860	24\$588	20\$246	41\$682	—	—	—
Junho . . . . .	34\$000	31\$600	25\$342	25\$300	25\$095	43\$333	—	43\$900	—
Julho . . . . .	37\$160	—	23\$538	25\$300	22\$100	43\$500	—	40\$070	—
Agosto . . . . .	35\$240	—	21\$592	25\$300	22\$381	42\$388	—	36\$500	—
Setembro . . . . .	29\$875	20\$560	16\$574	25\$533	22\$666	39\$543	—	35\$269	—
Outubro . . . . .	24\$148	19\$024	15\$803	—	20\$555	34\$990	—	32\$937	—
Novembro . . . . .	20\$083	17\$600	15\$117	18\$000	18\$875	32\$500	—	33\$250	—
Dezembro . . . . .	20\$000	17\$956	15\$400	18\$000	19\$000	32\$200	—	—	—
<b>M E D I A</b>	<b>30\$708</b>	<b>23\$765</b>	<b>21\$192</b>	<b>23\$347</b>	<b>21\$170</b>	<b>39\$601</b>	<b>—</b>	<b>38\$408</b>	<b>—</b>
<b>1 9 3 6</b>									
Janeiro . . . . .	22\$884	17\$776	14\$846	18\$000	19\$653	32\$220	—	32\$380	—
Fevereiro . . . . .	21\$608	16\$930	13\$904	18\$000	20\$933	32\$000	—	31\$967	—
Março . . . . .	19\$769	17\$475	15\$224	16\$530	21\$307	31\$519	—	32\$826	—
Abril . . . . .	20\$000	16\$452	15\$130	16\$500	22\$000	31\$500	—	31\$409	—
Maió . . . . .	21\$760	17\$112	11\$488	16\$500	21\$400	31\$820	—	31\$410	—
Junho . . . . .	22\$000	18\$000	15\$168	16\$500	20\$760	31\$807	—	32\$490	—
Julho . . . . .	22\$000	18\$000	13\$744	18\$829	22\$125	30\$410	—	31\$830	—
Agosto . . . . .	20\$923	18\$000	13\$514	17\$500	23\$000	30\$250	—	33\$000	—
Setembro . . . . .	20\$000	18\$000	13\$032	17\$500	20\$820	30\$860	—	31\$550	—
Outubro . . . . .	20\$000	18\$000	13\$872	17\$500	19\$320	29\$500	—	31\$970	—
Novembro . . . . .	21\$916	21\$191	17\$320	17\$500	22\$416	N/	—	36\$541	—
Dezembro . . . . .	27\$360	32\$758	28\$613	18\$755	23\$360	42\$131	—	47\$854	—
<b>M E D I A</b>	<b>21\$685</b>	<b>19\$141</b>	<b>15\$487</b>	<b>17\$467</b>	<b>21\$424</b>	<b>32\$183</b>	<b>—</b>	<b>33\$768</b>	<b>—</b>



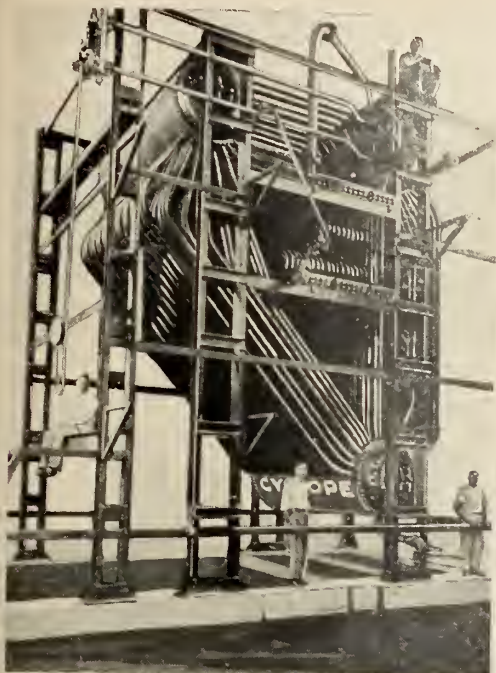
## 341 — COTAÇÕES DE AÇUCAR — 1934-1940

## Medias mensais em diversas praças brasileiras

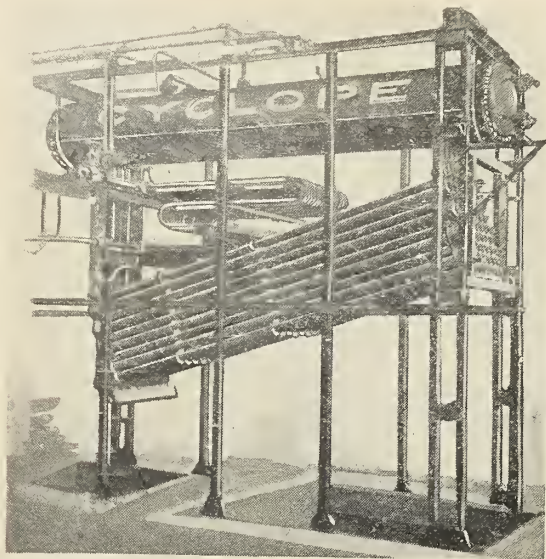
## 23 — Bruto

A N O S E M E S E S	J. Pessoa	Recife	Macció	Aracajú	S. Salvador	D. Federal	Campos	São Paulo	B. Horizonte
1 9 3 7									
Janeiro . . . . .	37\$680	35\$008	31\$153	28\$960	29\$640	49\$979	—	52\$060	—
Fevereiro . . . . .	37\$363	33\$600	32\$857	27\$636	30\$181	50\$071	—	51\$500	—
Março . . . . .	36\$000	32\$553	29\$500	30\$040	29\$000	49\$500	—	50\$500	—
Abril . . . . .	36\$000	33\$152	28\$945	25\$120	22\$020	46\$140	—	50\$260	—
Maió . . . . .	36\$000	33\$200	28\$175	25\$000	29\$717	45\$729	—	48\$500	—
Junho . . . . .	36\$000	30\$458	29\$368	25\$111	31\$916	45\$460	—	50\$020	—
Julho . . . . .	36\$307	30\$000	29\$653	23\$388	37\$042	44\$940	—	50\$576	—
Agosto . . . . .	38\$000	30\$000	28\$782	20\$666	37\$576	42\$500	—	48\$663	—
Setembro . . . . .	39\$080	30\$000	25\$197	20\$000	33\$000	41\$580	—	47\$050	—
Outubro . . . . .	35\$800	26\$336	21\$852	18\$941	30\$560	41\$409	—	46\$050	—
Novembro . . . . .	34\$727	25\$036	20\$912	18\$578	25\$022	40\$821	—	46\$363	—
Dezembro . . . . .	37\$440	28\$992	21\$158	22\$764	29\$200	41\$150	—	46\$780	—
<b>M E D I A</b>	<b>36\$699</b>	<b>30\$694</b>	<b>27\$296</b>	<b>23\$850</b>	<b>30\$989</b>	<b>44\$939</b>	—	<b>49\$026</b>	—
1 9 3 8									
Janeiro . . . . .	37\$400	29\$000	22\$283	22\$424	34\$260	41\$750	—	45\$500	—
Fevereiro . . . . .	35\$956	26\$991	20\$060	21\$902	33\$565	41\$750	—	45\$375	—
Março . . . . .	32\$846	25\$800	19\$923	21\$139	34\$307	41\$750	—	44\$000	—
Abril . . . . .	34\$652	25\$800	21\$478	19\$406	36\$347	41\$750	—	41\$928	—
Maió . . . . .	34\$000	25\$452	22\$886	19\$382	38\$000	42\$510	—	43\$833	—
Junho . . . . .	34\$000	24\$982	23\$286	19\$827	38\$000	42\$750	—	45\$208	—
Julho . . . . .	34\$000	25\$000	23\$808	20\$000	37\$240	43\$812	—	49\$180	—
Agosto . . . . .	32\$923	25\$000	23\$807	20\$000	31\$911	49\$000	—	50\$500	—
Setembro . . . . .	30\$000	26\$600	24\$033	20\$000	25\$000	49\$000	—	50\$500	—
Outubro . . . . .	28\$115	24\$630	22\$107	18\$025	24\$884	44\$653	—	52\$307	—
Novembro . . . . .	27\$000	20\$818	21\$872	16\$448	22\$000	37\$630	—	38\$227	—
Dezembro . . . . .	24\$777	22\$915	21\$276	19\$000	22\$000	38\$240	—	38\$500	—
<b>M E D I A</b>	<b>32\$139</b>	<b>25\$249</b>	<b>22\$234</b>	<b>19\$796</b>	<b>31\$459</b>	<b>42\$882</b>	—	<b>45\$421</b>	—
1 9 3 9									
Janeiro . . . . .	21\$730	20\$930	20\$692	16\$000	22\$000	38\$440	—	37\$740	—
Fevereiro . . . . .	24\$545	20\$400	20\$000	16\$000	22\$000	38\$071	—	36\$600	—
Março . . . . .	24\$370	21\$000	20\$104	17\$312	22\$000	37\$574	—	35\$500	—
Abril . . . . .	25\$086	19\$745	18\$181	17\$500	28\$609	37\$500	—	36\$500	—
Maió . . . . .	26\$200	20\$400	17\$568	17\$500	30\$000	36\$800	—	37\$620	—
Junho . . . . .	27\$000	24\$342	19\$675	17\$774	28\$542	37\$538	—	40\$760	—
Julho . . . . .	27\$000	25\$000	25\$000	18\$000	25\$000	39\$461	—	40\$192	—
Agosto . . . . .	27\$000	25\$000	19\$889	18\$000	25\$000	41\$000	—	40\$500	—
Setembro . . . . .	27\$000	25\$000	21\$040	17\$679	25\$000	41\$000	—	40\$500	—
Outubro . . . . .	27\$000	23\$400	25\$885	16\$733	25\$577	40\$308	—	40\$519	—
Novembro . . . . .	27\$000	23\$400	26\$243	18\$000	29\$524	38\$000	—	41\$000	—
Dezembro . . . . .	27\$000	23\$520	21\$160	18\$000	33\$120	38\$000	—	40\$720	—
<b>M E D I A</b>	<b>26\$161</b>	<b>22\$678</b>	<b>21\$286</b>	<b>17\$374</b>	<b>26\$364</b>	<b>38\$641</b>	—	<b>39\$013</b>	—
1 9 4 0									
Janeiro . . . . .	27\$000	23\$400	21\$200	18\$000	37\$960	38\$000	—	40\$240	—
Fevereiro . . . . .	27\$000	23\$400	21\$200	18\$000	39\$000	38\$000	—	40\$500	—
Março . . . . .	27\$000	23\$400	20\$400	18\$000	39\$000	38\$000	—	40\$500	—
Abril . . . . .	27\$000	23\$400	20\$400	18\$000	39\$000	38\$000	—	40\$500	—
Maió . . . . .	27\$000	23\$400	20\$400	18\$000	39\$000	38\$000	—	40\$417	—
Junho . . . . .	27\$000	23\$400	20\$400	18\$000	33\$348	38\$000	—	38\$500	—
<b>M E D I A</b>	<b>27\$000</b>	<b>23\$400</b>		<b>18\$000</b>		<b>38\$000</b>	—		—

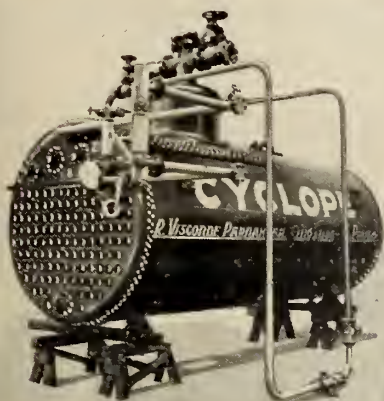




CALDEIRA AQUITUBULAR COM TUBOS VERTICAES



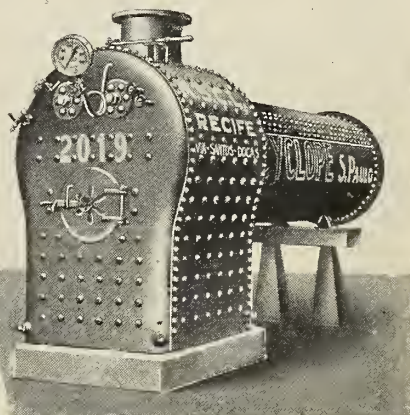
CALDEIRA AQUITUBULAR COM CAMARAS SECCIONAES



CALDEIRA MULTITUBULAR



CALDEIRA MARITIMA



CALDEIRA LOCOMOTIVA

**CALDEIRAS**

**A VAPOR**

**CYCLOPE**

INDUSTRIA NACIONAL • SIMILARES ÀS ESTRANGEIRAS  
 CIRCULAR Nº17 DO MINISTERIO DA FAZENDA (biario Official da União de 12-5-939)

# Sociedade Anônima Magalhães

CASA FUNDADA EM 1891

Estivas em geral — Comissões, Consignações e Conta Propria

## SEÇÃO BANCARIA

MATRIZ:

**BAÍA** (Brasil)  
Caixa Postal n. 14  
End. Tel. DOURO

**RIO DE JANEIRO**  
Caixa Postal n. 795  
End. Tel. RIO DOURO

FILIAIS:

**RECIFE**  
Caixa Postal n. 19  
End. Tel. RECIDOURO

Agencias nas principais praças do país e do estrangeiro

**EXPORTADORES** de açúcar, alcool e aguardente.

**IMPORTADORES** de xarque, bacalháu, grampos, clorato, cimento, soda, enxofre, arame farpado e liso, grampos, clorato e nitrato de potassio, rosalgar, carbureto, cervejas, guaraná sisi, zarcão, fósforos, telhas de zinco, sulfureto de antimonio, facões, enxadas, foices, estrovengas, sabão, salitre do Chile, sacos para café, cacáu, mamona, etc., etc.

**REPRESENTANTES** de Bancos, Casas Bancarias e Companhias da Equitativa, Terrestres, Acidentes e Transportes; da Soc. Mecânica para a Industria e Lavoura Ltda.; da Blair Limited; da The Gregg Co. Ltd.; da Corporation de Ventas de Salitre y Yodo de Chile.

**REPRESENTANTES E DEPOSITARIOS** exclusivos dos lubrificantes da Socony Vacuum Oil Co. Inc. e de gasolina e querosene da Atlantic Refining Co. of Brazil.

**DISTRIBUIDORES** dos vinhos "Unico", de Lourenço, Horacio Monaco & Cia. Ltda.; da Manteiga "Mundonovense" e Caseina de Jorge Caraoglan.

**GERENTES** da Cia. Salinas da Margarida; da Cia. de Armazenagens e Transporte S. A.; e da Cia. Luz e Força, com importantes instalações Diesel e hidro-elétricas, em Ilhéus e Itabuna.

**AGENTES** das Empresas Marítimas Loyd Nacional S. A., Cia. Comercio e Navegação e Cia. Carbonifera Riograndense; da Cia. Agrícola e Industrial Magalhães, tecidos; da S. A. Frigorífico Anglo, xarque e outros produtos; da S. A. White Martins, oxigenio.

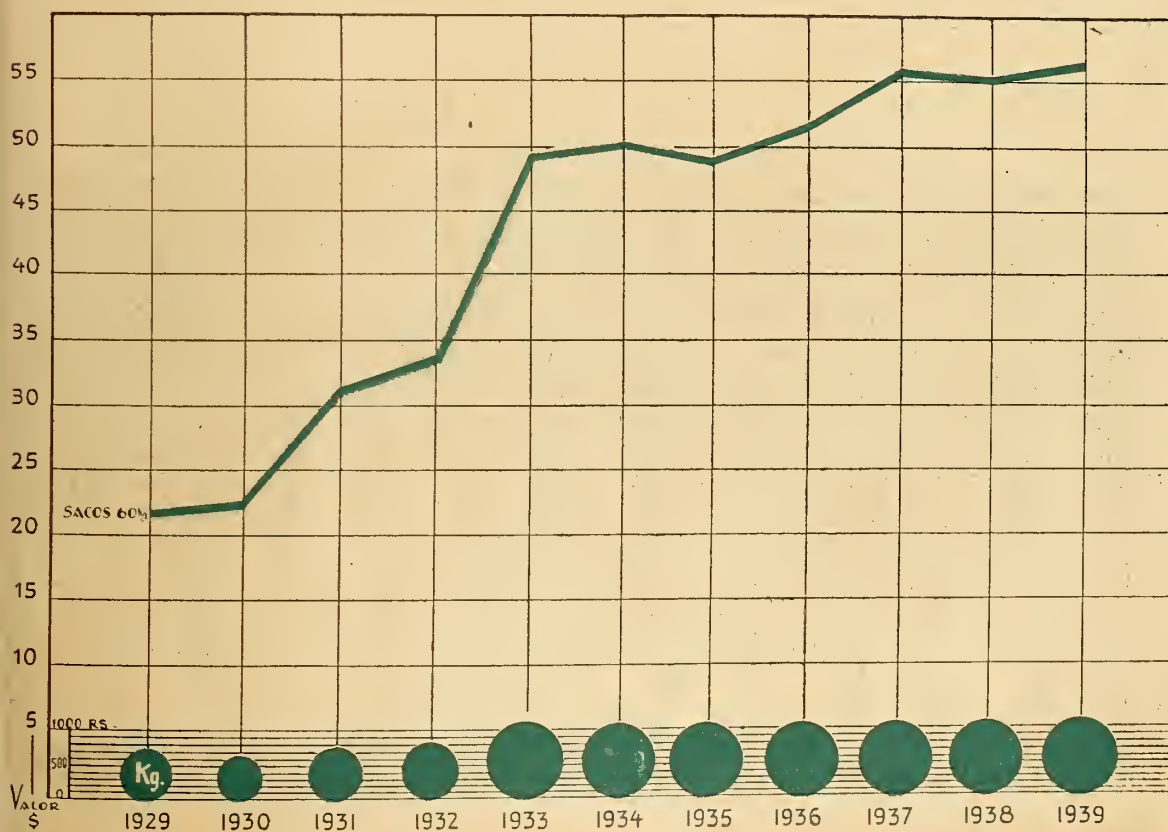


## 341 — COTAÇÕES DE AÇUCAR

## 3 — Indice de aumento para o produtor e para o consumidor

A N O S	COTAÇÃO DO AÇUCAR CRISTAL NA PRAÇA DO DISTRITO FEDERAL		PREÇO DE AQUISIÇÃO PARA O CONSUMIDOR (Açúcar branco, refinado, 1ª qualidade)	
	Por sacos de 60 quilos	Indice aumento s/ 1929	Por quilo	Indice aumento s/ 1929
1 9 2 9 . . . . .	23\$000	—	\$800	—
1 9 3 0 . . . . .	24\$000	4 %	\$700	0 %
1 9 3 1 . . . . .	32\$000	39 %	\$800	0 %
1 9 3 2 . . . . .	37\$000	60 %	\$880	10 %
1 9 3 3 . . . . .	49\$000	113 %	1\$100	37 %
1 9 3 4 . . . . .	50\$000	117 %	1\$100	37 %
1 9 3 5 . . . . .	48\$000	109 %	1\$100	37 %
1 9 3 6 . . . . .	53\$000	130 %	1\$100	37 %
1 9 3 7 . . . . .	56\$500	146 %	1\$100	37 %
1 9 3 8 . . . . .	55\$000	139 %	1\$100	37 %
1 9 3 9 . . . . .	56\$979	148 %	1\$100	37 %

NOTA: — A base tomada para os cálculos foi o mês de dezembro.



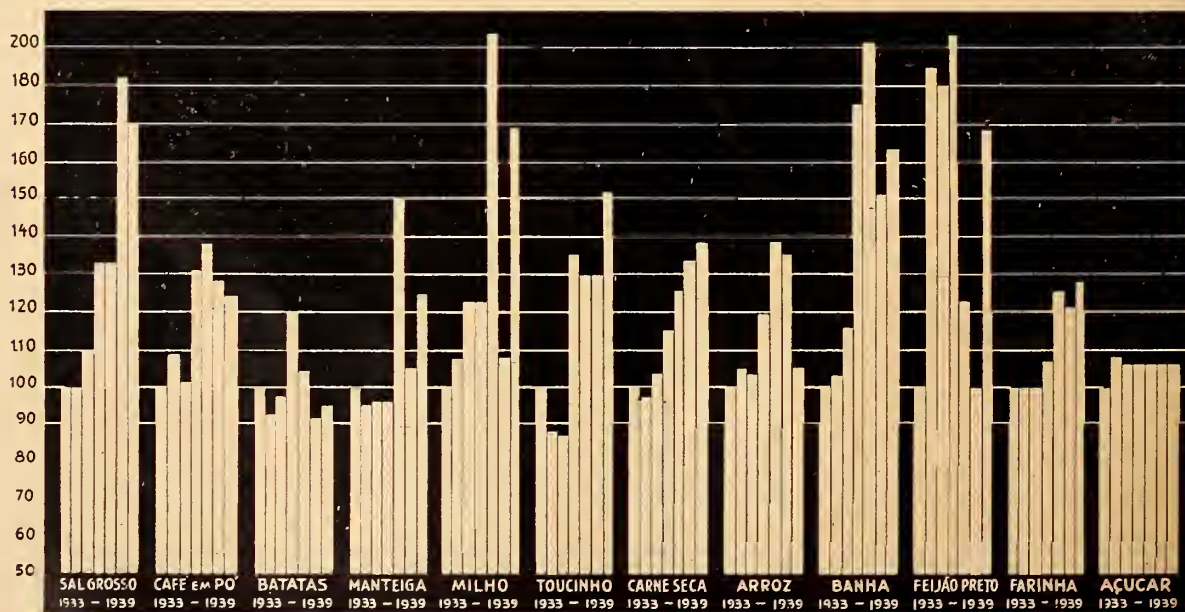


## 341 — COTAÇÕES DE AÇUCAR

## 4 — Comparação do preço do açúcar com o de outros gêneros alimentícios no Distrito Federal — 1933-1939

Base 1933 = 100

G E N E R O S	N U M E R O S I N D I C E S						
	1 9 3 3	1 9 3 4	1 9 3 5	1 9 3 6	1 9 3 7	1 9 3 8	1 9 3 9
Sal grosso.. . . . .	100	100	110	133	133	183	170
Café em pó.. . . . .	100	109	102	131	138	128	124
Batatas.. . . . .	100	93	97	120	105	92	95
Manteiga.. . . . .	100	95	96	96	150	106	125
Milho.. . . . .	100	108	123	123	194	108	169
Toucinho.. . . . .	100	88	87	136	130	130	152
Carne seca.. . . . .	100	97	104	116	126	134	139
Arroz.. . . . .	100	106	104	119	139	136	106
Banha.. . . . .	100	104	117	175	191	151	164
Feijão preto.. . . . .	100	185	180	194	124	100	168
Farinha.. . . . .	100	100	100	107	126	121	128
Açúcar.. . . . .	100	108	106	106	106	106	106



## 342 — COTAÇÕES DE ALCOOL — 1934-1939

## 1 — Medias mensais, por litro, no Distrito Federal

1 9 3 4	ALCOOL BRUTO Acima de 74° a 94,5°	ALCOOL RETIFICADO De 95° a 97,5°	ALCOOL ANIDRO Acima de 99,5°
Janeiro.....	\$917	\$938	\$850
Fevereiro.....	\$896	\$938	\$850
Março.....	\$917	\$959	\$850
Abril.....	\$927	\$969	\$850
Maió.....	\$948	\$990	\$850
Junho.....	—	—	—
Julho.....	—	—	\$850
Agosto.....	\$927	\$969	\$850
Setembro.....	\$896	\$938	\$850
Outubro.....	\$875	\$917	\$850
Novembro.....	\$823	\$865	\$850
Dezembro.....	\$802	\$844	\$850
<b>M E D I A</b> .....	<b>\$893</b>	<b>\$933</b>	<b>\$850</b>
1 9 3 5			
Janeiro.....	\$833	\$875	\$850
Fevereiro.....	\$917	\$958	\$850
Março.....	\$917	1\$000	\$850
Abril.....	1\$042	1\$083	\$850
Maió.....	1\$292	1\$333	\$850
Junho.....	1\$313	1\$354	\$850
Julho.....	1\$290	1\$340	\$850
Agosto.....	1\$290	1\$340	\$850
Setembro.....	1\$250	1\$300	\$850
Outubro.....	\$920	\$958	\$850
Novembro.....	\$920	\$958	\$850
Dezembro.....	\$920	\$958	\$850
<b>M E D I A</b> .....	<b>1\$106</b>	<b>1\$153</b>	<b>\$850</b>
1 9 3 6			
Janeiro.....	\$920	\$958	\$850
Fevereiro.....	1\$170	1\$200	\$850
Março.....	1\$040	1\$080	\$850
Abril.....	\$980	1\$000	\$850
Maió.....	1\$000	1\$040	\$850
Junho.....	1\$000	1\$040	\$850
Julho.....	1\$020	1\$062	\$850
Agosto.....	1\$020	1\$062	\$850
Setembro.....	1\$040	1\$080	\$850
Outubro.....	1\$040	1\$080	\$850
Novembro.....	1\$080	1\$120	\$850
Dezembro.....	1\$160	1\$200	\$850
<b>M E D I A</b> .....	<b>1\$039</b>	<b>1\$076</b>	<b>\$850</b>

## 342 — COTAÇÕES DE ALCOOL — 1934-1939

## 1 — Medias mensais, por litro, no Distrito Federal

1 9 3 7	ALCOOL BRUTO Acima de 74° a 94,5°	ALCOOL RETIFICADO De 95° a 97,5°	ALCOOL ANIDRO Acima de 99,5°
Janeiro . . . . .	1\$410	1\$460	\$850
Fevereiro . . . . .	1\$550	1\$590	\$850
Março . . . . .	1\$430	1\$480	\$850
Abril . . . . .	1\$350	1\$370	\$850
Maió . . . . .	1\$180	1\$220	\$850
Junho . . . . .	1\$180	1\$220	\$850
Julho . . . . .	1\$180	1\$220	\$850
Agosto . . . . .	1\$120	1\$160	\$850
Setembro . . . . .	1\$120	1\$150	\$850
Outubro . . . . .	1\$080	1\$200	\$850
Novembro . . . . .	1\$080	1\$200	\$850
Dezembro . . . . .	1\$080	1\$200	\$850
<b>M E D I A . . . . .</b>	<b>1\$230</b>	<b>1\$289</b>	<b>\$850</b>
1 9 3 8			
Janeiro . . . . .	1\$260	1\$300	\$850
Fevereiro . . . . .	1\$260	1\$300	\$850
Março . . . . .	1\$290	1\$320	\$850
Abril . . . . .	1\$290	1\$320	\$850
Maió . . . . .	1\$290	1\$320	\$850
Junho . . . . .	1\$280	1\$310	\$850
Julho . . . . .	1\$280	1\$310	\$850
Agosto . . . . .	1\$280	1\$310	\$850
Setembro . . . . .	1\$250	1\$270	\$850
Outubro . . . . .	1\$250	1\$270	\$850
Novembro . . . . .	1\$250	1\$270	\$850
Dezembro . . . . .	1\$250	1\$270	\$850
<b>M E D I A . . . . .</b>	<b>1\$269</b>	<b>1\$297</b>	<b>\$850</b>
1 9 3 9			
Janeiro . . . . .	1\$160	1\$180	\$850
Fevereiro . . . . .	1\$160	1\$180	\$850
Março . . . . .	1\$160	1\$180	\$850
Abril . . . . .	1\$160	1\$180	\$850
Maió . . . . .	1\$160	1\$180	\$850
Junho . . . . .	1\$160	1\$180	\$850
Julho . . . . .	1\$160	1\$180	\$850
Agosto . . . . .	1\$180	1\$200	\$850
Setembro . . . . .	1\$340	1\$400	\$850
Outubro . . . . .	1\$340	1\$400	\$850
Novembro . . . . .	1\$340	1\$400	\$850
Dezembro . . . . .	1\$340	1\$400	\$850
<b>M E D I A . . . . .</b>	<b>1\$222</b>	<b>1\$255</b>	<b>\$850</b>

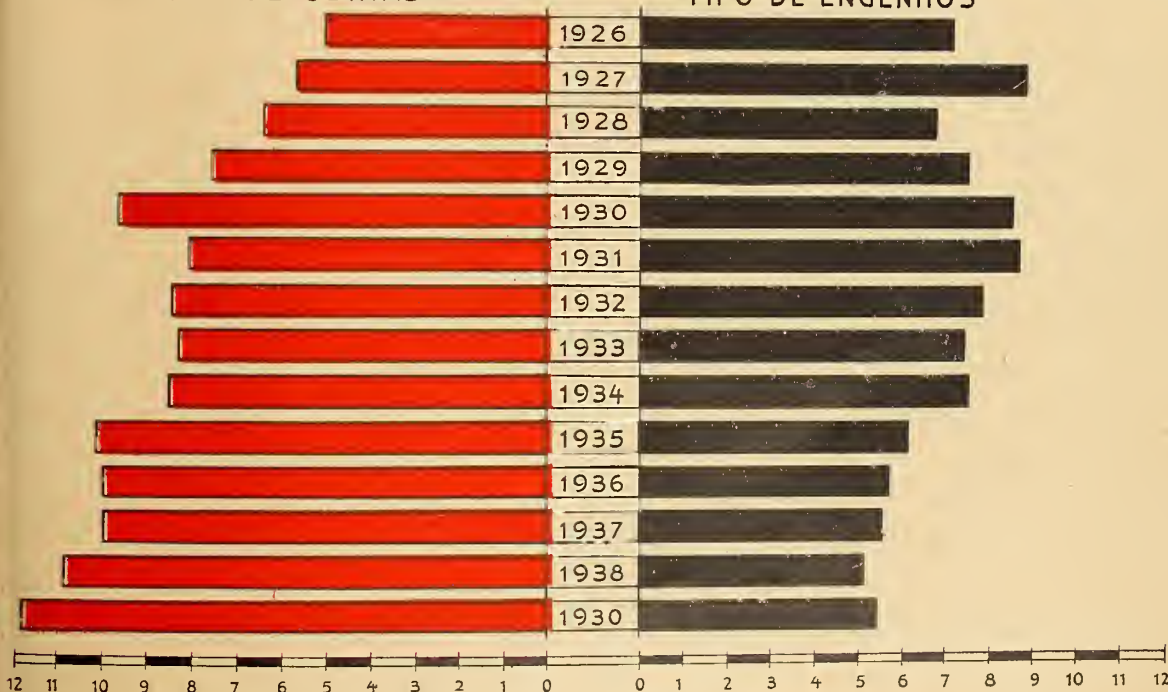
## 351 — CONSUMO DE AÇUCAR

11 — Por ano — 1926-1939

A N O S	C O N S U M O (Em sacos de 60 quilos)		T O T A L	C O N S U M O Per capita quilos		T O T A L
	Tipos de usinas	Tipos de engenhos		Tipos de usinas	Tipos de engenhos	
1 9 2 6	5.078.471	7.124.741	12.203.212	8,8	12,3	21,1
1 9 2 7	5.810.339	8.973.857	14.784.196	9,8	15,2	25,0
1 9 2 8	6.562.832	6.895.980	13.368.812	10,9	11,3	22,2
1 9 2 9	7.797.860	7.654.172	15.452.032	12,7	12,4	25,1
1 9 3 0	9.638.468	8.555.202	18.193.670	15,4	13,6	29,0
1 9 3 1	8.100.704	8.710.504	16.811.208	12,7	13,6	26,3
1 9 3 2	8.490.863	7.960.101	16.450.964	13,0	12,2	25,2
1 9 3 3	8.324.334	7.521.163	15.845.497	12,5	11,3	23,8
1 9 3 4	8.653.870	7.549.950	16.203.820	12,8	11,1	23,9
1 9 3 5	10.173.996	6.143.065	16.317.061	14,7	8,8	23,5
1 9 3 6	10.073.572	5.744.215	15.817.787	14,2	8,1	22,3
1 9 3 7	10.074.906	5.644.091	15.718.997	14,0	7,8	21,8
1 9 3 8	10.989.324	5.063.760	16.053.084	14,9	6,9	21,8
1 9 3 9	11.847.875	5.572.217	17.420.092	15,8	7,4	23,2

## TIPO DE USINAS

## TIPO DE ENGENHOS



NOTA: — Os dados de consumo até 1934 foram calculados de acordo com a quantidade de açúcar que ficou no país. Deve ter passado, de um para outro ano, como distribuição invisível, certa quantidade de açúcar impossível de ser conhecida até aquela época. De 1935 a 1939 computando os estoques.



## 351 — CONSUMO DE AÇUCAR

## 121 — Tipos de usina

( E M S A C O S D E 6 0 Q U I L O S )

M E S E S	S A I D A S M E N S A I S				
	1 9 3 5	1 9 3 6	1 9 3 7	1 9 3 8	1 9 3 9
Janeiro.. . . . .	991.551	764.967	868.830	722.605	938.405
Fevereiro.. . . . .	592.335	621.076	489.395	836.415	1.123.901
Março.. . . . .	706.341	702.076	495.556	455.708	849.453
Abril.. . . . .	564.795	722.351	547.136	725.903	1.003.218
Maió.. . . . .	718.340	765.779	662.113	1.245.281	1.073.561
Junho.. . . . .	949.705	618.550	910.127	790.987	732.904
1º semestre.. . . . .	4.523.067	4.194.799	3.973.157	4.776.899	5.721.442
M E D I A.. . . . .	753.844	699.133	662.193	796.150	953.574
Julho.. . . . .	962.565	983.212	1.077.818	923.980	881.259
Agosto.. . . . .	1.005.194	840.513	937.048	1.016.961	996.842
Setembro.. . . . .	889.262	908.716	955.323	1.102.679	1.191.301
Outubro.. . . . .	1.189.005	1.194.330	1.196.961	1.281.921	1.374.685
Novembro.. . . . .	825.029	912.905	1.130.444	813.790	1.075.945
Dezembro.. . . . .	779.874	1.089.097	804.155	1.073.094	606.401
2º semestre.. . . . .	5.650.929	5.878.773	6.101.749	6.212.425	6.126.433
M E D I A.. . . . .	941.821	979.795	1.016.958	1.035.404	1.021.072
De janeiro a dezembro.. . . . .	10.173.996	10.073.572	10.074.906	10.989.324	11.847.875
M E D I A.. . . . .	847.833	839.464	839.575	915.777	987.322

## 122 — Tipos de engenho

( E M S A C O S D E 6 0 Q U I L O S )

M E S E S	S A I D A S M E N S A I S				
	1 9 3 5	1 9 3 6	1 9 3 7	1 9 3 8	1 9 3 9
Janeiro.. . . . .	598.698	367.417	257.318	472.627	495.971
Fevereiro.. . . . .	357.653	316.363	781.990	294.391	445.880
Março.. . . . .	426.489	182.003	163.231	67.553	283.414
Abril.. . . . .	341.024	228.187	347.445	48.743	28.544
Maió.. . . . .	433.735	116.663	19.401	50.559	39.583
Junho.. . . . .	573.433	117.279	229.367	46.906	198.850
1º semestre.. . . . .	2.731.032	1.327.912	785.752	980.779	1.492.242
M E D I A.. . . . .	455.172	221.318	130.958	163.463	248.707
Julho.. . . . .	581.197	357.722	509.898	492.595	587.050
Agosto.. . . . .	606.937	491.253	354.610	698.395	826.403
Setembro.. . . . .	536.936	676.086	763.493	799.970	775.919
Outubro.. . . . .	717.922	908.669	1.020.664	904.973	751.855
Novembro.. . . . .	498.153	1.477.512	1.586.660	539.834	613.636
Dezembro.. . . . .	470.888	505.061	623.014	647.214	495.112
2º semestre.. . . . .	3.412.033	4.416.303	4.858.339	4.082.981	4.079.975
M E D I A.. . . . .	568.672	736.050	809.723	680.496	679.995
De janeiro a dezembro.. . . . .	6.143.065	5.744.215	5.644.091	5.063.760	5.572.217
M E D I A.. . . . .	511.922	478.684	470.340	421.980	464.351

## 351 — CONSUMO DE AÇUCAR

## 123 — Total de todos os tipos

( EM SACOS DE 60 QUILOS )

MESES	SAIDAS MENS AIS				
	1935	1936	1937	1938	1939
Janeiro . . . . .	1.590.249	1.132.384	1.126.148	1.195.232	1.434.376
Fevereiro . . . . .	949.988	937.439	571.385	1.130.806	1.569.781
Março . . . . .	1.132.830	884.079	658.787	523.261	1.132.837
Abril . . . . .	905.819	950.538	581.581	774.646	1.031.762
Maió . . . . .	1.152.075	882.442	681.514	1.295.840	1.113.144
Junho . . . . .	1.523.138	735.829	1.139.494	837.893	931.754
1º Semestre . . . . .	7.254.099	5.522.711	4.758.909	5.757.678	7.213.684
M E D I A . . . . .	1.209.016	920.451	793.151	959.613	1.202.280
Julho . . . . .	1.543.762	1.290.934	1.587.716	1.416.575	1.468.309
Agosto . . . . .	1.612.131	1.331.766	1.291.658	1.715.356	1.823.245
Setembro . . . . .	1.426.198	1.584.802	1.718.816	1.902.649	1.967.220
Outubro . . . . .	1.906.927	2.102.999	2.217.625	2.186.894	2.126.540
Novembro . . . . .	1.323.182	2.390.417	2.717.104	1.353.624	1.719.581
Dezembro . . . . .	1.250.762	1.594.158	1.427.169	1.720.308	1.101.513
2º semestre . . . . .	9.062.962	10.295.076	10.960.088	10.295.406	10.206.408
M E D I A . . . . .	1.510.493	1.715.846	1.826.681	1.715.901	1.701.068
De janeiro a dezembro . . . . .	16.317.061	15.817.787	15.718.997	16.053.084	17.420.092
M E D I A . . . . .	1.359.755	1.318.148	1.309.916	1.337.757	1.451.674

## 351 — CONSUMO DE AÇUCAR

## 21 — Tipos de usina

( E M S A C O S D E 6 0 Q U I L O S )

ESTADOS	CONSUMO EXCLUSIVO DE TIPOS DE USINA				
	1935	1936	1937	1938	1939
Acre.. . . . .	520	3.993	5.106	6.174	6.827
Amazonas.. . . . .	82.175	102.333	110.261	93.541	117.144
Pará.. . . . .	121.106	182.795	136.947	130.425	191.286
Maranhão.. . . . .	55.884	76.403	79.149	64.393	86.281
Piauí.. . . . .	31.140	39.980	46.084	34.528	49.278
Ceará.. . . . .	160.249	182.475	170.611	162.649	151.756
Rio Grande do Norte.. . . . .	79.285	57.567	48.611	55.924	45.429
Paraíba.. . . . .	136.365	115.085	147.652	129.937	126.667
Pernambuco.. . . . .	945.123	436.416	463.476	502.564	406.523
Alagoas.. . . . .	234.277	244.504	88.785	51.104	86.309
Sergipe.. . . . .	48.582	27.372	90.785	92.378	28.918
Baía.. . . . .	461.277	434.920	399.320	504.972	578.364
Espírito Santo.. . . . .	94.489	76.600	65.782	131.084	122.696
Rio de Janeiro.. . . . .	673.505	723.142	698.986	960.249	1.176.639
Distrito Federal.. . . . .	1.791.554	1.804.846	1.665.429	1.733.225	1.871.264
São Paulo.. . . . .	2.968.207	2.916.854	3.329.023	3.883.841	4.170.568
Paraná.. . . . .	236.292	300.990	282.801	360.598	375.891
Sta. Catarina.. . . . .	78.066	101.184	77.908	128.042	92.659
Rio Grande do Sul.. . . . .	1.079.123	1.244.178	1.104.103	1.046.054	1.280.739
Minas Gerais.. . . . .	857.052	957.961	1.018.847	855.825	813.513
Goiaz.. . . . .	4.813	4.729	5.227	17.715	27.669
Mato Grosso.. . . . .	34.912	39.245	40.013	44.102	41.455
<b>B R A S I L.. . . . .</b>	<b>10.173.996</b>	<b>10.073.572</b>	<b>10.074.906</b>	<b>10.989.324</b>	<b>11.847.875</b>

## 22 — Tipos de engenho

( E M S A C O S D E 6 0 Q U I L O S )

ESTADOS	CONSUMO EXCLUSIVO DE TIPOS DE ENGENHOS				
	1935	1936	1937	1938	1939
Acre.. . . . .	12.188	10.464	9.520	9.337	9.132
Amazonas.. . . . .	9.140	8.124	6.838	6.279	8.281
Pará.. . . . .	14.699	25.162	18.796	18.095	41.613
Maranhão.. . . . .	35.983	43.944	33.019	39.146	53.520
Piauí.. . . . .	49.421	30.024	26.028	34.958	39.882
Ceará.. . . . .	425.587	252.435	215.559	260.797	314.691
Rio Grande do Norte.. . . . .	258.351	231.034	164.535	120.361	162.960
Paraíba.. . . . .	376.343	298.947	202.719	166.982	303.510
Pernambuco.. . . . .	305.184	352.699	384.638	197.449	332.335
Alagoas.. . . . .	65.096	13.127	187.656	163.141	129.144
Sergipe.. . . . .	91.075	88.450	78.952	41.946	48.997
Baía.. . . . .	596.483	551.754	642.985	609.148	541.618
Espírito Santo.. . . . .	123.950	145.201	145.934	121.164	115.225
Rio de Janeiro.. . . . .	91.386	130.869	101.392	81.505	102.235
Distrito Federal.. . . . .	136.721	35.879	8.405	6.543	25.000
São Paulo.. . . . .	1.073.671	985.168	845.572	762.957	757.761
Paraná.. . . . .	33.059	37.935	48.463	36.637	39.898
Sta. Catarina.. . . . .	61.219	65.427	118.310	232.049	249.252
Rio Grande do Sul.. . . . .	37.527	50.062	23.121	49.368	30.565
Minas Gerais.. . . . .	2.171.061	2.177.367	2.189.838	1.946.640	2.130.951
Goiaz.. . . . .	172.588	206.971	188.504	156.550	129.218
Mato Grosso.. . . . .	2.333	3.172	3.307	2.708	6.522
<b>B R A S I L.. . . . .</b>	<b>6.143.046</b>	<b>5.744.215</b>	<b>5.644.091</b>	<b>5.063.760</b>	<b>5.572.217</b>

## 351 — CONSUMO DE AÇUCAR

## 23 — Total de todos os tipos

( E M S A C O S D E 6 0 Q U I L O S )

ESTADOS	CONSUMO TOTAL DE TODOS OS TIPOS				
	1 9 3 5	1 9 3 6	1 9 3 7	1 9 3 8	1 9 3 9
Acre.....	12.708	14.457	14.626	15.511	15.959
Amazonas.....	91.315	110.457	117.099	99.820	125.425
Pará.....	135.805	207.957	155.743	148.520	232.899
Maranhão.....	91.867	120.317	112.168	103.539	139.801
Piauí.....	80.561	70.004	72.112	69.486	89.160
Ceará.....	585.836	434.910	386.170	423.446	466.447
Rio Grande do Norte.....	337.636	288.601	213.146	176.285	208.389
Paraíba.....	512.708	414.032	350.371	296.919	430.186
Pernambuco.....	1.250.307	789.115	848.114	700.013	738.828
Alagoas.....	299.373	257.631	276.441	214.245	215.453
Sergipe.....	139.657	115.822	169.737	134.324	77.915
Baía.....	1.057.760	986.674	1.042.305	1.114.120	1.119.982
Espírito Santo.....	218.439	221.801	211.716	252.248	237.921
Rio de Janeiro.....	764.891	854.011	800.378	1.041.754	1.278.872
Distrito Federal.....	1.928.275	1.840.725	1.673.834	1.739.768	1.896.264
São Paulo.....	4.041.878	3.902.022	4.174.595	4.646.798	4.928.329
Paraná.....	269.351	338.925	331.264	397.235	415.789
Sta. Catarina.....	139.285	166.611	196.218	360.091	341.911
Rio Grande do Sul.....	1.116.650	1.294.240	1.127.224	1.095.422	1.311.304
Minas Gerais.....	3.028.113	3.135.328	3.208.685	2.802.465	2.944.364
Goiás.....	177.401	211.700	193.731	174.265	156.887
Mato Grosso.....	37.245	42.417	43.320	46.810	47.977
<b>B R A S I L.....</b>	<b>16.317.061</b>	<b>15.817.787</b>	<b>15.718.997</b>	<b>16.053.084</b>	<b>17.420.092</b>



## 351 — CONSUMO DE AÇUCAR

## 31 — Tipos de usina

UNIDADE — QUILOS

ESTADOS	CONSUMO "PER CAPITA" DOS TIPOS DE USINA				
	1935	1936	1937	1938	1939
Acre	0,3	2,0	2,6	3,1	3,4
Amazonas	11,2	13,8	14,7	12,4	15,3
Pará	4,8	7,1	5,2	4,8	6,8
Maranhão	2,9	3,9	3,9	3,1	4,1
Piauí	2,2	2,8	3,2	2,3	3,3
Ceará	5,8	6,5	6,0	5,7	5,2
Rio Grande do Norte	6,2	4,4	3,6	4,1	3,2
Paraíba	6,0	4,9	6,2	5,3	5,1
Pernambuco	19,2	8,7	9,1	9,6	7,6
Alagoas	11,7	12,0	4,3	2,4	4,1
Sergipe	5,3	2,9	9,7	9,8	3,0
Baía	6,6	6,1	5,5	6,9	7,8
Espírito Santo	8,2	6,5	5,4	10,5	9,5
Rio de Janeiro	19,8	20,9	19,9	26,8	32,3
Distrito Federal	62,8	61,7	55,5	56,2	59,2
São Paulo	26,8	25,8	28,7	32,7	34,2
Paraná	14,0	17,4	15,9	19,7	20,1
Sta. Catarina	4,7	6,0	4,5	7,2	5,1
Rio Grande do Sul	21,2	23,9	20,8	19,3	23,1
Minas Gerais	6,9	7,5	7,8	6,5	6,0
Goiaz	0,4	0,4	0,4	1,3	2,0
Mato Grosso	5,8	6,3	6,3	6,7	6,2
<b>BRASIL</b>	<b>14,7</b>	<b>14,2</b>	<b>14,0</b>	<b>14,9</b>	<b>15,8</b>

## 32 — Tipos de engenhos

UNIDADE — QUILOS

ESTADOS	CONSUMO "PER CAPITA" DOS TIPOS DE ENGENHO				
	1935	1936	1937	1938	1939
Acre	6,3	5,4	4,8	4,6	4,4
Amazonas	1,3	1,1	0,9	0,8	1,1
Pará	0,6	1,0	0,7	0,7	1,5
Maranhão	1,8	2,2	1,7	1,9	2,6
Piauí	3,6	2,1	1,8	2,4	2,6
Ceará	15,5	9,1	7,6	9,1	10,8
Rio Grande do Norte	20,3	17,7	12,4	8,8	11,7
Paraíba	16,5	12,9	8,5	6,9	12,1
Pernambuco	6,2	7,0	7,5	3,8	6,3
Alagoas	3,2	0,7	9,1	7,9	6,1
Sergipe	9,9	9,6	8,4	4,4	5,2
Baía	8,5	7,8	9,0	8,3	7,3
Espírito Santo	10,8	12,2	12,0	9,7	9,0
Rio de Janeiro	2,7	3,8	2,9	2,3	2,8
Distrito Federal	4,8	1,2	0,2	0,2	0,8
São Paulo	9,8	8,6	7,3	6,4	6,3
Paraná	2,0	2,1	2,7	2,1	2,1
Sta. Catarina	3,8	3,9	6,8	13,1	13,7
Rio Grande do Sul	0,8	1,0	0,4	0,9	0,5
Minas Gerais	17,1	16,9	16,8	14,6	15,8
Goiaz	14,0	16,4	14,6	11,9	9,6
Mato Grosso	0,3	0,5	0,5	0,4	0,9
<b>BRASIL</b>	<b>8,8</b>	<b>8,1</b>	<b>7,8</b>	<b>6,9</b>	<b>7,4</b>

## 351 — CONSUMO DE AÇUCAR

## 33 — Total de todos os tipos

UNIDADE — QUILOS

ESTADOS	CONSUMO "PER CAPITA" DE TODOS OS TIPOS				
	1935	1936	1937	1938	1939
Acre . . . . .	6,6	7,4	7,4	7,7	7,8
Amazonas . . . . .	12,5	14,9	15,6	13,2	16,4
Pará . . . . .	5,4	8,1	5,9	5,5	8,3
Maranhão . . . . .	4,7	6,1	5,6	5,0	6,7
Piauí . . . . .	5,8	4,9	5,0	4,7	5,9
Ceará . . . . .	21,3	15,6	13,6	14,8	16,0
Rio Grande do Norte . . . . .	26,5	22,1	16,0	12,9	14,9
Paraíba . . . . .	22,5	17,8	14,7	12,2	17,2
Pernambuco . . . . .	25,4	15,7	16,6	13,4	13,9
Alagoas . . . . .	14,9	12,7	13,4	10,3	10,2
Sergipe . . . . .	15,2	12,5	18,1	14,2	8,2
Baía . . . . .	15,1	13,9	14,5	15,2	15,1
Espírito Santo . . . . .	19,0	18,7	17,4	20,2	18,5
Rio de Janeiro . . . . .	22,5	24,7	22,8	29,1	35,1
Distrito Federal . . . . .	67,6	62,9	55,7	56,4	60,0
São Paulo . . . . .	36,6	34,4	36,0	39,1	40,5
Paraná . . . . .	16,0	19,5	18,6	21,8	22,2
Sta. Catarina . . . . .	8,5	9,9	11,3	20,3	18,8
Rio Grande do Sul . . . . .	22,0	24,9	21,2	20,2	23,6
Minas Gerais . . . . .	24,0	24,4	24,6	21,1	21,8
Goiás . . . . .	14,4	16,8	15,0	13,2	11,6
Mato Grosso . . . . .	6,1	6,8	6,8	7,1	7,1
	—	—	—	—	—
<b>B R A S I L . . . . .</b>	<b>23,5</b>	<b>22,3</b>	<b>21,8</b>	<b>21,8</b>	<b>23,2</b>

## 351 — CONSUMO DE AÇUCAR

## 4 — No período das safras — 1935-36 — 1939-40

PERÍODO DA SAFRA JUNHO A MAIO	QUANTIDADES EM SACOS DE 60 QUILOS				
	1939/40	1938/39	1937/38	1936/37	1935/36
<b>Consumo de produção de usinas</b>					
Estoque inicial.....	1.490.848	1.589.395	1.681.811	1.771.399	2.113.566
Produção.....	14.406.239	12.702.719	10.907.204	9.550.214	11.841.087
Importação.....	—	—	—	—	—
	15.897.087	14.292.114	12.589.015	11.321.613	13.954.653
Exportação.....	1.143.682	776.328	1.771	65.753	1.804.241
	14.753.405	13.515.786	12.587.244	11.255.860	12.150.412
Estoque final.....	2.139.629	1.490.848	1.589.395	1.681.811	1.771.399
Consumo.....	12.613.776	12.024.938	10.997.849	9.574.049	10.379.013
<b>Consumo de produção de todos os tipos</b>					
Estoque inicial.....	1.600.537	1.628.851	1.764.335	1.926.412	2.210.510
Produção.....	19.631.952	18.339.728	16.742.712	14.996.654	17.922.926
Importação.....	—	—	—	—	—
	21.232.489	19.968.579	18.507.047	16.923.066	20.163.436
Exportação.....	1.166.710	779.518	7.232	68.752	1.871.270
	20.065.779	19.189.061	18.499.815	16.854.313	18.292.166
Estoque final.....	2.256.585	1.600.537	1.628.851	1.764.335	1.926.412
Consumo.....	17.809.194	17.588.524	16.870.964	15.089.978	16.365.754

## 352 — CONSUMO DE ALCOOL

EM MISTURA CARBURANTE

## 11 — Anidro

UNIDADE — LITRO

ESTADOS	1935	1936	1937	1938	1939
Acre.....	—	—	—	—	—
Amazonas.....	—	—	—	—	—
Pará.....	—	—	—	—	—
Maranhão.....	—	—	—	—	—
Piauí.....	—	—	—	—	—
Ceará.....	—	—	—	—	—
Rio Grande do Norte.....	—	—	—	—	—
Paraíba.....	—	—	—	—	—
Pernambuco.....	—	—	—	703.713	6.244.975
Alagoas.....	—	—	—	—	—
Sergipe.....	—	—	—	—	—
Baía.....	—	—	—	—	—
Espírito Santo.....	—	—	—	—	—
Rio de Janeiro.....	—	—	—	—	—
Distrito Federal.....	3.416.967	10.271.061	7.678.185	19.047.916	24.103.318
São Paulo.....	—	2.510.871	3.072.500	3.600.106	7.232.422
Paraná.....	—	—	—	—	—
Sta. Catarina.....	—	—	—	—	—
Rio Grande do Sul.....	—	—	—	—	—
Minas Gerais.....	—	—	—	—	—
Goiás.....	—	—	—	—	—
Mato Grosso.....	—	—	—	—	—
<b>BRASIL.....</b>	<b>3.416.967</b>	<b>12.781.932</b>	<b>10.750.685</b>	<b>23.351.735</b>	<b>37.580.715</b>

## 12 — Hidratado

UNIDADE — LITRO

ESTADOS	1935	1936	1937	1938	1939
Acre.....	—	—	—	—	—
Amazonas.....	—	—	—	—	—
Pará.....	—	—	—	—	—
Maranhão.....	—	—	—	—	—
Piauí.....	—	—	—	—	—
Ceará.....	—	—	—	—	—
Rio Grande do Norte.....	—	—	—	—	—
Paraíba.....	14.382	36.025	9.500	11.933	20.358
Pernambuco.....	7.517.124	5.832.533	3.497.016	4.693.141	6.217.212
Alagoas.....	2.608.406	2.179.149	1.603.067	2.065.087	2.574.831
Sergipe.....	439.968	739.513	268.841	328.228	458.783
Baía.....	—	—	—	—	—
Espírito Santo.....	—	98.950	9.310	2.930	65.405
Rio de Janeiro.....	562.128	526.304	370.900	511.162	225.219
Distrito Federal.....	558.127	507.656	—	549.984	626.513
São Paulo.....	1.232.973	978.564	938.018	457.593	817.685
Paraná.....	—	—	—	—	—
Sta. Catarina.....	—	—	—	—	—
Rio Grande do Sul.....	—	—	—	—	—
Minas Gerais.....	391.870	659.767	999.309	718.086	478.651
Goiás.....	—	—	—	—	—
Mato Grosso.....	—	—	—	—	—
<b>BRASIL.....</b>	<b>13.324.978</b>	<b>11.558.461</b>	<b>7.695.961</b>	<b>9.338.144</b>	<b>11.484.657</b>



## 352 — CONSUMO DE ALCOOL

EM MISTURA CARBURANTE

## 13 — Total de todos os tipos

UNIDADE — LITRO

ESTADOS	1935	1936	1937	1938	1939
Acre . . . . .	—	—	—	—	—
Amazonas . . . . .	—	—	—	—	—
Pará . . . . .	—	—	—	—	—
Maranhão . . . . .	—	—	—	—	—
Piauí . . . . .	—	—	—	—	—
Ceará . . . . .	—	—	—	—	—
Rio Grande do Norte . . . . .	—	—	—	—	—
Paraíba . . . . .	14.382	36.025	9.500	11.933	20.358
Pernambuco . . . . .	7.517.124	5.832.533	3.497.016	5.396.854	12.462.187
Alagoas . . . . .	2.608.406	2.179.149	1.603.067	2.065.087	2.574.831
Sergipe . . . . .	439.968	739.513	268.841	328.228	458.783
Baía . . . . .	—	—	—	—	—
Espírito Santo . . . . .	—	98.950	9.310	2.930	65.405
Rio de Janeiro . . . . .	562.128	526.304	370.900	511.162	225.219
Distrito Federal . . . . .	3.975.094	10.778.717	7.678.185	19.597.900	21.729.831
São Paulo . . . . .	1.232.973	3.489.435	4.010.518	4.057.699	8.050.107
Paraná . . . . .	—	—	—	—	—
Sta. Catarina . . . . .	—	—	—	—	—
Rio Grande do Sul . . . . .	—	—	—	—	—
Minas Gerais . . . . .	391.870	659.767	999.309	718.086	478.651
Goiaz . . . . .	—	—	—	—	—
Mato Grosso . . . . .	—	—	—	—	—
<b>BRASIL</b> . . . . .	<b>16.741.945</b>	<b>24.340.393</b>	<b>18.446.646</b>	<b>32.689.879</b>	<b>49.065.372</b>

## 353 — CONSUMO DE GASOLINA

## 1 — Em mistura carburante — 1938-1939

UNIDADE — LITRO

ESTADOS	1938	1939
Acre.....	—	—
Amazonas.....	—	—
Pará.....	—	—
Maranhão.....	—	—
Piauí.....	—	—
Ceará.....	—	—
Rio Grande do Norte.....	—	—
Paraíba.....	628	1.072
Pernambuco.....	4.523.532	23.253.024
Alagoas.....	44.354	59.532
Sergipe.....	28.874	50.349
Baía.....	—	—
Espírito Santo.....	154	3.442
Rio de Janeiro.....	46.783	21.817
Distrito Federal.....	148.615.539	171.533.843
São Paulo.....	27.466.082	68.657.458
Paraná.....	—	—
Santa Catarina.....	—	—
Rio Grande do Sul.....	—	—
Minas Gerais.....	48.867	33.215
Goiaz.....	—	—
Mato Grosso.....	—	—
<b>B R A S I L.....</b>	<b>180.774.813</b>	<b>263.613.752</b>

## 2 — Utilizada pura — 1938-1939

UNIDADE — LITRO

ESTADOS	1938	1939
Acre.....	—	68.773
Amazonas.....	1.278.383	1.203.932
Pará.....	3.255.273	4.069.320
Maranhão.....	951.359	1.097.358
Piauí.....	1.332.616	1.460.817
Ceará.....	9.938.698	11.052.756
Rio Grande do Norte.....	2.937.771	800.581
Paraíba.....	10.663.822	110.943
Pernambuco.....	14.367.996	685.663
Alagoas.....	1.741.650	630.957
Sergipe.....	2.889.088	250.379
Baía.....	10.302.299	2.177.707
Espírito Santo.....	2.071.468	362.659
Rio de Janeiro.....	5.423.352	412.329
Distrito Federal.....	3.345.457	15.984.215
São Paulo.....	185.051.898	147.379.943
Paraná.....	14.830.081	17.421.835
Santa Catarina.....	6.915.705	9.958.861
Rio Grande do Sul.....	30.407.649	37.863.691
Minas Gerais.....	3.795.486	13.434.339
Goiaz.....	497.154	2.660.003
Mato Grosso.....	3.342.515	4.403.177
<b>B R A S I L.....</b>	<b>315.339.720</b>	<b>273.490.238</b>

## 353 — Consumo de gasolina

## 3 — Total

UNIDADE — LITRO

ESTADOS	1938	1939
Acre.....	—	68.773
Amazonas.....	1.278.383	1.203.932
Pará.....	3.255.273	4.069.320
Maranhão.....	951.359	1.097.358
Piauí.....	1.332.616	1.460.817
Ceará.....	9.938.698	11.052.756
Rio Grande do Norte.....	2.937.771	800.581
Paraíba.....	10.664.450	112.015
Pernambuco.....	18.891.528	23.938.687
Alagoas.....	1.786.004	690.489
Sergipe.....	2.917.962	300.728
Baía.....	10.302.299	2.177.707
Espírito Santo.....	2.071.622	366.101
Rio de Janeiro.....	5.470.135	434.146
Distrito Federal.....	151.960.996	187.518.058
São Paulo.....	212.517.980	216.037.401
Paraná.....	14.830.081	17.421.835
Santa Catarina.....	6.915.705	9.958.861
Rio Grande do Sul.....	30.407.649	37.863.691
Minas Gerais.....	3.844.353	13.467.554
Goiás.....	497.154	2.660.003
Mato Grosso.....	3.342.515	4.403.177
<b>B R A S I L.....</b>	<b>496.114.533</b>	<b>537.103.990</b>

## 354 — CONSUMO DE ALCOOL-MOTOR

## 1 — Por Estado

UNIDADE — LITRO

ESTADOS	1938	1939
Acre	—	—
Amazonas	—	—
Pará	—	—
Maranhão	—	—
Piauí	—	—
Ceará	5.378	5.000
Rio Grande do Norte	18.800	2.289.043
Paraíba	938.672	9.004.067
Pernambuco	6.199.944	21.995.503
Alagoas	2.109.448	3.945.471
Sergipe	357.102	1.848.833
Baía	16.200	10.721.320
Espírito Santo	3.259.547	4.918.739
Rio de Janeiro	27.505.160	23.378.008
Distrito Federal	110.321.421	113.732.347
São Paulo	27.641.106	76.169.421
Paraná	201	2
Santa Catarina	—	—
Rio Grande do Sul	—	311.199
Minas Gerais	18.798.866	34.643.156
Goiás	—	2.000
Mato Grosso	—	5.200
<b>B R A S I L</b>	<b>197.171.845</b>	<b>304.969.249</b>

## 2 — Por veículo

ESTADOS	VEICULOS EXISTENTES		ALCOOL-MOTOR (Litros)	
	1938	1939	MEDIA	
			1938	1939
Acre	14	34	—	—
Amazonas	427	608	—	—
Pará	1.119	1.528	—	—
Maranhão	614	912	—	—
Piauí	482	642	—	—
Ceará	2.550	2.923	2	2
Rio Grande do Norte	1.133	1.472	17	1.555
Paraíba	1.954	2.148	481	4.192
Pernambuco	5.824	6.359	1.064	3.459
Alagoas	1.555	1.748	1.356	2.257
Sergipe	632	893	565	2.070
Baía	3.494	3.988	4	2.688
Espírito Santo	1.013	1.738	3.218	2.830
Rio de Janeiro	7.589	9.437	3.625	2.689
Distrito Federal	34.921	44.608	3.159	2.550
São Paulo	63.353	72.583	437	1.049
Paraná	4.355	5.269	—	—
Santa Catarina	2.337	3.227	—	—
Rio Grande do Sul	19.011	22.895	—	13
Minas Gerais	16.384	21.038	1.148	1.647
Goiás	422	769	—	3
Mato Grosso	1.013	1.400	—	4
<b>B R A S I L</b>	<b>170.196</b>	<b>206.219</b>	<b>1.159</b>	<b>1.479</b>



## 354 — CONSUMO DE ALCOOL-MOTOR

## 3 — Nas repartições públicas do Distrito Federal — 1934-1939

UNIDADE — LITRO

MINISTERIOS	1934	1935	1936	1937	1938	1939	TOTAL
Agricultura.....	92.536	204.400	162.730	244.600	250.100	344.519	1.298.885
Educação.....	476.000	558.131	806.750	531.000	1.036.100	1.092.900	4.500.881
Exterior.....	13.800	20.000	6.000	109.250	42.000	54.500	245.550
Fazenda.....	101.820	167.000	142.000	138.000	190.000	129.000	867.820
Guerra.....	7.100	6.700	804.066	828.125	5.168.650	5.249.970	10.064.011
Justiça.....	250.016	410.100	1.846.100	410.300	659.300	728.700	4.394.516
Marinha.....	—	—	—	—	888.880	888.880	1.777.760
Trabalho.....	2.020	38.000	48.000	313.000	79.800	73.700	554.520
Viação.....	165.800	835.350	411.800	1.591.531	580.000	750.250	4.334.731
Prefeitura.....	—	—	—	—	1.500.000	2.700.000	4.200.000
Dept. de Propaganda..	—	—	—	—	—	500	500
<b>TOTAIS.....</b>	<b>1.109.092</b>	<b>2.239.681</b>	<b>4.227.446</b>	<b>4.165.806</b>	<b>8.394.830</b>	<b>12.012.319</b>	<b>32.149.174</b>

## 355 — CONSUMO TOTAL DOS CARBURANTES

## 1 — Por Estado

UNIDADE — LITRO

ESTADOS	1938	1939
Acre.....	—	68.773
Amazonas.....	1.278.383	1.203.932
Pará.....	3.255.273	4.069.320
Maranhão.....	951.359	1.097.358
Piauí.....	1.332.616	1.460.817
Ceará.....	9.944.076	11.057.756
Rio Grande do Norte.....	2.956.571	3.089.624
Paraíba.....	11.602.494	9.114.950
Pernambuco.....	20.567.940	22.681.166
Alagoas.....	3.851.098	4.576.428
Sergipe.....	3.246.190	2.099.212
Baía.....	10.318.499	12.899.027
Espírito Santo.....	5.331.015	5.281.398
Rio de Janeiro.....	32.928.512	25.790.337
Distrito Federal.....	113.666.878	129.716.562
São Paulo.....	212.693.004	223.549.364
Paraná.....	14.830.282	17.421.837
Santa Catarina.....	6.915.705	9.958.861
Rio Grande do Sul.....	30.407.649	38.174.890
Minas Gerais.....	22.594.352	48.077.495
Goiaz.....	497.154	2.662.003
Mato Grosso.....	3.342.515	4.408.377
<b>B R A S I L.....</b>	<b>512.511.565</b>	<b>578.459.487</b>

## 355 — CONSUMO DOS CARBURANTES

## 2 — Por veículo

ESTADOS	VEICULOS EXISTENTES		CARBURANTES (Litros)	
	1938	1939	MEDIA	
			1938	1939
Acre . . . . .	14	34		2.023
Amazonas . . . . .	427	608	2.993	1.980
Pará . . . . .	1.119	1.528	2.910	2.663
Maranhão . . . . .	614	912	1.549	1.203
Piauí . . . . .	482	642	2.765	2.275
Ceará . . . . .	2.550	2.923	3.899	3.783
Rio Grande do Norte . . . . .	1.133	1.472	2.609	2.099
Paraíba . . . . .	1.954	2.148	5.939	4.244
Pernambuco . . . . .	5.824	6.359	3.532	3.567
Alagoas . . . . .	1.555	1.748	2.476	2.618
Sergipe . . . . .	632	893	5.136	2.350
Bahia . . . . .	3.494	3.988	2.953	3.234
Espírito Santo . . . . .	1.013	1.738	5.262	3.039
Rio de Janeiro . . . . .	7.589	9.437	4.340	2.733
Distrito Federal . . . . .	34.921	44.608	3.254	2.908
São Paulo . . . . .	63.353	72.583	3.405	3.079
Paraná . . . . .	4.355	5.269	3.358	3.306
Santa Catarina . . . . .	2.337	3.227	2.959	3.086
Rio Grande do Sul . . . . .	19.011	22.895	1.599	1.667
Minas Gerais . . . . .	16.384	21.038	1.380	2.286
Goiás . . . . .	422	769	1.178	3.462
Mato Grosso . . . . .	1.013	1.400	3.301	3.149
	—	—	—	—
<b>B R A S I L . . . . .</b>	<b>170.196</b>	<b>206.219</b>	<b>3.012</b>	<b>2.805</b>
	—	—	—	—



# SITUAÇÃO DEMOGRÁFICA





# NUMERO DAS PESSOAS LIGADAS DIRETA E INDIRETAMENTE À LAVOURA, INDUSTRIA E COMERCIO DA CANA E SEUS DERIVADOS

## 41 — Aspecto absoluto

### 411 — No país, segundo o local de atividade e profissão

ATIVIDADES	TRABALHADORES					Inativos	TOTAL
	Lavoura	Industria	Comercio	Operarios especializados	Diversas atividades		
Nas usinas.. . . . .	98.405	25.140	8.060	2.584	450	62.050	196.689
Lavrador fornecedor. . . . .	415.363	—	—	—	—	178.012	593.375
Eugenhos.. . . . .	331.404	85.721	—	—	—	178.767	595.892
Refinarias.. . . . .	—	2.158	206	—	—	7.092	9.456
Distilarias.. . . . .	—	236	—	32	—	804	1.072
Alambiques.. . . . .	17.028	8.514	—	—	—	17.028	42.570
Transportes.. . . . .	—	—	4.362	—	—	13.086	17.448
Casas Comerciais.. . . . .	—	—	11.012	—	—	33.788	44.800
Repartições especializadas. . . . .	—	—	—	1.043	—	3.129	4.172
<b>TOTAL</b> .. . . . .	<b>862.200</b>	<b>121.769</b>	<b>23.640</b>	<b>3.659</b>	<b>450</b>	<b>493.756</b>	<b>1.505.474</b>

### 412 — Nas usinas

#### 1 — Número de trabalhadores segundo a profissão

Usinas segundo a categoria de produção (saco de 60 quilos)	TRABALHADORES					Médicos, farmacêuticos e dentistas (Serviços médicos)	Trabalhadores em estrada de ferro	TOTAL
	Na lavoura	Nas fábricas	Operarios especializados	Professores (Escolas)				
Até 10.000.. . . . .	10.290	2.940	735	22	87	232	14.306	
De + 10.000 até 50.000.. . . . .	25.938	4.950	594	35	147	1.552	33.216	
De + 50.000 " 100.000.. . . . .	28.717	7.050	470	7	60	2.750	39.054	
De + 100.000 " 150.000.. . . . .	15.675	3.750	300	6	24	1.262	21.017	
De + 150.000 " 200.000.. . . . .	6.489	2.450	175	4	21	1.006	10.145	
De + 200.000 " 250.000.. . . . .	4.872	1.600	120	3	12	346	6.953	
De + 250.000 " 300.000.. . . . .	2.524	900	70	2	6	394	3.896	
De + 300.000.. . . . .	3.900	1.500	120	5	9	518	6.052	
<b>TOTAL</b> .. . . . .	<b>98.405</b>	<b>25.140</b>	<b>2.584</b>	<b>84</b>	<b>366</b>	<b>8.060</b>	<b>134.639</b>	

### Resumo

Usinas segundo a categoria de produção (saco de 60 quilos)	Número de usinas	Número de trabalhadores	Número de inativos	Nucleo familiar
Até 10.000.. . . . .	147	14.306	8.202	22.508
De + 10.000 até 50.000.. . . . .	99	33.216	15.566	48.782
De + 50.000 " 100.000.. . . . .	47	39.054	16.940	55.994
De + 100.000 " 150.000.. . . . .	15	21.017	9.315	30.332
De + 150.000 " 200.000.. . . . .	7	10.145	4.431	14.576
De + 200.000 " 250.000.. . . . .	4	6.953	3.179	10.132
De + 250.000 " 300.000.. . . . .	2	3.896	1.701	5.597
De + 300.000.. . . . .	3	6.052	2.716	8.768
<b>TOTAL</b> .. . . . .	<b>324</b>	<b>134.639</b>	<b>62.050</b>	<b>196.689</b>

INATIVOS — Refere-se às pessoas que não têm atividade direta na lavoura, industria e comercio.  
OPERARIOS ESPECIALIZADOS — Inclue os proprietarios das usinas.

**NUMERO DAS PESSOAS LIGADAS DIRETA E INDIRETAMENTE À LAVOURA, INDUSTRIA E COMERCIO DA CANA E SEUS DERIVADOS**

**41 — Aspecto absoluto**

**412 — Nas usinas**

**2 — Nucleo familiar, segundo a profissão**

Usinas segundo a categoria de produção (saco de 60 quilos)	Número de usinas	Trabalhadores	Operarios especializados	Professores	Médicos, farmacêuticos e dentistas	TOTAL
Até 10.000 . . . . .	147	19.132	2.940	88	348	22.508
De + 10.000 até 50.000 . . . . .	99	45.678	2.376	140	588	48.782
De + 50.000 " 100.000 . . . . .	47	53.846	1.880	28	240	55.994
De + 100.000 " 150.000 . . . . .	15	29.012	1.200	24	96	30.332
De + 150.000 " 200.000 . . . . .	7	13.776	700	16	84	14.576
De + 200.000 " 250.000 . . . . .	4	9.592	480	12	48	10.132
De + 250.000 " 300.000 . . . . .	2	5.285	280	8	24	5.597
De + 300.000 . . . . .	3	8.232	480	20	36	8.768
<b>TOTAL . . . . .</b>	<b>324</b>	<b>184.553</b>	<b>10.336</b>	<b>336</b>	<b>1.464</b>	<b>196.689</b>

**413 — Nos engenhos**

**Número de trabalhadores, segundo a profissão**

ENGENHOS		LAVOURA	TRABALHADORES			Inativos	Total do nucleo familiar
Categoria de produção (saco de 60 quilos)	Número de engenhos	Area de cana em ha. (Inc. soca)	Na lavoura	Na industria	TOTAL		
Até 50 . . . . .	40.779	81.337	122.337	40.779	163.116	69.906	233.022
De + 50 até 100 . . . . .	5.215	15.645	20.860	10.430	31.290	13.410	44.700
De + 100 " 200 . . . . .	3.450	20.700	24.150	10.350	34.500	14.786	49.236
De + 200 " 300 . . . . .	1.187	11.870	14.244	4.748	18.992	8.139	27.131
De + 300 " 500 . . . . .	1.189	19.024	23.780	5.945	29.725	12.739	42.464
De + 500 " 1.000 . . . . .	970	29.100	35.890	5.820	41.710	17.876	59.586
De + 1.000 " 2.000 . . . . .	671	40.260	46.970	4.697	51.667	22.143	73.810
De + 2.000 . . . . .	369	36.900	43.173	2.952	46.125	19.768	65.893
<b>TOTAL . . . . .</b>	<b>53.830</b>	<b>255.057</b>	<b>331.404</b>	<b>85.721</b>	<b>417.125</b>	<b>178.767</b>	<b>595.892</b>

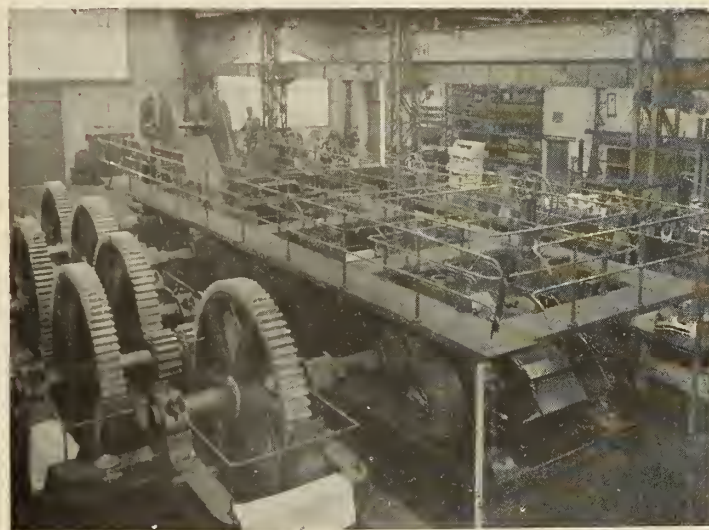
INATIVOS — Refere-se às pessoas que não têm atividade direta na lavoura, industria e comercio.

# Société Française des Constructions BABCOCK & WILCOX



" BABCOCK & WILCOX "

Fabricantes especializados de maquinaria para a  
industria açucareira em geral



Tender de moenda (de 24 x 48), completo de 12 rolos, fornecido  
ao Instituto do Açúcar e do Alcool para a Distilaria Central de  
Ponte Nova

**Representantes no Brasil:**  
**Roberto de Araujo**

End. Tel. MARZUK - Caixa Postal 353 - Telefone 9019

**RECIFE**      -«»-      **PERNAMBUCO**  
**BRASIL**



# THE CALORIC COMPANY

## RIO DE JANEIRO

AV. PRESIDENTE WILSON, 118 - 4.º AND.

CAIXA POSTAL, 1060 — END. TELEGRAFICO "PETROLORIC"

TELEFONE 22-5133

OLEO  
**DIESEL**  
GAS OIL



OLEO  
**COMBUSTIVEL**  
FUEL OIL

LUBRIFICANTES

MOTOR OILS

### PARA INDUSTRIA E NAVEGAÇÃO

PRODUTOS ESPECIAIS PARA TODOS OS FINS.

PARA CONSELHOS DOS NOSSOS PERITOS, SEM ONUS OU COMPROMISSO PARA VV. SS., QUEIRAM DIRIGIR-SE A' NOSSA FILIAL MAIS PROXIMA, OU DIRETAMENTE AO ENDEREÇO SUPRA.

RIO

## DEPOSITOS

PARA'

S. PAULO

RECIFE

SANTOS

BAÍA

NUMERO DAS PESSOAS LIGADAS DIRETA E INDIRETAMENTE À LAVOURA, INDUSTRIA E COMERCIO DA CANA E SEUS DERIVADOS

## 42 — Aspecto relativo

## 421 — Medias nas usinas, segundo a profissão

Usinas segundo a categoria de produção (saco de 60 quilos)	M E D I A S						
	Na lavoura	Nas fábricas	Em estrada de ferro	Operarios especializados	TOTAL	Inativos	Nucleo familiar
Até 10.000 . . . . .	70	20	2	6	98	55	153
De + 10.000 até 50.000 . . . . .	262	50	16	8	336	157	493
De + 50.000 " 100.000 . . . . .	611	150	59	11	831	360	1.191
De + 100.000 " 150.000 . . . . .	1.045	250	84	22	1.401	621	2.022
De + 150.000 " 200.000 . . . . .	927	350	144	29	1.450	632	2.082
De + 200.000 " 250.000 . . . . .	1.218	400	86	34	1.738	795	2.533
De + 250.000 " 300.000 . . . . .	1.262	450	197	39	1.948	871	2.799
De + 300.000 . . . . .	1.304	500	172	45	2.017	966	2.923
<b>MEDIA . . . . .</b>	<b>304</b>	<b>78</b>	<b>25</b>	<b>9</b>	<b>436</b>	<b>191</b>	<b>607</b>

## 422 — Media dos engenhos, segundo a profissão

E N G E N H O S		M E D I A S					
		LAVOURA	TRABALHADORES			Inativos	Total do nucleo familiar
Categoria de produção (saco de 60 quilos)	Número de engenhos	Area de cana em ha.	Na lavoura	Na industria	TOTAL		
Até 50 . . . . .	40.779	2	3	1	4	1	5
De + 50 até 100 . . . . .	5.215	3	4	2	6	2	8
De + 100 " 200 . . . . .	3.450	6	7	3	10	4	14
De + 200 " 300 . . . . .	1.187	10	12	4	16	7	23
De + 300 " 500 . . . . .	1.189	16	20	5	25	11	36
De + 500 " 1.000 . . . . .	970	30	37	6	43	18	61
De + 1.000 " 2.000 . . . . .	671	60	70	7	77	33	110
De + 2.000 . . . . .	369	100	117	8	125	53	178
<b>TOTAL . . . . .</b>	<b>53.830</b>	<b>5,5</b>	<b>6</b>	<b>2</b>	<b>8</b>	<b>3</b>	<b>11</b>

INATIVOS — Refere-se às pessoas que não têm atividade direta na lavoura, industria e comercio.

**NUMERO DAS PESSOAS LIGADAS DIRETA E INDIRETAMENTE A LAVOURA, INDUSTRIA E COMERCIO DA CANA E SEUS DERIVADOS**

**42 — Aspecto relativo**

**423 — Indice percentual, segundo a profissão**

**1 — Da situação canavieira**

**Apuração estatística de 1937**

PROFISSÕES	POPULAÇÃO	% sobre o total do Brasil
Lavoura . . . . .	862.200	2,00
Industria . . . . .	121.769	0,28
Comercio . . . . .	11.218	0,02
Transporte . . . . .	12.422	0,03
Diversos . . . . .	497.865	1,15
	<hr/>	<hr/>
	1.505.474	3,48
Restante da população não ligada à situação canavieira . . . . .	41.741.457	96,52
	<hr/>	<hr/>
<b>TOTAL</b> . . . . .	<b>43.246.931</b>	<b>100,00</b>

DIVERSOS — Inclue demais profissões e população inativa.

**42 — Aspecto relativo**

**423 — Indice percentual, segundo a profissão**

**2 — Da situação geral do Brasil**

EM 1920			EM 1937		
RECENSEAMENTO DE 1920			DISCRIMINAÇÃO DA POPULAÇÃO SEGUNDO INDICES DE 1920		
PROFISSÕES	População	% sobre o total	PROFISSÕES	População	% sobre o total
Lavoura . . . . .	6.276.880	20,82	Lavoura . . . . .	9.004.011	20,82
Industria . . . . .	1.189.357	3,88	Industria . . . . .	1.677.880	3,88
Comercio . . . . .	497.548	1,62	Comercio . . . . .	700.600	1,62
Transporte . . . . .	253.587	0,83	Transporte . . . . .	358.950	0,83
Diversos . . . . .	22.318.233	72,85	Diversos . . . . .	31.505.390	72,85
	<hr/>	<hr/>		<hr/>	<hr/>
<b>TOTAL</b> . . . . .	<b>30.635.605</b>	<b>100,00</b>	<b>TOTAL</b> . . . . .	<b>43.246.931</b>	<b>100,00</b>

**Discriminação dos índices da população, segundo a profissão**

PROFISSÕES	% SOBRE O TOTAL DO BRASIL			PROFISSÕES	% SOBRE O TOTAL DA PROFISSÃO		
	Total do Brasil	Discriminação			Total do Brasil	Discriminação	
		Situação canavieira	Demais situações			Situação canavieira	Demais situações
Lavoura . . . . .	20,82	2,00	18,82	Lavoura . . . . .	100,00	9,5	90,5
Industria . . . . .	3,88	0,28	3,60	Industria . . . . .	100,00	7,2	92,8
Comercio . . . . .	1,62	0,02	1,60	Comercio . . . . .	100,00	1,6	98,4
Transporte . . . . .	0,83	0,03	0,80	Transporte . . . . .	100,00	3,4	96,6
Diversos . . . . .	72,85	1,15	71,70	Diversos . . . . .	100,00	1,5	98,5
	<hr/>	<hr/>	<hr/>		<hr/>	<hr/>	<hr/>
<b>TOTAL</b> . . . . .	<b>100,00</b>	<b>3,48</b>	<b>96,52</b>				

DIVERSOS — Inclue demais profissões e população inativa.

# APÊNDICE

Indices Gerais dos Estados





## II — INDICES GERAIS DOS ESTADOS

## Territorio do Acre

QUADRO N.º 1

## AGRICOLA

(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. ....	400
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. ....	12.902
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) .....	32

## VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

## Principais

CAIANA  
LISTRADA  
ROXA  
CRISTALINA  
PRETA  
ROSA

## Predominantes

## INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
CATEGORIA	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas .....	—	—	—	—	—
Eng. c/turbina .....	—	7:000\$	—	—	—
Engenhos .....	102	490:8428	—	—	8.134
<b>TOTAL</b> .....	<b>101</b>	<b>497:8428</b>	—	<b>33.000</b>	<b>8.134</b>

ALCOOL	Hidratado	Anidro	TOTAL	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	—	—	—	3
Capacidade diaria (Litros)	—	—	—	—

ECONOMICO  
(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total .....	9.082	—	89	Fábrica
Produção das usinas .....	—	—	—	Usina
Exportação .....	—	—	—	—
Importação .....	6.283	—	—	—
Consumo total .....	15.365	—	7,6	Habitante
Consumo de prod. de usinas .....	6.036	—	—	—
<b>ALCOOL</b>				
Produção (Ltrs.) .....	—	—	—	Distilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.) .....	—	—	—	Fábrica

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

MUNICIPIO	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
Juruá .....	2.750	32	Engenho
Xapuri .....	2.075	25	Engenho
Tarauacá .....	1.375	16	Engenho
Purús .....	1.200	14	Engenho
Rio Branco .....	1.075	13	Engenho

## Amazonas

 QUADRO N.º 2  
 AGRICOLA  
 (Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. . . . .	320
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. . . . .	8.000
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) . . . . .	25

## VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

Principais	Predominantes
CAIANA	
LISTRADA	
ROXA	
CRISTALINA	
PRETA	
ROSA	

## INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
CATEGORIA	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas. . . . .	—	—	—	—	—
Eng. c/turbina. . . . .	6	258:000\$	—	—	2.376
Engenhos. . . . .	52	1.006:192\$	—	—	5.084
<b>TOTAL. . . . .</b>	<b>68</b>	<b>1.264:192\$</b>	<b>—</b>	<b>21.440</b>	<b>7.460</b>

ALCOOL	Hidratado	Anidro	TOTAL	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	—	—	—	27
Capacidade diaria (Litros)	—	—	—	—

 ECONOMICO  
 (Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total. . . . .	6.344	—	93	Fábrica
Produção das usinas. . . . .	—	—	—	Usina
Exportação. . . . .	9.750	0,1	—	—
Importação. . . . .	117.520	—	—	—
Consumo total. . . . .	114.115	0,7	15,1	Habitante
Consumo de prod. de usinas. . . . .	106.982	1,0	—	—
<b>ALCOOL</b>				
Produção (Ltrs.) . . . . .	—	—	—	Distilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.) . . . . .	—	—	—	Fábrica

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

MUNICIPIO	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
João Pessoa. . . . .	1.275	31	Engenho
Labréia. . . . .	925	22	Engenho
Manaus. . . . .	650	16	Engenho
Floriano Peixoto. . . . .	350	8	Engenho
Porto Velho. . . . .	350	8	Engenho
Canutama. . . . .	325	8	Engenho
Manicoré. . . . .	150	4	Engenho

## Pará

QUADRO N.º 3

AGRICOLA  
(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. ....	930
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. ....	28.900
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) .....	30

## VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

Principais  
CAIANA  
ROXA  
LISTRADA

Predominantes

## INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
CATEGORIA	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas .....	6	1.290:000\$	215	—	14 238
Eng. e/turbina .....	2	977:000\$	—	—	337
Engenhos .....	71	1.589:070\$	—	—	11.963
<b>TOTAL</b> .....	<b>79</b>	<b>2.856:070\$</b>	<b>—</b>	<b>51.969</b>	<b>26.538</b>

ALCOOL	Hidratado	Anidro	TOTAL	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	5	—	5	67
Capacidade diaria (Litros)	1.910	—	1.910	

ECONOMICO  
(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total .....	34.282	0,2	433	Fábrica
Produção das usinas .....	6.641	—	1.106	Usina
Importação .....	32.578	0,4	—	—
Exportação .....	117.552	—	—	—
Consumo total .....	179.054	1,1	6,6	Habitante
Consumo de prod. de usinas .....	152.886	1,4	—	—
<b>ALCOOL</b>				
Produção (Ltrs.) .....	26.940	—	3.849	Distilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.) .....	—	—	—	Fábrica

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

MUNICIPIO	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar- predominantes
Castanhal .....	4.691	21	Engenho
Breves .....	4.400	20	Engenho
Afuá .....	3.825	17	Engenho
Muaná .....	2.507	11	Usina
Igarapé Mirim .....	1.791	8	Usina
Abaeté .....	1.550	7	Usina



## Maranhão

QUADRO N.º 4

## AGRICOLA

(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. ....	1.590
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. ....	55.600
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) .....	35

## VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

<b>Principais</b>	<b>Predominantes</b>
CAIANA	CAIANA
CRIOLA	
CRISTALINA	
BATAVIA	BATAVIA
PRETA	
ROSA	
SEM PELO	

## INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
CATEGORIA	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas. ....	4	642:400\$	540	—	9.789
Eng. e/turbina. ....	10	281:000\$	—	—	2.128
Engenhos. ....	597	5.325:030\$	—	—	37.152
<b>TOTAL. ....</b>	<b>611</b>	<b>6.248:480\$</b>	<b>—</b>	<b>96.300</b>	<b>49.069</b>

ALCOOL	Hidratado	Anidro	TOTAL	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	—	—	—	358
Capacidade diaria (Litros)	—	—	—	—

ECONOMICO  
(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total. ....	49.117	0,3	80	Fábrica
Produção das usinas. ....	7.597	—	1.899	Usina
Exportação. ....	2	—	—	—
Importação. ....	69.972	—	—	—
Consumo total. ....	118.503	0,7	5,7	Habitante
Consumo de prod. de usinas. ....	76.608	0,7	—	—
<b>ALCOOL</b>				
Produção (Ltrs.) .....	—	—	—	Distilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.) .....	—	—	—	Fábrica

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

MUNICIPIO	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
Cururupú. ....	6.409	14	Usina
Guimarães. ....	5.347	12	Usina
S. B. do Paraíba. ....	3.325	7	Engenho
Loreto. ....	3.125	7	Engenho
S. Bento dos Perizes. ....	2.475	5	Engenho
Pinheiros. ....	1.825	4	Engenho

**Piáu**  
QUADRO N.º 5

**AGRICOLA**  
(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA.	1.000
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS.	45.000
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.)	45

**VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS**

**Principais**  
CALANA  
PITU'  
IMPERIAL  
CRISTALINA

**Predominantes**

PITU'

**INDUSTRIAL**

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
C A T E G O R I A	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas	1	—	200	—	2.678
Eng. c/turbina	5	280:000\$	—	—	432
Engenhos	1.442	5.053:000\$	—	—	83.704
<b>T O T A L</b>	<b>1 447</b>	<b>5.333:000\$</b>	<b>—</b>	<b>120.000</b>	<b>86.814</b>

A L C O O L	Hidratado	Anídoro	T O T A L	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	1	—	1	107
Capacidade diaria (Litros)	1.200	—	1.200	

**ECONOMICO**  
(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total	35.724	0,2	24	Fábrica
Produção das usinas	2.108	—	2.108	Usina
Exportação	—	—	—	—
Importação	41.212	—	—	—
Consumo total	76.919	0,5	5,2	Habitante
Consumo de prod. de usinas	43.297	0,4	—	—
<b>ALCOOL</b>				
Produção (Ltrs.)	—	—	—	Distilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.)	—	—	—	Fábrica

**MAIORES CENTROS PRODUTORES**

M U N I C I P I O	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
Valença	14.450	17	Engenho
Picos	12.825	15	Engenho
Oeiras	8.600	10	Engenho
Amarante	7.100	9	Engenho
Barras de Maratoan	6.850	7	Engenho
Castelo	6.100	7	Engenho

## Ceará

QUADRO N.º 6

## AGRICOLA

(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. ....	11.000
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. ....	326.000
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) .....	30

## VARIETADES DE CANA CULTIVADAS

<b>Principais</b>	<b>Predominantes</b>
BOURBON	
CAIANA	
LISTRADA	
MANTEIGA	MANTEIGA
PRETA	PRETA
ROXA	ROXA

## INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
CATEGORIA	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas .....	2	800.000\$	347	—	14.912
Eng. e/turbina .....	11	525.000\$	—	—	1.683
Engenhos .....	2.275	33.109.254\$	—	—	286.826
<b>TOTAL</b> .....	<b>2.288</b>	<b>34.434.254\$</b>	<b>—</b>	<b>816.870</b>	<b>303.421</b>

ALCOOL	Hidratado	Anidro	TOTAL	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	2	—	2	301
Capacidade diaria (Litros)	3.000	—	3.000	

## ECONOMICO

(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total .....	272.708	1,6	119	Fábrica
Produção das usinas .....	10.463	0,1	5.221	Usina
Exportação .....	—	—	—	—
Importação .....	152.700	—	—	—
Consumo total .....	425.354	2,6	148	Habitante
Consumo de prod. de usinas .....	161.672	1,5	—	—
<b>ALCOOL</b>				
Produção (Ltrs.) .....	—	—	—	Distilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.) .....	—	—	—	Fábrica

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

MUNICIPIO	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
Barbalha .....	34.250	12	Engenho
S. Benedito Ipiapaba .....	28.975	10	Engenho
Baturité .....	24.150	8	Engenho
Missão Velha .....	23.175	8	Engenho
Cascavel .....	21.250	7	Engenho
Campo Grande .....	19.100	7	Engenho

## Rio Grande do Norte

QUADRO N.º 7

## AGRICOLA

(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. ....	4.000
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. ....	180.000
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) .....	45

## VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

**Principais**  
 CAIANA  
 CRISTALINA  
 FLOR DE CUBA  
 LOUZIER  
 ROZA  
 ROXA

**Predominantes**  
 FLOR DE CUBA

## INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tons.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
CATEGORIA	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas. ....	3	2.650:000\$	571	—	—
Eng. e/turbina. ....	—	—	—	—	41.531
Engenhos. ....	515	11.454:300\$	—	—	—
<b>TOTAL. ....</b>	<b>518</b>	<b>14.104:300\$</b>	<b>—</b>	<b>281.176</b>	<b>157.158</b>

ALCOOL	Hidratado	Anidro	TOTAL	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	2	—	2	33
Capacidade diaria (Litros)	3.000	—	3.000	—

ECONOMICO  
(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total. ....	179.963	1,1	347	Fábrica
Produção das usinas. ....	32.043	0,3	10.681	Usina
Exportação. ....	8.691	0,1	—	—
Importação. ....	28.267	—	—	—
Consumo total. ....	199.273	1,2	14,6	Habitante
Consumo de prod. de usinas. ....	49.988	0,5	—	—
<b>ALCOOL</b>				
Produção (Ltrs.) .....	30.830	—	15.415	Distilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.) .....	—	—	—	—

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

MUNICIPIO	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açucar predominantes
Ceará Mirim. ....	75.456	45	Engenho
Goianinha. ....	18.850	11	Engenho
Arez. ....	13.275	8	Usina
São José Mipibú. ....	9.300	6	Engenho
Canguaretama. ....	8.975	5	Engenho
Papari. ....	6.625	4	Engenho



## Paraíba

QUADRO N.º 8

## AGRICOLA

(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. ....	8.890
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. ....	379.280
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) .....	42

## VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

<b>Principais</b>	<b>Predominantes</b>
CAIANA	FLOR DE CUBA
FLOR DE CUBA	
CRISTALINA	
MANUEL DE BARROS	
MANTEIGA	
PEITO DE MOÇA	
PRETA	

## INDUSTRIAL

FABRÍCAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
C A T E G O R I A	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas .....	9	3.500:000\$	2.323	—	229.412
Eng. c/turbina .....	—	—	—	—	—
Engenhos .....	1.202	34.826:560\$	—	—	297.029
<b>T O T A L</b> .....	<b>1.211</b>	<b>38.326:560\$</b>	<b>—</b>	<b>620.529</b>	<b>526.441</b>

A L C O O L	Hidratado	Anidro	T O T A L	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	5	—	5	173
Capacidade diária (Litros)	9.350	—	9.350	

## ECONOMICO

(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total .....	403.254	2,4	332	Fábrica
Produção das usinas .....	178.744	1,6	19.860	Usina
Exportação .....	61.854	0,8	—	—
Importação .....	17.292	—	—	—
Consumo total .....	359.159	2,2	14,7	Habitante
Consumo de prod. de usinas .....	134.752	1,2	—	—
<b>A L C O O L</b>				
Produção (Ltrs.) .....	404.407	0,5	134:802	Distilaria
<b>A L C O O L - M O T O R</b>				
Produção (Ltrs.) .....	14.663	—	14.663	Fábrica

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

M U N I C I P I O	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
Santa Rita .....	161.286	29	Usina
Areia .....	104.467	19	Engenho
Sapé .....	53.056	10	Usina
Alagoa Grande .....	36.603	7	Engenho
Serraria .....	34.900	6	Engenho
Bananeiras .....	26.300	5	Engenho

Pernambuco

QUADRO N.º 9

AGRICOLA

(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. ....	79.143
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. ....	2.690.000
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) .....	34

VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

Principais

BOIS ROUGE  
CAIANA  
DEMERARA  
FLOR DE CUBA  
MANUEL CAVALCANTI  
MANTEIGA  
PITU'  
JAVANESA

Predominantes

MANTEIGA  
PITU'  
JAVANESA

INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
CATEGORIA	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas.. . . . .	69	209.779:555\$.	34.413	—	4.514.006
Eng. c/turbina.. . . . .	—	—	—	—	—
Engenhos.. . . . .	1.802	83.373:444\$	—	—	835.334
<b>TOTAL.. . . . .</b>	<b>1.871</b>	<b>293.152:999\$</b>	<b>—</b>	<b>5.814.260</b>	<b>5.349.340</b>

ALCOOL	Hidratado	Anidro	TOTAL	Aguardente alambiques
Destilarias existentes	55	8	63	46
Capacidade diaria (Litros)	258.495	195.000	435.495	

ECONOMICO  
(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total.. . . . .	4.152.543	24,8	2.219	Fábrica
Produção das usinas.. . . . .	3.622.808	31,9	52.504	Usina
Exportação.. . . . .	3.260.857	41,9	—	—
Importação.. . . . .	562	—	—	—
Consumo total.. . . . .	762.328	4,6	16,4	Habitante
Consumo de prod. de usinas.. . . . .	457.521	4,2	—	—
<b>ALCOOL</b>				
Produção (Ltrs.).. . . . .	25.557.060	32,4	464.674	Destilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.).. . . . .	16.442.397	7,7	310.234	Fábrica

MAIORES CENTROS PRODUTORES

MUNICIPIO	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
Escada.. . . . .	470.565	9	Usina
Catende.. . . . .	423.800	8	Usina
Agua Preta.. . . . .	399.811	8	Usina
Barreiros.. . . . .	345.592	6	Usina
Cabo.. . . . .	338.521	6	Usina
São Lourenço.. . . . .	249.919	5	Usina

## Alagoas

QUADRO N.º 10

## AGRICOLA

(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. . . . .	29.400
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. . . . .	1.000.000
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) . . . . .	84

## VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

Principais	Predominantes
CAIANA	
DEMERARA (D 625)	DEMERARA (D 625)
B 3.412	
BA 11.569	
BA 6.032	BH 10 (12)
FLOR DE CUBA	FLOR DE CUBA
PITU'	PITU'
P. O. J. 2.714	P. O. J. 2.714
COIMBATORE	COIMBATORE
BH 10 (12)	

## INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
CATEGORIA	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas. . . . .	32	102.453:026\$	10.499	—	1.381.887
Eng. c/turbina. . . . .	—	—	—	—	—
Engenhos. . . . .	695	44.103:524\$	—	—	591.284
<b>TOTAL. . . . .</b>	<b>727</b>	<b>146.556:550\$</b>	<b>—</b>	<b>2.269.413</b>	<b>2.973.171</b>

ALCOOL	Hidratado	Anidro	TOTAL	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	15	3	18	95
Capacidade diaria (Litros)	41.760	33.000	74.760	

ECONOMICO  
(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total. . . . .	1.556.779	9,3	2.141	Fábrica
Produção das usinas. . . . .	1.163.646	10,2	36.363	Usina
Exportação. . . . .	1.289.039	16,5	—	—
Importação. . . . .	1.674	—	—	—
Consumo total. . . . .	235.380	1,4	11,3	Habitante
Consumo de prod. de usinas. . . . .	75.399	0,7	—	—
<b>ALCOOL</b>				
Produção (Ltrs.) . . . . .	5.737.572	7,3	382.505	Distilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.) . . . . .	2.145.911	1,0	195.083	Fábrica

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

MUNICIPIO	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
Atalaia. . . . .	476.749	24	Usina
S. Luzia do Norte. . . . .	354.437	18	Usina
S. José da Lage. . . . .	247.543	13	Usina
S. Luiz Quitunde. . . . .	177.268	9	Usina
Murici. . . . .	176.428	9	Usina
S. Miguel de Campos. . . . .	77.080	4	Usina

## Sergipe

QUADRO N.º 11

## AGRICOLA

(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. ....	10.000
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. ....	397.000
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) .....	40

## VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

## Principais

CAIANA  
CRISTALINA  
PITU'  
RAIADA  
ROSA  
ROXA  
MANTEIGA

## Predominantes

PITU'

## INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
CATEGORIA	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas.. . . . .	88	45.564:000\$	11.861	—	728.145
Eng. c/turbina.. . . . .	—	—	—	—	—
Engenhos.. . . . .	118	7.061:120\$	—	—	59.358
<b>TOTAL.. . . . .</b>	<b>206</b>	<b>52.625:120\$</b>	<b>—</b>	<b>895.415</b>	<b>787.503</b>

ALCOOL	Hidratado	Anidro	TOTAL	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	5	—	5	37
Capacidade diaria (Litros)	12.200	—	12.200	—

ECONOMICO  
(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total.. . . . .	592.955	3,5	2.878	Fábrica
Produção das usinas.. . . . .	529.059	4,7	6.012	Usina
Exportação.. . . . .	452.649	5,8	—	—
Importação.. . . . .	10	—	—	—
Consumo total.. . . . .	127.325	0,8	13,5	Habitante
Consumo de prod. de usinas.. . . . .	70.694	0,6	—	—
<b>ALCOOL</b>				
Produção (Ltrs.).. . . . .	518.920	0,7	129.730	Distilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.).. . . . .	386.184	0,2	96.546	Fábrica

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

MUNICIPIO	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
Laranjeiras.. . . . .	123.216	16	Usina
Riachuelo.. . . . .	99.000	13	Usina
Maroim.. . . . .	75.000	9	Usina
Divina Pastora.. . . . .	74.308	9	Usina
Japarataba.. . . . .	72.500	9	Usina
Capela.. . . . .	70.330	9	Usina



## Baía

QUADRO N.º 12

## AGRICOLA

(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. . . . .	19.687
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. . . . .	1.238.104
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) . . . . .	63

## VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

## Principais

CAIANA  
BOURBON  
CRIOULA  
DEMERARA  
FLOR DE CUBA  
MANTEIGA  
PITU'  
P. O. J.

## Predominantes

PITU'  
P. O. J.

## INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
CATEGORIA	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas . . . . .	19	38.071.953\$	7.775	—	688.774
Eng. c/turbina . . . . .	2	71.000\$	—	—	240
Engenhos . . . . .	2.638	14.524.795\$	—	—	212.688
<b>TOTAL . . . . .</b>	<b>2.659</b>	<b>52.667.748\$</b>	<b>—</b>	<b>2.676.300</b>	<b>901.702</b>

ALCOOL	Hidratado	Anidro	TOTAL	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	2	—	2	625
Capacidade diaria (Litros)	4.500	—	4.500	

## ECONOMICO

(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total . . . . .	1.273.029	7,6	478	Fábrica
Produção das usinas . . . . .	674.107	5,9	35.479	Usina
Exportação . . . . .	221.704	2,8	—	—
Importação . . . . .	49.591	—	—	—
Consumo total . . . . .	1.092.136	6,7	14,9	Habitante
Consumo de prod. de usinas . . . . .	949.219	4,5	—	—
<b>ALCOOL</b>				
Produção (Ltrs.) . . . . .	41.370	—	41.370	Distilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.) . . . . .	—	—	—	—

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

MUNICIPIO	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
Santo Amaro . . . . .	483.403	38	Usina
S. Sebastião . . . . .	117.438	19	Usina
Esplanada . . . . .	84.000	7	Engenho
Rio Real . . . . .	66.000	5	Engenho
Nazaré . . . . .	60.000	5	Engenho
São Francisco . . . . .	32.826	3	Usina

**Espirito Santo**

QUADRO N.º 13

**AGRICOLA**

(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. ....	5.000
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. ....	157.000
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) .....	31

**VARIETADES DE CANA CULTIVADAS**

**Principais**

P. O. J.  
CAIANA  
CRIOULA  
DEMERARA  
GIGANTE  
PARAGUAI  
ROXA  
PRETA

**Predominantes**

P. O. J. 60%  
CAIANA

**INDUSTRIAL**

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
CATEGORIA	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas. ....	2	2.150:000\$	850	—	50.000
Eng. c/turbina. ....	4	232:000\$	—	—	1.388
Engenhos. ....	300	644:110\$	—	—	13.291
<b>TOTAL. ....</b>	<b>306</b>	<b>3.046:110\$</b>	<b>—</b>	<b>253.000</b>	<b>64.679</b>

ALCOOL	Hidratado	Anidro	TOTAL	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	1	1	2	173
Capacidade diaria (Litros)	2.700	5.000	7.700	

**ECONOMICO**  
(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total. ....	114.702	0,9	472	Fábrica
Produção das usinas. ....	39.227	0,3	19.613	Usina
Exportação. ....	603	—	—	—
Importação. ....	59.061	—	—	—
Consumo total. ....	233.962	1,4	18,7	Habitante
Consumo de prod. de usinas. ....	106.521	1,0	—	—
<b>ALCOOL</b>				
Produção (Ltrs.) .....	298.629	0,4	298.629	Distilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.) .....	27.244	—	27.244	Fábrica

**MAIORES CENTROS PRODUTORES**

MUNICIPIO	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
Itapemirim. ....	40.914	69	Usina
Anchieta. ....	9.661	16	Usina
S. José Calçado. ....	4.150	7	Engenho
Afonso Claudio. ....	3.150	5	Engenho
Alegre. ....	350	1	Engenho
Colatina. ....	200	0,3	Engenho

## Rio de Janeiro

QUADRO N.º 14.

## AGRICOLA

(Em - 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. . . . .	51.550
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. . . . .	3.612.000
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) . . . . .	70

## VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

## Principais

CRISTALINA  
MANTEIGA  
BOIS ROUGE  
SEM PELO  
RISCADA  
VERDE  
PAULISTA  
COIMBATORE  
P. O. J.

## Predominantes

CO — F 4 (25%)

CB — CB

P. O. J. 70%

## INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
CATEGORIA	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas . . . . .	30	98.118:000\$	15.838	—	2.024.002
Eng. e/turbina . . . . .	4	552:000\$	—	—	868
Engenhos . . . . .	1.909	11.019:040\$	—	—	134.905
<b>TOTAL</b> . . . . .	<b>1.943</b>	<b>109.689:040\$</b>	<b>—</b>	<b>2.746.744</b>	<b>2.159.775</b>

ALCOOL	Hidratado	Anidro	TOTAL	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	24	10	34	442
Capacidade diaria (Litros)	191.400	163.000	354.400	

ECONOMICO  
(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total . . . . .	2.410.271	14,4	1.240	Fábrica
Produção das usinas . . . . .	2.294.537	20,2	76.484	Usina
Exportação . . . . .	1.566.868	20,1	—	—
Importação . . . . .	62.690	—	—	—
Consumo total . . . . .	1.040:335	6,3	29,1	Habitante
Consumo de prod. de usinas . . . . .	945.291	8,6	—	—
<b>ALCOOL</b>				
Produção (Ltrs.) . . . . .	20.990.182	26,6	999.532	Distilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.) . . . . .	406.037	0,2	36.912	Fábrica

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

MUNICIPIO	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
Campos . . . . .	1.450.233	67	Usina
Macaé . . . . .	222.556	10	Usina
S. João da Barra . . . . .	120.102	6	Usina
São Fidelis . . . . .	100.180	5	Usina
Itaocara . . . . .	59.782	3	Usina
Rezende . . . . .	25.751	1	Usina

## Distrito Federal

QUADRO N.º 15

## AGRICOLA

(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. . . . .  
 PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. . . . .  
 RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) . . . . .

## VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

Principais

Predominantes

## INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
CATEGORIA	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas. . . . .	—				
Eng. e/turbina. . . . .	—				
Engenhos. . . . .	—				
<b>TOTAL. . . . .</b>	—				

ALCOOL	Hidratado	Anidro	TOTAL	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	—	1	1	—
Capacidade diaria (Litros)	—	3.000	3.000	—

**ECONOMICO**  
 (Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total. . . . .	—	—	—	Fábrica
Produção das usinas. . . . .	—	—	—	Usina
Exportação. . . . .	486.143	6,2	—	—
Importação. . . . .	2.237.491	—	—	—
Consumo total. . . . .	1.769.955	10,8	56,9 qls.	Habitante
Consumo de prod. de usinas. . . . .	1.756.639	16,0	—	—
<b>ALCOOL</b>				
Produção (Ltrs.) . . . . .	—	—	—	Distilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.) . . . . .	145.927.321	68,6	13.266.120	Fábrica

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

MUNICIPIO	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes



## São Paulo

QUADRO N.º 16

## AGRICOLA

(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. . . . .	60.000
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. . . . .	1.561.085
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) . . . . .	26

## VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

## Principais

P. O. J.  
F. CO — CB  
CAIANA  
TAQUARA  
CRIOULA  
DUQUESA

## Predominantes

P. O. J. 80%  
F. CO — CB 15%

## INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
C A T E G O R I A	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas . . . . .	36	124.279:103\$	15.376	—	2.088.420
Eng. e/turbina . . . . .	149	4.276:940\$	—	—	48.123
Engenhos . . . . .	3.733	21.382:500\$	—	—	137.248
<b>T O T A L . . . . .</b>	<b>3.918</b>	<b>149.938:543\$</b>	<b>—</b>	<b>2.812.039</b>	<b>2.273.791</b>

A L C O O L	Hidratado	Anidro	T O T A L	Aguardente alambiques
Destilarias existentes	33	13	46	2.262
Capacidade diária (Litros)	254.550	158.000	412.550	

## ECONOMICO

(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total . . . . .	2.668.351	15,9	1.233	Fábrica
Produção das usinas . . . . .	2.357.504	20,7	65.486	Usina
Exportação . . . . .	220.277	2,8	—	—
Importação . . . . .	2.165.222	—	—	—
Consumo total . . . . .	4.583.241	28,0	38,5	Habitante
Consumo de prod. de usinas . . . . .	3.794.477	34,6	—	—
<b>A L C O O L</b>				
Produção (Ltrs.) . . . . .	22.194.357	28,1	672.556	Destilaria
<b>A L C O O L - M O T O R</b>				
Produção (Ltrs.) . . . . .	46.707.978	21,9	1.946.166	Fábrica

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

M U N I C I P I O	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
Piracicaba . . . . .	353.575	16	Usina
Igarapava . . . . .	286.180	13	Usina
Araraquara . . . . .	250.114	11	Usina
Sta. Bárbara . . . . .	202.167	9	Usina
Capivarã . . . . .	193.040	9	Usina
Porto Feliz . . . . .	192.121	9	Usina

## Paraná

QUADRO N.º 17

AGRICOLA  
(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. ....	500
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. ....	15.000
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) .....	30

## VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

Principais  
P. O. J.Predominantes  
P. O. J. 50%

## INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
CATEGORIA	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas. ....	—	—	—	—	—
Eng. c/turbina. ....	4	39:000\$	—	—	3.926
Engenhos. ....	65	556:016\$	—	—	3.384
<b>TOTAL</b> .....	69	586:016\$	—	85.200	7.310

ALCOOL	Hidratado	Anidro	TOTAL	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	—	—	—	240
Capacidade diaria (Litros)	—	—	—	—

ECONOMICO  
(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total. ....	12.669	—	183	Fábrica
Produção das usinas. ....	—	—	—	Usina
Exportação. ....	—	—	—	—
Importação. ....	368.760	—	—	—
Consumo total. ....	381.429	2,3	20,9	Habitante
Consumo de prod. de usinas. ....	339.763	3,1	—	—
<b>ALCOOL</b>				
Produção (Ltrs.) .....	—	—	—	Distilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.) .....	—	—	—	Fábrica

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

MUNICIPIO	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
Serro Azul. ....	2.050	42	Engenho
Cambará. ....	1.525	31	Engenho
Fóz do Iguassú. ....	400	8	Engenho
Reserva. ....	300	6	Engenho
Morretes. ....	100	2	Engenho
Jataí. ....	150	3	Engenho

## Santa Catarina

QUADRO N.º 18

## AGRICOLA

(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. ....	6.000
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. ....	300.000
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) .....	50

## VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

Principais  
P. O. J.Predominantes  
P. O. J. 60%

## INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
C A T E G O R I A	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas. . . . .	4	1.600:000\$	392	—	54.425
Eng. c/turbina. . . . .	2	15:000\$	—	—	73
Engenhos. . . . .	5.472	5.636:664\$	—	—	309.038
<b>T O T A L. . . . .</b>	<b>5.478</b>	<b>7.251:664\$</b>	<b>—</b>	<b>318.422</b>	<b>363.536</b>

A L C O O L	Hidratado	Anidro	T O T A L	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	3	—	3	509
Capacidade diaria (Litros)	7.800	—	7.800	

ECONOMICO  
(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total. . . . .	274.274	1,6	50	Fábrica
Produção das usinas. . . . .	46.348	0,4	11.587	Usina
Exportação. . . . .	76.676	1,0	—	—
Importação. . . . .	103.072	—	—	—
Consumo total. . . . .	299.407	1,8	16,8	Habitante
Consumo de prod. de usinas. . . . .	99.536	0,9	—	—
<b>A L C O O L</b>				
Produção (Ltrs.) . . . . .	515.927	0,7	171.976	Distilaria
<b>A L C O O L - M O T O R</b>				
Produção (Ltrs.) . . . . .	—	—	—	—

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

M U N I C I P I O	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
Itajaí. . . . .	91.624	35	Engenho
Gaspar. . . . .	30.944	12	Usina
Parati. . . . .	23.200	9	Engenho
Tijucas. . . . .	21.700	8	Engenho
Joinville. . . . .	14.307	6	Usina
Palhoça. . . . .	11.400	4	Engenho

## Rio Grande do Sul

QUADRO N.º 19

## AGRICOLA

(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. ....	20.500
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. ....	550.500
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) .....	27

## VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

Principais

Predominantes

## INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
CATEGORIA	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas.....	1	200.000\$	48	—	6.518
Eng. e/turbina.....	—	—	—	—	—
Engenhos.....	321	4.662.180\$	—	—	11.469
<b>TOTAL.....</b>	<b>322</b>	<b>4.862.180\$</b>	<b>—</b>	<b>1.008.300</b>	<b>17.817</b>

ALCOOL	Hidratado	Anidro	TOTAL	Aguardente alambiques
Destilarias existentes	1	—	1	1.478
Capacidade diaria (Litros)	1.000	—	1.000	

ECONOMICO  
(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total.....	30.822	0,2	95	Fábrica
Produção das usinas.....	194	—	194	Usina
Exportação.....	1.895	—	—	—
Importação.....	1.149.057	—	—	—
Consumo total.....	1.177.983	7,2	21,7	Habitante
Consumo de prod. de usinas.....	1.143.632	10,4	—	—
<b>ALCOOL</b>				
Produção (Ltrs.).....	27.443	—	27.443	Destilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.).....	—	—	—	Fábrica

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

MUNICIPIO	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
Torres.....	9.225	57	Engenho
Sto. Antonio Patrulha.....	4.250	26	Engenho
Osorio.....	1.468	9	Usina
Conceição Arroio.....	825	5	Engenho
Palmeira.....	375	2	Engenho
Montenegro.....	125	1	Engenho



## Minas Gerais

QUADRO N.º 20

## AGRICOLA

(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. ....	76.347
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. ....	3.591.900
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) .....	47

## VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

<b>Principais</b>	<b>Predominantes</b>
P. O. J.	P. O. J. 50%
UBA'	
CAIANA	
CRIOULA	
CRISSIUMA	
BOIS ROUGE	
ROXA	
GIGANTE	
CRISTAL	

## INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
CATEGORIA	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas .....	28	73.437.709\$	4.334	—	372.004
Eng. e/turbina .....	103	2.884.700\$	—	—	24.279
Engenhos .....	29.457	139.829.436\$	—	—	1.510.558
<b>TOTAL .....</b>	<b>29.588</b>	<b>216.151.845\$</b>	<b>—</b>	<b>3.105.505\$</b>	<b>1.906.841</b>

ALCOOL	Hidratado	Anidro	TOTAL	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	13	1	14	57
Capacidade diaria (Litros)	35.350	5.000	40.350	

ECONOMICO  
(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total .....	2.475.955	14,8	83	Fábrica
Produção das usinas .....	375.811	3,3	13.421	Usina
Exportação .....	99.925	1,3	—	—
Importação .....	593.125	—	—	—
Consumo total .....	2.985.171	18,2	22,5	Habitante
Consumo de prod. de usinas .....	896.062	8,2	—	—
<b>AÇUCAR</b>				
Produção (Ltrs.) .....	2.391.907	3,0	217.446	Distilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.) .....	776.908	0,4	129.485	Fábrica

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

MUNICIPIO	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
Ponte Nova .....	151.192	7	Usina
Rio Branco .....	121.250	6	Usina
Uba' .....	61.825	3	Engenho
Caratinga .....	60.125	3	Engenho
Patos .....	42.525	2	Engenho
Viçosa .....	38.200	2	Engenho

# Sul América Terrestres Marítimos e Acidentes

Casa Matriz -- Rua da Alfândega, 50 -- Rio de Janeiro

O 26.º Relatório, já atualmente divulgado, demonstra que a Companhia obteve uma

Receita Geral de Rs. 50.513:335\$221

mantendo, portanto, O PRIMEIRO POSTO entre as suas congêneres que operam no Brasil

## Organização Geral

O número de Agencias, Sucursais, Sub-Agencias, Inspetorias e Sub-Inspetorias eleva-se a 910, estando a Companhia representada em todo o territorio brasileiro e operando nas seguintes

## Modalidades de Seguros:

INCENDIO -- MARÍTIMO -- TERRESTRES EM TRÂNSITO -- ACIDENTES PESSOAIS -- ACIDENTES DO TRABALHO -- RESPONSABILIDADE CIVIL -- AUTOMOVEIS E INFIDELIDADE

Filiais em :

S. PAULO  
Rua Boa Vista, 31  
RECIFE  
Avenida Rio Branco, 126  
PARA'  
Rua 15 de Novembro, 144  
BELO HORIZONTE  
Av. Amazonas (esq. Rua S. Paulo)

NITEROI  
Rua Cel. Gomes Machado, 69  
PORTO ALEGRE  
Avenida Otavio Rocha, 73-2º  
CURITIBA  
Avenida 15 de Novembro, 608-3.º  
BAÍA  
Rua Conselheiro Saraiva, 2  
ITAJAÍ  
Rua Felipe Schmidt, 69

CAPITAL REALIZADO . . . . .	2.000:000\$000
RESERVA ESTATUTARIA . . . . .	1.670:066\$027
RESERVAS LEGAIS . . . . .	10.794:852\$043
RESERVAS FACULTATIVAS E LUCROS SUSPENSOS	5.900:280\$894

# Sul América Terrestres Marítimos e Acidentes

No gênero, a maior companhia de seguros no Brasil

**ANUARIO**

**AÇUCAREIRO**

DE 1935, 1936, 1937, 1938, 1939 E 1940

PREÇO DO EXEMPLAR

**brochura - 10\$000**  
**PELO CORREIO . . . . . 11\$400**

**encadernado - 20\$000**  
**PELO CORREIO . . . . . 22\$000**

ANUNCIOS:

Página a cores. . . . . 1:000\$000  
Página de cor preta. . . . . 600\$000

A' venda nas Delegacias Regionais do Instituto do Açúcar e do Alcool nos Estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Baía, Rio de Janeiro (Campos), São Paulo, Minas

Gerais e na sede :

Secção de Publicidade

RUA GENERAL CAMARA, 19-7.º and.—s. 12

Tel. 23-6252 — Caixa Postal 420

DISTRITO FEDERAL



## Goiaz

QUADRO N.º 21

AGRICOLA  
(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA.	5.500
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS.	190.000
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.)	35

## VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

## Principais

CAIANA  
ROXA  
IMPERIAL  
LISTRADA

## Predominantes

## INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
CATEGORIA	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas	1	885.000\$	40	—	5.000
Eng. ç/turbina	11	1.027.000\$	—	—	2.167
Engenhos	3.014	6.281.100\$	—	—	103.317
<b>TOTAL</b>	<b>3.026</b>	<b>8.193.100\$</b>	<b>—</b>	<b>380.000</b>	<b>110.484</b>

ALCOOL	Hidratado	Anidro	TOTAL	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	—	—	—	95
Capacidade diaria (Litros)	—	—	—	—

ECONOMICO  
(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total	159.378	1,0	52	Fábrica
Produção das usinas	1.378	—	1.378	Usina
Exportação	—	—	—	—
Importação	15.422	—	—	—
Consumo total	174.961	1,1	13,2	Habitante
Consumo de prod. de usinas	16.870	0,2	—	—
<b>ALCOOL</b>				
Produção (Ltrs.)	—	—	—	Distilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.)	—	—	—	Fábrica

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

MUNICIPIO	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
Catalão	17.875	12	Engenho
Santa Luzia	16.800	12	Engenho
Bonfim	12.050	8	Engenho
Jataí	11.500	8	Engenho
Pouso Alto	8.875	6	Engenho
Pirenópolis	7.950	6	Engenho



## Mato Grosso

QUADRO N.º 22

## AGRICOLA

(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. ....	1.800
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. ....	78.000
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) .....	43

## VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

<b>Principais</b>	<b>Predominantes</b>
CAIANA	
ROXA	
CRISTALINA	ROXA
ROSA	CRISTALINA
TAQUARA	ROSA
CAITANA	
MACAÉ'	

## INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
CATEGORIA	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas.....	10	6.230:250\$	1.126	—	28.669.
Eng. c/turbina.....	5	535:000\$	—	—	373
Engenhos.....	72	1.933:512\$	—	—	3.825
<b>TOTAL.....</b>	<b>87</b>	<b>8.698.762</b>	<b>—</b>	<b>76.660</b>	<b>32.867</b>

ALCOOL	Hidratado	Anidro	TOTAL	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	8	—	8	1.806
Capacidade diaria (Litros)	10.030	—	10.030	

ECONOMICO  
(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total.....	25.897	0,2	297	Fábrica
Produção das usinas.....	21.718	0,2	2.171	Usina
Exportação.....	1.305	—	—	—
Importação.....	23.081	—	—	—
Consumo total.....	46.036	0,3	7,0	Habitante
Consumo de prod. de usinas.....	41.857	0,4	—	—
<b>ALCOOL</b>				
Produção (Ltrs.).....	226.030	0,3	32.290	Distilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.).....	—	—	—	Fábrica

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

MUNICIPIO	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
Sto. Antonio Rio Abaixo.....	20.464	60	Usina
Miranda.....	5.150	15	Usina
S. Luiz Cáceres.....	2.374	7	Usina
Cuiabá.....	1.654	5	Usina
Corumbá.....	1.625	5	Engenho
Rosario Oeste.....	900	3	Engenho

## BRASIL

QUADRO N.º 23

## AGRICOLA

(Em 1938)

AREA DAS LAVOURAS EM HA. ....	393.557
PRODUÇÃO DE CANA EM TONLS. ....	16.409.371
RENDIMENTO AGRICOLA (TONS. POR HA.) .....	42

## VARIEDADES DE CANA CULTIVADAS

## Principais

CAIANA  
MANTEIGA  
CRISTALINA  
TAQUARA  
JAVANESA  
INDIANA

## Predominantes

JAVANESA } 50 %  
INDIANA }

## INDUSTRIAL

FABRICAS EXISTENTES		Capital	Capacidade das moendas em 24 horas (tonls.)	EM SACOS DE 60 QUILOS	
CATEGORIA	Número			Maior produção	Limite fixo
Usinas .....	345	711.650:996\$	106.748	—	12.254.210
Eng. c/turbina .....	316	11.951:640\$	—	—	88.393
Engenhos .....	54.025	493.881:739\$	—	—	4.771.348
<b>TOTAL .....</b>	<b>54.686</b>	<b>1.157.848:375\$</b>	<b>—</b>	<b>19.631.952</b>	<b>17.113.951</b>

ALCOOL	Hidratado	Anidro	TOTAL	Aguardente alambiques
Distilarias existentes	175	37	212	8.514
Capacidade diaria (Litros)	838.245	562.000	1.400.245	

## ECONOMICO

(Media do trienio de 1937-1939)

	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/total do Brasil	Media p/unidade	UNIDADE
<b>AÇUCAR</b>				
Produção total .....	16.768.099	—	306	Fábrica
Produção das usinas .....	11.363.933	—	32.939	Usina
Exportação (p/estrangeiro) .....	315.199	—	—	—
Importação .....	—	—	—	—
Consumo total .....	16.397.391	—	22,3	Habitante
Consumo de prod. de usinas .....	10.970.702	—	—	—
<b>ALCOOL</b>				
Produção (Ltrs.) .....	78.961.574	—	372.460	Distilaria
<b>ALCOOL-MOTOR</b>				
Produção (Ltrs.) .....	212.834.644	—	1.900.309	Fábrica

## MAIORES CENTROS PRODUTORES

MUNICIPIO	Media anual (scs. 60 quilos)	% s/o total Estado	Tipos de açúcar predominantes
Pernambuco .....	4.152.543	25	Cristal
São Paulo .....	2.668.351	16	Cristal
Minas Gerais .....	2.475.955	15	Rapadura
Rio de Janeiro .....	2.410.271	14	Cristal
Alagoas .....	1.556.779	9	Cristal
Baía .....	1.273.029	8	Cristal
Sergipe .....	592.955	4	Cristal
Parafba .....	403.254	2	Rapadura





# O álcool como elemento de defesa nacional

UMA PALESTRA COM O CORONEL RUI ALMEIDA SOBRE O MAGNO ASSUNTO

Um encontro casual com o coronel Rui Almeida propiciou-nos o assunto destes comentários. O douto catedrático do Colegio Militar é, reconhecidamente, uma das mais brilhantes figuras do nosso exército, em cujo seio goza de invulgar valimento. Mas, não é só entre os elementos das nossas forças armadas, — exército e marinha — que se irradia o seu prestígio, esse prestígio simpático que provem dos imperativos da razão e da consequência de atos nobres e ordenados. Em todas as esferas das atividades nacionais, nas altas rodas sociais e mesmo entre o povo, de que já foi recentemente, um dos bons representantes da Câmara Legislativa da cidade, em toda a parte, enfim, sente-se a estima que desfruta como cidadão honrado e militar digno.

Falar com Rui Almeida é receber na alma uma onda de entusiasmo sadio pelos destinos do Brasil, é acreditar no futuro do país com o otimismo criterioso dos que refletem e dos que deduzem. Nada de sonhos mirabolantes nem de milagres, que com os sonhos e os milagres não se constrói a grandeza de um país. Rui Almeida, ou simplesmente Rui, é um homem que acredita nas forças imperecíveis da espiritualidade, crê na religião, possui crença e tem fé, enxerga as possibilidades magníficas da nossa gente e a sua robusta aptidão para construir uma grande pátria.

Mas, no seu entender, tudo isso não basta. É preciso aproveitar as nossas possibilidades dentro do círculo gigantesco das necessidades nacionais. Temos que nos educar e evoluir. Ascender sempre e sempre. E sobretudo não dormir diante da magnífica paisagem que nos delicia a vista. E, mais do que isso: defender o grande patrimônio patrio, considerando os exemplos do momento e as lições dos povos que, alem-mar, se degladiam pela terra alheia.

— A atual guerra européia ensinou-nos, diz s.s., que o motor é o grande elemento das competições guerreiras, do dia de hoje. O homem não pode prescindir da máquina nas suas disputas sangrentas. As forças motorizadas são, inegavelmente, o elemento n.º 1 da vitória de qualquer exército que se queira tornar eficiente. E quem

diz motor, diz combustível. Aquele se importa ou se constrói, guarda-se, modifica-se, utiliza-se. Este, o combustível, precisa ter-se sempre, porque cada vez se gasta mais. Não podemos ficar na situação de importadores de uma matéria da qual necessitamos como elemento vital de defesa. As nações que hoje nos vendem as máquinas de que necessitamos, podem se negar amanhã, a nos fornecer o combustível imprescindível para a sua movimentação, e então teremos máquinas imprestáveis, paradas, mortas...

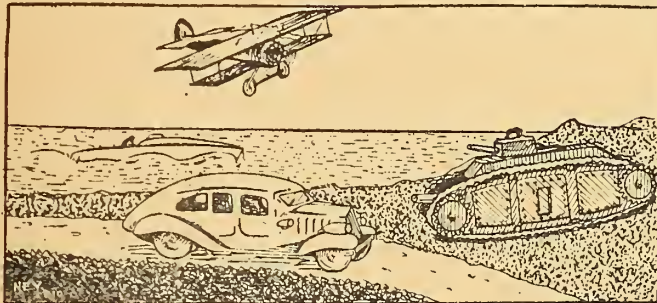
— Devemos nos habilitar, dentro do clima das nossas necessidades, olhando com os olhos de enxergar, a prover com produto nosso, aquilo de que necessitamos. — Não desconheço — continua — a magnífica promessa do Petróleo Brasileiro, mas este ainda demora para suprir toda a grande importação que fazemos, e que sobe atualmente a cerca de 500 milhões de litros por ano. E quem

quiser consultar estatísticas, verificará, numa decorrência do nosso crescimento, que ano a ano, mais aumenta a entrada desse produto em nosso país. Muitos anos ainda se passarão até que estejamos em condições de prover ao nosso suprimento.

— Temos que voltar as nossas vistas para o álcool anidro. Incentivar a sua produção.

— As estatísticas ainda nos mostram uma produção de menos de 40 milhões de litros por ano, o que quer dizer que não fabricamos sequer a quota regulamentar de 10% da mistura legal. O Brasil precisa produzir não apenas 40 milhões, mas cinco vezes mais.

— Aquela percentagem de mistura deve ser aumentada, pois, sem prejuízo, pôde ser feita até numa base de 50%. Não levará muitos anos que precisaremos do dobro de combustível que agora gastamos. E não devemos dormir, esperando as possibilidades, magníficas, mas demoradas do petróleo nacional".



Veículos diversos, de paz ou de guerra e nos quais são usados motores a explosão

Na redação, continuamos a pensar nas palavras do ilustre militar e professor.

Consultamos as estatísticas:

Em 1939 importamos 497 milhões de litros de gasolina, num aumento de quase 50%, comparável com o ano de 1933, que foi de 293 milhões de li-



tros. A nossa produção de álcool anidro, estritamente necessária, devia ter sido, portanto, de 49 milhões de litros, de acordo com a quota legal de mistura, mas produzimos apenas 38 milhões de litros, muito aquém das nossas necessidades.

Uma pergunta se impõe, logo, imperativamente:

País, essencialmente agrícola, como o nosso, será que não estamos aparelhados para uma grande produção? Não temos destilarias? Estarão estas providas de maquinaria moderna e imprescindível para a sua missão? Será, por outro lado, dentro da atividade industrial privada, uma industria cujos resultados não sejam compensadores? Como se explica a ridícula produção que apresentamos, quando temos, além de outros, três grandes Estados plantadores de cana? Pernambuco, Estado do Rio e São Paulo?

O palpitante assunto, que casualmente abordamos no encontro com o coronel Rui Almeida, provoca a curiosidade do reporter.

VIDA MILITAR conversou com usineiros, visitou o Instituto do Açúcar e do Alcool, esteve no Sindicato dos Usineiros de Pernambuco, verificou estatísticas, deduziu possibilidades, confrontou cifras habilitando-se a fazer uma reportagem criteriosa.

Temos no Brasil 31 grandes destilarias, assim distribuídas por Estados:

			Its. diários
Pernambuco . . .	6	distil. c/ cap. prod. de	120.000
Alagoas . . . . .	1	" " " " " "	8.000
Esp. Santo . . . .	1	" " " " " "	5.000
R. de Janeiro . .	9	" " " " " "	148.000
Minas Gerais . .	1	" " " " " "	5.000
São Paulo . . . .	12	" " " " " "	148.000
Dist. Federal. . .	1	" " " " " "	3.000
<b>TOTAL</b>		<b>Distils. — Capac.</b>	<b>437.000</b>

Como se vê, possuímos destilarias com capacidade de produzir mais de 10 milhões de litros de álcool por mês, calculando o mês de 25 dias, o que quer dizer que podemos fabricar o triplo do que fabricamos atualmente, o que já seria interessante do ponto de vista das nossas conveniências.

Mas a verdade, segundo o que apuramos na enquête realizada, é que a produção de álcool, entre nós, não é suficientemente recompensada. O preço de seu tabelamento não indeniza o produtor convenientemente, não só no que se refere aos capitais empregados nas custosas instalações como pelo custo mesmo da sua transformação industrial.

Daí, ser o fabrico do álcool, no Brasil, uma consequência apenas do fabrico do açúcar, para

aproveitamento do seu residuo. Ninguém planta cana no país para produzir álcool diretamente. O que acontece é o aproveitamento dos residuos ou do melado da fabricação do açúcar. E ter-se-á uma idéia da nossa ridícula produção, quando afirmamos o seguinte: A cana, depois do seu complicado processo de transformação industrial, dá um rendimento de cerca de 9%, ou seja: cada tonelada de cana produz uma media de 90 quilos de açúcar, correspondente a sacco e meio de 90 quilos. Pois bem:

O álcool sai disso tudo, numa proporção de 3% sobre aqueles 9%.

Devíamos olhar o álcool como uma industria de características próprias, de vida autónoma. Não devia ser uma industria subsidiaria, como na realidade é. A razão do que acontece está no preço do seu tabelamento que é de 850 réis por litro, insuficiente para

uma justa compensação. Pensam os produtores que com um aumento de 100 réis em litro haveria um encorajamento geral para uma grande produção. E esse aumento não refletiria demasiado na economia popular, sabido que somente numa proporção de 10% — quota de mistura — seria cobrado. Outras palavras: Cada

litro de álcool anidro, sendo dividido por 10 de combustível, compreende-se que o aumento de 100 réis equivaleria, na realidade, a 10 réis por litro da materia usada. Isso numa época em que pagamos Rs. 1\$500 e 2\$000 por uma garrafa de agua mineral, sem nenhum processo de transformação industrial, e que requer apenas o seu engradamento.

Dentro do ponto de vista econômico, no que se refere à nossa balança comercial, seria, a política da nossa maior produção de álcool, dos mais aliciosos resultados.

Basta que atentemos no que economizamos em 1939 com a deficiente produção de 38.171.502, que corresponderam a Rs. 21.539:698\$300. Calcule-se, entretanto, a que alturas poderão subir tais cifras, se, amparando com preços melhores o referido produto, procurarmos, por outro lado o seu justo aproveitamento, numa quota de mistura maior, em gradativa ascensão.

No Brasil existem atualmente, para mais de 200.000 veículos terrestres a motor, com um aumento de mais de 30.000 entre 1938 e 1939. Não deve haver admiração para esse ponto. O Brasil cresce sempre. O que hoje nos parece grande, amanhã nos parecerá ridiculamente pequeno. E continuaremos crescendo ainda. Avaliemos, portanto, quais serão as nossas necessidades de combustível, quando tivermos de enfrentar a realidade da nossa defesa, usando as nossas possibilidades e contando com as nossas proprias forças, de vez que aqueles dados se referem à nossa vida normal.

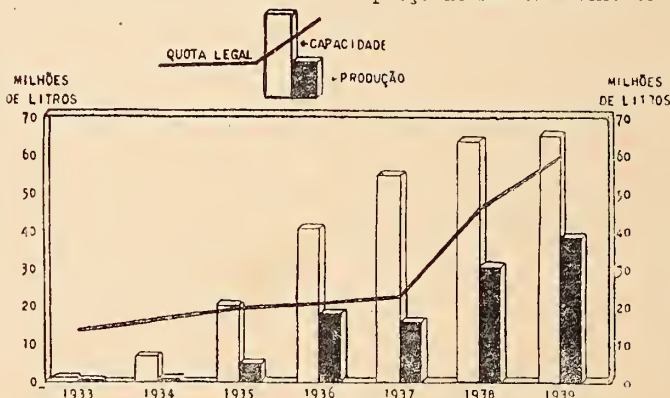
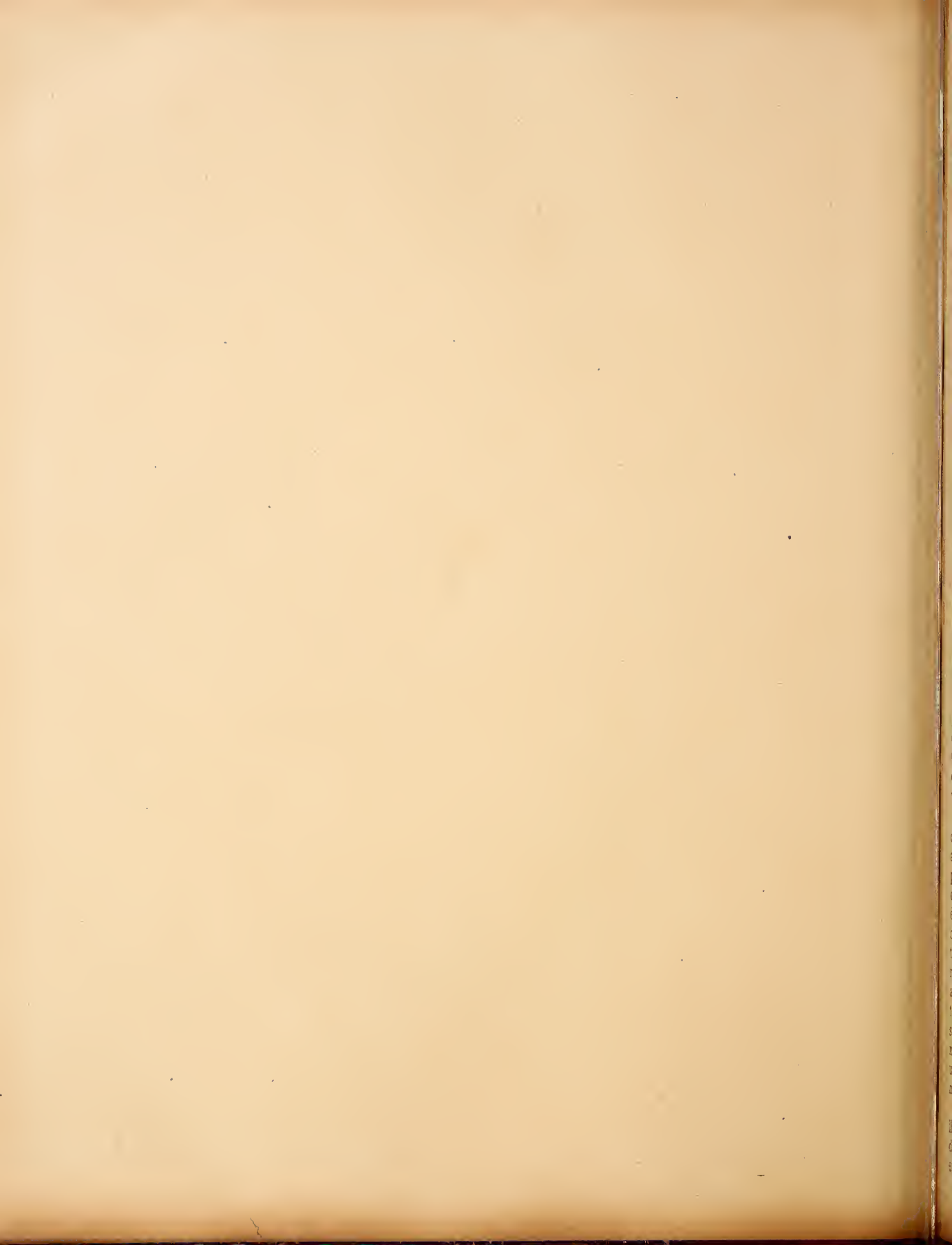


Gráfico demonstrativo da capacidade de produção

# COLABORAÇÕES





# O AÇUCAR NA ECONOMIA HUMANA

Adrião Caminha Filho

As três quartas partes da força motriz de ambos os reinos, animal e vegetal, é proporcionada pelo açúcar. Nenhum movimento de cada grupo dos nossos músculos, nenhuma batida do nosso coração, nenhuma idéia da nossa imaginação, se produzem sem ser pela combustão do nosso vulgar açúcar.

Nas plantas os hidratos de carbonô representam as materias de reserva por excellencia. Eles provêm da decomposição do ácido carbônico pela clorofila sob a influencia da luz e a vida e a vegetação das plantas dependem, principalmente, dessa decomposição.

Indêpendentemente das ações do açúcar como principal ponto de energia, fornecendo força e calor ao corpo humano, inclusive a atividade muscular exclusivamente ligada à sua combustão, recentes experimentos demonstraram que esse elemento desempenha na economia orgânica tambem outras funções proporcionadas especialmente pela propriedade química particular de sua molécula.

O brasileiro, regra geral, come pouco açúcar sendo o consumo anual do Brasil, **per capita**, estimado em 20 quilogramas. Pode, entretanto, uma pessoa consumir diariamente até 500 gramas de açúcar desde que o seu organismo se encontre suficientemente provido de vitaminas.

A Comissão de Nutrição do Reich, estudando a possibilidade de suprir e compensar a deficiencia de alimentos graxos, um dos problemas da Alemanha, chegou à seguinte conclusão transformada em resolução: "Não é a saude que impede o aumento no consumo de açúcar dentro do limite de necessidade total de carboidratos (400 a 500 gramas diarias). Se o consumo de açúcar é acrecido alem da necessidade normal de carboidratos, em conexão com uma diminuição no consumo de substancias graxas, as vitaminas simultaneamente devem ser aumentadas com uma dieta mais rica de vegetais frescos, tomates, frutas, leite, pão integral, batatas, etc."

E' o fígado, dentre os órgãos da maravilhosa máquina humana, o que tem a propriedade fisiológica de transformar o açúcar que entra no organismo, em estado integral ou

sob a forma de hidratos de carbono com os variados alimentos (pão, massas, arroz, féculas, frutas, etc.), em glicogenio. Assim transformado ele fica armazenado, até o momento de ser solicitado pelo organismo para suprir as faltas do açúcar consumido durante o trabalho mecânico.

A digestão do açúcar, em solução, consiste no desdobramento da sacarose em glucose e levulose, pela ação de certos fermentos, ênzimas e intertases, em presença do calor e na ausencia de ácidos. A glucose passa assim ao sangue e, em presença do oxigenio, produz ácido fórmico que por sua vez se combina com os sais formando formiatos.

O açúcar alojado no músculo, já sob a forma de glicogenio, quando aquele é submetido a um exercicio continuo, é transformado por desdobramento em aldeido fórmico que, por via de oxidação, se transforma primeiramente em ácido fórmico e logo a seguir em ácido carbônico e agua.

Quando uma pessoa trabalha, física ou intelectualmente, a energia necessaria é fornecida, principalmente, pela combustão do açúcar do sangue. Ao mesmo tempo que esse açúcar é queimado, o sangue solicita mais açúcar da reserva que se acha no fígado. Essa víscera deve fazer então um trabalho inverso, transformando novamente o glicogenio em açúcar para entregá-lo ao sangue.

Desde que haja uma insuficiencia hepática, isto é, quando o fígado não for capaz dessa dupla transformação, o sangue ficará com falta de açúcar, isto é, a glicemia será deficiente.

Segundo o professor Miguel Manara as variações do teor de açúcar no sangue, desde as mais elevadas às mais baixas, dão lugar a fenômenos químicos importantes que têm sido aproveitados pela terapia. Um deles é provocado durante a diminuição da quantidade de açúcar, de estados anormais aos normais, produzindo-se um forte apetite que aumenta gradualmente e pelo qual se pode aumentar com eficacia a alimentação até com as pessoas que habitualmente comem pouco ou sentem repugnancia pelos alimentos. Obtem-se, por esse meio, um notavel aumento de



peso em pessoas debeis e incapazes de assimilar sua alimentação diaria.

Assim esclarecido o destino do açucar no organismo e o órgão responsavel pelo seu metabolismo, urge acabar de uma vez por todas com as lendas useiras e vezeiras do povo, de que o açucar dá origem, predispõe ou acelera a carie dentaria; que é o causador das lombrigas nas crianças; que é o responsavel pelo diabete; que favorece ou predispõe à adiposidade.

Nada disso provem do açucar nem do seu uso sistemático.

A carie dos dentes tem como fator principal a deficiencia orgânica de calcio, de fósforo e da vitamina D e tambem a falta de higiene da boca, permitindo a fermentação ácida dos detritos alimentares que se localizam nos intersticios dentarios excluindo o açucar que é totalmente arrastado pela saliva. O dr. J. R. Agnew, de Toronto, no Canadá, fez um acurado estudo sobre a dieta de mais de três mil pessoas, revelando, contrariamente à crença geral, que o açucar não é absolutamente nocivo aos dentes.

As lombrigas são originarias pela ingestão de alimentos contaminados, como carnes cruas ou mal cozidas, de verdura e frutas que não foram fervidas ou suficientemente lavadas, da agua não filtrada, etc., etc.

O diabete, está hoje comprovado, não se deve à ação deficiente do fígado e sim à perturbação de um órgão com o qual o açucar não entra em contacto, que é a glândula pancreática. O máu funcionamento desse órgão elaborador da insulina é um defeito de natureza fisiológica que não é originado pelo consumo do açucar. Quando o pâncreas funciona corretamente e se incluem na dieta outros alimentos que contemham proteínas, minerais e vitamina, podem comer-se grandes quantidades de açucar sem qualquer perigo para o organismo.

E' correntia a suposição em que incorre a maioria das pessoas, notadamente as do sexo feminino, de que o açucar favorece ou predispõe à engorda. Muitas sacrificam sua saude e bem estar físico na preocupação de conservar uma figura excessivamente delgada mediante um severo regime alimentar onde o açucar é totalmente suprimido sob qualquer forma. Entretanto, o açucar não é o responsavel direto pela formação do tecido adiposo, pelo simples motivo de que ele é um alimento destinado à combustão e não à ar-

mazenagem; é um alimento de consumo imediato e não de reserva.

Em geral, o maior consumo de açucar se traduz num aumento de glóbulos vermelhos e de peso sem localizações adiposas nas diferentes partes do individuo. O seu consumo diario, em quantidades suficientes, mantem o corpo em forma normal e adequada, aumenta a força física e a resistencia às condições adversas. As pessoas que têm tendencia para engordar procurem, antes de culpar o açucar, a origem disso, num disturbio glandular que pode ser combatido ou regulado mediante uma medicação hormônica adequada.

A prática da ginástica sistemática e o uso do açucar são fatores que se completam para a manutenção do corpo em condições físicas excelentes e em boa forma de elegancia.

Entretanto, uma pequena quantidade de açucar dá sabor a uma grande quantidade de alimentos de muitas calorias, tais como o pão e os cereais, que muitas pessoas são tentadas a ingerir mais do que podem ou devem usar de uma vez e, por conseguinte, começam a aumentar a reserva adiposa que tanto molesta os contornos femininos.

O açucar tem ação termógena e dinamógena e o organismo utiliza 100% do total ingerido, não restando dele particula inutilizada.

Nada se encontrou até hoje que tenha as propriedades calóricas e energéticas desse alimento e nem se crê que se encontrará. Calcula-se que o açucar proporciona 25% da energia que o corpo gasta no trabalho e no movimento. E' de todos os alimentos, o mais valioso, de mais facil e completa digestão, de maior valor nutritivo e de maior valor energético. Produz energia e vigor, fortalece o coração, estimula a circulação, a digestão e o sistema nervoso.

Todas as funções orgânicas experimentam, em maior ou menor gráu, a influencia benéfica do açucar, seja no caso de pessoas sadias ou enfermas, seja no de adultos ou crianças.

As idéias atuais acerca desse elemento lhe dão um papel importantíssimo nos regimes de alimentação equilibrada e no tratamento das mais diversas molestias relacionadas com a nutrição e com a circulação. A ciencia médica moderna reconhece não somente as inegaveis qualidades excepcionais do açucar como tambem as suas propriedades curativas em varias enfermidades.

O açúcar só pode ser condenado de uma única maneira e assim mesmo de forma indireta, pelo fato de que, consumindo-se açúcar, doces ou substancias açucaradas antes das refeições, sacia-se rapidamente o apetite, o que pode determinar uma diminuição na quantidade de outros alimentos essenciais que devem ser ministrados ao organismo para o equilibrio alimentar.

Diz o professor Josué de Castro, autoridade sobre os modernos principios da ciencia da nutrição, o seguinte: "não existem propriamente alimentos bons nem máus. Tudo é uma questão de quantidade, de proporção, de arranjo mutuo entre as varias substancias que devem compor um regime alimentar. Qualquer alimento usado de modo exclusivo é insufficiente para manter o equilibrio dinâmico do organismo. Há sempre necessidade de se combinar varios alimentos para se satisfazer as exigencias específicas de materia e de energia que o organismo requer.

Dentro destes postulados podemos exaltar o valor alimenticio do açúcar como um dos elementos nutritivos indispensaveis à constituição de um regime racional.

O alimento tem como primordiais funções biológicas o fornecimento de materia para o crescimento e os reparos orgânicos, e o fornecimento de energia para a execução do trabalho fisiológico e para a manutenção da temperatura animal. O grande fornecedor de energia mecânica, de energia do trabalho, é o açúcar — o hidrôcarbonado. Constituem as reservas de açúcar dos músculos o grande potencial energético que por sua queima produz a força de contração muscular e permite o desempenho do trabalho executado pela máquina humana.

Depende, assim, a capacidade de trabalho individual da riqueza dessas reservas de combustível açucarado — o glicogenio muscular; individuos com poucas reservas de açúcar nos seus músculos se fatigam depressa e produzem pouco; individuos com boas reservas multiplicam a sua resistencia à fadiga e intensificam o seu ritmo de trabalho.

Procurando investigar as razões profundas do pouco rendimento de trabalho do brasileiro comparado com o de alguns outros povos, os modernos sociólogos e antropologistas — os que buscam verdadeiramente interpretações científicas — chegaram à evidencia de que este fato decorre, em grande parte, da deficiencia alimentar do brasileiro. Em inquéritos realizados pelo Brasil afora,

desde o primeiro deles que realizei no nordeste, até os mais recentes procedidos em S. Paulo e Rio, sempre a alimentação do povo se tem revelado **insufficiente, incompleta e desarmônica.**

O termo **insufficiente** traduz que a nossa alimentação é quantitativamente deficitaria, não possuindo a quantidade de energia necessaria às despesas básicas e de realização de trabalho de um homem normal. Estas despesas estão calculadas pelos fisiologistas em cerca de 3.000 calorias e, no entanto, ficou apurado num desses inquéritos que o regime individual apenas continha cerca de 1.650 calorias, apenas um pouco mais da metade do que seria indispensavel à sua nutrição. E' claro que para se manter com tal regime alimentar, para realizar humanamente esse "milagre dos peixes", o homem diminue automaticamente a sua atividade e restringe ao mínimo a sua eficiencia de trabalho, tornando-se, como assegurou corajosamente Afrânio Peixoto, um "infra-homem".

Ora, sendo o açúcar um grande fornecedor de energia especialmente mecânica, o seu consumo liberal entre os brasileiros seria util, porque ao menos viria melhorar um dos aspectos graves da nossa alimentação deficiente — aspecto quantitativo — aumentando o valor energético da alimentação habitual. Alguns dos preceitos mantidos contra o uso liberal do açúcar não têm nenhuma razão de ser; são verdadeiros tabús sem nenhum fundamento explicativo: por exemplo, a idéia de que o açúcar é prejudicial à crianca porque dá verminose — "açúcar vira lombriga" — constitue simples sobrevivencia de um velho tabú afro-brasileiro, formado talvez pela insistencia com que os senhores de engenho repetiam a balela, para meter medo aos molequinhos ladrões de açúcar e bebedores de mel.

Tambem está inteiramente destruida a lenda de que a alimentação rica em açúcar estraga os dentes, facilitando as caries. Há tempos, fizeram alguns autores tal afirmativa, baseados na hipótese de que os residuos de açúcar, retidos entre os dentes, fermentavam e produziam o ácido láctico, facilitando o desenvolvimento de um germe — bacilo acidophilus odontoliticus — que seria o destruidor da estrutura dentaria. Experimentadores como Lilly e Grace, procurando verificar experimentalmente o fato, alimentaram ratos com uma dieta extraordinariamente rica em açúcar, acrescentando ainda por cima,



três vezes por semana, a essa alimentação, um pouco de cultura do proprio bacilo acidophilus. Resultado: nunca apareceu carie dentaria e a teoria foi arruinada. Hoje buscam outras causas para explicar a maior ou menor resistencia dentaria. O açúcar é que nada tem a ver com a historia.

Usado em boa dose, está este alimento longe de prejudicar o organismo. Principalmente, fazendo-se uso dele em combinação com outros alimentos ricos em vitamina "B", como sejam as verduras, os legumes e certos cereais como o trigo integral, o milho verde, etc. Quanto maior a ingestão de vitamina "B", maior também a tolerancia para os açucara-dos.

Entre nós, apesar de ter sido o nosso país o maior produtor e exportador de açúcar durante mais de um século, o seu consumo "per capita" está longe de alcançar os limites da tolerancia, sendo mesmo mais baixo do que o de diversos países que consomem açúcar de importação.

Dada a plasticidade do açúcar, a sua capacidade de se fundir, de se amalgamar com tudo quanto é especie de alimento, permitindo os arranjos culinarios os mais variados e os mais surpreendentes, deve e pode este produto ocupar um lugar de destaque na alimentação típica e ao mesmo tempo racional do brasileiro."

Fartem-se as crianças de açúcar favorecendo-lhes o desenvolvimento do sistema muscular, a formação dos ossos e o metabolismo basal; usem e abusem os moços durante o período de estudos e de prática dos esportes; os homens de trabalho refazendo as energias dispendidas; comam os velhos bastante açúcar mantendo a vivacidade do espirito e a alegria da vida.

Faça-se a propaganda adequada, prática e convincente. E' importante e indispensavel estabelecer uma campanha educativa e persistente, destinada a orientar e ensinar o povo sobre a importancia do açúcar na dieta humana e sobre as múltiplas aplicações desse alimento, seja nos usos domésticos, seja nos da medicina e das industrias.

Facilite-se, por outro lado, o consumo para haver consumo e desse modo urge diminuir o custo unitario de produção, melhorando os sistemas de cultura da cana de açúcar, da fabricação do açúcar e aproveitando mais prática e racionalmente os sub-produtos; liberando, o quanto possivel, os impostos que gravam o produto; diminuindo as tarifas e facilitando os transportes.

E' imprescindivel permitir o acesso facil desse alimento à bolsa das populações menos privilegiadas e que são justamente as mais necessitadas do uso franco e sistemático do açúcar.

O desenvolvimento da fabricação de doces deve ser considerado um dos fatores principais para o aumento do consumo. Pode dizer-se mesmo que aquela industria é subsidiaria e complementar dessa, pois não substituiria sem o fornecimento do seu melhor produto e garante a esse uma das colocações mais rëndosas.

De fato, a manufatura de doces finos exige o açúcar de boa qualidade. Geralmente, o mais empregado é o cristal de 1.º jato ou o grã-fino, o que interessa, ao mesmo tempo, tanto aos consumidores, por ser esse o tipo que contem todos os elementos nutritivos, como aos usineiros, por ser o que goza de cotações mais vantajosas em todos os mercados.

Quando se aconselha o maior uso do açúcar, pelo seu elementar resultado na economia vital do homem, ninguem espera que seja aumentada a sua procura, apenas, ou para ser comido diretamente como alimento, ou para ser ingerido indiretamente, nas bebidas que o exigem, como o café, o chá ou o mate. Embora a rapadura constitua, efetivamente, um grande alimento das nossas populações sertanejas, o que se tem em vista é provocar, sobretudo, o consumo do açúcar de melhores tipos, por ser o que mais beneficia o organismo humano.

Dessa circunstancia é que ressalta a importancia do fabrico de doces para a expansão da industria açucareira. E' evidente que quanto mais se intensificar a produção dos deliciosos artigos, que são o regalo de crianças, adultos e velhos, mais açúcar se consumirá por toda a parte, numa de suas aplicações mais recomendaveis à saude, ao vigor e ao fortalecimento da coletividade.

Alem disso, a industria de doces interessa a outros ramos de atividade, que lhe fornecem materias primas indispensaveis para o seu trabalho, como as frutas, madeiras, folhas de Flandres, etc. Só no que diz respeito às frutas, que são uma fonte de riqueza nacional digna dos maiores cuidados dos poderes públicos, a sua associação ao açúcar, na forma daqueles produtos, representa tantas vantagens, para a alimentação de todas as classes e idades, que não precisa ser realçada.

# ESTRUTURA DOS CUSTOS DA PRODUÇÃO DO AÇUCAR

Gileno Dé Carli

## INTRODUÇÃO

O estudo que intitulei de “Estrutura dos Custos da Produção do Açucar” é uma contribuição ao conhecimento da verdadeira situação econômica das usinas de açúcar do país. É o primeiro trabalho dessa natureza escrito no Brasil, e, se não é perfeito em todos os seus aspectos, dá entretanto a justa medida da realidade açucareira.

Se, em vez da frieza dos números, eu tivesse preferido escrever literatura econômica, o título não seria o escolhido. Eu teria denominado a obra de “Drama do Açucar no Nordeste Brasileiro”.

Porque então não se modifica o preço do açúcar no Brasil de forma a que a Usina do Nordeste possa subsistir ?

Eis a explicação: Criou-se a lenda de um fausto, de um luxo e de um esbanjamento de riquezas por parte do usineiro no Brasil, principalmente em Pernambuco e em Alagoas.

Nababo, ricoço, perdulario, resumiam a figura do usineiro.

Até onde era verdadeira essa impressão? Os Usineiros em Pernambuco e em Alagoas viviam e vivem ainda num meio pobre. O Nordeste industrial se resumia quase no açúcar, principalmente na zona rica litorânea. E tudo isso pertencia à Usina. Assim, nesse meio agrícola-industrial só existem duas classes: — uma, muito pouco numerosa, monopolizando as terras, dona de grandes canaviais, manobrando grandes capitais que normalmente não lhe pertencem; a outra classe, numerosíssima, proletarizada, podendo-se nela incluir fornecedores de cana, lavradores, opera-



rios e trabalhadores rurais. Dessa comparação nasceu a ilusão da riqueza do usineiro do Nordeste. Tudo porém miragem, tudo irreal, tudo fantasia. Quero crer que nessa ilusão viveu muito industrial de açúcar. Vive assim, talvez, ainda hoje, muito usineiro que mal sente estar comendo a própria carne; gastando o ferro dos seus maquinismos sem apontamento nem substituições; cansando a terra que não recebeu o carinho e tratamento dos plantios da cana bem cultivada; inutilizando o esforço do seu operario e de seu trabalhador escravizado à máquina estragada e à terra envelhecida.

Mas, um dia, todas as resistencias se partem, e a tragedia começa. O último ato é a transmissão da propriedade da usina ao credor, ou então, o melão de São Caetano, a tiririca e a gitirana, na esplanada da Usina, subindo pelas paredes e telhados.

Os dados estatísticos do custo de produção de açúcar em seis Estados açucareiros, e durante seis safras, irão desfazer a antiga ilusão dos lucros espantosos dos usineiros do Nordeste.

Eu não desejaria que, reajustada a situação dos usineiros do Norte e Sul, lhes fossem dados lucros fabulosos quando a tendencia moderna é de limitar os ganhos excessivos, afim de não criar grandes contrastes. Mas, num país cujo desenvolvimento não se processa com rapidez, como proceder a essa limitação de lucros, que em última análise viria trazer um retardamento ou displicencia na iniciativa particular? A riqueza pública só é grande, quando há grandes fortunas particulares, por isso, em vez do embotamento da iniciativa particular, com a limitação de lucros, o Poder Público, a troco duma melhor remuneração nos preços do açúcar, pode e deve controlar a aplicação dos lucros excedentes, na propria usina, obrigando a sua inversão em melhores salarios, em casas boas para operarios e trabalhadores rurais, escolas, igrejas, campos de esportes, clubes, cinemas, escolas profissionais, orfanatos, cooperativas de produção agrícola e venda para os trabalhadores, médico, farmácia, dentista, cozinha, hospitais, lactarios, etc.

Quanta felicidade seria espalhada pelos campos! E, o futuro do Brasil também está no campo, na terra trabalhada, no cabo da enxada e na rabiça do arado, junto às máquinas, junto às fornalhas, e na inteligencia e esforço do industrial. Tudo isto, porem, depende do justo preço. Os dados dos três capítulos do presente estudo esclarecem qual deva ser o justo preço.

## CAPÍTULO I

## CUSTO DE PRODUÇÃO DO AÇUCAR

Para o estudo da atual situação da industria açucareira do país, tive que colher elementos relativos à safra 1933/34 e safras subseqüentes, afim de conhecer a razão da fixação do nível dos preços no inicio da defesa do açúcar.

Para o estudo do custo de produção de um sacco de açúcar, investiguei os seguintes dados :

- I) custo industrial de um sacco de açúcar;
- II) depreciação de maquinismos;
- III) juros do capital de financiamento;
- IV) juros sobre o capital empregado na usina.

I — Para o conhecimento do custo industrial de um sacco de açúcar, através de contadores contratados, levantei na escrita comercial dos usineiros, os seguintes dados :

- a) custo de aquisição da materia prima;
- b) transporte de cana e lenha;
- c) custo de fabricação de açúcar;
- d) sacos;
- e) ordenados, salarios e gratificações;
- f) seguros sobre imoveis e operarios;
- g) taxas de pensões e aposentadorias;
- h) assistencia social;
- i) imposto em geral;

- j) conservação de linhas ferreas;
- k) conservação do material rodante;
- l) conservação da linha telefônica;
- m) conservação da fábrica, maquinismos, predios, etc.
- n) despesas gerais;
- o) fretes e carretos;
- p) taxa do I.A.A.;
- q) despesas comerciais e armazenagens;
- r) honorarios e gratificações de proprietarios e diretores.

II — Para o conhecimento do valor da depreciação dos maquinismos, após uma série de investigações e consultas dos valores das usinas, concluí que, uma usina, com a quota de produção, maquinismos, estradas de ferro, propriedades e bemfeitorias, vale, em media, em Pernambuco e Alagoas, cem mil réis o sacco-limite; em Sergipe e Baía oitenta mil réis; no Estado do Rio de Janeiro vale cento e vinte mil réis e em S. Paulo cento e cinquenta mil réis. Atendendo a ser o mesmo o valor da parte de maquinismos, indistintamente para todos os Estados açucareiros, calculei uma taxa de 5% anuais, correspondendo a 20 anos de vida util do maquinismo, sobre 50 % do valor de cem mil réis por sacco-limite, pois o material depreciavel corresponde à metade do valor de uma usina.

III — Através dos empréstimos de financiamento feitos pelo Banco do Brasil em Pernambuco, pude calcular o valor dos juros por sacco de açúcar, nos centros de produção onde o usineiro tem necessidade de crédito bancario.

IV — Conhecido o valor das usinas pelo valor do sacco-limite, os juros sobre o capital empregado se calculará à base de 8% anuais. E' preciso notar que há paises, como a Argentina, por exemplo, onde o Governo admite um lucro industrial de 14%, em relação ao capital empregado.

No ano em que o Governo fixou os atuais preços do açúcar, isto é, em

1933, o custo de produção industrial de um saco de açúcar, nos diversos centros produtores foi :

Pernambuco . . . . .	35\$218
Alagoas . . . . .	42\$329
Sergipe . . . . .	43\$146
Baía . . . . .	38\$394
Est. do Rio . . . . .	34\$721
São Paulo . . . . .	34\$744

Dos preços de custo de produção de um saco de açúcar estão excluídos a depreciação, juros do capital de financiamento e juros sobre o capital empregado.

Nessa mesma safra, os preços de venda de um saco de açúcar, extraídos das escritas comerciais das usinas, foram :

Pernambuco . . . . .	39\$162
Alagoas . . . . .	37\$970
Sergipe . . . . .	43\$063
Baía . . . . .	40\$338
Est. do Rio . . . . .	40\$234
São Paulo . . . . .	49\$536

Estão deficitarios os Estados de Alagoas e Sergipe, cujos limites então fixados foram de 1.357.195 sacos e 723.154 sacos, respectivamente enquanto a safra 1933/34 foi, correspondentemente, de 747.557 sacos e 298.790 sacos. Essa grande redução explica a elevação do custo de produção.

Se compararmos a situação dos preços de venda com a dos preços de custo de produção, verificaremos que Pernambuco teve um saldo de 3\$944 por saco, o Estado da Baía de 1\$944, o Estado do Rio de 5\$513 e São Paulo de 14\$891 por saco.

E' do conhecimento geral que, ao se iniciar a safra de 1933/34, o Governo Federal já havia decretado a moratoria da lavoura. Em dezembro de 1933, o decreto do Reajustamento econômico veio atenuar ainda mais a situação de dificuldades dos usineiros, principalmente os do Norte. Enquanto perdurou o andamento dos processos pela Câmara do Reajusta-



mento Econômico os usineiros nada amortizaram. Mutos deixaram de pagar os juros de suas dívidas, à espera da solução final dos seus processos.

Facil seria conceber a situação de insolvabilidade e de fracasso que atingiria a industria açucareira do Norte e do Estado do Rio de Janeiro, se não fossem aquelas medidas, pois as diferenças de 3\$944, de 1\$944 e mesmo de 5\$513, por sacco, não daria sequer para o pagamento do serviço de juros das dívidas dos usineiros.

Na safra 1934/35, o custo de produção industrial de um sacco de açúcar foi, nos diversos Estados :

Pernambuco . . . . .	33\$679
Alagoas . . . . .	37\$865
Sergipe . . . . .	35\$059
Baía . . . . .	38\$842
Estado do Rio . . . . .	35\$016
São Paulo . . . . .	37\$633

Enquanto que os preços medios de venda de um sacco de açúcar foram :

Pernambuco . . . . .	37\$871
Alagoas . . . . .	37\$724
Sergipe . . . . .	38\$993
Baía . . . . .	38\$960
Est. do Rio . . . . .	40\$941
São Paulo . . . . .	53\$077

Calculando as diferenças entre o custo de produção e o preço de venda, verificamos que Pernambuco teve um saldo de 4\$192 por sacco, Alagoas teve um saldo de 3\$934 por sacco, a Baía um saldo de \$118 por sacco, o Estado do Rio lucrou 5\$925 e São Paulo 15\$444.

Obedecendo à mesma norma de exposição, na presente safra e nos estudos das safras posteriores, não estão consignados a depreciação de 5% anuais, os juros sobre o capital de financiamento e os sobre o capital empregado na usina.

Na safra 1935/33, o custo de produção industrial de um saco de açúcar foi, nos diversos Estados:

Pernambuco . . . . .	34\$582
Alagoas . . . . .	38\$791
Sergipe . . . . .	37\$274
Baía . . . . .	41\$394
Est. do Rio . . . . .	35\$553
São Paulo . . . . .	38\$305

A media de preços de venda do açúcar, por sacco, foi, nos mesmos Estados:

Pernambuco . . . . .	35\$891
Alagoas . . . . .	34\$462
Sergipe . . . . .	36\$274
Baía . . . . .	37\$557
Est. do Rio . . . . .	40\$587
São Paulo . . . . .	49\$196

E' preciso salientar que, na presente safra, os Estados de Pernambuco e Alagoas fizeram uma quota de sacrificio de 1.727.501 sacos, resultando daí o rebaixamento dos preços de venda.

Comparando os preços de custo de produção de um sacco de açúcar com os preços de venda, verificamos que em Pernambuco há um saldo de 1\$309 por sacco, em Alagoas há um deficit de 4\$329 por sacco, em Sergipe um deficit de 1\$000 por sacco, na Baía um deficit de 3\$837 por sacco, no Estado do Rio um lucro de 5\$032 e em São Paulo um lucro de 10\$891 por sacco.

A safra 1936/37, no Nordeste, se caracterizou por uma profunda anomalia. Em virtude de grande seca a produção daquela região ficou extremamente reduzida. Basta atentar que Pernambuco e Alagoas, que têm um limite, respectivamente, de 4.499.737 e 1.357.195 sacos, produziram somente 2.122.793 e 669.535 sacos. Dessa redução de produção resultou uma elevação no custo de fabricação. Eis os custos de produção de um sacco de açúcar nos diferentes Estados:

Pernambuco . . . . .	51\$289
Alagoas . . . . .	54\$159
Sergipe . . . . .	45\$660
Baía . . . . .	44\$642
Est. do Rio . . . . .	34\$970
São Paulo . . . . .	40\$080

Vejam os a situação da safra em relação ao preço de venda de um saco de açúcar :

Pernambuco . . . . .	45\$099
Alagoas . . . . .	42\$336
Sergipe . . . . .	48\$825
Baía . . . . .	41\$382
Est. do Rio . . . . .	40\$033
São Paulo . . . . .	54\$409

Na referida safra de 1936/37, Pernambuco com um deficit de 6\$190 por saco teve um prejuizo, sobre o montante da safra, de 14.713:283\$360, afora o prejuizo avultado da redução da safra de 52,8%. O Estado de Alagoas com uma diferença entre o custo de produção e o preço de venda de 11\$823, por saco, teve um prejuizo total de 7.915:912\$305, além da redução de 50,6% na safra. O Estado de Sergipe teve um saldo de 3\$165 por saco. A Baía um deficit de 3\$360 por saco. O Estado do Rio conseguiu um saldo de 6\$412 por saco e o Estado de São Paulo lucrou 14\$329 por saco de açúcar.

Na safra 1937/38, com maiores precipitações pluviométricas, melhora a situação das safras de açúcar no Nordeste. As medias do custo de produção de um saco de açúcar, nos diversos Estados, foram :

Pernambuco . . . . .	42\$463
Alagoas . . . . .	46\$942
Sergipe . . . . .	52\$921
Baía . . . . .	42\$667
Est. do Rio . . . . .	41\$810
São Paulo . . . . .	44\$703

Está grandemente alterado o custo de produção do Estado de Sergipe que na presente safra teve uma redução de 27% em relação ao seu limite.

Há a presunção de que tendo emergido de uma safra anterior já abaixo do limite, os produtores tivessem plantado além do limite e feito despesas outras, na expectativa de uma safra compensadora. Mais uma vez Sergipe teve sua safra reduzida, daí o alto custo de produção.

Os preços de venda do açúcar durante a safra 1937/38, nos diferentes Estados, foram :

Pernambuco . . . . .	36\$531
Alagoas . . . . .	42\$346
Sergipe . . . . .	41\$726
Baía . . . . .	36\$245
Est. do Rio . . . . .	46\$736
São Paulo . . . . .	59\$805

Da análise do custo de produção e do preço de venda do saco de açúcar se depreende que Pernambuco teve um prejuízo de 5\$932 por saco, ou 18.271:509\$120, Alagoas teve um **deficit** de 4\$575 por saco ou um prejuízo de 4.124:668\$885. O prejuízo de Sergipe é de 11\$195 por saco. O lucro do Estado do Rio é de 4\$926 por saco, e em São Paulo o lucro do usineiro é de 15\$102 por saco.

Finalmente, na safra 1938/39, o custo de produção do saco de açúcar, sem serem computados os dados de depreciação, juros sobre o capital de financiamento e juros sobre o capital invertido na industria, é, nos diversos Estados :

Pernambuco . . . . .	36\$730
Alagoas . . . . .	38\$376
Sergipe . . . . .	42\$111
Baía . . . . .	48\$185
Est. do Rio . . . . .	44\$744
São Paulo . . . . .	47\$856

Acham-se elevados os custos de produção da Baía, Estado do Rio e São Paulo. A Baía teve uma redução de 18%, e aumentou o seu custo de produção, principalmente com compra de material, maquinismos, etc.

No Estado do Rio e São Paulo as sobre-taxas sobre o extra-limite e



sobre a quota de equilibrio oneram o custo de produção, agravando a verba de despesas gerais. No Nordeste, quando é feita a quota de sacrificio, a redução aparece nos preços de venda. Em São Paulo, por exemplo, na safra 1938/39 houve um extra-limite de 119.215 sacos que pagou uma sobre-taxa de 1.430:580\$000, ou 650 réis por sacco. Como contribuição do plano de equilibrio coube a São Paulo um ônus de 1\$000 por sacco, que tambem está sobrecarregando o custo de produção na verba de despesas gerais.

No Estado do Rio os motivos de majoração do custo de produção estão patentes na elevação das verbas de conservação das máquinas e de aquisição da materia prima. Realmente há uma majoração de 36,3% na verba de conservação de maquinismo, no ano de 1938/39, em relação à mesma verba em 1933/34.

E' um índice seguro da elevação do custo de aquisição do material. Tambem está majorada a verba de materia prima — cana — porque o valor dela está em função dos preços de venda do açúcar. No Estado do Rio os preços têm sido melhores que os do Norte.

Comparando-se, por exemplo, o custo de aquisição da materia prima em Pernambuco e Estado do Rio, vejamos qual seria o custo da cana para a Usina pernambucana — com a tabela oficial do Estado — se ela apurasse os mesmos preços de venda do açúcar das usinas fluminenses.

O preço medio do açúcar vendido por Pernambuco atingiu 39\$878 o sacco e pelo Estado do Rio 46\$139. Tivessem vigorado para Pernambuco os preços do Estado do Rio, o custo de aquisição da materia prima teria passado de 15\$815, por sacco, para 25\$940, o que representaria um aumento de 10\$125 no custo de produção de um sacco de açúcar em Pernambuco.

Os preços de venda do açúcar, na safra 1938/39, foram, por sacco :

Pernambuco . . . . .	39\$878
Alagoas . . . . .	40\$023
Sergipe . . . . .	40\$331
Baía . . . . .	38\$125
Est. do Rio . . . . .	46\$139
São Paulo . . . . .	55\$034

Pelos números acima se deduz que Pernambuco teve um lucro de 3\$148

por saco; Alagoas de 1\$647 por saco; Sergipe um prejuizo de 1\$780 por saco; o Estado da Baía um prejuizo de 10\$060; o Estado do Rio um lucro de 1\$395 por saco; e São Paulo um lucro de 7\$178 por sacco.

A impressão de desafogo que se operou em Pernambuco e Alagoas, na safra 1938/39, é consequencia de pequena margem positiva, entre o custo de produção e o custo de venda. Se o usineiro não poudo pagar os seus compromissos antigos, não aumentou, entretanto, nessa safra a soma dos seus débitos.

Para a segurança de uma media real de produção tomemos a media geral do custo de produção de dois anos normais, isto é, 1937/38 e 1938/39 :

Pernambuco . . . . .	39\$596
Alagoas . . . . .	42\$059
Sergipe . . . . .	42\$115 (exclui- do 1937- 38)
Baía . . . . .	45\$426
Est. do Rio . . . . .	45\$740
São Paulo . . . . .	46\$279

Vivendo quase todas as usinas do Nordeste no regime permanente de financiamento de entre-safra, com o Banco do Brasil, tem-se de aumentar de 424 réis o custo de produção de Pernambuco e Alagoas, equivalendo essa despesa ao valor dos juros de capital de financiamento, por sacco de açúcar.

A verba de depreciação dos maquinismos se calcula da seguinte maneira : uma usina de 300.000 sacos, por exemplo, vale 30.000 contos de réis, sendo 15 mil contos de material depreciavel, como maquinismos, encaamentos, tachos, estradas de ferro, etc.

A taxa de 5% anuais, a verba de depreciação é de 750:000\$000, ou 2\$500 por sacco. Em nenhuma contabilidade se poderia deixar de calcular a depreciação, desde que o material da fábrica, num período de 20 anos tem de ser substituido. Sendo o mesmo o valor dos maquinismos, quer no Norte, quer no Sul, a taxa de depreciação por sacco de açúcar é a mesma para todas as usinas do país.

a) — Valendo 100\$000 o sacco-limite em Pernambuco e Ala-

goas, com os juros de 8% anuais, os juros sobre o capital empregado na industria correspondem, por sacco de açúcar, a 8\$000;

b) — Valendo 80\$000 o sacco-limite em Sergipe e na Baía, com os juros de 8% anuais, os juros sobre o capital empregado na industria correspondem, por sacco de açúcar, a 6\$400;

c) — Valendo 120\$000 o sacco-limite no Estado do Rio, com os juros de 8% anuais, os juros sobre o capital empregado na industria correspondem, por sacco de açúcar, a 9\$600;

d) — Valendo 150\$000 o sacco-limite no Estado de São Paulo, com juros de 8% anuais, os juros sobre o capital empregado na industria correspondem, por sacco, a 12\$000.

Recapitulando todos os elementos de custo geral de produção temos :

Pernambuco . . . . .	50\$520
Alagoas . . . . .	53\$583
Sergipe . . . . .	51\$176
Baía . . . . .	54\$495
Est. do Rio . . . . .	57\$840
São Paulo . . . . .	60\$779

Decorrente porém da fabricação do açúcar resulta um mel final que representa valor. Com uma tonelada de cana obtêm-se 42 quilos de melaço residual. No Norte a tonelada vale 105\$000 e no Sul 120\$000, em relação aos atuais preços do alcool. Esse melaço corresponde, por sacco de açúcar, para o Norte, a 2\$933 e, para o Sul, a 3\$300.

Os preços finais, portanto, para um sacco de açúcar seriam :

Pernambuco . . . . .	47\$587
Alagoas . . . . .	50\$650
Sergipe . . . . .	48\$251
Baía . . . . .	52\$564
Est. do Rio . . . . .	54\$540
São Paulo . . . . .	57\$479

Essa é a realidade do custo de produção das usinas dos seis Estados

açucareiros. Por ele vemos, que somente São Paulo logrou um lucro razoável pelo trabalho e capital empregado na industria. Pareceria que também a situação da industria açucareira fluminense seria de grandes dificuldades ante os preços de liquidação do açúcar. Não teria lucro o produtor fluminense se ele fosse unicamente industrial. Salva-o a situação de ser também plantador de cana. E como grande plantador tem bons lucros com a atividade agrícola. No Norte, porém, como consequencia de fatores varios como solo e clima, os rendimentos agrícolas são menores. Daí ser mais elevado o custo de produção agrícola. Em muitas organizações o custo de produção da tonelada de cana é superior ao preço medio de aquisição, de acordo com a tabela oficial.

## CAPÍTULO II

### DESCRIMINAÇÃO DOS CUSTOS DE PRODUÇÃO

Na discriminação dos custos de produção de um sacco de açúcar nos diversos Estados, de acordo com as rubricas, temos os seguintes dados:

#### 1) — Custo de aquisição da materia prima:

##### Pernambuco

1933/34 . . . . .	15\$099
1934/35 . . . . .	14\$821
1935/36 . . . . .	14\$958
1936/37 . . . . .	21\$553
1937/38 . . . . .	18\$879
1938/39 . . . . .	15\$815

##### Alagoas

1933/34 . . . . .	16\$177
1934/35 . . . . .	15\$790
1935/36 . . . . .	14\$019
1936/37 . . . . .	18\$478
1937/38 . . . . .	19\$743
1938/39 . . . . .	16\$885



**Sergipe**

1933/34 . . . . .	15\$829
1934/35 . . . . .	13\$841
1935/36 . . . . .	14\$593
1936/37 . . . . .	13\$326
1937/38 . . . . .	14\$341
1938/39 . . . . .	14\$288
1938/39 . . . . .	14\$288

**Baía**

1933/34 . . . . .	17\$211
1934/35 . . . . .	17\$845
1935/36 . . . . .	16\$602
1936/37 . . . . .	21\$719
1937/38 . . . . .	19\$980
1938/39 . . . . .	18\$767

**Rio de Janeiro**

1933/34 . . . . .	16\$178
1934/35 . . . . .	17\$162
1935/36 . . . . .	16\$656
1936/37 . . . . .	17\$133
1937/38 . . . . .	20\$523
1938/39 . . . . .	19\$488

**São Paulo**

1933/34 . . . . .	11\$608
1934/35 . . . . .	12\$774
1935/36 . . . . .	14\$391
1936/37 . . . . .	14\$296
1937/38 . . . . .	15\$480
1938/39 . . . . .	16\$094

A media geral do custo de aquisição da materia prima é, durante o sexenio, de 16\$854 por sacco de açúcar, em Pernambuco, de 16\$849 em Ala-

goas, de 14\$369 em Sergipe, de 18\$687 na Baía, de 17\$856, no Rio de Janeiro e de 14\$107, em São Paulo. Quem pretender interpretar os dados de valor da materia prima tem de compará-los com o valor do preço medio de açúcar durante o mesmo sexenio. Assim, por exemplo, o preço medio em Pernambuco foi de 39\$072, no Estado do Rio de Janeiro de 42\$445 e 53\$509 em São Paulo.

Se tomarmos como referencia o valor da materia prima em Pernambuco, em função de preço de açúcar, o valor da materia prima no Estado do Rio deveria ser de 18\$334, e em São Paulo de 23\$081, por sacco de açúcar.

2) — Transporte de cana e lenha :

**Pernambuco**

1933/34 . . . . .	1\$396
1934/35 . . . . .	1\$281
1935/36 . . . . .	1\$470
1936/37 . . . . .	2\$161
1937/38 . . . . .	1\$705
1938/39 . . . . .	1\$583

**Alagoas**

1933/34 . . . . .	1\$908
1934/35 . . . . .	1\$769
1935/36 . . . . .	1\$547
1936/37 . . . . .	1\$994
1937/38 . . . . .	1\$751
1938/39 . . . . .	1\$860

**Sergipe**

1933/34 . . . . .	\$459
1934/35 . . . . .	\$813
1935/36 . . . . .	\$595
1936/37 . . . . .	\$731
1937/38 . . . . .	\$660
1938/39 . . . . .	\$739

**Baía**

1933/34 . . . . .	1\$583
1934/35 . . . . .	1\$122
1935/36 . . . . .	1\$293
1936/37 . . . . .	1\$132
1937/38 . . . . .	1\$100
1938/39 . . . . .	1\$347

**Rio de Janeiro**

1933/34 . . . . .	1\$176
1934/35 . . . . .	1\$102
1935/36 . . . . .	1\$132
1936/37 . . . . .	1\$142
1937/38 . . . . .	1\$191
1938/39 . . . . .	1\$480

**São Paulo**

1933/34 . . . . .	1\$605
1934/35 . . . . .	1\$616
1935/36 . . . . .	1\$577
1936/37 . . . . .	1\$970
1937/38 . . . . .	2\$039
1938/39 . . . . .	1\$994

A media de despesas de transporte de cana e lenha em Pernambuco é de 1\$599, por sacco, em Alagoas de 1\$804, em Sergipe de \$666, na Baía de 1\$263, no Rio de Janeiro de 1\$204 e em São Paulo de 1\$800.

## 3) — Custo de fabricação de açúcar :

**Pernambuco**

1933/34 . . . . .	1\$846
1934/35 . . . . .	1\$790
1935/36 . . . . .	2\$074
1936/37 . . . . .	2\$634
1937/38 . . . . .	2\$429
1938/39 . . . . .	2\$098

**Alagoas**

1933/34 . . . . .	4\$951
1934/35 . . . . .	3\$860
1935/36 . . . . .	3\$963
1936/37 . . . . .	5\$007
1937/38 . . . . .	4\$296
1938/39 . . . . .	3\$094

**Sergipe**

1933/34 . . . . .	2\$976
1934/35 . . . . .	2\$439
1935/36 . . . . .	4\$741
1936/37 . . . . .	5\$903
1937/38 . . . . .	8\$089
1938/39 . . . . .	4\$562

**Baía**

1933/34 . . . . .	3\$703
1934/35 . . . . .	3\$793
1935/36 . . . . .	4\$672
1936/37 . . . . .	4\$632
1937/38 . . . . .	4\$082
1938/39 . . . . .	5\$311

**Rio de Janeiro**

1933/34 . . . . .	2\$990
1934/35 . . . . .	2\$710
1935/36 . . . . .	2\$947
1936/37 . . . . .	3\$149
1937/38 . . . . .	3\$423
1938/39 . . . . .	4\$563

**São Paulo**

1933/34 . . . . .	3\$521
1934/35 . . . . .	4\$021



1935/36 . . . . .	3\$992
1936/37 . . . . .	4\$398
1937/38 . . . . .	4\$204
1938/39 . . . . .	4\$913

A media geral do custo de fabricação de um saco de açúcar é de 2\$145 em Pernambuco, de 4\$195 em Alagoas, de 4\$785 em Sergipe, de 4\$365 na Baía, de 3\$280 no Rio de Janeiro e de 4\$158 em São Paulo.

4) — Sacaria :

Quanto ao valor da sacaria, a media do sexenio para Pernambuco foi de 1\$905, para Alagoas de 2\$005, para Sergipe 1\$999, para Baía 1\$992, para o Rio de Janeiro de 1\$893 e para São Paulo 2\$292.

5) — Ordenados, Salarios e Gratificações :

**Pernambuco**

1933/34 . . . . .	1\$364
1934/35 . . . . .	1\$123
1935/36 . . . . .	1\$104
1936/37 . . . . .	2\$266
1937/38 . . . . .	1\$655
1938/39 . . . . .	1\$234

**Alagoas**

1933/34 . . . . .	1\$750
1934/35 . . . . .	1\$298
1935/36 . . . . .	1\$665
1936/37 . . . . .	2\$720
1937/38 . . . . .	2\$176
1938/39 . . . . .	1\$435

**Sergipe**

1933/34 . . . . .	1\$104
1934/35 . . . . .	\$554

1935/36 . . . . .	\$626
1936/37 . . . . .	1\$066
1937/38 . . . . .	1\$063
1938/39 . . . . .	\$939

**Baía**

1933/34 . . . . .	\$986
1934/45 . . . . .	1\$078
1935/36 . . . . .	1\$397
1936/37 . . . . .	1\$215
1937/38 . . . . .	1\$259
1938/39 . . . . .	1\$840

**Rio de Janeiro**

1933/34 . . . . .	1\$179
1934/35 . . . . .	1\$162
1935/36 . . . . .	1\$325
1936/37 . . . . .	1\$445
1937/38 . . . . .	1\$550
1938/39 . . . . .	1\$645

**São Paulo**

1933/34 . . . . .	1\$331
1934/35 . . . . .	1\$467
1935/36 . . . . .	1\$209
1936/37 . . . . .	1\$141
1937/38 . . . . .	1\$206
1938/39 . . . . .	1\$317

A media, por sacco de açucar, das despesas feitas com salarios, ordenados e gratificações foi de 1\$458 em Pernambuco, de 1\$840 em Alagoas, de \$892 em Sergipe, de 1\$296 na Baía, de 1\$384 no Rio de Janeiro e de 1\$278 em São Paulo.

## 6) — Seguros sobre imoveis e operarios :

A media das despesas com seguros sobre imoveis e operarios atingiu,

por saco de açúcar, em Pernambuco \$197, em Alagoas \$169, em Sergipe \$190, na Baía \$092, no Rio de Janeiro \$189 e em São Paulo \$261.

7) — Taxas de Pensões e Aposentadorias :

Os gastos meios com as taxas de pensões e aposentadorias foram, por saco de açúcar, de \$114 em Pernambuco, de \$058 em Alagoas, de \$068 em Sergipe, de \$088 na Baía de \$057 no Rio de Janeiro e de \$094 em São Paulo.

8) — Impostos em geral :

**Pernambuco**

1933/34 . . . . .	\$389
1934/35 . . . . .	\$487
1935/36 . . . . .	\$443
1936/37 . . . . .	\$740
1937/38 . . . . .	\$531
1938/39 . . . . .	\$537

**Alagoas**

1933/34 . . . . .	\$206
1934/35 . . . . .	\$260
1935/36 . . . . .	\$393
1936/37 . . . . .	\$489
1937/38 . . . . .	\$301
1938/39 . . . . .	\$265

**Sergipe**

1933/34 . . . . .	2\$170
1934/35 . . . . .	1\$400
1935/36 . . . . .	1\$195
1936/37 . . . . .	1\$610
1937/38 . . . . .	1\$763
1938/39 . . . . .	1\$436

**Baía**

1933/34 . . . . .	1\$251
1934/35 . . . . .	1\$110
1935/36 . . . . .	1\$309
1936/37 . . . . .	1\$320
1937/38 . . . . .	\$993
1938/39 . . . . .	2\$277

**Rio de Janeiro**

1933/34 . . . . .	\$449
1934/35 . . . . .	\$434
1935/36 . . . . .	\$474
1936/37 . . . . .	0466
1937/38 . . . . .	\$772
1938/39 . . . . .	1\$183

**São Paulo**

1933/34 . . . . .	\$259
1934/35 . . . . .	\$318
1935/36 . . . . .	\$381
1936/37 . . . . .	\$698
1937/38 . . . . .	\$848
1938/39 . . . . .	1\$034

Embora os números da presente rubrica pareçam contraditórios, esses números foram os apurados realmente nas escritas comerciais das fábricas. Não assumindo responsabilidade pela exata classificação dessa verba, sob reserva as publico. Assim, apuramos, para Pernambuco, uma media por sacco de açúcar de \$521, para Alagoas \$319, para Sergipe 1\$595, para a Baía 1\$376, para o Rio de Janeiro \$629 e para São Paulo \$589.

## 9) — Conservação das linhas ferreas :

A media geral das despesas feitas com a conservação das linhas ferreas foi, em Pernambuco, de \$982 por sacco de açúcar, em Alagoas de \$409, em Sergipe de \$556, em Baía de \$465, no Rio de Janeiro de \$648 e em São Paulo 1\$578.



## 10) — Conservação do material rodante :

As usinas do Estado de Pernambuco gastaram, por saco de açúcar, durante o sexenio, uma media de \$919 na conservação do material rodante, as de Alagoas \$699, as de Sergipe \$419, as da Baía \$651, as do Rio de Janeiro \$341 e as de São Paulo \$996.

## 11) — Conservação da linha telefônica :

As despesas medias com a conservação da linha telefônica, durante o sexenio, foram de \$083, por saco de açúcar, em Pernambuco, de \$025 em Alagoas, de \$026 em Sergipe, de \$049 na Baía, de \$014 no Rio de Janeiro e de \$216 em São Paulo.

## 12) — Conservação da fábrica, máquinas, predios, etc.:

**Pernambuco**

1933/34 . . . . .	2\$259
1934/35 . . . . .	2\$090
1935/36 . . . . .	1\$953
1936/37 . . . . .	3\$606
1937/38 . . . . .	2\$314
1938/39 . . . . .	2\$476

**Alagoas**

1933/34 . . . . .	2\$805
1934/35 . . . . .	2\$129
1935/36 . . . . .	3\$520
1936/37 . . . . .	5\$580
1937/38 . . . . .	3\$861
1938/39 . . . . .	2\$039

**Sergipe**

1933/34 . . . . .	2\$620
1934/35 . . . . .	2\$402
1935/36 . . . . .	1\$989
1936/37 . . . . .	3\$374
1937/38 . . . . .	4\$038
1938/39 . . . . .	2\$125

**Baía**

1933/34 . . . . .	1\$759
1934/35 . . . . .	1\$688
1935/36 . . . . .	2\$382
1936/37 . . . . .	2\$127
1937/38 . . . . .	1\$674
1938/39 . . . . .	4\$536

**Rio de Janeiro**

1933/34 . . . . .	3\$003
1934/35 . . . . .	3\$194
1935/36 . . . . .	3\$474
1936/37 . . . . .	2\$624
1937/38 . . . . .	2\$813
1938/39 . . . . .	4\$718

**São Paulo**

1933/34 . . . . .	3\$501
1934/35 . . . . .	3\$268
1935/36 . . . . .	2\$779
1936/37 . . . . .	2\$976
1937/38 . . . . .	3\$243
1938/39 . . . . .	3\$713

A media geral de despesas, com a conservação da fábrica, maquinismos, predios, foi, durante o sexenio, de 2\$449 em Pernambuco, de 3\$322 em Alagoas, de 2\$758 em Sergipe, de 2\$361 na Baía, de 3\$471 no Rio de Janeiro, e de 3\$246 em São Paulo.

## 13) — Despesas Gerais :

A media de despesas gerais verificada nas usinas de Pernambuco, durante o sexenio, foi de 1\$810 por sacco de açúcar, de 2\$178 em Alagoas, de 1\$997 em Sergipe, de 2\$229 na Baía, de 2\$293 no Rio de Janeiro, de 3\$877 em São Paulo.

## 14) — Fretes e carretos de açúcar :

A media de despesas feitas com fretes e carretos de açúcar durante o sexenio, foi, em Pernambuco de 2\$048, por sacco de açúcar, de 2\$179 em Alagoas, de \$894 em Sergipe de 1\$498 na Baía, de \$468 no Rio de Janeiro e de \$286 em S. Paulo.

## 15) — Despesas comerciais e de armazenagem :

Durante o sexenio do presente estudo, a media das despesas comerciais e de armazenagem em Pernambuco foi de 1\$250, por sacco de açúcar. de \$980 em Alagoas, de 2\$189 em Sergipe, de 1\$156 na Baía, de \$170 no Rio de Janeiro e \$052 em São Paulo.

## 16) — Honorarios e gratificações dos proprietarios ou diretores :

Com as despesas de honorarios e gratificações de proprietarios ou diretores de usinas, durante o sexenio, a media foi em Pernambuco de 1\$280, por sacco de açúcar, de 2\$434 em Alagoas, de 5\$016 em Sergipe, de 1\$253 na Baía, de \$624 no Rio de Janeiro e de 1\$268 em São Paulo. Esses dados não são inteiramente evidentes porque certas despesas possivelmente aquí classificaveis, estão entretanto sobrearregando a verba de despesas gerais.

**Custo medio no sexenio :**

No sexenio 1933/34 a 1938/39 a media de custo de produção de um sacco de açúcar em Pernambuco foi de 37\$623, em Alagoas de 41\$576, em Sergipe de 42\$409, na Baía de 42\$193, no Rio de Janeiro de 37\$839 e em São Paulo de 40\$952.

O custo de produção de um sacco de açúcar em Pernambuco é inferior 3\$953 ao de Alagoas, 4\$786 ao de Sergipe, 4\$570 ao da Baía, \$216 ao do Rio de Janeiro e 3\$329 ao de São Paulo.

## CAPÍTULO III

## CUSTO DE PRODUÇÃO POR CATEGORIA

O Governo Federal, com o decreto n. 1.669, de 11 de outubro de 1939, instituiu uma outra ordem de justiça para os novos aumentos dos limites de produção.

Dividindo as usinas de açúcar por categoria, e beneficiando-as no sentido inverso dos limites, o sr. Getúlio Vargas aumentou a capacidade de resistência das usinas menores, possibilitando-as de conseguirem maior eficiência no trabalho industrial. Dando-lhes maior produção favoreceu o movimento de obras de assistência social praticada em mais larga escala pelas usinas maiores.

No estudo do custo de produção, por categoria, obedeceremos à mesma classificação de decreto n.º 1.669. Em Pernambuco, por exemplo, classificam-se como usinas de pequena capacidade as que têm um limite de produção até 60.000 sacos; médias, as de produção oscilando entre 60.000 e 150.000 sacos; e grandes, as de capacidade superior a 150.000 sacos. Em Alagoas, nessa mesma ordem, a classificação é, respectivamente, de 30.000 sacos, de 30.000 a 100.000 sacos e mais de 100.000 sacos.

Em Sergipe, até 6.000 sacos, de 6.000 a 20.000 sacos e mais de 20.000 sacos.

Na Baía, até 30.000 sacos, de 30.000 a 70.000 sacos, e mais de 70.000 sacos.

No Rio de Janeiro, até 60.000 sacos, de 60.000 a 120.000 sacos e mais de 120.000 sacos.

Em S. Paulo, até 40.000 sacos, de 40.000 a 120.000 sacos e mais de 120.000 sacos.

E' interessante e util a comparação, dentro de cada Estado, do custo de produção de um saco de açúcar, e depois a comparação conforme a categoria da media obtida nos diversos Estados.



## Pernambuco

Considerando como segura e certa a tese de M. Keynes, novos horizontes se abrem às nações na apreciação real do ouro. Seria o homem um escravo do ouro, como desde há tempos era um escravo da máquina? Dizem os economistas anglo-saxões que "a verdadeira moeda internacional não é o ouro, é a libra esterlina, porque o polo monetário do mundo é Londres. O ouro tira o seu valor da libra e não a libra do ouro. O fato histórico já passou. Nós não estamos mais no tempo da moeda-mercadoria. A libra não tem necessidade de um suporte metálico. Deixemos esse fetiche deante o qual nos curvamos tanto tempo. O que nós queremos é uma moeda dirigida."

Mas se a mística do ouro é desarrazoada, a humanidade, entretanto, lhe pagou um pesado tributo. Houve uma verdadeira imolação de todos os que trabalharam afim de que as clássicas regras subsistissem. Se o saneamento do mercado financeiro depende da relação entre o ouro existente e o papel moeda em circulação, se a taxa cambial tem íntima ligação entre o que se exporta e o que se compra, deduz-se que o ouro, quer como valor de uma moeda internacional como a libra esterlina, ou o correspondente numa moeda papel como o mil réis, imprime uma direção nos destinos econômico-financeiros do país.

A relação entre o valor do mil réis papel e o da libra esterlina, em comparação com o nível dos preços no mercado interno, pode ser um índice seguro do ritmo comercial. Não será absoluta essa correlação porque uma serie de fatores, muitos até imponderáveis, modificam a rigidez da dedução. Mas, se se tomar os preços de um determinado período e se se confrontar com o valor da libra, automaticamente se poderá conhecer qual o valor ouro que representam esses preços. Ora, se com a sucessão dos períodos houve alteração no valor da libra esterlina e portanto do ouro, a mesma quantidade de produtos se comparará com um valor ouro bastante diverso. Tem-se portanto, na comparação, os termos do problema, elementos capazes de determinação do encarecimento, da elevação dos níveis dos valores.

Os períodos de um estudo de cambio devem resultar de fatos marcantes na vida da nação ou dos povos.

Marquem-se os seguintes períodos :

- a) — 1913
- b) — 1914-1918
- c) — 1918-1929
- d) — 1929-1932
- e) — 1933
- f) — 1933-1939
- g) — 1940

Nesses seis períodos destacam-se a fase de grande progresso imediatamente anterior à Grande Guerra; o período da guerra; a época de recuperação até à deflagração da grande crise; a crise mundial refletindo sobre todas as atividades agrícolas e industriais, incluindo assim a crise açucareira no Brasil; o período inicial da intervenção do governo brasileiro na economia açucareira e o período, de franco progresso, ou melhor de estabilidade que resultou dessa intervenção estatal; e finalmente os primeiros tempos da nova guerra.

A libra esterlina, nos seis períodos assinalados, alcançou os seguintes níveis :

1913 . . . . .	15\$000
1914 . . . . .	16\$014
1915 . . . . .	19\$345
1916 . . . . .	20\$131
1917 . . . . .	18\$870
1918 . . . . .	18\$663

(Media do período 1914-1918 — 18\$604)

1919 . . . . .	16\$860
1920 . . . . .	16\$528
1921 . . . . .	28\$554

1922 . . . . .	33\$994
1923 . . . . .	44\$971
1924 . . . . .	40\$707
1925 . . . . .	39\$485
1926 . . . . .	33\$860
1927 . . . . .	41\$095
1928 . . . . .	40\$752

(Media do periodo 1919-1928 — 33\$828)

1929 . . . . .	40\$710
1930 . . . . .	44\$393
1931 . . . . .	65\$712
1932 . . . . .	48\$530

(Media do período 1929-1932 — 49\$836)

1933 . . . . .	53\$760
1934 . . . . .	74\$255
1935 . . . . .	85\$095
1936 . . . . .	86\$022
1937 . . . . .	79\$432
1938 . . . . .	86\$387
1939 . . . . .	85\$563

(Media do período 1934-1939 — 82\$690)

Uma impressão ainda mais nítida se poderá apreender se se fizer um estudo da desvalorização do mil réis, isto é, procurando saber quanto de mil réis papel se precisará para comprar um mil réis ouro.

Em 1913 o mil réis ouro valia 1\$692; a media do período de 1914 a 1918 é de 2\$097; no período de 1919 a 1928, a media do valor do mil réis ouro é de 4\$102; no período de 1929 a 1932 é 6\$310; em 1933, de 9\$012; no período que vai de 1934 a 1940 o valor do mil réis ouro é de 13\$861.

Se se tomar como índice = 100, o ano de 1913, a curva que se apresenta é a seguinte :

1913 . . . . .	100
1914-1918 . . . . .	123,9
1919-1928 . . . . .	242,4
1929-1932 . . . . .	372,9
7933 . . . . .	538,5
1934-1939 . . . . .	819,2

Se julgamos demasiadamente remota a base de 1913, tomemos os dados do trienio anterior à criação do I.A.A., isto é, 1929/32. Encontraremos :

1939/32 . . . . .	100
1933 . . . . .	142,8
1934/39 . . . . .	219,6

Quer dizer, se nós compramos todo o material para uma usina de açúcar, em ouro, esse material duplicou de valor. E é preciso salientar que nenhuma outra zona foi tão sacrificada pela oscilação cambial como os Estados de Pernambuco e Alagoas. Nesses dois Estados a Usina mantém uma verdadeira tirania no que concerne à remodelação da maquinaria. Compreende-se bem o motivo desse permanente interesse de renovação, porque somente através da técnica o Nordeste açucareiro poderá garantir a sua situação de grande produtor de açúcar, na concorrência generalizada dentro do país. Mas, apesar de todo esse gigantesco esforço de sobrevivência, a situação dos dois grandes produtores do setentrião não é satisfatória. Os números falarão mais que outro qualquer argumento. Ei-los, para Pernambuco e Alagoas :

Em Pernambuco, existem na categoria de pequenas usinas 34 fábricas. No inquérito de custo de produção industrial abrangendo do ano de 1933/34 a 1938/39, apuramos, no custo de aquisição de cana, os seguintes dados por saco de açúcar :

I) — Usinas pequenas :

1933/34. . . . .	16\$104
1934/35 . . . . .	15\$036
1935/36 . . . . .	15\$511
1936/37 . . . . .	22\$980
1937/38 . . . . .	18\$889
1938/39 . . . . .	15\$642



## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	15\$207
1934/35 . . . . .	13\$962
1935/36 . . . . .	15\$218
1936/37 . . . . .	21\$341
1937/38 . . . . .	21\$228
1938/39 . . . . .	15\$515

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	15\$693
1934/35 . . . . .	15\$347
1935/36 . . . . .	14\$714
1936/37 . . . . .	21\$573
1937/38 . . . . .	18\$059
1938/39 . . . . .	16\$082

Em Pernambuco há dois anos positivamente anormais, os das safras de 1936/37 e 1937/38, castigados por grandes secas, ocasionando enormes reduções de safras. A media da redução da produção pernambucana foi de cerca de 50%, havendo usinas, porem, que tiveram suas produções reduzidas de 70% em relação aos seus contingentes oficialmente fixados.

Na comparação do custo de aquisição da materia prima, de acordo com o criterio da classificação, tomemos a media desses preços, com exclusão dos dois anos de anormalidade. Temos assim, para as usinas pequenas, uma media de 15\$573 por sacco; para as usinas de media capacidade 15\$000, e para as grandes usinas 15\$709 por sacco.

Compreende-se que os preços de aquisição da materia prima por parte das grandes usinas sejam mais elevados, por força do decreto que regula as transações de compra e venda de canas. Entretanto não há uma sensível diferença entre as três categorias.

O segundo item do estudo se refere ao custo de transporte de cana e lenha. Eis os dados comparativos :

## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	1\$939
1934/35 . . . . .	2\$457
1935/36 . . . . .	1\$992
1936/37 . . . . .	2\$394
1937/38 . . . . .	1\$616
1938/39 . . . . .	1\$829

## II) -- Usinas medias :

1933/34 . . . . .	1\$570
1934/35 . . . . .	1\$158
1935/36 . . . . .	1\$192
1936/37 . . . . .	2\$000
1937/38 . . . . .	1\$710
1938/39 . . . . .	1\$519

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$285
1934/35 . . . . .	1\$273
1935/36 . . . . .	1\$573
1936/37 . . . . .	2\$233
1937/38 . . . . .	1\$694
1938/39 . . . . .	1\$582

Eliminando os dois anos secos encontraremos, para os demais anos, nas pequenas usinas, uma media por sacco de açúcar de 2\$054, para as usinas medias 1\$359 e para as grandes usinas 1\$428. Já nesse ítem as diferenças são muito pronunciadas. A diferença a mais do custo de transporte das usinas pequenas, para as medias e grandes usinas, é, respectivamente, de 695 réis e 626 réis, por sacco, representando uma majoração de 51,1% e 43,8%.

A respeito do custo propriamente dito de fabricação de açúcar é que se poderá verificar a influencia da produção em massa sobre o custo unitario.

## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	2\$437
1934/35 . . . . .	2\$237
1935/36 . . . . .	2\$484
1936/37 . . . . .	3\$274
1937/38 . . . . .	2\$635
1938/39 . . . . .	2\$291

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	2\$180
1934/35 . . . . .	2\$226
1935/36 . . . . .	2\$833
1936/37 . . . . .	3\$746
1937/38 . . . . .	3\$255
1938/39 . . . . .	2\$866

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$427
1934/35 . . . . .	1\$475
1935/36 . . . . .	1\$702
1936/37 . . . . .	2\$174
1937/38 . . . . .	2\$197
1938/39 . . . . .	1\$816

Na análise desses dados concluiremos, abandonando as duas safras anormais, de 1936/37 e 1937/38, que a media do custo de fabricação da pequena usina foi de 2\$362 por sacco; as medias usinas tiveram uma media de 2\$526, e as grandes usinas tiveram uma despesa media de 1\$605 por sacco de açúcar. As grandes usinas têm assim uma vantagem de 757 réis por sacco, em relação às pequenas usinas e 921 réis, em comparação com as usinas de media capacidade. E' interessante verificar serem as usinas medias as de maior custo de produção. A diferença entre as usinas pequenas e medias é de 164 réis por sacco. Não somente nos anos normais essa discrepância se verifica, pois, nos dois anos anormais, a media de custo de fabricação nas usinas medias foi de 3\$500 por sacco, enquanto o das usinas pequenas era de 2\$954, e o das usinas grandes de 2\$185 por sacco.

Qual seria a explicação para essa ocorrência? Do custo de produção menor das usinas grandes não se discute; mas como explicar que as usinas de media capacidade tenham um custo maior que a pequena usina?

Diversos motivos se poderiam apresentar: o de produção limitada em base inferior às das usinas das outras capacidades; o das despesas com técnicos e empregados especializados, o que não ocorre com as usinas de pequena capacidade, e, nas grandes usinas, essas despesas, relativamente elevadas, se diluem no vulto de sacos de açúcar fabricados. A usina sobrecarregaria, em demasia, esse onus.

Outro item de estudo diz respeito à sacaria. Tem-se a impressão de que essa verba deveria ser idêntica para todas as usinas. Na realidade, porém, é diferente. Vejamos pois:

I) — Usinas pequenas:

1933/34 . . . . .	2\$052
1934/35 . . . . .	2\$093
1935/36 . . . . .	2\$417
1936/37 . . . . .	2\$335
1937/38 . . . . .	2\$073
1938/39 . . . . .	2\$018

II) — Usinas medias:

1933/34 . . . . .	1\$777
1934/35 . . . . .	1\$703
1935/36 . . . . .	2\$102
1936/37 . . . . .	1\$945
1937/38 . . . . .	2\$020
1938/39 . . . . .	1\$903

III) — Usinas grandes:

1933/34 . . . . .	1\$685
1934/35 . . . . .	1\$810
1935/36 . . . . .	2\$115
1936/37 . . . . .	2\$125
1937/38 . . . . .	1\$859
1938/39 . . . . .	1\$592



Não dependendo a despesa de sacarias por sacco de açúcar produzido, desde que as compras só se fazem de acordo com a produção efetiva, vejamos a media geral durante o sexenio, nas usinas das três categorias. A media das despesas para as usinas pequenas foi de 2\$081 por sacco, das usinas medias, de 1\$908, e das grandes usinas 1\$864. Quer dizer que a grande usina tem uma economia de despesa de sacaria de 213 réis em relação à usina pequena, e de 44 réis em relação à usina media. A explicação para esses fatos reside na vantagem que tem a grande usina de fazer as compras por prazo menor, não pagando assim juros, e gozando ainda de descontos. Outra explicação para essa diferença está também na utilização da mesma sacaria, em algumas das grandes usinas que são também refinadoras.

A rubrica "ordenados, salarios e gratificações" dará margem a apreciações curiosas. Vejamos a curva dessas despesas nas três categorias de usinas de açúcar :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	1\$742
1934/35 . . . . .	1\$987
1935/36 . . . . .	1\$468
1936/37 . . . . .	2\$407
1937/38 . . . . .	1\$154
1938/39 . . . . .	\$688

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	1\$417
1934/35 . . . . .	1\$200
1935/36 . . . . .	1\$018
1936/37 . . . . .	1\$923
1937/38 . . . . .	1\$771
1938/39 . . . . .	1\$266

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$317
1934/35 . . . . .	1\$037
1935/36 . . . . .	1\$135
1936/37 . . . . .	2\$503
1937/38 . . . . .	1\$652
1938/39 . . . . .	1\$232

Em todas as três categorias as despesas, por sacco de açúcar, de ordenados, salarios e gratificações caíram e, no caso das pequenas usinas, por exemplo, a diferença entre 1933/34 e 1938/39, é de 1\$054 por sacco. Essa diferença corresponde a 60%. Entretanto a diferença da safra de 1938/39 em relação à de 1933/34 é somente de 35%.

A media, por sacco de açúcar, dessas despesas, nas pequenas usinas é de 1\$471, nos quatro anos de normalidade de produção; nas usinas medias é de 1\$225 e nas grandes usinas de 1\$180. E' essa rubrica um outro sinal do maior lucro da grande usina, que, pagando melhores salarios e com maiores gratificações para os seus empregados, entretanto, devido à racionalização da produção, tem-na menos cara, por sacco de açúcar. A grande usina tem uma vantagem de 291 réis em relação à pequena usina, e 45 réis, em relação à usina de media capacidade.

Com "seguros" quase que as despesas conforme a categoria se rivalizam.

## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	\$104
1934/35 . . . . .	\$162
1935/36 . . . . .	\$138
1936/37 . . . . .	\$300
1937/38 . . . . .	\$214
1938/39 . . . . .	\$129

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	\$140
1934/35 . . . . .	\$123
1935/36 . . . . .	\$135

1936/37 . . . . .	\$294
1937/38 . . . . .	\$178
1938/39 . . . . .	\$132

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	\$145
1934/35 . . . . .	\$136
1935/36 . . . . .	\$168
1936/37 . . . . .	\$455
1937/38 . . . . .	\$241
1938/39 . . . . .	\$179

Retirando para a confecção da media de seguros, por saço, os dois anos de anormalidade climática, encontramos para a pequena usina, \$133; para a usina media \$132; e para a grande usina \$157.

As despesas com “taxas e contribuições de caixas de pensões e aposentadorias” só aparecem em 1937/38, pois desde então é que o Governo Federal tornou compulsoria a arrecadação. As usinas pequenas tiveram nos dois anos uma despesa media de 153 réis por saço; as usinas de media capacidade 73 réis, e as usinas de grande capacidade 123 réis.

Na parte referente à “Assistencia Social” só foram computadas as despesas verificadas com operariado da fábrica, correndo todas as despesas com casas de trabalhadores rurais — aliás as despesas de maior vulto — pela contabilidade agrícola.

Vejamos essas despesas, por saço de açúcar, nas três categorias de usinas.

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	\$240
1934/35 . . . . .	\$259
1935/36 . . . . .	\$199
1936/37 . . . . .	\$447
1937/38 . . . . .	\$296
1938/39 . . . . .	\$347

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	\$430
1934/35 . . . . .	\$367
1935/36 . . . . .	\$281
1936/37 . . . . .	\$543
1937/38 . . . . .	\$400
1938/39 . . . . .	\$253

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	\$312
1934/35 . . . . .	\$312
1935/36 . . . . .	\$388
1936/37 . . . . .	\$940
1937/38 . . . . .	\$662
1938/39 . . . . .	\$440

A media geral das pequenas usinas é de 298 réis; para as usinas medias o nivel sobe para 379 réis por sacco de açúcar; as grandes usinas têm uma media, no sexenio, de 509 réis por sacco de açúcar. O beneficio que a grande usina proporciona ao seu operariado é superior 211 réis por sacco, ou 70,8%. Em relação à usina media, a superioridade da grande usina é de 130 réis por sacco de açúcar.

Sendo o momento atual o momento do social sobre o econômico, sendo o sinal dos tempos modernos a humanização do capital, ter-se-ia que optar pela grande usina, porque é ela que está promovendo a valorização do elemento humano, através das obras de assistencia ao operario, ao trabalhador. Mas, a condensação, a centralização industrial criaria um problema mais grave ainda. Seria a produção monopolizada em poucas mãos. Não haveria por esse meio a solução. Mais justo será, pois, fortalecer a pequena e a media usina, afim de que ela faça aquilo que facilmente pode fazer a grande fábrica.

A questão de “impostos em geral” se presta tambem a uma util interpretação. As diferenças da incidência do imposto sobre o sacco de açúcar têm que encontrar explicação. Vejamos esses dados :



## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	\$278
1934/35 . . . . .	\$410
1935/36 . . . . .	\$373
1936/37 . . . . .	\$529
1937/38 . . . . .	1\$027
1938/39 . . . . .	1\$725

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	\$469
1934/35 . . . . .	\$530
1935/36 . . . . .	\$497
1936/37 . . . . .	\$810
1937/38 . . . . .	\$592
1938/39 . . . . .	\$468

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	\$355
1934/35 . . . . .	\$470
1935/36 . . . . .	\$420
1936/37 . . . . .	\$713
1937/38 . . . . .	\$439
1938/39 . . . . .	\$583

Na comparação das despesas de impostos em relação às usinas das três categorias, media mais alta no sexenio é a das usinas medias, com 561 réis por sacco de açúcar, depois as usinas pequenas com 557 réis, e finalmente as grandes usinas com 496 réis por sacco. As variações se explicam pela incidencia de varios impostos fixos, que fazem alterar o custo final de acordo com o vulto da produção.

Quase todas as usinas de Pernambuco possuem estradas de ferro particular, o que aliás onera bastante o açúcar aí produzido. Não se poderia encaminhar a solução do transporte da cana e do açúcar em Pernambuco com a utilização da ferrovia inter-estadual. Partindo do Recife 3 eixos de linha ferrea, um procurando o limite do Estado de Alagoas, outro a Pa-

raíba e o terceiro o sertão, não se poderia conceber que todas as usinas e toda a exploração agrícola permanecessem à margem da estrada de ferro. Mesmo que isso fosse possível não se conseguiriam ramais de penetração nas propriedades, tornando impossível a exploração intensa e extensa da cultura canavieira.

Em vista disso, Pernambuco teve que construir uma rede ferroviária de 2.106 quilômetros, valendo atualmente cerca de 40.000:000\$000. Para a conservação dessa via-ferrea as usinas têm uma despesa que varia, da seguinte maneira, conforme a categoria :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	\$620
1934/35 . . . . .	\$427
1935/36 . . . . .	\$611
1936/37 . . . . .	\$961
1937/38 . . . . .	\$928
1938/39 . . . . .	\$789

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	1\$209
1934/35 . . . . .	\$968
1935/35 . . . . .	\$607
1936/37 . . . . .	1\$389
1937/38 . . . . .	1\$057
1938/39 . . . . .	\$713

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	\$961
1934/35 . . . . .	\$913
1935/36 . . . . .	\$934
1936/37 . . . . .	1\$607
1937/38 . . . . .	\$751
1938/39 . . . . .	\$711

A media geral para as usinas pequenas é de \$722, a das medias usinas \$990 e das grandes usinas \$979 por sacco de açúcar. E claro que a pequena usina nessas despesas leva vantagem porque a conservação da linha ferrea longe da fábrica é que encarece essa rubrica. E claro está, que quanto maior a usina, de mais longe se faz o transporte de cana. Da mesma forma se apresenta o problema da lenha, transportada de grandes distancias para a fábrica.

Para o transporte de cana o material rodante é de suma importancia, e a conservação dos carros, vagões e locomotivas, é bastante onerosa. As diferenças das despesas, por sacco, de acordo com as categorias, são muito sensiveis. Ei-las :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	\$320
1934/35 . . . . .	\$165
1935/36 . . . . .	\$091
1936/37 . . . . .	\$252
1937/38 . . . . .	\$284
1938/39 . . . . .	\$147

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	\$437
1934/35 . . . . .	\$473
1935/36 . . . . .	\$388
1936/37 . . . . .	\$491
1937/38 . . . . .	\$757
1938/39 . . . . .	\$538

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	\$058
1934/35 . . . . .	\$098
1935/36 . . . . .	\$824
1936/37 . . . . .	\$812
1937/38 . . . . .	\$167
1938/39 . . . . .	\$789

Sendo o transporte da cana, da lenha e do açúcar feito, na grande usina, quase a totalidade pela ferrovia particular, sem a utilização mixta de transporte ferroviario e de carros de bois, nesse tipo de usinas os encargos com a conservação do material rodante são sempre maiores. A grande usina e mesmo a usina media só transportam em carros de bois; em carroças ou em animais, a cana do partido para o ponto da estrada de ferro.

A pequena usina — raramente a media usina — transporta até a esteira da moenda.

A media de conservação do material rodante, excluindo os dois anos de seca, para a pequena usina é de \$180; para a usina media \$459; e para a grande usina \$942. Em compensação, a grande usina tem sempre cana fresca, e se torna possível uma moagem continua, utilizando-se toda a capacidade das moendas.

Na parte referente à conservação de linha telefônica a media do sexenio para as usinas pequenas é de 21 réis, para as usinas medias é de 246 réis, e para as grandes usinas é de 48 réis.

Uma das principais despesas numa usina de açúcar é a da conservação da fábrica e maquinismos. Anualmente se emprega o termo apontamento. E desse apontamento resulta o êxito da moagem. Durante os seis anos do estudo, essas despesas foram:

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	1\$267
1934/35 . . . . .	2\$055
1935/36 . . . . .	1\$874
1936/37 . . . . .	3\$103
1937/38 . . . . .	2\$291
1938/39 . . . . .	1\$754

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	2\$610
1934/35 . . . . .	2\$003
1935/36 . . . . .	1\$836



1936/37 . . . . .	3\$374
1937/38 . . . . .	2\$227
1938/39 . . . . .	2\$480

## III) -- Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	2\$481
1934/35 . . . . .	2\$557
1935/36 . . . . .	2\$445
1936/37 . . . . .	2\$786
1937/38 . . . . .	2\$868
1938/39 . . . . .	2\$599

Sendo a conservação da fábrica e dos maquinismos uma das mais pesadas verbas dispendidas pela usina, havendo os produtores durante os dois anos secos aprontado os maquinismos para uma produção normal, a grande redução da safra elevou, por sacco de açúcar, demasiadamente essa despesa. Abstraindo, pois, as despesas desses dois anos anormais, a media das despesas de conservação para a usina pequena é de 1\$737; para a usina media é de 2\$232; para a grande usina é de 2\$520. A diferença a mais, das despesas de conservação feitas pela grande usina, é de 783 réis por sacco, em relação à pequena usina, e de 288 réis em relação à usina media. Tomando um exemplo de uma usina de 40.000 sacos, de uma outra de 120.000 sacos e finalmente de 320.000 sacos, a primeira gasta numa safra 69:480\$000, a segunda 267:840\$000, e a terceira 806:400\$000.

Tomando-se porem a despesa por sacco de 1\$737 e applicando-a nos dois outros tipos de usinas, verificamos que uma usina de 120.000 sacos gasta a mais 59:400\$000 numa safra do que uma usina de 40.000 sacos. Finalmente uma usina de capacidade de 320.000 sacos, se tivesse uma despesa por sacco de 1\$737, alcançaria 55:840\$000. Encontramos assim uma diferença a mais de 250:560\$000 numa safra.

À primeira vista poderíamos supor que quanto maior a usina maior a despesa unitaria por sacco de açúcar. A realidade, porem, é diferente. O que ocorre é que a pequena usina, vivendo sempre em maiores dificuldades de crédito, faz uma despesa de conservação pequena. Dentro de alguns anos, com a deficiencia de conservação, muitas das pequenas usinas de Pernambuco estão votadas ao aniquilamento. Gastando-se o ferro, não substituidos

os maquinismos, à pequena usina só restará vender como ferro velho o que lhe restar, vender a quota que representa alto valor, e vêr crescer a grande e a media usina. E' afinal da propria fatalidade econômica a vitoria do mais forte.

Em despesas gerais se catalogam todas as verbas de difficil discriminação, alugueis, selos, comissões, despesas judiciais, despesas de automoveis, bonificações, anuncios, publicidade, despesas de viagem, doações, corretagem e despesas diversas.

Esas despesas gerais se distribuem, conforme as três categorias, da seguinte maneira :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	1\$617
1934/35 . . . . .	2\$167
1935/36 . . . . .	1\$573
1936/37 . . . . .	3\$257
1937/38 . . . . .	4\$132
1938/39 . . . . .	1\$762

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	1\$872
1934/35 . . . . .	1\$205
1935/36 . . . . .	1\$156
1936/37 . . . . .	2\$133
1937/38 . . . . .	1\$619
1938/39 . . . . .	1\$176

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$750
1934/35 . . . . .	1\$063
1935/36 . . . . .	1\$692
1936/37 . . . . .	3\$136
1937/38 . . . . .	2\$256
1938/39 . . . . .	1\$773

Abstraindo da media os dois anos de produção anormal, encontramos para a usina pequena 1\$779 por sacco de açúcar, para as medias usinas 1\$357 e para as grandes usinas, uma media, por sacco de açúcar de 1\$569.

Quanto às despesas com “fretes e carretos” elas decorrem da distancia do grande centro distribuidor da produção pernambucana que é Recife. Elas oscilam de acordo com as tarifas ferroviarias, com o preço do transporte marítimo de barçaça, com o transporte em caminhão, e com as bonificações dadas pela companhia da estrada de ferro.

Foram as seguintes as despesas com os fretes e carretos :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	2\$172
1934/35 . . . . .	2\$493
1935/36 . . . . .	1\$314
1936/37 . . . . .	1\$111
1937/38 . . . . .	1\$860
1938/39 . . . . .	2\$985

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	2\$213
1934/35 . . . . .	1\$954
1935/36 . . . . .	2\$216
1936/37 . . . . .	2\$226
1937/38 . . . . .	2\$037
1938/39 . . . . .	\$477

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$899
1934/35 . . . . .	1\$937
1935/36 . . . . .	2\$024
1936/37 . . . . .	2\$056
1937/38 . . . . .	1\$843
1938/39 . . . . .	2\$008

A media de despesas com fretes e carretos, para as pequenas usinas é de 1\$989, para as usinas de media capacidade 2\$187, e para as usinas grandes 1\$961. As usinas grandes têm uma pequena vantagem no transporte de açúcar porque as principais usinas pernambucanas mandavam, até há pouco, as suas produções por via marítima. A Usina Tiuma está também às portas de Recife, numa distância de 28 quilômetros. Quer dizer que 30% da produção pernambucana — e das grandes usinas — têm uma despesa de transporte de açúcar mais reduzida.

No Estado de Pernambuco toda a produção açucareira é recebida e vendida pelo Sindicato de Usineiros. Ao produtor desse Estado recai quase todo o onus da armazenagem e da *warrantagem* necessaria à normalidade da defesa do açúcar brasileiro.

Sem essa estocagem, grande parte da produção verificada em 5 meses seria rapidamente escoada, trazendo o rebaixamento geral dos preços do açúcar no país. Por isso, o custo de produção em Pernambuco — como em Alagoas — apresenta essa despesa, o que não ocorre com nenhum outro centro produtor.

As despesas, conforme as três categorias de fábricas, são as seguintes :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	\$411
1934/35 . . . . .	1\$154
1935/36 . . . . .	\$821
1936/37 . . . . .	1\$931
1937/38 . . . . .	1\$666
1938/39 . . . . .	1\$348

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	\$920
1934/35 . . . . .	\$977
1935/36 . . . . .	1\$362
1936/37 . . . . .	2\$119
1937/38 . . . . .	1\$978
1938/39 . . . . .	1\$411



## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	\$675
1934/35 . . . . .	\$933
1935/36 . . . . .	1\$008
1936/37 . . . . .	1\$747
1937/38 . . . . .	1\$341
1938/39 . . . . .	\$993

Sendo uma verba cuja expressão real deve ser argumento para a disseminação dos encargos de **warrantagem** e estocagem por todos os centros produtores que têm interesse na manutenção dos níveis de preço, é necessario encontrar a media, abstraindo-se dos dois anos de seca, que elevaram bastante tais despesas por unidade. A media para as pequenas usinas é de \$908, para as usinas medias 1\$167, e para as grandes usinas \$902, por sacco de açúcar.

Finalmente, uma das últimas verbas a analisar é a referente aos honorarios e gratificações da diretoria, quando se tratar de sociedade, ou retiradas do proprietario da usina. Qual a verba justa que se deveria arbitrar para uma normal retirada pelo usineiro ? Claro que o consumidor não deverá pagar as extravagancias, o perdularismo e mesmo a munificencia dos produtores. Quer dizer que teríamos de encontrar qual a media justa por sacco que o usineiro deveria receber pelo açúcar produzido. No estudo individual de cada usina, encontramos produtores que quase nada retiravam, outros mesmos tendo fontes varias de renda deixam de sobrecarregar essa verba na usina. Usineiros há, porem, que tudo tiram da usina, vivendo todos — o usineiro e sua familia — das parcas rendas da fábrica. Claro que, quanto menor a usina, mais estará sobrecarregada com a verba de retiradas. Essa verba assim se distribue, de acordo com as três categorias :

## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	1\$133
1934/35 . . . . .	1\$393
1935/36 . . . . .	1\$530
1936/37 . . . . .	4\$579
1937/38 . . . . .	2\$777
1938/39 . . . . .	2\$273

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	1\$931
1934/35 . . . . .	1\$166
1935/36 . . . . .	\$877
1936/37 . . . . .	2\$227
1937/38 . . . . .	2\$037
1938/39 . . . . .	1\$340

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	\$949
1934/35 . . . . .	\$808
1935/36 . . . . .	\$814
1936/37 . . . . .	1\$752
1937/38 . . . . .	1\$113
1938/39 . . . . .	\$970

Abstraído-se do cálculo os dois anos anormais, a media da pequena usina é de 1\$583 por sacco, da usina media de 1\$329 e da grande usina de 885 réis. Quer dizer que, nessa rubrica, a grande usina leva uma vantagem de 698 réis em relação à pequena usina, e de 444 réis em relação à usina media.

Tomando-se em consideração que para todas as usinas é idêntica a taxa de 3\$000 por sacco, vamos encontrar a seguinte media, de custo de produção de um sacco de açúcar, conforme as categorias :

## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	35\$179
1934/35 . . . . .	37\$501
1935/36 . . . . .	35\$785
1936/37 . . . . .	53\$381
1937/38 . . . . .	45\$635
1938/39 . . . . .	38\$460

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	37\$825
1934/35 . . . . .	33\$210
1935/36 . . . . .	34\$588
1936/37 . . . . .	50\$455
1937/38 . . . . .	45\$646
1938/39 . . . . .	36\$790

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	35\$006
1934/35 . . . . .	34\$180
1935/36 . . . . .	35\$001
1936/37 . . . . .	50\$713
1937/38 . . . . .	41\$323
1938/39 . . . . .	36\$535

Retirando da media do custo de produção do Estado, nas três categorias de fábricas, os dois de safras anormais, encontramos uma media de 36\$731, para as usinas pequenas; de 35\$603, para as usinas medias; e para as grandes usinas 35\$180 por sacco de açúcar. Comparando-se os três preços de custo, as grandes usinas têm uma vantagem de 1\$551, por sacco, em relação às usinas pequenas, e 523 réis em relação às medias. As usinas medias têm uma diferença, a seu favor, de 1\$128 em comparação com as pequenas usinas. E' curioso, porem, o estudo do custo de produção do Estado, por categoria, eliminando as verbas de "Despesas gerais" e "honorarios e gratificações da diretoria ou retiradas dos proprietarios". A media de custo de produção durante o quatrienio de produção normal, para as usinas pequenas foi de 33\$393 por sacco de açúcar; para as usinas medias 32\$912; para as grandes usinas essa media é de 32\$725. Quer dizer que as grandes usinas têm somente uma diferença de 668 réis, em relação à pequena, e 187 réis, em relação à usina media.

Computados, isoladamente, os dois anos de anormalidade de produção, encontramos para as usinas pequenas uma media de 49\$508, a usina de media capacidade 48\$050 e a usina grande 46\$018, por sacco de açúcar. A diferença em favor da usina de grande capacidade foi de 3\$490, por sacco,

em relação à usina pequena, e 2\$032, em relação à usina média. A diferença entre as usinas média e pequena é de 1\$458, por saco.

Da análise desse período de dois anos, se depreende que a capacidade de resistencia da grande usina é bem superior, em período de acentuada crise de produção, à das usinas médias e pequenas.

## E) — ALAGOAS

A situação da industria açucareira de Alagoas é bem mais crítica que a de Pernambuco. Existem no Estado três grandes usinas com capacidade superior a 200.000 sacos, e as de mais têm seus limites em nível abaixo de 70.000 sacos. Quer dizer que, na primeira categoria, existem 3 usinas grandes, com capacidade superior a 100.000 sacos, 8 na segunda categoria, com capacidade vacilando de 30.000 a 100.000 sacos e 18 com capacidades inferiores a 30.000 sacos.

No estudo das usinas pequenas alagoanas faltaram-me elementos reais de constatação de custo de produção na safra 1933/34, que pudessem fornecer uma média honesta. Diante disso, prefiro eliminar do estudo das usinas pequenas essa safra.

Os dados de custo de aquisição de materia prima, nas usinas das diversas categorias, são :

### I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	
1934/35 . . . . .	14\$474
1935/36 . . . . .	12\$144
1936/37 . . . . .	17\$716
1937/38 . . . . .	21\$723
1938/39 . . . . .	15\$802



## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	16\$975
1934/35 . . . . .	17\$243
1935/36 . . . . .	13\$909
1936/37 . . . . .	19\$532
1937/38 . . . . .	20\$711
1938/39 . . . . .	17\$890

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	15\$724
1934/35 . . . . .	15\$097
1935/36 . . . . .	14\$331
1936/37 . . . . .	17\$857
1937/38 . . . . .	18\$796
1938/39 . . . . .	16\$496

Eliminando do estudo os dois anos de 1936/37 e 1937/38 que tambem foram bastante anormais tambem em Alagoas, a média para as pequenas usinas foi de 14\$140, para as usinas medias foi de 16\$504 e para as usinas grandes, de 15\$412.

De acordo com as tabelas de compra e venda de canas, aprovada pelo Governo Estadual, em virtude do decreto n.º 178, se compreende que as grandes usinas paguem mais que as usinas das duas outras capacidades.

Mas, o que ocorreria em Alagoas, para que as usinas de media capacidade tivessem tido uma despesa de aquisição de materia prima superior à de uma grande usina?

Temos a impressão de que a especulação, o leilão de canas, entre usinas da mesma categoria, e, principalmente, em usinas das duas categorias de capacidade, motivou essa discrepancia.

O custo de transporte de cana e lenha em Alagoas é bastante elevado. Vejamos, de acordo com as três categorias, a oscilação dessas despesas :

## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	
1934/35 . . . . .	1\$822
1935/36 . . . . .	1\$211
1936/37 . . . . .	1\$262
1937/38 . . . . .	1\$504
1938/39 . . . . .	1\$064

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	2\$351
1934/35 . . . . .	2\$392
1935/36 . . . . .	1\$915
1936/37 . . . . .	2\$435
1937/38 . . . . .	1\$927
1938/39 . . . . .	2\$204

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$657
1934/35 . . . . .	1\$388
1935/36 . . . . .	1\$357
1936/37 . . . . .	1\$802
1937/38 . . . . .	1\$672
1838/39 . . . . .	1\$770

Deixando os dois anos de grande rebaixamento da produção, a media geral do custo de transporte de cana e lenha é de 1\$365, para as usinas pequenas, para as usinas medias 2\$216, e para as usinas grandes é de 1\$518 por sacco de açúcar. As usinas medias são as mais oneradas devido, naturalmente, ao custo mais elevado do transporte de cana e lenha em carros de bois e em cavalos e burros. Com o pagamento de 5 a 6 mil réis por um carreiro para o transporte de 3 ou 4 toneladas por dia, para o pagamento de um cambiteiro a 4 e 5 mil réis diarios, para se fazer transporte de 90 a 100 feixes de cana por dia, para usinas de 300 e 400 toneladas, ainda mais o transporte de muita cana e lenha em caminhão — inegavelmente o mais caro dos transportes — talvez aí resida a explicação dessa anomalia. E' demasiadamente elevada a diferença a mais para a usina media de \$851

em relação à usina pequena, e de \$698 em relação à usina grande. A usina pequena tem uma vantagem de \$153 sobre a grande usina. E' preciso notar que as usinas medias têm em grande parte o seu transporte feito através da Great Western of Brazil Railway. E sempre é mais caro o transporte por essa ferrovia do que pela via ferrea particular.

Vejam os, agora, o custo de fabricação de açúcar para as três categorias:

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	
1934/35 . . . . .	2\$072
1935/36 . . . . .	2\$703
1936/37 . . . . .	3\$178
1937/38 . . . . .	2\$490
1938/39 . . . . .	2\$680

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	2\$985
1934/35 . . . . .	2\$890
1935/36 . . . . .	2\$977
1936/37 . . . . .	3\$642
1937/38 . . . . .	3\$733
1938/39 . . . . .	2\$752

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	6\$029
1934/35 . . . . .	4\$683
1935/36 . . . . .	4\$748
1936/37 . . . . .	6\$271
1937/38 . . . . .	4\$948
1938/39 . . . . .	3\$302

Os dados de custo de fabricação de açúcar são completamente desnorteantes. Por que o custo de fabricação de duas grandes usinas — que deram a media da categoria — é tão elevado ? Por que as usinas pequenas têm a primazia, em Alagoas, do custo de produção mais baixo ? Consignado

o fato, a media dos anos de safras normais, para as usinas pequenas, é de 2\$485 por sacco; para as usinas medias, 2\$901 e para as grandes usinas é superior 61% e 88%, respectivamente, em relação às medias e pequenas usinas. E' verdade que as usinas pequenas e medias fazem grandes quantidades de demerara, cujo custo de fabricação é menos elevado que o do açúcar cristal.

O custo de sacaria tambem varia de conformidade com o tipo de usina. Assim, encontramos os seguintes valores da sacaria por sacco de açúcar, de acordo com as categorias de fábricas :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	
1934/35 . . . . .	1\$391
1935/36 . . . . .	1\$931
1936/37 . . . . .	2\$091
1937/38 . . . . .	1\$363
1938/39 . . . . .	1\$635

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	1\$563
1934/35 . . . . .	1\$482
1935/36 . . . . .	1\$892
1936/37 . . . . .	1\$468
1937/38 . . . . .	1\$420
1938/39 . . . . .	1\$788

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	2\$231
1934/35 . . . . .	2\$209
1935/36 . . . . .	2\$314
1936/37 . . . . .	2\$430
1937/38 . . . . .	2\$293
1938/39 . . . . .	2\$063

A media do custo da sacaria, excluidas as safras de 1936/37 e 1937/38,



foi para as pequenas usinas de 1\$652, para as usinas medias 1\$681, e para as usinas grandes 2\$204, por sacco de açúcar produzido. Qual o motivo dessa divergencia, que vem a chocar com a situação das diversas categorias verificadas em Pernambuco? A sacaria empregada para açúcar demerara é inferior à do açúcar cristal. Aí deve residir a explicação dessas divergencias.

No capítulo "ordenados, salarios e gratificações", a situação da pequena usina alagoana, é, sob o ponto de vista de economia, altamente satisfatoria. Mas, tem-se a impressão de que nesses tipos de fábrica os salarios são ridículos e a eficiencia é nula. Os dados, por sacco de açúcar, são convincentes e denotam um fato positivo.

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	
1934/35 . . . . .	\$376
1935/36 . . . . .	\$835
1936/37 . . . . .	\$989
1937/38 . . . . .	\$938
1938/39 . . . . .	\$700

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	2\$096
1934/35 . . . . .	1\$422
1935/36 . . . . .	2\$232
1936/37 . . . . .	3\$109
1937/38 . . . . .	2\$433
1938/39 . . . . .	1\$744

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$525
1934/35 . . . . .	1\$348
1935/36 . . . . .	1\$412
1936/37 . . . . .	2\$727
1937/38 . . . . .	2\$194
1938/39 . . . . .	1\$349

Tomando a media do período normal de produção, encontramos para a pequena usina uma media de \$657, para a usina de media capacidade 1\$874, e para a usina grande 1\$408, por sacco de açúcar. A pequena usina tem uma diferença, a seu favor, em relação à usina media, de 1\$217 por sacco, e de \$751 em relação à grande usina:

Já em materia de seguro a situação da pequena usina se apresenta com desvantagem. Encontramos os seguintes dados :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	
1934/35 . . . . .	
1935/36 . . . . .	\$249
1936/37 . . . . .	
1937/38 . . . . .	\$175
1938/39 . . . . .	\$150

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	
1934/35 . . . . .	\$224
1935/36 . . . . .	\$218
1936/37 . . . . .	\$316
1937/38 . . . . .	\$207
1938/39 . . . . .	\$154

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	\$106
1934/35 . . . . .	\$056
1935/36 . . . . .	\$069
1936/37 . . . . .	\$298
1937/38 . . . . .	\$029
1938/39 . . . . .	\$010

A media de "seguros" por sacco de açúcar, nas usinas pequenas é de \$199, nas usinas de media capacidade é de \$198, e nas grandes usinas de \$060.

As grandes usinas estão com uma vantagem de \$139, por sacco, em relação às usinas pequenas e \$138, em relação às usinas medias.

Com taxas e contribuições, às caixas de pensões e aposentadorias, tornadas obrigatorias a partir da safra 1937/38, as pequenas usinas têm uma media de \$116, por sacco de açúcar, as usinas medias \$053, e as usinas grandes \$055, por sacco de açúcar produzido.

Na rubrica "Assistencia Social", as usinas pequenas estão em peor situação, porque são as que menos gastam. Aliás é incomensuravel a distancia que vai entre o trabalho de valorização humana da usina pernambucana e da alagoana. Terra menos civilizada, não sofrendo o embate de questões de ordem social, que se depara à Usina pernambucana, em Alagoas vêem-se, por exemplo, casas de operarios e trabalhadores rurais, verdadeiras cubatas africanas. A casa de tijolo para o homem do campo somente há pouco tempo surgiu. As diferenças nas verbas de "assistencia social" não são muito sensiveis, porque, em Pernambuco, elas são anotadas na escrituração agricola.

De acordo com as categorias officiais de tipos de usinas, as verbas, por sacco de açúcar, gastas com "Assistencia social" são :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	
1934/35 . . . . .	\$106
1935/36 . . . . .	\$213
1936/37 . . . . .	\$163
1937/38 . . . . .	\$196
1938/39 . . . . .	\$237

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	\$163
1934/35 . . . . .	\$134
1935/36 . . . . .	\$137
1936/37 . . . . .	\$166
1937/38 . . . . .	\$201
1938/39 . . . . .	\$266

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	\$366
1934/35 . . . . .	\$228
1935/36 . . . . .	\$353
1936/37 . . . . .	\$541
1937/38 . . . . .	\$264
1938/39 . . . . .	\$188

A media de despesa por um saco de açúcar foi de \$185 para as usinas pequenas, de \$175 para as usinas medias e para as usinas grandes \$283.

Com os impostos, incluindo os municipais, estaduais e federais, a situação das usinas dos diversos tipos é a seguinte :

## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	—
1934/35 . . . . .	\$128
1935/36 . . . . .	\$360
1936/37 . . . . .	\$695
1937/38 . . . . .	\$480
1938/39 . . . . .	\$552

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	\$333
1934/35 . . . . .	\$282
1935/36 . . . . .	\$218
1936/37 . . . . .	\$545
1937/38 . . . . .	\$395
1938/39 . . . . .	\$359

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	\$148
1934/35 . . . . .	\$266
1935/36 . . . . .	\$518
1936/37 . . . . .	\$415
1937/38 . . . . .	\$215
1938/39 . . . . .	\$189



A media dos impostos, por sacco de açúcar nas usinas pequenas, foi de \$346, nas usinas de media capacidade de \$298 e nas grandes usinas de \$280.

Há, nos números acima, completa justificativa, em contraste com as despesas feitas pelas usinas alagoanas, dos itens anteriores, que patenteiam fenômenos que merecem maior análise e, muitas vezes até, meditação.

Algumas usinas de pequeno porte têm desvios e exiguos trechos de via ferrea particular, o que no entanto onera enormemente a conservação.

Segundo os dados do inquérito realizado, são as seguintes as verbas, por sacco de açúcar produzido, nas diversas categorias :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	—
1934/35 . . . . .	1\$160
1935/36 . . . . .	\$593
1936/37 . . . . .	\$807
1937/38 . . . . .	\$506
1938/39 . . . . .	\$448

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	\$335
1934/35 . . . . .	\$655
1935/36 . . . . .	\$484
1936/37 . . . . .	\$374
1937/38 . . . . .	\$476
1938/39 . . . . .	\$401

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	\$408
1934/35 . . . . .	\$227
1935/36 . . . . .	\$121
1936/37 . . . . .	\$335
1937/38 . . . . .	\$529
1938/39 . . . . .	\$273

A media das despesas verificadas nas usinas de pequena categoria, isto é, das usinas pequenas, foi de \$733 por sacco, nas usinas medias, de \$468 e nas grandes usinas de \$257. Seria, talvez, falso concluir pela condenação da pequena usina como possuidora de estrada de ferro.

Em compensação, a conservação do material rodante é praticamente nula para as pequenas usinas que durante o período do estudo tiveram as seguintes despesas :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	—
1934/35 . . . . .	\$038
1935/36 . . . . .	\$040
1936/37 . . . . .	\$066
1937/38 . . . . .	\$055
1938/39 . . . . .	\$023

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	\$810
1934/35 . . . . .	\$516
1935/36 . . . . .	\$847
1936/37 . . . . .	1\$244
1937/38 . . . . .	\$414
1938/39 . . . . .	\$531

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	\$929
1934/35 . . . . .	\$580
1935/36 . . . . .	\$783
1936/37 . . . . .	1\$032
1937/38 . . . . .	\$650
1938/39 . . . . .	\$393

As despesas das usinas pequenas são, por sacco de açúcar, de \$033, das usinas medias de \$676, e das usinas grandes de \$671. Por esses dados constatamos que, praticamente, as pequenas usinas não possuem material ro-

dante. Quanto à comparação das despesas de usinas medias e grandes, verificamos que elas são idênticas, pois, a diferença é de \$005 por sacco de açúcar.

Quanto à conservação da linha telefônica, cumpre notar que as pequenas usinas não possuem aparelhos de telefone. As medias usinas tiveram, durante o sexenio de 1933/34 a 1938/39, uma despesa de \$034 por sacco de açúcar, e as grandes usinas uma media de despesa de \$028.

Na importante rubrica de "conservação da fábrica, maquinismos, predios e dependencias", existem as seguintes despesas, durante o sexenio :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	—
1934/35 . . . . .	3\$127
1935/36 . . . . .	2\$957
1936/37 . . . . .	3\$865
1937/38 . . . . .	3\$438
1938/39 . . . . .	3\$161

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	3\$887
1934/35 . . . . .	2\$244
1935/36 . . . . .	5\$065
1936/37 . . . . .	4\$835
1937/38 . . . . .	3\$725
1938/39 . . . . .	3\$105

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	2\$636
1934/35 . . . . .	1\$915
1935/36 . . . . .	3\$136
1936/37 . . . . .	6\$872
1937/38 . . . . .	4\$392
1938/39 . . . . .	1\$641

Excluindo do cálculo os dois anos de seca, a media de conservação das pequenas usinas, por sacco, foi de 3\$081, nas usinas medias 3\$575, e nas pequenas usinas a media de despesas foi de 2\$357 por sacco de açúcar. As grandes usinas têm uma vantagem de 1\$218 por sacco; em relação às usinas medias, e em relação às pequenas usinas, essa vantagem é de \$724 por sacco. Correspondem essas vantagens, respectivamente, a 51% e 30%. Esses dados são perfeitamente lógicos desde que as grandes usinas devem sempre ter um custo de fabricação inferior ao das usinas dos outros dois tipos de fábrica.

As “despesas gerais” são sempre a verba sobre a qual mais debates se suscitam. Julgam muitos que através dela se processa o escoamento de despesas particulares varias, que não deveriam figurar, normalmente, na verificação do custo de produção do açúcar.

Tive, porem, o cuidado de levantar as principais despesas que convergiram para a formação da rubrica.

Essas despesas, foram, no sexenio :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	—
1934/35 . . . . .	1\$621
1935/36 . . . . .	2\$331
1936/37 . . . . .	3\$648
1937/38 . . . . .	4\$261
1938/39 . . . . .	2\$113

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	1\$845
1934/35 . . . . .	1\$515
1935/36 . . . . .	1\$602
1936/37 . . . . .	2\$306
1937/38 . . . . .	2\$271
1938/39 . . . . .	1\$805



## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$660
1934/35 . . . . .	1\$291
1935/36 . . . . .	1\$872
1936/37 . . . . .	2\$955
1937/38 . . . . .	2\$279
1938/39 . . . . .	2\$014

A media do período normal de produção foi de 2\$001 por sacco de açúcar, de 1\$691 para as usinas de media capacidade, e de 1\$709 para as grandes usinas. No presente caso a usina media tem uma diferença, a seu favor, de \$310 em relação às pequenas usinas e \$018, em relação às grandes usinas.

Vejamos agora as despesas com fretes da usina até Maceió, e carretos do açúcar da estação ferroviaria até o armazem na capital. As usinas, durante o período do estudo, tiveram essas verbas da seguinte maneira distribuidas, de conformidade com as categorias :

## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	—
1934/35 . . . . .	2\$284
1935/36 . . . . .	2\$305
1936/37 . . . . .	2\$175
1937/38 . . . . .	2\$000
1938/39 . . . . .	1\$902

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	1\$738
1934/35 . . . . .	1\$706
1935/36 . . . . .	1\$656
1936/37 . . . . .	1\$848
1937/38 . . . . .	1\$760
1938/39 . . . . .	1\$790

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	2\$510
1934/35 . . . . .	2\$438
1935/36 . . . . .	2\$421
1936/37 . . . . .	2\$458
1937/38 . . . . .	2\$410
1938/39 . . . . .	2\$398

Não dependendo essas despesas do maior ou menor volume de produção, a media geral, por categoria, abrangerá todos os anos. Assim, para as pequenas usinas, essa media é de 2\$133 por sacco, para as medias usinas de 1\$749 e para as grandes usinas 2\$439. Essa diferença em favor das usinas medias de \$384 em relação às usinas pequenas e de \$690, em relação às grandes usinas, resulta, unicamente, da situação geográfica da fábrica. De fato, as usinas “Brasileiro” e “Serra Grande”, por exemplo, duas usinas com limite de produção superior a 200.000 sacos ficam — uma no município de Atalaia a cerca de 100 quilômetros de Maceió, e a outra, a “Serra Grande”, nos limites de Alagoas com Pernambuco, a mais de 200 quilômetros da capital alagoana.

Quanto à verba de despesa com armazenagem e **warrantagem**, é preciso esclarecer que em Alagoas o regime de trabalho, isto é, de exploração comercial, difere do de Pernambuco. Enquanto em Pernambuco existe um Sindicato de produtores, que recebe e vende toda a produção dividindo, equitativamente, todas as despesas comerciais, em Alagoas existe uma Comissão de Vendas, que faz o controle da exportação, porem não monopoliza as vendas. Qualquer usineiro que traz o seu açúcar a Maceio, pode vendê-lo, imediatamente, aos comerciantes, menos intermediarios. Ficando efetuada logo a venda do açúcar, não se sobrecarrega o custo geral de produção com a verba de armazenagem e **warrantagem**. Vejamos a situação dos produtores alagoanos, de acordo com a capacidade de suas fábricas :

## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	—
1934/35 . . . . .	\$033
1935/36 . . . . .	\$052

1936/37 . . . . .	\$276
1937/38 . . . . .	\$002
1938/39 . . . . .	\$239

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	\$611
1934/35 . . . . .	\$698
1935/36 . . . . .	1\$351
1936/37 . . . . .	1\$381
1937/38 . . . . .	1\$638
1938/39 . . . . .	\$905

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$071
1934/35 . . . . .	\$981
1935/36 . . . . .	\$931
1936/37 . . . . .	1\$167
1937/38 . . . . .	\$923

A media de despesas, por sacco de açúcar produzido, foi, para as pequenas usinas, de \$108, para as usinas de media capacidade \$891, e para as grandes usinas \$970. As usinas pequenas têm uma vantagem de \$783 por sacco, em relação às usinas medias, e em relação às grandes usinas \$862, por sacco de açúcar.

Temos a impressão de que os usineiros proprietarios das pequenas usinas, premidos pela necessidade de transformar o açúcar em dinheiro imediatamente, logo vendem a sua produção semanal ao intermediario comerciante. Daí a quase nula despesa com armazenagem e warrantagem.

Finalmente, segundo a discriminação das rubricas, as despesas com honorarios e gratificações dos proprietarios, das fábricas, no sexênio 1933/34 a 1938/39, foram, por sacco de açúcar :

## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	—
1934/35 . . . . .	1\$146
1935/36 . . . . .	1\$968
1936/37 . . . . .	2\$606
1937/38 . . . . .	1\$511
1938/39 . . . . .	1\$257

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	\$951
1934/35 . . . . .	\$772
1935/36 . . . . .	\$964
1936/37 . . . . .	1\$386
1937/38 . . . . .	1\$030
1938/39 . . . . .	\$624

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	3\$907
1934/35 . . . . .	2\$860
1935/36 . . . . .	2\$781
1936/37 . . . . .	5\$008
1937/38 . . . . .	3\$921
1938/39 . . . . .	2\$124

A media das despesas, por sacco de açucar, nas usinas pequenas, abandonados os dois anos de produção anormal, é de 1\$457, nas usinas medias de \$827 e nas usinas grandes de 2\$918. As usinas medias é que têm as despesas mais baixas, com uma vantagem de \$630 sobre as usinas pequenas, e de 2\$091 sobre as usinas grandes. Quer dizer que os gastos das pequenas usinas são superiores 77,3% em relação às usinas medias, e as grandes usinas têm despesas, com retiradas e honorários dos proprietarios ou directores de sociedades anônimas, superiores às das medias usinas de 252,8%.

Computando-se a soma total das despesas feitas com um sacco de açucar, encontramos, para o Estado de Alagoas os seguintes dados, a partir de 1933/34 até 1938/39 :



## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	—
1934/35 . . . . .	32\$778
1935/36 . . . . .	32\$892
1936/37 . . . . .	42\$537
1937/38 . . . . .	43\$711
1938/39 . . . . .	35\$186

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	40\$339
1934/35 . . . . .	37\$217
1935/36 . . . . .	38\$478
1936/37 . . . . .	50\$606
1937/38 . . . . .	45\$432
1938/39 . . . . .	39\$393

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	43\$907
1934/35 . . . . .	38\$567
1935/36 . . . . .	40\$156
1936/37 . . . . .	55\$238
1937/38 . . . . .	48\$565
1938/39 . . . . .	38\$174

Não teremos dúvidas para concluir, nesse caso alagoano, com um paradoxo. A grande produção faz sempre rebaixar o custo unitário. Em Alagoas há verbas, nas grandes usinas, francamente exageradas. Num dia futuro, quando o Governo promova a sua intervenção de maneira mais profunda, ele irá arbitrar a elasticidade dessas verbas. Terá de dar um limite máximo a que essas despesas poderão chegar, pois, se elas ultrapassam o normal, que sobrecarregue então o lucro do industrial, porem, nunca o custo de produção do açúcar, pois far-se-ia pressão sobre o consumidor.

A media do custo de produção de um sacco de açúcar, eliminando os dois anos secos, foi, para as usinas pequenas de 33\$618, para as usinas medias de 38\$856, para as usinas grandes de 40\$201.

E' realmente de pasmar a diferença de 6\$583 por sacco, das usinas pequenas sobre as grandes usinas. As pequenas usinas têm tambem uma notavel diferença de 5\$238 em relação às usinas medias. As medias usinas têm uma vantagem de 1\$345, por sacco, sobre as grandes usinas. Esses dados demonstram que as grandes e as medias usinas têm um custo de produção superior, respectivamente, de 19,5 e 15,5% ao custo das usinas pequenas.

### C) — SERGIPE

A historia açucareira de Sergipe é idêntica à historia do Brasil. O seu engenho em nada differia dos outros banguês que encheram a paisagem brasileira desde os primeiros instantes da colonização, que foi, indubitavelmente, uma colonização açucareira. E como teriam sido os primeiros engenhos de açúcar construidos no Brasil? E como se teria processado a sua evolução, a sua transformação, vindo das formas primitivas aos tipos adiantados dos engenhos banguês do Norte?

Naquelas paisagens desconhecidas aos olhos dos primeiros povoadores, à beira-mar, — pois o sertão, poucos quilômetros a dentro da terra a conquistar, era uma incógnita — se começou a plantar cana de açúcar, e a se construir o engenho, que veio a ser a riqueza e motivo de civilização do Brasil colonial. E' de crer que, sem a cana de açúcar e sem o engenho, jamais se teria conseguido dar destaque ao Nordeste, e mesmo ao resto do Brasil. Onde se localizavam a riqueza, a população e a civilização brasileiras, nesses primeiros trezentos anos? No valé do Paraíba, na zona da mata de Pernambuco, numa faixa que descia de Porto Calvo a Coruripe em Alagoas, na zona litoranea de Sergipe, no Recôncavo baiano e nas planicies das baixadas do Rio de Janeiro. Emergiam, como corolario dessa exploração açucareira, os grandes centros urbanos do Recife e Olinda, as cidades de Porto Calvo e Alagoas, São Salvador e Campos.

O engenho primitivo era de pilão, e depois, de mó. Esse último tipo de engenho pode-se facilmente analisar, através de uma litogravura do século XVII, publicada por Nicolss Johannes Visscher, constando de uma pedra, semelhando pedra de mó, com um diâmetro de um metro e meio e alguns centímetros de espessura. Do centro da pedra de mó, parte uma viga de três a quatro metros, onde se ajustam duas outras vigas, presas ao teto, possibilitando assim, pelo esforço de dois homens, um movimento

circular à pedra, que vai esmagando a cana depositada no chão. Em pequenas vasilhas, o caldo da cana era aparado e levado a duas tachas de ferro, recebendo fogo direto, e sem nenhum assentamento. Na primeira tacha o caldo da cana era fervido e na segunda se apurava o ponto de melado. Depois dessa última operação, o xarope era colocado em pequenas formas de barro.

Em todos os setores da fabricação de açúcar se utilizavam treze homens, sendo dois para carregamento de canas para a moenda de pedra, um para arrumá-las com um gancho afim de submetê-las à pressão da mó, dois na viga, três na coleta do caldo, dois no cozimento e enchimento das formas, dois no transporte das formas para uma prateleira, com um orifício por onde se desatacavam as formas, afim de escorrer o mel de furo e um para transporte do bagaço de cana. Nesse rudimentar processo cifrava-se a fabricação de açúcar em quase todo o século XVI. Porém, ainda no século do descobrimento, alguns melhoramentos se introduzem na industria açucareira: a abstenção do braço humano para movimentar a moenda, a substituição da pedra de mó, a utilização dos riachos na movimentação das rodas d'agua, que acionavam as moendas, e, na falta d'agua corrente, a utilização do boi e do cavalo nas almanjarras.

Os engenhos de dois eixos foram os mais usados no Brasil até o primeiro quartel do século XVII, e consistiam “em dous eixos postos hum sobre o outro, movidos com huma roda de agoa, ou de bois, que andavam com huma muito campeira chamada bolandeira, a qual ganhando vento movia e fazia andar outras quatro, e os eixos em que a canna se moia; e além desta machina havia outra de duas ou trez gangorras de paus compridos, mais grossos do que toneis, com que aquella canna, depois de moida nos eixos, se expremia, para o que tudo, e pera as fornalhas em que o caldo se cose, e encorpora o assucar, era necessario huma casa de cento e cincoenta palmos de comprimento e cincoenta de largo”.

Entre 1608 e 1612, durante o governo de D. Diogo de Menezes, se introduz na industria açucareira um melhoramento de grande relevancia. Era “um systema de moendas nos engenhos de assucar, o qual consistia em trez cylindros, ainda verticaes, que por meio de entrosas se fazia girar com a rotação do cylindro do meio. Essas moendas estiveram em uso até meiodos do seculo XIX, quando foram substituidas por horizontaes, do invento do engenheiro Leandro Guimarães, que tambem aperfei-

goou as rodas horizontaes". Esses engenhos de três páus se denominaram de entrosas, devido à sua construção, e podiam ser movimentados, quer com a roda dagua, quer com uma almanjarra de bois ou cavalos.

As caldeiras de cozimento eram cinco em cada engenho, "e leva duas pipas pouco mais ou menos de mel, além de huns tachos grandes, em que se põem em ponto de assucar, e se deita em fôrma de barro no tendal, donde as levão á casa de purgar, que he muito grande, e postas em andainas lhes lanção hum bolo de barro batido na bocca, e depois daquelle outro, com o assucar se purga, e faz alvissimo, o que se fez por experiencia de huma gallinha, que acertou de saltar em uma fôrma com os pés cheios de barro, e ficando todo o mais assucar pardo, virão só o lugar da pegada ficou branco."

Tanto a inovação nas moendas, como a técnica da fabricação do açucar, podem ser percebidas nas ilustrações do livro de Piso, "Historia Naturales Brasiliae" e do texto desse documentario da industria açucareira durante o período nassoviano, tiraremos muitos elementos para o seu conhecimento. Entre as conclusões do estudo dessa documentação, a mais importante é a que se refere ao aproveitamento do bagaço. "A casca da canna duas vezes expremida, o "bagaço", servia de combustivel para o aquecimento das caldeiras".

Pela tradução literal de Piso verificamos, realmente, que "a canna esmagada pela primeira vez, volta outra vez aos cylindros, para que, se houver ainda um resto de succo, seja expremida totalmente e é então chamada bagaço que, como residuo inutil é lançado ao fogo." Deduz-se que o bagaço da cana era empregado como combustivel, se bem que se queimassem 15 a 40 cargas de lenha, por dia, o que ocasionava a derrubada de matas inteiras. Pouco tempo depois, porem, a Provisão de 3 de novembro de 1862 proibia o levantamento de engenhos em distancia inferior a uma legua, um do outro. "De fato, em cada zona de engenho quatro ou cinco fogos estavam sempre acesos, ininterruptamente, por espaço de 7 e 8 meses, custando de 2 a 4 mil cruzados de despesas. Essa proibição durou até à lei de 13 de novembro de 1827, que deixou livre a toda pessoa levantar engenhos em suas terras, a quaisquer distancias dos outros e sem dependencia de licença. Vivia nessa época na Baía o dr. Manuel Jacinto de Sampaio e Melo, senhor do engenho São Carlos — pejorativamente denominado engenho da Filosofia — a quem coube a oportu-



nidade do uso do bagaço de cana como combustível, em substituição à lenha". O conjunto dessas duas citações elucida que, após o emprego do bagaço como combustível, foi ele inteiramente abandonado, para resurgir, na sua util aplicação, cerca de dois séculos após.

Na mesma época que Piso escreveu a sua obra, um outro notável estudioso holandês, Marcgrav, deixava-nos a sua impressão sobre os engenhos do Nordeste, que os brasileiros chamavam de Ibirababaca e Ibiraparanga, se eram "engenhos de bois" ou "engenhos dagua". O engenho dagua tinha três classificações, de "rasteiro", "meo copeiro" e "copeiro", conforme a altura em que a água ferisse a roda. "O moinho dagua é movido mediante três rodas, a saber, a roda dagua, uma dentada menor e outra maior, as "Rodas dagua", "Rodete" e "Bolandeira" dos portugueses.

A roda dentada maior tem raios duplos a que chamam "aspes" e contrages". A moenda movida a bois não possui rodas e tem páus fixos em cima que descem obliquamente e neles atrelam-se os animais, para pô-la em movimento. Ambas as moendas constam de três rolos grossos, os "Eixos" dos portugueses, feito de madeira dura de árvore Japapucaia. Os rolos são armados de lâminas grossas de ferro, em forma de anéis circulares, tendo em cima e em baixo eixos de ferro, nos quais giram, metidas em madres de ferro e estas em traves transversais chamadas pontes. A trave inferior é sustentada por outras duas transversais que se chamam "Chumasseiros". Perto dos rolos, em cada lado, há uma mesa de madeira ("Tavoleira") para colocar a cana, a qual para espremê-la se enfia entre os rolos. O conjunto da moenda é montado sobre quatro traves grandes a que chamam "Virgens" de maneira que o comprimento da moenda toda mede perto de 12 pés e a largura 8".

Ainda em Marcgrav vamos encontrar uma lúcida exposição do que era a fabricação do açúcar, no tempo colonial. "A primeira caldeira em que cái o caldo açucarado é chamada pelos portugueses "Caldeira de mear descumos", na qual se cozinha a fogo lento mexendo e despumando sempre mediante colher grande de cobre, chamada "Escumadeiro", tanto tempo até que seja bastante despumado e purgado, porem a espuma recolhe-se num recipiente posto em baixo, chamado "Tanque", assim como também a própria "Cachaça", a qual serve de bebida aos animais se não despejam fora por não ser outra cousa que as feses do caldo.

O caldo despumado vai depois a uma outra caldeira vizinha, a "Cal-

deira de mear”, onde é cozinhado novamente, a fogo mais forte. é mexido. despumado e, em certos intervalos, nele se põe um pouco de lixívia, que e o único recurso para purificar o caldo, porem, mesmo assim, não é ainda açúcar, e sim um líquido ralo como a agua, sendo baldeado para uma terceira caldeira, a “Caldeira de coar”, onde é coado por um pano que chamam de “coadouro”; a espuma, “Espumo” dos portugueses, retirada da segunda caldeira, que chamam “Coche descumas”, sendo distribuida depois entre os escravos que dela fazem uma bebida, que chamam “Garapa”.

Da terceira o caldo coado é transvasado para a quarta e quinta caldeiras, onde o agitam, sem parar, mediante uma colher grande, refrigerando-o de quando em vez por meio de algumas gotas de agua fria. Em seguida é decantado para um outro recipiente de cobre, que chamam de “Barola de meado”, sendo aí coado por um pano e logo colhido numa vasilha que chamam “Taxas”; a saber a primeira chamam “Taxa de receber”, daí vai para outra, que cozinha quanto basta; e desta para terceira, a “Taxa de bater”, onde o caldo não só continua a ferver, mas é mexido continuamente com colher grande e, ao mesmo tempo, jogado para o alto, até mesmo à altura de 20 pés assim que cai novamente na caldeira. Este caldo cozido chama-se “Agua de taxas”, da qual se faz ótima garapa, porque nada mais é senão açúcar. Depois de cozido bastante, muda-se, finalmente, para uma caldeira que chamam “Bacia de esfriar”, e ali deixam um pouco esfriar. Então o caldo está pronto e apto para ser vertido nas formas.” Esse é o aparelhamento industrial de um engenho de destaque, com grandes produções de açúcar bruto. Poucos engenhos no Brasil tão completos como da descrição minuciosa de Moregrav.

Se é digno de menção o documentário de Piso e Marcgrav, sobre o engenho banguê do Brasil, na época do dominio holandês, não menos importante é o testemunho de Antonil, que viveu no Brasil, um largo período que se estendeu de 1667 a 1710, e nos legou a mais seria, a mais honesta e a mais perfeita informação da economia brasileira, e, principalmente, da economia açucareira, na sua “Cultura e Opulencia do Brasil”.

Sobre as moendas que ele viu e observou, e especialmente as do engenho Sergipe del-Rey, informa o douto cronista que os eixos delas eram de sapucaia, ou sopupira-cari: a ponta ou cabo do eixo grande, de páu de arco, ou de sapupira, os dentes dos três eixos da moenda, do rodete ou da bolandeira eram de nessataúba. O valor de toda a moenda importava em mais de mil cruzados.

Na parte da fabricação, o engenho do tempo de Antonil pouco difere do engenho descrito por Piso ou Marcgrav. Diz o cronista Antonil que essa secção consta, "além do parol do caldo, e do parol da guinda, que fica na casa da moenda, de duas caldeiras, a saber: da de meio, e da outra de melar: de hum parol grande, que chamão parol de melado, e de outro menor que se chama parol de coar; de hum terno de taxas, que são quatro, a saber: a de receber, a da porta, a de cozer, e a de bater: e finalmente de huma bacia, que serve para repartir o assucar nas fôrmas." Essas formas, diz ainda Antonil, eram vasos de barro queimado no fornalho das telhas, e tem alguma semelhança com os sinos, tendo três palmos e meio de altura, e proporcionadamente largas, com a maior circumferencia na boca, e mais apertadas no fim, onde são furadas. Uma forma de barro custava quatro vintens.

Praticamente, em nada differia o engenho seiscentista e mesmo setecentista do tipo do final do século quinhentista. As modificações eram de detalhes de construção, nas rodas dagua, na implantação das moendas, e na melhor orientação do assentamento das tachas de cozimentos.

Assim, em fins do século XVII, um agricultor do Cabo, em Pernambuco, Antonio de Carvalho Guimarães, descobriu um novo tipo de moendas, "que havia de moer as cannas sem bestas e sem agua, e ocupando menos gente de que se ocupava nos existentes." Pedida a patente dessa invenção o governo da Metrópole baxou um alvará, em 17 de novembro de 1697, concedendo-lhe o privilegio e "que toda a pessoa que quizesse dalli em diante fazer outro á sua imitação, lhe pagaria por uma só vez 400\$000, para elle ou seus herdeiros, ou quatro arrobas de pensão por cada mil, que no engenho fizesse." Mera ficção, sem nenhum resultado pratico, não tendo sequer sido usado, nem mesmo, talvez, no engenho do inventor, pois que "ficou na massa dos passivos, porque não há nesta capitania algum engenho como o afigurado."

Em 1725, ainda estacionario era o processo de fabricação de açucar, como se depreende da seguinte descrição: "Quando as cannas estão sazoadas, se cortam e levam para os engenhos, onde expremidas em instrumentos, que chamam moendas, umas que movem correntes de agua, outras gyros de cavallos, se derremem em docissimo succo, que cahindo liquido, vai correndo por aqueductos de pau a uma grande tacha chamada parol, mettida na terra, onde em taichas pequenas de cobre, prezas por



cadeias de ferro, o sobem para botar nas caldeiras, em que se cose; em fervendo, lhe lançam uma agua de certa qualidade de cinza, que nomeam decoada, e posto no ponto necessario, o passam a vasilhas de barro, pyramidaes, que chamam fôrmas, e cobertas de barro as suas circulares boccas, depois de quarenta dias, que nella se está purificando o assucar, se põe um dia ao sol, e se mette nas caixas”.

A química açucareira ia ainda, da decoada no caldo ao barro para purgar o açúcar.

Em 1756, no engenho de Meio da Varzea, em Pernambuco, fez-se a experiencia de um aparelho para fazer o cozimento de açúcar sem as grandes despesas de lenha, porem, o invento do agricultor Rodrigo José de Melo teve o mesmo destino das cousas irrealizadas. Não se tem, hoje, siquer a descrição do aparelho.

A exposição feita pelo frade pernambucano D. Frei Domingos de Loreto Couto, no seu “Desagravos do Brasil e Glorias de Pernambuco”, sobre a industria açucareira do maior centro produtor, nos dá a impressão que somente em tamanho, em capacidade, evoluiu o engenho, porque os processos de fabricação do açúcar permaneceram os mesmos, e os maquinismos se assemelham aos do tipo do engenho de Mem de Sá, e aos engenhos do período nassoviano.

Finalmente, em 1817, os engenhos de açúcar conseguem a maior inovação industrial: o emprego da máquina a vapor, em substituição à roda d'agua, e principalmente às almanjarras.

Em 1842, tenta-se o emprego de cal, em vez da potassa, com pleno êxito. Desse período até 1852, grandes melhoramentos se introduzem na industria, com as novas máquinas de moagem, de invenção e privilegio dos irmãos Alfredo e Eduardo de Mornay, “cujas moendas, unidas às vantagens de um aparelho próprio para cozimento, e às do aparelho centrífugo, asseguravam um resultado de mais de 50% de vantagem do fabrico de açúcar.”

Em 1852, no engenho Novo, do sr. Tomaz Pedreira Geremoabo, na Baía, duas turbinas centrífugas purgavam o açúcar dessa fábrica.

Sómente em 1857, em Pernambuco, se introduz o uso de caldeiras



aquecidas com o próprio bagaço. E, nessa época, é que as moendas horizontais foram tendo maior aplicação.

Uma moenda de quatro cilindros, de dupla repressão, antes de 1870, se achava instalada no engenho Pedra, em Pernambuco.

Em 1870, o Barão de Muribeca, em Pernambuco, adquire aparelhos de vacuo, a Cail & Cia., de Paris, e no engenho S. Francisco novos vacuos, da Fives Lille, se instalam.

Em 1878, a conclusão a que chegou a Comissão encarregada pelo Congresso Agrícola, de redigir a resposta final da produção açucareira do Nordeste, ao Governo Imperial, esclarecia que “alguns melhoramentos têm havido, tais como a introdução, embora em pequena escala, de maquinismos aperfeiçoados para o fabrico de assucar e da aguardente; a substituição do motor animal pelo vapor e pela agua, e o estabelecimento de destilações e restilações como dependencia dos engenhos. A cultura da terra é de há muito feita com arado em algumas propriedades.

“Há urgencia de outros melhoramentos, sobretudo da cultura da canna, e do fabrico do assucar, separação que já se dá em não pequena escala e que cumpre desenvolver e animar pela iniciativa individual e pela liberdade de associação”.

Já por essa época, diversos engenhos no Brasil começavam a se “enfeitar” com maquinismos novos. Falava-se com insistencia em engenhos centrais como única solução para o problema açucareiro no Brasil.

Em 1877, funda-se realmente a primeira usina do país: a Quissaman. Outras se instalavam em diversos centros produtores, ora com auxílio do Governo Central, ora pela iniciativa particular. Em Pernambuco a éra dos engenhos centrais, — as usinas — se iniciam em 1884.

Em Sergipe, em 1888, no município de Riachuelo se instala o primeiro engenho Central.

No último quartel do século XIX, informa um historiador sergipano possuir o Estado cerca de mil engenhos e pouco mais de duzentos substituíram a força animal pela máquina. “Alem da falta de iniciativa dos seus habitantes, o governo imperial nunca quiz activar a prosperidade

da lavoura assucareira, por meio de estabelecimentos de engenhos centrais, ou usinas, que levassem ao espirito dos agricultores a convicção de mudarem o processo do trabalho agrícola. E essa incuria revela-se perfeitamente no facto de que, attingindo a produção de Sergipe uma alta cifra, somente construiu-se um engenho central, juncto á cidade de Riachuelo, o qual é actualmente o unico no paiz, que deixa lucro á empreza que o dirige". E desde então se processa em Sergipe um fenómeno curioso, sem similar em nenhum outro Estado açucareiro. Sendo a usina a entidade econômica substituta do engenho banguê, todas as características diferem profundamente do engenho colonial. Não é uma adaptação, uma evolução, um melhoramento. O sentido econômico e social é divergente. No engenho banguê, a fábrica está em função da terra, e na usina a terra é função da fábrica. No primeiro se a propriedade é demasiadamente grande para a moenda de "pé de ferro", o desdobramento territorial é fatal, ou pelo menos, se torna inevitavel o aforamento das terras excedentes. Na usina, a voracidade das moendas é espantosa, ante a necessidade sempre crescente, de novas e outras terras.

Ainda mais, o engenho banguê tem uma economia defensiva quando a usina a tem ofensiva, isto é, a diretriz do engenho banguê é de se defender contra a ambição da fábrica moderna, enquanto a usina força a absorção do engenho, incorporando suas terras, e extinguindo seus primitivos maquinismos.

Não se poderia, portanto, compreender por muito tempo uma usina com aspecto industrial de banguê. E, o que ocorre, justamente, em Sergipe, é que não houve a substituição completa. Dir-se-ia o mesmo panorama dos séculos XVIII e XIX, com pequenas inovações. Muitas das usinas sergipanas, nada mais são que engenhos do tipo do de Mem de Sá, com turbina, e algumas vezes com vacuo. Tudo impreciso.

Em 1917 existiam 54 usinas, e somente 4 eram completas. Em 1934, das 86 usinas em funcionamento, 76 eram incompletas, verdadeiros "banguês enfeitados". E todas essas fábricas se construíram, ou melhor, receberam os seus vacuos, as suas turbinas, e as suas moendas, das socatas das usinas de Pernambuco e Alagoas. Quem não diria, mesmo, que as usinas de Sergipe, as incompletas, não são um amontoado de ferro velho, o que, aliás, dignifica o trabalho do produtor de açúcar desse Estado, que consegue manter a sua velha industria com maquinismos antiquados e deficientes ?

Mas, aí, reponta o aspecto social dessa industria açucareira *sui-generis*. O da distribuição da produção de açúcar por um grande número de produtores, espalhando-se assim os proventos. De acordo com os limites fixados oficialmente, cabe a Pernambuco a liderança da concentração industrial açucareira com 78.600 sacos por usina; depois o Estado do Rio com 67.230 sacos, São Paulo com 59.235, Alagoas com 58.373 sacos, Baía com 40.444 sacos, Paraíba com 33.235 sacos, Minas Gerais com 14.631 sacos e, finalmente, Sergipe com 9.520 sacos por fábrica.

Ficamos, ante esses números, a meditar onde reside a felicidade entre a família açucareira no Brasil: se nos Estados de grande concentração como em Pernambuco, onde a indústria "pesada" do açúcar tem o seu domínio implacável, ou se em Sergipe, onde o "banguê-enfeitado" empresta uma fisionomia de cousa antiga à paisagem canavieira.

Essas usinas sergipanas se distribuem de uma maneira interessante, em relação tanto à sua capacidade de esmagamento, como à sua quota de limitação. Vejamos, em primeiro lugar, a classificação em relação às capacidades :

Moendas	N.º de Usinas
até 100 tons. . . . .	29
de 101 a 200 tons. . . . .	48
de 201 a 300 " . . . . .	6
de 301 a 400 " . . . . .	2
de 401 a 500 " . . . . .	1
de 501 a 600 " . . . . .	1

O aspecto dessa classificação se modifica inteiramente, ao verificarmos a classificação das usinas em função dos limites. Ei-la :

Limite	N.º de Usinas
até 10.000 sacos . . . . .	65
entre 10.000 e 20.000 sacos . . . . .	15
" 20.000 e 30.000 " . . . . .	3
" 30.000 e 40.000 " . . . . .	3
" 40.000 e 50.000 " . . . . .	1
" 50.000 e 60.000 " . . . . .	1

Da comparação dessas duas classificações deduziremos o grau de desequilíbrio dessas usinas, pois que, tomando-se por exemplo, as 29 usinas com capacidade de 100 toneladas teríamos, em 90 dias de moagem e com 90 quilos de açúcar de rendimento por tonelada de cana, uma media de produção de 13.500 sacos. Entretanto, 65 usinas sergipanas têm uma capacidade de produção, isto é, uma limitação inferior a 10.000 sacos.

Os canaviais das usinas sergipanas sofreram, com os demais canaviais do nordeste, a infecção do mosaico, do que resultou a diminuição das safras, sem, contudo, apresentar aspecto de calamidade. Assim, em 1929/30, a safra, se bem não fosse alta, pois foi o ano aureo da produção açucareira, anterior à defesa da produção, no entanto atingiu a 580.269 sacos, havendo progressão na safra imediata. De fato a partir de 1929/30, quando começa a historia gráfica do presente estudo, as usinas de Sergipe atingem, com sua produção de açúcar, os seguintes níveis :

1929/30 . . . . .	580.269 sacos
1930/31 . . . . .	742.508 "
1931/32 . . . . .	393.424 "
1932/33 . . . . .	342.911 "
1933/34 . . . . .	298.790 "

A media do quinquenio que serviu de base à limitação é de 471.580 sacos, inferior 18% ao primeiro ano do período quinquenal e superior 57% ao ano 1933/34. O ano mais agudo da depressão foi exatamente o de 1933/34, que só vai encontrar tão pequena produção no ano de 1914. Inegavelmente em nenhum Estado produtor de açúcar a queda na produção foi tão intensa. Torna-se paradoxal a convicção de que um maior número de produtores reage melhor aos efeitos de uma crise prolongada do que poucos produtores com grande produção concentrada.

Com essa produção quinquenal, base de toda a limitação açucareira do país, qual deveria ser o limite geral do Estado de Sergipe?

Ao se tratar do problema de limitação do Estado é interessante divulgar o pensamento do representante desse Estado, quando se iniciavam os primeiros trabalhos para o contingentamento da produção.

Sugere na sua proposta o representante sergipano que "o limite de produção do Estado não seja inferior a um milhão de sacos". Esse limite



de um milhão de sacos, Sergipe julgava "modesto e irretorquível", pois declarava que o Estado tinha possibilidade de chegar à produção de seis a oito milhões de sacos por ano !...

Abandonando a fantasia e os números astronômicos, foi fixada para o Estado uma quota de produção de 722.570 sacos, a qual é superior 250.990 sacos à media quinquenal, ou 53,2%.

Ora, se a autorização da Comissão Executiva do Instituto do Açúcar e do Alcool permitia uma majoração até 20% sobre a media quinquenal, podendo o Estado alcançar 565.896 sacos, teria havido, realmente, um acréscimo de mais 33,2% ou 156.674 sacos.

Duas safras, durante o quatrienio posterior à fixação dos limites, foram superiores à quota de produção do Estado. A media da produção dessas duas primeiras safras é superior ao limite do Estado 2,7%. As duas últimas safras são inferiores ao limite 26,9%.

A media geral do quatrienio 1934/35 a 1937/38 foi de 635.112 sacos, inferior 13% à quota de produção, equivalendo essa percentagem a uma diferença de 87.458 sacos.

Esses dados são um atestado de que o Instituto do Açúcar e do Alcool foi justo quando fixou as quotas de produção de Sergipe e que muito longe da realidade vivia o seu antigo representante, que antevia produções superando um milhão de sacos, pelas pequenas usinas sergipanas. E, qual será o caminho que trilhará essa original indústria açucareira? Penderá para a concentração industrial, com a diminuição do número de fábricas, para doze, dez ou mesmo seis usinas, ou ficará eternamente nesse meio termo, mixto de banguê e de usina, produzindo açúcar cristal de tipo inferior, menos valorizado, mas que proporciona aos usineiros sergipanos um lucro maior que o de outros Estados do Norte, porque o ambiente alí é mais modesto, as iniciativas menos arrojadas, o padrão de vida do produtor mais acanhado, e a vida mais patriarcal?

Afinal, a historia econômica e política do açúcar um dia dirá onde reside a felicidade do usineiro e do fornecedor de cana, do produtor do açúcar bruto, do operario da industria açucareira e do trabalhador da lavoura canavieira.

Em Sergipe o estudo da situação do custo de produção de um saco de açúcar é bastante difícil porque as escritas das usinas são por demais incompletas. Numa média geral do Estado as deficiências diminuem bastante porque os erros se atenuam com um maior número de usinas.

A média dos anos de 1936/37 a 1938/39 das usinas, com capacidade até 6.000 sacos, é a seguinte:

1936/37 . . . . .	35\$700
1937/38 . . . . .	35\$348
1938/39 . . . . .	34\$156

A média geral dos três anos foi de 35\$049 por saco de açúcar.

As principais verbas que entram para a composição do custo de produção do açúcar são a aquisição de matéria prima que de 1936/37 a 1938/39 oscilaram de 17\$709, 17\$098 e 15\$662 por saco. O custo de transporte de cana e lenha foi de \$830, 1\$165 e \$980, nos três anos assinalados. O custo de fabricação de açúcar subiu a 4\$148, 5\$538 e 5\$378, por saco. A sacaria foi 1\$294, 2\$000 e 2\$000, por saco de açúcar. A verba de salário, ordenados e gratificações foi de \$542, \$681 e \$629 por saco. Com seguros sobre imóveis e operários as pequenas usinas sergipanas despenderam de 1936/37 a 1938/39, respectivamente, \$241, \$725 e \$670. Com taxas e contribuições de caixas de pensões e aposentadorias gastaram as usinas, até 6.000 sacos, \$034 e \$092 por saco de açúcar, nas safras 1937/38 e 1938/39. Com assistência social, \$289, \$297 e \$343 por saco de açúcar. Com impostos em geral, gastaram \$840, \$419 e \$950 por saco de açúcar nos três anos do estudo. Na conservação da fábrica, maquinismos, prédios e dependências as despesas são de 2\$231, 1\$636 e \$476 por saco de açúcar.

Na rubrica de despesas gerais encontramos os seguintes lançamentos: \$744, \$876 e \$866 por saco. Os fretes foram somente de \$400, \$400 e \$500 por saco até Aracajú, para as pequenas usinas. As despesas de armazenagem nos três anos foram de \$400 por saco. Com a despesa pessoal do usineiro, a sobrecarga, por saco, de açúcar, foi de 2\$936 em 1936/37, de 1\$000 em 1937/38 e de 2\$130 em 1938/39, por saco de açúcar. Com a conservação da linha telefônica as despesas foram de \$096, \$079 e \$080 por saco de açúcar.

As usinas com produção superior a 20.000 sacos tiveram as seguintes despesas, a partir de 1934/35:

1934/35 . . . . .	13\$860
1935/36 . . . . .	11\$284
1936/37 . . . . .	11\$415
1937/38 . . . . .	12\$068
1938/39 . . . . .	12\$211

A media do custo de aquisição de materia prima é de 12\$169 por sacco, enquanto as usinas de capacidade inferior a 6.000 sacos têm uma media de 16\$823 por sacco.

O custo de transporte de cana e de lenha é o seguinte :

1934/35 . . . . .	\$417
1935/36 . . . . .	\$245
1936/37 . . . . .	\$535
1937/38 . . . . .	\$494
1938/39 . . . . .	\$556

A media do custo de transporte foi de \$449 por sacco, enquanto as usinas menores tiveram uma media de \$978 por sacco. Quer dizer que as usinas maiores têm uma vantagem de \$529 por sacco, correspondendo a 118%.

No custo de fabricação de açúcar as diferenças são mais sensíveis, pois se catalogam as despesas da seguinte maneira.

1934/35 . . . . .	2\$384
1935/36 . . . . .	4\$953
1936/37 . . . . .	6\$160
1937/38 . . . . .	8\$446
1938/39 . . . . .	4\$554

Por esses dados verificamos os efeitos dos dois anos de seca, os de 1936/37 e 1937/38. A media dos outros anos foi de 3\$963 por sacco, contrastando com o custo de 4\$148, se abandonarmos, igualmente para as usinas pequenas, os dois anos anormais.

A sacaria foi obtida de 1934/35 a 1938/39 pelos seguintes custos: 1\$760, 2\$288, 2\$384, 2\$077 e 1\$772, por sacco de açucar. A media desse quinquenio foi de 2\$056 por sacco, enquanto nas usinas menores essa media foi de 1\$764.

Com a verba de "ordenados, salarios e gratificações" as usinas maiores de Sergipe gastaram :

1934/35 . . . . .	\$555
1935/36 . . . . .	1\$260
1936/37 . . . . .	1\$105
1937/38 . . . . .	1\$092
1938/39 . . . . .	\$951

A media dos anos normais de produção foi de \$922 por sacco, em comparação com os gastos de \$629 por sacco nas usinas pequenas. Há, pois, uma diferença em favor das pequenas usinas de \$293 por sacco, perfeitamente explicavel porque o aparelhamento das usinas maiores requer assistencia técnica e despesas outras que são dispensaveis nas pequenas usinas.

Com seguros as verbas dispendidas pelas grandes usinas sergipanas são :

1934/35 . . . . .	—
1935/36 . . . . .	\$317
1936/37 . . . . .	\$324
1937/38 . . . . .	\$257
1938/39 . . . . .	\$212

A media dos anos anormais foi de \$263 por sacco, tendo sido essas despesas para as pequenas usinas de \$670.

Há, pois, uma diferença de \$407 por sacco favoravel às usinas maiores.

Com as despesas de "taxas e contribuições de caixas de pensões e aposentadorias" foram, para as usinas maiores :

1936/37 . . . . .	\$024
1937/38 . . . . .	\$070
1938/39 . . . . .	\$175



A media dessas despesas no trienio, pois as arrecadações começaram na safra 1936/37, foi de \$089 por sacco de açúcar, enquanto para as pequenas usinas essas despesas foram de \$063 por sacco.

Com a rubrica "Assistencia Social" as despesas feitas pelas usinas maiores foram :

1934/35 . . . . .	1\$222
1935/36 . . . . .	\$426
1936/37 . . . . .	1\$625
1937/38 . . . . .	2\$964
1938/39 . . . . .	\$924

Durante os anos normais a media por sacco de açúcar foi de \$850, contrastando com as despesas de \$085 por sacco, nas usinas menores. A diferença entre as despesas das usinas dos dois tipos é de \$765 por sacco.

Na verba de impostos em geral as despesas anuais se distribuem da seguinte forma :

1934/35 . . . . .	1\$574
1935/36 . . . . .	1\$216
1936/37 . . . . .	1\$687
1937/38 . . . . .	1\$811
1938/39 . . . . .	1\$421

A media de despesas no período normal é de 1\$403 por sacco, em comparação com as despesas com impostos em geral, nas usinas menores, de \$950. Há, portanto, uma diferença de \$453 por sacco, em favor das pequenas usinas.

Com a conservação das linhas ferreas, as despesas, por sacco, foram, para as usinas maiores de :

1935/36 . . . . .	\$262
1936/37 . . . . .	\$786
1937/38 . . . . .	1\$361
1938/39 . . . . .	1\$026

A media das safras normais é de \$644 por sacco, não tendo as pequenas usinas tais despesas, pois não possuem estradas de ferro.

Com material rodante, as usinas maiores tiveram as seguintes despesas :

1934/35 . . . . .	\$176
1935/36 . . . . .	\$131
1936/37 . . . . .	\$252
1937/38 . . . . .	\$307
1938/39 . . . . .	1\$206

A media do trienio normal de produção foi de \$504 por sacco, enquanto as usinas pequenas não tiveram essas despesas, pois o transporte de cana e lenha é feito em carros de bois e em costas de animais.

As despesas medias com a conservação da linha telefônica durante o quinquenio de 1934/35 a 1938/39 foram de 15 réis por sacco, para as usinas grandes.

Com a conservação da fábrica, maquinismos, prédios e dependencias, as despesas foram, para as grandes usinas :

1934/35 . . . . .	2\$311
1935/36 . . . . .	1\$434
1936/37 . . . . .	2\$978
1937/38 . . . . .	3\$613
1938/39 . . . . .	1\$803

A media das despesas com o apontamento da fábrica, foi de 2\$427 por sacco, contrastando com 1\$447, despesas feitas pelas usinas pequenas. A diferença em favor das usinas pequenas foi de \$980 por sacco, em relação às usinas grandes.

Com as verbas de "despesas gerais" as usinas grandes, no quinquenio 1934/35 a 1938/39, foram despendidos :

1934/35 . . . . .	1\$443
1935/36 . . . . .	1\$499
1936/37 . . . . .	2\$425
1937/38 . . . . .	2\$669
1938/39 . . . . .	1\$192

A media geral, durante todo o quinquenio, foi de 1\$845, por sacco, enquanto a media do trienio normal de produção foi de 1\$378 por sacco, tendo sido para as usinas pequenas, de \$860 por sacco.

A media de despesas com fretes e carros de um sacco de açúcar até Aracajú, foi para as usinas grandes de \$954, ao passo que a media das usinas pequenas foi de \$433.

As despesas medias com armazenagem e com a retenção de açúcar foram, durante o quinquenio de 1934/35 a 1938/39, de 2\$409. Se abstrairmos os dois annos secos, a media do trienio de produção normal desceu para 1\$918, por sacco de açúcar, nas usinas grandes do Estado. Para as usinas pequenas essas despesas foram, na media, de \$400 por sacco. Temos a impressão que o pequeno produtor, isto é, o pequeno usineiro não estoca o seu açúcar, vendendo-o imediatamente ao comerciante de Aracajú.

Finalmente, nas retiradas para as despesas dos proprietarios das usinas, estão as maiores verbas. Não há dúvida que essas verbas estão altamente exageradas, não devendo assim sobrecarregar o custo geral de produção do açúcar, pois seria um tratamento injusto para o consumidor. Quando o inquérito de custo de produção tiver demonstrado, através da continuidade das coletas dos dados estatísticos da contabilidade das fábricas, qual a justa retirada para os honorarios e gratificações, far-se-á então, uma retificação geral nessa rubrica.

Durante o quinquenio de 1934/35 a 1938/39, as despesas nas usinas grandes, foram :

1934/35 . . . . .	4\$872
1935/36 . . . . .	3\$610
1936/37 . . . . .	5\$459
1937/38 . . . . .	6\$400
1938/39 . . . . .	4\$567

A media geral por sacco de açucar, no quinquenio acima foi de 4\$981. Quer dizer que uma usina, por exemplo, de 50.000 sacos, destinaria para seu proprietario ou proprietarios, a título de honorarios e gratificações, a importancia 249:050\$000, ou 20:754\$000 por mês.

As usinas pequenas sergipanas tiveram uma despesa media de 2\$055 por sacco. Quer dizer que uma usina de 10.000 sacos gastaria 20:550\$000, anualmente, ou 1:714\$000, por mês.

Na comparação das despesas nos dois tipos de fábricas, as pequenas usinas têm uma vantagem de 2\$926, por sacco.

Abstraindo os anos secos, a media das despesas para as usinas grandes desce para 4\$349 por sacco, em contraposição com as despesas de 2\$130 por sacco, nas usinas pequenas.

A media geral do custo de produção para as usinas grandes foi durante o quinquenio 1934/35 a 1938/39, de :

1934/35 . . . . .	35\$548
1935/36 . . . . .	34\$453
1936/37 . . . . .	44\$337
1937/38 . . . . .	50\$821
1938/39 . . . . .	39\$645

A media do quinquenio foi de 40\$960 por sacco, enquanto a media do trienio normal foi de 36\$548 por sacco. Na análise dos dois anos extremos, o aumento do custo de produção foi de 4\$097 por sacco, correspondendo a uma majoração de 11,5%.

A media geral do custo de produção, para as usinas pequenas, foi de 35\$049 por sacco. No período normal de produção, o custo baixou para 34\$156 por sacco.

A diferença, em favor das pequenas usinas, é de 2\$392 por sacco, no paralelo dos períodos normais de produção.



**D) — BAIA**

A Baía tem uma tradição diferente na geografia econômica do açúcar. Enquanto em Pernambuco, por exemplo, o engenho era uma grande fábrica, com sua residência faustosa, com o seu enxame de escravos, caracterizando-se mais pelo aspecto industrial do açúcar, na Baía se bem tenha possuído casas grandes, grandes engenhos banguês e grande escravaria, aí se sentia o poder de atração da terra. Em Pernambuco, o homem entrava como elemento essencial à paisagem. Ele a completava. Na Baía açucareira a terra é o elemento central, tornando-se o homem fator secundário. E' que na Baía, onde se plantava açúcar, havia uma hierarquia da terra. No Brasil, com um sentido menos intenso, vamos encontrar em Campos, a fascinação da terra de aluvião. Nos outros centros açucareiros, o relevo, os altos e baixos dos morros, os pequenos vales, as chapadas, as chãs, as ladeiras íngremes ou suaves, são fatores de desarmonia da terra. Enquanto que no Recôncavo baiano, ou nas varzeas do Paraíba do Sul, a terra tem unidade: é massapê ou aluvião. E o massapê verdadeiro, então, é inteiriço em sua formação. Não há nuances, nem meio termos. E' terra proveniente da desagregação de folhelho arenoso cretáceo, com uma grande camada de terra vegetal. E mais de quatrocentos anos, esse massapê do recôncavo baiano, inesgotavelmente, produz sempre com exuberância e sempre maltratado.

Gabriel Soares de Souza, em seu Tratado Descritivo do Brasil, em 1587, informava que "na Bahia, plantam-se pelos altos e baixos, sem se estercar a terra, nem se regar, e como as canas são de seis mezes, logo acamam e é forçoso cortá-las para plantar em outra parte, porque aqui se não dão tão compridas como lanças; e na terra baixa não se faz assucar de primeira novidade que preste para nada, porque acamam as cannas e estão tão viçosas que não coalha o sumo dellas, se as não misturam com cannas velhas, e como são de quinze mezes, logo fiam novidade às cannas de planta; e as de sóca como são de anno logo se cortam". E informa mais adiante o cronista que "na Bahia ha muitos cannaviais que ha trinta annos que dão cannas; e ordinariamente as terras baixas nunca cançam e as altas dão quatro e cinco novidade e mais".

Essa uberdade além de ser uma resultante do alto teor de elementos químicos no solo, resultava da adição de terra vegetal, produto milenar

da síntese da materia orgânica, transmudada, em humus, terra gorda e terra fertil.

Em carta dirigida pelo advogado da Baía, José da Silva Lisboa, ao diretor do Real Jardim Botânico de Lisboa, dizia, referindo-se ao Recôncavo, que "he esta uma terra chamada maçapé, negra, compacta, viscosissima, que triturada nos dedos faz sentir-se uma sensação de unctuosidade que desfeita em agoa e precipitada deixa na parte superior huma porção de oleo vegetal natante de que estava saturada a mesma terra, que assim se havia impregnado dela pela resolução continuada dos vegetaes que nella apodrecem, principalmente das folhas das arvores que nos séculos passados haviam feito montes altissimos que depois com o tempo e chuvas se resolverão".

O massapê tem uma contextura complicada. Se com agua se desmancha, se transforma quase em atoleiro, moldando pés de homens e patas de animais, com o sal se encrespa, endurece, seus torrões viram tijolos. Tal a contração das partículas terrosas, que a crosta se parte, se fende e racha. E, às vezes, as rachaduras da terra penetram fundo.

Já em suas cartas, o douto Professor Regio de Lingua Grega, na cidade da Baía, Luiz dos Santos Vilhena, descrevendo o engenho da Baía, traçando a figura "dos chamados senhores de engenho, soberbos de ordinario e tão pagos de sua gloria vã que julgarão nada se pode comparar com elles", desce ao detalhe ao tratar da terra de cana da Baía, classificando o massapê, como "huma especie de Argila composta de huma quantidade de terra insorvente, invitrivel e de base alcalina das pedras quartzozas, intimamente combinada entre si.

Conhece-se este por huma terra unctuosa em que pegando-se deixa nos dedos huma tal qual viscosidade, ou oleo, e misturada com agoa proporcionada, toma as formas que lhe querem dar; as particulas terreas que tem unem-se humas e outras com bastante adherencia, e por isso conserva por mais tempo do que as outras terras, o principio humido, de fórma que apontando o calôr, ella forma na sua superficie huma e compacta que impede a evaporação rapida da agoa que em si conthem e por esta razão preferivel para a agricultura da canna que como hé planta que precisa mais humidade que as outras, o massapê lhe hé o mais conveniente não só por conservar por mais tempo a humidade, como por conther

mais principios alcalinos, e oleosos, que servem muito para a nutrição das plantas”.

E o cronista do principio do século XIX não fica na descrição fisico-química do solo, vai até à côr, às nuances, às variedades, dizendo haver massapês pretos, amarelos, esbranquiçados ou vermelhos, sendo o preferido o preto. Como reconhecer, porém, o clássico massapê com os terrenos comuns de argila? Diz Vilhena que “depois das chuvas, apontando o sol, o terreno fica gretado e cheio de grandes fendas; o que succedendo hé signal de que o terreno hé composto de massapê, este hé o meyo particular de conhecê-los”.

Um pouco mais tarde, nas suas Cartas Econômico-Políticas sobre a Agricultura e Comercio da Baía, o desembargador João Rodrigues de Brito despresou a situação da fábrica de açúcar, interessando-se porém pelo massapê, ao impugnar a Provisão de 28 de abril de 1767, que obrigou o lavrador do Recôncavo a plantar quinhentas covas de mandioca por escravo de serviço que empregasse. A Provisão citada prejudicaria principalmente a lavoura da cana, porque “obrigão o lavrador a occupar com a mesquinha plantação de mandioca, que se dá em toda a quantdade de terra, os raros e preciosos torrões de massapê, aos quais a natureza dê o privilegio de produzir muito bom assucar”.

Antes do primeiro quartel do século XIX, os naturalistas von Spix e von Martius, em sua “Reise in Brasilien”, têm um capítulo especial consagrado ao massapê baiano, que se encontra nos vales pouco profundos dos rios do Recôncavo, especialmente nos arredores de Sto. Amaro, Iguapé e Maragogipe. “E’ uma qualidade preciosa das especies de terreno aí existente, o não contêr carbonato de calcio e sim pequenas partes de terras calcareas combinada, chimicamente, com argila e silica”.

Esse é o massapê que embora se espalhe em manchas pelo Nordeste açucareiro, tem, no entanto, a sua maior pujança no Recôncavo baiano, pois, aí, ele é verdadeiramente fértil e profundo. Aí, mas que em qualquer outra parte, é que exerce essa atração entrevista por Gilberto Freyre, de puxar, ele, o massapê, para dentro de si as pontas de cana, os pés dos homens e as patas dos bois.

Nesse massapê baiano se construiu uma verdadeira civilização açucareira, idêntica, à de Pernambuco, em pompa e poderio. E dentro da



Baía, o açúcar dominou completamente a sua economia, estendendo sua hegemonia pelo Brasil inteiro. Vejamos os dados estatísticos de Antonil, dos princípios do século XVIII, referentes ao valor de todo o açúcar, "que cada anno se faz nas safras da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro :

**BAHIA**

Por 8.000 caixas de branco macho a .....	84\$560	676:480\$000
Por 3.000 caixas de mascavo branco a .....	60\$742	182:226\$000
Por 1.800 caixas de branco batido a .....	69\$488	125:078\$400
Por 1.200 caixas de mascavo batido a .....	46\$935	56:322\$000
Por 500 caixas que se gastão na terra, a .....	60\$200	30:100\$000
São 14.500 caixas que importão em .....		1.070:206\$400

**PERNAMBUCO**

Por 2.600 caixas de assucar mascavo macho a .....	78\$420	548:940\$000
Por 2.600 caixas de assucar mascavo macho a .....	54\$500	141:700\$000
Por 1.400 caixas de branco batido a .....	63\$200	88:480\$000
Por 1.100 caixas de mascavo batido a .....	39\$800	43:780\$000
Por 200 caixas que se gastão na terra a .....	56\$200	11:240\$000
São 12.300 caixas, e importão em .....		834:140\$000

**RIO DE JANEIRO**

Por 5.600 caixas de branco macho a .....	72\$340	405:104\$000
Por 2.500 caixas de mascavo macho a .....	48\$220	120:550\$000
Por 1.200 caixas de branco batido a .....	59\$640	71:568\$000
Por 800 caixas de mascavo batido a .....	34\$120	27:296\$000
Por 120 caixas para gasto da terra a .....	52\$320	6:278\$400
São 10.220 caixas, e importão em .....		630:796\$400"

A situação da produção baiana era de franca liderança, representando 42% da produção açucareira do Brasil, enquanto cabia a Pernambuco 32% e ao Rio de Janeiro 26%.



Confrontando a posição da Baía com a de Pernambuco, verificamos que a produção de açúcar da Baía é superior à de Pernambuco 28%. E durante safras e safras, a Baía se colocava muitas vezes, na primeira linha da produção de açúcar. Depois, começou a ceder e a sua produção começou a decrescer. Ainda no século XIX, por vezes, a Baía conseguiu reagir. Assim, em 1808, Pernambuco só exporta 4.271 caixas e no ano seguinte 12.801 caixas, enquanto a Baía naquele primeiro ano exportou 26.000 caixas. Pernambuco em 1816 conseguiu exportar 15.500 caixas de açúcar, e a Baía no ano seguinte alcançava 27.300 caixas, e em 1818, 29.575 caixas. Mas, apesar do vulto da produção, na Baía já começara a regredir a industria açucareira, pois, o aumento da produção não era proporcional ao grande número de engenhos fundados, muitos em zonas absolutamente inadequadas. Há, sobre esse assunto, um testemunho valioso, escrito em 1807, pelo sr. Joaquim Inacio de Serqueira Bulcão, da Vila de São Francisco, respondendo a uma solicitação do Senado da Câmara da Baía. Diz o informante que a lavoura do açúcar, bem como todas as mais, se tem aumentado; mas parece "que em comparação do grande número de Engenhos, que de novo se tem feito, não he vantajoso o excesso que de mais ha na quantidade das caixas, sendo só bastante para estas o adiantamento que tem proseguido nos Engenhos já existentes, e ainda em alguns que se formarão em terrenos proprios para essa Lavoura. Outros muitos Engenhos, que desgraçadamente com os excessos dos preços se edificarão em máos terrenos, tem causado a ruina dos seus proprietarios, e a infelicidade dos que já existião, bem como daqueles que se erigirão em bons terrenos. Elles tem causado huma total destruição nas mattas, e difficuldade dos mantimentos, por occuparem os terrenos proprios para estas Lavouras, elles inutilmente consomem grande numero de fabricas, e todos os mais generos relativos ao custeio do assucar, de sorte que os Engenhos de bons terrenos, e capazes de dar interesse, estando na necessidade desses mesmos effeitos, os vem a comprar por hum excessivo preço.

Os caixões são hum artigo, que tendo chegado ao auge da carestia, e que jámais deixarão de subir de preço pela dificuldade, e distancia das madeiras, se dão de graça, engrossando com esta despeza todas quantas se fazem indispensaveis para o laboratorio do assucar; vindo por esta causa as propriedades a figurar mais pelo que dependem, do que pelos interesses, que das mesmas resultão. A alguns Engenhos a maioria do preço deste genero animou avultar as suas safras; donde procede que não

tendo mattas sufficientes, não possuem moer mais; e outros conseguintemente virão a não existir em breve tempo. Os mesmos Engenhos abundantes à proporção que se trabalham seus terrenos diminuem na sua produção, ficão mais distantes os mattos, e por isso cresce a despeza, fazendo-se necessario maior numero de braços, e de fabricas, não podendo ter interesse vantajoso dos seus proprietarios, e Lavradores, sem que haja maioria no preço do assucar, ou principal auxilio de Sua Alteza Real, sem o que será certa a diminuição das rendas Reais neste genero”.

Esse fato é mais tarde confirmado por Spix e Martius, ao comparar a produção de açúcar dos anos de 1808 e 1817.

No período de 1836 a 1845, ora cabia à Baía, ora a Pernambuco, a liderança das maiores produções, e concomitante exportação, sendo de notar que na safra da Baía (aliás incluída quase toda a exportação sergipana) de 1845-46, a exportação atingia 3.126.702 arrobas e a de Pernambuco 2.490.088.

Mas “vinha desde muito decaindo a lavoura da cana, a industria do açúcar. Rareava o negro; surgiram secas e epidemias. A crise se accentuava mas não alterava os gastos e o luxo dos senhores de engenho — cavaliçadas ricas, baixelas opulentas, viagens e festanças. A maioria deles ostentava o que não podia”. (Wanderley Pinho, em “Cotegipe e seu tempo”).

Vem a reação com a construção de aparelhos mais aperfeiçoados, e Cotegipe funda a Usina Jacaranga, e Gonçalves Martins monta uma nova fábrica no seu engenho São Lourenço. Em 1886 se inaugura o engenho Central de Iguape, na comarca de Cachoeira, e logo após o engenho do Rio Fundo, pertencente à Companhia Sugar Factories Ltda. E novas fábricas se foram fundando, ora por iniciativa particular, ora com concessões de garantia de juros de 6%, pelo Governo Central. Houve a coincidência da renovação industrial na Baía, e nos outros Estados açucareiros naquela época. E, porque não houve um progresso da industria açucareira baiana, condizente à sua tradição açucareira ?

Na safra 1915-16 a produção açucareira das usinas do Estado atinge 532.900 sacos. Na safra 1921-22 atingiu 783.604 sacos, e ao se iniciar o primeiro ano do quinquenio que serviu de base à limitação da produção, isto é, em 1929-30, o volume da safra alcançou 539.789 sacos.

Como explicar, por exemplo, que as atuais produções de Sergipe e de Alagoas sejam superiores às da Baía? Porque falhara tão lamentavelmente aquele prognóstico contido na carta que Sinimbu dirigiu a Joaquim Nabuco, após fazer o elogio do Recôncavo da Baía que “é a mais larga, mais igual e mais bela ao mesmo tempo, bacia do terreno açucareiro que há no Brasil”? Dizia então Sinimbu que “quem der estradas ao Recôncavo, e quem der aos nossos rotineiros lavradores um engenho modelo em que aprenda a tirar dos instrumentos do campo e dos aparelhos de fabricação e destilação todo o valor que em si contem a cana, duplicará em pouco tempo a produção da provincia e dará às familias abastança e cômodo, que não podem ter no isolamento em que ora vivem”. E tudo isso falhou porque, até há pouco tempo, a situação financeira das usinas da Baía era precaria, e as safras não conseguiam nenhuma progressão, apesar de continuar fertil e inexgotavel massapê do Recôncavo.

A decadencia da industria açucareira da Baía foi motivada por dois fatores de ordem econômica. O primeiro, e este essencial, foi o de não ser a Baía um Estado exclusivamente açucareiro, como Sergipe, Alagoas e principalmente Pernambuco. Esses três últimos Estados, em sua única zona úmida, por tradição, por conveniencia, e por fatalidade econômica e histórica só podiam se interessar pela cultura canavieira. Na Baía, em tempo, surgiu, na zona úmida, aliás fartamente dispersa em sua longa costa, um outro elemento de riqueza, o cacáu, que desviou o capital, e desviou o homem, da atuação do massapê, onde imperava a cana de açúcar.

A ascensão do cacáu, na Baía, é rápida, pois exportando em 1834, 447 sacos, em 1870 atingiu 23.917 sacos, no valor de 204:158\$334; em 1890 sobe a exportação a 58.376 sacos, com um valor de 1.429:582\$000; em 1900 alcançou 218.668 sacos valendo 15.913:966\$000; em 1910, o valor da exportação é de 13.142:477\$900, correspondendo a 418.706 sacos. Em 1930, quase atingiu 100 mil contos, subindo ainda mais em 1935, para 163 mil contos, equivalendo a uma exportação de 1.863.736 sacos. Em nenhum outro Estado açucareiro, em suas zonas de clima certo, úmido, ocorreu uma oportunidade de desvio de atividade humana. O algodão era planta de zona árida ou semi-árida.

O segundo fator, se não essencial porem mais grave, foi o da parte comercial do mercado açucareiro ter sido monopolizada.



Vejamos na historia açucareira da Baía a situação de sua industria a partir de 1929-30, quando se inicia, em virtude do quinquenio tomado para fins de contingentamento, uma nova época. Eis os volumes das safras das dezoito usinas que concorreram para a limitação :

1929/30 . . . . .	539.789 scs.
1930/31 . . . . .	563.252 "
1931/32 . . . . .	350.896 "
1932/33 . . . . .	517.501 "
1933/34 . . . . .	651.514 "

Tomando-se para termo de comparação o primeiro ano do quinquenio, verificamos ter havido em 1931/32 um profundo colapso, com um desnível de 33%.

No último ano do quinquenio a produção aumentou, havendo uma majoração de 20%, em relação ao ano de 1929/30.

A media do quinquenio da limitação foi de 524.590 sacos, que é superior 49% à menor safra, e inferior 19% à maior safra.

Revistos todos os casos de limitação das usinas da Baía, atingiu a limitação total do Estado 687 561 sacos, que é superior à media quinquenal 162.971 sacos, ou 31%.

E' interessante a verificação da capacidade das usinas em virtude da limitação, pois iremos constatar que 77% das usinas do Estado têm um nivel de produção abaixo de 50.000 sacos.

Eis a relação geral das usinas, de acordo com a capacidade dos limites :

Até 10.000 sacos . . . . .	5
Entre 10.000 e 20.000 " . . . . .	2
" 20.000 e 30.000 " . . . . .	3
" 30.000 e 40.000 " . . . . .	—
" 40.000 e 50.000 " . . . . .	4
" 50.000 e 60.000 " . . . . .	—
" 60.000 e 80.000 " . . . . .	2
" 80.000 e 100.000 " . . . . .	1
" 100.000 e 140.000 " . . . . .	1



O maior limite do Estado é o da usina Aliança, com 136.637 sacos, correspondendo a 19% da limitação do Estado. Se, porém, considerarmos que as usinas Aliança, Aratú, São Bento, São Carlos e Terra Nova, pertencem a uma única Empresa, tendo as cinco usinas um limite de 381.032 sacos, concluiremos que restam somente 45% da produção do Estado para as outras 13 usinas de açúcar.

Somando os limites 687.561 sacos, qual seria, no entanto, a capacidade teórica das usinas baianas?

A capacidade diária de esmagamento das usinas é de 7.938 toneladas, que calculando à base de 90 dias de moagem e de 90 quilos de rendimento por tonelada de cana, dariam um volume de produção de 1.016.300 sacos.

Se se estender o prazo de moagem para 150 dias, a capacidade teórica das usinas baianas seria de 1.786.050 sacos. Essa capacidade de moendas se distribue da seguinte maneira pelo número de usinas:

Usinas	até	100 toneladas	.....	2
"	de 101 a	200	" .....	1
"	de 201 a	300	" .....	2
"	de 301 a	400	" .....	6
"	de 401 a	500	" .....	1
"	de 501 a	600	" .....	2
"	de 601 a	700	" .....	1
"	de 701 a	800	" .....	—
"	de 801 a	900	" .....	2
"	de 901 a	1.000	" .....	1

Após a fixação do limite em 687.561 sacos, na safra 1934/35, o volume de produção atinge a 641.284 sacos, com uma diferença, portanto, de 48.277 sacos, ou de 6,7%.

Na safra 1935/36 o volume de produção desce a 518.612 sacos, o que representa uma diferença de 168.949 sacos, ou 24%, em relação ao limite oficial.

Ainda na safra 1936/37, a Baía não logra atingir o seu limite oficial de produção, pois a safra alcançou 652.460 sacos, ficando abaixo do limite 35.101 sacos ou 5,1%.

Somente na safra 1937/38 é que o limite é superado, alcançando a maior produção dentro dos nove anos de estudo, pois atinge 801.277 sacos. Inegavelmente é a maior safra das usinas da Baía, representando um excesso de 113.716 sacos, ou 16,5%.

Na safra 1938/39, a produção baiana cai para 568.199 sacos, representando uma diferença de 119.362 sacos, correspondendo a 17,3%.

Na safra seguinte de 1939/40, a produção atinge 849.478 sacos, apresentando uma produção extra-limite de 161.917 sacos, ou 23,5%.

A media da produção do sexenio 1934/35 a 1939/40 foi de 690.361 sacos equivalendo a um aumento de 2.800 sacos sobre a limitação oficial. Isto é um índice significativo que a produção real das usinas, ou a produção provavel de acordo com as circunstancias do meio, não sofreu quase nenhum sacrifício com a fixação das quotas. Foi feita inteira justiça às usinas baianas, não cabendo culpa ao Instituto do Açúcar e do Alcool de encontrar uma zona açucareira, antigamente próspera, a viver com a ilusão do seu antigo esplendor, a produzir pequenas safras, no seu velho massapê, forte e rico, de causar inveja às terras já cansadas de outros centros produtores.

Ter-se-ia quebrado o encanto da atração do masapê sobre o homem ?

Na Baía, a industria açucareira tem uma situação *sui-generis*. Somente algumas fábricas podem ser consideradas como boas usinas. A grande maioria tem baixo rendimento.

Vejamos as despesas, por sacco de açúcar, com o "custo de aquisição da materia prima":

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	21\$592
1934/35 . . . . .	22\$957
1935/36 . . . . .	20\$048
1936/37 . . . . .	24\$403
1937/38 . . . . .	22\$750
1938/39 . . . . .	20\$074

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	24\$256
1934/35 . . . . .	26\$526
1935/36 . . . . .	24\$985
1936/37 . . . . .	28\$823
1937/38 . . . . .	21\$513
1938/39 . . . . .	21\$947

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	15\$579
1934/35 . . . . .	16\$129
1935/36 . . . . .	15\$125
1936/37 . . . . .	19\$901
1937/38 . . . . .	19\$074
1938/39 . . . . .	18\$087

Nenhum Estado nordestino logrou tão altos preços pelo fornecimento de canas, como os fornecedores baianos. E' verdade que esse preço mais elevado é decorrente tambem dos melhores preços do açúcar no Estado.

Pela pequena oscilação do custo da materia prima se concluirá que não houve grande prejuizo pela seca.

A media do custo de aquisição de canas nas usinas pequenas foi de 21\$970 por sacco, de 24\$675 nas usinas medias e 17\$316 nas usinas grandes.

Compreendemos perfeitamente que as usinas grandes, com um rendimento muito mais elevado, tenham o seu custo de aquisição de canas proporcionalmente baixo. Mas, é de admirar as variações de uma para outra categoria de usinas. Assim, vemos que as usinas grandes têm uma vantagem de 4\$654 e 7\$359, por sacco, respectivamente, sobre as usinas pequenas e medias. As usinas pequenas têm uma vantagem de 2\$705, por sacco, sobre as usinas medias.

Os números diferem muito com o custo de transporte de cana e lenha. Ei-los :

## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	4\$166
1934/35 . . . . .	3\$686
1935/36 . . . . .	3\$460
1936/37 . . . . .	3\$686
1937/38 . . . . .	2\$764
1938/39 . . . . .	3\$422

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	2\$508
1934/35 . . . . .	2\$058
1935/36 . . . . .	1\$444
1936/37 . . . . .	1\$021
1937/38 . . . . .	\$744
1938/39 . . . . .	\$765

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$041
1934/35 . . . . .	\$664
1935/36 . . . . .	\$974
1936/37 . . . . .	\$530
1937/38 . . . . .	\$792
1938/39 . . . . .	\$874

Dentre todos os Estados açucareiros um dos mais difíceis sistemas de transporte da cana e lenha é o da Baía. Muitas usinas têm de fazer para o transporte da mesma quantidade de canas, o transporte com carros de bois até o porto à margem do Recôncavo Baiano; o transporte em barças e botes do porto de embarque até o desembarque, e o transporte em gaiões de estrada de ferro desse porto até à Usina.

A media, por sacco de açúcar, de transporte de cana e lenha para as usinas pequenas é de 3\$864, para as usinas medias de 1\$423, e para as usinas grandes de \$812. Verificamos pois que as grandes usinas têm uma vantagem de 3\$052 e \$611, respectivamente, em relação às medias e peque-



nas usinas. E' facil conceber a situação de dificuldades das pequenas usinas com um frete tão dispendioso.

O custo de fabricação de açúcar muda bastante de uma categoria para outra. Nas pequenas usinas a sobrecarga dessa despesa é de grande vulto. Vejamos as despesas, conforme a classificação dos três tipos de fábricas :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	5\$934
1934/35 . . . . .	6\$337
1935/36 . . . . .	6\$952
1936/37 . . . . .	7\$510
1937/38 . . . . .	6\$775
1938/39 . . . . .	7\$033

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	8\$360
1934/35 . . . . .	9\$350
1935/36 . . . . .	11\$725
1936/37 . . . . .	6\$981
1937/38 . . . . .	3\$316
1938/39 . . . . .	5\$688

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	2\$409
1934/35 . . . . .	2\$793
1935/36 . . . . .	3\$544
1936/37 . . . . .	3\$639
1937/38 . . . . .	3\$876
1938/39 . . . . .	4\$893

A media do custo da fabricação de um sacco de açúcar nas usinas pequenas foi de 6\$756, nas usinas medias de 7\$586, e nas usinas grandes de 3\$525. As usinas grandes têm uma vantagem de 3\$231, por sacco, sobre as usinas pequenas de 4\$061. Essas diferenças correspondem a 91,6% e 115,2%. São somente explicaveis essas diferenças pela deficiencia das

usinas pequenas e medias. Mas, de admirar é ainda a situação mais grave das usinas de media capacidade, que ficam colocadas em posição inferior à das pequenas usinas, que têm uma vantagem de \$830 por sacco.

Em materia de sacaria, as despesas verificadas, pelos três tipos, são :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	1\$843
1934/35 . . . . .	1\$775
1935/36 . . . . .	2\$280
1936/37 . . . . .	2\$174
1937/38 . . . . .	1\$822
1938/39 . . . . .	1\$868

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	2\$089
1934/35 . . . . .	1\$775
1935/36 . . . . .	2\$280
1936/37 . . . . .	1\$985
1937/38 . . . . .	1\$900
1938/39 . . . . .	1\$909

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$901
1934/35 . . . . .	1\$960
1935/36 . . . . .	2\$264
1936/37 . . . . .	2\$171
1937/38 . . . . .	2\$246
1938/39 . . . . .	1\$721

A media de despesas com a sacaria foi de 1\$927, por sacco de açúcar, para as pequenas usinas, de 1\$989 para as usinas medias, e de 2\$044 para as usinas grandes. A única explicação para a elevação do custo da sacaria para as grandes usinas seria, talvez, a da melhor qualidade. Em todo caso, a diferença das verbas não é muito sensivel.

Com a verba "ordenados, salarios e gratificações" as despesas discriminadas, por sacco de açúcar, foram de :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	\$365
1934/35 . . . . .	\$471
1935/36 . . . . .	\$436
1936/37 . . . . .	\$593
1937/38 . . . . .	\$603
1938/39 . . . . .	\$533

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	1\$099
1934/35 . . . . .	1\$031
1935/36 . . . . .	1\$267
1936/37 . . . . .	1\$133
1937/38 . . . . .	1\$322
1938/39 . . . . .	1\$320

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$581
1934/35 . . . . .	1\$830
1935/36 . . . . .	1\$858
1936/37 . . . . .	2\$398
1937/38 . . . . .	2\$293
1938/39 . . . . .	2\$477

A media do sexenio 1933/34 a 1938/39 para as usinas pequenas, no tocante à verba "ordenados, salarios e gratificações", é, de \$500 por sacco, de 1\$195 para as usinas medias e de 2\$072 para as usinas grandes.

As usinas pequenas têm uma vantagem de \$695, por sacco, em relação às usinas medias e 1\$572, por sacco, em relação às usinas grandes. Ante tais dados temos a impressão de que os operarios das usinas pequenas ganham salarios baixíssimos. A parte técnica dessas usinas é completamente ausente. Daí a vantagem aparente das pequenas usinas baianas.

As despesas medias com seguros foram, durante o sexenio, de \$091 para as usinas pequenas, de \$078 para as usinas medias e de \$234 para as usinas grandes.

Com taxas e contribuições de caixas de pensões e aposentadoria, no bienio 1937/38 e 1938/39, as usinas pequenas dispenderam uma media de \$177, por sacco, as usinas medias gastaram \$058, e as usinas grandes \$072 por sacco.

As despesas medias feitas na rubrica "Assistencia Social", durante o sexenio foram, para as usinas pequenas, de \$319, por sacco, para as usinas medias \$045 e para as grandes usinas \$054 por sacco.

Com a verba "impostos em geral", as despesas feitas pelas usinas dos diversos tipos foram :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	1\$052
1934/35 . . . . .	1\$322
1935/36 . . . . .	1\$268
1936/37 . . . . .	1\$551
1937/38 . . . . .	1\$324
1938/39 . . . . .	1\$549

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	1\$027
1934/35 . . . . .	1\$179
1935/36 . . . . .	1\$811
1936/37 . . . . .	1\$098
1937/38 . . . . .	\$575
1938/39 . . . . .	1\$319

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$313
1934/35 . . . . .	1\$072
1935/36 . . . . .	1\$323



1936/37 . . . . .	1\$309
1937/38 . . . . .	\$911
1938/39 . . . . .	1\$404

A media geral das despesas com impostos, durante o sexenio, foi, para as usinas pequenas de \$344 por sacco, para as usinas medias de 1\$168 e para as usinas grandes 1\$222.

Com a rubrica "conservação de linhas ferreas" as usinas pequenas têm uma despesa media, durante o sexenio, de \$693 por sacco, as usinas medias gastaram \$030 por sacco e as usinas grandes \$471 por sacco.

Com a conservação de materia rodante as despesas medias foram, para as usinas pequenas, de \$452 por sacco, para as usinas medias \$227, e para as usinas grandes \$717, por sacco.

Com a conservação de material rodante as despesas medias foram, durante o sexenio do estudo, uma media por sacco de açucar produzido, de \$063, as medias usinas \$015 e as grandes usinas \$070 por sacco.

Já com a verba de apontamento de entre-safra, isto é, com a "conservação da fábrica e maquinismos" os gastos, durante o sexenio foram :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	2\$068
1934/35 . . . . .	2\$381
1935/36 . . . . .	3\$546
1936/37 . . . . .	2\$924
1937/38 . . . . .	2\$607
1938/39 . . . . .	3\$100

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	\$252
1934/35 . . . . .	\$296
1935/36 . . . . .	\$383
1936/37 . . . . .	\$635
1937/38 . . . . .	1\$360
1938/39 . . . . .	\$708

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$904
1934/35 . . . . .	1\$759
1935/36 . . . . .	2\$365
1936/37 . . . . .	2\$223
1937/38 . . . . .	1\$523
1938/39 . . . . .	5\$327

A media de custo da conservação dos maquinismos foi para as usinas pequenas de 2\$771 por sacco, para as usinas medias de \$605 e para as grandes usinas de 2\$517. Causam grande estranheza os dados referentes às usinas medias. A diferença em seu favor, de 2\$166 e 1\$912 por sacco, respectivamente, em relação às usinas pequenas e grandes é absolutamente extranha. Dá até a impressão de que, por efeito de má classificação de verbas, na escrita comercial, algumas dessas despesas, como material de substituição, tenham sido contabilizadas na rubrica “despesas gerais”, que se apresenta em nível bastante alto.

Vejamos as verbas de despesas gerais :

## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	1\$087
1934/35 . . . . .	1\$086
1935/36 . . . . .	1\$138
1936/37 . . . . .	1\$048
1937/38 . . . . .	2\$279
1938/39 . . . . .	1\$111

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	9\$272
1934/35 . . . . .	12\$202
1935/36 . . . . .	6\$608
1936/37 . . . . .	6\$117
1937/38 . . . . .	4\$558
1938/39 . . . . .	6\$578

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$621
1934/35 . . . . .	1\$485
1935/36 . . . . .	1\$656
1936/37 . . . . .	1\$370
1937/38 . . . . .	1\$536
1938/39 . . . . .	2\$376

A media dos gastos com “despesas gerais”, para as usinas pequenas foi de 1\$291 por sacco, para as usinas medias de 7\$566, e para as usinas grandes de 1\$674 por sacco. Diante da diversidade de dados poderemos deduzir que parte das despesas com apontamento foram incorporadas às despesas gerais. Se tirarmos uma média das duas rubricas — conservação com maquinismos e despesas gerais — encontramos para as usinas pequenas 1\$601 por sacco, para as usinas medias 4\$080 e para as usinas grandes 2\$095 por sacco. A situação mais crítica é a das usinas medias que têm uma diferença a mais de 3\$479, por sacco, com relação às usinas pequenas e 1\$985, por sacco, em relação às usinas grandes.

As despesas de “fretes e carretos” foram, para as usinas baianas, de diversos tipos :

## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	\$287
1934/35 . . . . .	\$322
1935/36 . . . . .	\$306
1936/37 . . . . .	\$278
1937/38 . . . . .	\$289
1938/39 . . . . .	\$249

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	\$460
1934/35 . . . . .	\$454
1935/36 . . . . .	\$358
1936/37 . . . . .	\$272
1937/38 . . . . .	1\$835
1938/39 . . . . .	1\$756

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$679
1934/35 . . . . .	1\$712
1035/36 . . . . .	1\$764
1936/37 . . . . .	1\$873
1937/38 . . . . .	1\$588
1938/39 . . . . .	1\$880

A media de despesas feitas com fretes e carretos, para as usinas pequenas, foi de \$288 por sacco, para as usinas medias \$856 e para as grandes usinas 1\$716 por sacco. A explicação lógica para as grandes diferenças das despesas verificadas é de que as usinas pequenas remetem pouco açúcar para a cidade de Salvador, vendendo o produto, por assim dizer, na porta. A sobrecarga da exportação para mercados nacionais pesa muito mais nas usinas medias e grandes. A desigualdade dos dados nas usinas medias demonstra que anteriormente não tinham nenhuma responsabilidade por essa exportação, daí, a media do período 1933/34 a 1936/37 ser de \$386, por sacco, e do período 1937/38 a 1938/39 ser de 1\$795 por sacco.

Outra explicação viavel é a de que o comprador da cidade de Salvador se encarrega do pagamento do frete, rebaixando a despesa com essa rubrica, descontando-a porém no preço de liquidação das vendas do açúcar.

As despesas medias com **warrantagens** e armazenagem foram para as usinas pequenas no período do sexenio, de 1\$439 por sacco, para as usinas medias de 1\$873 e para as usinas grandes de 1\$949 por sacco.

Com as retiradas, em dinheiro, dos usineiros, ou com honorarios e gratificações da diretoria da usina, as despesas medias, durante o sexenio do estudo, foram de 1\$934, por sacco, para as usinas pequenas, para as usinas medias de \$717 e para as usinas grandes de 1\$251 por sacco. As usinas pequenas têm uma diferença a mais de 1\$217 por sacco, em relação às usinas medias, e \$683 por sacco, em comparação com as despesas das usinas grandes.

Finalmente, as despesas totais, por sacco de açúcar produzido, para os três tipos de usinas baianas foram durante o período sexenal :



## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	45\$414
1934/35 . . . . .	49\$803
1935/36 . . . . .	50\$355
1936/37 . . . . .	54\$139
1937/38 . . . . .	49\$547
1938/39 . . . . .	49\$127

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	53\$914
1934/35 . . . . .	58\$185
1935/36 . . . . .	53\$397
1936/37 . . . . .	52\$893
1937/38 . . . . .	44\$322
1938/39 . . . . .	49\$790

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	35\$817
1934/35 . . . . .	35\$271
1935/36 . . . . .	39\$085
1936/37 . . . . .	38\$205
1937/38 . . . . .	38\$201
1938/39 . . . . .	46\$197

A media geral do custo de produção, durante o sexenio foi de 49\$729 por sacco, para as usinas pequenas, de 52\$299 para as usinas de media capacidade, e 38\$476 por sacco, para as grandes usinas.

As diferenças entre as três categorias são muito elevadas, pois as grandes usinas têm uma vantagem de 11\$253 por sacco, em relação às usinas pequenas. A desvantagem das usinas medias é ainda maior, pois a diferença sobe a 13\$823 por sacco. Se a Baía não tivesse uma situação de mercado de preço excepcional, a industria açucareira teria fatalmente sossobrado. Ocorre porem, que os preços do açúcar no mercado baiano estão em completo desacordo com as correspondencias com o açúcar dos outros Estados. Destarte, o preço interno sobe bastante, chegando muitas

vezes a ultrapassar o nível das cotações no Distrito Federal. Não fora isto, e não existiria, talvez, industria açucareira no Estado da Baía.

### E) — RIO DE JANEIRO

A evolução da industria açucareira fluminense, nesses nove anos, é um capítulo digno de estudos para o economista. O período de recuperação das safras denota um acentuado poder de ampliação, se algum dia cessassem as medidas de restrição. Não se poderia afirmar que tivesse havido ultimamente um grande aumento nas capacidades das usinas. As estatísticas da época da limitação dão os seguintes números para a capacidade diaria de esmagamento das usinas fluminenses :

Até 100 toneladas . . . . .	0 usinas
De 101 a 200 tons. . . . .	4 "
De 201 a 300 " . . . . .	6 "
De 301 a 400 " . . . . .	2 "
De 401 a 500 " . . . . .	5 "
De 500 a 600 " . . . . .	4 "
De 601 a 700 " . . . . .	5 "
De 701 a 800 " . . . . .	2 "
De 801 a 1000 " . . . . .	2 "
De 1000 a 1200 " . . . . .	1 "

A capacidade diaria das usinas acima atinge 15.810 toneladas. Em 150 dias de moagem, o que aliás é um período normal para a industria açucareira, com um rendimento medio de 90 quilos de açúcar por tonelada de cana moída, a capacidade real das usinas fluminenses é para 3.557.250 sacos. Esse número é ainda teórico, porque jámais foi alcançado, dado que a maior safra do Estado do Rio foi a de 1936/37, ficando abaixo daquele volume 26,4%. Esse resultado é bastante significativo por demonstrar a orientação da instalação das fábricas, sem nenhum plano, sem harmonia entre os maquinismos dentro da usina, sem equilíbrio entre a capacidade de produção agrícola, quer propria, quer de fornecedores, e muitas vezes em desharmonia a instalação da fábrica com as possibilidades financeiras do adquirente, o que leva a empresa a jamais se suprir de materia prima porque o seu proprietario não tem meios, nem possibilidades de obtê-la.

Em relação à capacidade das usinas no período de moagem de cinco meses, a atual limitação das usinas fluminenses é inferior 43,3%.

Logrará algum dia a indústria açucareira fluminense, quando as quotas da atual limitação forem inferiores às requisições ora em funcionamento, o alto volume da sua capacidade teórica? A racionalização dos trabalhos de campo, as novas sementes de canas cultivadas, os serviços de saneamento das baixadas dos Goitacazes e Araruama são indícios que o Estado do Rio pouco terá de modificar, para ampliar, de momento, os volumes de suas safras.

Na historia gráfica das usinas do Rio de Janeiro estão descritas as 29 fábricas em funcionamento. As produções dessas usinas no quinquenio anterior à limitação foram :

Anos	Sacos
1929/30 . . . . .	1.936.139
1930/31 . . . . .	1.262.813
1931/32 . . . . .	1.624.650
1932/33 . . . . .	1.459.261
1933/34 . . . . .	1.767.259

Em relação ao primeiro ano desse estudo, isto é, 1929/30, em números índices, a situação estatística da produção desse quinquenio é :

1929/30 . . . . .	100
1930/31 . . . . .	65,2
1931/32 . . . . .	83,9
1932/33 . . . . .	75,4
1933/34 . . . . .	91,3

Houve, portanto, dois anos de depressão, correspondendo o primeiro deles, em 1930/31, ao periodo crítico da crise de preços.

A media do quinquenio da limitação atingiu 1.609.582 sacos, que é inferior à maior safra 16,8% e superior à menor safra 27,5%.

Revistos os casos das usinas que tinham direito à majoração do limite em virtude de possuírem capacidade de esmagamento das moendas supe-

rior à media quinquenal, e resolvidos os casos das usinas enquadradas nas exceções consagradas pelo decreto que rege as atividades do Instituto do Açúcar e do Alcool, apurou-se um limite geral de 2.016.916 sacos.

Esse limite, de acordo com o volume de produção de cada usina, está distribuído, em ordem de classificação, do seguinte modo:

	Até	10.000 sacos . . . . .	3 Usinas
Entre	10.000 e 20.000	" . . . . .	3 "
"	20.000 e 30.000	" . . . . .	2 "
"	30.000 e 40.000	" . . . . .	1 "
"	40.000 e 50.000	" . . . . .	3 "
"	50.000 e 60.000	" . . . . .	4 "
"	60.000 e 80.000	" . . . . .	2 "
"	80.000 e 100.000	" . . . . .	5 "
"	100.000 e 200.000	" . . . . .	5 "
	Alem de	200.000 "	1 "

Consideradas usinas de pequena e media capacidades no Brasil as de limite até 50.000 sacos, encontramos no Estado do Rio 12 usinas nessa categoria, e na categoria de grandes usinas 17 fábricas.

O limite de produção das usinas fluminenses é superior à media geral do quinquenio 1929/30 e 1933/34, 407.334 sacos, equivalendo a 25,3% de majoração.

Em relação ao sexenio posterior à fixação daquele limite, verificaremos que somente uma safra, a de 1934/35, é inferior ao contingente da produção do Estado, porque só atingiu 1.825.474 sacos, o que representa uma diferença de 191.442 sacos, correspondendo a 9,4%. As outras três safras, de 1935/36 a 1937/38, são sempre superiores ao limite do Estado. Assim, a de 1935/36 que atingira 2.107.651 sacos, apresenta um excesso sobre o limite, de 90.735 sacos, correspondendo a 44% de majoração. A safra seguinte, de 1936/37, que alcançou o alto volume de 2.615.923 sacos, se apresenta com uma diferença a mais, sobre o limite de 599.007 sacos, ou 29,7%, sendo a maior safra obtida até hoje, pelas usinas do Estado do Rio. A safra 1937/38 superou em 494.727 sacos, ou 24,5%, o limite autorisado da produção fluminense.



A safra 1938/39 baixou para 2.023.707 sacos, o que representa uma diferença, a mais, sobre o limite de produção de 6.791 sacos.

Finalmente, a safra 1939/40 traz nova elevação no volume de açúcar produzido, em terras fluminenses, alcançando 2.308.122 sacos, ou uma produção extra-limite de 281.106 sacos, ou 13,9%.

A media do sexenio 1934/35 — 1939/40 atingiu 2.199.000 sacos, equivalendo a um excesso de 182.084 sacos ou 9% em relação à quota de limitação do Estado. E, em relação à media do quinquenio que serviu de base para a fixação do limite de produção, a media do sexenio seguinte é superior 26,8%, pois que a diferença de produção, a mais, é de 589.418 sacos.

Mas, se o limite de produção do Estado do Rio é de 2.016.916 sacos, como se compreender que a sua produção aumentasse tanto? Ademais, se a base de toda a defesa açucareira repousa na honestidade do cumprimento das quotas fixadas para cada usina, como se explicar a complacencia do Instituto do Açúcar e do Alcool, deixando que nas safras de 1934/35 e 1935/36, respectivamente, cinco e vinte usinas superassem os seus limites, e nas safras 1936/37, 1937/38, 1938/39 e 1939/40, praticamente todas as usinas fluminenses os superassem em demasia ?

Isoladamente, o caso fluminense se afiguraria uma brecha no plano geral da defesa, e que seria assim indefensável a complacencia.

A explicação reside na calamidade climática que, açoitando durante dois anos o Nordeste açucareiro, reduziu no primeiro ano, de 50% a sua produção, e no segundo ano quase 40%. Ora, quando se iniciou em setembro de 1936, a nova safra do Norte, a situação estatística era de otimismo, porque na última safra tinham sido exportados 1.727.500 sacos, por conta exclusiva dos produtores de Pernambuco e Alagoas, restando somente, naquele primeiro centro produtor 105.897 sacos, que ante a previsão da seca, foram devolvidos ao consumo. No Sul, as safras eram grandes, havendo excessos de produção nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Uma redução de 50% nas safras dos dois Estados nortistas equivaleria a uma diferença de cerca de 2.800.000 sacos. Considerando a necessidade de igual retirada — no caso de normalidade de safras, — haveria ainda um **deficit** calculado em 1 milhão de sacos, da produção geral no Brasil sobre as necessidades de consumo nacional. Equivaleria a uma súbita ascensão dos preços tal fato. E, se uma das funções essenciais do

Instituto do Açúcar e do Alcool é a preservação dos preços, afim de não colidir o interesse do consumo com o da produção, o I.A.A. teria de encaminhar a defesa da safra de maneira a normalizar a situação. Com a solução dada, adquirindo o Instituto nos centros onde a produção superava o limite, os excessos de açúcar, à base de 30\$000 o sacco de demerara, vendido posteriormente pelo preço do mercado, para ressarcimento dos produtores nortistas da quota de sacrificio da safra anterior, conseguiu-se equilibrar, para a safra 1936/37, a produção geral com as necessidades do consumo. Isto é, o excesso da produção sulista, — principalmente do Estado do Rio — cobriu o deficit da produção das regiões setentrionais. Assim se explica o excesso produzido sobre o limite, pelas usinas do Estado do Rio, em 1936/37.

Na safra seguinte, continuava no Nordeste a inclemencia climática. Novamente a terra seca minguava os gomos das canas. O verdor dos canaviaes desaparecera, substituido pelo tom das cousas queimadas. E a produção outra vez desceu bastante; trazendo aos produtores pernambucanos e alagoanos tristes perspectivas. O Sul, atravessando um bom ciclo, ainda tinha excesso de produção. Reunida a Comissão Executiva do Instituto do Açúcar e do Alcool, em sessão de 9 de Maio de 1937, vésperas da safra do Sul, verificado o deficit da produção de acordo com as estimativas, jogou-se pela primeira vez com a legislação das quotas excedentes, pois que no regulamento baixado com o decreto n.º 22.981 de 25 de Julho de 1933, se determinava que “oportunamente, o Instituto do Açúcar e do Alcool verificará os estoque de açúcar existentes no país e as estimativas das safras a iniciar-se, podendo, então, segundo as conclusões a que chegar, autorizar um aumento sobre a base adotada ou fixar uma redução na percentagem que se faça necessaria para equilibrar a produção e o consumo. Quer no caso de aumento, quer no de redução, a percentagem desta ou daquele será igual para todas as usinas da região”.

Vitorioso o ponto de vista de que acima de tudo se devia preservar a situação do consumo, evitando nefastas especulações de preços, que só beneficiariam o distribuidor intermediario e nunca a produção, a qual, pelo contrario, seria prejudicada pela desmoralização do seu órgão de defesa, que se tornaria inoperante, ineficiente, a Comissão Executiva do I.A.A., em sessão de 30 de Junho de 1937, majorou de 20%, para a safra 1937/38, as quotas de produção das usinas dos Estados da Baía, Espirito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso, São Paulo, Santa Cata-

rina e Rio Grande do Sul, correspondendo essa majoração a 1.045.522 sacos. A quota correspondente ao Estado do Rio foi de 403.383 sacos, ficando assim autorizado a produzir 2.420.299 sacos. Em relação à totalidade de sua safra em 1937/38, houve ainda um excesso de 91.344 sacos, posteriormente liberados pela satisfatória posição estatística do mercado. Os excessos das safras 1938/39 e 1939/40, respectivamente de 6.791 sacos e 281.106 sacos, tiveram liberação em face da capacidade de absorção dos mercados consumidores. Está portanto explicada a razão dos excessos da produção açucareira fluminense sobre a sua limitação.

Verificada a situação da industria açucareira fluminense, como se processaram, num longo período de onze anos, as suas safras, como atingiu o alto limite de 2.016.916 sacos, qual a correlação das capacidades das fábricas com a possibilidade de fabricação, tudo isso influenciando intimamente na estrutura dos custos de produção, vejamos qual a posição em materia de custo do açúcar, das três categorias de usinas do Estado do Rio de Janeiro.

No estudo do custo de produção das usinas sulistas não se tem a deduzir anos de safras anormais, porque nessa região não existe propriamente seca. Durante um ou outro ano as precipitações decrescem, porem as reduções não ultrapassam de 15%. Têm, principalmente as usinas fluminenses, a grande vantagem das grandes e intermináveis varzeas, sempre mais frescas, em idénticas situações de quedas de chuvas, que as ladeiras de barro vermelho e de massapê dos Estados açucareiros nordestinos. Daí a menor variação no custo final de produção do açúcar.

No Estado do Rio de Janeiro, as usinas pequenas são as que têm uma produção até 60.000 sacos; as usinas medias, as de produção oscilando de 60.000 a 120.000 sacos, e grandes usinas as que têm produção acima de 120.000 sacos.

Na especificação das diversas verbas, encontramos, para aquisição de materia prima, as seguintes despesas, de acordo com as categorias das usinas :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	20\$939
1934/35 . . . . .	19\$813



1835/36 . . . . .	20\$065
1936/37 . . . . .	20\$224
1937/38 . . . . .	22\$834
1938/39 . . . . .	22\$399

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	15\$563
1934/35 . . . . .	16\$497
1935/36 . . . . .	16\$230
1936/37 . . . . .	16\$304
1937/38 . . . . .	20\$214
1938/39 . . . . .	18\$632

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	15\$950
1934/35 . . . . .	17\$466
1935/36 . . . . .	16\$451
1936/37 . . . . .	16\$434
1937/38 . . . . .	21\$197
1938/39 . . . . .	18\$205

Encontramos para as usinas pequenas, durante todo o período do sexenio, uma media de 21\$046 por sacco, para as usinas medias 17\$240, e para as grandes usinas uma media por sacco de 17\$617. A diferença em favor da media usina, comparando-a com a grande usina é somente de \$377 por sacco. A diferença porem da media usina e da grande usina para a pequena usina é bastante grande pois atinge respectivamente 3\$806 e 3\$429 por sacco de açúcar.

No custo de transporte de cana e lenha, iremos encontrar talvez a explicação do valor da materia prima ser bem mais alta na pequena usina que nas demais. Se na segunda verba estudada as despesas avultam tambem, para a pequena usina, quer dizer que a materia prima para essa categoria de fábricas vem de mais longe, não sofrendo a influencia exclusiva da usina, e sim a concorrência de outras fábricas. É verdade que a pequena usina com baixo rendimento industrial tem o seu custo de aquisição de materia prima automaticamente elevado.



Vejamos o custo de transporte de cana e lenha para as diversas categorias de usinas :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	2\$348
1934/35 . . . . .	2\$260
1935/36 . . . . .	2\$539
1936/37 . . . . .	2\$304
1937/38 . . . . .	2\$452
1938/39 . . . . .	2\$344

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	\$885
1934/35 . . . . .	1\$038
1935/36 . . . . .	1\$001
1936/37 . . . . .	1\$014
1937/38 . . . . .	1\$012
1938/39 . . . . .	1\$255

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$645
1934/35 . . . . .	1\$097
1935/36 . . . . .	1\$135
1936/37 . . . . .	1\$234
1937/38 . . . . .	1\$369
1938/39 . . . . .	1\$692

A media geral do custo de transporte de cana e lenha para as pequenas usinas foi, durante o período sexenal, de 2\$374, para as medias usinas de 1\$034, e para as grandes usinas de 1\$362 por sacco. A desvantagem das pequenas usinas é de 1\$340 e 1\$012 por sacco, respectivamente, em relação às usinas medias e grandes. As usinas de media capacidade têm uma vantagem de \$328 por sacco em relação às usinas de grande capacidade.

A posição dos gastos com a fabricação de açúcar, propriamente dita, é a seguinte, para as fábricas das 3 categorias :

## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	4\$272
1934/35 . . . . .	3\$473
1935/36 . . . . .	3\$712
1936/37 . . . . .	4\$178
1937/38 . . . . .	4\$184
1938/39 . . . . .	4\$380

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	2\$439
1934/35 . . . . .	2\$335
1935/36 . . . . .	2\$389
1936/37 . . . . .	2\$979
1937/38 . . . . .	2\$748
1938/39 . . . . .	3\$361

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	3\$822
1934/35 . . . . .	3\$019
1935/36 . . . . .	3\$492
1936/37 . . . . .	3\$022
1937/38 . . . . .	4\$126
1938/39 . . . . .	6\$196

A media do custo de fabricação do açúcar, durante todo o período do estudo, foi, para as usinas pequenas de 4\$033, para as usinas medias de 2\$708 e para as grandes usinas de 3\$946, por sacco de açúcar produzido. Está claro que a assistencia técnica, que exige uma grande fábrica, é bem maior que para as usinas das duas outras categorias. Pelas medias acima verificamos que a usina de media capacidade tem uma vantagem de 1\$325 por sacco, em comparação com as usinas pequenas, e 1\$238, por sacco, em relação às usinas grandes.

Um outro dado interessante a focalizar é o da elevação verificada na última safra do estudo, a de 1938/39, quando a política social do Governo já estava em execução, com a lei de 8 horas para as industrias, inclusive a açucareira.

As pequenas usinas que tiveram uma media quinquenal de 4\$033 por sacco têm o custo de fabricação, em 1938/39, majorado de \$347 por sacco. As usinas de media capacidade têm um aumento em 1938/39, de \$653 por sacco, em comparação à media quinquenal de fabricação de açúcar. Finalmente, as grandes usinas que tiveram uma media de 3\$946 por sacco, na safra 1938/39, se apresentam com uma majoração de 2\$250 por sacco, equivalendo a uma elevação de 57%. E' a constatação de um fato econômico, realmente merecedor de análise mais profunda.

Na rubrica de sacaria, as flutuações não são de grande vulto, de um tipo de usina para outro. Assim temos :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	1\$947
1934/35 . . . . .	2\$010
1935/36 . . . . .	2\$032
1936/37 . . . . .	1\$904
1937/38 . . . . .	1\$781
1938/39 . . . . .	1\$714

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	1\$927
1934/35 . . . . .	1\$813
1935/36 . . . . .	2\$035
1936/37 . . . . .	1\$933
1937/38 . . . . .	2\$059
1938/39 . . . . .	2\$041

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$993
1934/35 . . . . .	1\$749
1935/36 . . . . .	1\$790
1936/37 . . . . .	1\$848
1937/38 . . . . .	1\$688
1938/39 . . . . .	1\$663

As medias de custo de aquisição da sacaria para as usinas de pequena capacidade são de 1\$898, para as usinas de media capacidade 1\$968, e para as grandes usinas de 1\$788. Essa diferença em favor das grandes usinas se deve naturalmente aos descontos obtidos pelas compras de maiores quantidades de sacos.

As despesas com ordenados, salarios e gratificações colocam em grande contraste os três tipos de fábricas. Vem-nos a impressão até que as pequenas usinas não gratificam seu pessoal, e pagam-no-mal. Os números falam expressivamente :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	\$365
1934/35 . . . . .	\$471
1935/36 . . . . .	\$436
1936/37 . . . . .	\$593
1937/38 . . . . .	\$603
1938/39 . . . . .	\$533

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	1\$099
1934/35 . . . . .	1\$031
1935/36 . . . . .	1\$267
1936/37 . . . . .	1\$133
1937/38 . . . . .	1\$322
1938/39 . . . . .	1\$320

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$581
1934/35 . . . . .	1\$830
1935/36 . . . . .	1\$858
1936/37 . . . . .	2\$398
1937/38 . . . . .	2\$293
1938/39 . . . . .	2\$477

A media das despesas para as usinas pequenas foi de \$500 por sacco, para as usinas de media capacidade de 1\$195, e para as grandes usinas de 2\$072



por saco. Quer dizer que as usinas grandes pagam a mais 1\$572 por saco que as usinas pequenas e \$877 que as usinas medias. Esse ítem é de grande importancia porque por ele se poderá perceber a função de maior distribuição de melhores salarios para os que vivem na dependencia da exploração industrial do açúcar.

Com seguros a media do sexenio, para as usinas pequenas, foi de \$195 por saco, para as usinas medias de \$197 e para as grandes usinas \$187 por saco.

Com "taxas e contribuições de caixas de pensões e aposentadoria", gastaram as usinas pequenas no quatrienio 1935/36 a 1938/39 uma media de \$061 por saco, as usinas de media capacidade \$087 e as grandes usinas \$046 por saco.

Com assistencia social despenderam as pequenas usinas, no período em estudo, \$172 por saco, as medias usinas \$107, e as grandes usinas \$467, por saco, o que representa, no último caso, um dispendio a mais respectivamente, de \$295 e \$360, por saco, em comparação com os gastos das usinas pequenas e medias.

Quanto à verba de impostos em geral, paga pelos produtores de açúcar, as diversas categorias de usinas gastaram :

I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	\$583
1934/35 . . . . .	\$640
1935/36 . . . . .	\$752
1936/37 . . . . .	\$451
1937/38 . . . . .	1\$046
1938/39 . . . . .	1\$434

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	\$471
1934/35 . . . . .	\$538
1935/36 . . . . .	\$408
1936/37 . . . . .	\$529
1937/38 . . . . .	\$738
1938/39 . . . . .	1\$259

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	\$369
1934/35 . . . . .	\$305
1935/36 . . . . .	\$520
1936/37 . . . . .	\$440
1937/38 . . . . .	\$741
1938/39 . . . . .	\$993

A media geral de impostos pagos durante o sexenio foi de \$817, por sacco de açucar, para as usinas pequenas, de \$856 para as usinas medias, de \$561 por sacco para as usinas grandes. Quer dizer que as usinas pequenas pagam, por sacco de açucar, mais \$256, e as usinas medias mais \$295 que as usinas grandes.

E' interessante focalizar a elevação dos impostos em geral, de 1933/34 para 1938/39. Verificamos, assim, que as usinas pequenas pagam em 1938/39 mais de 146% que em 1933/34, as usinas medias mais 167% e as usinas grandes mais 169%.

As despesas feitas com a conservação de linhas ferreas foram, para as usinas, durante o sexenio :

## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	\$775
1934/35 . . . . .	\$938
1935/36 . . . . .	\$809
1936/37 . . . . .	\$707
1937/38 . . . . .	\$990
1938/39 . . . . .	\$757

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	\$541
1934/35 . . . . .	1\$103
1935/36 . . . . .	1\$074
1936/37 . . . . .	\$840
1937/38 . . . . .	\$566
1938/39 . . . . .	1\$016

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	\$640
1934/35 . . . . .	\$407
1935/36 . . . . .	\$358
1936/37 . . . . .	\$288
1937/38 . . . . .	\$616
1938/39 . . . . .	\$644

A media das despesas, para as usinas pequenas, foi de \$829, por sacco, de \$856 para as usinas medias, de \$492, por sacco de açúcar, para as usinas grandes.

Quanto à conservação do material rodante, a media do período em estudo foi para as pequenas usinas de \$247, por sacco, de \$446 para as usinas de media capacidade, de \$252, por sacco, para as usinas de grande capacidade.

A conservação da fábrica e maquinismos, enfim, material do “apontamento” da usina, se apresenta com altas verbas, conforme se poderá verificar com os seguintes dados :

## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	2\$802
1934/35 . . . . .	2\$874
1935/36 . . . . .	3\$282
1936/37 . . . . .	3\$090
1937/38 . . . . .	4\$565
1938/39 . . . . .	4\$977

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	2\$959
1934/35 . . . . .	3\$315
1935/36 . . . . .	3\$884
1936/37 . . . . .	2\$695
1937/38 . . . . .	3\$926
1938/39 . . . . .	5\$045

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	3\$172
1934/35 . . . . .	3\$109
1935/36 . . . . .	2\$995
1936/37 . . . . .	2\$514
1937/38 . . . . .	3\$189
1938/39 . . . . .	4\$196

A media geral das despesas efetuadas com o apontamento das pequenas usinas foi, durante o sexenio, de 3\$598 por sacco, para as medias usinas de 3\$637, e para as grandes usinas de 3\$195 por sacco. A constatação mais interessante diz respeito à comparação entre os dois extremos do período estudado. Assim, em relação a 1933/34 na safra 1938/39, as pequenas usinas tiveram um aumento de 77%, as medias usinas um aumento de 70% e as grandes usinas de 32%. Essas diferenças tão sensiveis carecem de explicação. A elevação do material de custeio foi bem grande.

No que diz respeito à verba de despesas gerais, as pequenas usinas levam muita vantagem sobre as dos dois outros tipos. Eis as despesas gerais, por categoria de fábrica :

## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	1\$766
1934/35 . . . . .	1\$711
1935/36 . . . . .	1\$874
1936/37 . . . . .	1\$654
1937/38 . . . . .	2\$799
1938/39 . . . . .	2\$475

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	1\$302
1934/35 . . . . .	1\$692
1935/36 . . . . .	1\$343
1936/37 . . . . .	1\$562
1937/38 . . . . .	2\$475
1938/39 . . . . .	3\$603



## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	4\$182
1934/35 . . . . .	2\$637
1935/36 . . . . .	2\$758
1936/37 . . . . .	2\$956
1937/38 . . . . .	3\$947
1938/39 . . . . .	3\$656

A media geral das “Despesas Gerais” para as usinas pequenas é de 2\$046 por sacco, para as usinas de media capacidade de 1\$829, e para as usinas grandes de 3\$356 por sacco.

Não existe, em absoluto, interdependencia ou proporcionalidade entre a capacidade da fábrica e as despesas gerais.

Compreende-se, perfeitamente, que uma grande usina tem despesas vultosas, que não sobrecarregam tanto os dois outros tipos de usina. Há, porem, uma diferença muito sensivel nas verbas de despesas gerais. Basta atentar que a pequena usina só tem uma diferença de \$217 em relação à media usina, enquanto que a grande usina tem essa diferença aumentada para 1\$310 por sacco.

As pequenas despesas de fretes, (quase todas as vendas de açúcar são feitas FOB Campos), de armazenagem, de comissões, estão consignadas em “despesas gerais”.

Finalmente, a última verba do estudo de custo de produção nos dá elementos interessantes para comentario :

Honorarios e gratificações da diretoria, ou retida, em dinheiro, do proprietario da fábrica.

Eis a relação de acordo com as categorias das usinas :

## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	1\$606
1934/35 . . . . .	1\$425
1935/36 . . . . .	1\$124
1936/37 . . . . .	1\$017

1937/38 . . . . .	\$950
1938/39 . . . . .	1\$474

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	.\$452
1934/35 . . . . .	\$845
1935/36 . . . . .	\$804
1936/37 . . . . .	\$844
1937/38 . . . . .	\$843
1938/39 . . . . .	1\$360

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	\$260
1934/35 . . . . .	\$336
1935/36 . . . . .	\$292
1936/37 . . . . .	\$308
1937/38 . . . . .	\$310
1938/39 . . . . .	\$328

A media geral obtida com os dados das usinas pequenas é de 1\$266 por sacco, para as usinas medias de \$861, e para as grandes usinas de \$305 por sacco. Se não encontrarmos uma argumentação qualquer, vamos chegar ao paradoxo de que o usineiro pequeno é tremendamente perdulario e que o grande usineiro é sovivamente econômico. Por exemplo, um usineiro pequeno fluminense, de 60.000 sacos, retira por ano 74:960\$000; um usineiro com usina de media capacidade, com 90.000 sacos, retira 77:490\$000; e, finalmente, um grande usineiro, com 205.000 sacos, só retira 76:250\$000. E', positivamente, um contrasenso. A razão dessa diferença deve residir em que parte dessas retiradas em dinheiro, do usineiro, sai na verba de "despesas gerais", e sobretudo sai por conta do lucro agrícola.

Somando todas as parcelas do custo de produção por categoria, encontramos :

## I) — Usinas pequenas :

1933/34 . . . . .	40\$834
1934/35 . . . . .	39\$499
1935/36 . . . . .	40\$084
1936/37 . . . . .	39\$593
1937/38 . . . . .	45\$940
1938/39 . . . . .	46\$319

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	31\$186
1934/35 . . . . .	33\$980
1935/36 . . . . .	34\$292
1936/37 . . . . .	33\$332
1937/38 . . . . .	39\$739
1938/39 . . . . .	43\$246

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	37\$526
1934/35 . . . . .	35\$805
1935/36 . . . . .	35\$443
1936/37 . . . . .	35\$094
1937/38 . . . . .	43\$612
1938/39 . . . . .	44\$367

A media geral durante o sexenio, para as usinas pequenas foi de 42\$080 por sacco; para as usinas medias, de 36\$127, e para as grandes usinas de 38\$652, por sacco.

A melhor situação, no Estado do Rio de Janeiro, é a da usina que tem uma capacidade oscilando de 60.000 a 120.000 sacos, pois há, em seu favor, uma diferença de 5\$953 por sacco, em relação à pequena usina, e 2\$525, por sacco, em relação à grande usina.

A diferença sensível da pequena usina reside, em grande parte, no valor da materia prima, e a diferença entre a media usina e a grande usina,

está, em primeiro lugar, na verba de “despesas gerais” e, depois, no maior gasto com “ordenados, salários e gratificações.”

### E) SÃO PAULO

Todos os que estudavam a posição econômica do Estado de São Paulo, apontavam-no como um símbolo da monocultura, onde o café era soberano, não admitindo que qualquer outra cultura lhe fizesse sombra. Mas, o plano de valorização do café assim ditava essa tendência exclusivista, porque sendo a única cultura amparada, drenava para ela todas as atividades humanas e todos os capitais. Até todas as atenções dos Governos convergiam para o produto que, realmente, dava a quase totalidade do ouro obtido nos mercados internacionais. Esse imperialismo impossibilitou, durante muito tempo que em S. Paulo a industria açucareira se organizasse em grande vulto. Ademais, em São Paulo, as variedades importadas do Norte — a manteiga, a demerara, a Port Makey — não medravam bem. Os que trataram da lavoura canavieira em São Paulo davam um rendimento industrial e agrícola inferior aos das usinas do Nordeste. Quando começaram os industriais paulistas a dispensar maior cuidado à parte agrícola, convencidos, em tempo, que o verdadeiro problema açucareiro no Brasil reside menos nas magníficas instalações das usinas que no campo, apareceu com uma intensidade muito forte, o mosaico. As safras do Estado de São Paulo, que anteriormente à infecção do mosaico eram pequenas, quase se anularam, logo após a irrupção do terrível mal. Em 1923, isto é, pouco depois que se constatou a ação danosa do mosaico, não existiam ainda canas resistentes à molestia. Em 1924, as estatísticas consignavam 1% de canas javanesas. E, num surto dignificador do progresso da lavoura canavieira paulista, consegue num setenio transmudar completamente a paisagem agrícola, ascendendo a 99% a quantidade de canas resistentes plantadas no Estado. As safras obedecem também um ritmo acelerado. Em 1925-26 o volume alcançado é sómente de 155.343 sacos, em 1926-27 atinge 375.930 sacos, subindo, sempre, a 652.867 sacos e 945.980 sacos, respectivamente, em 1927-28 e 1928-29. Em 1929-30 a percentagem das canas resistentes é de 85%, isto é, restam somente 15% de canas suscetíveis ao ataque do mosaico, e, então a produção paulista atinge à sua maior safra, subindo 1.113.417 sacos. A safra 1929-30 foi considerada como a primeira do quinquenio que serviu de base aos cálculos de limitação.



Concorreram ao direito de limitação trinta e cinco usinas que tiveram uma média quinquenal, isto é, no período 1929-30 a 1933-34, de 1.473.046 sacos, tendo sido tomadas as seguintes safras :

1929/30 . . . . .	1.113.417 sacos
1930/31 . . . . .	1.108.510 "
1931/32 . . . . .	1.565.824 "
1932/33 . . . . .	1.673.998 "
1933/34 . . . . .	1.828.668 "

Tomando-se em consideração o primeiro ano do quinquenio básico, verificamos que no último ano desse período, a produção havia se elevado 64%. Não existe progresso algum em nenhuma cultura que haja demonstrado um tão rápido desenvolvimento, considerada a safra 1925-26, e um octenio após, a produção paulista sobe 1.079%. Desde o início do combate ao mosaico, isto é, 1925-26, até à safra 1933-34, não houve nenhum ano em que a produção decaísse. A ascensão é brusca e constante, denotando um desejo incontido de ser o Estado de São Paulo abastecido com açúcar de procedencia paulista.

Em relação ao primeiro ano do quinquenio básico, em números índices, a situação de produção dessas cinco safras é a seguinte :

1929/30 . . . . .	100
1930/31 . . . . .	100
1931/32 . . . . .	140
1932/33 . . . . .	150
1933/34 . . . . .	167

Não houve nenhum declínio das safras no Estado de São Paulo, contrastando com o que ocorrera em idêntico período com as usinas do Estado do Rio, cuja maior safra no quinquenio fôra a de 1929-30. A explicação reside no fato de terem sido os canaviais paulistas os primeiros afetados pelo mosaico, que só se transplantou para os canaviais fluminenses depois da safra, 1929/30. Tendo sido a media do quinquenio legal da limitação de 1.458.083 sacos, a menor safra, a de 1929/39 lhe é inferior 24%, e a maior safra, a de 1933/34, é superior àquela base, 25%.

Vejamos, agora, a situação das usinas paulistas, tomando em conside-

ração as capacidades de esmagamento e o nível em que foram limitadas as fábricas de açúcar do grande Estado industrial.

Se bem que o Estado de São Paulo possua usinas com capacidades superiores às do Estado do Rio, no entanto, 23% das usinas daquele Estado têm uma capacidade de esmagamento diário inferior a 100 toneladas, ao passo que na região fluminense não existe nenhuma usina com tal capacidade.

A capacidade total, diária, das usinas paulistas, é de 13.787 toneladas, sendo distribuída da seguinte maneira :

Até 100 toneladas . . . . .	8
De 101 a 200 tons . . . . .	9
De 201 a 300 " . . . . .	5
De 301 a 400 " . . . . .	2
De 401 a 500 " . . . . .	2
De 501 a 600 " . . . . .	—
De 601 a 700 " . . . . .	—
De 701 a 800 " . . . . .	3
De 801 a 1000 " . . . . .	4
De 1001 a 1200 " . . . . .	1
De 1200 a 1300 " . . . . .	1

Num período normal de 150 dias de moagem, — aliás a fórmula primitiva apresentada pelo Estado de São Paulo, para efeito de fixação de limites das usinas do Brasil — com um rendimento medio de 90 quilos por tonelada de cana, o limite de produção das usinas paulistas atingiria 3.102.075 sacos, situação que seria inferior 12% ao limite teórico que seria, pela mesma fórmula, atribuída às usinas do Estado do Rio.

No entanto, atendendo à iniludível necessidade de serem limitadas as safras de açúcar, a produção paulista foi fixada num nível inferior 33% ao volume teórico acima encontrado.

Mas, analisemos como foi obtida a atual limitação de 2.071.439 sacos.

Em sessão conjunta, a Comissão Executiva e o Conselho Consultivo do Instituto do Açúcar e do Alcool resolveram que para “a limitação da produção de açúcar nas usinas, engenhos banguês, meio-aparelhos e ins-

tantaneos, o Instituto do Açúcar e do Alcool tomará a capacidade de esmagamento das moendas nas vinte e quatro horas, multiplicada pelo número de dias que o Instituto fixará para cada safra, tendo em vista as necessidades do consumo nacional e as existencias nos mercados internos adotando-se o coeficiente de noventa quilos de açúcar por tonelada de cana". Ficou porem determinado, que em nenhum caso, o limite da usina seria fixado abaixo da media verificada no quinquenio da lei. Essa media quinquenal é a base da limitação official. O fator capacidade de esmagamento das moendas só seria tomado em consideração quando a media do quinquenio fosse inferior à capacidade das moendas. E, atendendo a esse fato, consignava a resolução do Instituto que seria acrescido ao limite até um máximo de 20%.

Vejamos, de acordo com essa resolução, qual o volume que deveria atingir a produção das usinas.

Tendo alcançado a media quinquenal de 1.458.083 sacos, e mesmo admitindo que todas as usinas tivessem direito ao aumento de 20%, isto e, que as capacidades de esmagamento fossem superiores à media do quinquenio, o limite do Estado de São Paulo deveria ter sido de 1.749.699 sacos. O limite, porem, atribuido às usinas paulistas foi de 2.071.439 sacos isto é, um aumento de 321.740 sacos. Calculo sôbre o limite fixado, existe um aumento de 513.356 sacos, em relação à media quinquenal, equivalendo a uma majoração de 42%. Devido a esse aumento, o Estado de São Paulo ficou classificado em segundo lugar na ordem de grandeza dos Estados produtores, enquanto que o Estado do Rio desceu para o terceiro lugar, pois o aumento que obteve atingiu 25,3%, sobre a media da produção quinquenal. Qual a justificativa dessa capacidade? Somente se poderia atribuir à faculdade do item 4.º, da resolução da Comissão Executiva sobre as normas da limitação, que admite às usinas que tenham menos de cinco anos de funcionamento, que nesse período, hajam ampliado, reformado ou substituido seu aparelhamento ou que, por circunstancias excepcionais, hajam sofrido alterações no curso de sua produção, o direito de recurso ao Instituto do Açúcar e do Alcool, aduzindo as razões e documentos que tiverem em defesa dos seus interesses. A Comissão Executiva — conclue a resolução citada — examinará esses casos isolados e proferirá sua decisão, em cada um deles, mantendo ou alterando o limite concedido, dentro do critério geral já fixado. Daí as limitações arbitradas para os dois maiores produtores de açúcar da região



meridional, desde que se verifica que o Estado do Rio tivera uma media quinzenal de 1.609.582 sacos e o Estado de São Paulo de 1.458.083 sacos. Havia, pois, uma diferença em favor do Estado do Rio, de 151.499 sacos, correspondendo a 9,4%. Se tivessem sido idênticos os motivos da fixação dos limites dos dois Estados, e se tivesse prevalecido o criterio seguido nos cálculos das usinas fluminenses, o limite total das usinas paulistas teria chegado a 1.826.973 sacos, contrastando com o seu limite atual de 2.071.439 sacos.

Esse limites poderão ser classificados de acordo com a ordem de volume, e desse resultado, talvez, encontremos, tambem, uma explicação do atual nivel de produção do Estado de São Paulo.

Usinas até	10.000 . . . . .	12
" entre	10.000 e 20.000 . . . . .	5
" "	20.000 e 30.000 . . . . .	2
" "	30.000 e 40.000 . . . . .	1
" "	40.000 e 50.000 . . . . .	3
" "	50.000 e 60.000 . . . . .	—
" "	60.000 e 80.000 . . . . .	—
" "	80.000 e 100.000 . . . . .	3
" "	100.000 e 200.000 . . . . .	8
	além de 200.000 . . . . .	1

Em relação ao quadriênio posterior à fixação do limite das usinas paulistas, a safra seguinte de 1934/35 só atingiu a 1.844.497 sacos, sendo inferior à limitação do Estado 226.942 sacos, correspondendo a um desnível de 10%. Essa safra apesar de inferior ao limite, é, porem, superior a todas as safras anteriores, e superior 371.451 sacos à media do quinzenio 1929-30 a 1933-/34. Esse acréscimo representa uma elevação de 25,2%.

Foi a última safra das usinas paulistas abaixo dos dois milhões de sacos. Daí por diante, não mais decresce a produção paulista. E mesmo quando as safras das usinas paulistas decrescerem, fica-nos sempre uma dúvida, aliás levantada com toda a sinceridade, pelos proprios usineiros paulistas, quando enviaram a primeira sugestão para um plano de limitação, à Comissão Executiva do I.A.A., esclarecendo que "não se atribua aos grandes usineiros paulistas as responsabilidades da super-produção. O acréscimo da safra do Estado tem sido, nestes dois anos, produzido pelos



pequenos fabricantes que, não encontrando mercado para o seu produto, que era aguardente, aparelham-se, à revelia da fiscalização, para a produção de açúcar, sem sacrificio de qualquer natureza, fazendo concorrência às grandes usinas oneradas com limitação e taxas". Até onde os pequenos produtores de açúcar de usinas, em São Paulo, poderão jogar clandestinamente nos mercados, esse açúcar ilegalmente produzido, acarretando disturbios no comercio desse produto?

A partir de 1935-36 a 1938-39, as safras têm ascensão progressiva. Assim, a de 1935-36 alcança 2.032.083 sacos, que se bem seja inferior 39.356 sacos ao limite de produção, no entanto é superior 187.526 sacos à safra 1934-35. Na safra 1936-37, a produção ultrapassa o limite de 176.951 sacos, correspondendo a 8,5%. Em 1937-38 o Estado de São Paulo alcança a sua maior safra, pois que supera o seu limite em 336.983 sacos, ou 16,2%, atingindo 2.408.422 sacos.

Os dados referentes às usinas paulistas, de tipo pequeno, isto é, as de capacidades até 40.000 sacos, são os das safras 1935/36 a 1938/39, visto não ter conseguido o levantamento contabil um número tal de fábricas que pudesse ter uma media segura. As usinas medias — as de 40.000 até 120.000 sacos — e as usinas de grande capacidade, têm as verbas estudadas a partir da safra 1933/34.

A respeito das despesas por sacco de açúcar, com a aquisição da materia prima temos, de accrdo com as três categorias de usinas, os seguintes dados :

I) — Usinas pequenas :

1935/36 . . . . .	13\$055
1936/37 . . . . .	11\$084
1937/38 . . . . .	15\$647
1938/39 . . . . .	13\$848

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	11\$172
1934/35 . . . . .	10\$864
1935/36 . . . . .	11\$982

1936/37 . . . . .	12\$696
1937/39 . . . . .	12\$603
1938/39 . . . . .	14\$666

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	11\$670
1934/35 . . . . .	13\$186
1935/36 . . . . .	14\$885
1936/37 . . . . .	14\$797
1937/38 . . . . .	16\$051
1938/39 . . . . .	16\$575

A media apresentada pelas pequenas usinas é de 13\$408, pelas usinas medias de 12\$330, e para as grandes usinas, de 14\$527, por sacco de açucar. As usinas medias tem, pois, uma vantagem de 1\$078 em relação ás usinas pequenas e de 2\$197, em relação às usinas de grande capacidade.

Quanto às despesas com transporte de cana e lenha as verbas consignadas são :

## I) — Usinas pequenas :

1935/36 . . . . .	1\$236
1936/37 . . . . .	1\$436
1937/38 . . . . .	1\$191
1938/39 . . . . .	1\$189

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	2\$855
1934/35 . . . . .	3\$860
1935/36 . . . . .	4\$194
1936/37 . . . . .	4\$215
1937/38 . . . . .	3\$946
1938/39 . . . . .	2\$574

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	1\$238
1934/35 . . . . .	1\$147
1935/36 . . . . .	1\$156
1936/37 . . . . .	1\$583
1937/38 . . . . .	1\$697
1938/39 . . . . .	1\$687

A media das despesas para as usinas pequenas foi de 1\$263, para as usinas medias de 3\$607 e para as grandes usinas de 1\$418 por sacco de açucar. As usinas pequenas têm uma vantagem de 2\$344 em comparação com as despesas das usinas de media capacidade e de \$155 por sacco de açucar, em relação às grandes usinas.

Poder-se-ia concluir que a atração animal, nesse período, foi inferior 64% à tração mecânica, se compararmos com os dados relativos às usinas medias. Mas, como justificar que a diferença entre as usinas pequenas e grandes seja somente de 10,9%? A conclusão de que talvez a uma usina de media capacidade não compensa os altos gastos de transporte de cana e lenha em linha ferrea.

O custo de fabricação do açucar nas fábricas paulistas, durante o período do presente estudo é o seguinte :

## I) — Usinas pequenas :

1935/36 . . . . .	5\$823
1936/37 . . . . .	5\$000
1937/38 . . . . .	5\$390
1938/39 . . . . .	8\$043

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	3\$731
1934/35 . . . . .	7\$184
1935/36 . . . . .	5\$684
1936/37 . . . . .	6\$503

1937/38 . . . . .	5\$571
1938/39 . . . . .	6\$484

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	3\$491
1934/35 . . . . .	3\$340
1935/36 . . . . .	3\$628
1936/37 . . . . .	3\$915
1937/38 . . . . .	3\$793
1938/39 . . . . .	4\$296

A media de custo de fabricação de açúcar nas usinas pequenas é de 6\$064, nas usinas de media capacidade de 5\$859 e nas usinas de grande capacidade de 3\$743, por sacco de açúcar. A vantagem da grande usina no custo propriamente dito de fabricação de açúcar é muito sensível, pois é inferior ao da usina media 2\$116, e ao da grande usina 2\$321. Essas diferenças correspondem, respectivamente, a 56% e 62%.

Quanto ao valor medio da sacaria comprada, o da pequena usina foi de 2\$102, o da media usina de 2\$249 e o da grande usina de 2\$309. Só se poderá explicar essa diversidade de valores pela qualidade da sacaria empregada.

Na verba de Ordenados, Salarios e Gratificações, a grande usina tem as maiores despesas, com uma media no sexenio de 1\$369 por sacco de açúcar; em seguida a usina de media capacidade com 1\$095 por sacco e, finalmente, a pequena usina com \$690. Quer dizer que a vantagem dos que trabalham na grande usina é de 25% e 98%, repectivamente, em relação às usinas medias e pequenas.

Quanto a seguros, por sacco de açúcar, a media para a pequena usina foi de \$264, para a usina media, de \$239 e para a grande usina de \$268.

As usinas pequenas pagaram, de taxas e contribuições de caixas de aposentadorias e pensões, uma média de \$101 por sacco de açúcar; as usinas medias gastaram \$209 e as grandes usinas \$091.



Na parte relativa à Assistencia Social, os gastos são mais avultados, conforme os dados que seguem :

I) — Usinas pequenas :

1935/36 . . . . .	\$057
1936/37 . . . . .	\$180
1937/38 . . . . .	\$074
1938/39 . . . . .	\$281

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	1\$074
1934/35 . . . . .	1\$343
1935/36 . . . . .	\$970
1936/37 . . . . .	\$410
1937/38 . . . . .	\$476
1938/39 . . . . .	\$628

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	\$765
1934/35 . . . . .	1\$135
1935/36 . . . . .	1\$290
1936/37 . . . . .	1\$455
1937/38 . . . . .	3\$234
1938/39 . . . . .	2\$552

A média geral para as pequenas usinas é de \$148 por sacco de açúcar, para as usinas de media capacidade, de \$816 e para as grandes usinas de 1\$738. Quer dizer que foi dada ao operariado e trabalhador rural uma assistencia, na grande usina, superior 1,074% e 113%, respectivamente, à dispensada na pequena e media usinas.

A verba de Impostos, tambem avulta, no custo de produção, e na comparação nos três tipos de fábricas, os dados se apresentam bem diferentes. Assim temos :

## I) — Usinas pequenas :

1935/36 . . . . .	1\$135
1936/37 . . . . .	1\$320
1937/38 . . . . .	1\$656
1938/39 . . . . .	1\$035

## II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	\$459
1934/35 . . . . .	\$486
1935/36 . . . . .	\$837
1936/37 . . . . .	\$989
1937/38 . . . . .	1\$199
1938/39 . . . . .	1\$417

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	\$214
1934/35 . . . . .	\$269
1935/36 . . . . .	\$217
1936/37 . . . . .	\$553
1937/38 . . . . .	\$644
1938/39 . . . . .	\$743

A media geral obtida pela pequena usina foi de 1\$786 por sacco de açúcar, de \$897 na media usina e de \$440 na grande usina. Ante esse dados tão chocantes, ficamos diante da seguinte alternativa: ou a pequena usina está extremamente onerada de impostos que lhes são applicados de maneira desproporcionada, ou a grande usina, gozando de uma situação excessivamente excepcional, não paga quase nada.

Em compensação, a pequena usina não tem nenhuma despesa com conservação das linhas ferreas, enquanto as usinas de media capacidade gastaram \$417 por sacco de açúcar e as grandes usinas 1\$590.

A media de despesas nessa rubrica é de \$945 nas usinas pequenas, de 1\$274 nas usinas de media capacidade, e nas grandes usinas de 1\$058 por sacco de açúcar.

Realmente, em materia de transportes, quem melhor se classifica é a pequena usina, pois ela gasta menos nas rubricas “custo de transporte de cana e lenha”, não tem despesas em “conservação de linhas ferreas”, e na conservação do material rodante a pequena usina apresenta uma diferença de \$329 por sacco de açúcar, em relação à usina de media capacidade, e de \$113 em comparação com a grande usina.

Com a conservação da fábrica, maquinismos predios e dependencias, as despesas feitas pelas usinas paulistas foram :

I) — Usinas pequenas :

1935/36 . . . . .	2\$649
1936/37 . . . . .	1\$805
1937/38 . . . . .	3\$537
1938/39 . . . . .	4\$240

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	4\$353
1934/35 . . . . .	5\$514
1935/36 . . . . .	3\$392
1936/37 . . . . .	3\$814
1937/38 . . . . .	5\$693
1938/39 . . . . .	4\$316

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	3\$453
1934/35 . . . . .	2\$982
1935/36 . . . . .	2\$795
1936/37 . . . . .	3\$055
1937/38 . . . . .	2\$997
1938/39 . . . . .	3\$859

A media de despesas com a conservação da fábrica, maquinismos, predios e dependencias foi, durante o período do estudo, de 3\$057 nas pequenas usinas, de 4\$513 nas usinas medias, e 3\$190 nas grandes usinas.

Como explicar que a pequena usina tenha a menor despesa de conservação de maquinismos, a ponto de apresentar uma diferença de 1\$456 por saco de açúcar, em relação, à usina de media capacidade? A tendencia dentro da industria açucareira é para o desaparecimento da pequena usina, por absorção promovida pelas usinas maiores, e pelo desgaste continuado dos maquinismos, que quase sempre não são substituidos.

Daí as menores despesas nas pequenas usinas.

Quanto à verba de "Despesas Gerais", ela se distribue da seguinte maneira nos três tipos de fábrica de açúcar de São Paulo.

I) — Usinas pequenas :

1935/36 . . . . .	2\$518
1936/37 . . . . .	\$753
1937/38 . . . . .	3\$726
1938/39 . . . . .	2\$258

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	5\$093
1934/35 . . . . .	4\$722
1935/36 . . . . .	4\$167
1936/37 . . . . .	3\$632
1937/38 . . . . .	4\$982
1938/39 . . . . .	4\$512

III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	2\$725
1934/35 . . . . .	3\$608
1935/36 . . . . .	2\$998
1936/37 . . . . .	3\$851
1937/38 . . . . .	4\$161
1938/39 . . . . .	5\$865

A medida das despesas gerais das usinas dos três tipos foi de 2\$313 por saco de açúcar para as pequenas usinas, de 4\$518 para as usinas medias e



de 3\$868 para as grandes usinas. As pequenas usinas têm uma diferença de 2\$205 em relação às usinas de media capacidade, e de 1\$555 em comparação com as grandes usinas.

Na verba de "fretes e carretos" reside uma grande vantagem das usinas paulistas.

A media das despesas nessa verba, para as usinas pequenas foi de \$896 por sacco de açúcar, nas pequenas usinas, de \$489 para as usinas medias, e de \$236 para as grandes usinas. Quando se analisam esses dados, é que se pode avaliar da grande vantagem do consumo de açúcar à porta da usina.

Tambem são quase nulas as despesas das usinas paulistas na rubrica de armazenagem e **warrantagem**. As usinas pequenas não apresentam nenhuma despesa nessa verba. As usinas medias gastaram \$101 por sacco de açúcar e as grandes usinas \$050.

Finalmente, com a verba de "honorarios e gratificações dos proprietarios ou diretores", a despesa apresentada para os três tipos de fábricas é a que segue :

I) — Usinas pequenas :

1935/36 . . . . .	1\$305
1936/37 . . . . .	3\$354
1937/38 . . . . .	2\$821
1938/39 . . . . .	4\$168

II) — Usinas medias :

1933/34 . . . . .	2\$822
1934/35 . . . . .	2\$523
1935/36 . . . . .	2\$519
1936/37 . . . . .	2\$577
1937/38 . . . . .	3\$074
1938/39 . . . . .	2\$652

## III) — Usinas grandes :

1933/34 . . . . .	\$814
1934/35 . . . . .	\$591
1935/36 . . . . .	\$496
1936/37 . . . . .	\$541
1937/38 . . . . .	\$646
1938/39 . . . . .	\$838

A media de despesas com honorarios e gratificações dos proprietarios foi de 2\$912 por sacco de açucar, para as pequenas usinas, de 2\$694 para as usinas de media capacidade, e de \$654 para as grandes usinas. A vantagem da grande usina é de 2\$258 em relação às pequenas usinas e de 2\$040 em relação às usinas de media capacidade.

# INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

Criado pelos decretos ns. 22.789 e 22.981, respectivamente, de  
1 de junho e 25 de julho de 1933

Expediente : nos dias uteis, de 9 horas às 11 e meia e de 13 e meia  
às 17 horas. Aos sábados, de 9 às 12 horas

## COMISSÃO EXECUTIVA

Delegado do Banco do Brasil — A. J. Barbosa Lima Sobrinho, presidente.  
Delegado do Ministerio da Fazenda — Alberto de Andrade Queiroz, vice-presidente.  
Delegado do Ministerio do Trabalho — Otavio Milanez.  
Delegado do Ministerio da Agricultura — Alvaro Simões Lopes.  
Delegado dos usineiros de Pernambuco — Alde Sampaio.  
Delegado dos usineiros de São Paulo — José Inacio Monteiro de Barros  
Delegado dos usineiros do Estado do Rio — Tarcisio de Almeida Miranda.  
Delegado dos usineiros de Alagoas — Alfredo de Maia.  
Delegado dos banguzeiros e plantadores de cana — Moacir Soares Pereira.

## CONSELHO CONSULTIVO

Delegado dos usineiros da Baía — Arnaldo Pereira de Oliveira, presidente.  
Delegado dos plantadores de São Paulo — Romeu Cuocolo, vice-presidente.  
Delegado dos usineiros da Paraíba — Luiz Veloso.  
Delegado dos plantadores da Paraíba — Osvaldo Trigueiro.  
Delegado dos plantadores de Pernambuco — Aderbal Novais.  
Delegado dos plantadores de Alagoas — João Soares Palmeira.  
Delegado dos plantadores de Sergipe —  
Delegado dos usineiros de Sergipe — João Dantas Prado.  
Delegado dos plantadores da Baía — José Augusto Lima Teixeira.  
Delegado dos plantadores do Estado do Rio — Dermeval Lusitano de Albuquerque.  
Delegado dos usineiros de Minas Gerais — Joaquim Azarias de Brito.  
Delegado dos plantadores de Minas Gerais — José Pinheiro Brandão.

**Sede: RUA GENERAL CAMARA, 19-4º, 6º e 7º ands.**

RIO DE JANEIRO — Caixa Postal, 420 — Endereço telegráfico: COMDECAR

Presidencia, 23-6249; Vice presidencia, 23-2935; Gerencia, 23-5189;  
Contabilidade, 23-6250; Secretaria, 23-0796; Almoxarifado, 23-6253;  
**Fones** ■ Alcool-motor, 23-2999; Estatística, 43-6343; Fiscalização, 23-6251;  
Publicidade, 23-6252; Jurídica, 23-6161; Funcionalismo, 43-6109;  
Gabinete Médico, 43-7208; Estudos Econômicos, 43-9717; Portaria, 43-7526.

Secção Técnica — Avenida Venezuela, 82 — Tel. 43-5297.

Depósito de alcool-motor — Avenida Venezuela, 98 — Tel. 43-4099.

## DELEGACIAS REGIONAIS NOS ESTADOS

Endereço telegráfico: SATELÇUCAR

PARAIBA — Rua Barão do Triunfo, 306 — João Pessoa.

PERNAMBUCO — Av. Marquês de Olinda, 58 — 1.º — Recife.

ALAGOAS — Edifício da Associação Comercial — Maceió.

SERGIPE — Avenida Rio Branco, n.º 92, 1.º and. — Aracajú.

BAIA — Rua Miguel Calmon, 18-2.º and. — São Salvador.

RIO DE JANEIRO — Edifício Lizandro — Praça São Salvador — Campos.

SÃO PAULO — Rua da Quitanda, 96 — 4.º — São Paulo.

MINAS GERAIS — Palacete Brasil — Av. Afonso Pena — Belo Horizonte.

DISTILARIA CENTRAL DE PERNAMBUCO: Cabo — E.F. Great Western — Pernambuco.

Endereços: Caixa Postal, 97 - Recife; Telegráfico - DICENPER - Recife.

DISTILARIA CENTRAL DO ESTADO DO RIO: Estação de Martins Lage —

E. F. Leopoldina.

Endereços: Caixa Postal, 102 - Campos; Telegráfico - DICENRIO - Campos;

Telefônico — Martins Lage







D. A. - NRA - GB

59254

COM. INVENTARIO  
PORT. 114/73









